

O QUARTO K

O êxito internacional de *O Poderoso Chefão* consolidou a posição de Mario Puzo não apenas como um dos grandes romancistas de nosso tempo, mas como um escritor de excepcional talento para reinventar o passado de forma a prefigurar o futuro. Em *O Quarto K*, ele utiliza como tema os Kennedy, um dos mais poderosos mitos americanos, numa história que transcorre em um futuro próximo.

Sobrinho de John, Robert e Edward, Francis Xavier Kennedy é eleito presidente dos Estados Unidos graças, em grande parte, à boa aparência e riqueza, principal legado de seus antepassados. Sua metamorfose, caracterizada pela explosão de uma agressividade latente, é um dos mais interessantes aspectos da narrativa? Quando sua filha se torna vítima fatal de uma conspiração terrorista, Kennedy, que mantinha obsessivamente viva a lembrança do assassinato de seus tios, aciona todo o seu poder de retaliação, enquanto o mundo assiste a tudo com horror. Ao ser derrotado pelo processo político, ele se torna um líder cruel e extremista, distanciando-se cada vez mais da imagem otimista que o ajudou a se eleger.

Com um estilo ágil e uma linguagem brutal, Puzo nos conduz a um mundo dominado pela violência, onde o terrorismo adquire uma dimensão inteiramente nova, motivando a criação de sistemas de segurança altamente sofisticados. Com uma trama assustadoramente plausível, o livro nos apresenta o homem cada vez mais enclausurado pelo medo e a solidão.

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O QUARTO

K

O êxito internacional de *O Poderoso Chefão* consolidou a posição de Mario Puzo não apenas como um dos grandes romancistas de nosso tempo, mas como um escritor de excepcional talento para reinventar o passado de forma a prefigurar o futuro.

Em *O Quarto K*, ele utiliza como tema os Kennedy, um dos mais poderosos mitos americanos, numa história que transcorre em um futuro próximo.

Sobrinho de John, Robert e Edward, Francis Xavier Kennedy é eleito presidente dos Estados Unidos graças, em grande parte, à boa aparência e riqueza, principal legado de seus antepassados. Sua metamorfose, caracterizada pela explosão de uma agressividade latente, é um dos mais interessantes aspectos da narrativa? Quando sua filha se torna vítima fatal de uma conspiração terrorista, Kennedy, que mantinha obsessivamente viva a lembrança do assassinato de seus tios, aciona todo o seu poder de retaliação, enquanto o mundo assiste a tudo com horror. Ao ser derrotado pelo processo político, ele se torna um líder cruel e extremista, distanciando-se cada vez mais da imagem otimista que o ajudou a se eleger.

Com um estilo ágil e uma linguagem brutal, Puzo nos conduz a um mundo dominado pela violência, onde o terrorismo adquire uma dimensão inteiramente nova, motivando a criação de sistemas de segurança altamente sofisticados. Com uma trama assustadoramente plausível, o livro nos apresenta o homem cada vez mais enclausurado pelo medo e a solidão.



Mario Puzo

O QUARTO

K

Tradução de

A. B. PINHEIRO DE LEMOS

Digitalização: argonauta

www.portaldetonando.com.br/forumnovo/

PARA MEUS FILHOS

Anthony

Dorothy

Eugene

Virginia

Joseph

LIVRO

I

SEXTA-FEIRA

DA PAIXÃO e

DOMINGO

DE PÁSCOA

CAPÍTULO

1

OLIVER OLIPHANT tinha cem anos de idade e sua mente era lúcida. Infelizmente para ele.

Era uma mente tão lúcida, e ao mesmo tempo tão sutil, que, apesar de violar muitas leis morais, deixara sua consciência limpa. Uma mente tão astuta que Oliver Oliphant jamais caíra nas armadilhas quase inevitáveis da vida cotidiana: jamais casara, jamais concorrera a qualquer cargo público, e nunca tivera um amigo em quem confiasse absolutamente.

Numa vasta propriedade, fortemente guardada, a apenas quinze quilômetros da Casa Branca, Oliver Oliphant, o homem mais rico dos Estados Unidos e talvez o mais poderoso cidadão particular, aguardava a chegada de seu afilhado, o procurador-geral do país, Christian Klee.

O charme de Oliphant se igualava à sua inteligência; seu poder baseava-se nas duas coisas.

Mesmo na idade avançada de cem anos, seus conselhos ainda eram procurados por grandes homens, que confiavam a tal ponto em sua capacidade analítica que haviam lhe dado o apelido de "Oráculo".

5

Como conselheiro de presidentes, o Oráculo previra crises econômicas, craques em Wall Street, a queda do dólar, a fuga do capital estrangeiro, as fantasias dos preços do petróleo. Previra os movimentos políticos na União Soviética, as inesperadas alianças de rivais nos partidos democrata e republicano dos Estados Unidos.

Mas, acima de tudo, acumulara dez bilhões de dólares.

Era natural que os conselhos de um homem tão rico fossem valorizados, mesmo quando errados. Mas o Oráculo quase sempre estava certo.

Agora, nesta Sexta-Feira da Paixão, o Oráculo preocupava-se com uma coisa: a festa de aniversário para comemorar seus cem anos neste mundo. Uma festa que seria realizada no Domingo de Páscoa, no Jardim Rosa da Casa Branca, tendo como anfitrião ninguém menos que o Presidente dos Estados Unidos, Francis Xavier Kennedy.

Era uma vaidade permissível que o Oráculo sentisse um grande prazer pela festa espetacular. O mundo tornaria a se lembrar dele, por um breve momento. E

seria, ele pensou tristemente, a sua última entrada em cena.

Em Roma, na Sexta-Feira da Paixão, sete terroristas completaram os preparativos para assassinar o Papa. O

grupo, de quatro homens e três mulheres, estava convencido de que eram libertadores da humanidade.

Intitulavam-se os Cristos da Violência.

O líder daquele bando era um jovem italiano bastante experiente na técnica do terrorismo. Para aquela operação em particular, assumira o codinome de Romeu; agradava ao seu senso de ironia juvenil, e seu sentimentalismo adoçava o amor intelectual que sentia pela humanidade.

Ao final da tarde da Sexta-Feira da Paixão, Romeu descansava numa casa segura fornecida pela Internacional dos Cem. Deitado sobre os lençóis amarrotados, manchados com cinza de cigarro e dias de suor noturno, ele lia uma edição em brochura de *Os Irmãos Karamazov*. Os músculos das pernas estavam 6

com câibras de tensão, talvez medo, mas não tinha importância. Passaria, como sempre acontecera. Mas aquela missão era muito diferente, complexa demais, envolvia um tremendo perigo para o corpo e o espírito.

Naquela missão seria de fato o Cristo da Violência, um nome tão jesuíta que sempre o fazia rir.

Romeu nascera como Armando Gangi, de pais ricos, da alta sociedade, que o submeteram a uma criação religiosa lânguida e luxuosa, uma combinação que muito ofendia sua natureza ascética, de tal forma que aos dezesseis anos renunciara aos bens materiais e à Igreja Católica. E agora, aos 23 anos, que rebelião maior poderia haver para ele do que matar o Papa? E, no entanto, ainda havia, para Romeu, um temor supersticioso. Quando criança, fora crismado por um cardeal, de chapéu vermelho. Romeu jamais esquecerá aquele sinistro chapéu vermelho, com a própria cor do fogo do inferno.

Assim confirmado por Deus em todos os ritos, Romeu preparava-se para cometer um crime tão terrível que centenas de milhões de pessoas amaldiçoariam seu nome, pois era inevitável que seu verdadeiro nome se tornasse conhecido. Seria capturado. Era parte do plano. Mas, com o passar do tempo, ele, Romeu, seria aclamado como um herói que ajudara a mudar a cruel ordem social existente. O

que era infame num século seria considerado como santificado no seguinte. E vice-versa, pensou ele, sorrindo.

O primeiro Papa a assumir o nome de Inocêncio, séculos antes, emitira uma bula papal autorizando a tortura, e fora aclamado por propagar a verdadeira fé e resgatar almas heréticas.

Também atraía o senso de ironia juvenil de Romeu o fato de que a Igreja canonizaria o Papa que ele planejava matar. Criaria um novo santo. E como os odiava, a todos aqueles papas! Aquele Papa

Inocêncio IV, o Papa Pio, o Papa Benedito, ah, como eram hipócritas, aqueles acumuladores de fortunas, repressores da verdadeira fé humana da liberdade, os magos pomposos que sufocavam os miseráveis do 7

mundo com sua magia de ignorância, seus insultos à credulidade.

Ele, Romeu, um dos Primeiros Cem dos Cristos da Violência, ajudaria a erradicar essa terrível magia.

Vulgarmente chamados de terroristas, os Primeiros Cem espalhavam-se pelo Japão, Alemanha, Itália, Espanha e até mesmo a Holanda das tulipas. Cobia ressaltar que não havia nenhum dos Primeiros Cem nos Estados Unidos. Aquela democracia, aquele berço da liberdade, só tinha revolucionários intelectuais, que desmaiavam à visão de sangue. Que explodiam suas bombas em prédios vazios, depois de avisarem às pessoas para saírem; que pensavam que a fornicação pública nas escadarias de prédios do governo era um ato de rebelião idealista. Como eram desprezíveis! Não era de surpreender que os Estados Unidos nunca tivessem dado um único homem aos Cem Revolucionários.

Romeu interrompeu seus devaneios. Afinal, nem mesmo sabia se havia de fato cem. Podiam ser cinquenta ou sessenta, era apenas um número simbólico. Mais tais símbolos estimulavam as massas e seduziam os meios de comunicação. O único fato que realmente sabia era que ele, Romeu, era um dos Primeiros Cem, assim como seu amigo e companheiro de conspiração Yabril.

Os sinos de uma das muitas igrejas de Roma repicaram. Eram quase seis horas da tarde daquela Sexta-Feira da Paixão. Mais uma hora e Yabril chegaria para uma revisão de toda a mecânica da complicada operação. O assassinato do Papa seria o movimento de abertura de um jogo de xadrez concebido de maneira brilhante, uma sucessão de atos ousados que encantavam a alma romântica de Romeu.

Yabril era o único homem que já intimidara Romeu, física e mentalmente. Yabril conhecia as traições dos governos, as hipocrisias da autoridade legal, o perigoso otimismo dos idealistas, os surpreendentes lapsos de lealdade até dos mais dedicados terroristas. Mas, acima de tudo, Yabril era um gênio da guerra revolucionária.

Desprezava as mesquinhas misericórdias e a compaixão 8

infantil que afetam a maioria dos homens. Yabril só tinha um objetivo: libertar o futuro.

E Yabril era mais implacável do que Romeu jamais conseguiria se tornar. Romeu matara pessoas inocentes, traíra seus pais e seus amigos, assassinara um juiz que outrora o protegera. Romeu compreendia que o assassinato político podia ser uma espécie de insanidade

— e estava disposto a pagar esse preço. Mas Yabril dissera uma ocasião:

— Se você não é capaz de jogar uma bomba num jardim-de-infância, então não é um autêntico revolucionário.

E Romeu respondera:

— Isso eu nunca poderia fazer.

Mas ele podia matar um Papa.

E, no entanto, ao final da escuridão das noites romanas, horríveis monstros, meros fetos de sonhos, cobriam o corpo de Romeu com um suor destilado de gelo.

Romeu suspirou, levantou-se da cama imunda para tomar um banho de chuveiro e fazer a barba, antes da chegada de Yabril. Sabia que Yabril julgaria sua limpeza como um bom sinal, que a moral estava

alta para a missão iminente. Yabril, como muitos sensualistas, acreditava num certo grau de refinamento, Romeu, um asceta genuíno, podia até viver na merda.

Nas ruas romanas, a caminho da casa segura onde Romeu o aguardava, Yabril adotou as precauções habituais. No fundo, porém, tudo dependia da segurança interna, da lealdade dos quadros guerrilheiros, da integridade dos Primeiros Cem. Mas eles não conheciam, nem mesmo Romeu, a plena extensão da missão.

Yabril era um árabe que passava facilmente por um siciliano, como acontecia com muitos árabes. Tinha o rosto fino e escuro, mas a parte inferior, o queixo e o maxilar, era surpreendentemente mais grossa, mais áspera, como se houvesse uma camada extra de osso.

Nos momentos de lazer, deixava crescer uma barba 9

sedosa, a fim de encobrir a aspereza. Mas raspava o rosto quando participava de uma operação. Como o Anjo da Morte, ele mostrava seu verdadeiro rosto ao inimigo.

Os olhos de Yabril eram de um castanho-amarelado claro, os cabelos tinham apenas alguns fios brancos isolados, as dimensões do queixo se repetiam na largura dos ombros e do peito. As pernas eram compridas para o corpo pequeno e disfarçavam a força física que ele podia gerar. Mas nada podia ocultar a inteligência alerta de seus olhos.

Yabril detestava toda a idéia dos Primeiros Cem.

Achava que era um expediente em voga de relações públicas, desprezava a renúncia formal ao mundo material.

Aqueles universitários treinados em universidades, como Romeu, eram românticos demais em seu idealismo, desdenhavam as concessões. Yabril compreendia que um pouco de corrupção no pão crescente da revolução era necessário.

Há muito que Yabril renunciara a toda e qualquer vaidade moral. Possuía a consciência limpa daqueles que acreditam e sabem que se devotam, com toda sua alma, à melhoria da humanidade. E nunca censurara a si mesmo por seus atos de egoísmo. Já fizera contratos pessoais com xeques do petróleo para matar rivais políticos. E

diversos trabalhos de assassinato para os novos chefes de estado africanos, que estudaram em Oxford e lá aprenderam a delegar. E houvera também os atos de terror aleatórios para muitos líderes políticos respeitáveis

— todos aqueles homens do mundo que controlam tudo, menos o poder de vida e morte.

Esses atos nunca chegaram ao conhecimento dos Primeiros Cem, muito menos foram confidenciados a Romeu. Yabril recebera dinheiro de companhias petrolíferas holandesas, inglesas e americanas, dos serviços secretos russo e japonês, e até mesmo, há muito tempo, da CIA americana, para uma execução secreta muito especial. Mas tudo isso acontecera nos primeiros tempos.

Agora, vivia bem, não era um asceta — afinal, já fora 10

pobre, embora não tivesse nascido assim. Gostava de um bom vinho, de pratos de *gourmet*, preferia os hotéis de luxo, apreciava o jogo e com frequência sucumbia ao êxtase da união com a carne de uma mulher. Sempre pagava por esse êxtase com dinheiro, presentes e seu charme pessoal. Tinha pavor de um envolvimento romântico.

Apesar dessas “fraquezas revolucionárias” Yabril era famoso em seus círculos pela força de sua vontade.

Não tinha nenhum medo da morte, o que não era tão extraordinário assim, mas também não tinha medo da dor, o que era mais excepcional. E talvez fosse por isso que podia ser tão impiedoso.

Yabril provara do que era capaz ao longo dos anos.

Oferecia uma resistência total a qualquer tipo de persuasão física ou psicológica. Sobrevivera à prisão na Grécia, França e Rússia, a dois meses de interrogatório pela segurança israelense, cuja competência inspirava-lhe admiração. Derrotara-os, talvez porque seu corpo aprendera o expediente de perder as sensações sob pressão.

Todos acabaram compreendendo. Yabril era como granito sob a dor.

Quando era o captor, muitas vezes encantava suas vítimas. Reconhecia uma certa insanidade em si mesmo, o que era parte de seu charme e parte do medo que incutia. Ou talvez fosse a ausência de maldade em suas crueldades. De um modo geral, no entanto, saboreava a vida, era um terrorista jovial. Mesmo agora, experimentava um prazer intenso nas ruas fragrantas de Roma, o crepúsculo da Sexta-Feira da Paixão, povoado pelo repicar de sinos incontáveis, embora estivesse preparando a mais perigosa missão de sua vida.

Tudo estava pronto. Os quadros de Romeu se encontravam de prontidão. O grupo de Yabril chegaria a Roma no dia seguinte. As duas equipes ficariam em casas seguras separadas, os dois líderes seriam o único vínculo. Yabril sabia que aquele era um grande momento. O iminente Domingo de Páscoa e os dias subsequentes seriam uma brilhante criação.

11

Ele, Yabril, conduziria nações por caminhos que detestavam percorrer. Iria prevalecer sobre seus empregadores secretos, todos se tornariam seus peões, acabaria por sacrificá-los, até mesmo ao pobre Romeu.

Só a morte ou um lapso da coragem poderiam frustrar seus planos. Ou, para ser sincero, qualquer um de uma centena de erros possíveis no cálculo do tempo. Mas a operação era tão complicada,

tão engenhosa, que lhe proporcionava um intenso prazer. Yabril parou na rua por um momento, a fim de apreciar a beleza das torres da catedral, os rostos felizes dos habitantes de Roma, sua especulação sobre o futuro.

Mas como todos os homens que pensam que podem mudar o curso da história por sua própria vontade, inteligência e força, Yabril não atribuía a importância devida aos acidentes e coincidências da história, nem à possibilidade de haver homens mais terríveis do que ele.

Homens criados dentro da estrutura rigorosa da sociedade, usando a máscara de afáveis respeitadores da lei, podiam ser muito mais implacáveis e cruéis.

Observando os devotos e alegres peregrinos nas ruas de Roma, os crentes num Deus onipotente, Yabril experimentou um senso de sua invencibilidade.

Orgulhoso, iria além do perdão do Deus daquela gente, pois era nas profundezas do mal que o bem devia necessariamente começar.

Yabril encontrava-se agora num dos distritos mais pobres de Roma, onde as pessoas podiam ser intimidadas e subornadas com a maior facilidade. Alcançou a casa segura de Romeu no momento em que a escuridão caía.

O velho prédio de apartamentos de quatro andares tinha um pátio grande, parcialmente cercado por um muro de pedra; todos os apartamentos eram controlados pelo movimento revolucionário clandestino. Yabril foi admitido por uma das três mulheres do grupo de Romeu.

Era magra, usava jeans e uma blusa azul de brim, desabotoada quase até a cintura. Não usava sutiã, e não era visível qualquer curva dos seios. Ela participara antes de uma das operações de Yabril. Ele não gostava da 12

mulher, mas não podia deixar de admirar sua fúria selvagem. Haviam discutido uma vez, e ela não recuara.

O nome da mulher era Annee. Usava os cabelos muito pretos num corte à Príncipe Valente, que não era favorável ao rosto rude e forte, mas atraía a atenção para os olhos brilhantes, que avaliavam todos, até Romeu e Yabril, com uma espécie de fúria. Ela ainda não fora plenamente informada sobre a missão, mas a presença de Yabril indicava que era da maior importância. Ela ofereceu um breve sorriso, sem dizer nada, deixou Yabril entrar e fechou a porta.

Yabril notou com repulsa como o interior do apartamento se tornara imundo. Havia pratos com restos de comida e copos sujos espalhados pela sala, jornais por todo o chão. O grupo de Romeu era composto por quatro homens e três mulheres, todos italianos. As mulheres recusavam-se a limpar qualquer coisa; era contrário as suas convicções revolucionárias realizar tarefas domésticas numa operação, a menos que os homens também ajudassem. Os homens, todos universitários, ainda jovens, possuíam a mesma crença nos direitos das mulheres, mas eram os filhos diletos condicionados de mães italianas, e também sabiam que um grupo de apoio limparia o apartamento de todos os indícios incriminadores, depois que fossem embora. O acordo tácito era o de que a sujeira seria ignorada. Um acordo que só irritava Yabril.

— Vocês são uns porcos — comentou ele para Annee.

Annee avaliou-o com um desdém frio.

— Não sou uma empregada doméstica.

E Yabril reconheceu no mesmo instante a qualidade de Annee. Ela não tinha medo dele, nem de qualquer homem ou mulher. Era uma verdadeira crente. Estava disposta a morrer na fogueira.

Romeu desceu correndo a escada do apartamento de cima — tão bonito, tão cheio de vitalidade, que Annee baixou os olhos — e

abraçou Yabril, com uma afeição genuína, depois levou-o para o pátio, onde sentaram num pequeno banco de pedra. O ar noturno estava impregnado com a 13

fragrância das flores da primavera, e havia um suave zumbido, o som de incontáveis milhares de peregrinos gritando e falando nas ruas de Roma. Acima de tudo, o repicar subindo e descendo de centenas de sinos de igrejas, saudando o iminente Domingo de Páscoa. Romeu acendeu um cigarro e disse:

— Nosso momento finalmente chegou, Yabril. Não importa o que aconteça, nossos nomes se tornarão conhecidos para sempre.

Yabril riu do romantismo pomposo, sentiu algum desprezo por aquele desejo de glória pessoal.

— Infames — comentou ele. — Estamos

competindo com uma longa história de terror.

Yabril pensava no abraço dos dois. Um abraço de amor profissional de sua parte, mas impregnado do terror lembrado, como se fossem parricidas parados sobre um pai que haviam assassinado juntos.

Havia algumas lâmpadas fracas ao longo do muro do pátio, mas seus rostos permaneciam no escuro. Romeu disse:

— Eles saberão de tudo, com o tempo. Mas nos darão crédito pelos motivos? Ou nos descreverão como lunáticos? Mas tenho certeza de que os poetas do futuro nos compreenderão.

— Não podemos nos preocupar com isso agora —

protestou Yabril.

Embaraçava-se quando Romeu se tornava teatral; fazia-o questionar a eficiência do homem, embora já tivesse sido comprovada muitas

vezes. Romeu, apesar da beleza delicada e imprecisão do conceito, era sem dúvida um homem perigoso. Mas havia uma diferença fundamental entre os dois: Romeu era destemido demais, Yabril, talvez muito astucioso.

Apenas um ano antes, percorriam juntos as ruas de Beirute. Avistaram um saco de papel pardo na calçada, aparentemente vazio, engordurado da comida que contivera. Yabril contornara-o. Romeu chutara o saco para a sarjeta. Instintos diferentes. Yabril acreditava que tudo neste mundo era perigoso. Romeu demonstrava uma certa confiança inocente.

14

Havia outras diferenças. Yabril era feio, com olhos pequenos, castanho-amarelados. Romeu era quase bonito. Yabril sentia orgulho de sua feiúra, Romeu envergonhava-se de sua beleza. Yabril sempre compreendera que o empenho absoluto de um homem inocente pela revolução política deve levar ao assassinato. Romeu só chegara a essa conclusão com algum atraso e evidente relutância. Sua conversão fora intelectual.

Romeu conquistara vitórias sexuais com o acidente da beleza física, e o dinheiro da família protegera-o de humilhações econômicas. Romeu era bastante inteligente para saber que sua sorte não era moralmente correta, e por isso a facilidade de sua vida o repugnava.

Mergulhara na literatura e nos estudos, que confirmaram sua convicção. Era inevitável que acabasse convencido por seus professores radicais de que deveria ajudar a tornar o mundo um lugar melhor.

Não queria ser como o pai, um italiano que passava mais tempo em barbearias do que cortesãs no salão de beleza. Não queria passar a vida no encalço de belas mulheres. Acima de tudo, jamais gastaria dinheiro recendendo ao suor dos pobres. Era preciso fazer com que os pobres fossem livres e felizes, e então ele poderia também

saborear a felicidade. E por isso ele se dedicara, em busca de uma segunda comunhão, aos livros de Karl Marx.

A conversão de Yabril fora mais visceral. Quando menino na Palestina, vivera num Jardim do Éden. Fora um garoto feliz, excepcionalmente inteligente, obediente aos mais velhos — especialmente ao pai, que todos os dias, durante uma hora, lia para ele do Corão.

A família morava numa casa grande, com muitos criados, no meio de um terreno amplo, magicamente verde naquela terra de deserto. Mas um dia, quando tinha cinco anos, Yabril fora expulso desse paraíso. Os pais amados desapareceram, a casa e os jardins dissolveram-se numa nuvem de fumaça púrpura. E de repente ele se
15

descobriu vivendo numa aldeia pequena e imunda, no fundo de uma montanha, um órfão sobrevivendo da caridade de parentes. Seu único tesouro era o Corão do pai, impresso em papel velino, com ilustrações iluminadas em dourado, a caligrafia de um azul intenso.

E sempre se lembrava do pai lendo em voz alta, exatamente do texto, de acordo com o costume muçulmano. Aquelas ordens de Deus ao Profeta Maomé, palavras que nunca poderiam ser discutidas ou contestadas. Já adulto, Yabril comentara para um amigo judeu:

— O Corão não é uma Tora.

E os dois desataram a rir.

A verdade do exílio do Jardim do Éden fora-lhe revelada quase que imediatamente, mas ele só compreendera direito alguns anos mais tarde. O pai fora um partidário secreto da libertação palestina do estado de Israel, um líder do movimento clandestino. O pai fora traído, metralhado num cerco policial, e a mãe cometera suicídio quando a casa e os jardins foram dinamitados pelos israelenses.

Nada mais natural que Yabril se tornasse um terrorista. Os parentes e os professores na escola local ensinaram-lhe a odiar todos os judeus, mas não tiveram um êxito total. Ele odiava seu Deus por bani-lo do paraíso da infância. Aos dezoito anos, vendera o Corão do pai por uma enorme quantia e se matriculara na universidade em Beirute. Ali, gastara a maior parte de sua fortuna com mulheres, até que finalmente, dois anos depois, tornara-se um membro da organização clandestina palestina. E ao longo dos anos tornara-se uma arma letal por essa causa. Mas a liberdade de seu povo não era o objetivo final de Yabril. De certa forma, seu trabalho era uma busca de paz interior.

Agora, juntos no pátio da casa segura, Romeu e Yabril levaram pouco mais de duas horas para repassarem todos os detalhes da missão. Romeu fumava um cigarro atrás do outro. Estava nervoso com uma coisa, e perguntou:

16

— Tem certeza de que eles vão me soltar?

— Como poderão deixar de fazê-lo, com o refém que estará em meu poder? — respondeu Yabril, persuasivo. — Fique tranqüilo. Estará mais seguro nas mãos deles do que eu em Sherhaben.

Eles trocaram um derradeiro abraço, no escuro.

Depois do Domingo de Páscoa, nunca mais tornariam a se ver.

Nessa mesma Sexta-Feira da Paixão, o Presidente Francis Xavier Kennedy reuniu-se com seus principais assessores e sua vice-presidente para lhes dar uma notícia que sabia que os deixaria infelizes.

O encontro foi na Sala Oval Amarela da Casa Branca, sua sala predileta, maior e mais confortável do que o mais famoso Gabinete

Oval. Era mais uma sala de estar, e podiam ficar à vontade, enquanto era servido um chá inglês.

Todos estavam à sua espera e levantaram-se quando os agentes do Serviço Secreto introduziram-no na sala.

Kennedy gesticulou para que os assessores sentassem, e disse aos agentes que aguardassem lá fora. Duas coisas irritaram-no nessa pequena cena. A primeira era o fato de que devia ordenar pessoalmente, de acordo com o protocolo, que os homens do Serviço Secreto saíssem da sala; e a segunda era o fato de que a vice-presidente devesse ficar de pé, por respeito à presidência. Afinal, era uma mulher e irritava-o que a cortesia política devesse prevalecer sobre a cortesia social. Isso era agravado pelo fato da Vice-Presidente Helena Du Pray ser dez anos mais velha do que ele, ainda uma mulher muito bonita, com uma extraordinária inteligência política e social. Fora por isso, é claro, que ele a escolhera para sua companheira de chapa, apesar da oposição de muitas figuras de proa do Partido Democrata.

— Mas que coisa, Helen! — exclamou Francis Kennedy. — Pare de levantar quando entro numa sala.

Agora terei de servir o chá para todos, a fim de demonstrar minha humildade.

17

— Eu queria expressar minha gratidão — disse Helen Du Pray. — Calculei que chamou sua vice-presidente para a reunião porque alguém tem de cuidar da louça.

Os dois riram. Os assessores não.

Romeu fumou um último cigarro na escuridão do pátio.

Além dos muros de pedra, podia avistar os domos das grandes igrejas de Roma. Acabou entrando. Estava na hora de transmitir as instruções a seu grupo.

A mulher Annee servia como a armeira do grupo e abriu um baú enorme para distribuir as armas e munição.

Um dos homens estendeu no chão da sala um lençol sujo, sobre o qual Annee pôs pedaços de pano e óleo.

Limpariam e passariam óleo nas armas, enquanto escutavam as instruções. Por horas escutaram e fizeram perguntas, ensaiaram os movimentos. Annee distribuiu os trajes operacionais e todos fizeram piadas a respeito.

Ao final, sentaram para uma refeição que Romeu e os homens haviam preparado. Brindaram ao sucesso da missão com o vinho novo da primavera, depois alguns jogaram cartas por uma hora, antes de se retirarem para seus quartos. Não havia necessidade de um guarda; haviam se trancado com toda segurança, e além disso contavam com as armas ao lado das camas. Ainda assim, todos tiveram dificuldades para dormir.

Já passava de meia-noite quando Annee bateu na porta de Romeu. Ele estava lendo. Deixou-a entrar, e no mesmo instante ela pegou e jogou no chão o exemplar de *Os Irmãos Karamazov*, dizendo quase desdenhosamente:

— Está lendo essa merda de novo?

Romeu deu de ombros e sorriu.

— Serve para me divertir. Os personagens parecem italianos fazendo o maior esforço para serem sérios.

Despiram-se depressa e deitaram sobre os lençóis sujos, ambos de costas. Os corpos estavam tensos, não com o excitamento do sexo,

mas de um terror misterioso.

Romeu olhava fixamente para o teto e a mulher. Annee fechou os olhos. Estava à esquerda de Romeu e usou a 18

mão direita para masturbá-lo, devagar, com extrema gentileza. Os ombros dos dois mal se tocavam, o resto de seus corpos mantinha-se apartado. Ao sentir que Romeu ficava erecto, ela continuou a movimentar a mão direita, ao mesmo tempo em que masturbava a si mesma com a mão esquerda. Era um ritmo lento e contínuo, durante o qual Romeu fez um gesto hesitante, tocando no seio pequeno de Annee, mas ela fez uma careta, como uma criança, sem abrir os olhos. Seus movimentos foram se tornando mais vigorosos, a mão apertava com mais força, até que Romeu atingiu o orgasmo. Enquanto o sêmen escorria pela mão de Annee, ela também chegou ao orgasmo, abriu os olhos, o corpo franzino pareceu se projetar pelo ar, soerguendo-se e virando-se para Romeu, como se fosse beijá-lo; depois, porém, Annee desviou a cabeça e comprimiu o rosto contra o peito dele, por um momento, até seu corpo parar de tremer. Ao final, com um ar de indiferença, ela sentou na cama e limpou a mão com o lençol sujo. Em seguida, pegou o cigarro e o isqueiro de Romeu na mesinha-de-cabeceira de mármore e pôs-se a fumar.

Romeu foi ao banheiro e molhou uma toalha.

Voltou e lavou as mãos de Annee, depois limpou-se.

Estendeu a toalha para ela, que a passou entre as pernas.

Já haviam feito isso em outra missão, e Romeu compreendia que aquele era o único tipo de afeição que ela podia permitir. Annee era veemente demais em sua independência, qualquer que fosse o motivo, não podia suportar que um homem que não amava a penetrasse. E

quanto a felação e cunilíngua, que Romeu sugerira, eram também outra forma de rendição. O que ela fizera agora era a única maneira pela qual podia satisfazer suas necessidades sem trair os ideais de independência.

Romeu observava o rosto de Annee. Não estava tão rigoroso agora, os olhos não pareciam tão arrebatadores.

Ela era jovem, pensou ele, como se tornara tão implacável em tão pouco tempo?

— Quer dormir comigo esta noite, apenas pela companhia? — indagou ele.

19

Annee apagou o cigarro.

— Não. Por que eu haveria de querer? Ambos tivemos o que precisávamos.

Ela começou a se vestir. Romeu disse, em tom de gracejo:

— Pelo menos você podia dizer alguma coisa terna antes de ir embora.

Annee parou na porta por um instante, virou-se.

Romeu chegou a pensar que ela voltaria para a cama.

Annee sorria, e pela primeira vez ele viu-a como a uma moça a quem poderia amar. Mas depois ela pareceu se erguer na ponta dos pés, e disse:

— Romeu, Romeu, onde estás, Romeu?

E fazendo um fiau para ele, Anne desapareceu.

Na Universidade Brigham Young, em Provo, Utah, dois estudantes, David Jatney e Cryder Cole, preparavam seus equipamentos para a tradicional competição de assassinato, que ocorria uma vez por período. Esse jogo voltara a entrar em voga com a eleição de Francis Xavier Kennedy para a presidência dos Estados Unidos. Pelas regras do jogo, uma equipe de estudantes dispunha de 24

horas para cometer o assassinato — isto é, disparar suas pistolas de brinquedo contra a efígie de papelão do Presidente dos Estados Unidos, de uma distância não superior a cinco passos. Para impedir isso, havia uma fraternidade da lei e da ordem, uma equipe de defesa integrada por mais de cem estudantes. O “prêmio das apostas em dinheiro” era usado para pagar o banquete da vitória, ao final da caçada humana.

Os professores e a administração da universidade, influenciados pela Igreja Mórmon, desaprovavam esses jogos, mas haviam se tornado populares nos campi de todos os Estados Unidos — um exemplo dos excessos exasperantes de uma sociedade livre. O mau gosto, um apetite pelo vulgar na vida, era parte do espírito vibrante dos jovens. E aquele jogo era uma vazão para o ressentimento contra a autoridade, uma forma de protesto daqueles que ainda não haviam realizado coisa 20

alguma contra os que já eram bem-sucedidos. Era um protesto simbólico, sem dúvida preferível às manifestações políticas, violências aleatórias e greves. O

jogo da caçada era uma válvula de segurança para os hormônios da rebelião.

Os dois caçadores, David Jatney e Cryder Cole, atravessaram o campus de braços dados. Jatney era o planejador, e Cole, o executor; assim, era Cole quem falava, enquanto Jatney se limitava a acenar com a cabeça, ao se encaminharem para os irmãos da fraternidade que guardavam a efígie do presidente. A figura em

papelão de Francis Kennedy tinha uma semelhança reconhecível, mas era colorida de forma extravagante, mostrando-o de terno azul, gravata verde, meias vermelhas, e sem sapatos. No lugar dos sapatos, havia o enorme numeral romano IV.

A turma da lei-e-ordem ameaçou Jatney e Cole com suas pistolas de brinquedo, e eles se desviaram. Cole gritou um insulto jovial, mas Jatney manteve-se de cara amarrada. Levava a missão muito a sério. Jatney revisava seu plano e já experimentava uma profunda satisfação pelo êxito inevitável. Aquela passagem à vista do inimigo era para determinar que usavam trajes de esquiador, definir uma identidade visual, e assim preparar a surpresa posterior. Servia também para insinuar a idéia de que estavam deixando o campus pelo fim de semana.

Parte do jogo exigia que o itinerário da efígie presidencial fosse divulgado. A efígie estaria no banquete da vitória, marcado para aquela noite, antes de meia-noite. Jatney e Cole planejavam desfechar seu ataque antes do prazo fatal de meia-noite.

Tudo transcorreu de acordo com os planos. Jatney e Cole encontraram-se às seis horas da tarde no restaurante combinado. O proprietário não tinha o menor conhecimento de seus planos. Eram apenas dois jovens estudantes que trabalhavam para ele há duas semanas.

Eram ótimos garçons, especialmente Cole, e o proprietário sentia-se satisfeito com o serviço dos dois.

Às nove horas da noite, quando os guardas da lei-e-21

ordem, num total de cem, entraram com sua efígie presidencial, foram postadas sentinelas em todas as entradas do restaurante. A efígie foi colocada no meio do círculo de mesas. O proprietário esfregava as mãos de contentamento pelo fluxo de fregueses. Só quando foi até a cozinha e viu os dois jovens garçons escondendo

suas pistolas de brinquedo em terrinas de sopa é que compreendeu o que estava acontecendo.

— Essa não! — exclamou ele. — Isso significa que vocês dois deixarão o emprego esta noite.

Cole sorriu para ele, mas David Jatney lançou-lhe um olhar ameaçador, enquanto se encaminhavam para o salão de jantar, as terrinas de sopa levantadas para encobrir os rostos.

Os guardas já bebiam brindes de vitória quando Jatney e Cole puseram as terrinas na mesa do centro, levantaram as tampas e tiraram as pistolas de brinquedo.

Apontaram as armas para a efígie colorida e acionaram os mecanismos de estalo. Cole disparou um tiro e desatou a rir. Jatney disparou três tiros, de forma determinada, depois jogou a pistola no chão. Não se mexeu, não sorriu, até que os guardas o cumularam de insultos congratulatórios e todos sentaram para jantar.

Jatney deu um chute na efígie para derrubá-la no chão, onde ninguém poderia vê-la.

Esta foi uma das caçadas mais simples. Em outras universidades, por todo o país, o jogo era mais sério.

Eram montados elaborados esquemas de segurança, as efígies esguichavam sangue sintético.

Em Washington, o Procurador-Geral dos Estados Unidos, Christian Klee, tinha fichas de todos esses assassinos de brincadeira. E foram as fotografias e memorandos sobre Jatney e Cole que atraíram sua atenção.

Fez uma anotação para enviar uma equipe para fazer um levantamento das vidas de David Jatney e Cryder Cole.

Na sexta-feira antes da Páscoa, dois jovens sisudos seguiram de carro do Instituto de Tecnologia de Massachusetts para Nova York. Guardaram uma 22

pequena valise num armário de bagagem no terminal do porto. Depois, desguiaram-se com todo cuidado entre a multidão de vagabundos bêbados, cafetões de olhos penetrantes e prostitutas que se espalhavam por todo o prédio. Os dois eram prodígios, aos vinte anos tornaram-se professores-assistentes de física e membros de um programa avançado na universidade. A valise continha uma minúscula bomba atômica, que eles haviam fabricado com materiais roubados do laboratório, inclusive o plutônio necessário. Levaram dois anos para roubar todos os materiais dos programas em que trabalhavam, pouco a pouco, falsificando relatórios e experiências, a fim de que o roubo não fosse percebido.

Adam Gresse e Henry Tibbot haviam sido

classificados como gênios desde os doze anos de idade.

Os pais criaram-nos com a noção de suas

responsabilidades com a humanidade. Não tinham vícios, exceto o conhecimento. A inteligência excepcional levava-os a desdenhar dos apetites que eram como pulgas no pêlo da humanidade, o álcool, o jogo, as mulheres, a gula e as drogas.

Sucumbiram, no entanto, à droga poderosa de um pensamento lúcido. Possuíam uma consciência social e viam o mal no mundo. Sabiam que a fabricação de armas atômicas era um erro, que o destino da humanidade pendia na balança, e resolveram fazer o que pudessem para evitar um desastre infernal. Depois de um ano de conversas infantis, decidiram dar um susto no governo.

Mostrariam como era fácil para um louco infligir uma terrível punição à humanidade. Construíram a pequena bomba atômica, com uma

potência de apenas meio quiloton, a fim de poderem escondê-la em algum lugar e depois comunicar sua existência às autoridades.

Julgavam a si mesmos e a seu ato como excepcionais, quase divinos. Não sabiam que essa exata situação fora prevista por relatórios psicológicos de um prestigioso grupo de planejamento, financiado pelo governo, como um dos possíveis riscos da era atômica da humanidade.

Enquanto ainda estavam em Nova York, Adam 23

Gresse e Henry Tibbot despacharam sua carta de advertência para o New York Times, explicando seus motivos e pedindo que o texto fosse publicado, antes de ser encaminhado às autoridades. O preparo da carta fora um longo processo, não apenas porque a redação precisava ser impecável, a fim de demonstrar que não havia más intenções, mas também porque usaram palavras e letras impressas recortadas de jornais velhos, que colaram em folhas de papel em branco.

A bomba não explodiria até a terça-feira seguinte. A esta altura, a carta já estaria nas mãos das autoridades e a bomba certamente já teria sido encontrada. Seria um aviso para os governantes do mundo.

E em Roma, naquela Sexta-Feira da Paixão, Theresa Catherine Kennedy, filha do Presidente dos Estados Unidos, preparava-se para encerrar seu exílio europeu auto-imposto e voltar para viver com o pai na Casa Branca.

Os agentes do Serviço Secreto destacados para sua segurança já haviam tomado todas as providências para a viagem. Obedecendo a suas instruções, reservaram passagem no vôo de Roma para Nova York, no Domingo de Páscoa.

Theresa Kennedy tinha 23 anos e estudara filosofia na Europa, primeiro na Sorbonne, em Paris, depois na universidade em Roma,

onde acabara de romper uma relação séria com um estudante radical italiano, para alívio mútuo.

Ela amava o pai, mas detestava o fato de ele ocupar a presidência, porque era muito leal para manifestar publicamente suas opiniões divergentes. Fora uma crente no socialismo; agora, era uma defensora da fraternidade dos homens, a irmandade das mulheres. Era uma feminista ao estilo americano; a independência econômica era a base da liberdade, e por isso ela não sentia remorso pelos fundos de investimentos que garantiam sua liberdade.

Com uma moral curiosa, mas muito humana,

24

rejeitara a idéia de qualquer privilégio e raramente visitava o pai na Casa Branca. E talvez o culpasse, inconscientemente, pela morte da mãe, porque ele se empenhara na luta pelo poder político, enquanto a esposa estava morrendo. Depois, ela tentara cortar os vínculos, na Europa, mas por lei devia ser protegida pelo Serviço Secreto, já que pertencia à família presidencial imediata.

Quisera renunciar formalmente à proteção, mas o pai suplicara que não o fizesse. Francis Kennedy lhe dissera que não suportaria se alguma coisa acontecesse com ela.

Um grupo de vinte homens, divididos em três turnos por dia, guardava Theresa Kennedy. Quando ela entrava num restaurante, se ia a um cinema com o namorado, os agentes estavam sempre por perto.

Alugaram apartamentos no mesmo prédio, usavam um furgão de comando estacionado na rua. Ela nunca estava sozinha. E todos os dias tinha de fornecer a sua programação ao chefe da segurança.

Os guardas eram monstros de duas cabeças: meio servos, meio amos. Com os mais modernos

equipamentos eletrônicos, podiam ouvi-la fazer amor, quando levava um namorado para o apartamento. E eram assustadores — movimentavam-se como lobos, deslizando sem fazer barulho as cabeças inclinadas, sempre alertas, como se farejassem algo no vento, embora na verdade estivessem apenas se esforçando para escutar os rádios minúsculos em seus ouvidos.

Theresa recusara uma “rede de segurança”, isto é, a segurança do tipo mais rigoroso. Guiava seu próprio carro, não permitira que o pessoal da segurança alugasse o apartamento ao lado, rejeitava a idéia de agentes andando ao seu lado. Exigira que fosse uma “segurança de perímetro”, que os agentes erguessem um muro de proteção ao seu redor, como se estivesse num vasto jardim.

Poderia assim levar uma vida pessoal. Esse arranjo acarretara alguns momentos embaraçosos. Um dia saíra para fazer compras e precisara de uma moeda para dar um telefonema. Pensara reconhecer um dos agentes, fingindo olhar para uma vitrine próxima. Aproximara-se do homem 25

e pedira:

— Pode me dar uma moeda?

Ele a fitara aturdido e só então Theresa

compreendera que se enganara. Desatara a rir e pedira desculpas. O homem achara graça e comentara jovialmente, ao lhe entregar a moeda:

— Qualquer coisa para uma Kennedy.

Como tantos jovens, Theresa Kennedy acreditava, sem qualquer evidência específica, que as pessoas eram

“boas”, tanto quanto acreditava que ela própria era boa.

Participava de manifestações pela liberdade, defendia o certo e condenava o errado. Tentava nunca cometer atos mesquinhos na vida cotidiana. Quando criança, dera as moedas de seu cofrinho para os índios americanos.

Em sua posição de filha do Presidente dos Estados Unidos, era um constrangimento declarar seu apoio às ativistas do aborto livre, ou emprestar seu nome a organizações radicais e esquerdistas. Suportava os abusos dos meios de comunicação e os insultos dos adversários políticos.

Com absoluta inocência, era escrupulosamente justa em suas ligações amorosas; acreditava na franqueza total, detestava o embuste.

Houvera incidentes, em seus anos no exterior, de que deveria ter aprendido algumas lições valiosas. Em Paris, um bando de vagabundos, vivendo sob uma ponte, tentara estuprá-la, quando vagueava pela cidade à procura da cor local. Em Roma, dois mendigos tentaram lhe arrebatam a bolsa, quando dava algum dinheiro a eles.

Em ambos os casos, fora salva pelos atentos agentes do Serviço Secreto. Mas isso não causara qualquer impressão em sua fé generalizada de que o homem era bom. Cada ser humano possuía a semente imortal da bondade em sua alma, ninguém se encontrava além da redenção. Como feminista, é claro que tinha conhecimento da tirania dos homens sobre as mulheres, mas não compreendia a força brutal que os homens usavam quando lidavam com seu próprio mundo. Não tinha noção de como um ser humano podia trair outro,

da 26
maneira mais falsa e cruel.

O chefe da equipe de segurança, um agente velho demais para proteger as pessoas mais importantes do governo, sentia-se impressionado com sua inocência e tentava educá-la. Contara-lhe

histórias de horror sobre os homens em geral, histórias lembradas de sua longa experiência no Serviço Secreto; era mais franco do que normalmente se mostraria, já que aquele trabalho era a sua última missão antes da aposentadoria.

— Você é muito jovem para compreender este mundo — dissera-lhe ele um dia. — E na sua posição deve ser muito cuidadosa. Pensa que os outros serão bons para você, só porque é boa para todo mundo.

No dia anterior, Theresa dera carona a um homem, que presumira que se tratasse de um convite sexual. O

chefe da segurança agira imediatamente; os dois carros com os agentes obrigaram o carro de Theresa a parar no acostamento, no instante mesmo em que o carona punha a mão em seu colo.

— Quero lhe contar uma história — dissera o veterano agente. — Trabalhei uma ocasião para o homem mais esperto e mais simpático no governo. Em operações clandestinas. Apenas uma vez alguém foi mais esperto do que ele, atraiu-o para uma armadilha, deixou-o à sua mercê. O homem que o acuava era o pior tipo possível, poderia liquidá-lo. Mas, por algum motivo, deixou meu chefe escapar, dizendo: “Não se esqueça de que você me deve uma.” Passamos seis meses procurando o tal sujeito e finalmente conseguimos agarrá-lo. E meu chefe o liquidou, não lhe deu a menor chance de se render ou virar um agente duplo. E sabe por quê? Ele me explicou. O bandido tivera uma vez o poder de Deus, e por isso era perigoso demais para continuar a viver. E meu chefe não tinha o menor sentimento de gratidão, comentou que a misericórdia do sujeito fora um capricho, e não se pode contar com caprichos na próxima vez.

O que ele não contou a Theresa foi que seu chefe era um homem chamado Christian Klee.

A eleição de Francis Xavier Kennedy para a presidência dos Estados Unidos foi um milagre da política americana.

Foi eleito pela magia do nome e os extraordinários dotes físicos e intelectuais, apesar de ter servido apenas um mandato no Senado antes de se candidatar à presidência.

Era chamado de "sobrinho" de John F. Kennedy, o presidente que fora assassinado em 1963, mas não pertencia ao clã organizado dos Kennedys, ainda ativo na política americana. Era de fato um primo, o único na família ampla que herdara o carisma dos dois tios famosos, John e Robert Kennedy.

Francis Kennedy fora um garoto prodígio na faculdade de direito, tornara-se professor em Harvard aos 28 anos de idade. Mais tarde, organizara sua própria firma de advocacia, defendendo amplas reformas liberais no governo e na iniciativa privada. Não ganhava muito dinheiro com a advocacia, o que não era importante para ele, pois herdara uma considerável fortuna, mas adquirira um grande prestígio nacional. Defendera os desamparados, os direitos das minorias, e a assistência social aos incapacitados economicamente.

Kennedy arrebatara o país em sua campanha pela presidência. Proclamara que escreveria um novo contrato social para o povo americano. O que faz uma civilização perdurar?, indagava ele. É o contrato entre os governantes e os governados. O governo devia prometer a segurança pública contra o crime, contra as dificuldades econômicas; devia prometer a cada cidadão o direito e os meios de buscar o sonho individual de encontrar a felicidade pessoal nesta vida. E então, somente então, os governados estariam obrigados a obedecer às leis que garantiam a civilização. E Kennedy propunha que, como parte desse sagrado contrato social, todas as grandes questões na sociedade americana fossem resolvidas por um plebiscito, não por decisões tomadas pelo Congresso, pelo Supremo Tribunal Federal ou pelo Presidente.

Ele prometeu que acabaria com o crime. Prometeu que acabaria com a pobreza, que era a raiz do crime e 28

um crime por si mesma. Prometeu um programa de segurança de saúde financiado pelo estado e um sistema de assistência social que permitiria aos trabalhadores uma aposentadoria confortável.

Para afirmar sua devoção a esses ideais e remover a armadura de sua riqueza pessoal, ele proclamou na televisão que doaria sua fortuna de quarenta milhões de dólares ao Tesouro dos Estados Unidos. Isso foi feito numa cerimônia legal pública, transmitida para todo o país pelas emissoras de televisão. A imagem do gesto grandioso de Francis Kennedy teve um grande impacto sobre os eleitores.

Ele voou para todas as grandes cidades do país, suas carretas percorreram pequenas cidades. Com a esposa e a filha ao lado, a beleza das duas flanqueando a sua, ele conquistara a consciência pública. Os três debates com seu adversário republicano, o presidente no cargo, foram triunfos espetaculares. A combinação de seu espírito, inteligência e exuberância juvenil destruiu completamente o oponente. Nenhum presidente jamais iniciara seu primeiro mandato tão amado pelo povo. Conquistara tudo, exceto o destino. A esposa morreria de câncer antes de sua posse.

Apesar do profundo pesar, Francis Xavier Kennedy conseguira concretizar a primeira etapa de seu programa.

Durante a campanha eleitoral, tomara a ousada iniciativa política de indicar sua assessoria pessoal com antecedência, a fim de que os eleitores pudessem aprová-la também. Escolhera Oddblood Gray, um ativista negro, para funcionar como ligação com o Congresso em questões internas. Selecionara uma mulher como companheira de chapa e tomara a decisão política de que ela também integraria sua assessoria pessoal. As outras indicações foram mais convencionais. E fora essa assessoria que o ajudara a conquistar sua primeira vitória:

a revisão das leis da previdência social, a fim de que cada trabalhador pudesse ter dinheiro suficiente para viver quando se aposentasse. Os impostos para financiar essa revisão foram pagos pelos lucros das gigantescas 29

corporações americanas, que no mesmo instante se tornaram suas inimigas mortais.

Mas, depois dessa vitória inicial, Kennedy parecera perder o ímpeto. Seu projeto para plebiscito popular sobre as grandes questões fora rejeitado pelo Congresso, assim como sua proposta para um plano nacional de seguro de saúde. E o próprio Kennedy perdia energia ao confrontar o muro de pedra que o Congresso erguera em seu caminho. Embora Kennedy e sua assessoria da Casa Branca lutassem com um vigor quase desesperado, mais e mais de seus projetos foram rejeitados.

Ele sentia uma raiva intensa pelo conhecimento de que estava perdendo a batalha em seu último ano de mandato. Sabia que sua causa era justa, que se encontrava no lado do que era certo, que se mantinha na posição moral mais elevada, que seu curso de ação era o mais inteligente para a sobrevivência dos Estados Unidos. Mas parecia-lhe agora que inteligência e moral não tinham qualquer influência no processo político.

O Presidente Kennedy esperou até que fosse servido o chá a todos os membros de sua assessoria pessoal.

— Posso não concorrer a um segundo mandato —

anunciou ele, calmamente. Olhando para a vice-presidente, Kennedy acrescentou: — Helen, quero que você se prepare para concorrer à presidência.

Todos ficaram aturdidos, mas Helen Du Pray sorriu.

Aqueles homens sabiam que o sorriso era uma de suas grandes armas políticas.

— Francis, acho que uma decisão de não concorrer exige uma ampla avaliação de sua assessoria, sem a minha presença — disse ela. — Mas gostaria de dizer uma coisa, antes de me retirar. Sei como você se sente desanimado neste momento. Mas não serei capaz de me sair melhor, presumindo que conseguisse ser eleita.

Creio que você deve ser mais paciente. Seu segundo mandato pode ser mais produtivo.

Kennedy declarou, impaciente:

— Helen, você sabe tão bem quanto eu que um 30

presidente dos Estados Unidos tem mais influência em seu primeiro mandato do que no segundo.

— Isso é verdade na maioria dos casos —

concordou Helen Du Pray. — Mas talvez possamos ter uma diferente Câmara de Representantes em seu segundo mandato. E deixe-me falar também de meus interesses pessoais. Como vice-presidente em um mandato apenas, fico numa posição mais fraca do que teria com dois mandatos. Além disso, seu apoio seria mais valioso como um presidente de dois mandatos, e não um presidente que foi afastado do cargo por seu próprio Congresso democrata.

Enquanto ela pegava sua pasta e preparava-se para deixar a sala, Francis Kennedy disse:

— Não precisa sair.

Du Pray ofereceu a todos o mesmo sorriso doce.

— Tenho certeza de que sua assessoria poderá falar mais francamente se eu não estiver presente.

Assim que acabou de falar, ela saiu da Sala Oval Amarela. Os quatro homens em companhia de Kennedy permaneceram calados. Eram os seus assessores mais íntimos. Escolhera-os pessoalmente, todos eram responsáveis apenas perante ele. O presidente era como uma estranha espécie de ciclope, com um cérebro e quatro braços. Aqueles assessores eram os seus quatro braços. Também eram seus maiores amigos e, desde a morte da esposa, sua única família.

Assim que Du Pray fechou a porta, houve uma pequena agitação na sala, os homens endireitando suas pastas, pegando o chá e sanduíches. Só depois de algum tempo é que o chefe da assessoria, Eugene Dazzy, comentou calmamente:

— Helen talvez seja a pessoa mais esperta nesta administração.

Kennedy sorriu para Dazzy, que era conhecido por sua fraqueza por mulheres bonitas.

— E o que você acha, Euge? Devo ser mais paciente e concorrer de novo?

Eugene Dazzy dirigia uma grande companhia de 31

computadores dez anos antes, quando Francis Kennedy ingressara na política. Era um demolidor, um homem que podia arrasar as companhias rivais, mas vinha de uma família pobre e conservava sua fé na justiça, mais como uma questão de bom senso do que por idealismo romântico. Passara a acreditar que o dinheiro concentrado detinha poder demais nos Estados Unidos e que, a longo prazo, isso destruiria a verdadeira democracia. E por isso, quando Francis Kennedy lançara-se na política, com a bandeira de uma genuína democracia social, Dazzy organizara o apoio financeiro que ajudara Kennedy a conquistar a presidência.

Era um homem grande e afável, cuja arte maior era evitar que se tornassem inimigas as pessoas cujos desejos importantes e pedidos especiais eram negados pelo presidente. Dazzy inclinou a cabeça sobre suas anotações, a parte superior do corpo, atarracada, esticando a parte de trás do paletó impecável.

— Por que não concorrer? — disse ele. — Terá uma boa oportunidade de se esquivar à responsabilidade. O

Congresso lhe dirá o que fazer e se recusará a fazer o que você quer. Tudo continuará como antes. Exceto na política externa. Aí você poderá se divertir um pouco.

Talvez mesmo fazer alguma coisa boa.

Uma pausa e ele acrescentou:

— Olhe da seguinte maneira. Nosso exército está cinquenta por cento abaixo de sua quota. Educamos nossos garotos tão bem que eles se tornaram espertos demais para serem patriotas. Temos a tecnologia, mas ninguém quer comprar nossos produtos. Nossa balança de pagamentos é um caso perdido. Você só pode melhorar as coisas. Assim, seja reeleito, relaxe, divirta-se por mais quatro anos. Afinal, não é um emprego tão ruim assim, e você pode aproveitar o dinheiro.

Dazzy sorriu e acenou com a mão para indicar que gracejava pelo menos em parte.

Os quatro homens da assessoria pessoal observaram Kennedy com a maior atenção, apesar das atitudes aparentemente casuais. Nenhum deles achava que Dazzy 32

fora desrespeitoso; a jovialidade de seus comentários era uma atitude que Kennedy encorajara nos últimos três anos.

Arthur Wix, o assessor de segurança nacional, um homem corpulento, com um rosto de cidade grande — isto é, étnico, nascido de pai judeu e mãe italiana — podia ser implacavelmente espirituoso, mas também demonstrava alguma reverência no gabinete presidencial e na presença de Kennedy.

Wix conhecera Kennedy dez anos antes, quando concorrera pela primeira vez ao Senado. Era um liberal da Costa Leste, um professor de ética e ciência política na Universidade de Columbia. Era também um homem muito rico que tinha desprezo por seu dinheiro. O relacionamento entre os dois aumentara, baseado nos dotes intelectuais de ambos, Kennedy achava que Arthur Wix era o homem mais inteligente que já conhecera, Wix achava que Kennedy era o homem de maior moral na política. Esta não era — não podia ser — a base de uma amizade calorosa, mas constituía a fundação para um relacionamento de confiança.

Como assessor de segurança nacional, Wix achava que sua responsabilidade obrigava-o a adotar um tom mais sério do que os outros. Falou numa voz suave e persuasiva, que ainda conservava um murmúrio de Nova York:

— Euge pode pensar que está brincando, mas o fato é que você pode fazer uma contribuição valiosa à política externa de nosso país. Temos muito mais influência do que a Europa e Ásia acreditam. Creio que é indispensável que você concorra a outro mandato.

Afinal, na política externa, o Presidente dos Estados Unidos possui o poder de um rei.

Kennedy virou-se para o homem à sua esquerda.

Oddblood “Otto” Gray era o mais jovem de sua assessoria pessoal saída da universidade há apenas dez anos. Viera da ala esquerda do movimento negro, através de Harvard e uma bolsa de estudos Rhodes. Alto e imponente, fora um aluno brilhante e um orador de

primeira classe em seus tempos de estudante. Kennedy reconheceria sob o agitador um homem com uma cortesia 33

natural e senso de diplomacia, um homem que podia persuadir sem ameaças. E numa situação potencialmente violenta em Nova York, Kennedy conquistara a admiração e a confiança de Gray. Kennedy usara sua extraordinária habilidade jurídica, sua inteligência e charme e sua evidente ausência de preconceito racial para desarmar a situação, obtendo assim a admiração dos dois lados.

Depois disso, Oddblood Gray apoiara Kennedy em sua carreira política e exortara-o a concorrer à presidência. Kennedy nomeara-o para sua assessoria, como ligação com o Congresso, incumbido de conseguir a aprovação dos projetos presidenciais. O idealismo juvenil de Gray conflitava com seu gênio instintivo para a política. E até certo ponto, como era natural, o idealismo sofreu derrotas, porque ele sabia de fato como o governo funcionava, onde se podia aplicar alguma pressão, quando usar a força bruta do apadrinhamento, quando se manter irredutível, quando capitular graciosamente.

— Otto — disse Kennedy —, dê-nos sua opinião.

— Caia fora. Enquanto está apenas perdendo.

Kennedy sorriu e os outros riram. Gray continuou:

— Quer franqueza? Estou com Dazzy. O Congresso caga em cima de você, a imprensa o sacaneia. Os lobistas e as grandes corporações estrangularam seus programas. E os trabalhadores e intelectuais acham que você os traiu. Está guiando o enorme Cadillac que é este país e nem ao menos tem alguma potência no motor. E

ainda quer dar a cada porra de maníaco neste país mais quatro anos de oportunidade para liquidá-lo? Pois eu digo que devemos todos cair fora.

Kennedy parecia deliciado, os bonitos planos irlandeses de seu rosto desmanchando-se num sorriso, os olhos azuis faiscando.

— Muito engraçado — disse ele —, mas agora vamos falar sério.

Kennedy sabia que tentavam espicaçá-lo a

concorrer de novo, apelando para seu orgulho. Nenhum 34

deles queria deixar aquele centro de poder, nenhum deles queria se afastar de Washington, da Casa Branca. Era melhor ser um leão sem garras do que não ser um leão.

— Vocês querem que eu concorra de novo —

acrescentou o presidente. — Mas para fazer o quê?

Otto Gray declarou:

— Claro que eu quero que você concorra. Ingressei nesta administração porque você me pediu para ajudar meu povo. Acreditei em você e ainda acredito. Já ajudamos, e podemos ajudar ainda mais. Há muita coisa a fazer. Os ricos se tornam mais ricos, os pobres cada vez mais pobres, e só você pode mudar isso. Não abandone a luta agora.

— Mas como posso vencer? — indagou Kennedy. —

O Congresso é virtualmente controlado pelo Clube Sócrates.

Gray fitou seu presidente com uma expressão de arrebatamento e veemência só encontrada nos jovens.

— Não podemos pensar assim. Veja o que

conseguimos, contra todas as probabilidades. Podemos vencer de novo. E mesmo que isso não aconteça, o que poderia ser mais importante do que tentar?

Houve silêncio na sala por um momento. Todos pareciam se aperceber do silêncio de um homem, o que tinha mais influência sobre Francis Kennedy. Christian Klee. Todos os olhos fixaram-se nele agora.

Klee tratava Kennedy com uma certa reverência, embora fossem amigos íntimos. Isso sempre surpreendia Kennedy, porque Klee dava a maior importância à bravura física e sabia que o presidente tinha medo de ser assassinado. Fora Klee quem persuadira Kennedy a concorrer à presidência, e comprometera-se a garantir sua segurança pessoal, se fosse nomeado procurador-geral, no comando do FBI e do Serviço Secreto. Agora, ele controlava basicamente todo o sistema de segurança interna dos Estados Unidos. Kennedy, no entanto, pagara um pesado preço por isso. Negociara a nomeação de Klee com o Congresso, em troca da indicação de dois ministros do Supremo Tribunal e o posto de embaixador em Londres.

Agora, Kennedy ficou olhando fixamente para Klee, 35

até que este acabou falando:

— Sabe o que mais preocupa as pessoas neste país?

Estão pouco ligando às relações exteriores. Não estão interessadas na economia. Não querem saber se a Terra vai ficar ressequida como uma passa. Só se preocupam nas cidades grandes e pequenas com o fato de não poderem andar pelas ruas à noite sem correrem o risco de um assalto. Com o fato de não poderem dormir sossegadas em suas camas à noite, apavoradas com a possibilidade de assaltantes e assassinos.

Klee fez uma pausa.

— Vivemos num estado de anarquia. O governo não cumpre a sua parte do contrato social de proteger cada um e todos os cidadãos. As mulheres têm medo de estupro, os homens de assassinato. Estamos resvalando para alguma espécie de pântano do

comportamento humano. Os ricos sufocam as pessoas economicamente e os criminosos massacram os pobres e a classe média. E você, Francis, é o único que pode nos conduzir a um terreno mais alto.

Acredito nisso, acredito que você pode salvar este país. Por isso é que vim trabalhar para você. E agora quer nos abandonar... Deve tentar de novo, Francis. Só mais quatro anos.

O Presidente Kennedy ficou comovido. Podia perceber que aqueles quatro homens ainda acreditavam sinceramente nele. E em uma parte de sua mente compreendeu que os manipulara para dizerem aquilo, que os levara a reafirmar a fé nele, tornara-os responsáveis junto com ele. Sorriu para todos, com uma profunda satisfação.

— Pensarei a respeito.

Eles consideraram isso como uma dispensa e se retiraram, à exceção de Christian Klee, que perguntou:

— Theresa virá passar os feriados em casa?

Kennedy deu de ombros.

— Ela está em Roma, com um namorado novo.

Voará no Domingo de Páscoa. Como sempre, faz questão de ignorar os feriados religiosos.

— Estou contente por ela sair de lá — comentou 36

Christian. — Não posso protegê-la direito na Europa. E

ela acha que pode dizer o que quiser por lá sem que ninguém noticie aqui. — Ele fez uma pausa. — Se você concorrer de novo, terá de manter sua filha fora de vista ou repudiá-la.

— Não posso. Se eu concorrer de novo, precisarei do voto feminista radical.

Christian riu.

— Está bem. Agora, vamos tratar da festa de aniversário para o Oráculo. Ele está realmente ansioso.

— Não se preocupe. Eu lhe darei o tratamento completo. É incrível, cem anos de idade e ele está ansioso pela festa de aniversário!

— Ele foi e continua a ser um grande homem —

comentou Christian.

Kennedy fitou-o atentamente.

— Você sempre gostou mais dele do que eu. É um homem que teve seus defeitos, cometeu seus erros.

— Tem razão. Mas nunca vi um homem controlar melhor sua vida. E ele mudou minha vida, com seus conselhos, sua orientação. — Christian ficou em silêncio por um momento. — Jantarei com ele esta noite, e lhe direi apenas que a festa está confirmada.

Kennedy sorriu secamente.

— Não há problema em lhe dizer isso.

Ao final do dia, Kennedy assinou alguns

documentos no Gabinete Oval, depois sentou-se à mesa e ficou olhando pela janela. Podia ver a parte superior dos portões que davam acesso ao terreno da Casa Branca, as pontas pretas de ferro, eletrificadas. Como sempre, sentia-se apreensivo por sua proximidade com as ruas e o público, embora soubesse que a aparente vulnerabilidade a um ataque não passava de ilusão. Era extraordinariamente bem protegido. Havia sete perímetros

guardando a Casa Branca. Por três quilômetros ao redor, cada prédio tinha uma equipe de segurança nos telhados e em apartamentos. Todas as ruas que levavam à Casa Branca tinham postos de documentos, equipados com armas de grosso calibre e 37

fogo rápido. Os turistas que apareciam todas as manhãs para uma visita ao andar térreo da Casa Branca, às centenas, eram acompanhados por agentes secretos infiltrados nos grupos, circulando constantemente, sempre alerta, participando das conversas. Cada palmo da Casa Branca que esses turistas podiam visitar, por trás de cordas, era coberto por monitores de TV e equipamentos especiais de áudio, que podiam captar os sussurros mais secretos. Guardas armados guarneciam os painéis especiais de computador que podiam servir como barricadas, em cada volta dos corredores. E durante essas visitas do público, Kennedy sempre permanecia lá em cima, no novo quarto andar, especialmente construído, que servia como seus aposentos. E os aposentos eram também protegidos por chão, paredes e teto especialmente reforçados.

Agora, no famoso Gabinete Oval, que raramente usava, a não ser para assinar documentos oficiais, em cerimônias especiais, Francis Kennedy relaxou para desfrutar alguns dos poucos minutos em que ficava completamente sozinho. Tirou um charuto cubano, comprido e fino, da caixa em cima da mesa, sentiu nos dedos a oleosidade do papel. Cortou a extremidade, acendeu com o maior cuidado, deu a primeira baforada e tornou a olhar pelas janelas à prova de balas.

Podia se ver como uma criança, atravessando o vasto gramado verde, do distante posto da guarda pintado de branco, depois correndo para cumprimentar o tio Jack e o tio Robert. Como os adorava! Tio Jack, com tanto charme, tão infantil, ao mesmo tempo tão poderoso, proporcionando a uma criança a esperança de que poderia exercer tanto poder sobre o mundo. E tio Robert, tão sério, compenetrado, ao mesmo tempo gentil e jovial. E foi nesse ponto

que Francis Kennedy pensou, não, nós o chamávamos de tio Bobby, não Robert, ou seria o segundo às vezes? Ele não podia se lembrar.

Mas recordava um dia, há mais de quarenta anos, em que correria ao encontro dos tios, naquele mesmo gramado, e como cada um pegou um braço, não 38

deixando que seus pés tocassem no chão, enquanto o levavam para a Casa Branca.

E agora ele se encontrava no lugar deles. O poder que tanto o impressionara quando criança era agora seu. Era uma pena que a memória pudesse evocar tanto sofrimento e tanta beleza, e tanto desapontamento. E ele pensava em renunciar àquilo pelo qual os dois haviam morrido.

Naquela Sexta-Feira da Paixão, Francis Xavier Kennedy não sabia que tudo aquilo seria mudado por dois revolucionários insignificantes em Roma.

39

CAPÍTULO

2

NA MANHÃ DO DOMINGO DE PÁSCOA, Romeu e seu grupo de quatro homens e três mulheres, com um equipamento operacional completo, desembarcaram de seu furgão. Nas ruas romanas, próximas da Praça de São Pedro, misturaram-se com a multidão, em indumentária da Páscoa — as mulheres gloriosas em cores suaves da primavera e líricas nos chapéus da igreja, os homens em trajes sedosos, de cor creme, com cruces amarelas bordadas nas lapelas. As crianças estavam ainda mais deslumbrantes: meninas usando luvas e vestidos de babados, os garotos em ternos azul-marinho de crisma, gravatas vermelhas e camisas brancas. Padres dispersos por toda parte ofereciam bênçãos aos fiéis, sorrindo.

Romeu era um peregrino mais sóbrio, uma testemunha séria da Ressurreição que aquela manhã de Páscoa celebrava. Vestia um terno preto, uma camisa branca engomada e uma gravata branca que ficava quase invisível.

Os sapatos eram pretos, com solas de borracha. E agora ele abotoou o casaco de pêlo de camelo para esconder o rifle, que pendia de uma tipóia especial. Praticara com aquele rifle durante os três últimos meses, até obter uma precisão 40

mortífera.

Os quatro homens de seu grupo vestiam-se como monges da ordem dos capuchinhos, em hábitos compridos e folgados, de um marrom encardido, presos por largos cintos de pano. As cabeças tonsuradas estavam cobertas por barretes. Levavam granadas e pistolas ocultas sob os hábitos. As três mulheres — uma delas era Annee —

vestiam-se como freiras, em preto e branco, e também tinham armas por baixo dos trajes largos. Annee e as outras duas freiras seguiam adiante, as pessoas à frente dando passagem para elas,

enquanto Romeu seguia em sua esteira, sem a menor dificuldade. Depois de Romeu vinham os quatro monges do grupo, observando tudo, prontos para interferir se Romeu fosse detido pela polícia papal.

E assim o bando de Romeu encaminhou-se para a Praça de São Pedro, invisíveis na vasta multidão que ali se reunia. Até que, finalmente, como rolhas escuras boiando num oceano de muitas cores, Romeu e seu grupo foram parar no outro lado da praça, as costas protegidas por colunas de mármore e muros de pedra.

Romeu manteve-se um pouco apartado. Observava, à espera de um sinal do outro lado da praça, onde Yabril e seu bando estavam ocupados em colocar imagens santas nos muros.

Yabril e seu grupo, três homens e três mulheres, usavam trajes informais, com casacos largos. Os homens levavam armas escondidas, enquanto as mulheres trabalhavam com as estatuetas religiosas, pequenas imagens de Cristo, carregadas de explosivos, que seriam detonados por um sinal de rádio. A parte de trás das imagens tinha uma cola tão forte que elas não poderiam ser arrancadas das paredes por algum curioso na multidão.

Além disso, as imagens eram muito bonitas, feitas de terracota de aparência dispendiosa, pintadas de branco, em torno de uma estrutura de arame. Davam a impressão de serem parte da ornamentação da Páscoa, e como tal eram invioláveis.

41

Concluída essa operação, Yabril conduziu seu grupo através da multidão, deixando a Praça de São Pedro, a caminho de seu furgão à espera. Ele mandou um de seus homens ao encontro de Romeu, a fim de lhe entregar o aparelho de rádio cujo sinal detonaria os explosivos.

Depois Yabril e seu pessoal embarcaram no furgão e seguiram na direção do aeroporto de Roma. O Papa Inocêncio só apareceria na sacada três horas depois.

Estavam dentro do prazo.

Dentro do furgão, isolado do mundo da Páscoa em Roma, Yabril pensou na maneira como tudo aquilo começara...

Numa missão conjunta, uns poucos anos antes, Romeu comentara que o Papa dispunha da mais forte segurança entre todos os governantes da Europa. Yabril rira e dissera:

— Quem poderia querer matar um Papa? Seria como matar uma cobra que não tem veneno. Uma figura de fachada inútil, com meia dúzia de velhos inúteis prontos para substituí-lo. Os noivos de Cristo, uma dúzia de bonecos de chapéu vermelho. O que mudaria no mundo com a morte de um Papa? Posso pensar em seqüestrá-lo, já que ele é o homem mais rico do mundo.

Mas matá-lo seria a mesma coisa que matar um lagarto dormindo ao sol.

Romeu argumentara com insistência e deixara Yabril intrigado. O Papa era reverenciado por centenas de milhões de católicos no mundo inteiro. E sem dúvida o Papa era um símbolo do capitalismo; os estados burgueses cristãos ocidentais o sustentavam. O Papa era um dos grandes suportes da autoridade no edifício dessa sociedade. E, portanto, o assassinato do Papa seria um tremendo choque psicológico para o mundo inimigo, porque era considerado o representante de Deus na Terra.

As realezas da Rússia e França haviam sido assassinadas porque também pensavam que possuíam o direito divino de reinar, e esses assassinatos propiciaram o progresso da humanidade. Deus era a fraude dos ricos, o trapaceiro dos pobres, o Papa era o homem que manipulava esse poder 42

diabólico. Mas ainda era apenas uma idéia que impressionava Romeu e despertava em Yabril uma profunda auto-admiração.

Romeu, apesar de toda a sua conversa e sacrifícios, não era o que Yabril considerava um verdadeiro revolucionário. Yabril estudara a história dos terroristas italianos. Eram competentes em assassinar chefes de estado; haviam aprendido com os russos, que ao final mataram seu czar, depois de muitos atentados — os italianos até tomaram emprestado dos russos o nome que Yabril detestava: os Cristos da Violência.

Yabril encontrara-se uma vez com os pais de Romeu. O pai, um homem inútil, um parasita da humanidade. Completo, com motorista, valete e um cachorro enorme e manso, que usava como isca para atrair as mulheres nos bulevares. Mas um homem de belas maneiras. Era impossível não gostar dele, se não fosse seu filho.

E a mãe, outra beldade do sistema capitalista, voraz por dinheiro e jóias, uma católica devota. Elegantemente vestida, com criadas a reboque, ela ia à missa todas as manhãs. Essa penitência realizada, dedicava o resto de seu dia ao prazer. Como o marido, ela era complacente, infiel e dedicada ao filho único, Romeu.

Agora, aquela família feliz seria finalmente punida.

O pai, um Cavaleiro de Malta, a mãe comungando todos os dias com Cristo, e o filho, o assassino do Papa. Que traição, pensou Yabril. Pobre Romeu, você vai passar uma semana horrível quando eu o trair.

À exceção do desvio final que Yabril acrescentara, Romeu conhecia todo o plano.

— Igualzinho a xadrez — comentou Romeu. —

Xeque ao rei, xeque ao rei e xeque-mate. Uma beleza.

Yabril olhou para seu relógio: mais quinze minutos. O

furgão seguia em velocidade moderada pela estrada que levava ao aeroporto.

Estava na hora de começar. Ele recolheu todas as armas e granadas de seu bando, guardou tudo numa 43

mala. Quando o furgão parou, na frente do terminal do aeroporto, Yabril foi o primeiro a saltar. O furgão foi em frente, a fim de descarregar o resto do pessoal em outra entrada. Yabril avançou devagar pelo terminal, carregando a mala, os olhos vasculhando à procura de agentes secretos da polícia. Pouco antes do balcão de confirmação, ele entrou numa loja de flores e presentes.

Um cartaz de FECHADO, em letras vermelhas e verdes, estava pendurado de um pino, na parte interna da porta.

Era o aviso de que podia entrar com segurança, e também de que a loja seria fechada aos fregueses.

A mulher na loja era uma loura pintada, com muita maquilagem e aparência vulgar, mas com uma voz suave e convidativa, um corpo exuberante, ressaltado por um vestido simples de lã, apertado na cintura por um cinto.

— Sinto muito — disse ela a Yabril. — Pode ver pelo aviso que estamos fechados, é o Domingo de Páscoa.

Mas a voz era afável, não de rejeição; e o sorriso, caloroso. Yabril disse a frase de código, destinada apenas à confirmação do reconhecimento:

— Cristo se levantou, mas ainda assim tenho de viajar a negócios.

Ela estendeu a mão e tirou a mala da mão dele.

— O avião está no horário? — perguntou Yabril.

— Está, sim. Você tem uma hora. Há alguma mudança?

— Não. Mas não se esqueça de que tudo depende de você.

Yabril deixou a loja. Nunca vira a mulher antes e nunca mais tornaria a vê-la, ela conhecia apenas aquela fase da operação. Ele verificou os horários no quadro de partidas. Isso mesmo, o avião decolaria no prazo previsto.

Ela era uma das poucas mulheres entre os Primeiros Cem. Fora plantada na loja há três anos, como proprietária, e durante esse tempo cultivara com o maior cuidado e sedução as relações com o pessoal do terminal aéreo e os guardas de segurança. Estabelecera com astúcia a prática de contornar os detectores nas barreiras 44

para entregar pacotes a pessoas nos aviões. Não fizera isso com uma frequência exagerada, mas apenas o suficiente para que ninguém se preocupasse. No terceiro ano começara uma ligação amorosa com um dos guardas armados, que podia acenar para que ela passasse pela entrada ao lado dos detectores. Seu amante estava de serviço naquele dia; ela prometera-lhe um almoço e uma sesta na sala dos fundos da loja. E por isso ele se apresentara como voluntário para o plantão no Domingo de Páscoa.

O almoço já estava posto sobre a mesa na sala dos fundos quando ela esvaziou a mala e ajeitou as armas em caixas de presente da Gucci, de cores alegres. Ela pôs as caixas em sacolas de compras de papel malva, e esperou até vinte minutos antes da hora da partida. Depois, com as bolsas aninhadas nos braços, porque estavam muito pesadas e receava que o papel pudesse se romper, ela seguiu apressada, meio sem jeito, para a passagem sem detectores. O amante de plantão acenou para que ela passasse, galantemente. Ela ofereceu-lhe um sorriso afetuoso. Quando entrou no avião, a aeromoça reconheceu-a e exclamou, com uma risada:

— Livia, mais uma vez!

A mulher foi avançando pela seção turística, até avistar Yabril, cercado pelos três homens e três mulheres de seu grupo. Uma das mulheres estendeu os braços para receber as pesadas bolsas.

Á mulher conhecida como Livia largou as bolsas nos braços à espera, e depois virou-se e deixou o avião, quase correndo. Voltou à loja e acabou de aprontar o almoço na sala dos fundos.

O guarda, Faenzi, era um daqueles magníficos espécimes da virilidade italiana, que pareciam ter sido deliberadamente criados para deliciar as mulheres. O fato de ser bonito era a menor de suas virtudes. Mais importante, era um desses homens de doce temperamento, que se sentem totalmente satisfeitos com o âmbito de seus talentos e a extensão de sua ambição. Faenzi usava seu uniforme de guarda do aeroporto com o mesmo garbo de 45

um marechal-de-campo de Napoleão; o bigode era tão impecável e bonito quanto o nariz arrebitado de uma criada de comédia. Podia-se perceber que ele acreditava que tinha um trabalho significativo, um dever importante para o estado. Contemplava as mulheres que passavam de um jeito afetuoso e benevolente, porque se encontravam sob sua proteção. A mulher Livia identificara-o quase que imediatamente, em seu primeiro dia de serviço como guarda da segurança do aeroporto, e decidira conquistá-lo.

A princípio ele a tratara com uma requintada cortesia filial, mas ela acabara com isso em pouco tempo, usando uma torrente de lisonjas insinuantes, alguns presentes graciosos, e depois lanches deliciosos em sua butique, à noite. Agora, ele a amava, ou pelo menos era tão devotado a ela quanto um cachorro com seu dono indulgente — afinal, Livia era uma fonte de pequenos regalos.

E Livia gostava dele. Era um amante maravilhoso e jovial sem qualquer pensamento sério na cabeça.

Preferia-o na cama aos jovens e soturnos

revolucionários, consumidos pelo sentimento de culpa, atormentados pela consciência.

Ele se tornara como um animalzinho de estimação, e ela o chamava afetuosamente de Zonzi. Assim que ele entrou na loja e trancou a porta, Livia foi ao seu encontro, com a maior afeição e desejo, embora dominada pela consciência pesada. Pobre Zonzi... O

setor antiterrorismo do serviço secreto italiano investigaria tudo, e logo notaria o desaparecimento dela.

Zonzi com certeza se gabara de sua conquista — afinal, ela era uma mulher mais velha e experiente, sua honra não precisava ser protegida. A ligação entre os dois seria descoberta. Pobre Zonzi... Aquele lanche seria a sua última hora de felicidade.

Com pressa e eficiência da parte dela, com entusiasmo e alegria da parte dele, fizeram amor. Livia refletiu, com ironia, que ali estava um ato que apreciava intensamente, mas ao mesmo tempo servia a seus propósitos como uma revolucionária. Zonzi seria punido por seu orgulho e 46

presunção, sua paixão condescendente por uma mulher mais velha; ela conquistaria uma vitória tática e estratégica.

E, mesmo assim, pobre Zonzi... Como ele era bonito nu, a pele azeitonada, os olhos grandes e ternos, os cabelos muito pretos, o bigode atraente, o pênis e o saco duros como bronze.

— Ah, Zonzi, Zonzi — murmurou Livia, para as coxas do guarda —, não se esqueça nunca de que eu o amo.

Ela alimentou-o com uma refeição magnífica, tomaram uma garrafa de vinho excelente e depois tornaram a fazer amor. Zonzi vestiu-se, beijou-a em despedida, radiante com a convicção de que merecia de

fato tanta sorte. Depois que ele saiu, Livia examinou toda a loja. Reuniu todos seus pertences, junto com algumas roupas extras, e usou a mala de Yabril para carregá-los. Isso era parte das instruções. Não deveria haver vestígios de Yabril. Sua última tarefa foi apagar todas as impressões digitais óbvias que poderia ter deixado na loja, embora fosse apenas um cuidado simbólico. Provavelmente não eliminaria todas. Depois, carregando a mala, deixou a loja, trancou a porta e saiu do terminal. Lá fora, ao sol brilhante da Páscoa, uma mulher de seu próprio grupo esperava com um carro. Livia embarcou, deu um rápido beijo de cumprimento na motorista e comentou, quase pesarosa:

— Graças a Deus que é o fim disso.

Ao que a outra mulher ressaltou:

— Não foi tão ruim assim. Ganhamos dinheiro com a loja.

Yabril e seu grupo estavam na seção turística porque Theresa Kennedy, filha do Presidente dos Estados Unidos, viajava na primeira classe, em companhia dos seis agentes do Serviço Secreto destacados para sua segurança. Yabril não queria que a entrega das armas em embrulhos de presentes fosse observada pelos agentes.

Sabia também que Theresa Kennedy não embarcaria no avião até o momento da decolagem e que os agentes não 47

entrariam no avião antes porque nunca sabiam quando a filha do presidente poderia mudar de idéia e também, Yabril assim esperava, porque haviam se tornado indolentes e negligentes.

O avião, um Jumbo, estava longe da ocupação plena.

Não eram muitas as pessoas na Itália que resolviam viajar no Domingo de Páscoa, e Yabril especulou por que a filha do presidente americano assim decidira. Afinal, ela era uma católica romana, embora defendesse a nova religião da esquerda liberal, a mais

desprezível das divisões políticas. Mas a escassez de passageiros convinha a seus planos — era mais fácil controlar uma centena de reféns.

Uma hora depois, com o avião no ar, Yabril abaixou-se na poltrona, enquanto as mulheres começavam a arrancar o papel Gucci dos embrulhos. Os três homens do grupo usaram seus corpos como escudo, debruçando-se por cima das poltronas e falando com as mulheres. Como não havia outros passageiros sentados nas proximidades, eles formavam um pequeno círculo de privacidade. As mulheres entregaram a Yabril as granadas embrulhadas em papel de presente, e ele pendurou-as em seu corpo. Os homens pegaram pistolas e esconderam-nas dentro dos paletós. Yabril também pegou uma pistola, e as três mulheres se armaram.

Quando tudo estava pronto, Yabril interceptou uma aeromoça que passava pelo corredor. Ela viu as granadas e a pistola antes mesmo que Yabril pegasse sua mão e sussurrasse as ordens. A expressão de espanto, depois choque e medo da aeromoça era familiar para ele. Yabril apertou a mão suada da aeromoça e sorriu. Dois de seus homens tomaram posições para dominar a classe turista.

Yabril ainda segurava a aeromoça pela mão quando entraram na primeira classe. Os agentes do Serviço Secreto viram-no, e no mesmo instante perceberam as granadas e a pistola. Yabril sorriu-lhes.

— Continuem sentados, cavalheiros — disse ele.

A filha do presidente virou a cabeça lentamente e fitou Yabril nos olhos. Seu rosto tornou-se tenso, mas não assustado. Ela é corajosa, pensou Yabril, e bonita. Era 48

mesmo uma pena. Ele esperou até que as três mulheres ocupassem posições na primeira classe, depois mandou que a aeromoça abrisse a porta para a cabine de comando.

Yabril sentiu que entrava no cérebro de uma imensa baleia, deixando o resto do corpo desamparado.

Quando Theresa Kennedy viu Yabril pela primeira vez, seu corpo tremeu subitamente com a náusea do reconhecimento inconsciente. Aquele homem era o demônio contra o qual ela fora alertada. Havia uma estranha ferocidade no rosto estreito e moreno; o maxilar inferior, brutal, dava-lhe a impressão de um rosto num pesadelo. As granadas penduradas no paletó e em sua mão pareciam sapos verdes. E depois ela viu as três mulheres, vestindo calças escuras e casacos brancos, com as enormes armas de aço em suas mãos. Passado o choque inicial, a segunda reação de Theresa Kennedy foi a de uma criança culpada. Oh, merda, metera o pai numa encrenca; nunca mais ela conseguiria se livrar da segurança do Serviço Secreto. Observou Yabril encaminhar-se para a porta da cabine de comando, segurando a mão da aeromoça. Virou a cabeça para trocar um olhar com o chefe de sua segurança, mas ele observava atentamente as mulheres armadas.

Nesse momento um dos homens de Yabril entrou na primeira classe, com uma granada na mão levantada. Uma das mulheres obrigou outra aeromoça a pegar o microfone. A voz saiu um pouco trêmula pelos alto-falantes:

— Todos os passageiros, apertem os cintos, por favor. O avião foi dominado por um grupo revolucionário.

Por favor, permaneçam calmos e aguardem novas instruções. Não se levantem, não toquem em sua bagagem de mão. Não deixem seus lugares por qualquer motivo.

Por favor, permaneçam calmos. Permaneçam calmos.

Na cabine de comando, o comandante viu a aeromoça entrar e disse-lhe, muito excitado:

— Ei, o rádio acaba de noticiar que alguém atirou no Papa!

49

Depois ele viu Yabril entrar por trás da aeromoça e sua boca se abriu num “O” silencioso de surpresa, as palavras congeladas ali, como numa história em quadrinhos, pensou Yabril, enquanto levantava a mão que segurava uma granada. O comandante dissera “atirou no Papa”, Isso significava que Romeu fracassara? A missão já estava perdida? De qualquer forma, Yabril não tinha alternativa. Deu as ordens para o comandante mudar o curso e seguir para o estado árabe de Sherhaben.

No mar de humanidade na Praça São Pedro, Romeu e seu grupo flutuaram para um canto, com um muro de pedra por trás, e formaram sua própria ilha. Annee, com o hábito de freira, postou-se diretamente na frente de Romeu, com a arma pronta para entrar em ação, por baixo do traje. Tinha a responsabilidade de protegê-lo, proporcionar-lhe tempo para o seu tiro. Os outros membros do grupo, em seus disfarces religiosos, formaram um círculo, um perímetro para dar espaço a Romeu. Tinham três horas de espera antes que o Papa aparecesse.

Romeu encostou-se no muro de pedra, fechou os olhos contra o sol da manhã de Páscoa, e a mente repassou rapidamente os movimentos ensaiados da operação. Quando Papa aparecesse, Romeu bateria no ombro do homem à sua esquerda, que acionaria o sinal de rádio para detonar as imagens religiosas no muro no outro lado da praça. No momento das explosões, Romeu tiraria seu rifle de baixo do casaco e atiraria — a rapidez era fundamental, a fim de que o tiro parecesse uma reverberação das outras explosões. Depois largaria o rifle, os monges e freiras formariam um círculo ao seu redor e tratariam de fugir. Havia também bombas de fumaça nas imagens religiosas, a Praça São Pedro seria envolta por densas nuvens. A confusão seria tremenda, haveria pânico. Com tudo isso, eles deveriam conseguir escapar.

Os espectadores mais próximos poderiam ser perigosos, pois estariam a par de suas ações, mas o movimento da multidão em fuga logo os separaria. E os que fossem 50

temerários o bastante para insistir na perseguição seriam liquidados a tiros.

Romeu podia sentir o suor em seu peito. A vasta multidão acenando com flores tornou-se um oceano de branco e púrpura, rosa e vermelho. Ele pensou na alegria daquela gente, sua crença na Ressurreição, o êxtase da esperança contra a morte. Enxugou as mãos suadas no casaco e sentiu o peso do rifle na tipóia. As pernas começaram a doer, a ficar dormentes. Romeu projetou a mente para fora do corpo, a fim de passar as longas horas que teria de esperar até que o Papa aparecesse em sua sacada.

Cenas perdidas da infância afloraram. Preparado para a crisma por um sacerdote católico, ele sabia que um cardeal de chapéu vermelho sempre confirmava a morte de um rapa batendo em sua testa com um martelinho de prata. Será que ainda se fazia isso? Desta vez seria um martelinho ensangüentado. Mas de que tamanho? Como um brinquedo? Bastante grande e pesado para pregar um prego? Mas é claro que devia ser uma preciosa relíquia da Renascença, incrustada de pedras preciosas, uma obra de arte. Não fazia diferença, pois restaria muito pouco da cabeça do Papa para se bater; o rifle sob sua roupa continha balas explosivas. E Romeu tinha certeza de que não erraria. Acreditava no fato de ser canhoto, ser *mancino* significava ser bem-sucedido nos esportes, no amor e, certamente por todas as superstições, no assassinato.

Enquanto esperava, Romeu especulou por que não experimentava nenhum sentimento de sacrilégio — afinal, fora criado rigorosamente como um católico, numa cidade em que cada rua e prédio lembrava os primórdios do cristianismo. Mesmo agora, podia divisar os telhados em domo dos prédios sagrados, como discos de mármore contra o céu, ouvir os sinos das igrejas, muito confortadores, mas

também intimidativos. Naquela vasta praça sagrada, podia ver as estátuas de mártires, aspirar o ar impregnado pelas incontáveis flores da primavera, oferecidas pelos verdadeiros crentes em Cristo.

51

A fragrância intensa das flores envolveu-o, e ele se lembrou da mãe e do pai, sempre perfumados para encobrir o odor da libidinosa e mimada carne mediterrânea.

E de repente a vasta multidão, em seus trajes da Páscoa, pôs-se a gritar "*Papa, Papa, Papa!*". À claridade cor de limão do início da primavera, anjos de pedra por cima de suas cabeças, as pessoas clamavam incessantemente pela bênção de seu Papa. Por fim, dois cardeais em hábitos vermelhos apareceram e estenderam os braços em bênção. Um momento depois o Papa Inocêncio surgiu na sacada.

Era um homem muito velho, vestindo uma casula sacerdotal branca, uma cruz dourada por cima, o pálio com cruces bordadas. Em uma das mãos levantadas para saudar a multidão estava o anel de pescador pontifical de São Pedro.

A multidão mandou suas flores pelo céu, as vozes se elevaram em êxtase, a sacada faiscava ao sol, como se caísse com as flores descendo.

Nesse momento, Romeu sentiu o temor dos símbolos que sempre o haviam inspirado na juventude, recordando o cardeal de chapéu vermelho de sua crisma, que era bexiguento como o Demônio, mas depois experimentou uma intensa exultação que projetou todo o seu ser para a bem-aventurança, a suprema alegria. Romeu bateu no ombro do homem à sua esquerda para acionar o sinal de rádio.

O Papa ergueu os braços dentro das mangas brancas em resposta aos gritos de "*Papa, Papa!*", a fim de abençoar a todos, louvar a Páscoa, a Ressurreição de Cristo, saudar os anjos de pedra no alto dos muros ao redor. Romeu tirou o rifle de baixo do casaco; dois

monges do grupo à sua frente ajoelharam-se para lhe oferecer uma visão desimpedida. Annee adiantou-se para que ele apoiasse o rifle em seu ombro. O homem à esquerda acionou o sinal de rádio que detonaria os explosivos nas imagens no outro lado da praça.

As explosões sacudiram as fundações da praça, uma 52

nuvem rosada flutuou no ar, a fragrância das flores foi deteriorada pelo fedor de carne queimada. E nesse instante, Romeu, o rifle apontado, puxou o gatilho. As explosões no outro lado da praça mudaram o troar de felicidade da multidão para o que parecia ser gritos estridentes de incontáveis gaivotas.

Lá em cima, o corpo do Papa pareceu se levantar do chão, o solidéu branco voou pelo ar, turbilhonou nos ventos fortes de ar comprimido e depois caiu para a multidão, um trapo ensangüentado. Um gemido de horror, de terror e raiva animal, espalhou-se pela praça, enquanto o corpo do Papa debruçava-se sobre a grade da sacada. A cruz de ouro pendeu livre, o pátio ficou encharcado de vermelho.

Nuvens de pó de pedra estenderam-se sobre a praça.

Fragmentos de mármore de anjos e santos espatifados caíram. Havia um terrível silêncio, a multidão paralisada pela visão do Papa assassinado. Todos podiam ver sua cabeça explodida. E depois o pânico começou. As pessoas fugiam da praça, derrubando os guardas suíços, que tentavam fechar as saídas. Os vistosos uniformes da Renascença foram sepultados pela massa de fiéis dominados pelo terror.

Romeu largou o rifle no chão. Cercado por seu grupo de monges e freiras armados, ele se deixou levar para fora da praça, através das ruas de Roma. Parecia ter perdido a visão e cambaleava às cegas; Annee pegou-o pelo braço e empurrou-o para o furgão à espera. Romeu tapou os ouvidos para obstruir os gritos; tremia com o choque, e depois com um senso de regozijo, seguido por um senso de espanto, como se o assassinato não passasse de um sonho.

No Jumbo que deveria seguir de Roma para Nova York, Yabril e seu grupo mantinham o controle absoluto, com todos os passageiros retirados da primeira classe, à exceção de Theresa Kennedy.

Theresa estava agora mais interessada do que assustada. Ficara fascinada pela maneira como os 53

seqüestradores haviam intimidado os agentes do Serviço Secreto com a maior facilidade, pelo simples expediente de mostrar os detonadores espalhados por seus corpos, o que significava que qualquer bala disparada faria com que o avião explodisse no céu. Ela notou que os três homens e três mulheres eram bastante esguios, os rostos contraídos na tensão demonstrada por grandes atletas em momentos de intensa competição. Um seqüestrador deu um empurrão num dos agentes, lançando-o para fora da primeira classe, continuou a empurrá-lo pelo corredor da classe turística. Uma das mulheres manteve Theresa a distância, a arma pronta para entrar em ação. Quando um agente do Serviço Secreto demonstrou alguma relutância em se afastar de Theresa, a mulher estendeu a pistola e encostou o cano em sua cabeça. E seus olhos contraídos indicaram claramente que estava prestes a atirar; os lábios dela se entreabriram um pouco, para aliviar a pressão dos músculos em torno da boca. Nesse instante Theresa empurrou o guarda e pôs seu corpo na frente da mulher, que sorriu aliviada e acenou para que ela sentasse.

Theresa observou Yabril supervisionar a operação.

Ele parecia quase distante, como se fosse um diretor assistindo ao desempenho de seus atores, não como se desse ordens, mas apenas oferecendo indicações, sugestões. Com um pequeno sorriso tranquilizador, ele gesticulou para que Theresa permanecesse sentada. Era a ação de um homem zelando por alguém que fora entregue aos seus cuidados especiais. Depois, Yabril entrou na cabine de comando. Um dos seqüestradores guarnecia a entrada da primeira classe. Duas mulheres permaneceram na seção com

Theresa, as armas levantadas. Uma aeromoça ficou junto do microfone que transmitia mensagens aos passageiros, sob o comando do seqüestrador. Todos pareciam muito pequenos para causarem tanto terror.

Na cabine de comando, Yabril autorizou o

comandante a comunicar pelo rádio que o avião fora seqüestrado e transmitir o novo plano de vôo, para Sherhaben. As autoridades americanas pensariam que seu 54

único problema seria o de negociar as habituais exigências terroristas árabes. Yabril permaneceu na cabine para controlar os contatos pelo rádio.

Enquanto o avião estivesse voando, não haveria nada a fazer além de esperar. Yabril sonhou com a Palestina, como fora quando ele era um menino, sua casa um oásis verde no deserto, seu pai e mãe anjos de luz, o belo Corão na escrivaninha do pai, sempre pronto para renovar a fé. E

como tudo acabara em nuvens de fumaça cinza, fogo e as explosões das bombas caindo do céu. E os israelenses chegaram, parecia que toda a sua infância fora passada em algum enorme campo de prisioneiros, de choças frágeis, um vasto acampamento unido apenas numa coisa: o ódio aos judeus. Os mesmos judeus que o Corão enaltecia.

Ele se lembrava como, até mesmo na universidade, alguns professores referiam-se a um trabalho malfeito como um "serviço de árabe". O próprio Yabril já usara a expressão para censurar o armeiro que lhe fornecera armas defeituosas. Só que não chamariam o que estava fazendo agora de um "serviço de árabe".

Ele sempre odiara os judeus... não, não os judeus, os israelenses. Ainda se lembrava quando era um menino de quatro anos, talvez cinco, não mais velho do que isso, e os soldados de Israel atacaram

o acampamento em que ele freqüentava a escola. Haviam recebido a falsa informação, "serviço de árabe", de que o acampamento ocultava terroristas. Todos os habitantes receberam ordem de saírem e suas casas para as ruas, com as mãos levantadas. Inclusive as crianças na cabana comprida de lata, pintada de amarelo, que servia como escola, um pouco apartada do povoado. Yabril ficara com as outras crianças de sua idade, choramingando, os braços erguidos em rendição, gritando em terror. E Yabril jamais esquecerá um dos jovens soldados israelenses, a nova raça de judeu, louro como um nazista, olhando para as crianças com uma espécie de horror, e depois a pele clara daquele estranho rosto semita ficara molhada de lágrimas. O

israelense baixara sua arma e gritara que as crianças podiam parar de chorar, baixar as mãos. Nada tinham a 55

temer, dissera ele, as criancinhas nada tinham a temer. O

soldado israelense falava um árabe perfeito; como as crianças permanecessem imóveis, com os braços levantados, o soldado circulara entre elas, tentando fazer com que baixassem as mãos, chorando durante todo o tempo. Yabril nunca esquecerá o soldado, e resolvera, mais tarde, que nunca seria como ele, nunca deixaria que a compaixão o destruísse.

Agora, olhando para baixo, ele podia avistar os desertos da Arábia. Muito em breve o vôo terminaria e ele estaria no sultanato de Sherhaben.

Sherhaben era um dos menores países do mundo, mas tinha tamanha abundância de petróleo que as centenas de filhos e netos do sultão que andava a camelo agora guiavam Mercedes e estudavam nas melhores universidades do exterior. O sultão original possuía grandes empresas industriais na Alemanha e nos Estados Unidos, e morrera como o homem mais rico do mundo.

Só um de seus netos sobrevivera às intrigas fatais de meios-irmãos e se tornara o atual sultão — Maurobi.

O Sultão Maurobi era um militante, um fanático devoto muçulmano, e os cidadãos de Sherhaben, agora ricos, eram igualmente devotos. Nenhuma mulher podia sair de casa sem um véu; nenhum dinheiro podia ser emprestado a juros; não havia uma gota de álcool naquela sedenta terra de deserto, a não ser nas embaixadas estrangeiras.

Há muito tempo Yabril ajudara o sultão a conquistar e consolidar o poder, assassinando quatro dos mais perigosos meios-irmãos de Maurobi. Por causa dessas dívidas e gratidão, e também por seu ódio às grandes potências, o sultão concordara em ajudar Yabril naquela operação.

O avião levando Yabril e seus reféns aterrissou e seguiu lentamente para o pequeno terminal envidraçado, amarelo-claro ao sol do deserto. Quando o avião parou, Yabril constatou que o aeroporto estava cercado por mil 56

soldados pelo menos do Sultão Maurobi.

Começaria agora a parte mais intrincada e satisfatória da operação... e também a mais perigosa. Ele precisaria ser cuidadoso até que Romeu finalmente estivesse no lugar certo. E estaria apostando na reação do sultão e seu xeque-mate final e secreto. Não, aquele não era um serviço de árabe.

Por causa da diferença de fusos horários com a Europa, Francis Kennedy recebeu a primeira notícia do atentado contra o Papa às seis horas da manhã do Domingo de Páscoa. Foi transmitida pelo secretário de imprensa, Matthew Gladyce, que estava de plantão na Casa Branca durante os feriados. Eugene Dazzy e Christian Klee já haviam sido informados e estavam também na Casa Branca.

Francis Kennedy desceu de seus aposentos pela escada e entrou no Gabinete Oval para encontrar Dazzy e Christian à sua espera. Ambos

exibiam expressões sombrias. A distância, nas ruas de Washington, soavam sirenes. Francis sentou atrás de sua escrivaninha. Olhou para Eugene Dazzy, que daria as informações, como chefe do gabinete.

— Francis, o Papa está morto. Foi assassinado durante o serviço da Páscoa.

Kennedy ficou chocado.

— Quem fez isso? E por quê?

— Não sabemos — respondeu Klee. — E há uma notícia ainda pior.

Kennedy tentou ler os rostos dos homens à sua frente, sentindo um medo crescente.

— O que poderia ser pior?

— O avião em que Theresa viajava foi seqüestrado e está agora a caminho de Sherhaben — informou Klee.

Francis Kennedy sentiu uma onda de náusea envolvê-lo. E um momento depois ouviu Eugene Dazzy acrescentar:

— Os seqüestradores têm tudo sob controle, não há 57

incidentes no avião. Assim que pousar, começaremos a negociar, cobraremos todos os favores que prestamos, tudo acabará bem. Creio que eles nem mesmo sabiam que Theresa se encontrava no avião.

— Arthur Wix e Otto Gray estão vindo para cá —

disse Christian. — E também a CIA, o Departamento de Defesa e a vice-presidente. Estarão à sua espera na Sala do Gabinete dentro de meia hora.

— Está certo. — Kennedy fez um esforço para manter o controle. — Há alguma ligação?

Ele percebeu que Christian não ficou surpreso, mas que Dazzy não entendera.

— Entre o Papa e o seqüestro — explicou Kennedy, Como nenhum dos dois respondesse, ele acrescentou: —

Esperem por mim na Sala do Gabinete, Quero ficar a sós por um momento.

Os dois se retiraram.

O próprio Kennedy era quase invulnerável a assassinos, mas sempre soubera que nunca poderia proporcionar uma proteção total à filha. Ela era muito independente, jamais permitiria restrições à sua vida. E

não parecia um perigo mais sério. Ele não podia se lembrar de qualquer atentado à filha de um chefe de estado. Era uma péssima ação política e as piores relações públicas para qualquer organização terrorista ou revolucionária.

Depois da posse do pai, Theresa seguira seu próprio caminho, emprestando seu nome a grupos radicais e feministas, ao mesmo tempo em que declarava que sua posição na vida era diferente da posição do pai. Ele nunca tentara persuadi-la a agir de modo diferente, a apresentar ao público uma falsa imagem de si mesma. Bastava que ele a amasse. E quando Theresa visitava a Casa Branca, para uma permanência, os dois sempre se divertiam juntos, discutindo política, dissecando os meandros do poder.

A imprensa republicana conservadora e os

vergonhosos tablóides sempre a vigiavam, na esperança 58

de prejudicar o presidente. Theresa fora fotografada marchando com as feministas, em manifestações contra as armas nucleares e uma ocasião até defendendo uma pátria para os palestinos. O que sem dúvida inspiraria agora comentários irônicos nos jornais.

Por mais estranho que pudesse parecer, o público americano reagia a Theresa Kennedy com afeição, mesmo ao saber que ela estava vivendo com um radical italiano em Roma. Apareceram fotografias dos dois passeando pelas velhas ruas de pedra, beijando-se, de mãos dadas; fotografias da varanda do apartamento que partilhavam. O

jovem amante italiano era bonito; Theresa era atraente em sua lourice, com a leitosa pele irlandesa e os olhos azuis lustrosos dos Kennedys. E seu corpo Kennedy, bastante esguio, envolto por roupas italianas informais, tornava-a tão cativante que as legendas por baixo das fotografias eram desprovidas de veneno.

Uma fotografia sua, protegendo o jovem amante italiano dos cassetetes da polícia italiana, ressuscitara sentimentos há muito sepultados nos americanos mais velhos, lembranças daquele dia terrível em Dálias.

Ela era uma heroína espirituosa. Durante a campanha, fora acuada por repórteres de TV, que lhe perguntaram:

— Concorda com seu pai politicamente?

Se ela respondesse “sim”, pareceria uma hipócrita ou uma criança manipulada por um pai sedento de poder. Se respondesse “não”, as manchetes ressaltariam que nem mesmo a filha apoiava Kennedy na disputa pela presidência. Mas ela demonstrara o gênio político dos Kennedys ao responder, abraçando o pai:

— Claro, ele é meu pai. E sei que é um homem de bem. Mas se fizer alguma coisa que não me agrada, gritarei com ele, exatamente como vocês repórteres fazem.

A declaração foi divulgada para todo o país pela televisão. O pai amara-a ainda mais por isso. E agora ela corria um perigo mortal.

Se ao menos ela permanecesse mais perto dele, se ao 59

menos fosse uma filha mais amorosa e vivesse em sua companhia na Casa Branca, se fosse menos radical, nada daquilo estaria acontecendo. E por que ela precisava ter um amante estrangeiro, um estudante radical que talvez tivesse fornecido informações cruciais ao seqüestrador?

E, depois, Kennedy riu de si mesmo. Sentia a exasperação de um pai que queria resguardar a filha de problemas.

Amava-a e haveria de salvá-la. Pelo menos aquilo era uma coisa contra a qual poderia lutar, não como a longa e dolorosa morte de sua mulher.

Agora Eugene Dazzy apareceu e disse-lhe que estava na hora. Esperavam-no na Sala do Gabinete.

Todos se levantaram quando Kennedy entrou. Ele gesticulou no mesmo instante para que sentassem, mas todos o cercaram para oferecer seu apoio. Kennedy encaminhou-se para a cabeceira da comprida mesa oval e sentou na cadeira perto da lareira.

Dois lustres de luz branca clareavam o marrom da mesa, faziam faiscar o preto das cadeiras de couro, seis em cada lado da mesa, com mais cadeiras encostadas na parede do outro lado. Ao lado das duas janelas que se abriam para o Jardim das Rosas havia duas bandeiras, a listrada dos Estados Unidos e a bandeira do presidente, um campo azul-escuro com estrelas claras.

Os assessores de Kennedy ocuparam lugares perto dele, pondo suas pastas em cima da mesa oval. Mais além sentaram os membros do Gabinete e o comandante do estado-maior das forças armadas, um general do exército de uniforme, sua cor se destacando no grupo

sombriamente vestido. A Vice-Presidente Du Pray ocupou a outra extremidade da mesa, longe de Kennedy, a única mulher na sala. Usava um elegante costume azul-escuro, com uma blusa de seda. O rosto bonito exibia uma expressão firme e compenetrada. A fragrância do Jardim das Rosas impregnava a saia, passando pelas grossas cortinas que cobriam as portas de vidro. Por baixo das cortinas, o tapete água-marinha refletia uma claridade 60

esverdeada para a sala.

Foi o diretor da CIA, Theodoro Tappey, quem deu as informações. Tappey, que já fora diretor do FBI, não era empolado nem tinha ambições políticas. E nunca ultrapassara os regulamentos da CIA com planos arriscados, ilegais ou de expansão de seu poder. Tinha muito crédito com a assessoria pessoal de Kennedy, em particular com Christian Klee.

— Nas poucas horas que tivemos, conseguimos obter algumas informações concretas — disse Tappey. — O

assassinato do Papa foi cometido por um grupo só de italianos. O seqüestro do avião de Theresa foi realizado por um grupo misto, liderado por um árabe que atende pelo nome de Yabril. O fato dos dois incidentes terem ocorrido no mesmo dia e se originado na mesma cidade parece coincidência. Algo de que, é claro, sempre devemos desconfiar.

Kennedy interveio, suavemente:

— Neste momento, o assassinato do Papa não é primário. Nossa maior preocupação é o seqüestro. Eles já fizeram exigências?

Tappey respondeu com firmeza e presteza:

— Não. O que é uma estranha circunstância, por si mesma.

— Acione os seus contatos para negociações e me informe pessoalmente a cada passo. — Kennedy virou-se para seu secretário de estado. — Que países nos ajudarão?

— Todos... os outros Estados árabes estão horrorizados, detestam a idéia de sua filha ser mantida como refém. Ofende o senso de honra deles, e também pensam em seu antigo costume da inimizade de sangue.

Estão convencidos de que nada de bom poderá resultar do seqüestro para eles. A França mantém boas relações com o sultão. Ofereceram enviar observadores para nós. A Inglaterra e Israel não podem ajudar... os árabes não confiam neles. Mas até os seqüestradores apresentarem suas exigências, estamos numa espécie de limbo.

61

Kennedy olhou para Christian Klee.

— Chris, o que você acha do fato de ainda não terem apresentado exigências?

— Talvez seja cedo demais. Ou então eles têm outro trunfo para jogar.

A Sala do Gabinete foi dominada por um lúgubre silêncio; contra o preto das muitas cadeiras altas, os pontos de luz branca nas paredes transformavam a pele das pessoas num cinza muito claro. Kennedy esperou que falassem, todos eles, e fechou a mente quando formularam as opções, a ameaça de sanções, a ameaça de um bloqueio naval, o congelamento dos bens de Sherhaben nos Estados Unidos — a expectativa de que os seqüestradores prolongariam as negociações interminavelmente, a fim de aproveitar ao máximo o tempo de TV e o noticiário dos jornais no mundo inteiro.

Depois de algum tempo, Kennedy virou-se para Oddblood Gray e disse abruptamente:

— Marque uma reunião com os líderes partidários no Congresso e os presidentes dos comitês relevantes, comigo e minha assessoria.

Ele virou-se em seguida para Arthur Wix:

— Ponha o seu pessoal de segurança nacional para elaborar planos, caso isto se expanda.

O presidente levantou-se para ir embora e acrescentou, dirigindo-se a todos:

— Senhores, devo lhes dizer que não acredito em coincidências. Não acredito que o Papa da Igreja Católica Romana possa ser assassinado no mesmo dia e na mesma cidade em que a filha do Presidente dos Estados Unidos é seqüestrada.

Adam Gresse e Henry Tibbot encararam o Domingo de Páscoa como um dia de trabalho. Não em projetos científicos, mas na remoção de todos os vestígios de seu crime. Em seu apartamento, juntaram todos os jornais velhos a que haviam recortado as letras para compor a mensagem. Passaram o aspirador por toda parte, a fim de

remover os menores fragmentos de aparas de papel cortado. Até se livraram da tesoura e da cola. Lavaram as paredes E depois foram para sua oficina na universidade, a fim de se livrarem de todos os instrumentos e equipamentos usados na fabricação de sua bomba. Não lhes ocorreu ligar a televisão, até que a tarefa estivesse concluída. Quando souberam do assassinato do Papa e do seqüestro da filha do presidente, trocaram um olhar e sorriram; e Adam Gresse comentou:

— Henry, acho que nossa hora chegou.

Foi um longo Domingo de Páscoa. A Casa Branca estava repleta com o pessoal dos diferentes comitês de ação formados pela CIA, exército, marinha e Departamento de Estado. Todos concordavam que o fato mais desconcertante era que os terroristas ainda não haviam apresentado suas exigências para libertar os reféns.

Lá fora, as ruas estavam congestionadas pelo tráfego.

Repórteres de jornais e TV corriam para Washington. Os funcionários da assessoria especial haviam sido chamados para trabalhar, apesar da Páscoa. E Christian Klee determinara que mil homens extras do Serviço Secreto e do FBI reforçassem a segurança da Casa Branca.

O movimento telefônico na Casa Branca aumentou em volume. Reinava a maior confusão, pessoas corriam de um lado para outro, na Casa Branca e no anexo do executivo. Eugene Dazzy tentava manter tudo sob controle.

O resto do domingo na Casa Branca foi ocupado com informações constantes transmitidas a Kennedy da Sala de Comando, em longas e solenes reuniões em que eram estudadas todas as opções, em conversas telefônicas entre os chefes de outros estados e membros do Gabinete dos Estados Unidos.

Ao final da noite de domingo, a assessoria pessoal do presidente jantou com ele, todos se preparando para o dia seguinte. Controlavam o noticiário da TV, que era 63

contínuo.

Kennedy decidiu finalmente ir para a cama. Tinha certeza de que sua assessoria se manteria em vigília durante a noite e o acordaria em caso de necessidade. Um agente do Serviço Secreto seguiu na frente, quando Kennedy subiu a pequena escada que levava a seus aposentos, no quarto andar. Outro agente subiu em sua esteira. Ambos sabiam que o presidente detestava andar nos elevadores da Casa Branca.

O topo da escada abria-se para um salão, em que havia uma mesa de comunicações e mais dois homens do Serviço Secreto. Depois de passar por esse salão, Kennedy entrava em seus aposentos, em que ficavam apenas os seus criados pessoais; uma moça, o mordomo e o valete, cuja função era cuidar de seu amplo guarda-roupa.

O que Kennedy não sabia era que até mesmo esses criados pessoais pertenciam ao Serviço Secreto. Christian Klee é que determinara esse esquema. Era parte de seu plano geral para manter o presidente a salvo de qualquer atentado, parte do complexo escudo que Christian erguera em torno de Francis Kennedy.

Ao assumir o comando do sistema de segurança, Christian explicara ao pelotão especial de homens e mulheres do Serviço Secreto:

— Vocês serão os melhores criados pessoais do mundo, e poderão sair daqui e conseguir um emprego no Palácio de Buckingham. Já sabem que seu primeiro dever é se colocarem na frente de quaisquer balas disparadas contra o presidente. Mas também terão o dever de tornar mais confortável a vida particular do presidente.

O chefe do pelotão especial era o valete de serviço naquela noite. Ostensivamente, ele era um camareiro negro da marinha, com o posto de suboficial. Na verdade, ele ocupava um dos postos mais elevados no Serviço Secreto e era excepcionalmente bem-treinado em combate corpo a corpo. Era um atleta natural e disputara o campeonato principal da liga universitária de futebol americano. E seu QI era de 160. Também tinha um senso de humor, o que lhe 64

proporcionava satisfação especial em se tornar o criado perfeito.

Agora, Jefferson ajudou Kennedy a tirar o paletó e pendurou-o com todo cuidado. Entregou a Kennedy um chambre de seda, pois já sabia que o presidente não gosta que o ajudasse a vesti-lo. Quando Kennedy foi para o pequeno bar na sala de estar da suíte, Jefferson já se encontrava lá, preparando uma vodca com tônica e gelo.

E Jefferson comunicou pouco depois:

— Senhor Presidente, seu banho já está pronto.

Kennedy fitou-o com um sorriso. Jefferson era bom demais para ser verdade.

— Por favor, Jefferson, desligue todos os telefones.

Você pode me acordar pessoalmente, se for necessário.

Ele ficou no banho quente por quase meia hora. Os jatos da banheira esguichavam em suas costas e coxas, aliviando o cansaço dos músculos. A água tinha uma agradável fragrância masculina, e na prateleira em torno da banheira havia um amplo sortimento de sabonetes, linimentos e revistas. Havia até mesmo uma cesta de plástico com uma pilha de memorandos.

Ao sair do banho, Kennedy vestiu um roupão branco felpudo, que tinha um monograma em vermelho, branco e azul, dizendo O CHEFE. Era um presente do próprio Jefferson, que o julgara de acordo com o papel que representava. Francis Kennedy esfregou o corpo branco, quase sem pelos, com o próprio roupão, a fim de se enxugar. Sempre fora insatisfeito com a palidez de sua pele e a ausência de pelos no corpo.

.Jefferson fechara as cortinas do quarto e acendera a luz de leitura. Também puxara as cobertas. Havia uma mesinha com tampo de mármore, equipada com rodinhas, e uma poltrona confortável. A mesinha estava coberta por uma toalha bordada rosa-claro, havendo por cima um jarro azul-escuro com chocolate quente. O chocolate era sempre despejado numa xícara azul-celeste. Havia também uma travessa pintada contendo seis variedades de biscoitos. Um pote branco continha manteiga sem sal e quatro potes diferentes ofereciam geléias diferentes: verde 65

para maçã, azul para framboesa, amarelo para marmelada e vermelho para morango.

— Está ótimo — disse Kennedy.

Jefferson se retirou. Por algum motivo, pensou Kennedy, aquelas pequenas atenções o confortavam mais do que deveriam. Ele sentou na poltrona e tomou o chocolate, tentou comer um biscoito e não conseguiu.

Empurrou a mesinha para longe e deitou. Tentou ler de uma pilha de memorandos, mas sentiu-se cansado demais.

Apagou a luz e tentou dormir.

Mas através das cortinas, que abafavam os sons, ainda podia ouvir um pouco do imenso ruído lá fora, com representantes dos meios de comunicação do mundo inteiro se concentrando diante da Casa Branca para uma vigília de 24 horas por dia. Haveria dezenas de veículos, com as câmeras e equipes de TV. E um batalhão de fuzileiros fora chamado para aumentar a segurança.

Francis Kennedy sentia o profundo presságio que só lhe surgira antes uma vez, em toda a sua vida. E se permitiu pensar na filha, Theresa. Ela dormia naquele avião, cercada por assassinos. E não era uma questão de azar. O destino lhe proporcionara muitos presságios. Dois tios haviam sido assassinados quando ele era pequeno. E

pouco mais de três anos antes a mulher, Catherine, morrera de câncer.

A primeira grande derrota na vida de Francis Kennedy ocorrera quando Catherine Kennedy descobrira um caroço no seio, seis meses antes de o marido ganhar a convenção partidária para disputar a presidência. Depois do diagnóstico de câncer, Kennedy propusera se retirar do processo político, mas ela o proibira, dizendo que queria

viver na Casa Branca. Haveria de se recuperar, dissera ela, e o marido nunca duvidara. A princípio se preocupara com a possibilidade de Catherine perder o seio e consultara cancerologistas do mundo inteiro sobre as perspectivas de uma operação que removesse apenas o tumor canceroso. Um dos maiores especialistas em câncer dos Estados Unidos examinara o caso de Catherine e 66

recomendara a remoção do seio. Francis Kennedy jamais esquecerá suas palavras:

— É um tipo de câncer extremamente agressivo.

Ela estava fazendo quimioterapia quando ele conquistara em julho a indicação democrata para concorrer à presidência. E se encontrava num processo de remissão. Engordara, o esqueleto se escondia por trás de uma parede de carne.

Descansava muito, não podia sair de casa, mas estava sempre de pé para recebê-lo quando ele chegava. Theresa voltara à faculdade, Kennedy continuara a campanha.

Mas organizara seu programa de maneira a poder voar de volta para casa, a intervalos de poucos dias, a fim de estar com Catherine. A cada vez que ele voltava Catherine parecia mais forte, e aqueles dias foram maravilhosos, nunca haviam se amado tanto. Ele levava presentes; ela tricotava luvas e agasalhos.

Uma ocasião ela dera um dia de folga às

enfermeiras e criadas, a fim de poder ficar a sós com o marido na casa, desfrutarem o jantar simples que ela preparara. Catherine estava se recuperando. Fora o momento mais feliz na vida de Francis Kennedy, nada poderia se comparar àquelas poucas horas. Ele derramara lágrimas de pura alegria, sem angústia, sem medo. Na manhã seguinte saíram para um passeio pelas colinas verdes em torno da casa, o braço de Catherine estendido pela cintura do marido. Ela sempre fora vaidosa com sua aparência, preocupada em

ajustar os vestidos novos, os maiôs, em esconder a dobra extra de pele sob o queixo. Mas agora tentava engordar. Kennedy pudera sentir cada osso do corpo da mulher, enquanto passeavam, enlaçados. Ao voltarem, ele próprio preparara o desjejum e Catherine comera vorazmente, mais do que o marido podia se lembrar de em qualquer outra ocasião.

Sua recuperação proporcionara a Kennedy a energia para se elevar no auge de sua capacidade, enquanto prosseguia na campanha para a presidência. Levava de roldão tudo o que surgia à sua frente, tudo era maleável, a 67

ser moldado por seu destino afortunado. Seu corpo gerava uma enorme energia, a mente operava com uma precisão extraordinária.

E de repente, numa de suas viagens para casa, ele mergulhara no inferno. Catherine se achava mal outra vez, não estava de pé para recebê-lo. E todos os talentos e forças de Francis Kennedy de nada adiantavam.

Catherine fora a esposa perfeita para ele. Não que fosse uma mulher extraordinária, mas era uma dessas mulheres que parecem quase geneticamente dotadas para a arte do amor. Ela tinha o que parecia ser uma ternura natural, um temperamento excepcional. O marido nunca a ouvira dizer uma única palavra ruim sobre qualquer pessoa; ela perdoava os defeitos dos outros, nunca se sentia desfeiteada ou insultada. E nunca acalentava ressentimentos.

Era agradável sob todos os aspectos. Possuía um corpo esguio, o rosto apresentava uma beleza tranqüila, que inspirava afeição em quase todos. Tinha uma fraqueza, é claro: adorava roupas bonitas e era um pouco vaidosa. Mas permitia que os outros zombassem disso.

Era espirituosa, sem ser insultuosa ou mordaz. Nunca ficava deprimida. Era instruída, trabalhara como jornalista antes de casar, e tinha outros talentos. Era uma magnífica pianista amadora; pintava

como um *hobby*. Criara bem a filha e as duas se amavam; era compreensiva com o marido e nunca sentia ciúme de suas realizações. Era um desses acidentes raros, um ser humano contente e feliz.

Chegara o dia em que o médico procurara Francis Kennedy no corredor do hospital e lhe dissera, de uma maneira franca e brutal, que sua esposa devia morrer. O

médico explicara. Havia buracos nos ossos de Catherine Kennedy, seu esqueleto podia ruir. Havia tumores no cérebro, pequenos agora, mas a expansão era inevitável. E

o sangue, inexoravelmente, produzia venenos para acarretar sua morte.

Francis Kennedy não fora capaz de dizer isso à esposa. E não pudera dizer porque não conseguia

acreditar. Recorrera a todos os seus recursos, entrara em contato com todos os seus amigos poderosos, até mesmo consultara o Oráculo. Havia uma esperança. Em centros médicos espalhados por todos os Estados Unidos realizavam-se pesquisas, testando-se novas e perigosas drogas, programas experimentais disponíveis apenas aos que haviam sido proclamados condenados. E havia tantos condenados que cada programa tinha pelo menos cem voluntários.

E assim, Francis Kennedy cometeu o que

normalmente considerava um ato imoral. Usou todo o seu poder para incluir a esposa num desses programas de pesquisa; recorreu a todo o seu prestígio para que a esposa pudesse receber em seu corpo aqueles venenos letais, mas que também podiam preservar-lhe a vida. E conseguiu.

Passou a sentir uma nova confiança. Algumas pessoas saíram curadas desses centros de pesquisa. Por que não sua mulher? Por

que não podia salvá-la? Triunfara durante toda a sua vida, tornaria a vencer agora.

E começou então um reinado de trevas. A

princípio, foi um programa de pesquisas em Houston.

Ele internou Catherine num hospital ali, permaneceu a seu lado durante o tratamento, que a enfraqueceu tanto que ela ficou irremediavelmente acamada. Ela obrigou-o a deixá-la ali e continuar a campanha presidencial.

Ele voou de Houston para Los Angeles, a fim de fazer discursos da campanha, confiantes, espirituosos, animados. Voou de volta a Houston de madrugada, a fim de passar algumas horas em companhia da esposa.

E tornou a voar para a próxima escala na campanha, assumindo o papel de estadista.

O tratamento em Houston fracassou. Em Boston, removeram o tumor do cérebro de Catherine, com êxito, embora se verificasse que era maligno. E também eram malignos os novos tumores em seus pulmões. As radiografias indicavam que os buracos nos ossos eram maiores. Em outro hospital de Boston, novas drogas e novos tratamentos fizeram milagres. O novo tumor no cérebro parou de crescer, os tumores no seio restante 69

regrediram. Todas as noites, Francis Kennedy voava da cidade em que estivera em campanha para passar algumas horas com a esposa, lia para ela, gracejava. Às vezes Theresa voava da escola em Los Angeles para visitar a mãe. Pai e filha jantavam juntos e depois visitavam a paciente em seu quarto no hospital, ficavam sentados no escuro, em sua companhia. Theresa contava histórias engraçadas, suas aventuras na escola; Francis relatava suas aventuras na campanha para a presidência. E

Catherine ria.

Kennedy tornou a propor o abandono da campanha para passar o tempo todo ao lado da esposa. E Theresa queria deixar a escola para ficar permanentemente com a mãe. Mas Catherine disse-lhes não, não admitiria que fizessem isso. Ela poderia ficar doente por muito tempo.

E eles deviam continuar suas vidas. Só isso podia lhe proporcionar esperança, só isso lhe daria forças para suportar a tortura. Nesse ponto, mostrou-se inflexível.

Ameaçou deixar o hospital e voltar para casa se os dois não prosseguissem como se tudo estivesse normal.

Francis, nas longas viagens noturnas para sua cabeceira, só podia admirar a tenacidade da mulher.

Catherine, o corpo cheio de veneno químico para combater os venenos de seu próprio corpo, apegava-se com todo empenho à convicção de que acabaria se recuperando e que as duas pessoas que mais amava no mundo não seriam arrastadas para o fundo com ela.

E, finalmente, o pesadelo parecia chegar ao fim. Ela se achava outra vez em remissão. Francis podia levá-la para casa. Haviam passado pelos mais diversos pontos dos Estados Unidos; Catherine estivera em sete hospitais diferentes, submetendo-se a tratamentos experimentais, o grande fluxo de substâncias químicas parecia ter funcionado. Francis experimentava uma exultação intensa: triunfara mais uma vez. Levou a esposa para casa, em Los Angeles. Uma noite, ele, Catherine e Theresa saíram para jantar, antes da retomada da campanha eleitoral. Era uma linda noite de verão, o ar fragrante da Califórnia os acariciava. Houve um estranho 70

momento. Um garçom derramou uma gota de molho de um prato na manga do vestido novo de Catherine. Ela desatou a chorar e

perguntou, soluçando, depois que o garçom se afastou:

— Por que ele tinha de fazer isso comigo?

Era uma reação tão insólita — em ocasiões anteriores, ela descartaria um incidente assim com uma risada — que Francis Kennedy sentiu um estranho presságio. Catherine passara pela tortura de todas aquelas operações, a remoção do seio a extirpação no cérebro, a dor dos tumores crescentes e nunca chorara nem se queixara. E agora, era evidente, aquela mancha na manga parecia comprimir seu coração. Catherine ficou desconsolada.

No dia seguinte Kennedy tinha de voar para comícios Nova York. Pela manhã, Catherine preparou o desjejum.

Estava radiante, sua beleza parecia maior do que nunca.

Todos os jornais divulgavam pesquisas, indicando que Kennedy estava na frente. Catherine leu-as em voz alta e comentou:

— Oh, Francis, vamos viver mesmo na Casa

Branca! Terei a minha própria equipe. E Theresa poderá levar os amigos para passar os fins de semana e férias. Pense só como seremos felizes. E não voltarei a ficar doente. Prometo. Você fará grandes coisas, Francis, tenho certeza.

Ela abraçou-o e chorou de felicidade e amor.

— Vou ajudá-lo, Francis. Passearemos juntos por todos aqueles cômodos e eu o ajudarei a fazer seus planos. Você será o maior de todos os presidentes. Vou ficar boa, querido, e terei muito o que fazer. Seremos muito felizes. Temos muita sorte, não é?

Ela morreu no outono, a claridade de outubro tornou-se sua mortalha. Francis Kennedy ficou parado entre as colinas verdes e chorou. Árvores prateadas velavam no horizonte, e na agonia

atordoada ele fechou os olhos, tapou-os com as mãos, a fim de excluir o mundo. Foi 71

nesse instante sem luz que ele sentiu romper a essência de sua mente.

Alguma célula inestimável de energia escapou. Era a primeira vez em sua vida que sua inteligência extraordinária não valia coisa alguma. Sua riqueza nada significava. Seu poder político e posição no mundo nada significavam. Não fora capaz de salvar a esposa da morte.

E, portanto tudo se tornava nada.

Ele retirou as mãos dos olhos e lutou contra o nada com um supremo esforço da vontade. Reuniu o que restava de seu mundo, convocou todas as forças para lutar contra o sofrimento. Faltava menos de um mês para a eleição e ele fez o esforço final.

Entrou na Casa Branca sem a esposa, apenas com a filha, Theresa. E Theresa tentou se mostrar feliz, mas chorou durante toda aquela primeira noite porque a mãe não se encontrava com eles.

E agora, três anos depois da morte da esposa, Francis Kennedy, Presidente dos Estados Unidos, um dos homens mais poderosos do mundo, estava sozinho em sua cama, apreensivo pela vida da filha, incapaz de dormir.

O sono inviável, ele tentou repelir o terror que o impedia de dormir. Disse a si mesmo que os seqüestradores não se atreveriam a fazer mal a Theresa, que a filha voltaria para casa sã e salva. Nessa questão não se achava impotente — não precisava confiar nos fracos e falíveis deuses da medicina, não tinha de enfrentar as invencíveis células cancerosas. Nada disso.

Poderia salvar a vida da filha. Poderia recorrer a todo o poderio de seu país, empenhar sua autoridade. Tudo estava em suas mãos e,

graças a Deus, não tinha escrúpulos políticos. A filha era a única coisa que restava neste mundo que ele amava de verdade. E haveria de salvá-la.

Mas depois a ansiedade, uma onda de tanto medo que seu coração pareceu parar, levou-o a acender a luz por cima da cabeça. Levantou-se e foi sentar na poltrona.

Puxou a mesinha de tampo de mármore e tomou o resto 72

de chocolate frio na xícara.

Estava convencido de que o avião fora seqüestrado porque sua filha se encontrava nele. O seqüestro fora possível por causa da vulnerabilidade da autoridade instituída a uns poucos terroristas determinados, implacáveis e talvez arrogantes. E fora inspirado pelo fato de que ele, Francis Kennedy, Presidente dos Estados Unidos, era o símbolo proeminente dessa autoridade. Por seu desejo de ser Presidente dos Estados Unidos, ele, Francis Kennedy, era responsável por lançar a filha numa situação de perigo.

Ele tornou a ouvir as palavras do médico: "É um tipo de câncer extremamente agressivo." Mas agora compreendia plenamente as implicações. Tudo era mais perigoso do que parecia. Aquela era uma noite em que deveria planejar, defender; tinha o poder de alterar o destino. O sono nunca chegaria aos compartimentos de seu cérebro, repletos de minas.

Qual fora o seu desejo? Levar o nome Kennedy a um destino vitorioso? Mas era apenas um primo. Lembrava do tio-avô, Joseph Kennedy, lendário conquistador de mulheres, um homem que acumulara muito ouro, uma mente perceptiva para o momento, mas cega para o futuro.

Lembrava afetuosamente do Velho Joe, embora tivesse certeza de que ele seria um adversário político de Francis Kennedy, se estivesse vivo hoje. O Velho Joe dera moedas de ouro a Francis em seus

primeiros aniversários e instituíra um fundo de investimentos para ele. Levava uma vida egocêntrica, trepando com estrelas de Hollywood, projetando os filhos o mais alto possível. Não importava que tivesse sido um dinossauro político. E que fim trágico.

Uma vida afortunada até o último capítulo: o assassinato de dois filhos, tão jovens, tão proeminentes. O velho derrotado, um derrame final explodindo seu cérebro.

Tornar o filho Presidente dos Estados Unidos — um pai poderia ter alegria maior? E o velho fazedor de reis sacrificara os filhos por nada? Os deuses haviam-no punido não tanto por seu orgulho, mas por seu prazer? Ou tudo não passara de um acidente? Os filhos Jack e Robert, 73

tão ricos, tão bonitos, tão talentosos, mortos por pessoas impotentes que inscreviam seus nomes na história pelo assassinato dos que lhe eram superiores. Não, não podia haver nenhum propósito, era tudo obra do acaso. Tantas coisas pequenas podiam alterar o destino, precauções mínimas reverter o curso de tragédia...

E, no entanto... no entanto, havia aquele estranho sentimento de tragédia. Por que a ligação entre o assassinato do Papa e o seqüestro da filha do Presidente dos Estados Unidos? Por que a demora em apresentar as exigências? Que outros caminhos haveria no labirinto? E

tudo aquilo de um homem de que ele nunca ouvira falar, um misterioso árabe chamado Yabril, e um jovem italiano chamado, em desdenhosa ironia, Romeu.

Na escuridão, ele sentiu-se apavorado com a maneira pela qual tudo poderia terminar. Sentiu a raiva familiar, sempre reprimida, o temor. Recordou os dias angustiantes em que ouvira os primeiros sussurros de que o tio Jack morrera, e o choro longo e desesperado de sua mãe.

Depois, misericordiosamente, os compartimentos do cérebro se abriram, as lembranças escaparam. E ele adormeceu na poltrona.

74

CAPÍTULO

3

O MEMBRO MAIS INFLUENTE da assessoria presidencial era o procurador-geral. Christian Klee nascera numa família rica, que remontava aos primeiros dias da república. Seus fundos de investimentos valiam agora mais de cem milhões de dólares, graças à orientação e conselhos do padrinho, o Oráculo, Oliver Oliphant.

Jamais desejara muita coisa, e houvera um tempo em que não queria nada. Tinha muita inteligência e energia para se tornar outro rico ocioso, investindo em filmes, perseguindo mulheres, abusando das drogas e álcool, ou se lançando numa religiosidade desvirtuada. Dois homens, o Oráculo e Francis Xavier Kennedy, persuadiram-no a ingressar na política.

Christian conhecera Kennedy em Harvard, não como colegas, mas como professor e aluno. Kennedy era o mais jovem professor que já passara pela Faculdade de Direito de Harvard. Na casa dos vinte anos, era um jovem prodígio. Christian ainda se lembrava de sua aula inaugural. Kennedy começara com as seguintes palavras: Todos conhecem ou já ouviram falar da majestade da lei. É o poder do estado de controlar a organização 75

política existente que permite que haja a civilização. É a verdade. Sem o domínio da lei, estamos todos perdidos.

Mas não se esqueçam também de uma coisa: a lei é cheia de merda.

Ele fizera uma pausa, sorrindo para a audiência.

— Posso contornar qualquer lei que vocês

conseguirem escrever. A lei pode ser distorcida para servir a uma civilização iníqua. Os ricos podem escapar à lei, e às vezes até os pobres têm sorte. Alguns advogados tratam a lei da maneira como

cafetões tratam suas mulheres. Juízes vendem a lei, os tribunais a traem. Tudo isso é verdade. Mas lembrem-se de que não temos nada melhor que funcione. Não há nenhum outro meio pelo qual possamos fazer um contrato social com os nossos semelhantes.

Ao formar-se na Faculdade de Direito de Harvard, Christian Klee não tinha a menor idéia do que fazer com sua vida. Nada o interessava. Valia milhões de dólares, mas não se interessava por dinheiro, também não tinha um interesse profundo pelo direito. E possuía o romantismo normal de um jovem.

As mulheres gostavam dele. Tinha uma beleza um pouco maculada — isto é, feições clássicas, apenas um pouco distorcidas. Um Dr. Jekyll começando a se transformar em Mr. Hyde, mas só se notava quando ele se irritava. Possuía a cortesia requintada que o aristocrata rico obtém nos primeiros anos de escola. Apesar disso, impunha um respeito instintivo aos outros homens, por causa de seus talentos extraordinários. Era o punho de ferro na luva de veludo de Kennedy, mas tinha inteligência e cortesia para manter isso oculto do público.

Gostava das mulheres, tivera breves ligações, mas não era capaz de acalantar o sentimento de total convicção no amor que leva a um romance apaixonado. Procurava desesperadamente por algo em que empenhar sua vida.

Interessava-se pelas artes, mas não possuía impulso criativo, não tinha talento para a pintura, música ou literatura. Sentia-se paralisado pela segurança que desfrutava na sociedade. Não era tanto infeliz, mas sim 76

aturdido.

Experimentara as drogas, é claro, por um breve período; afinal, eram parte integrante da cultura americana, como acontecera outrora no império chinês. E

pela primeira vez descobrira uma coisa surpreendente em relação a si mesmo. Não podia suportar a perda de controle que as drogas acarretavam. Não se importava de ser infeliz, contanto que mantivesse o controle de sua mente e corpo. A perda desse controle era o máximo de desespero. E as drogas nem sequer o levaram a sentir o êxtase que outras pessoas experimentavam. Assim, aos 22

anos, com o mundo a seus pés, ele não era capaz de sentir que alguma coisa valia a pena. Nem mesmo tinha o que muitos jovens sentiam, um desejo de melhorar o mundo em que vivia.

Consultara o padrinho, o Oráculo, então um “jovem”

de 75 anos, que ainda sentia um apetite extraordinário pela vida, que mantinha três amantes ocupadas, que se envolvia em todos os negócios e conferenciava com o Presidente dos Estados Unidos pelo menos uma vez por semana. O Oráculo conhecia o segredo da vida.

— Escolha a coisa mais inútil para fazer e faça-a durante alguns anos — dissera o Oráculo. — Algo que nunca pensaria em fazer, que não tem o menor desejo de fazer. Mas que seja algo que o melhore, pelo menos em termos físicos e mentais. Aprenda uma parte do mundo que acha que nunca será parte de sua vida. Não esbanje o seu tempo. Aprenda. Foi assim que entrei na política. E isso surpreendeu meus amigos, eu não tinha realmente um interesse por dinheiro. Faça algo que deteste. Em três ou quatro anos mais coisas serão possíveis, e o que é possível torna-se mais atraente.

No dia seguinte Christian matriculara-se em West Point e passou os quatro anos subsequentes estudando para ser um oficial do exército dos Estados Unidos. O

Oráculo ficara espantado a princípio, depois maravilhado.

— É exatamente isso — comentara ele. — Nunca será um soldado. E vai desenvolver um gosto pela negação.

Depois de quatro anos em West Point, Christian permanecera mais quatro no exército, treinando em brigadas especiais de ataque e se tornando eficiente no combate armado e desarmado- O sentimento de que seu corpo podia empenhar qualquer tarefa que lhe exigisse sempre lhe proporcionava um senso de imortalidade.

Deixara o exército aos trinta anos e passara a trabalhar na divisão de operações da CIA. Tornara-se um agente em operações clandestinas e durante os quatro anos seguintes atuara no teatro europeu. De lá, fora para o Oriente Médio, por seis anos, fora subindo na divisão de operações da Agência, até que uma bomba lhe arrancara o pé. Fora outro desafio. Aprendera a usar e controlar uma prótese, um pé artificial, a tal ponto que nem mesmo mancava. Mas isso encerrara sua carreira como agente secreto, e voltara para casa, indo trabalhar num prestigiado escritório de advocacia.

Fora nessa ocasião que se apaixonara pela primeira vez, e casara com uma moça que pensava ser a resposta para todos os seus sonhos juvenis. Ela era inteligente, espirituosa, bonita e ardente. Durante cinco anos ele fora feliz no casamento, feliz como o pai de dois filhos, e encontrara satisfação no labirinto político pelo qual o Oráculo o conduzia. Por fim, pensava ele, era um homem que encontrara seu lugar na vida. E depois o infortúnio. A esposa se apaixonara por outro homem, pedira o divórcio.

Christian ficara atordoado, depois furioso. Ele era feliz; como a esposa podia não ser? E o que a mudara? Ele era amoroso, atendia a todos os desejos da mulher. É

verdade que estava sempre ocupado com o trabalho, desenvolvendo sua carreira. Mas era rico, nada faltava à mulher, Em sua raiva, Christian decidira resistir a todas as exigências da mulher, lutar pela custódia das crianças, negar a casa que ela tanto queria, reduzir as recompensas financeiras concedidas a uma mulher divorciada. Acima

de tudo, ficara espantado ao saber que ela planejava residir na casa com o novo marido. Era uma mansão, não se podia deixar de reconhecer, mas o que dizer das lembranças sagradas da vida que haviam partilhado ali? E ele sempre 78

fora um marido fiel

Christian tornara a procurar o Oráculo, despejara a sua angústia e sofrimento. Para sua surpresa, o Oráculo se mostrara impassível.

— Você foi fiel, mas por que deve pensar que isso faria com que sua mulher também fosse fiel? O que acontece se você não mais a interessa? Claro que é mais natural o homem ser infiel. A infidelidade é a precaução de um homem prudente que sabe que sua mulher pode privá-lo unilateralmente de sua casa e filhos, mesmo assim uma causa moral. Você aceitou o acordo ao casar; agora, deve cumpri-lo.

Depois, o Oráculo rira e acrescentara:

— Sua mulher estava certa ao deixá-lo. Ela viu dentro de você, embora se deva admitir que seu desempenho foi impressionante. Ela sabia que você não era realmente feliz. Mas, acredite, é a melhor coisa que poderia acontecer. Você é agora um homem pronto para assumir sua verdadeira posição na vida. Não tem mais nada para atrapalhá-lo... uma mulher e filhos seriam apenas estorvos. É essencialmente um homem que deve viver para fazer grandes coisas. Sei disso porque eu também era assim. As esposas podem ser perigosas para homens com grande ambição, filhos são uma causa em potencial de tragédia. Use o seu bom senso, o seu preparo como advogado. Dê tudo o que ela quiser, pois será apenas uma redução mínima em sua fortuna. As crianças são pequenas, acabarão esquecendo-se. Pense da seguinte maneira: Agora você está livre. Sua vida será dirigida por você mesmo.

E assim acontecera.

Tarde da noite, no Domingo de Páscoa, o Procurador-Geral Christian Klee deixou a Casa Branca para visitar Oliver Oliphant, a fim de pedir conselhos e também informá-lo que sua festa de cem anos fora adiada pelo Presidente Kennedy.

O Oráculo residia numa propriedade cercada, dispendiosamente guardada; seu sistema de segurança 79

pegara cinco assaltantes no último ano. Contava com muita gente trabalhando na casa, todos bem pagos e com uma pensão generosa, inclusive um barbeiro, um valete, um cozinheiro e varias criadas, pois ainda havia muita gente importante que se aconselhava com o Oráculo e às vezes era preciso oferecer jantares requintados e proporcionar alojamentos.

Christian sentia-se ansioso pelo encontro com o Oráculo. Gostava da companhia do velho, das histórias que ele contava sobre as guerras terríveis nos campos de batalha do dinheiro, as estratégias de homens lidando com pais, mães, esposas e amantes. Ele dizia como se defender contra o governo, de força tão prodigiosa, justiça tão cega, leis tão traiçoeiras, eleições livres tão corrompidas. Não que o Oráculo fosse um cético profissional, era apenas lúcido. E insistia que uma pessoa podia levar uma vida feliz e bem-sucedida no respeito aos valores éticos em que se baseava a verdadeira civilização. O Oráculo podia ser fascinante.

O Oráculo recebeu Christian em sua suíte no segundo andar, formada por um quarto pequeno, um enorme banheiro de ladrilhos azuis que continha uma Jacuzzi e um chuveiro por cima de um banco de mármore, um escritório com uma lareira espetacular, uma biblioteca e uma sala de estar aconchegante, com um sofá e poltronas em cores fortes.

O Oráculo se encontrava na sala de estar, numa cadeira de rodas motorizada, construída de encomenda.

Ao seu lado havia uma mesa, enquanto na frente havia uma poltrona e outra mesa, posta para um chá inglês.

Christian sentou na poltrona, serviu-se de chá e um pequeno sanduíche. Como sempre, Christian ficou satisfeito com a aparência do Oráculo, a intensidade de seu olhar, tão extraordinária em alguém que já vivera cem anos. E parecia lógico a Christian que o Oráculo tivesse passado de um velho feio de 65 anos para o jeito de um ancião centenário. A pele parecia escamosa, assim como a cabeça calva, mostrando manchas de fígado tão escuras quanto nicotina. As mãos de pele de leopardo projetavam-80

se das mangas do terno impecável — a velhice não acabara com sua vaidade. O pescoço, envolto por uma gravata de seda, era também escamoso, cheio de sulcos; as costas largas eram encurvadas. O corpo afilava para uma cintura mínima, que se podia envolver com os dedos; as pernas eram pouco mais que dois fios numa teia de aranha. Mas as feições ainda não haviam sido devastadas pela morte iminente.

Christian serviu o Oráculo e durante os primeiros minutos eles se limitaram a tomar o chá, sorrindo um para o outro. O Oráculo foi o primeiro a falar:

— Presumo que você veio cancelar minha festa de aniversário. Estava assistindo à televisão com minhas secretárias comentei para elas que a festa seria adiada.

A voz tinha o grunhido baixo e rouco de uma laringe gasta.

— É isso mesmo — confirmou Christian. — Mas apenas por um mês. Acha que pode esperar tanto tempo?

Ele estava sorrindo.

— Claro que posso. Essa merda está em todos os canais Siga o meu conselho, garoto, e compre ações das emissoras de TV. Ganharão

fortunas com esta tragédia e todas as tragédias futuras. São os crocodilos de nossa sociedade. — O Oráculo fez uma pausa e depois acrescentou, mais suavemente: — Como seu amado presidente está suportando?

— Admiro aquele homem mais do que nunca. Nunca vi alguém em sua posição se manter mais controlado diante de uma terrível tragédia. Ele está muito mais forte agora do que depois da morte da esposa.

O Oráculo comentou, secamente:

— Quando o pior que pode acontecer acaba lhe acontecendo, e você suporta, então se torna o homem mais forte do mundo. O que, para dizer a verdade, pode não ser uma coisa muito boa.

Ele fez uma pausa para tomar um gole do chá, os lábios lívidos se contraíram numa linha branca, como um arranhão no rosto vincado e manchado de nicotina.

— Se acha que não vai violar seu juramento do cargo 81

nem sua lealdade ao presidente, por que não me conta o que está acontecendo?

Christian sabia que o velho vivia para isso. Estar por dentro do poder.

— Francis está muito preocupado porque os seqüestradores ainda não apresentaram suas exigências.

Afinal, já se passaram dez horas. E ele acha que isso é sinistro.

— E é mesmo.

Os dois ficaram em silêncio por um longo tempo. Os olhos do Oráculo haviam perdido sua vibração, pareciam apagados pelas

bolsas de pele agonizante por baixo.

— Estou muito preocupado com Francis —

acrescentou Christian. — Ele não poderá suportar mais.

Se acontecer alguma coisa com sua filha...

— Haverá uma confrontação muito perigosa.

Lembro de Francis Kennedy quando ele era pequeno.

Mesmo naquele tempo, sempre me impressionou a maneira como ele dominava os primos. Era um herói, ainda menino. Defendia os menores, promovia a paz. E às vezes causava mais danos do que qualquer dos valentões que enfrentava. Os olhos pretos ficavam sombrios em nome da virtude.

O Oráculo fez uma pausa e Christian serviu-lhe mais chá quente, embora a xícara ainda estivesse pela metade.

Sabia que o velho não podia saborear qualquer coisa que não estivesse muito quente ou gelada.

— Qualquer coisa que o presidente me mandar fazer, eu farei — comentou Christian.

Os olhos do Oráculo tornaram-se de repente muito brilhantes e visíveis; e ele disse, pensativo:

— Você se tornou um homem muito perigoso nestes últimos anos, Christian. Mas não tão original assim. Ao longo da história, sempre houve homens, alguns considerados "grandes", que tiveram de escolher entre Deus e seu país. E alguns homens muito religiosos escolheram seu país acima de Deus, acreditando que iriam para o inferno, mas achando que seu gesto era nobre. Mas chegamos a uma época, Christian, em que devemos decidir 82

se damos a vida por nosso país ou se ajudamos a humanidade a continuar a existir. Vivemos numa era nuclear. Essa é a nova e interessante questão, uma questão que nunca antes foi apresentada aos homens, individualmente. Pense nesses termos. Se você ficar do lado de seu presidente, isso acarretará um risco para a humanidade? Não é tão simples como rejeitar Deus.

— Não me importo — declarou Christian, — Sei que Francis é melhor do que o Congresso, o Clube Sócrates e os terroristas.

— Sempre especulei sobre a sua total lealdade a Francis Kennedy. Há algumas intrigas vulgares de que se trata de um relacionamento homossexual. Da sua parte.

Não da dele. O que é estranho, já que você tem mulheres e ele não, desde a morte da esposa, há três anos. Mas por que as pessoas em torno de Kennedy lhe dedicam tanta veneração, quando ele é reconhecido como um idiota político? Todos aqueles projetos reformistas e reguladores que ele tentou enfiar pela goela do Congresso... Pensava que você era mais esperto mas presumo que foi sufocado pelos outros. Ainda assim, sua afeição descomedida por Kennedy é um mistério para mim.

— Ele é o homem que sempre desejei ser. É simples assim.

— Nesse caso, você e eu não seríamos amigos há tanto tempo. Jamais gostei de Francis Kennedy.

— Ele é melhor do que qualquer outro — insistiu Christian. — Conheço-o há mais de vinte anos, e ele é o único político que se mostra honesto com o público, não mente para os eleitores.

— O homem que você descreveu nunca poderia ser Presidente dos Estados Unidos — comentou secamente o Oráculo.

Ele pareceu inflar seu corpo de inseto, as mãos de pele lustrosa mexeram nos controles da cadeira de rodas.

Recostou-se na cadeira. Por cima do terno escuro, camisa branca e gravata azul, o rosto vidrado parecia feito de mogno.

— O charme dele me escapa, mas também nunca nos 83

demos bem. E agora, Christian, quero lhe fazer uma advertência. Todo homem comete muitos erros ao longo de sua vida. Isso é humano, inevitável. O segredo é nunca cometer erros que possam destruí-lo. Tome cuidado com o seu amigo Kennedy, que é tão virtuoso, lembre-se de que o mal pode derivar do desejo de fazer o bem. Tome cuidado.

O Oráculo sacudiu os braços, como se fossem asas de passarinho.

— O caráter não muda — declarou Christian, confiante.

— Muda, sim. O sofrimento muda o caráter. O pesar muda o caráter. O amor e o dinheiro também. E o tempo vai corroendo o caráter. Deixe-me contar uma história.

Aos cinqüenta anos, tive uma amante trinta anos mais jovem do que eu. Ela tinha um irmão mais velho, com cerca de trinta anos. Eu era o mentor dela, como sempre fui com todas as minhas mulheres. Defendia os interesses dela. O irmão era um especulador de Wall Street, um homem negligente, que mais tarde se meteu nas maiores encrencas. Nunca tive ciúme... ela costumava sair com rapazes. Quando ela completou 21 anos, o irmão ofereceu uma festa e, de brincadeira, contratou um homem para fazer um strip-tease, um profissional, na presença dela e das amigas. Foi tudo às claras, eles não fizeram segredo.

Mas sempre fui consciente de minha feiúra, da minha falta de atração física para as mulheres. E por isso me senti afrontado, o que foi indigno de minha parte.

Rompemos, mas continuamos amigos, ela acabou casando, fez carreira. E eu passei para amantes mais jovens. Dez anos depois o

irmão se meteu num problema financeiro, como acontece com muita gente de Wall Street. Informações internas, manipulação ilegal do dinheiro sob seus cuidados. Ele foi condenado a dois anos de prisão e, como não podia deixar de ser, o escândalo liquidou sua carreira.

O velho fez uma pausa, reminiscente.

— A esta altura, eu tinha sessenta anos, e continuava amigo dos dois. Nunca pediram a minha ajuda, não 84

sabiam a extensão do que eu podia fazer. Poderia salvá-lo, mas não levantei um dedo. Deixei que ele se arruinasse. E

dez anos depois ocorreu-me que não ajudara por causa daquela brincadeira idiota, deixar que a irmã visse o corpo de um homem muito mais jovem do que eu. E não foi uma questão de ciúme sexual, mas sim pela afronta ao meu poder, ou o poder que eu pensava que tinha. Tenho me lembrado desse episódio com freqüência. É uma das poucas coisas em minha vida de que me envergonho.

Nunca seria culpado de tal ato aos trinta ou aos setenta anos. Por que então aos sessenta? O caráter muda. Esse é o triunfo do homem, e também sua tragédia.

Christian balançou o conhaque que o Oráculo providenciara. Era delicioso e muito caro. O Oráculo sempre servia o melhor. Christian apreciava, embora pessoalmente nunca fosse capaz de comprar coisas assim; nascido rico, nunca sentia que merecia se tratar tão bem.

— Eu o conheço por toda a minha vida, mais de 45

— e você nunca mudou — disse Christian. — Vai fazer cem anos na próxima semana. E ainda é o grande homem que sempre pensei que era.

O Oráculo sacudiu a cabeça.

— Você me conheceu apenas na velhice, dos sessenta aos cem anos. Isso nada significa. O veneno desapareceu a esta altura, assim como a força para aplicá-lo. Não é vantagem ser virtuoso na velhice, como aquele farsante do Tolstoi sabia.

Ele fez uma pausa, suspirando.

— Mas o que me diz da festa de aniversário? Seu amigo Kennedy jamais gostou realmente de mim. E sei que foi você que pressionou para a festa no Jardim das Rosas da Casa Branca, um grande acontecimento dos meios de comunicação. Ele está aproveitando esta crise para tirar o corpo fora?

— De jeito nenhum — respondeu Christian. — Ele aprecia tudo o que você fez na vida e quer dar a festa.

Você foi e é um grande homem, Oliver. Só peço que espere um pouco. Afinal, o que são uns poucos meses depois dos cem anos?

85

Christian fez uma pausa.

— Mas se preferir, já que não gosta de Francis, podemos esquecer os grandes planos dele para a sua festa de aniversário, a cobertura dos meios de comunicação, seu nome e retrato em todos os jornais e na TV. Sempre posso oferecer uma pequena festa particular imediatamente e acabar com isso.

Ele sorriu para o Oráculo, a fim de mostrar que estava gracejando. Às vezes o velho o tomava literalmente.

— Não, obrigado. Quero ter alguma coisa por que viver. Ou seja, uma festa de aniversário oferecida pelo Presidente dos Estados Unidos. Mas deixe-me dizer que o seu Kennedy é muito astuto. Sabe

que meu nome ainda significa alguma coisa. A Publicidade reforçará sua imagem. Seu Francis Kennedy é tão esperto quanto seu tio Jack. Já Bobby teria me rejeitado.

— Não resta nenhum dos seus contemporâneos, mas seus protegidos estão entre os grandes homens e mulheres do país, e todos se sentem ansiosos em lhe prestar essa homenagem. Inclusive o presidente. Ele não esquece que você o ajudou em sua carreira. E vai até convidar seus colegas no Clube Sócrates, apesar de detestá-los. Será a sua melhor festa de aniversário.

— E a minha última — disse o Oráculo. — E me agarro nela pelas porras das unhas.

Christian riu. O Oráculo nunca dissera palavrões até os noventa anos, mas agora os usava com a mesma inocência de uma criança.

— Isso está acertado — acrescentou o Oráculo. — E

agora deixe-me dizer uma coisa sobre os grandes, Kennedy e eu mesmo inclusive. Eles acabam consumindo a si mesmos e às pessoas que os cercam. Não que eu admita que o seu Kennedy é um grande homem. É

verdade que ele se tornou o Presidente dos Estados Unidos, mas isso não passa de um truque de ilusionista.

Por falar nisso, sabia que no *show business* o mágico é considerado como alguém completamente desprovido de talento artístico?

86

Neste ponto o Oráculo inclinou a cabeça para o lado; a semelhança com uma coruja era espantosa.

— Reconheço que Kennedy não é o político típico

— continuou ele. — É um idealista muito mais inteligente e tem moral, embora eu tenha minhas dúvidas se a austeridade sexual é saudável. Mas todas essas virtudes são uma desvantagem para a grandeza política. Um homem sem vícios? Um veleiro sem vela?

— Desaprova as ações dele — disse Christian. —

Que curso seguiria?

— Isso não é relevante. Durante os seus três anos no cargo ele esteve sempre com o pau meio dentro, meio fora, o que sempre acarreta problemas. — Os olhos do Oráculo ficaram turvos agora. — Espero que isso não interfira com minha festa de aniversário por muito tempo.

Que vida eu tive, hem? Quem teve uma vida melhor do que a minha? Nasci pobre, a fim de poder apreciar a riqueza que ganhei mais tarde. Um homem feio, que aprendeu a cativar e desfrutar as belas mulheres. Um bom cérebro, uma paixão adquirida, por isso mesmo muito melhor do que a genética. Uma enorme energia, o suficiente para me abastecer além da velhice. Uma boa constituição, pois nunca fiquei realmente doente em toda a minha vida. Uma grande vida... e longa! E é justamente esse o problema, talvez um pouco longa demais. Não suporto mais me olhar no espelho, mas também, como eu disse, nunca fui bonito.

Ele fez uma pequena pausa e depois aconselhou a Christian abruptamente:

— Saia do governo. Desligue-se de tudo o que está acontecendo agora.

— Não posso fazer isso. E tarde demais.

Christian estudou a cabeça sardenta do velho. Não podia deixar de admirar aquele cérebro ainda tão atilado.

Fitou aqueles olhos envelhecidos, que pareciam amortalhados por uma névoa incessante. Será que ficaria tão velho, o corpo murcho como um inseto morto?

E o Oráculo, observando-o, pensava: Como todos eles são transparentes, como são inocentes que nem 87

criancinhas. Era óbvio para o Oráculo que seu conselho fora tarde demais, que Christian cometeria uma traição a si mesmo.

Christian terminou o conhaque e levantou-se para ir embora. Ajeitou as mantas em torno do velho e depois tocou a campainha para chamar as enfermeiras. Antes de se retirar, sussurrou no ouvido do Oráculo:

— Conte-me a verdade sobre Helen Du Pray. Ela foi uma de suas protegidas, antes de casar. E sei que foi você quem promoveu o ingresso dela na política. Alguma vez trepou com ela ou já era velho demais para isso?

O Oráculo sacudiu a cabeça.

— Nunca fui velho demais até os noventa anos. E

quero que saiba que a verdadeira solidão começa quando seu pau o abandona. Mas agora deixe-me responder à sua pergunta. Ela nunca se sentiu atraída por mim, eu não tinha beleza a oferecer- E devo confessar que me senti desapontado, pois ela era muito bonita e muito inteligente, minha combinação predileta. Nunca pude amar as mulheres inteligentes e feias... era parecidas demais comigo. Podia amar as mulheres belas e estúpidas, mas quando eram também inteligentes, isso representava o paraíso para mim. Helen Du Pray... claro que eu sabia que ela iria longe, era muito forte, uma vontade inabalável.

Bem que tentei, mas nunca consegui... um fracasso raro, diga-se de passagem. Mas sempre fomos bons amigos.

Esse era um talento que ela possuía, recusar-se sexualmente a um homem e permanecer uma amiga íntima. Algo excepcional. Foi quando isso aconteceu que eu compreendi que se tratava de uma mulher com grandes ambições.

Christian tocou na mão do velho, que parecia uma cicatriz.

— Telefonarei ou virei até aqui todos os dias. E o manterei informado de tudo.

O Oráculo ficou bastante ocupado depois que Christian foi embora. Tinha de transmitir as informações que Klee lhe dera ao Clube Sócrates, cujos membros eram figuras 88

importantes na estrutura dos Estados Unidos. Não considerava isso como uma traição a Christian, a quem amava profundamente. O amor era sempre secundário.

Precisava entrar em ação, seu país navegava por águas perigosas. Tinha o dever de ajudar a guiá-lo para a segurança. E o que mais um homem de sua idade podia fazer para que valesse a pena viver? E, para dizer a verdade, sempre detestara o mito Kennedy. Ali estava uma oportunidade de destruí-lo para sempre.

Finalmente o Oráculo permitiu que a enfermeira o cuidasse e preparasse para deitar. Lembrava de Helen Du Pray com afeição, e agora sem desapontamento. Ela era muito jovem, vinte e poucos anos, a beleza acentuada por uma tremenda vitalidade. Fizera muitas relações sobre o poder para ela, sua aquisição e usos, e como se abster de usá-lo, o que podia ser ainda mais importante. E ela escutara com a paciência que é necessária para se conquistar o poder.

Dissera-lhe que um dos grandes mistérios da humanidade era a maneira pela qual as pessoas agiam contra seus próprios interesses. Questões de orgulho arruinavam suas vidas. A inveja e a auto-ilusão

levavam-nas por caminhos que desaguavam no nada. Por que era tão importante para as pessoas manter uma auto-imagem?

Havia aqueles que nunca se submetiam, nunca lisonjeavam, nunca mentiam, nunca voltavam atrás, nunca traíam, ou nunca enganavam. E havia os que viviam na inveja e ciúme do destino mais feliz dos outros.

Fora tudo um tipo especial de súplica, e ela percebera. Rejeitara-o e seguira em frente, sem a sua ajuda, a fim de realizar o seu sonho pessoal de poder.

Um dos problemas de se ter uma mente lúcida aos cem anos de idade é que se pode perceber o germinar da vilania inconsciente em si mesmo e esclarecê-la no passado. Ficara mortificado quando Helen Du Pray se recusara a fazer amor com ele. Sabia que ela tinha outros amantes, não era uma pudica. Mas aos setenta anos, por mais incrível que pudesse parecer, ele ainda era vaidoso.

Fora para o centro de rejuvenescimento na Suíça, 89

submetera-se a intervenções cirúrgicas para remover as rugas, a limpeza de pele, a injeção de uma substância de feto animal nas veias. Mas nada podia ser feito pelo encolhimento de seu esqueleto, a paralisia das articulações, a conversão de seu sangue em água.

Embora isso não mais lhe adiantasse em nada, o Oráculo achava que compreendia os homens e mulheres apaixonados. Mesmo depois dos sessenta anos, suas jovens amantes adoravam-no. Todo o segredo era nunca impor quaisquer regras ao comportamento delas, nunca sentir ciúme, nunca magoar seus sentimentos. Encontravam jovens para seus verdadeiros amores, tratavam o Oráculo com uma crueldade indiferente. Não tinha importância. Ele as cumulava de presentes caros, jóias, tudo do melhor gosto.

Permitia que usassem seu poder para obter favores imerecidos da sociedade e gastassem seu dinheiro em quantidades generosas, mas

não pródigas. Era um homem prudente e sempre tinha três ou quatro amantes ao mesmo tempo. Pois elas tinham suas próprias vidas para levar.

Sempre acabavam se apaixonando e o negligenciariam, fariam viagens, sem empenharem em suas carreiras. Ele não podia exigir demais o tempo delas. Mas quando precisava de companhia feminina (não apenas para sexo, mas para a doce música de suas vozes, a inocente insídia de suas astúcias), uma das quatro estaria disponível. E é claro que serem vistas em funções importantes em sua companhia lhes proporcionava o acesso a círculos nos quais teriam dificuldades para entrarem sozinhas. O cachê social era um de seus trunfos.

Ele não fazia segredo, todas sabiam umas das outras.

Estava convencido de que as mulheres, no fundo de seus corações, detestavam os homens monógamos.

Como era cruel que se lembrasse das coisas ruins que fizera com mais freqüência do que das coisas boas... Seu dinheiro construía centros médicos, igrejas, asilos para os velhos; fizera de fato muitas coisas boas. Mas suas recordações de si mesmo não eram boas. Por sorte pensava no amor com freqüência. De uma maneira interessante e peculiar, fora a coisa mais comercial em sua 90

vida. E logo ele, que possuía firmas em Wall Street, bancos, empresas de avião.

Ungido com o poder do dinheiro, fora convidado a partilhar os eventos que abalavam o mundo, fora conselheiro dos poderosos. Ajudara a moldar o próprio mundo em que as pessoas viviam. Uma vida importante, fascinante, valiosa. E, no entanto, o relacionamento com suas incontáveis amantes era muito mais vívido em seu cérebro de cem anos. Ah, aquelas beldades inteligentes e voluntariosas, como eram maravilhosas, e como haviam confirmado seu julgamento, a maioria. Agora eram juízas, diretoras de revistas,

potências em Wall Street, as rainhas dos noticiosos da televisão. Como haviam sido espertas em suas ligações amorosas com ele, e como ele as enganara. Mas sem privá-las do que lhes era devido. Não tinha sentimento de culpa, apenas pesares. Se uma delas o tivesse amado sinceramente, ele a teria elevado ao céu. Mas depois sua mente lembrou-lhe que não merecera ser amado assim. Elas haviam reconhecido como era seu amor, um tambor oco que ressoava em seu peito.

Fora aos oitenta anos de idade que seu esqueleto começara a se contrair por dentro do invólucro de carne. O

desejo físico diminuía, e um vasto oceano de imagens juvenis e perdidas inundou seu cérebro. E fora nessa ocasião que ele descobrira ser necessário empregar moças para deitar inocentemente em sua cama, a fim de poder contemplá-las. Ah essa perversão tão desdenhada na literatura, tão escarnecida pelos jovens que devem envelhecer... E, no entanto, quanta paz proporcionava ao seu corpo em ruínas a visão daquela beleza que não podia mais devorar! Como era puro! As curvas dos seios, a pele branca, macia, coroadada pelos bicos rosados... As coxas misteriosas, a carne arredondada irradiando um brilho dourado, o surpreendente triângulo de cabelos — em diversas cores — e no outro lado a profundidade das nádegas, os quadris se projetando. Tanta beleza, morta e perdida para seus sentidos físicos, mas fazendo faiscar bilhões de células em seu cérebro. E seus rostos, as conchas misteriosas dos ouvidos espiralando para algum mar interior, os olhos profundos, com seus fogos abafados 91

de azul, cinza, castanho e verde, espiando de suas eternas celas particulares, os planos dos rostos descendo para lábios desprotegidos, entreabertos para o prazer e o sofrimento. Ele as contemplava antes de dormir. Estendia a mão e tocava na carne quente, na maciez das coxas e nádegas, nos lábios ardentes, algumas vezes nos cabelos púbicos encrespados, a fim de sentir a pulsação por baixo.

Havia tanto conforto ali que ele adormecia, e a vibração atenuava o terror de seus sonhos. Odiava os muito jovens e os destruía nos sonhos. Sonhava com corpos de homens jovens empilhados em valas, milhares de marinheiros flutuando no fundo do mar, vastos céus povoados pelos corpos de exploradores celestes em trajes espaciais, girando interminavelmente para os buracos negros do universo.

Desperto, ele também sonhava. Mas desperto reconhecia os sonhos como uma forma de loucura senil, repulsa por seu próprio corpo. Odiava sua pele, que brilhava como tecido cicatrizado, as manchas marrons nas mãos e na cabeça calva, aquelas sardas letais da morte, a visão deficiente, a fraqueza das pernas e braços, o coração desconsolado, o mal se expandindo no cérebro, Era uma pena que as fadas-madrinhas procurassem os berços dos recém-nascidos para lhes conceder três desejos mágicos. Aquelas crianças não precisavam; os velhos como ele é que deveriam receber essas dádivas. Ainda mais aqueles que possuíam uma mente tão lúcida quanto a sua.

92

LIVRO

II

SEMANA

DA PÁSCOA

CAPÍTULO

4

Segunda-feira

A FUGA DE ROMEU da Itália fora meticulosamente planejada. O furgão levou seu grupo da Praça de São Pedro para uma casa segura, onde ele trocou de roupa, recebeu um passaporte quase infalível, pegou uma valise já preparada e foi levado por rotas clandestinas pela fronteira até o sul da França. Ali, na cidade de Nice, embarcou no vôo para Paris, que depois continuava até Nova York. Embora não dormisse há trinta horas, Romeu permanecia alerta. Todos aqueles detalhes eram complicados, a parte fácil de uma operação que às vezes saía errada por causa de um acidente inesperado ou um equívoco no planejamento.

O jantar com vinho nos aviões da Air France era sempre bom, e Romeu pouco a pouco relaxou.

Contemplou a interminável água verde-claro e os horizontes de céu azul e branco. Tomou duas pílulas para dormir. Mas algum resquício de medo em seu corpo ainda o mantinha desperto. Pensou na passagem Pela alfândega dos Estados Unidos... alguma coisa sairia errada ali? Mas 96

mesmo que fosse apanhado, isso não faria qualquer diferença para o esquema de Yabril. Um traiçoeiro instinto de sobrevivência impedia-o de dormir. Romeu não acalentava ilusões sobre o sofrimento que teria de suportar. Concordara em cometer um ato de auto-sacrifício para expiar os pecados de sua família, sua classe e seu país, mas agora aquele misterioso resquício de medo retesava seu corpo.

As pílulas finalmente funcionaram e ele adormeceu.

Nos sonhos, disparou o tiro e fugiu da Praça de São Pedro; ainda fugia quando acordou. O avião estava pousando no Aeroporto

Kennedy, em Nova York. A aeromoça entregou-lhe seu paletó, e ele pegou a valise no compartimento por cima. Passou pela alfândega com naturalidade, saiu com a valise para a praça central do terminal.

Avistou seus contatos quase que no mesmo instante.

A moça usava um gorro de esquiagem, verde com listras brancas. O rapaz tirou do bolso um boné vermelho e pôs na cabeça, deixando à mostra a inscrição em letras azuis,

“Yankees”. Romeu não usava qualquer sinal de identificação; preferira manter suas opções em aberto.

Abaixou-se e abriu uma das malas, vasculhando-a, enquanto estudava os contatos. Não percebeu nada suspeito. Não que isso tivesse alguma importância.

A moça era magra e loura, descarnada demais para o gosto de Romeu, mas o rosto possuía uma firmeza feminina que algumas mulheres sérias exibem, e que lhe agradava. Especulou como ela seria na cama e torceu para que permanecesse livre por tempo suficiente para seduzi-la. Não deveria ser muito difícil. Sempre fora atraente para as mulheres. Sob esse aspecto, era melhor do que Yabril. A moça adivinharia que ele estava ligado ao assassinato do Papa, e partilhar sua cama, para uma revolucionária compenetrada, poderia ser a realização de um sonho romântico. Romeu notou que a moça não se inclinava para o rapaz em sua companhia, nem o tocava.

O rapaz tinha um rosto franco e cordial, irradiava tanta generosidade americana que Romeu o detestou à 97

primeira vista. Os americanos eram uns merdas imprestáveis, levavam uma vida confortável demais. Em mais de duzentos anos, nunca haviam sequer chegado perto de ter um partido revolucionário. E isto num país que nascera com uma revolução. O rapaz enviado para recebê-lo no aeroporto era típico dessa

debilidade. Romeu pegou as malas e se encaminhou para os contatos

— Com licença — disse ele, sorrindo, o inglês com um forte sotaque.
— Podem me informar de onde sai o ônibus para Long Island?

A moça virou-se para fitá-lo. Era muito mais bonita de perto. Romeu viu uma pequena cicatriz em seu queixo, o que despertou-lhe o desejo.

— Quer ir para North Shore ou South Shore

— East Hampton — respondeu Romeu.

A moça sorriu, um sorriso caloroso, até mesmo de admiração. O rapaz pegou uma das malas de Romeu e disse:

— Venha conosco.

Eles deixaram o terminal, com Romeu na esteira. Ele ficou quase atordoado com o barulho do tráfego, a densidade de pessoas. Um carro esperava, com um motorista que também usava um boné de beisebol. Os dois homens sentaram na frente, a moça instalou-se no banco de trás, com Romeu. Enquanto o carro avançava pelo tráfego, a moça estendeu a mão e disse:

— Meu nome é Dorothea. Por favor, não se preocupe.

Os dois rapazes na frente também murmuraram seus nomes, e depois a moça acrescentou:

— Estará confortável e seguro.

E nesse momento Romeu sentiu a agonia de um Judas.

Naquela noite o casal americano esforçou-se em preparar um bom jantar para Romeu. Ele tinha um quarto confortável, dando para o mar, embora a cama fosse encaroçada, o que não fazia muita

diferença, porque Romeu sabia que só dormiria ali uma noite, se é que dormiria. A casa era luxuosamente decorada, mas sem muito bom gosto; era o típico estilo americano de casa de Praia. Os três passaram uma noite tranqüila, conversando 98

numa mistura de italiano e inglês.

A moça, Dorothea, foi uma surpresa. Era

excepcionalmente inteligente, além de bonita. Também se mostrou séria, alheia a galanteios, o que acabou com as esperanças de Romeu de passar sua última noite de liberdade empenhado em jogos sexuais. O rapaz, Richard, também era muito sério. Era evidente que os dois já tinham adivinhado quê ele estivera envolvido no assassinato do Papa, mas não fizeram perguntas específicas. Romeu ficou impressionado com eles.

Exibiam corpos ágeis quando se moviam. Falavam com inteligência, demonstravam compaixão pelos desafortunados e irradiavam confiança em suas convicções e capacidades.

Passando aquela noite sossegada com os dois jovens tão sinceros em suas convicções, tão inocentes em suas necessidades da verdadeira revolução, Romeu sentiu-se um pouco nauseado com toda a sua vida. Era mesmo necessário que aqueles dois fossem traídos junto com ele?

Romeu acabaria sendo libertado, acreditava no plano de Yabril — julgava-o extraordinariamente simples e perfeito, E se oferecera como voluntário para a armadilha. Mas o rapaz e a moça também eram verdadeiros crentes, pessoas do seu lado. E seriam algemados, conheceriam os sofrimentos dos revolucionários. Por um momento, Romeu pensou em alertá-los. Mas era necessário que o mundo soubesse que havia americanos envolvidos na conspiração; aqueles dois eram os cordeiros sacrificiais. E depois ele ficou furioso consigo mesmo, tinha o coração muito mole.

Era verdade que nunca seria capaz de jogar uma bomba num jardim-de-infância, como Yabril podia fazer, mas com certeza podia sacrificar uns poucos adultos. Afinal, matara um Papa.

E que mal poderia acontecer aos dois? Passariam alguns anos na prisão. A América era tão mole, de alto a baixo, que poderiam até escapar impunes, recuperar a liberdade logo. A América era uma terra de advogados tão destemidos quanto os Cavaleiros da Távola Redonda.

Podiam livrar qualquer um da prisão.

99

E por isso Romeu tentou dormir. Mas todos os terrores dos últimos dias envolveram-no com o ar marinho, que soprava pela janela aberta. Ele tornou a levantar o rifle, tornou a ver o Papa cair, tornou a correr pela praça, a ouvir os peregrinos celebrantes gritarem em horror. .

No início da manhã seguinte, a manhã de segunda-feira, 24 horas depois de ter assassinado o Papa, Romeu decidiu passear pela praia americana, desfrutar os últimos minutos de liberdade. A casa estava silenciosa quando ele desceu a escada. Encontrou Dorothea e Richard dormindo em dois sofás na sala de estar, como se montassem guarda. O veneno de sua traição levou-o a sair pela porta, para a brisa que soprava na praia. À primeira vista, detestou aquela praia estrangeira, os bárbaros arbustos escuros, o mato alto e amarelado, os raios do sol faiscando em latas vermelho-prateadas de refrigerantes.

Até o sol era fraco, o início da primavera mais frio naquela terra estranha. Mas sentiu-se contente por estar num espaço aberto, enquanto a traição se consumava. Um helicóptero passou por cima de sua cabeça e logo desapareceu; havia dois barcos parados no mar, sem qualquer sinal de vida a bordo. O sol adquiriu uma tonalidade alaranjada, depois se tornou amarelado, quase ouro,

enquanto subia pelo céu. Romeu caminhou por muito tempo, contornou um canto da enseada, perdeu a casa de vista. Por algum motivo, isso deixou-o em pânico, ou talvez fosse por causa da visão de uma verdadeira floresta de mato cinza, que se estendia quase até a beira d'água. Virou-se para voltar.

Foi nesse instante que ouviu as sirenes dos carros da polícia. À distância, pela praia, avistou as luzes faiscantes.

Passou a andar depressa em sua direção. Não sentia medo, não duvidava de Yabril, embora ainda pudesse fugir.

Desprezava aquela sociedade americana, que nem ao menos era capaz de organizar direito a sua captura. Como eram estúpidos! Mas depois o helicóptero reapareceu, os dois barcos que pareciam abandonados dispararam para a praia. Agora que não havia possibilidade de escapar, 100

Romeu sentiu vontade de correr e correr e correr. Mas fez um esforço para se controlar e seguiu para a casa, cercada por homens e armas. O helicóptero pairava sobre o telhado. Havia mais homens se aproximando pela praia, de todas as direções. Romeu preparou sua farsa de culpa e medo; começou a correr para o mar, mas homens saíram da água, usando máscaras. Romeu virou-se e correu de volta para casa, e foi então que avistou Richard e Dorothea.

Estavam algemados, correntes de ferro imobilizavam seus corpos na terra. E estavam chorando. Romeu compreendia como se sentiam — já vivera aquela situação, há muito tempo. Choravam de vergonha, humilhação, despojados de seu senso de poder. E

dominados por um terror de pesadelo insuportável, de desamparo total, seu destino não mais determinado por deuses caprichosos, talvez misericordiosos, mas por seus implacáveis semelhantes.

Romeu ofereceu a ambos um sorriso de compaixão impotente. Sabia que ele estaria livre em poucos dias, sabia que traíra aqueles

verdadeiros crentes em sua fé, mas fora uma decisão tática, não maldosa ou maliciosa.

Os homens armados enxamearam em cima dele e imobilizaram-no com aço e ferro.

No outro lado do mundo, o mundo cujo céu estava repleto de satélites espiões, a camada de ozônio patrulhada por radar, no outro lado dos mares cheios de navios de guerra americanos, navegando para Sherhaben, no outro lado de continentes pontilhados de silos de mísseis e exércitos estacionários para servirem como pára-raios da morte, Yabril comeu o desjejum no palácio, com o sultão de Sherhaben.

O sultão era um crente sincero na liberdade árabe, no direito palestino a uma pátria. Considerava os Estados Unidos como o baluarte de Israel — sem o apoio americano, Israel não seria capaz de sobreviver. Por isso, a América era o supremo inimigo. E o plano de Yabril para desestabilizar a autoridade na América atraía a 101

mente sutil do sultão. Era uma imensa satisfação a humilhação de uma grande potência por Sherhaben, um país tão impotente em termos militares.

O sultão exercia um poder absoluto em Sherhaben.

Possuía uma vasta riqueza; todos os prazeres do mundo estavam à sua disposição, mas tudo isso se tornara corriqueiro e insatisfatório. O sultão não tinha vícios para acrescentar tempero à sua vida. Respeitava a lei muçulmana, levava uma vida virtuosa. O padrão de vida em Sherhaben, com sua enorme receita do petróleo, era um dos mais altos do mundo: o sultão construía novas escolas e novos hospitais- Na verdade, seu sonho era transformar Sherhaben na Suíça do mundo árabe. Sua única excentricidade era a mania de limpeza, em sua pessoa e em seu estado.

O sultão participara naquela conspiração porque adorava o senso de aventura, o jogo com apostas altas, a luta por elevados ideais. E havia pouco risco para ele e seu país, já que contava com um escudo mágico, bilhões de barris de petróleo, guardados em segurança sob o seu deserto. Outro forte motivo era sua amizade e gratidão a Yabril. Quando o sultão era apenas um príncipe insignificante, houvera uma encarniçada luta pelo poder em Sherhaben, ainda mais depois que se constatou como eram imensas as suas reservas de petróleo. As companhias petrolíferas americanas apoiavam os oponentes do sultão, que naturalmente favoreciam a causa americana. O sultão, que fora educado no exterior, compreendia o verdadeiro valor dos campos petrolíferos, e lutara para conservá-los na posse de Sherhaben.

Irrompera a guerra civil. Fora o jovem Yabril que ajudara o sultão a conquistar o poder, matando seus adversários.

Pois o sultão, embora um homem de virtude pessoal, reconhecia que a luta política tinha suas próprias regras.

Depois de tomar o poder, o sultão ofereceu santuário em Sherhaben a Yabril, sempre que precisasse. Nos últimos dez anos, Yabril passara mais tempo em Sherhaben do que em qualquer outro lugar. Criara ali uma identidade separada, com uma casa e criados, uma esposa 102

e filhos. Era também, nessa identidade, um funcionário especial do governo, ocupando um cargo sem muito importância. Essa identidade nunca fora descoberta por nenhum serviço secreto estrangeiro. Durante aqueles dez anos, Yabril e o sultão haviam se tornado amigos íntimos.

Ambos eram estudiosos do Corão, educados por professores estrangeiros, unidos em seu ódio a Israel. E

nesse ponto faziam uma distinção especial: não odiavam os judeus como judeus, odiavam o estado oficial dos judeus.

O sultão de Snerhaben acalentava um sonho secreto, tão insólito que não se atrevia a partilhá-lo com ninguém, nem mesmo com Yabril. O de que Israel seria destruído um dia, e os judeus dispersados outra vez pelo mundo inteiro. E quando isso acontecesse, ele, o sultão, atrairia os cientistas e estudiosos judeus para Sherhaben. Instalaria uma grande universidade para alojar os grandes cérebros judeus. Pois a história não demonstrara que essa raça possuía os genes da grandeza da mente? Einstein e outros cientistas judeus haviam dado a bomba atômica ao mundo. Que outros mistérios de Deus e da natureza eles não poderiam deslindar? E não eram também semitas? O

tempo dilui o ódio; judeus e árabes poderiam conviver em paz e transformar Sherhaben num grande país. Haveria de atraí-los com riquezas e civilidade; respeitaria seus obstinados caprichos culturais. Quem sabia o que poderia acontecer? Sherhaben poderia se tornar outra Atenas. O

pensamento fez o sultão sorrir de sua própria insensatez...

mas que havia de mal em sonhar?

Mas agora talvez a conspiração de Yabril se transformasse num pesadelo. O sultão convocara Yabril ao palácio, afastara-o do avião, a fim de ter certeza de que sua ferocidade seria controlada. Yabril tinha uma longa história de acrescentar desvios pessoais a todas as suas operações.

O sultão insistira que Yabril tomasse um banho, fizesse a barba e desfrutasse uma bela dançarina do palácio. Depois, com Yabril revigorado e com uma pequena dívida ao sultão, sentaram no terraço 103

envidraçado, com ar condicionado. O sultão concluiu que podia falar com franqueza e disse a Yabril:

— Devo lhe dar os parabéns. A escolha do momento foi perfeita, teve muita sorte. Alá vela por você, sem a menor dúvida. — Ele sorriu afetuosamente para Yabril, e continuou: — Recebi o aviso de que os Estados Unidos atenderão a todas as suas exigências. Pode se sentir contente. Humilhou o maior país do mundo. Matou o maior líder religioso do mundo. Conseguirá a libertação do assassino do Papa e isso será como mijar na cara deles.

Mas não vá além disso. Pense no que poderá acontecer depois. Será o homem mais caçado na história deste século.

Yabril sabia o que viria agora, a sondagem por mais informações, como ele conduziria as negociações. Por um momento, especulou se o sultão tentaria assumir o comando da operação.

— Estarei seguro aqui em Sherhaben — disse Yabril.

— Como sempre.

O sultão balançou a cabeça.

— Sabe tão bem quanto eu que eles vão se

concentrar em Sherhaben, depois que tudo acabar. Terá de procurar outro refúgio.

Yabril riu.

— Serei um mendigo em Jerusalém. Mas deve se preocupar com você próprio. Eles saberão que teve uma participação.

— Não é provável. Afinal, estou sentado no maior e mais barato oceano de petróleo do mundo. Além disso, os americanos têm cinquenta bilhões de dólares investidos aqui, o custo da cidade petrolífera de Dak e ainda mais.

Acho que serei perdoado muito mais depressa do que você e seu Romeu. E agora, Yabril, meu amigo, eu o conheço muito bem, foi longe demais desta vez, realizou um trabalho magnífico. Por favor, não estrague tudo com um de seus pequenos floreios ao final do jogo. — O

sultão fez uma pausa. — Quando devo apresentar suas exigências?

— Romeu já se encontra no lugar. Apresente o 104

ultimato esta tarde. Eles devem concordar até onze horas da manhã de terça-feira, pelo horário de Washington. Não vou negociar.

— Tenha muito cuidado, Yabril. Dê-lhes mais tempo.

Os dois se abraçaram e Yabril voltou ao avião, guardado agora por três homens de seu grupo e mais quatro que haviam embarcado em Sherhaben. Os reféns estavam todos na classe turística, inclusive a tripulação. O

avião se encontrava isolado no meio do aeroporto, cercado por multidões de espectadores, junto com equipes de TV do mundo inteiro, com seus equipamentos e veículos, mantidos a quinhentos metros do avião, onde o exército do sultão erguera um cordão de isolamento.

Yabril foi levado para o avião secretamente, como um membro da equipe do caminhão de abastecimento, levando comida, suprimentos e água para os reféns.

Em Washington, era o início da manhã de segunda-feira. A última coisa que Yabril dissera ao sultão fora o seguinte:

— Vamos descobrir agora de que é feito esse tal de Kennedy.

CAPÍTULO

5

MUITAS VEZES É BASTANTE PERIGOSO, para todos os envolvidos, quando um homem rejeita os prazeres deste mundo e devota a vida a ajudar seus semelhantes. O

Presidente dos Estados Unidos, Francis Xavier Kennedy, era um homem assim.

Antes de ingressar na política, Kennedy conquistara um sucesso espetacular e riqueza, antes mesmo de completar trinta anos. E depois se preocupara com o problema do que valia a pena fazer na vida. Como era religioso, como tinha um senso moral rigoroso, por causa da tragédia da perda dos tios quando era menino, acreditava que não poderia fazer nada melhor do que melhorar o mundo em que vivia. Em suma, melhorar o próprio Destino.

Ao ser eleito para a presidência, declarou que sua administração moveria uma guerra contra toda a miséria humana. Representaria milhões de pessoas que não podiam contratar lobistas e não dispunham de outros grupos de pressão.

Tudo isso, em circunstâncias normais, seria radical demais para o eleitorado americano, se não fosse pela

presença mágica de Kennedy na tela da TV. Ele era mais bonito do que os dois "tios" famosos, e um ator muito melhor Também contava com uma inteligência superior à dos dois tios, era muito superior em instrução, um autêntico erudito. Podia sustentar sua retórica com as mais diversas estatísticas. Podia apresentar os esboços de planos, preparados por homens eminentes, nos mais variados campos, com uma eloquência excepcional. E

com um espírito um tanto cáustico.

— Com uma boa educação — dizia Francis Kennedy

—, qualquer ladrão ou assaltante saberá o suficiente para roubar sem machucar ninguém. Saberão como roubar que nem as pessoas de Wall Street, aprenderão a sonegar impostos como os cidadãos mais respeitáveis em nossa sociedade. Podemos criar mais crimes do colarinho branco, mas pelo menos ninguém sairá machucado.

Mas havia outra faceta em Kennedy.

— Sou um reacionário para a esquerda e um terror para a direita — dissera Kennedy a Klee, no dia em que lhe dera um novo estatuto para o FBI, com amplos poderes discricionários. — Quando um homem comete o que é chamado de um ato criminoso, eu sinto que é um pecado. O cumprimento da lei é a minha teologia. Um homem que comete um ato criminoso exerce o poder de Deus sobre outro ser humano. Passa a ser decisão da vítima se aceita esse outro deus em sua vida. Quando a vítima e a sociedade aceitam o ato criminoso, por qualquer forma, destruimos a vontade de sobreviver de nossa sociedade. A sociedade e até mesmo o indivíduo não têm o direito de perdoar ou atenuar a punição. Por que impor a tirania do criminoso sobre uma população respeitadora da lei, que adere ao contrato social? Em casos hediondos de assassinato, assalto a mão armada e estupro, o criminoso proclama sua divindade.

Christian indagara, sorrindo:

— Vamos meter todos na cadeia?

— Não temos cadeias suficientes — respondera Kennedy, sombrio.

107

Christian lhe mostrara as últimas estatísticas sobre o crime nos Estados Unidos. Kennedy estudara o relatório por alguns minutos e demonstrara uma raiva intensa.

— Se ao menos as pessoas conhecessem as

estatísticas ime... e se soubessem dos crimes que nunca entram estatísticas! Os ladrões, mesmo com ficha criminal, raramente vão para a prisão. A casa que o governo não invade, a preciosa liberdade, o sagrado contrato social, o lar sacrossanto são invadidos a todo instante por outro cidadão armado, empenhado no roubo, assassinato e estupro.

Kennedy recitara o ditado tão apreciado do direito consuetudinário inglês:

— A chuva pode entrar, o vento pode entrar, mas o rei não pode entrar. — E acrescentou: — Mas que besteira! Só a Califórnia teve seis vezes mais assassinatos do que toda a Inglaterra em um ano. Nos Estados Unidos, os assassinos passam menos de cinco anos na prisão.

Desde que, por algum milagre, se consiga condená-los.

Kennedy não ficara por aí:

— O povo americano vive aterrorizado por uns poucos milhões de lunáticos. As pessoas têm medo de sair à rua durante a noite. Guardam suas casas com uma segurança particular que custa trinta bilhões de dólares por ano.

Kennedy detestava especialmente um aspecto:

— Sabia que 98 por cento dos crimes ficam impunes? Nietzsche disse há muito tempo: “Uma sociedade que se torna branda e indulgente toma o lado daqueles que a prejudicam.” As organizações religiosas, com toda a sua merda de misericórdia, perdoam os criminosos. Os miseráveis não têm o direito de perdoar os criminosos. A pior coisa a que já assisti na minha vida foi uma mãe que apareceu na TV. Sua filha fora estuprada e morta de uma

maneira horrível e ela disse: “Eu os perdôo.” Que porra de direito ela tinha de perdoá-los?

E depois, para a surpresa um tanto esnobe de Christian, Kennedy investira contra a literatura:

— Orwell escreveu tudo errado em *1984*. O

108

indivíduo é que é a besta. E Huxlev, em *Admirável Mundo Novo*, fez uma coisa lamentável. Eu não me importaria de viver no Admirável Mundo Novo, pois é melhor do que este. O indivíduo é que é o tirano, não o governo.

Christian comentara, muito sério, com alguma ingenuidade:

— Fiquei sinceramente espantado com os dados no relatório estatístico que lhe apresentei. A população deste país está sendo aterrorizada.

— O Congresso deve aprovar a legislação de que precisamos. Os jornais e outros meios de comunicação protestam, argumentando com a Lei dos Direitos do Homem e a sagrada Constituição.

Kennedy fizera uma pausa, a fim de avaliar a reação do amigo. Klee parecia um tanto chocado. Kennedy sorria e continuara:

— Deixe-me dar uma pequena informação, quer aceite ou não. O mais espantoso é que discuti essa situação com os homens mais poderosos deste país, os que controlam todo o dinheiro. Fiz um discurso no Clube Sócrates. Pensei que eles ficariam preocupados. Foi uma surpresa. Tinham o poder de influenciar o Congresso, mas se recusaram a tomar qualquer iniciativa. E nem em um milhão de anos você seria capaz de adivinhar o motivo, Eu ainda não consegui.

Ele fizera uma pausa, como se esperasse que Christian desse o seu palpite. O rosto contraído no que poderia ser um sorriso ou uma expressão desdenhosa, Kennedy acrescentara:

— Os ricos e poderosos deste país podem se proteger. Não contam com a polícia e outras agências do governo. Cercam-se com dispendiosos sistemas de segurança. Dispõem de seguranças. Dispõem de seguranças particulares. Estão isolados da comunidade criminosa. E os prudentes não se envolvem com os elementos ligados às drogas. Podem dormir em paz à noite, por trás de seus muros eletrificados.

Christian remexera-se, inquieto, tomara um gole de 109

conhaque, enquanto Kennedy prosseguia:

— A questão é a seguinte: se aprovarmos leis para reprimir o crime, teremos de punir criminosos pretos mais do que quaisquer outros. E o que farão as pessoas sem talento, ignorantes, impotentes? Que outro recurso terão contra a nossa sociedade? Se não encontrarem uma vazão no crime, passarão para a ação política. E se tornarão radicais ativos. O equilíbrio político deste país será alterado. Poderemos deixar de ser uma democracia capitalista.

— Acredita mesmo nisso? — indagara Christian.

Kennedy suspirara.

— Quem sabe? Mas as pessoas que comandam este país acreditam nisso. Acham que é melhor deixar os chacais se banquetear com os desamparados. O que eles podem roubar? Uns poucos bilhões de dólares? É um preço pequeno a pagar. Milhares de pessoas são assaltadas, assassinadas, estupradas, não tem importância, acontece com pessoas insignificantes. É melhor do que os danos causados por uma sublevação política.

— Está indo muito longe — comentara Christian.

— É bem possível.

— E quando a coisa for longe demais, terá todos os tipos de grupos de vigilantes, o fascismo ao estilo americano.

— Mas esse é o tipo de ação política que se pode controlar — respondera Kennedy. — E ajudará as pessoas que comandam a nossa sociedade.

Depois ele sorria para Christian, pegara o relatório de computador e arrematara:

— Quero ficar com isto. Para emoldurar e pendurar na parede do meu escritório, como uma relíquia dos tempos anteriores à nomeação de Christian Klee para procurador-geral e diretor do FBI.

Agora, na segunda-feira depois da Páscoa, às sete horas da manhã, os membros da assessoria pessoal do Presidente Francis Kennedy, seu Gabinete e a Vice-Presidente Helen Du Pray reuniram-se na Sala do 110

Gabinete da Casa Branca. E naquela manhã de segunda-feira estavam todos apreensivos com a ação que ele poderia determinar. sinal

Theodore Tappey, o diretor da CIA, esperou por um sinal de Kennedy e depois abriu a reunião:

— Devo informar primeiro que Theresa está bem.

Ninguém foi ferido. Não foram apresentadas exigências específicas até agora. Mas serão feitas até o anoitecer, e já fomos avisados que deverão ser atendidas imediatamente, sem negociações. Mas isso é o normal. O líder dos seqüestradores, Yabril, é um nome famoso nos círculos terroristas e consta de nossos arquivos. É um agente independente e quase sempre realiza suas operações com a ajuda

de algum dos grupos de terror organizados, como o mítico Primeiros Cem.

Klee interveio:

— Por que mítico, Theo?

— Não é como Ali Babá e os quarenta ladrões. Limita-se a ações de ligação entre terroristas de diferentes países.

Kennedy disse bruscamente:

— Continue.

Tappey consultou suas anotações.

— Não resta a menor dúvida de que o sultão de Sherhaben está cooperando com Yabril. Seu exército protege o aeroporto, a fim de impedir qualquer tentativa de resgate. Enquanto isso, o sultão finge ser nosso amigo e se oferece como intermediário nas negociações.

Ninguém pode adivinhar qual o seu propósito nisso, mas é do nosso interesse descobrir. O sultão é razoável e vulnerável a pressões. Yabril é uma incógnita.

O diretor da CIA hesitou; mas continuou, relutante, a um aceno de cabeça de Kennedy:

— Yabril está tentando fazer uma lavagem cerebral em sua filha, Senhor Presidente. Tiveram várias conversas longas. Ele parece pensar que Theresa é uma revolucionária em potencial, e que seria um grande golpe se ela fizesse alguma declaração de simpatia. E Theresa parece não ter medo dele.

Os outros na sala permaneceram em silêncio. Sabiam 111

que era melhor não perguntar a Tappey como obtivera essas informações.

Havia um burburinho de vozes além da Sala do Gabinete, eles podiam ouvir os gritos das equipes de TV, esperando no gramado da Casa Branca. E de repente um dos assistentes de Eugene Dazzy foi introduzido na sala e entregou um memorando escrito a seu chefe. Dazzy leu-o rapidamente e perguntou ao assistente:

— Tudo isso foi confirmado?

— Foi, sim, senhor.

Dazzy virou-se para Francis Kennedy.

— Senhor Presidente, tenho uma notícia

extraordinária. O assassino do Papa foi capturado aqui, nos Estados Unidos. O prisioneiro confirma que é o assassino, e que seu codinome é Romeu. Recusa-se a revelar seu nome verdadeiro. Já houve contato com as autoridades de segurança italianas, e o prisioneiro forneceu detalhes que confirmam a sua culpa.

Arthur Wix explodiu, como se um hóspede não convidado aparecesse numa festa íntima:

— Mas o que ele está fazendo aqui? Não dá para acreditar!

Dazzy explicou pacientemente as confirmações. A segurança italiana já capturara alguns dos ajudantes de Romeu, que confessaram e identificaram Romeu como seu líder. O chefe da segurança italiana, Franco Sebediccio, era famoso por sua capacidade de arrancar confissões. Mas não descobrira por que Romeu fugira para os Estados Unidos e por que se deixara capturar com tanta facilidade.

Francis Kennedy foi até as portas de vidro que davam para o Jardim das Rosas. Observou por um momento os destacamentos militares que patrulhavam o terreno da Casa Branca e as ruas adjacentes. Tornou a experimentar o senso familiar de medo. Nada em sua vida

era fortuito, a vida era como uma conspiração mortífera, não apenas entre os seres humanos, mas também entre a fé e a morte.

Francis Kennedy voltou à mesa de reuniões.

112

Contemplou a sala, povoada pelas pessoas nos mais altos cargos no país, as mais astutas, as mais inteligentes, táticas, planejadoras. E comentou, quase em tom de gracejo: .

— Querem apostar que hoje receberemos as

exigências do seqüestrador? E que uma delas será a libertação do assassino do Papa?

Os outros fitaram Kennedy com espanto. Otto Gray disse:

— Senhor Presidente, isso seria um absurdo. Seria uma agencia ultrajante, inegociável.

Tappey interveio, cauteloso:

— Às informações de que dispomos não indicam qualquer ligação entre os dois atos. Mais do que isso, seria inconcebível que qualquer grupo terrorista desfechasse duas operações tão importantes na mesma cidade e no mesmo dia. — Ele fez uma pausa, virou-se para Christian Klee. — Senhor Procurador-Geral, como esse homem foi capturado?

Outra pausa e Tappey acrescentou, com repulsa:

— Esse tal de Romeu...

— Através de um informante que usamos há anos.

Achamos que era impossível, mas meu subchefe, Peter Clout, organizou uma operação em larga escala, que parece ter sido bem-

sucedida. Devo dizer que também estou surpreso. Não faz o menor sentido.

— Vamos adiar esta reunião, até que os

seqüestradores apresentem suas exigências — decidiu Kennedy.

Num instante de intuição paranóica, ele

compreendera todo o plano que Yabril criara com tanto orgulho e astúcia. Agora, pela primeira vez, temia de fato pela segurança da filha.

As exigências de Yabril chegaram pelo Centro de Comunicações da Casa Branca, ao final da tarde de segunda-feira, transmitidas pelo aparentemente prestativo sultão de Sherhaben. A primeira exigência era um resgate de cinqüenta milhões de dólares pelo avião; a segunda, a 113

libertação de seiscentos prisioneiros árabes em prisões israelenses. A terceira era a libertação de Romeu, o recém-capturado assassino do Papa, e sua transferência para Sherhaben. Se essas exigências não fossem atendidas em 24 horas, um refém seria fuzilado.

Francis Kennedy e sua assessoria especial reuniram-se na sala de jantar da ala noroeste, no segundo andar da Casa Branca, para analisar as exigências de Yabril. A mesa antiga foi servida para Helen Du Pray, Otto Gray, Arthur Wix, Eugene Dazzy e Christian Klee. O lugar de Kennedy era na cabeceira da mesa, proporcionando-lhe mais espaço do que os outros.

Francis Kennedy pusera-se nas mentes dos terroristas

— Sempre possuía esse talento para a empatia. O

objetivo primário deles era humilhar os Estados Unidos, destruir seu manto de poder aos olhos do mundo, até mesmo aos olhos das

nações amigas. E Kennedy achava que era um golpe de mestre psicológico. Quem tornaria a levar os Estados Unidos a sério se fosse acuado e se submetesse a uns poucos homens armados e um pequeno sultanato do petróleo? Devia permitir que isso acontecesse para trazer a filha de volta sã e salva?

Contudo, em sua empatia, ele adivinhou que a história não estava completa, haveria mais surpresas. Mas não disse nada. Deixou que os outros na sala de jantar transmitissem suas informações.

Eugene Dazzy, como chefe de gabinete, iniciou as discussões. Sua voz estava arrastada com a fadiga; não dormia há 36 horas.

— Senhor Presidente, achamos que as exigências dos terroristas só devem ser atendidas até certo ponto.

Devemos entregar Romeu ao governo italiano, não a Yabril, essa é a atitude legalmente correta. Não concordamos que temos de pagar algum dinheiro, e não podemos obrigar Israel a libertar seus prisioneiros. Dessa maneira não pareceremos fracos demais, e não estaremos provocando-os. Depois que Theresa voltar, poderemos cuidar dos terroristas.

— Prometo que esse problema será resolvido em um 114 ano — disse Klee.

Francis Kennedy permaneceu em silêncio por um longo tempo, depois disse:

— Não creio que isso possa dar certo.

Arthur Wix interveio:

— Mas essa deve ser a nossa reação pública. Nos bastidores, podemos prometer-lhes que Romeu será libertado, que pagaremos o

resgate e pressionaremos Israel. Acho que pode dar certo. Pelo menos lhe dará o que pensar e uma oportunidade para negociar.

— Não fará mal algum — acrescentou Dazzy. —

Nessas situações, os ultimatos são apenas parte do processo de negociação. O Prazo fatal de 24 horas nada significa.

Kennedy refletiu sobre as sugestões e acabou reiterando:

— Ainda acho que não vai dar certo.

— Mas nós achamos que é viável — declarou Oddblood Gray.— E você precisa ter muito cuidado, Francis. O Congressista Jintz e o Senador Lembertino me avisaram que o Congresso pode pedir que se afaste completamente desta crise, por causa de seu envolvimento pessoal. É uma possibilidade muito perigosa.

— Isso nunca vai acontecer — proclamou Kennedy.

— Deixe-me lidar com o Congresso — sugeriu a Vice-Presidente Du Pray. — Serei o pára-raios. Serei a voz que vai propor as capitulações de nossa parte.

Foi Dazzy quem resumiu tudo:

— Nesta situação, Francis, você deve confiar no julgamento coletivo de sua assessoria. Sabe muito bem que o protegeremos e faremos o que for melhor para você.

Kennedy suspirou e se manteve calado por um longo momento, antes de concordar:

— Está certo. Vão em frente.

Peter Clout demonstrara ser um subchefe de excepcional eficiência no comando do FBI. Clout era magro, o corpo um mero feixe de músculos. Tinha um bigodinho que em nada contribuía para

abrandar o rosto ossudo. Apesar de suas virtudes, Cloot também tinha defeitos. Era inflexível no cumprimento de suas responsabilidades, não transigia 115

com seus deveres e acreditava demais na segurança interna. Naquela noite, com uma expressão sombria, ele recebeu Christian com um punhado de memorandos e uma carta de três páginas que entregou em separado.

Era uma carta composta por tipos recortados de jornais. Christian leu-a. Era outra daquelas ameaças malucas, avisando que uma bomba atômica de fabricação doméstica explodiria na cidade de Nova York.

— É para uma coisa assim que você me tira do gabinete do presidente? — indagou Christian.

— Esperei a conclusão de todos os procedimentos de confirmação — respondeu Cloot. — Foi considerada uma possibilidade!

— Oh, Deus, não agora!

Ele tornou a ler a carta, agora com muito mais cuidado. Parecia um bizarro quadro de vanguarda.

Christian sentou à sua mesa e leu devagar, palavra por palavra. A carta era endereçada ao *New York Times*.

Primeiro, ele leu os parágrafos assinalados com tinta verde para identificar as informações concretas.

Os trechos marcados diziam o seguinte:

“Colocamos uma arma nuclear com o potencial mínimo de meio quiloton e máximo de dois quilotons na área da cidade de Nova York. Esta carta é endereçada a seu jornal para que possam publicá-la e avisar aos moradores da cidade para desocuparem-na,

escapando à explosão. O artefato está armado para detonar daqui a sete dias, a contar da data acima. Portanto, podem compreender como é necessário que a carta seja publicada imediatamente." Klee verificou a data. A explosão seria na quinta-feira. Ele continuou a ler: "Tomamos essa iniciativa para mostrar ao povo dos Estados Unidos que o governo deve se unir com o resto do mundo, numa base de igualdade, para controlar a energia nuclear, ou nosso planeta pode ser destruído".

"Não há possibilidade de sermos comprados por dinheiro ou qualquer outra condição". Ao publicar esta carta e exortar à evacuação da cidade de Nova York, vocês estarão salvando milhares de vidas.

116

"Para provar que esta não é uma carta de lunático, mandem que o envelope e o papel sejam examinados em laboratórios do governo". Eles encontrarão resíduos de óxido de plutônio.

"Publiquem esta carta imediatamente."

O resto da carta era uma preleção sobre a moralidade política e uma exigência veemente para que os Estados Unidos deixassem de fabricar armas nucleares. Christian perguntou a Peter Clout:

— Mandou fazer os exames?

— Mandei. E encontraram os resíduos. As letras individuais foram recortadas de jornais e revistas para formar a mensagem, mas oferecem uma pista. O autor ou autores foram bastante espertos para usarem publicações de todo o país. Mas há uma ligeira tendência, acima do normal, para jornais de Boston. Enviei cinquenta homens extras para ajudarem o chefe do nosso escritório lá.

Christian suspirou.

— Temos uma longa noite pela frente. Vamos manter isso em sigilo. Não deixe que os meios de comunicação vazem a notícia. O posto de comando será minha sala, tudo me deve ser encaminhado. O presidente já tem problemas demais... vamos abafar esta história.

Não passa de uma bobagem, como as outras cartas de lunáticos.

— Está certo — disse Peter Clout. — Mas quer saber de uma coisa? Algum dia uma dessas cartas será autêntica.

Foi uma longa noite. As informações chegavam a todo instante. O diretor da Agência de Energia e Pesquisa Nuclear foi informado, a fim de que suas equipes de busca ficassem alerta. Eram equipes especialmente treinadas, com sofisticados equipamentos de detecção para procurar bombas nucleares escondidas.

Christian jantou em sua sala, junto com Clout. Leu todos os relatórios. *O New York Times* não publicara a carta; como era a rotina, encaminharam-na ao FBI.

Christian ligou para o editor do jornal e pediu que não publicasse nenhuma notícia a respeito, até que a 117

investigação fosse concluída. O que era também uma questão de rotina. Os jornais vêm recebendo milhares de cartas similares ao longo dos anos. Fora por isso que a carta só chegara ao FBI na segunda-feira, em vez de no sábado.

Pouco antes de meia-noite, Peter Clout foi para sua própria sala para conferenciar com seu pessoal, que estava recebendo centenas de telefonemas dos agentes no campo, a maioria de Boston. Christian continuou a ler os relatórios, à medida que chegavam. Mais do que qualquer outra coisa, não queria que aquilo fosse acrescentado aos fardos com que o presidente já arcava. Por um momento, chegou a pensar na possibilidade de que se tratasse de outro desvio na trama dos seqüestradores, mas nem mesmo eles ousariam jogar com

apostas tão altas. Só podia ser alguma aberração que a sociedade expelira.

Houvera antes ameaças de bombas atômicas, malucos que alegavam ter plantado artefatos de fabricação doméstica e exigiam resgates de dez a cem milhões de dólares. Uma carta até pedia uma carteira de ações negociadas em Wall Street, da IBM, General Motors, Sears, Texaco e algumas companhias de tecnologia genética. A carta fora encaminhada ao Departamento de Energia para uma análise psicológica; o relatório foi de que não representava nenhuma ameaça de bomba, mas o terrorista entendia muito bem do mercado de ações. O que levava à prisão de um pequeno corretor de Wall Street que malversara os fundos de seus clientes e procurava uma escapatória.

Aquela nova carta só podia ser uma coisa de maluco, refletiu Christian; mas até que isso fosse confirmado estava causando problemas. Centenas de milhões de dólares seriam gastos. E era uma sorte que os meios de comunicação não divulgassem a carta. Havia algumas coisas que nem aqueles desgraçados de coração frio se atreviam a fazer Sabiam que havia artigos sobre o sigilo nas leis de controle da bomba atômica que podiam ser invocados, abrindo brechas no muro da sagrada liberdade de imprensa. Christian passou as horas subseqüentes 118

rezando para que tudo aquilo se desvanecesse como um rebate falso. Para não ter de procurar o presidente pela manhã e acrescentar-lhe mais aquele fardo.

119

CAPÍTULO

6

NO SULTANATO DE SHERHABEN, Yabril estava parado na porta aberta do avião seqüestrado, preparando-se para o próximo ato que teria de representar. Relaxou um pouco a concentração absoluta e contemplou o deserto ao redor. O sultão providenciara a instalação de mísseis ali, assim como uma estação de radar. Uma divisão blindada formara um perímetro, a fim de impedir que os furgões das emissoras de TV chegassem a menos de cem metros do avião. Mais além, havia uma enorme multidão de espectadores. E Yabril pensou que no dia seguinte teria de dar a ordem para que permitissem que as equipes de TV e os espectadores chegassem mais perto, muito mais perto. Não haveria perigo de um ataque; o avião estava cheio de bombas, e Yabril sabia que poderia explodir tudo em fragmentos de metal e carne, de forma tão completa que os ossos teriam de ser peneirados das areias do deserto.

Finalmente ele se afastou da porta do avião e foi sentar ao lado de Theresa Kennedy. Estavam sozinhos no compartimento da primeira classe. Os terroristas 120

mantinham os reféns na classe turística, e havia guardas também na cabine de comando, com os tripulantes.

Yabril fazia tudo o que podia para deixar Theresa tranqüila. Assegurava-lhe que os outros passageiros, também reféns, estavam sendo bem cuidados. Claro que não estavam muito confortáveis; nem ela, nem ele próprio, diga-se de passagem. Ele comentou agora, com uma careta de desagrado:

— Sabe muito bem que é do meu interesse evitar que lhe aconteça algum mal.

Theresa acreditou. Apesar de tudo, achava simpático aquele rosto moreno e fervoroso; embora soubesse que ele era perigoso, não

podia detestá-lo sinceramente. Em sua inocência, Theresa acreditava que sua posição elevada a tornava invulnerável. Yabril acrescentou, quase suplicante:

— Pode nos ajudar, pode ajudar os outros reféns.

Nossa causa é justa. Você mesma disse isso, há alguns anos. Mas a comunidade judaica americana foi forte demais. Calou a sua boca.

Theresa sacudiu a cabeça.

— Tenho certeza de que tem suas justificativas, todo mundo sempre tem. Mas as pessoas inocentes neste avião nunca fizeram qualquer mal a você ou à sua causa. Não deveriam sofrer pelos pecados de seus inimigos.

Yabril sentia um estranho prazer por descobri-la tão corajosa e inteligente. O rosto de Theresa, tão atraente e bonito ao estilo americano, também lhe agradava, como se ela fosse alguma espécie de boneca americana.

Outra vez Yabril ficou impressionado pelo fato de que ela não demonstrava medo dele, não tinha medo do que poderia lhe acontecer. A cegueira dos bem-nascidos diante do destino, a arrogância dos ricos e poderosos. O

que estava na história de sua família.

— Srta. Kennedy — disse ele, numa voz cortês, que a persuadiu a escutar —, sabemos muito bem que não é o tipo habitual de americana mimada, que sua simpatia é pelos pobres e oprimidos do mundo. Tem dúvidas até 121

sobre o direito de Israel de expulsar pessoas de suas próprias terras para fundar um estado guerreiro. Talvez queira fazer uma gravação dizendo isso, para ser ouvida no mundo inteiro.

Theresa Kennedy estudou o rosto de Yabril. Os olhos castanhos-amarelados eram brilhantes e afetuosos, o sorriso tornava seu rosto moreno e fino quase infantil.

Ela fora criada para confiar no mundo, confiar nos outros seres humanos, e confiar em sua inteligência e em suas próprias convicções. Podia perceber que aquele homem acreditava sinceramente no que estava fazendo.

De uma maneira curiosa, ele inspirava respeito. Ela foi polida em sua recusa:

— Talvez seja verdade o que você diz. Mas eu nunca faria qualquer coisa que pudesse prejudicar meu pai. —

Theresa fez uma pausa, e depois acrescentou: — E acho que seus métodos não são inteligentes. Não creio que o assassinato e o terror consigam mudar alguma coisa.

Yabril sentiu um profundo desdém por esse comentário, mas respondeu gentilmente:

— O estado de Israel foi criado pelo terror e o dinheiro americano. Não lhe ensinaram isso na sua universidade americana? Aprendemos com Israel, mas sem a sua hipocrisia. Nossos xeques árabes do petróleo nunca foram tão generosos no dinheiro que nos deram quanto os seus filantropistas judeus foram com Israel.

— Acredito no estado de Israel, mas também acredito que o povo palestino deve ter uma pátria. Não tenho nenhuma influência sobre meu pai, estamos sempre discutindo. Mas nada justifica o que você está fazendo agora.

Yabril ficou impaciente.

— Deve compreender que você é meu tesouro. Já apresentei as exigências. Um refém será fuzilado de hora em hora, depois do

prazo fatal. E você será a primeira.

Para surpresa de Yabril, ainda não havia medo no rosto de Theresa. Ela seria estúpida? Uma mulher tão obviamente resguardada podia ser tão corajosa? Ele 122

estava interessado em descobrir. Até agora, ela fora bem tratada. Ficara isolada na primeira classe, tratada com o maior respeito pelos guardas. Theresa parecia agora furiosa, mas acalmou-se tomando o chá que ele servira.

Ela fitou-o agora. Yabril notou como os cabelos louros emolduravam as feições delicadas. As pálpebras estavam escuras da fadiga, os lábios sem maquilagem eram de um rosa pálido.

— Dois dos meus tios-avôs foram mortos por pessoas como você — disse Theresa, a voz calma, controlada. — Minha família foi criada com a morte. E

meu pai se preocupava comigo quando foi eleito presidente. Advertiu que o mundo tinha homens como você, mas me recusei a acreditar. Agora, estou curiosa.

Por que age como um bandido? Acha que pode assustar o mundo inteiro matando uma mulher?

Yabril pensou: Talvez não, mas matei um Papa. Ela não sabia disso, ainda não. Por um momento, ele sentiu-se tentado a contar. Revelar todo o plano grandioso. A corrosão da autoridade que todos os homens temem, o poder das grandes nações e das grandes igrejas. E como o medo do poder no homem pode ser erodido por atos solitários de terror. Mas ele estendeu a mão para tocá-la, num gesto tranquilizador.

— Nenhum mal lhe acontecerá. Eles vão negociar. A vida é negociação. Ao conversarmos, estamos negociando. Cada ato

terrível, cada palavra insultuosa, cada palavra de louvor, tudo é negociação. Não leve muito a sério o que eu disse.

Theresa riu.

Yabril ficou contente por ela achá-lo espirituoso, lembrava-o de Romeu; ela possuía o mesmo entusiasmo instintivo pelos pequenos prazeres da vida, mesmo que fosse apenas um jogo de palavras. Uma ocasião Yabril dissera a Romeu:

— Deus é o supremo terrorista.

E Romeu aplaudira na maior satisfação.

Mas agora Yabril sentiu um aperto no coração, uma 123

tremenda vertigem. Estava envergonhado por querer encantar Theresa Kennedy. Acreditara que alcançara um estágio na vida em que se encontrava além dessas fraquezas. Se ao menos ele pudesse persuadi-la a fazer a gravação, então não teria de matá-la.

124

CAPÍTULO

7

Terça-feira

NA MANHÃ DA TERÇA-FEIRA seguinte ao seqüestro e assassinato do Papa no Domingo de Páscoa, o Presidente Francis Kennedy entrou na sala de projeções da Casa Branca para assistir a um filme que a CIA contrabandeara de Sherhaben.

A sala de projeções da Casa Branca era uma vergonha, com cadeiras de braços verdes e encardidas para uns poucos privilegiados e cadeiras dobráveis de metal para qualquer um abaixo do nível do Gabinete. A audiência era formada pelo secretário de estado, o secretário de defesa, seus respectivos assessores, o pessoal da CIA e os membros da assessoria especial da Casa Branca.

Todos se levantaram quando o presidente entrou.

Kennedy foi sentar numa cadeira verde; o diretor da CIA, CIA, Theodore Tappey, postou-se ao lado da tela para fazer os comentários.

O filme começou a ser projetado. Mostrava um caminhão parando atrás do avião seqüestrado. Os 125

trabalhadores descarregando suprimentos usavam chapéus de aba larga como proteção contra o sol; vestiam calças marrons de sarja e camisas de algodão castanhas, de mangas curtas. O filme mostrava os trabalhadores deixando o avião, e depois focalizava um deles. Podia-se ver, sob o chapéu de aba mole, as feições de Yabril, o rosto moreno anguloso, olhos brilhantes, um sorriso contraindo os lábios. Yabril embarcou no caminhão de suprimentos com os outros trabalhadores. O filme parou e Tappey falou:

— O caminhão seguiu para o palácio do sultão.

Temos informações de que eles se encontraram num banquete requintado, completo, inclusive com dançarinas.

Depois, Yabril retornou ao avião da mesma maneira. Não resta a menor dúvida de que o sultão de Sherhaben é também um conspirador nesses atos de terrorismo.

A voz do secretário de estado trovejou na escuridão:

— Indubitável apenas para nós. O serviço de informações é sempre suspeito. E mesmo que pudéssemos provar, não poderíamos tornar público. Perturbaria todos os equilíbrios políticos no Golfo Pérsico. Seríamos forçados a uma ação retaliatória, e isso seria contra os nossos melhores interesses.

Otto Gray murmurou:

— Santo Deus!

Christian Klee soltou uma risada.

Eugene Dazzy, que era capaz de escrever no escuro

— um sinal infalível de gênio administrativo, ele sempre dizia a todos
—, fez anotações num bloco.

O diretor da CIA continuou:

— Nossas informações se reduzem ao seguinte.

Receberão os memorandos com detalhes mais tarde.

Parece que a operação é financiada pelo grupo terrorista internacional que se intitula Primeiros Cem, ou às vezes os Cristos da Violência. Parece ser uma ligação entre grupos revolucionários de orientação marxista de universidades de elite, providenciando casas seguras e material. E se limita basicamente à Alemanha, Itália, França e Japão, existindo de uma maneira muito vaga na 126

Irlanda e Inglaterra. Mas segundo nossas informações, nem mesmo os Cem sabiam direito o que estava acontecendo por aqui. Achavam que a operação seria encerrada com o assassinato do Papa. O que nos leva à conclusão de que esse homem, Yabril, controla a conspiração, junto com o sultão de Sherhaben.

O filme recomeçou a rodar. Mostrava o avião isolado na pista, o círculo de soldados e baterias antiaéreas, que protegiam contra a aproximação de qualquer avião.

Mostrava as multidões que eram mantidas a cem metros de distância. A voz do diretor da CIA soou durante a projeção:

— Este filme e outras fontes indicam que não pode haver unia missão de resgate. A menos que decidamos simplesmente dominar todo o estado de Sherhaben. E é claro que a Rússia nunca permitirá isso, nem talvez os outros estados árabes. Além disso, mais de cinqüenta bilhões de dólares de dinheiro americano foram investidos na construção da cidade de Dak, o que constitui outro tipo de refém deles. Não podemos explodir esses investimentos de cinqüenta bilhões de dólares de nossos cidadãos. Acrescente-se o fato de que as rampas de mísseis em Sherhaben são guarnecidas em sua maioria por mercenários americanos, mas a esta altura deparamos com algo muito mais curioso.

Na tela, apareceu uma cena trêmula, do interior do avião seqüestrado. A câmera era obviamente operada de forma manual, desceu pelo corredor da classe turística, mostrando os passageiros assustados, imobilizados nas poltronas. A câmera continuou, até a primeira classe, focalizou uma única passageira sentada ali. E no instante seguinte Yabril apareceu na cena. Usava uma calça bege de algodão e uma camisa castanho-amarelada, de mangas curtas, a mesma cor do deserto lá fora. Houve um corte para Yabril sentado ao lado da passageira solitária, revelada agora como Theresa Kennedy. Yabril e Theresa pareciam conversar de uma maneira animada e cordial.

Theresa Kennedy exibiu um pequeno sorriso divertido, o que fez com que o pai, observando a tela, quase desviasse o rosto. Era um sorriso que ele se

lembrava de sua própria infância, o sorriso das pessoas entrincheiradas nos centros do poder, que nunca sonham que podem ser atingidas pelo mal de seus semelhantes.

Francis Kennedy viu aquele sorriso muitas vezes no rosto de seus tios; e perguntou ao diretor da CIA:

— Quando esse filme foi feito e como o conseguiu?

— O filme tem doze horas — respondeu Tappey. —

Nós o compramos a um custo elevado, obviamente de alguém muito ligado aos terroristas. Posso lhe dar os detalhes em particular, depois desta manhã, Senhor Presidente.

Kennedy fez um gesto de dispensa. Não estava interessado em detalhes. Tappey continuou:

— Informações adicionais. Nenhum dos passageiros foi maltratado. E também, o que é muito curioso, as mulheres que participaram do seqüestro foram substituídas, sem dúvida com a conivência do sultão.

Considero esse fato como um pouco sinistro.

— Por quê? — indagou Kennedy, bruscamente.

— Todos os terroristas no avião são homens. Há mais agora, pelo menos dez. Estão fortemente armados.

Talvez estejam decididos a matar os reféns se houver um ataque. É possível que tenham achado que as mulheres não seriam capazes de

cometer esse massacre. Nossa última avaliação das informações é a de que não se deve tentar uma operação de resgate pela força.

— Eles podem estar usando pessoal diferente apenas por se tratar de uma fase diferente da operação —

comentou Klee. — Ou Yabril pode ter achado que ficaria mais à vontade só com homens... afinal, ele é um árabe.

Tappey sorriu.

— Ora, Chris, você sabe tão bem quanto eu que essa substituição é uma aberração. Creio que só aconteceu uma vez antes. Pela sua experiência em operações clandestinas, sabe perfeitamente que isso exclui um ataque direto para resgatar os reféns.

Kennedy permaneceu em silêncio.

Assistiram ao que restava do filme. Yabril e Theresa conversaram animadamente, parecendo se tornar mais e 128

mais cordiais. Até que Yabril afagou o ombro de Theresa.

Era evidente que estava tranquilizando-a, dando alguma boa notícia, porque Theresa riu, satisfeita. E depois Yabril fez uma reverência quase cortês, um gesto que indicava que ela se encontrava sob sua proteção e nenhum mal lhe aconteceria.

— Tenho medo desse camarada — disse Klee. —

Precisamos tirar Theresa de lá.

Eugene Dazzy estava sentado em sua sala, repassando todas as opções para ajudar o Presidente Kennedy.

Primeiro, telefonou para sua amante, a fim de avisá-la de que não poderiam se encontrar até que a crise terminasse.

Depois ligou para a esposa, a fim de conferir a agenda social e cancelar tudo. Pensou muito e acabou ligando para Bert Audick, um dos mais encarniçados inimigos da administração Kennedy.

— Precisa nos ajudar, Bert. Ficarei lhe devendo um grande favor.

— Neste caso, Eugene, somos todos americanos, unidos — respondeu Audick.

Bert Audick já absorvera duas das gigantescas companhias petrolíferas americanas, tragando-as como um sapo engole moscas, como diziam seus inimigos. E ele parecia mesmo com um sapo, a boca larga no rosto grande e papudo, os olhos um pouco esbugalhados. Apesar disso, porém, era um homem impressionante, alto e corpulento, com uma cabeça enorme e o queixo tão quadrado quanto suas plataformas de petróleo. Sempre fora um homem do petróleo. Concebido no petróleo, criado no petróleo, amadurecido no petróleo. Nascido na riqueza, ele multiplicara essa riqueza por cem. Sua companhia valia vinte bilhões de dólares, e ele possuía 51 por cento das ações. Agora, aos setenta anos, sabia mais sobre petróleo do que qualquer outro homem nos Estados Unidos. Dizia que conhecia cada ponto do globo em que havia petróleo por baixo da terra.

Na sede de sua corporação em Houston, telas de 129

computador formavam um imenso mapa do mundo, mostrando cada um dos incontáveis petroleiros no mar, seu porto de origem e destino. Quem o possuía, por que preço fora comprado, quantas toneladas transportava. Ele podia entregar um bilhão de barris de petróleo a qualquer país com a mesma facilidade com que um homem comum dá uma nota de cinquenta dólares ao *maître* num restaurante.

Ganhara parte de sua vasta fortuna na crise do petróleo na década de 70, quando o cartel da OPEP

parecia segurar o mundo pela garganta. Mas fora Bert Audick quem aplicara a pressão. Ganhara bilhões de dólares com uma escassez que sabia não passar de um embuste.

Mas não agira assim por pura ganância. Amava o petróleo e sentia-se indignado ao ver sua força vital sendo vendida por um preço vil. Ajudara a elevar o preço do petróleo com o ardor romântico de um jovem se rebelando contra as injustiças da sociedade. E depois dera a maior parte do que ganhara para obras de caridade.

Construía hospitais sem fins lucrativos, asilos gratuitos para os velhos, museus de arte. Instituíra milhares de bolsas de estudos universitários para os desprivilegiados, sem distinção de raça ou credo.

Também cuidara de parentes e amigos, enriquecera primos distantes. Amava seu país e os compatriotas americanos, e jamais contribuíra com seu dinheiro para qualquer coisa fora dos Estados Unidos. À exceção, é claro, dos subornos para autoridades estrangeiras. Não amava os líderes políticos de seu país, nem as engrenagens opressivas do governo. Eram quase sempre seus inimigos, com suas leis restritivas, suas ações judiciais antitruste, sua interferência nos negócios particulares. Bert Audick tinha uma lealdade absoluta por seu país, mas era o seu negócio, seu direito democrático de pressionar os compatriotas, obrigá-los a pagar pelo petróleo que ele idolatrava.

Audick acreditava em manter o petróleo no fundo da terra por tanto tempo quanto possível. Pensava muitas

vezes, com amor, nos bilhões e bilhões e bilhões de dólares que se encontravam em enormes poços sob as areias do deserto de Sherhaben e outros lugares do mundo, tão seguros quanto podiam ficar. Manteria esse vasto lago de ouro intacto por tanto tempo quanto conseguisse. Comprava o petróleo de outras pessoas, comprava outras companhias petrolíferas. Perfurava os oceanos,

comprava o Mar do Norte da Inglaterra, comprava uma parte da Venezuela. E havia ainda o Alasca. Só ele conhecia as proporções da imensa fortuna que se encontrava sob o gelo.

Era tão ágil quanto um bailarino em suas transações.

Disponha de um sofisticado sistema de informações que lhe proporcionava uma estimativa muito mais acurada das reservas de petróleo da União Soviética do que a CIA tinha. Não partilhava essa informação com o governo dos Estados Unidos, achava que não havia motivo para isso, já que pagara muito dinheiro para obtê-la, e o valor para ele era a exclusividade.

E acreditava sinceramente, como muitos americanos

— até proclamava que isso era um dos fundamentos de uma sociedade democrática —, que um cidadão livre, num país livre, tem o direito de pôr seus interesses pessoais acima dos objetivos das autoridades do governo eleito. Pois se cada cidadão promovia o seu próprio bem-estar, como o país poderia deixar de prosperar?

Por recomendação de Dazzy, Kennedy concordou em receber esse homem. Para o público, Audick era uma figura vaga, apresentado nos jornais e na revista *Fortune* como um caricato Czar do Petróleo. Mas ele tinha uma grande influência no Congresso. Também tinha muitos amigos e associados entre os poucos milhares de homens que controlavam as mais importantes companhias dos Estados Unidos e pertencia ao Clube Sócrates. Os homens dessa organização controlavam os meios de comunicação impressos e a TV, dirigiam as companhias que controlavam a compra e transporte de grãos; eram os gigantes de Wall Street, os colossos da eletrônica e da indústria automobilística, os templários do Dinheiro que 131

comandavam os bancos. E, o mais importante de tudo, Audick era amigo pessoal do sultão de Sherhaben.

Bert Audick foi conduzido a Sala do Gabinete, onde Francis Kennedy estava reunido com sua assessoria e os membros do Gabinete apropriados. Todos compreendiam que ele viera não apenas para ajudar o presidente, mas também para adverti-lo. Era a companhia petrolífera de Audick que tinha cinquenta bilhões de dólares investidos nos campos de petróleo de Sherhaben e na cidade principal de Dak. Ele possuía uma voz mágica, afável, persuasiva e tão segura que era como se um sino de catedral repicasse ao final de cada frase. Poderia ter sido um político extraordinário, se não fosse pelo fato de que em toda a sua vida nunca fora capaz de mentir para o povo de seu país em questões políticas e de suas convicções se situarem tão à direita que não conseguiria ser eleito nem mesmo nos distritos mais conservadores.

Começou por expressar sua mais profunda simpatia pela situação em que Kennedy se encontrava, com tanta sinceridade que não podia haver qualquer dúvida de que o resgate de Theresa Kennedy era o motivo principal para oferecer seus préstimos.

— Senhor Presidente, tenho mantido contato com todas as pessoas que conheço nos países árabes. Eles repudiam esse atentado lamentável e nos ajudarão por todos os meios que puderem. Sou amigo pessoal do sultão de Sherhaben e usarei toda a minha influência junto a ele.

Fui informado de que há certos indícios de que o sultão faz parte da conspiração do seqüestro e assassinato do Papa. Posso lhe assegurar que, independentemente dos indícios, o sultão está do nosso lado.

Isso alertou Francis Kennedy. Como Audick sabia dos indícios contra o sultão? Só os membros do Gabinete e sua assessoria pessoal estavam a par dessa informação, que fora apresentada como ultra-secreta. Seria possível que Audick fosse o passaporte do sultão para a absolvição depois de encerrado o incidente? Seria um esquema

para que o sultão e Audick se destacassem como os salvadores de
132

sua filha?

— Senhor Presidente, recomendo que atenda às exigências do seqüestrador — continuou Audick. — É

verdade que será um golpe para o presidente americano, sua autoridade. Mas isso pode ser reparado mais tarde.

Gostaria de lhe dar minha opinião sobre a questão que sei que mais o preocupa. Nenhum mal acontecerá à sua filha.

O sino de catedral em sua voz repicou com essa garantia. E foi a certeza de seu discurso que levou Kennedy a duvidar dele. Pois Kennedy sabia, por sua experiência pessoal na guerra política, que a confiança absoluta é a qualidade mais suspeita em qualquer tipo de líder.

— Acha que devemos entregar-lhes o homem que assassinou o Papa? — indagou Kennedy.

Audick interpretou a pergunta de maneira errada.

— Senhor Presidente, sei que é católico. Mas lembre-se de que este país é na maior parte protestante.

Como uma questão de política externa, não precisamos converter a morte de um Papa católico na mais importante de nossas preocupações. É necessária para o futuro de nosso país a preservação dos suprimentos de petróleo.

Precisamos de Sherhaben. Devemos agir com todo cuidado, com inteligência, sem paixão. E apresento outra vez minha garantia pessoal. Sua filha está segura.

Não havia qualquer dúvida em sua afirmativa, ele se mostrava totalmente sincero. Kennedy agradeceu e acompanhou-o até a porta. Depois que Audick se retirou, Kennedy virou-se para Dazzy e perguntou:

— O que ele estava realmente querendo dizer?

— Ele quer apenas marcar pontos com você. E talvez não queira que tenha alguma idéia de usar a cidade petrolífera de Dak, que vale cinqüenta bilhões de dólares, como um item de barganha. — Dazzy fez uma pausa, e depois acrescentou: — Acho que ele pode ajudar.

Christian inclinou-se para o ouvido de Kennedy e murmurou:

— Francis, preciso falar com você a sós.

Kennedy pediu licença para deixar a reunião por um 133

momento e foi para o Gabinete Oval com Christian.

Kennedy detestava usar aquela sala pequena, mas as outras salas da Casa Branca se achavam ocupadas por assessores e planejadores, aguardando as instruções finais.

Christian gostava do Gabinete Oval. A claridade que entrava pelas três janelas compridas, à prova de balas, as duas bandeiras — a alegre bandeira nacional, vermelha, branca e azul, à direita da escrivaninha, e a bandeira presidencial, mais sombria, de um azul-escuro, à esquerda.

Kennedy acenou para que Christian sentasse.

Christian se perguntou como o presidente conseguia se manter tão controlado. Embora fossem amigos íntimos há muitos anos ele não podia perceber qualquer sinal de emoção.

— Temos mais problemas, Francis. Aqui mesmo, nos Estados Unidos. Detesto incomodá-lo num momento como este, mas é necessário.

Ele relatou a Kennedy a história da carta com a ameaça da bomba atômica, e depois acrescentou:

— Provavelmente não passa de besteira. Há uma possibilidade em um milhão de que a bomba de fato exista. Mas se existir, pode destruir dez quarteirões da cidade e matar milhares de pessoas. E a precipitação radiativa tornaria a área inabitável por muito tempo. Por isso, devemos levar a sério essa probabilidade em um milhão.

Francis Kennedy disse bruscamente:

— Espero que não vá me dizer agora que isso está ligado também ao seqüestro.

— Quem sabe?

— Então abafe o caso, resolva tudo sem estardalhaço.

Invoque a Lei do Sigilo Atômico. — Kennedy levantou a alavanca do aparelho de intercomunicação para a sala de Eugene Dazzy. — Gene, mande-me cópias da Lei do Sigilo Atômico. Também quero as fichas médicas da pesquisa de cérebros. E marque uma reunião com o Dr.

Annaccone.

Kennedy desligou o aparelho. Levantou-se, olhou 134

pelas janelas do Gabinete Oval. Distraído, passou a mão pela bandeira americana ao lado da mesa. Ficou parado ali por um longo tempo, pensando.

Christian admitiu a capacidade do homem de isolar aquilo de tudo o mais que estava acontecendo.

— Acho que este é um problema interno —

comentou ele —, uma espécie de desvio psicológico que há anos foi previsto. Estamos investigando alguns suspeitos.

Kennedy continuou em silêncio, absorvido em seus pensamentos. Só depois de um longo tempo é que murmurou:

— Chris, não deixe que isso chegue ao conhecimento dos outros compartimentos do governo. O problema deve ser tratado entre nós dois. Nem mesmo Dazzy e os outros membros de minha assessoria pessoal devem saber. É

demais para acrescentar ao resto todo.

A cidade de Washington transbordava com o fluxo de jornalistas e seus equipamentos do mundo inteiro. Havia um zumbido no ar, como num estádio lotado, as ruas estavam repletas de pessoas, multidões se concentravam na frente da Casa Branca, como se quisessem partilhar o sofrimento do presidente. O céu estava cheio de aviões, vôos do exterior especialmente fretados. Emissários do governo voavam para outros países, a fim de conferenciarem sobre a crise. Enviados especiais chegavam de outros países. Uma divisão extra de soldados do exército fora levada para a área, com a incumbência de patrulhar a cidade e guardar os acessos à Casa Branca. As multidões pareciam dispostas a se manter em vigília durante toda a noite, como se quisessem garantir ao presidente que não se encontrava sozinho em seu problema. O barulho dessas multidões envolvia a Casa Branca e seus jardins.

Todas as emissoras de televisão interromperam a programação normal para transmitir as manifestações de pesar pela morte do Papa. Serviços memoriais em todas as grandes catedrais do mundo, com milhões de pessoas chorando e com o traje preto de luto, apareceram em 135

todas as telas. Em todo aquele pesar, havia um clamor implícito por vingança, embora os sermões falassem em caridade. Havia também nos serviços orações pela libertação de Theresa Kennedy.

Vazaram rumores de que o presidente estaria disposto a libertar o assassino do Papa para obter a devolução de sua filha e dos outros reféns. Os analistas políticos convocados pelas redes de TV dividiram-se sobre a sabedoria de tal iniciativa, mas achavam que as exigências iniciais eram passíveis de negociação, como em muitas outras crises de reféns, ao longo dos últimos anos. Mais ou menos concordaram que o presidente entrara em pânico por causa do perigo que a filha corria.

E enquanto tudo isso acontecia, as multidões em torno da Casa Branca foram se tornando cada vez maiores, ao longo da noite. As ruas de Washington estavam apinhadas de veículos e pedestres, todos convergindo para o coração simbólico de seu país. Muitos levavam comida e bebida para a longa vigília. Esperariam pela noite afóra com seu presidente, Francis Xavier Kennedy.

Ao se retirar para seu quarto, na noite de terça-feira, Kennedy rezou para que os reféns fossem libertados no dia seguinte. Com o esquema armado, Yabril venceria.

Por enquanto. Na mesinha ao lado da cama de Kennedy estavam os relatórios preparados pela CIA, Conselho de Segurança Nacional, secretário de estado, secretário da defesa, e os memorandos de sua assessoria pessoal. O

mordomo, Jefferson, serviu chocolate quente e biscoitos.

Kennedy acomodou-se para ler os relatórios.

E leu nas entrelinhas. Juntou as posições aparentemente divergentes das diversas agências. Tentou se colocar no papel de uma potência mundial rival ao ler os relatórios. E a imagem que sobressaía era a dos Estados Unidos como um país decadente, um gigante obeso e

artrítico, provocado por pirralhos insolentes. Dentro do próprio país, o gigante tinha uma hemorragia interna. Os ricos se tornavam muito mais ricos, os pobres 136

mergulhavam no desespero. A classe média lutava desesperada por sua cota de boa vida.

Kennedy compreendia que aquela última crise, o assassinato do Papa, o seqüestro do avião com sua filha e as humilhantes exigências eram um golpe

deliberadamente planejado, visando a minar a autoridade moral dos Estados Unidos.

Mas havia também o ataque interno, a ameaça da bomba atômica. O câncer por dentro. Os perfis psicológicos haviam previsto que aquilo poderia acontecer, e se adotaram as precauções possíveis. Mas não foram suficientes. E só podia ser uma operação interna, era uma trama perigosa demais para terroristas, uma agressão exagerada ao gigante obeso. Seria um trunfo que os terroristas, por mais ousados que fossem, nunca se atreveriam a usar. Poderia abrir uma caixa de Pandora de repressão, pois eles sabiam que se os governos, em particular o governo dos Estados Unidos, suspendessem as leis que protegiam as liberdades civis, qualquer organização terrorista poderia ser destruída com facilidade.

Kennedy estudou os relatórios que resumiam as informações sobre os grupos terroristas conhecidos e as nações que os apoiavam. Ficou surpreso ao constatar que a China dava apoio financeiro a grupos terroristas árabes.

Havia organizações específicas que naquele momento não pareciam ligadas a operação de Yabril; era bizarra demais, sem um proveito incontestável para o custo envolvido, o aspecto negativo. Os russos nunca haviam defendido a livre iniciativa no terrorismo. Mas havia as incontáveis facções árabes, como a Frente Árabe, Saiqua, FPLP-G e várias outras, designadas apenas pelas iniciais.

Havia ainda as brigadas vermelhas, a Brigada Vermelha Japonesa, a Brigada Vermelha Italiana, a Brigada Vermelha Alemã, que dominara todas as outras facções alemãs numa guerra interna mortífera.

Ao final, tudo isso foi demais para Kennedy. Pela manhã, na quarta-feira, as negociações seriam concluídas, os reféns estariam sãos e salvos. Não havia nada que ele 137

pudesse fazer agora, a não ser esperar. A solução passaria do prazo fatal de 24 horas, mas isso estava combinado.

Seus assessores haviam lhe assegurado que os terroristas, com toda certeza, seriam pacientes.

Antes de adormecer, ele pensou na filha, em seu sorriso jovial e confiante ao conversar com Yabril, o sorriso reencarnado dos tios mortos do pai. E depois ele mergulhou em sonhos angustiados: gemendo, clamou por socorro. Jefferson entrou correndo no quarto, olhou para o rosto agoniado do presidente adormecido, esperou um momento, depois despertou-o do pesadelo. Serviu outra xícara de chocolate quente e deu a Kennedy a pílula para dormir que o médico determinara.

138

Manhã de Quarta-Feira

Sherhaben

ENQUANTO FRANCIS KENNEDY DORMIA, Yabril levantou-se. Ele amava o amanhecer no deserto, o frio sendo tangido pelo fogo interno do sol, o céu adquirindo um vermelho incandescente. Em tais momentos, sempre pensava no Lúcifer maometano, Azazel.

O anjo Azazel, postando-se diante de Deus, recusou-se a aceitar a criação do homem. Deus lançou Azazel do Paraíso para atear o fogo do inferno nas areias do deserto.

Ah, que maravilha ser Azazel!, pensou Yabril. Quando era jovem e romântico, usara Azazel como seu primeiro nome operacional.

Naquela manhã, o sol flamejando em calor deixou-o tonto. Embora permanecesse na porta ensombreada do avião dotado de ar-condicionado, uma terrível lufada de ar escaldante fez seu corpo recuar, cambaleando. Sentiu náusea e se perguntou se isso tinha alguma relação com o que devia fazer. Agora cometeria o ato final e irremediável, o último movimento em seu jogo de xadrez do terror, que não revelara a Romeu, nem ao sultão de Sherhaben, nem mesmo aos quadros de apoio das Brigadas Vermelhas. Um sacrilégio final.

À distância, junto do terminal aéreo, ele avistou o perímetro guardado pelos soldados do sultão, que impediam a aproximação de milhares de repórteres de jornais, revistas e TV. Ele tinha a atenção do mundo inteiro; mantinha em seu poder a filha do Presidente dos Estados Unidos. Contava com uma audiência maior do que qualquer soberano, qualquer Papa, qualquer profeta.

Yabril virou-se da porta aberta para contemplar o interior do avião.

Quatro homens de seu novo grupo comiam o

desjejum no compartimento da primeira classe. Haviam se passado 24 horas desde que apresentara o ultimato. O

tempo esgotara. Ele mandou que os homens se 139

apressassem, depois despachou-os em suas missões. Um deles levou a ordem escrita de Yabril ao chefe da segurança no perímetro, autorizando as equipes de TV a se aproximarem do avião. Outro recebeu a pilha de volantes impressos, proclamando que as exigências de Yabril não haviam sido atendidas no prazo improrrogável de 24 horas, e por isso um dos reféns seria executado.

Dois homens foram incumbidos de trazer a filha do presidente americano da primeira fila isolada da classe turística para o compartimento de primeira classe, até a presença de Yabril.

Quando Theresa Kennedy entrou na primeira classe e avistou Yabril à sua espera, seu rosto relaxou num sorriso aliviado. Yabril não entendia como ela podia parecer tão adorável, depois de passar aqueles dias no avião. Era a pele, pensou Yabril — ela não tinha óleo na pele para acumular sujeira. Ele sorriu e disse, num tom gentil, meio de gracejo:

— Está bonita, mas um pouco desalinhada. Lave-se, ponha um pouco de maquilagem, escove os cabelos. As câmeras de TV estão à nossa espera. O mundo inteiro vai assistir e não quero que pensem que a tratei mal.

Ele deixou Theresa entrar no banheiro do avião e aguardou. Ela demorou quase vinte minutos. Yabril ouviu a descarga e imaginou-a sentada ali, como uma garotinha, sentiu uma pontada de angústia no coração e orou: Azazel, Azazel, esteja comigo agora. E depois ele ouviu o rugido furioso da multidão, ao sol do deserto; as pessoas haviam lido os volantes. As unidades móveis de TV se adiantaram.

Theresa apareceu. Yabril viu uma expressão de tristeza em seu rosto. E também obstinação. Ela decidira que não falaria, não permitiria que ele a obrigasse a fazer a gravação. Exibia um rosto lavado, estava bonita, cheia de fé em sua força. Mas perdera um pouco da inocência de seu coração. Theresa sorriu para Yabril e declarou:

— Não vou falar.

Yabril segurou-a pela mão.

— Apenas quero que a vejam.

Ele levou-a para a porta aberta do avião, pararam ali.

140

O ar vermelho do sol do deserto incendiava seus corpos.

Seis unidades móveis de TV pareciam guardar o avião, como monstros pré-históricos, quase bloqueando a imensa multidão além do perímetro.

— Basta sorrir para eles — disse Yabril. — Quero que seu pai veja que está segura.

Nesse momento ele alisou a parte posterior da cabeça de Theresa, sentindo os cabelos sedosos; empurrou-a para o lado, a fim de deixar a nuca à mostra, a pele de marfim assustadoramente pálida. A única mácula era uma verruga preta no ombro.

Theresa encolheu-se ao contato e virou-se para ver o que ele estava fazendo. Yabril apertou-lhe a nuca, obrigando-a a virar a cabeça para a frente, a fim de que as câmeras de TV pudessem focalizar a beleza de seu rosto.

O sol do deserto emoldurava-a em ouro, o corpo mantinha-se na sombra.

Uma das mãos levantada e comprimida contra o teto da porta, a fim de manter o equilíbrio, Yabril pressionou seu corpo contra as costas de Theresa, enquanto balançava na beira, um suave contato. Ele sacou a pistola com a mão direita, encostou-a na pele exposta da nuca. E

depois, antes que Theresa pudesse compreender a pressão do metal, Yabril puxou o gatilho e deixou que o corpo da filha do presidente americano se separasse do seu.

Theresa pareceu flutuar para cima, pelo ar, para o sol, para o halo de seu próprio sangue. E depois o corpo virou, as pernas apontando para o céu, tornou a virar, antes que ela batesse na pista de cimento, onde ficou esparramada, destruída além da mortalidade, a cabeça uma cratera, iluminada pelo sol escaldante. A princípio, o único som era o zumbido das câmeras de TV e das unidades móveis, o ranger da areia, mas depois, ressoando pelo deserto, ouviu-se o gemido de milhares de pessoas, um interminável grito de terror.

O som profundo, sem o júbilo esperado, surpreendeu Yabril. Ele recuou da porta para o interior do avião. Viu que seus homens observavam-no com horror, com aversão, com um terror quase animal. E lhes disse: 141

— Alá seja louvado.

Mas eles não responderam. Yabril esperou por um momento longo, depois acrescentou bruscamente:

— Agora o mundo saberá que estamos falando sério.

Agora nos darão o que pedimos.

Mas sua mente registrou que o rugido da multidão não tinha o êxtase que esperara. A reação de seus próprios homens parecia sinistra. A execução da filha do Presidente dos Estados Unidos, a extinção de um símbolo desprovido de autoridade, violava um tabu que ele não levava em consideração. Mas não importava.

Ele pensou por um instante em Theresa Kennedy, o rosto meigo, a fragrância de violeta de seu pescoço alvo pensou no corpo envolto pelo halo vermelho de areia. E

pensou: Que ela vá para Azazel, lançada da estrutura dourada do paraíso para as areias do deserto, por toda a eternidade E a mente de Yabril focalizou a última imagem de Theresa Kennedy, a calça branca folgada levantada nos tornozelos deixando à mostra os pés metidos em sandálias O fogo de sol espalhou-se pelo avião e ele ficou encharcado de suor E pensou: Eu sou Azazel.

Washington

ANTES DO AMANHECER DA QUARTA-FEIRA, mergulhado num pesadelo povoado pelo clamor angustiado de uma vasta multidão, o Presidente Kennedy descobriu-se sacudido por Jefferson. E estranhamente, embora estivesse agora desperto, ainda podia ouvir o estrondo de vozes trovejantes, que penetravam pelas paredes da Casa Branca.

Havia algo diferente em Jefferson — ele não aprecia alguém que preparava chocolate quente, escovava ternos, o criado diferente. Parecia mais como um homem 142

que contraíra o corpo e o rosto para receber um golpe terrível. E dizia sem parar:

— Senhor Presidente, acorde, acorde...

Mas Kennedy já estava acordado e disse:

— Que barulho é esse?

Todo o quarto se achava iluminado pela luz do lustre e havia um grupo de homens por trás de Jefferson. Kennedy reconheceu o oficial da marinha que era o médico da Casa Branca, o suboficial a quem era confiado o “controle”

nuclear e mais Eugene Dazzy, Arthur Wix e Christian Klee.

Sentiu que Jefferson quase o levantava da cama, depois envolvia-o com o chambre, num movimento rápido. Por algum motivo, seus joelhos vergaram, e Jefferson amparou-o.

Todos os homens pareciam abalados, os rostos muito pálidos, como fantasmas, os olhos arregalados e rígidos.

Kennedy fitou-os com espanto e depois com um medo opressivo. Por um momento, perdeu todo o senso de visão, todo o senso de audição, enquanto o medo envenenava seu ser inteiro. O oficial da marinha abriu sua maleta preta, tirou uma seringa já preparada. Kennedy murmurou:

— Não.

Ele olhou para os outros homens, um a um, mas ninguém falou. E Kennedy acrescentou, hesitante:

— Tudo bem, Chris, eu sabia que ele acabaria fazendo. Matou Theresa, não é?

Ele esperou que Christian dissesse não, que fora outra coisa, alguma catástrofe natural, a explosão de uma instalação nuclear, a morte de um grande chefe de estado, o afundamento de um navio de guerra no Golfo Pérsico, um terremoto devastador, inundação, incêndio, pestilência. Qualquer outra coisa. Mas Christian, o rosto muito pálido, balbuciou:

— É, sim.

E Kennedy teve a sensação de que alguma longa doença, uma febre à espreita, finalmente o dominava.

Sentiu o corpo se dobrar, teve consciência de que Christian se postava ao seu lado, como a protegê-lo das 143

outras pessoas no quarto, porque as lágrimas escorriam por seu rosto, ele ofegava para respirar. E depois todas as pessoas pareceram se aproximar, o médico espetou a agulha em seu braço, Jefferson e Christian baixaram seu corpo para a cama. Eles esperaram que Francis Kennedy se recuperasse do choque. Finalmente, ao recuperar algum controle, ele deu as instruções. Acionar todas as seções necessárias de planejamento, fazer contatos com os líderes do Congresso, esvaziar as multidões das ruas da

cidade e dos arredores da Casa Branca. E bloquear os meios de comunicação. Ele informou que se reuniria com todos às sete horas da manhã. Pouco antes do raiar do dia, Kennedy determinou que todos se retirassem. Jefferson serviu-lhe a habitual bandeja com chocolate quente e biscoitos.

— Estarei ao lado da porta — disse Jefferson. — E

verificarei como está de meia em meia hora, se não se importa, Senhor Presidente.

Kennedy acenou com a cabeça e Jefferson se retirou.

Ele apagou todas as luzes. O quarto estava cinza, com a aproximação da alvorada. Kennedy forçou-se a pensar com lucidez. Seu sofrimento era o resultado de um ataque de um inimigo, e ele tentou reprimir esse sofrimento.

Olhou para as janelas compridas e ovais, recordando, como sempre fazia, que eram de vidro especial, ele podia ver lá fora, mas ninguém do outro lado podia vê-lo, e também eram à prova de balas. Além disso, a vista que ele tinha, os jardins da Casa Branca, os prédios além, se encontrava ocupada por agentes do Serviço Secreto, o terreno contando com detectores especiais e patrulhas de cães. Ele próprio estava sempre seguro; Christian cumprira sua promessa. Mas não houvera como manter Theresa segura. Estava acabado, ela morrerá. E agora, depois da onda inicial de desespero, ele se admirava de sua calma. Seria porque ela insistira em levar sua própria vida, depois da morte da mãe? Recusara-se a partilhar a vida com ele na Casa Branca, porque se encontrava à esquerda dos dois partidos e assim era sua oponente política? Haveria uma falta de amor por sua filha?

144

Ele tratou de se absolver. Amava Theresa, e ela estava morta. Mas o impacto fora atenuado porque ele estivera se preparando para essa

morte nos últimos dias.

Sua paranóia inconsciente e astuta, enraizada na história dos Kennedys, enviara sinais de advertência.

Houvera uma coordenação entre o assassinato do Papa e o seqüestro do avião em que viajava a filha do líder da nação mais poderosa do mundo. Houvera uma protelação na apresentação das exigências, até que o assassino se encontrasse no lugar certo, capturado nos Estados Unidos. E depois a arrogância deliberada, a exigência de libertação do assassino do Papa.

Por um supremo esforço da vontade, Francis Kennedy banuiu da mente todo sentimento pessoal.

Tentou seguir um curso lógico. Era de fato muito simples: um Papa e uma moça haviam morrido. Em termos objetivos, isso não era tão importante assim numa escala global. Os líderes religiosos podem ser canonizados, as moças lamentadas com uma doce tristeza. Mas havia algo mais. As pessoas no mundo inteiro sentiriam desprezo pelos Estados Unidos e seus líderes. Outros ataques seriam desfechados, de formas imprevistas. A autoridade desprezada não podia impor a ordem. A autoridade escarnecida e derrotada não podia ter a presunção de preservar a estrutura de sua civilização em particular. Como ele poderia defendê-la?

A porta do quarto foi aberta, e a luz do corredor entrou, Mas o quarto se achava agora iluminado pelo sol nascente, e a luz foi diluída. Jefferson, de camisa e paletó trocados, empurrou a mesinha do desjejum para o interior do quarto, preparou tudo para Kennedy. Lançou um olhar inquisitivo para o presidente, como se indagasse se deveria ficar, mas acabou se retirando.

Kennedy sentiu lágrimas em seu rosto e

compreendeu subitamente que eram as lágrimas da impotência. Tornou a constatar que seu sofrimento desaparecera e especulou

por quê. E depois sentiu, conscientemente, as ondas de sangue invadindo seu cérebro, com uma raiva terrível, uma raiva até de sua
145

assessoria pessoal, que lhe falhara, uma raiva que jamais conhecera, e que desdenhara nos outros durante toda a sua vida. Tentou resistir.

Pensou agora como sua assessoria pessoal tentara confortá-lo. Christian demonstrara sua afeição pessoal, partilhada ao longo dos anos, Christian o abraçara, ajudara-o a deitar Qddblood Gray, sempre tão frio e impessoal, segurara-o pelos ombros e murmurara:

— Lamento muito, lamento profundamente.

Arthur Wix e Eugene Dazzy foram mais reservados.

Tocaram-no de leve e sussurraram alguma coisa que ele não entendera. E Kennedy notara que Dazzy, como o chefe de sua assessoria, fora o primeiro a deixar o quarto para organizar as coisas no resto da Casa Branca. Wix se retirara com Dazzy. Como chefe do Conselho de Segurança Nacional, ele tinha um trabalho urgente, e talvez tivesse medo de ouvir alguma ordem incontrolável de retaliação, de um homem sufocado pelo sofrimento de pai.

No pouco tempo antes de Jefferson voltar com o desjejum, Francis Kennedy compreendera que sua vida seria agora completamente diferente, talvez fora de seu controle. Tentou excluir a raiva de seu processo de raciocínio.

Lembrou sessões de estratégia em que eventos assim haviam sido discutidos. Lembrou o Irã, lembrou o Iraque.

Sua mente voltou por quase quarenta anos. Era um menino de sete anos, brincando na praia em Hyannisport, com os filhos do tio Jack e tio Bobby. E os dois tios, tão altos, esguios e bonitos, haviam brincado com eles por alguns minutos, antes de embarcarem no

helicóptero à espera, como deuses. Quando criança, sempre gostara mais de tio Jack, porque conhecia todos os seus segredos.

Vira-o uma ocasião beijar uma mulher, depois levá-la para o quarto. E vira-os saírem uma hora depois. Jamais esquecer a expressão de tio Jack, uma expressão de felicidade, como se tivesse acabado de receber um presente inesquecível. Os dois notaram o menino escondido por trás de uma mesa no corredor. Naquele tempo de inocência, o 146

Serviço Secreto não se mantinha muito próximo do presidente.

E havia outras cenas de sua infância, nítidas imagens do poder. Os dois tios sendo tratados como a realeza por homens e mulheres mais velhos. A música começando quando tio Jack pisava no gramado, todos os rostos virando-se em sua direção, a interrupção de qualquer conversa enquanto ele falava. Os dois partilhando o poder e sua dignidade ao exercê-lo. Como esperavam confiantes que os helicópteros descessem do céu, como pareciam seguros, cercados por homens fortes que os protegiam de qualquer mal, como eram levados pelo céu, como eram magníficos ao descerem das alturas...

Seus sorrisos irradiavam luz, sua divindade irradiava conhecimento e autoridade pelos olhos, o magnetismo se irradiava de seus corpos. E com tudo isso ainda encontravam tempo para brincar com as crianças, seus filhos e filhas, sobrinhos e sobrinhas, brincar com a maior seriedade, deuses que visitavam os pequenos mortais sob sua guarda! E de repente... de repente...

Ele assistira pela televisão, com a mãe ao lado chorando, ao funeral de tio Jack, o coche fúnebre, o cavalo sem cavaleiro, os milhões de pessoas abaladas, e vira seu pequeno companheiro de brincadeiras como um dos atores no palco mundial. E tio Bobby, tia Jackie. Em determinado momento, a mãe o abraçara e murmurara:

— Não olhe, não olhe...

E sua visão fora encoberta pelos cabelos compridos e as lágrimas da mãe.

Agora, o feixe de luz amarela entrando pela porta aberta interrompeu suas recordações, e ele viu que Jefferson entrara com um carinho. Kennedy disse suavemente:

— Leve isso e dê-me uma hora. Não me interrompa antes.

Ele quase nunca falava de forma tão incisiva, e Jefferson lançou-lhe um olhar avaliador.

— Pois não, Senhor Presidente.

O mordomo se retirou com o carrinho, fechou a 147

porta. O sol era bastante forte para iluminar o quarto, mas não o suficiente para proporcionar calor. Mas o burburinho de Washington penetrava no quarto. Os caminhões das redes de televisão ocupavam as ruas além dos portões, incontáveis motores de carros roncavam, como um gigantesco enxame de insetos. Aviões passavam constantemente por cima, todos militares — o espaço aéreo fora fechado ao tráfego civil.

Ele tentou resistir à raiva opressiva, à bílis amarga em sua boca. O que deveria ser o maior triunfo de sua vida acabara se transformando no maior infortúnio. Fora eleito para a presidência, mas a esposa morrera antes que assumisse o cargo. Seus grandiosos programas para uma América utópica haviam sido destruídos pelo Congresso.

E agora a filha pagara o preço por sua ambição e sonhos.

Uma saliva nauseante fê-lo engasgar, enquanto passava pela língua e lábios. O corpo parecia se encher com um veneno que o enfraquecia em cada parte, o sentimento de que só a raiva poderia fazê-lo ficar bem, e nesse instante aconteceu alguma coisa em seu

cérebro, uma carga elétrica lutando contra a doença das células. Tanta energia fluiu por seu corpo que ele estendeu os braços, os punhos cerrados, para as janelas agora encharcadas de sol.

Tinha poder, usaria esse poder. Podia fazer os inimigos tremerem, podia fazer com que a saliva deles se tornasse amarga em suas bocas. Podia acabar com todos os homenzinhos insignificantes e seus tubos de ferro, todos aqueles que haviam provocado tanta tragédia em sua vida e sua família.

Sentia-se como um homem que, por muito tempo enfraquecido, curou-se de uma grave doença, e desperta uma manhã para descobrir que recuperou as forças.

Experimentava uma exultação, quase uma paz, como nunca conhecera desde a morte da esposa. Sentou na cama e tentou controlar seus sentimentos, restaurar a cautela e um curso de pensamento racional. Mais calmo, revisou todas as opções e todos os perigos, concluiu que sabia o que devia fazer e que riscos deveria evitar. E

sentiu uma última pontada de angústia pela filha que não 148

mais existia.

149

LIVRO

III

CAPÍTULO

8

Quarta-Feira

Washington

ÀS ONZE HORAS DA MANHÃ de quarta-feira, as pessoas mais importantes do governo em termos políticos reuniram-se na Sala do Gabinete, a fim de decidir o curso de ação que o país deveria adotar. Lá estavam a Vice-Presidente Helen DuPray, os membros do Gabinete, o diretor da CIA, o comandante do estado-maior das forças armadas, que não costumava estar presente nessas reuniões, mas fora instruído a comparecer por Eugene Dazzy, a pedido do presidente. Todos se levantaram quando Kennedy entrou na sala.

Kennedy gesticulou para que todos sentassem. Só o secretário de estado permaneceu de pé, e disse:

— Senhor Presidente, todos nós desejamos expressar nosso pesar por sua perda. Apresentamos nossas condolências pessoais, nosso amor. E lhe asseguramos a mais absoluta lealdade e devoção em sua crise pessoal e nesta crise em nossa nação. Estamos aqui para lhe
153

oferecer mais do que nossa assessoria profissional.

Estamos aqui para lhe dar nossa devoção individual.

Havia lágrimas nos olhos do secretário de estado. E

ele era um homem famoso por sua frieza e reserva.

Kennedy baixou a cabeça por um momento. Era o único homem naquela sala que parecia não demonstrar emoção, exceto pela palidez do rosto. Fitou a todos por um longo momento, como se agradecesse a cada pessoa na sala por seus sentimentos de afeição, a que retribuía com gratidão. E sabendo que estava prestes a destruir aqueles bons sentimentos.

— Quero agradecer a todos, sinto-me grato e conto com vocês — disse ele. — Mas agora eu lhes peço que ponham de lado o meu infortúnio pessoal no contexto desta reunião. Estamos aqui para decidir o que é melhor para nosso país. Este é o nosso dever, nossa sagrada obrigação. As decisões que tomei são rigorosamente impessoais.

Helen Du Pray pensou: Oh, Deus, ele vai agir!

Kennedy continuou:

— Esta reunião analisará nossas opções. Duvido que qualquer das opções de vocês venha a ser adotada, mas devo lhes dar a oportunidade de defendê-las. Mas, primeiro, quero apresentar minha proposta. E devo acrescentar que conto com o apoio de minha assessoria pessoal.

Ele fez outra pausa, a fim de projetar todo o seu magnetismo pessoal. Levantou-se e voltou a falar:

— Um: a análise. Todos os trágicos eventos recentes têm a dinâmica de um plano concebido com ousadia e executado de forma implacável. O assassinato do Papa no Domingo de Páscoa, o seqüestro do avião no mesmo dia, a deliberada impossibilidade logística das exigências para a libertação dos reféns, e embora eu concordasse em atender a todas as exigências, o assassinato desnecessário de minha filha, esta madrugada. E até mesmo a captura do assassino do Papa aqui, em nosso país, um evento muito além do reino de qualquer acaso ou destino, era parte do plano global, a fim de que pudessem exigir a libertação do 154

assassino. Os indícios apoiando essa análise são incontestáveis.

Ele podia perceber a expressão de incredulidade em seus rostos. Fez mais uma pausa, antes de prosseguir:

— Mas qual poderia ser o propósito de um plano tão aterrador e complicado? Há hoje no mundo um desprezo pela autoridade, a autoridade do estado, mais especificamente um desprezo pela autoridade moral dos Estados Unidos. Vai muito além do desprezo histórico usual pela autoridade que os jovens exibem, e que é uma boa coisa. O propósito desse plano terrorista é desacreditar os Estados Unidos como uma figura de autoridade. Não apenas nas vidas de bilhões de pessoas comuns, mas aos olhos dos governos do mundo. Devemos em algum momento responder a esses desafios, e o momento é agora.

Kennedy correu os olhos pela mesa.

— Para que fique registrado. Os estados árabes não têm qualquer participação nesta conspiração. À exceção de Sherhaben. É certo que a organização terrorista internacional conhecida como Primeiros Cem deu apoio logístico e de pessoal. Mas os indícios apontam para um único homem no comando da operação. E parece que ele não aceita ser controlado, a não ser, talvez, pelo sultão de Sherhaben.

Ele fez outra pausa.

— Sabemos agora, com certeza, que o sultão é um cúmplice. Seus soldados protegem o avião contra ataques externos, não para nos ajudar a salvar os reféns. O sultão alega agir em nosso interesse, mas na verdade está envolvido nesses atos. Contudo, para lhe dar crédito, há indícios de que ele não sabia que Yabril pretendia assassinar minha filha.

Kennedy tornou a correr os olhos pela mesa, a fim de impressionar a todos com sua calma.

— Segundo: o prognóstico. Esta não é uma situação de reféns habitual. Esta é uma hábil conspiração para humilhar os Estados Unidos ao máximo. Para obrigar os Estados Unidos a suplicar pela devolução dos reféns, 155

depois de sofrer uma série de humilhações, que nos farão parecer impotentes. É uma situação que será aproveitada por semanas, com uma cobertura dos meios de comunicação do mundo inteiro. E sem qualquer garantia de que todos os reféns serão devolvidos sãos e salvos.

Nessas circunstâncias não posso imaginar qualquer outra coisa que não o caos depois. Nosso próprio povo perderá a fé em nós e no país.

Kennedy fez mais uma pausa, constatou que causava uma impressão agora, que as pessoas naquela sala compreendiam que seus argumentos eram fortes.

— Soluções: estudei o memorando sobre as opções.

Acho que são os recursos usuais do passado. Sanções econômicas, missões de resgate armado, pressão política, concessões feitas em segredo, enquanto alegamos que nunca negociamos com terroristas. A preocupação de que a União Soviética se recusará a permitir que realizemos uma operação militar em larga escala no Golfo Pérsico.

Tudo isso sugere que devemos nos submeter a aceitar a humilhação profunda aos olhos do mundo. E, na minha opinião, mais reféns serão perdidos.

O secretário de estado interveio:

— Meu departamento acaba de receber uma garantia do sultão de Sherhaben de que todos os reféns serão libertados, assim que forem atendidas as exigências dos terroristas. Ele está indignado com a ação de Yabril e alega que se acha disposto a atacar o avião. Obteve a promessa de Yabril de libertar agora cinquenta reféns, a fim de demonstrar sua boa-fé.

Kennedy fitou-o fixamente por um instante. Os olhos azuis-celestes pareciam marcados de pequenos pontos pretos. Depois, numa voz

fria, com uma cortesia tensa, e tão controlada que as palavras ressoavam metalicamente, ele declarou:

— Senhor Secretário, depois que eu acabar, todos os presentes poderão falar. Até lá, por favor, não interrompa.

A oferta deles será abafada, não chegará ao conhecimento da imprensa.

O secretário de estado ficou visivelmente surpreso. O

156

presidente nunca lhe falara tão friamente antes, nunca fizera seu poder prevalecer de forma tão clamorosa. O

secretário de estado baixou a cabeça para estudar sua cópia do memorando; só as faces ficaram um pouco vermelhas. Kennedy continuou:

— Proposta: determino que o comandante do estado-maior planeje e prepare um ataque aéreo aos campos petrolíferos de Sherhaben e à cidade industrial petrolífera de Dak. A missão do ataque aéreo será a destruição de todos os equipamentos petrolíferos, torres de perfuração, oleodutos, etc. A cidade será arrasada. Quatro horas antes do bombardeio, serão lançados volantes na cidade, advertindo a população que deve evacuá-la imediatamente. O ataque aéreo será desfechado exatamente daqui a 36 horas. Ou seja, na quinta-feira, às onze horas da noite, horário de Washington.

Havia um silêncio total na sala, em que se encontravam as trinta e poucas pessoas que manipulavam todas as armas do poder nos Estados Unidos. Kennedy continuou:

— O secretário de estado entrará em contato com os países necessários para a aprovação da passagem por seus espaços aéreos. Ele deixará bem claro que qualquer recusa implicará a suspensão de

todos os acordos econômicos e militares com o país. Que os resultados de uma recusa serão calamitosos.

O secretário de estado pareceu levantar de sua cadeira para protestar, mas depois se conteve. Houve um murmúrio pela sala, de surpresa ou choque.

Kennedy levantou as mãos, o gesto quase furioso, mas sorria para eles, um sorriso que parecia de tranquilização. Deu a impressão de se tornar menos autoritário, quase informal, sorrindo para o secretário de estado e lhe falando diretamente:

— O secretário de estado me enviará, imediatamente, o embaixador ao sultanato de Sherhaben. Direi o seguinte ao embaixador: o sultão deve entregar os reféns até amanhã de tarde. Entregará o terrorista Yabril de uma maneira que o impeça de se matar. Se o sultão recusar, 157

todo o País de Sherhaben deixará de existir.

Kennedy fez mais uma pausa; reinava um silêncio absoluto na sala.

— Esta reunião é ultra-secreta. Não haverá vazamentos. Se houver, serão adotadas as ações mais extremas, nos termos da lei. Agora, todos podem falar.

Ele podia perceber que a audiência estava atordoada por suas palavras, que todos baixavam os olhos, recusando-se a fitar os outros na sala.

Kennedy sentou, acomodou-se na cadeira de couro preto, estendeu as pernas por baixo da mesa e para o lado.

Olhou para o Jardim das Rosas, enquanto a reunião continuava. Ouviu o secretário de estado dizer:

— Senhor Presidente, devo argumentar contra a sua decisão mais uma vez. Será um desastre para os Estados Unidos. Vamos nos tornar párias entre as nações, pelo uso da força para esmagar uma pequena nação.

E a voz continuou, interminavelmente, mas Kennedy não podia ouvir as palavras. Depois, ouviu a voz do secretário de interior, uma voz quase monótona, mas que mesmo assim impunha atenção:

— Senhor Presidente, ao destruímos Dak, estaremos destruindo cinquenta bilhões de dólares americanos, dinheiro de companhias petrolíferas, dinheiro da classe média americana, investido em ações das companhias petrolíferas. Além disso, estaremos reduzindo nossas fontes de petróleo. O preço da gasolina vai dobrar para os consumidores deste país.

Houve outros argumentos. Por que a cidade de Dak devia ser destruída antes de se dar qualquer satisfação?

Havia ainda muitos cursos que podiam ser explorados. O

grande perigo era agir de forma precipitada. Kennedy olhou para seu relógio. A reunião já se prolongava há mais de uma hora. Ele se levantou.

— Agradeço a todos por seus conselhos. É claro que o sultão de Sherhaben poderá salvar a cidade de Dak pelo atendimento imediato das minhas exigências. Mas não fará isso. A cidade de Dak deve ser destruída, ou nossas ameaças serão ignoradas. A alternativa para nos é 158

governar um país que qualquer homem com coragem e poucas armas poderá humilhar. Quando isso acontecer, poderemos muito bem acabar com nossa marinha e exército, economizar o dinheiro. Vejo o nosso único curso viável com muita nitidez e o seguirei.

Kennedy fez outra pausa.

— É agora quero falar sobre a perda de cinqüenta bilhões de dólares de acionistas americanos. Bert Audick lidera o consórcio que possui essa propriedade. Já ganhou seus cinqüenta bilhões de dólares e muito mais. E faremos o melhor possível para ajudá-lo, é claro. Permitirei que o Sr.

Audick tenha a oportunidade de salvar seu investimento de outra forma. Enviarei um avião a Sherhaben para buscar os reféns, e um avião militar para trazer os terroristas a nosso país, onde serão levados a julgamento. O secretário de estado convidará o Sr. Audick a ir a Sherhaben num desses aviões. Seu trabalho será o de persuadir o sultão a aceitar minhas condições. Persuadi-lo que a única maneira de salvar a cidade de Dak, Sherhaben e o petróleo americano naquele país é atender a minhas exigências. Esse é o único acordo.

O secretário de defesa declarou:

— Se o sultão não concordar, isso significa que perdemos mais dois aviões, Audick e os reféns.

— É bem provável — disse Kennedy. — Vamos ver se Audick tem coragem. Mas ele é esperto. Saberá, tão bem quanto eu, que o sultão deve concordar. Tenho tanta certeza que também enviarei o assessor de segurança nacional, Sr. Wix.

Foi a vez de o diretor da CIA se manifestar:

— Senhor Presidente, deve saber que as baterias antiaéreas em torno de Dak são guarnecidas por americanos, em contrato civil com o governo de Sherhaben e as companhias petrolíferas americanas. E

americanos especialmente treinados guarnecendo as rampas de mísseis. Eles podem oferecer resistência.

Kennedy sorriu.

— Audick ordenará a evacuação deles. E é claro que, como americanos, eles serão traidores se resistirem, e os americanos que lhes pagam também serão processados 159

como traidores.

Ele fez uma pausa, para deixar que todos

absorvessem essa decisão. Audick seria processado.

Depois de um momento, Kennedy virou-se para Christian.

— Chris, você pode começar a trabalhar no aspecto legal.

Entre os presentes, havia dois membros do poder legislativo: o líder da maioria no Senado, Thomas Lambertino, e o presidente da Câmara dos

Representantes, Alfred Jintz. Foi o senador quem falou primeiro:

— Acho que esse curso de ação é drástico demais para ser adotado sem uma ampla discussão nas duas casas do Congresso.

Kennedy lhe disse, com toda cortesia:

— Com o devido respeito, não há tempo para isso. E

tenho competência, como chefe do executivo, de promover essa ação. Não resta a menor dúvida de que o poder legislativo poderá recusar minha ação depois e tomar as decisões que julgar convenientes. Mas espero sinceramente que o Congresso me apóie e à nação nesta crise.

O Senador Lambertino disse, quase pesaroso:

— É uma situação terrível, as conseqüências serão graves. Eu lhe imploro, Senhor Presidente, que não aja com tanta pressa.

Pela primeira vez, Francis Kennedy mostrou-se menos do que cortês:

— O Congresso sempre me fez oposição. Podemos discutir todas as opções complicadas, até os reféns estarem mortos e os Estados Unidos ridicularizados aos olhos de cada nação e de cada pequena aldeia do mundo.

Mantenho minha análise e a solução indicada; a decisão está dentro da minha competência como chefe do executivo. Depois que a crise terminar, eu me apresentarei ao povo e farei um relatório detalhado. Até lá, lembro a todos, mais uma vez, que esta reunião é ultra-secreta.

Agora, sei que todos têm muito trabalho a fazer.

Comuniquem seus progressos ao chefe da minha 160

assessoria.

Alfred Jintz manifestou-se agora:

— Senhor Presidente, eu esperava não ter de dizer isso. Mas o Congresso insiste agora que se afaste destas negociações. Comunico que hoje mesmo o Congresso fará tudo o que for possível para impedir seu curso de ação, sob a alegação de que sua tragédia pessoal o torna incompetente. .,

Kennedy fitou-o. Seu rosto, com os belos planos e linhas estava congelado numa máscara, os olhos azuis pareciam tão cegos quanto os de uma estátua.

— Podem fazer isso por sua conta e risco... e pondo em perigo a América.

E Kennedy se retirou.

Na Sala do Gabinete, houve muita agitação, um burburinho de vozes. Oddblood Gray foi conferenciar com o Senador Lambertino e o Deputado Jintz. Mas os rostos deles eram sombrios, as vozes, frias. Jintz declarou:

— Não podemos permitir que isso aconteça. Acho que a assessoria do presidente foi negligente por não dissuadi-lo desse curso de ação.

— Ele me convenceu de que não estava agindo por raiva pessoal — explicou Oddblood Gray. — Que era a solução mais eficaz para o problema. É terrível, não nego, mas assim também é o tempo em que vivemos. Não podemos permitir que a situação se prolongue. Seria catastrófico.

O Senador Lambertino comentou:

— É a primeira vez que vejo Francis Kennedy agir de forma tão arrogante. Ele sempre foi um presidente cortês com o poder legislativo. Poderia pelo menos fingir que tínhamos alguma participação no processo de decisão.

— Ele está sob muita pressão — disse Gray. — Seria muito importante se o Congresso não aumentasse essa pressão.

Só que não havia a menor possibilidade, pensou Gray, mesmo enquanto falava. Jintz sugeriu, preocupado:

— A pressão pode ser o problema.

161

Oddblood Gray pensou: Ah, merda! Despediu-se, apressado e cordial, voltou correndo à sua sala, a fim de dar as centenas de telefonemas para membros do Congresso. Embora se sentisse particularmente consternado com a Precipitação de Kennedy, estava determinado a vender sua política ao legislativo.

O assessor de segurança nacional, Arthur Wix, tentava sondar o secretário de defesa. E providenciar para que houvesse uma reunião imediata do estado-maior das forças armadas. Mas o secretário de defesa parecia atordoado demais pelos acontecimentos e se limitava a murmurar respostas, concordando, mas sem acrescentar qualquer coisa por si mesmo.

Eugene Dazzy percebera a dificuldade de Oddblood Gray com os legisladores. Haveria grandes problemas.

Dazzy virou-se para Helen Du Pray e perguntou:

— O que você acha?

Ela fitou-o friamente. Era uma bela mulher, pensou Dazzy. Devia convidá-la para jantar.

— Acho que você e o resto da assessoria pessoal falharam neste caso. A reação de Francis à crise é drástica demais. E como Christian Klee vai enfrentar a situação?

Klee desaparecera, o que surpreendia Du Pray, pois ele não tinha o hábito de sumir num momento crucial como aquele. Dazzy estava irritado.

— A posição de Francis tem lógica, e teríamos de apoiá-lo de qualquer maneira, mesmo que discordássemos.

— Foi assim que Francis apresentou seu plano —

comentou Helen Du Pray. — Mas é evidente que o Congresso tentará tirar as negociações de suas mãos. E

tentará também afastá-lo do cargo.

— O que só vai acontecer por cima dos cadáveres de sua assessoria — respondeu Dazzy.

— Tome muito cuidado, por favor — murmurou Helen Du Pray. —
Nosso país corre um grande perigo, 162

CAPÍTULO

9

PETER CLOOT, na tarde de quarta-feira, era com certeza a única autoridade em Washington que quase não prestou atenção à notícia de que a filha do presidente fora assassinada. Suas energias concentravam-se na ameaça de bomba nuclear.

Como subchefe do FBI, ele tinha uma

responsabilidade quase plena pela agência. Christian Klee era o titular, mas apenas para controlar as rédeas do poder, colocar o FBI mais firmemente sob o comando do gabinete do procurador-geral, que ele também ocupava. Essa acumulação de cargos sempre incomodara Peter Clout. E

também o incomodava que o Serviço Secreto estivesse sob as ordens de Klee. Era uma excessiva concentração de poder, na opinião de Clout. Ele sabia ainda que havia uma seção de elite separada, ostensivamente no organograma do FBI, mas dirigida de forma direta por Klee, integrada por seus antigos colegas na CIA. O que era uma afronta para Clout.

Mas aquela ameaça nuclear era de competência de Clout. Comandaria o espetáculo. E, por sorte, havia diretivas específicas para orientá-lo, participara dos 163

seminários que trataram do problema das ameaças nucleares internas. Se havia alguém que era especialista nessa situação em particular era justamente Peter Clout. E

não havia escassez de recursos humanos no FBI. Durante a administração de Klee o efetivo aumentara três vezes.

Ao ver a carta ameaçadora pela primeira vez, com os diagramas que a acompanhavam, Clout entrara em ação no mesmo instante,

seguindo as diretivas em vigor. E

também experimentara um arrepio de medo. Já houvera centenas de ameaças assim até aquele momento, apenas umas poucas plausíveis, mas nenhuma tão convincente quanto aquela. Todas essas ameaças haviam sido mantidas em segredo, mais uma vez de acordo com as diretivas.

Cloot prontamente encaminhara a carta para o Departamento de Energia, ao posto de comando em Maryland, usando as instalações especiais de comunicações para servirem apenas a tal propósito.

Também alertara as equipes de busca do Departamento de Energia, baseadas em Las Vegas, conhecidas como NEST.

As equipes já estavam voando com seus equipamentos de detecção para Nova York. Outros aviões levavam mais pessoal habilitado para a cidade, onde explorariam as ruas com o sofisticado equipamento, em furgões disfarçados.

Helicópteros também seriam usados; e homens a pé, carregando valises com o contador Geiger, cobririam toda Nova York. Mas tudo isso não era a grande dor de cabeça de Cloot. Precisaria apenas fornecer guardas armados do FBI para proteger os pesquisadores. Seu trabalho fundamental era descobrir os vilões.

O pessoal do Departamento de Energia em Maryland estudara a carta e lhe enviara um perfil psicológico do autor. Aqueles caras eram mesmo espantosos, pensou Cloot — não podia imaginar como conseguiam. É verdade que uma das pistas óbvias era o fato de a carta não pedir dinheiro. E também definia uma posição política. Assim que recebeu o perfil, Cloot despachou mil homens para investigar.

O perfil dizia que o autor da carta provavelmente era 164

muito jovem e com um alto grau de instrução. Que provavelmente era um estudante de física numa universidade importante. E com base nessa informação apenas, Clout e poucas horas descobriu dois suspeitos; depois disso, foi espantosamente fácil. Ele trabalhou durante toda a noite, orientando seus agentes no campo.

Ao ser informado do assassinato de Theresa Kennedy, ele tratou de afastá-lo da mente, resolutamente, a não ser pelo pensamento de relance de que tudo aquilo podia estar ligado de alguma forma. Mas seu trabalho agora era encontrar o autor da ameaça de bomba nuclear. Graças a Deus que o miserável era um idealista. Isso tornava mais fácil descobri-lo. Havia um milhão de filhos da puta gananciosos que seriam capazes de fazer uma coisa assim por dinheiro, e nesse caso seria muito mais difícil descobri-los.

Enquanto esperava por informações, ele passou por seu computador todas as fichas das ameaças anteriores de bomba nuclear. Nunca fora encontrada qualquer arma nuclear, e os chantagistas capturados ao tentarem recolher o dinheiro haviam confessado que jamais existira alguma.

Alguns tinham conhecimentos vagos de ciência. Outros haviam obtido informações convincentes de uma revista de esquerda, que publicara um artigo descrevendo como fabricar uma arma nuclear. A revista fora pressionada a não publicar o artigo, mas recorrera ao Supremo Tribunal, que decidira que a proibição seria uma violação da liberdade de imprensa. Só de pensar nisso agora Peter Clout tremeu de raiva. A porra do país ia destruir a si mesmo. Ele notou uma coisa com interesse: nenhum dos mais de duzentos casos envolvia uma mulher, um preto, ou sequer um terrorista estrangeiro. Eram todos homens, americanos autênticos, gananciosos.

Depois de passar as fichas pelo computador, ele pensou por um momento em seu chefe, Christian Klee.

Não gostava da maneira como Klee dirigia as coisas. Klee achava que toda a função do FBI era proteger o Presidente dos Estados Unidos. Klee usava nisso não apenas a Divisão do Serviço Secreto, mas também pelotões 165

especiais dos escritórios do FBI em todo o país, cuja função principal era investigar possíveis perigos para a pessoa do presidente. Klee desviava uma boa parte dos efetivos do FBI para fazer isso.

Clout desconfiava do poder de Klee, de sua divisão especial de ex-agentes da CIA. O que eles faziam? Clout não tinha a menor idéia, embora tivesse todo o direito de saber. Essa divisão reportava-se diretamente a Klee, o que era lamentável, numa agência do governo tão sensível à opinião pública quanto o FBI. Nada acontecera até agora Clout passava uma grande parte de seu tempo a se precaver, cuidando para não ser absorvido pela explosão quando aquela divisão especial fizesse alguma cagada que atrairia a ira do Congresso e acarretaria a criação de comitês especiais de investigação.

O principal assistente de Clout apareceu à uma hora da madrugada para comunicar que dois suspeitos estavam sob vigilância. As provas disponíveis confirmavam o perfil psicológico, e havia outros indícios circunstanciais.

Só faltava agora a ordem para efetuar a prisão.

— Tenho de informar Klee antes — disse Clout. —

Fique aqui, enquanto ligo para ele.

Clout sabia que Klee estaria no gabinete do chefe da assessoria do presidente, ou que as onipotentes telefonistas da Casa Branca haveriam de localizá-lo, se não estivesse. Fez contato com Klee logo na primeira tentativa.

— Temos aquele caso especial todo amarrado —

informou Clout. — Mas acho que devo informá-lo de tudo, antes de entrar em ação. Pode vir até aqui?

A voz de Klee era tensa:

— Não, não posso. Preciso ficar ao lado do presidente neste momento, deve compreender isso.

— Então devo agir e informá-lo depois? —

perguntou Clout.

Houve uma pausa prolongada no outro lado da linha.

Depois, Klee disse:

— Acho que temos tempo para recebê-lo aqui. Se eu não estiver disponível no momento, aguarde um pouco.

166

Mas deve se apressar.

— Já estou a caminho.

Não fora necessário que qualquer dos dois sugerisse a conversa por telefone. Isso era inadmissível. Qualquer um poderia captar mensagens no espaço.

Clout chegou à Casa Branca e foi conduzido a uma pequena sala de reuniões. Klee o aguardava, sem a prótese, massageando o coto, através da meia.

— Só tenho alguns minutos — informou Klee. —

Vai começar uma importante reunião com o presidente.

— Lamento muito o que aconteceu. Como ele está suportando?

Klee balançou a cabeça.

— Nunca se sabe direito com Francis, mas ele parece estar bem. — Ele tornou a sacudir a cabeça, meio atordoado, depois acrescentou, incisivo: — Muito bem, vamos ver o que você tem.

Ele fitou Clout com uma certa aversão. O exterior físico do homem sempre o irritava. Clout nunca parecia cansado, era um daqueles homens que jamais ficavam com a camisa e o terno amarrotados. Sempre usava gravatas de tricô, com laços quadrados, em geral cinza-claro, às vezes pretas.

— Nós os descobrimos — informou Clout. — Dois garotos, vinte anos, nos laboratórios nucleares do MIT.

Gênios, QI acima de 160, de famílias ricas, esquerdistas, participaram de protestos nucleares. Os garotos têm acesso a documentos secretos. Ajustam-se ao perfil psicológico. Estão em seu laboratório em Boston, trabalhando em algum projeto do governo e universidade.

Estiveram em Nova York há dois meses, envolveram-se com um colega, e adoraram. O sujeito tem certeza de que foi a primeira vez dos dois. Uma combinação perigosa, idealismo e os hormônios incontroláveis da juventude. Os dois estão sendo vigiados neste momento.

— Tem alguma prova concreta? — indagou Klee. —

Algo incontestável?

— Não vamos julgá-los ou indiciá-los — respondeu Clout. — Será apenas uma prisão preventiva, autorizada pelas 167

leis da bomba atômica. Depois que os prendermos, eles confessarão e dirão onde está a porra da bomba, se é que existe. Acho que não

existe. Acho que essa parte é invenção. Mas é certo que eles escreveram a carta.

Ajustam-se ao perfil. E a data da carta... é o mesmo dia em que eles se registraram no Hilton, em Nova York. Este é o argumento definitivo.

Christian muitas vezes admirara os recursos das agências do governo, com seus computadores e outros equipamentos eletrônicos avançados. Era espantoso que fossem capazes de ouvir qualquer pessoa, em qualquer lugar, independentemente das precauções tomadas. Os computadores podiam vasculhar os registros de hotel em toda a cidade em menos de uma hora. E outras coisas ainda mais complicadas. A um custo fantástico, é claro.

— Muito bem, vamos agarrá-los — decidiu

Christian. — Mas não tenho certeza se você conseguirá obrigá-los a confessar. São garotos espertos.

Clout fitou Christian nos olhos.

— Está certo, Chris, eles não confessam, vivemos num país civilizado. Deixamos a bomba explodir e matar milhares de pessoas. — Ele sorriu por um momento, quase malicioso. — Ou você fala com o presidente e pede para ele assinar uma autorização de interrogatório médico.

Artigo IX da Lei de Controle de Armas Atômicas.

O que era justamente o que Clout desejava, desde o início.

Christian evitara o pensamento durante toda a noite.

Sempre se sentira chocado pelo fato de que um país como os Estados Unidos pudesse ter uma lei secreta assim. A imprensa poderia descobrir com a maior facilidade, mas havia o acordo entre

os proprietários dos veículos de comunicação e os dirigentes do país. Por isso, a lei não era conhecida do público, o que também acontecia com outras leis que regulamentavam a ciência nuclear.

Christian conhecia muito bem o Artigo IX. Como advogado, sempre o espantara. Era essa brutalidade na lei que sempre o repugnara.

O Artigo IX, essencialmente, dava ao presidente o 168

direito de ordenar um exame químico do cérebro, desenvolvido para obrigar qualquer pessoa a contar a verdade, um detector de mentiras dentro do cérebro. A lei fora especialmente projetada para arrancar informações sobre a colocação secreta de um artefato nuclear. Ajustava-se àquele caso com perfeição. Não haveria tortura, a vítima não sofreria dor física. Apenas se mediriam as mudanças químicas no cérebro para verificar se o suspeito invariavelmente dizia a verdade, ao responder às perguntas.

Era humano, a única desvantagem sendo o fato de que ninguém realmente sabia o que acontecia com o cérebro depois da operação. As experiências indicavam que em casos raros haveria perda de memória, uma ligeira perda da função cerebral. O suspeito não ficaria retardado — isso seria inadmissível —, mas, como dizia a velha piada, lá se iam as aulas de música. Havia também uma possibilidade de dez por cento de perda total da memória. Uma amnésia completa, a longo prazo. Todo o passado do suspeito podia ser apagado.

— É uma possibilidade muito remota, mas este caso não poderia estar ligado ao seqüestro e ao assassinato do Papa? — indagou Christian. — Até mesmo a captura daquele sujeito em Long Island parece ter sido um truque.

Isto não poderia ser também parte do plano dos terroristas, uma cortina de fumaça, uma armadilha?

Clout fitou-o em silêncio por um longo tempo, como se debatesse a resposta, antes de dizer:

— É possível, mas desconfio de que se trata de uma das famosas coincidências da história.

— Que sempre levam à tragédia — comentou

Christian, ironicamente.

— Esses dois garotos são apenas malucos, em seu estilo de gênio. Na são políticos. E vivem obcecados com o perigo nuclear para o mundo em geral. Não estão interessados nas atuais divergências políticas. Não querem saber dos árabes e Israel, dos pobres e ricos na América. Nem dos democratas ou republicanos. Querem apenas que o globo gire mais depressa sobre seu eixo.

Sabe como são essas coisas. — Clout sorriu, desdenhoso.

169

— Todos eles pensam que são Deus. Nada pode afetá-los.

Mas a mente de Christian fixava-se numa coisa.

Havia estilhaços políticos voando por toda parte com aqueles dois problemas. Não se pode avançar muito depressa, pensou ele. Francis corria um tremendo perigo agora. Era preciso protegê-lo. E talvez fosse possível jogar um fato contra o outro.

— Escute, Peter, quero que esta seja a mais secreta das operações. Oculte tudo de todo mundo. Quero que os dois garotos sejam detidos e internados no hospital penitenciário que temos aqui em Washington. O fato só será conhecido por você, eu e os agentes que usarmos, da divisão especial. Esfregue no nariz dos agentes a Lei de Controle de Armas Atômicas, exija sigilo absoluto.

Ninguém poderá vê-los, ninguém falará com eles, a não ser eu. Conduzirei o interrogatório pessoalmente.

Clout reagiu com uma expressão de dúvida. Não lhe agradava que a operação fosse entregue à divisão especial de Klee.

— A equipe médica vai querer uma ordem

presidencial antes de injetar as substâncias químicas nos cérebros dos garotos.

— Falarei com o presidente.

— O tempo é fundamental neste caso, e você declarou que será o único a interrogá-los — acrescentou Clout, calmamente. — Isso significa que eu também não posso? E se você estiver ocupado com o presidente?

Christian Klee sorriu.

— Não se preocupe. Estarei presente no momento necessário. Só eu, Peter, mais ninguém. E agora me dê os detalhes.

Ele tinha outras coisas em sua mente. Dali a pouco se encontraria com os chefes de sua divisão especial do FBI e ordenaria que montassem uma vigilância eletrônica e de computador sobre os membros mais importantes do Congresso e do Clube Sócrates.

Adam Gresse e Henry Tibbot haviam plantado sua pequena bomba atômica, construída com muito esforço e 170

engenhosidade. Talvez se orgulhassem tanto de seu trabalho que não puderam resistir à tentação de usá-lo numa causa nobre.

Verificaram os jornais, mas sua carta não apareceu na primeira página do New York Times. E não houve qualquer notícia sobre o assunto. Não lhes era dada a oportunidade de conduzir as

autoridades à bomba, depois do atendimento de sua exigência. Estavam sendo ignorados. Isso os assustava e ao mesmo tempo irritava. Agora, a bomba explodiria e causaria milhares de mortes. Mas talvez fosse melhor assim. De que outra forma o mundo poderia ser alertado para os perigos do uso da energia atômica? De que outra forma os poderiam ser efetuadas as ações necessárias pelas autoridades, instituindo as salvaguardas apropriadas?

Calculavam que a bomba destruiria pelo menos de quatro a seis quarteirões da cidade de Nova York. Suas consciências estavam limpas; haviam providenciado, na fabricação da bomba, para que a precipitação radiativa fosse mínima.

Lamentavam que viesse a custar um determinado número de vidas humanas. Mas seria um preço mínimo a pagar para a humanidade perceber os erros de seus caminhos. Era preciso instituir salvaguardas infalíveis; a fabricação de bombas nucleares devia ser proibida por todas as nações do mundo.

Na quarta-feira, Gresse e Tibbot trabalharam no laboratório até tarde, até que todos os outros foram embora. Depois, discutiram se deveriam dar um telefonema para alertar as autoridades. No início, não tinham a intenção de deixar que a bomba explodisse.

Queriam ver a carta de advertência publicada pelo New York Times, planejavam em seguida voltar a Nova York para desarmar a bomba. Mas agora parecia uma guerra de vontades. Estavam sendo tratados como crianças, desprezados, quando podiam fazer tanta coisa pela humanidade? Ou lhes dariam a devida atenção? Em sua consciência, não podiam prosseguir em seu trabalho científico, se este seria usado de maneira deturpada pelo sistema político.

Haviam escolhido a cidade de Nova York para ser 171

punida porque em suas vidas sentiram-se horrorizados pelo sentimento do mal que parecia impregnar suas ruas. Os mendigos ameaçadores, os motoristas insolentes, a grosseria dos vendedores

nas lojas, os incontáveis assaltantes, os assassinatos. Ficaram repugnados em particular com Times Square, tão apinhada de pessoas que lhes dera a impressão de um esgoto cheio de baratas. Em Times Square, os cafetões, traficantes de tóxicos e prostitutas pareciam tão ameaçadores que Gresse e Tibbot retiraram-se em pânico para seu quarto de hotel longe do centro. E por isso, com uma ira justificada, decidiram plantar a bomba em Times Square.

Adam e Henry ficaram tão chocados quanto o resto da nação quando a televisão mostrou o assassinato de Theresa Kennedy. Mas também se sentiram um pouco aborrecidos porque isso desviava a atenção da operação deles, que era mais importante, em última análise, para o destino da humanidade.

Mas ficaram nervosos. Adam ouvira estranhos estalidos em seu telefone e tinha a impressão de que seu carro era seguido; experimentava um distúrbio elétrico quando certos homens passavam por ele na rua. Disse tudo isso a Tibbot.

Henry Tibbot era bastante alto e magro, parecia feito de arame, juntado com fragmentos de carne e uma pele transparente. Possuía uma mente científica superior à de Adam, e nervos muito mais fortes.

— Está reagindo como todos os criminosos, Adam.

É normal. Cada vez que alguém bate na porta, tenho a impressão de que são os agentes federais.

— E se eles acabarem aparecendo?

— Fique de boca fechada até seu advogado aparecer

— aconselhou Henry Tibbot. — Isso é o mais importante.

Receberíamos 25 anos de prisão só por escrever a carta.

Portanto, se a bomba explodir, haverá apenas mais uns poucos anos.

— Acha que eles podem nos descobrir?

— Não há a menor possibilidade. Nós nos livramos de tudo o que poderia servir como pista. Afinal, somos ou 172

não mais espertos do que eles?

Adam foi acalmado por essas palavras, mas ainda hesitava um pouco.

— Talvez devêssemos dar um telefonema e avisar onde está a bomba.

— Nada disso. Eles já estão alertas agora, poderão localizar nosso telefone. Será a única maneira de nos descobrirem. Só precisa se lembrar de que deve ficar de boca fechada se as coisas saírem erradas. E, agora, vamos trabalhar.

Adam e Henry trabalhavam até tarde no laboratório naquela noite porque queriam ficar juntos. Queriam conversar sobre o que tinham feito, sobre os recursos de que dispunham. Eram jovens de profunda determinação, criados para terem a coragem por suas convicções, para detestar uma autoridade que se recusava a ser influenciada por qualquer argumento razoável. Embora evocassem fórmulas matemáticas que poderiam mudar o destino da humanidade, não tinham a menor noção dos complexos relacionamentos da civilização. Realizadores gloriosos, ainda não haviam amadurecido para a humanidade.

O telefone tocou quando se preparavam para ir embora. Era o pai de Henry, que lhe disse:

— Preste atenção, filho. Você está prestes a ser preso pelo FBI. Não diga nada, enquanto eles não deixarem você falar com seu advogado. Não diga absolutamente nada Sei...

Nesse momento a porta do laboratório foi aberta e homens armados entraram.

173

CAPÍTULO

10

OS RICOS NOS ESTADOS UNIDOS, sem a menor dúvida, possuem mais consciência social do que os ricos em qualquer outro país do mundo. Isso é ainda mais verdade entre os muito ricos, aqueles que possuem e dirigem as enormes corporações, exercem sua força econômica na política e fazem propaganda em todas as áreas da cultura. E

se aplicava em particular aos sócios do Socratic Country Golf and Tennis Club da Califórnia Meridional, fundado quase setenta anos antes por magnatas da indústria imobiliária, dos meios de comunicação, cinema e agricultura, como uma organização política liberal devotada à recreação. Era uma organização exclusiva; uma pessoa precisava ser muito rica para ingressar nela. Teoricamente, podia ser negra ou branca, judia ou católica, homem ou mulher, artista ou magnata. Na verdade, porém, havia bem poucos negros e nenhuma mulher.

O Clube Sócrates, como era comumente conhecido, acabara evoluindo até se tornar um clube para os ricos mais esclarecidos e mais responsáveis. Prudentemente, tinha um ex-vice-diretor de operações da CIA como chefe da segurança, e suas defesas eletrônicas eram as mais 174

sofisticadas nos Estados Unidos.

Quatro vezes por ano, o clube era usado como um refúgio por cerca de cinquenta a cem homens, que possuíam quase tudo na América. Passavam uma semana ali, e durante esse período o serviço era reduzido ao mínimo. Faziam suas próprias camas, serviam os próprios drinques e às vezes até providenciavam sua comida, em churrasqueiras externas, ao final da tarde. É claro que sempre havia alguns garçons, cozinheiros e camareiras, assim como os inefáveis assessores daqueles homens tão importantes; afinal o mundo

americano dos negócios e da política não podia parar, enquanto eles recarregavam suas baterias espirituais.

Durante a permanência de uma semana, aqueles homens reuniam-se em pequenos grupos e passavam o tempo em discussões particulares. Participavam de seminários conduzidos por eminentes professores das mais famosas universidades, sobre questões de ética, filosofia, a responsabilidade da elite afortunada com os menos afortunados na sociedade. Ouviam conferências de cientistas famosos sobre os benefícios e perigos das armas nucleares, pesquisa do cérebro, exploração espacial, economia.

Também jogavam tênis, nadavam na piscina, empenhavam-se em torneios de gamão e bridge, promoviam discussões pela noite afora sobre a virtude e vilania, as mulheres e o amor, o casamento e a aventura. E

eram homens responsáveis, os mais responsáveis na sociedade americana. Tentavam ali fazer duas coisas: tornarem-se seres humanos melhores, ao mesmo tempo em que recuperavam a adolescência; e se unirem para promover uma sociedade melhor, como achavam que uma sociedade melhor deveria ser.

Depois de uma semana juntos, retornavam a suas vidas normais, revigorados por uma nova esperança, um desejo de ajudar a humanidade, e uma percepção mais nítida da maneira como todas as suas atividades podiam ser conduzidas para preservar a estrutura da sociedade, e talvez com relações pessoais mais firmes, que poderiam

ajudá-los em seus negócios.

A atual semana começara na segunda-feira, depois do Domingo de Páscoa. Por causa da crise nacional, com a morte do papa e o seqüestro do avião com a filha do presidente e seu posterior assassinato, a freqüência caíra para menos de vinte homens.

George Greenwell era o mais velho. Aos oitenta anos ainda podia jogar tênis em duplas, mas por uma cortesia nata não se impunha aos mais jovens, que seriam obrigados a jogar num estilo clemente. Ainda assim era um tigre nas longas sessões de gamão.

Greenwell considerava que a crise nacional não era da sua conta, a menos que envolvesse os grãos de alguma forma, pois sua companhia possuía e controlava a maior parte do trigo da América. Seu momento de glória ocorrera trinta anos antes, quando os Estados Unidos embargaram a venda de cereais para a Rússia, como um instrumento político para prevalecer sobre os soviéticos na guerra fria. George Greenwell era um patriota, mas não era um tolo. Sabia que a Rússia não poderia ceder às pressões. Também sabia que o embargo imposto por Washington arruinaria os agricultores americanos. Por isso, desafiara o Presidente dos Estados Unidos e despachara os grãos proibidos, desviando-os para outras companhias estrangeiras, que remeteram tudo para a Rússia. E, com isso, atraía a ira do poder executivo americano. Foram apresentados projetos no Congresso para reduzir o poder da companhia pertencente à sua família, para torná-la aberta ao público, submetê-la a alguma espécie de controle. Mas o dinheiro que Greenwell distribuía entre deputados e senadores logo acabara com essas tentativas.

Greenwell adorava o Clube Sócrates porque era luxuoso, mas não tão luxuoso que pudesse acarretar a inveja dos menos afortunados. E também porque não era conhecido dos meios de comunicação — afinal, seus sócios possuíam quase todas as emissoras de TV, jornais e revistas do país. E também fazia com que se sentisse jovem, permitia-lhe participar socialmente das vidas de 176

homens mais jovens, que eram seus iguais no poder.

Ganhara muito dinheiro extra durante aquele embargo dos cereais, comprando trigo e milho de agricultores americanos ameaçados e vendendo caro a uma Rússia desesperada. Mas cuidara para que o

dinheiro extra beneficiasse o povo dos Estados Unidos. O que fizera fora uma questão de princípio, o princípio de que sua inteligência era maior que a dos funcionários do governo.

O dinheiro extra, centenas de milhões de dólares, fora canalizado para museus, fundações educacionais, programas culturais na TV, especialmente a música, que era a paixão de Greenwell.

Ele se orgulhava de ser civilizado, uma decorrência de ter cursado as melhores escolas, onde aprendera o comportamento social dos ricos responsáveis e um civilizado sentimento de afeição por seus semelhantes. O

rigor que demonstrava nos negócios era sua forma de arte; a matemática de milhões de toneladas de grãos soava em seu cérebro com a mesma nitidez e encanto de música de câmara.

Um de seus poucos momentos de raiva ignóbil ocorrera quando um jovem professor de música, numa cátedra universitária instituída por uma de suas fundações, publicara um ensaio em que situava a música de *jazz* e *rock* acima de Brahms e Schubert e ousara afirmar que a música clássica era "fúnebre". Greenwell jurara que o professor seria removido de sua cátedra, mas sua cortesia nata acabara prevalecendo. Mas logo em seguida o jovem professor publicara outro ensaio, com uma frase lamentável: "Quem dá alguma merda por Beethoven?" E fora o fim. O jovem professor nunca soubera o que acontecera, mas um ano depois estava dando aulas de piano em San Francisco.

O Clube Sócrates tinha uma extravagância, um requintado sistema de comunicações. Na manhã em que o Presidente Kennedy anunciou na reunião secreta de seus assessores o ultimato que apresentaria ao sultão de Sherhaben, todos os vinte homens do Clube Sócrates receberam a informação uma hora depois. Só Greenwell 177

sabia que essa informação fora fornecida por Oliver Oliphant, o Oráculo.

Era uma questão de doutrina que aqueles retiros anuais de grandes homens não fossem usados de qualquer forma para planejar ou organizar conspirações: serviam apenas como um meio para comunicar objetivos gerais, informar um interesse geral, dissipar a confusão na operação de uma sociedade complexa. Nesse espírito, George Greenwell convidou, na terça-feira, três outros grandes homens para almoçar num dos pavilhões, perto das quadras de tênis

O mais jovem daqueles homens, Lawrence Salentine possuía uma grande rede de TV e algumas empresas a cabo, jornais em três grandes cidades, cinco revistas e um dos maiores estúdios de cinema. Através de subsidiárias, possuía uma grande editora de livros. Também possuía doze emissoras de TV locais, em importantes cidades. E

tudo isso só nos Estados Unidos. Era também uma presença poderosa nos meios de comunicação em outros países. Salentine tinha apenas 45 anos, um homem esguio e bonito, cabelos prateados, cacheados ao estilo dos imperadores romanos, agora muito em moda entre intelectuais e pessoas ligadas às artes, em Hollywood. Era impressionante na aparência e na inteligência, e um dos homens mais poderosos na política americana. Não havia um deputado, senador ou membro do Gabinete que não atendesse a seus telefonemas. Apesar disso, ele não conseguira fazer amizade com o Presidente Kennedy, que parecia ter considerado em termos pessoais as críticas da imprensa aos novos programas sociais que propusera.

O segundo homem era Louis Inch, que possuía mais importantes imóveis nas grandes cidades americanas do que qualquer outro homem ou companhia. Ainda muito jovem — agora estava na casa dos quarenta anos — fora o primeiro a perceber a verdadeira importância de construir na vertical, a alturas aparentemente impossíveis. Comprara direitos de espaço aéreo sobre muitos prédios existentes e depois construíra enormes edifícios, que aumentaram em dez vezes o valor dos prédios. Mais do que qualquer outra 178

pessoa, mudara a própria claridade das grandes cidades, criando intermináveis desfiladeiros escuros entre os prédios comerciais, que provaram ser mais necessários do que todos os outros supunham. Tornara os aluguéis tão excepcionalmente altos em Nova York, Chicago e Los Angeles para as famílias comuns, que só os ricos ou muito prósperos podiam viver em conforto nessas cidades.

Persuadira ou subornara autoridades para lhe concederem abatimentos fiscais e suspenderem os controles sobre aluguéis, a tal ponto que se gabava de que algum dia seu preço de aluguel por metro quadrado igualaria o de Tóquio.

Sua influência política, apesar de suas ambições, era inferior à dos outros homens no pavilhão. Possuía uma fortuna pessoal de mais de cinco bilhões de dólares, mas essa riqueza tinha a inércia da terra. Sua verdadeira força era mais sinistra. Seus objetivos eram a acumulação de riqueza e poder sem qualquer responsabilidade com a civilização em que vivia. Subornara de forma indiscriminada autoridades públicas e sindicatos da construção civil. Possuía cassinos-hotéis em Atlantic City e Las Vegas, excluindo os *gangsters* dessas cidades. Mas no processo, à maneira curiosa do sistema democrático, adquirira o apoio de figuras secundárias nos impérios criminosos. Todos os departamentos de serviços de seus inúmeros hotéis tinham contrato com firmas que forneciam louças e talheres, lavanderia, criados, bebidas e aumentos. Através de subordinados, estava ligado a esse submundo criminoso. Claro que não era tolo a ponto de permitir que essa ligação fosse mais que um fio microscópico. O nome de Louis Inch nunca fora afetado por qualquer insinuação de escândalo — graças não apenas a seu senso de prudência, mas também à ausência de qualquer carisma pessoal.

Por esses motivos, ele era na verdade desprezado, num nível pessoal, por quase todos os sócios do Clube Sócrates. Era tolerado porque uma de suas companhias possuía os terrenos em torno do clube e havia sempre o medo de que ele pudesse construir conjuntos 179

habitacionais baratos para cinqüenta mil famílias, sufocando a área do clube com hispânicos e negros.

O terceiro homem, Martin Mutford, vestindo uma calça esporte, blazer azul e camisa branca aberta, tinha sessenta anos e talvez fosse o mais poderoso dos quatro, porque tinha o controle do dinheiro em muitas áreas diferentes. Quando jovem, fora um dos protegidos do Oráculo, e aprendera muito bem suas lições. Contava histórias impregnadas de admiração sobre o Oráculo, para intensa satisfação das audiências no Clube Sócrates.

Mutford baseara sua carreira em banco de

investimentos. No começo, por causa da influência do Oráculo, ou pelo menos assim alegava, encontrara algumas dificuldades. Quando jovem, tinha um grande vigor sexual, como ele dizia. Para seu espanto, os maridos de algumas jovens esposas que ele seduzira procuraram-no, não em busca de vingança, mas para solicitar um empréstimo bancário. Exibiam sorrisos sugestivos, um comportamento afável. Por instinto, ele concedera os empréstimos pessoais, que sabia que nunca seriam pagos.

Na ocasião, não sabia que os responsáveis pelos empréstimos nos bancos recebiam presentes e subornos para concederem empréstimos duvidosos a pequenas empresas. Era fácil preparar os pedidos para serem aprovados, as pessoas que dirigiam os bancos queriam emprestar dinheiro — esse era o seu negócio, daí tiravam seus lucros, e por isso os regulamentos eram deliberadamente formulados para facilitar o trabalho dos gerentes de empréstimos. Claro que tinha de haver fichas cadastrais, memorandos de entrevistas etc. Mutford custara ao banco umas poucas centenas de milhares de dólares, antes de ser transferido para outra agência, em outra cidade, pelo que julgava ser uma circunstância afortunada, mas que depois compreendera ter sido uma atitude tolerante de seus superiores.

Os erros da juventude para trás, perdoados, esquecidos, lições valiosas aprendidas, Mutford fora subindo em seu mundo. Trinta anos depois sentava no pavilhão do Clube Sócrates e era o mais poderoso 180

financista dos Estados Unidos. Presidia o conselho de administração de um grande banco e possuía parcelas substanciais de ações das redes de TV; ele e seus amigos controlavam a gigantesca indústria automobilística e estavam associados à indústria de transporte aéreo.

Mutford usara seu dinheiro como uma teia de aranha para capturar uma parcela considerável da indústria eletrônica.

Também integrava os conselhos de administração de firmas de investimentos de Wall Street, que promoviam as transações de aquisições de imensos conglomerados, para aumentar outros imensos conglomerados. Quando essas batalhas eram mais encarniçadas, Mutford despachava uma onda de dinheiro, tão irresistível quanto o mar, para resolver os problemas. Como os outros três, “possuía”

determinados deputados e senadores.

Os quatro homens acomodaram-se em torno da mesa redonda, no pavilhão perto das quadras de tênis, cercadas por flores da Califórnia e arbustos como os da Nova Inglaterra. George Greenwell indagou:

— O que vocês acham da decisão do presidente?

— É lamentável o que fizeram com a filha dele —

disse Mutford. — Mas destruir propriedade no valor de cinquenta bilhões de dólares é uma reação desproporcional.

Um garçom, um hispânico, usando uma calça branca e uma camisa de mangas curtas com o logotipo do clube, anotou os pedidos de

drinques. Salentine comentou, pensativo:

— O povo americano vai considerar Kennedy como um grande herói se ele fizer o que está pretendendo. Será reeleito por uma maioria esmagadora.

— Mas é uma reação drástica demais, todos nós sabemos disso — declarou Greenwell. — As relações exteriores ficarão prejudicadas por muitos anos.

— O país está indo muito bem — comentou

Mutford. — O poder legislativo finalmente exerce algum controle sobre o executivo. O país vai se beneficiar de uma oscilação do poder na direção oposta?

— O que Kennedy poderia fazer se fosse reeleito? —

interveio Inch. — O Congresso mantém o controle, e 181

temos muita influência nele. Não há mais que cinquenta deputados que são eleitos sem o nosso dinheiro. E não há um senador que não seja um milionário. Não precisamos nos preocupar com o presidente.

Greenwell olhava além das quadras de tênis para o azul deslumbrante do Oceano Pacífico, tão sereno e tão majestoso. Naquele exato momento, o oceano aninhava bilhões de dólares em navios transportando seus cereais pelo mundo inteiro. Experimentava um ligeiro sentimento de culpa ao pensar que podia deixar na inanição ou alimentar quase o mundo inteiro.

Ele começou a falar, mas foi interrompido pelo garçom, que chegou com os drinques. Greenwell era prudente em sua idade e pedira água mineral. Tomou um gole e, depois que o garçom se retirou, recomeçou a falar, em tons cuidadosamente modulados. Sua cortesia requintada era típica de um homem obrigado a tomar decisões brutais ao longo da vida.

— Não devemos jamais esquecer que o cargo do Presidente dos Estados Unidos pode constituir um grande perigo para o processo democrático.

— Isso é bobagem — protestou Salentine. — As outras autoridades no governo o impediriam de tomar uma decisão pessoal. Os militares, abençoados sejam, não permitiriam, a menos que fosse razoável. Sabe disso, George.

— Isso é verdade — concordou Greenwell. — Só que em tempos normais. Mas lembre-se de Lincoln, que suspendeu o *habeas corpus* e as liberdades civis durante a Guerra Civil; e Franklin Roosevelt, que nos levou à Segunda Guerra Mundial. Lembre-se dos poderes pessoais do presidente. Ele tem o poder de conceder o perdão absoluto a qualquer crime. Esse é o poder de um rei. Sabe o que pode ser feito com tal poder? A fidelidade que pode criar? Ele tem poderes quase infinitos, se não houver um Congresso forte para contê-lo. Por sorte, temos um Congresso assim. Mas precisamos pensar no futuro, cuidar para que o executivo permaneça subordinado aos representantes eleitos do povo.

182

— Com a TV e os outros meios de comunicação, Kennedy não duraria um dia se tentasse algo ditatorial. Ele não tem essa opção. A convicção mais forte na América hoje é o credo da liberdade individual. — Salentine fez uma pausa e depois acrescentou: — E você sabe disso muito bem, George. Afinal, desafiou aquele infame embargo.

— Está perdendo o ponto principal — disse Greenwell. — Um presidente ousado pode superar esses obstáculos. Kennedy está sendo muito ousado nesta crise.

Inch interveio, impaciente:

— Está querendo dizer que devemos apresentar uma frente unida contra o ultimato de Kennedy a Sherhaben?

Pessoalmente, acho ótimo que ele esteja sendo duro. A força funciona, a pressão funciona, sobre governos e também sobre as pessoas.

No início de sua carreira, Inch usara táticas de pressão sobre os inquilinos em conjuntos habitacionais de aluguel controlado, quando queria esvaziar os prédios.

Suspendera o aquecimento e o abastecimento de água, proibira a manutenção; tornara extremamente desconfortável a vida de milhares de pessoas.

“Desequilibrara” certas comunidades suburbanas, inundando-as com negros, a fim de expulsar os residentes brancos; subornara governos municipais e estaduais, enriquecera fiscais federais. Sabia do que estava falando.

O sucesso baseava-se na aplicação de pressão.

— Continuo a achar que não estão percebendo a questão principal — insistiu Greenwell. — Dentro de uma hora teremos uma conferência pela televisão com Bert Audick. Por favor, perdoem-me por ter marcado essa conferência sem consultá-los... achei que era urgente demais para esperar, os acontecimentos estão se sucedendo muito depressa. E, afinal, os cinquenta bilhões de dólares que serão destruídos pertencem a Bert Audick, e ele está muito preocupado. E é importante pensar no futuro. Se o presidente pode fazer isso com Audick, também poderá fazer conosco.

— Kennedy é imprevisível — comentou Mutford, 183

pensativo.

— Acho que devemos chegar a alguma espécie de consenso da conferência com Audick — sugeriu Salentine.

— Ele é realmente pervertido em sua obsessão com a preservação do petróleo — disse Inch, que sempre achara que o petróleo conflitava de alguma forma com os interesses imobiliários.

— Devemos a Bert conceder-lhe toda a nossa consideração — declarou Greenwell.

Os quatro homens estavam reunidos no centro de comunicações do Clube Sócrates quando a imagem de Bert Audick surgiu na tela de TV. Ele cumprimentou-os com um sorriso, mas o rosto na tela tinha um vermelho anormal, o que podia ser um problema de sintonia de cor ou o efeito de um acesso de raiva. A voz de Audick era calma quando anunciou:

— Vou para Sherhaben. Talvez seja a última olhada em meus cinqüenta bilhões de dólares.

Os homens na sala podiam falar com a imagem como se Audick estivesse presente no clube. Podiam ver seus próprios rostos no monitor, a imagem que Audick via em seu escritório.

— Pretende mesmo ir? — indagou Inch.

— Claro. O sultão é meu amigo, e a situação se tornou bastante delicada. Posso fazer muito por nosso país se for até lá pessoalmente.

— Segundo os correspondentes em minha folha de pagamento — disse Salentine —, a Câmara e o Senado estão tentando vetar a decisão do presidente. É possível?

A imagem de Audick sorriu.

— Não apenas possível, mas quase certo. Conversei com membros do Gabinete. Estão propondo que o presidente seja afastado temporariamente do cargo, por causa de sua vendeta pessoal, que indica um certo desequilíbrio mental. Nos termos de uma emenda à Constituição, isso é legal. Precisamos apenas das assinaturas dos membros do Gabinete e da vice-presidente numa petição, que o Congresso ratificará. Mesmo que a 184

suspensão seja por trinta dias apenas, poderemos evitar a destruição de Dak. E garanto que os reféns serão libertados quando eu estiver em Sherhaben. Mas acho que todos vocês devem oferecer apoio ao Congresso para o afastamento do presidente. Devem isso à democracia americana, assim como eu devo a meus acionistas.

Sabemos muito bem que ele não escolheria esse curso de ação se a pessoa executada não fosse sua filha.

— Bert, nós quatro discutimos o assunto e concordamos em apoiar você e o Congresso... é o nosso dever — declarou Greenwell. — Daremos os telefonemas necessários, nossos esforços serão coordenados. Mas Lawrence Salentine tem algumas observações pertinentes que gostaria de apresentar.

O rosto de Audick na tela reagiu com raiva e repulsa.

— Larry, este não é o momento para que você fique em cima do muro. Se Kennedy pode me custar cinqüenta bilhões de dólares, talvez chegue um momento em que todas as suas emissoras de TV perderão a licença federal; e se isso acontecer, você pode se danar que não levantarei um dedo para ajudá-lo.

Greenwell estremeceu à vulgaridade e grosseria da resposta. Inch e Mutford sorriram. Salentine não deixou transparecer qualquer emoção. A voz era tranqüila quando respondeu:

— Bert, estou com você até o fim, nunca duvide disso. Acho que um homem que decide arbitrariamente destruir cinqüenta bilhões de

dólares para reforçar uma ameaça é sem dúvida desequilibrado, não tem condições para liderar o governo dos Estados Unidos. Estou com você, posso lhe garantir. Minhas emissoras de televisão vão interromper a programação normal com notícias de que o Presidente Kennedy está sendo submetido a uma avaliação psiquiátrica, que o trauma da morte da filha pode ter perturbado temporariamente sua razão. Isso deve preparar o terreno para o Congresso. Mas isso envolve uma área em que tenho mais experiência do que a maioria. A decisão do presidente contará com o apoio do povo americano... a reação natural das massas a todos os 185

atos de afirmação do poder nacional. Kennedy tem inteligência e energia. Se sua ação tiver êxito e recuperar os reféns, passará a contar com uma fidelidade incalculável, terá todos os votos que quiser. E se conseguir enfiar um pé na porta, poderá derrubar o Congresso.

Salentine fez uma pausa, tentando escolher as palavras com o maior cuidado.

— Mas se as ameaças fracassarem... os reféns mortos, o problema sem solução... então Kennedy estará liquidado como uma força política.

Na tela, a imagem de Bert Audick tremeu.

— Isso não é uma alternativa. Se chegar a esse ponto, então os reféns devem ser salvos, nosso país deve vencer. Além do mais, os cinquenta bilhões de dólares já estarão perdidos. Nenhum americano de verdade vai querer que a missão de Kennedy fracasse. Eles podem não querer uma missão com uma ação tão drástica, mas depois de começar, devemos providenciar para que tenha êxito.

— Concordo plenamente — declarou Salentine, embora não concordasse. — Mas tenho outro argumento.

Assim que o presidente perceber o perigo do Congresso, sua primeira providência será a de falar à nação pela televisão. E quaisquer que sejam os defeitos de Kennedy, não se pode deixar de reconhecer que ele é um mago na televisão. A partir do momento em que ele defender o seu caso para todo o país, o Congresso ficará numa situação muito difícil. O que acontece se o Congresso afastar Kennedy do cargo por trinta dias? Há sempre a possibilidade de que o presidente esteja certo em seu diagnóstico, que os seqüestradores prolonguem a situação de forma interminável, com Kennedy à margem, imune a todas as pressões.

Salentine fez outra pausa, tentando ser cauteloso ao máximo.

— Neste caso, Kennedy torna-se um herói ainda maior. Nossa melhor opção é deixá-lo em paz, para ganhar ou perder. Assim, não há perigo a longo prazo 186

para a estrutura política deste país. Esta pode ser a melhor opção.

— E com isso eu perco os cinqüenta bilhões de dólares, certo?

O rosto de Bert Audick na imensa tela de televisão era cada vez mais vermelho, de raiva. Nunca houvera qualquer problema com o controle de cor.

— É muito dinheiro, não se pode negar — interveio Mutford —, mas não é o fim do mundo.

O rosto de Bert Audick na tela exibia agora um espantoso vermelho-sangue. Salentine tornou a pensar que só podia ser o controle — nenhum homem seria capaz de sobreviver a uma tonalidade assim. A voz de Audick ressoou pela sala:

— Vá se foder, Martin! E é mais de cinqüenta bilhões. O que me diz da perda de receita enquanto reconstruímos Dak? Seus bancos me emprestarão o dinheiro sem juros. Você tem mais dinheiro em seu

rabo que o Tesouro dos Estados Unidos, mas me daria os cinqüenta bilhões? Porra nenhuma!

Greenwell apressou-se em interferir:

— Bert, Bert, estamos do seu lado. Salentine apenas ressaltou umas poucas opções em que você talvez não tenha pensado, sob a pressão dos acontecimentos. De qualquer forma, não poderíamos deter a ação do Congresso, mesmo que tentássemos. O Congresso não permitirá que o executivo prevaleça, numa questão assim.

E, agora, todos temos muito trabalho a fazer, por isso, proponho que esta conferência seja encerrada.

Salentine sorriu e disse:

— Bert, as notícias sobre a condição mental do presidente começarão a ser transmitidas pela televisão dentro de três horas. As outras redes seguirão nossa iniciativa. Ligue-me e diga o que acha, talvez tenha algumas idéias. E mais uma coisa: se o Congresso votar pela deposição do presidente antes que ele peça tempo na televisão, as redes podem recusar, sob a alegação de que ele foi considerado mentalmente incompetente e não é mais o presidente.

187

— Ótimo — disse Audick, o rosto desvanecendo para uma cor normal.

A conferência foi encerrada com despedidas corteses. Depois, Salentine disse aos outros:

— Sugiro que todos voemos para Washington em meu avião. Acho que devemos fazer uma visita a nosso velho amigo, Oliver Oliphant.

Mutford sorriu,

— O Oráculo, meu velho mentor. Ele nos dará algumas respostas.

Uma hora depois estavam todos a caminho de Washington.

Convocado para uma reunião com o Presidente Kennedy, o embaixador de Sherhaben, Sharif Waleeb, assistiu ao vídeo-teipe secreto da CIA, mostrando Yabril jantando com o sultão no palácio. O embaixador ficou sinceramente chocado. Como o seu sultão podia se envolver numa operação tão perigosa? Sherhaben era um pequeno país, amante da paz, sensato por sua força militar mínima.

A reunião foi no Gabinete Oval, com a presença de Bert Audick. O presidente estava acompanhado por dois assistentes, Arthur Wix, o assessor de segurança nacional, e Eugene Dazzy, o chefe de sua assessoria pessoal.

Depois da apresentação formal, o embaixador de Sherhaben declarou a Kennedy:

— Meu caro Senhor Presidente, pode estar certo de que eu não tinha conhecimento disso. E apresento minhas desculpas pessoais, humildes e sinceras. — Ele estava à beira das lágrimas. — Mas devo ressaltar uma coisa em que acredito plenamente. O sultão jamais teria concordado em fazer qualquer mal à sua pobre filha.

Francis Kennedy disse solenemente:

— Espero que seja verdade, pois neste caso ele concordará com a minha proposta.

O embaixador escutava com uma apreensão que era mais pessoal do que política. Fora educado numa universidade americana, era um admirador do modo de 188

vida americano. Adorava a comida americana, as bebidas alcoólicas americanas, as mulheres americanas e sua rebeldia contra o jugo masculino. Adorava a música e o cinema americano. Dera muito

dinheiro a todos os políticos necessários, enriquecera burocratas no Departamento de Estado. Era um profundo conhecedor dos problemas do petróleo e amigo de Bert Audick.

Sentia-se agora em desespero por seu infortúnio pessoal, mas não estava realmente preocupado com Sherhaben e seu sultão. O pior que poderia acontecer agora seriam sanções econômicas. A CIA americana promoveria operações secretas para derrubar o sultão, mas isso talvez até o beneficiasse.

Por isso, ele ficou profundamente chocado quando Kennedy acrescentou, num discurso articulado com extremo cuidado:

— Quero que preste toda atenção. Dentro de três horas partirá em um avião para Sherhaben, levando minha mensagem a seu sultão, pessoalmente. O Sr. Bert Audick, a quem já conhece, e meu assessor de segurança nacional, Arthur Wix, o acompanharão. E a mensagem é a seguinte: Dentro de 24 horas, sua cidade de Dak será destruída.

Horrorizado, com um aperto na garganta, o embaixador não conseguiu falar. Kennedy continuou:

— Os reféns devem ser libertados e o terrorista Yabril será entregue. Vivo. Se o sultão não fizer isso, o próprio estado de Sherhaben deixará de existir.

O embaixador parecia tão atordoado que Kennedy pensou que talvez ele encontrasse dificuldades para entender. O presidente fez uma pausa, antes de acrescentar, tranquilizador:

— Tudo isso constará dos documentos que apresentará pessoalmente a seu sultão.

O embaixador Waleeb balbuciou, aturdido:

— Perdoe-me, Senhor Presidente, mas disse alguma coisa sobre a destruição de Dak?

— É isso mesmo. Seu sultão não acreditará em minhas ameaças enquanto não contemplar a cidade de 189

Dak em ruínas. Deixe-me repetir: os reféns devem ser libertados, Yabril deve ser entregue de uma forma que não possa cometer o suicídio. E não haverá mais negociações.

O embaixador murmurou, incrédulo:

— Não pode ameaçar destruir um país livre, por menor que seja. E se destruir Dak, destruirá bilhões de dólares de investimentos americanos.

— É bem possível — respondeu Kennedy. —

Veremos. Providencie para que seu sultão compreenda que me manterei inabalável nesta questão... essa é a sua função. Partirá com o Sr. Audick e o Sr. Wix em um dos meus aviões pessoais. Dois outros aviões os acompanharão. Um para trazer de volta os reféns e o corpo de minha filha. O outro trará Yabril.

O embaixador não podia falar, mal conseguia pensar.

Com certeza aquilo era um pesadelo. O presidente enlouquecera. Mas Bert Audick lhe disse, quando ficaram a sós:

— O desgraçado falava sério, mas ainda temos um trunfo. Eu lhe falarei a respeito no avião.

No gabinete Oval, Eugene Dazzy escrevia anotações.

Francis Kennedy perguntou-lhe:

— Já providenciou para que todos os documentos sejam entregues ao embaixador no avião?

— Tivemos de fazer alguns floreios — informou Dazzy. — A destruição de Dak já é bastante terrível, e não podíamos dizer por escrito que também destruiremos todo o país. Mas a mensagem é clara. Por que mandar Wix?

Kennedy sorriu.

— O sultão saberá que falo sério pela presença do meu assessor de segurança nacional. E Arthur Wix vai repetir minha mensagem verbalmente.

— Acha que vai dar certo?

— Ele esperará pela destruição de Dak — respondeu Kennedy. — E depois nos atendera, a menos que seja louco.

190

CAPÍTULO

11

O *IMPEACHMENT* DO PRESIDENTE dos Estados Unidos em 24 horas parecia quase impossível. Mas quatro horas depois do ultimato de Kennedy a Sherhaben, o Congresso e o Clube Sócrates tinham a vitória ao seu alcance.

Depois que Christian Klee deixou a reunião, a seção de vigilância de computador de sua divisão especial do FBI forneceu-lhe um relatório completo sobre as atividades dos líderes do Congresso e os membros do Clube Sócrates. Três mil ligações telefônicas estavam relacionadas. Todos os encontros também constavam do relatório. Os indícios eram claros e incontestáveis. Dentro de 24 horas, a Câmara e o Senado dos Estados Unidos tentariam aprovar o *impeachment* do presidente.

Furioso, Christian meteu os relatórios numa pasta e seguiu apressado para a Casa Branca. Antes de partir, porém, determinou a Peter Cloot que transferisse dez mil agentes de seus postos normais para Washington.

Nessa mesma ocasião, tarde da quarta-feira, o Senador Thomas Lambertino, o homem forte do Senado, com sua assessora Elizabeth Stone e o Deputado Alfred Jintz, o presidente democrata da Câmara, reuniram-se no 191

gabinete do senador. Sal Troyca, o chefe da assessoria de Jintz, também estava presente, a fim de dar cobertura a seu chefe, que era considerado um idiota rematado. Não havia a menor dúvida sobre a astúcia de Troyca, não apenas em sua própria mente, mas também em todo o Capitólio.

Sal Troyca era também famoso por sua habilidade de conquistador, um defensor de amplas relações entre os sexos. Troyca já percebera que a principal assessora do senador era uma beleza, mas ainda

precisava descobrir até que ponto ela era devotada. E naquele momento ele tinha de se concentrar no problema imediato.

Troyca leu em voz alta as frases pertinentes da 25ª

Emenda à Constituição dos Estados Unidos, suprimindo frases e palavras aqui e ali. Lia devagar e com todo cuidado, numa voz de tenor bem controlada:

— "Sempre que o Vice-Presidente e uma maioria dos principais diretores dos departamentos executivos"... —

Num aparte para Jintz, ele sussurrou: — É o Gabinete.

Sua voz se tornou mais enfática, enquanto ele continuava:

— ..."ou qualquer outro corpo que o Congresso pode determinar por lei, transmitirem... ao Senado e... Câmara de Representantes sua declaração por escrito de que o Presidente é incapaz de exercer os poderes e cumprir os deveres de seu cargo, o Vice-Presidente assumirá imediatamente os poderes e deveres do cargo como o Presidente em Exercício."

— Oh, merda! — exclamou Jintz. — Não pode ser tão fácil assim afastar um presidente.

— E não é — declarou o Senador Lambertino, em voz suave. — Continue a ler, Sal.

Sal Troyca refletiu amargurado que era típico de seu chefe não conhecer a Constituição, por mais sagrada que fosse. E desistiu. Foda-se a Constituição, Jintz nunca seria capaz de entender. Teria de explicar nos termos mais simples.

— Em suma, a vice-presidente e os membros do Gabinete devem assinar uma declaração de incompetência para afastar Kennedy do

cargo. Depois, a vice-presidente torna-se presidente. Um segundo depois, Kennedy entra 192

com sua contradeclaração, dizendo que está bem. E volta a ser presidente. Depois, o Congresso decide. Durante esse período Kennedy pode fazer o que bem quiser.

— E lá se vai Dak — murmurou Jintz.

— A maioria dos membros do Gabinete assinará a declaração — informou Lambertino. — Teremos de esperar por uma resposta da vice-presidente... não podemos fazer nada sem a sua assinatura. O Congresso terá de se reunir no máximo até dez horas da noite de quinta-feira para decidir a questão, a tempo de evitar a destruição de Dak. E para ganhar, precisamos de dois terços dos votos da Câmara e do Senado. Podemos vencer na Câmara? O Senado eu garanto.

— Claro que ganharemos — assegurou Jintz. —

Recebi um telefonema do Clube Sócrates. Eles vão pressionar todos os deputados.

Troyca interveio, respeitoso:

— A Constituição diz qualquer outro corpo que o Congresso possa determinar por lei. Por que não evitar a necessidade de assinatura dos membros do Gabinete e da vice-presidente, convertendo o Congresso nesse corpo?

Nesse caso, a decisão seria imediata.

— Não daria certo, Sal — respondeu Jintz, em tom paciente. — Não pode parecer uma vendeta. Os eleitores ficariam do lado dele, teríamos de pagar por isso mais tarde. Lembre-se de que Kennedy é popular... um demagogo sempre leva vantagem sobre os legisladores responsáveis.

— Não teríamos qualquer dificuldade no

procedimento — declarou o Senador Lambertino. — O

ultimato do presidente a Sherhaben é radical demais, revela uma mente temporariamente desequilibrada por sua tragédia pessoal. Pela qual sinto a mais profunda simpatia e pesar. Como acontece com todos nós.

— Meu pessoal na Câmara disputa a reeleição de dois em dois anos — disse Jintz. — Kennedy poderia derrubar muitos, se for declarado competente depois do período de trinta dias. Precisamos afastá-lo em caráter permanente.

Lambertino acenou com a cabeça em concordância.

193

Sabia que o mandato de senador de seis anos sempre irritava os deputados.

— É verdade, mas lembre-se de que a conclusão será a de que ele tem graves problemas psicológicos, o que pode ser usado para mantê-lo longe do cargo pelo simples expediente do Partido Democrata recusar a sua indicação.

Troyca notara uma coisa. Elizabeth Stone não dissera coisa alguma desde o início da reunião. Mas também ela tinha um chefe inteligente; não precisava proteger Lambertino de sua própria estupidez. Troyca disse agora:

— Gostaria de fazer um sumário da situação. Se a vice-presidente e a maioria do gabinete votar pelo *impeachment* do presidente, assinarão a declaração esta tarde. A assessoria pessoal do presidente se recusará a assinar. Seria uma grande ajuda se assinassem, mas isso não vai acontecer. De acordo com o procedimento constitucional, a única assinatura essencial é da vice-

presidente. Por tradição, o vice-presidente endossa todas as decisões políticas do presidente. Temos certeza absoluta de que ela vai assinar? Ou que ela não vai protelar sua assinatura? O

tempo é fundamental.

Jintz soltou uma risada.

— Qual é o vice-presidente que não quer se tornar presidente? Há três anos que ela vem torcendo para que Kennedy tenha um infarto.

Elizabeth Stone falou pela primeira vez, friamente:

— A vice-presidente não pensa dessa maneira. É

absolutamente leal ao presidente. É verdade que é quase certo que ela assinará a declaração, mas por todos os motivos certos.

Jintz fitou-a com uma resignação paciente e fez um gesto apaziguador. Lambertino franziu o rosto. Troyca manteve um rosto impassível, mas no íntimo sentia a maior satisfação.

— Ainda acho que se deve contornar isso — insistiu ele. — O Congresso pode tomar a iniciativa e dar a palavra final.

Jintz levantou-se de sua confortável poltrona.

— Não se preocupe, Sal. A vice-presidente não quer 194

dar a impressão de que está ansiosa em derrubar Kennedy, mas vai assinar. Apenas ela não quer parecer uma usurpadora.

“Usurpador” era uma palavra usada com freqüência na Câmara dos Representantes em referência ao Presidente Kennedy. Lambertino lançou um olhar contrariado para Troyca. Não gostava de uma certa familiaridade na atitude do homem, de seu questionamento dos planos dos superiores.

— Esta ação para afastar o presidente é sem dúvida legal, embora sem precedentes — disse ele. — A 25ª

Emenda à Constituição não especifica as provas médicas.

Mas sua decisão de destruir Dak é uma prova.

Troyca não pôde resistir:

— Depois que isso acontecer, haverá um precedente.

Uma votação de dois terços do Congresso poderá derrubar qualquer presidente. Pelo menos em teoria. —

Ele percebeu satisfeito que conquistara a atenção de Elizabeth Stone, pelo menos, e continuou: — Viraríamos mais uma república das bananas... só que ao contrário, tendo o legislativo como ditador.

O Senador Lambertino protestou, em tom ríspido:

— Em princípio, isso não pode acontecer. O

legislativo é eleito diretamente pelo povo, não pode ser ditador como um único homem.

Troyca pensou, desdenhoso: Não, a menos que o Clube Sócrates o controle. E depois ele compreendeu o que deixara o senador furioso, Lambertino considerava-se um possível candidato presidencial e não gostava que alguém dissesse que o Congresso seria capaz de se livrar de um presidente no momento em que quisesse.

— Vamos acabar logo com isso, pois temos muito trabalho a fazer — disse Jintz. — Esta é uma iniciativa de fato para uma democracia mais genuína.

Troyca ainda não se acostumara à simplicidade direta de grandes homens como o senador e o presidente da Câmara, a sinceridade com que punham seus interesses pessoais acima de tudo. Percebeu

uma certa expressão no rosto de Elizabeth Stone e compreendeu que ela estava 195

pensando exatamente a mesma coisa. Tentaria conquistá-la, não importava o custo. E ele comentou, com evidente sinceridade e humildade:

— É bem possível que o presidente declare que o Congresso está rejeitando uma ordem executiva de que discorda, não é mesmo? E não poderia desafiar o Congresso a votar sua decisão? Não poderia falar à nação esta noite pela televisão, antes de o Congresso se reunir?

E não vai parecer ao público que Kennedy está bem, já que sua assessoria pessoal se recusa a assinar a declaração? E pode haver problemas ainda maiores. Em particular se os reféns forem mortos depois do impedimento de Kennedy. As repercussões no Congresso podem ser terríveis.

Nem o senador nem o deputado pareciam

impressionados por essa análise. Jintz afagou o ombro de Troyca e disse:

— Ora, Sal, já previmos tudo. Você só precisa providenciar a documentação.

O telefone tocou nesse momento e Elizabeth Stone atendeu. Ela escutou por um momento e depois informou:

— Senador, é a vice-presidente.

Antes de tomar sua decisão, a Vice-Presidente Helen Du Pray resolveu fazer a sua corrida diária.

A primeira mulher a assumir a vice-presidência dos Estados Unidos tinha 55 anos e por qualquer padrão possuía uma inteligência

extraordinária. Ainda era bonita, talvez porque, quando estava na casa dos vinte anos, uma esposa grávida e assistente do promotor distrital, tornara-se uma adepta da alimentação natural. Também se tornara uma corredora na adolescência, antes mesmo do casamento. Um namorado a levava para correr, oito quilômetros por dia, e acelerado. Ele citara a expressão latina "*Mens sana in corpore sano*" e traduzira para ela:

— Se o corpo é saudável, a mente é saudável.

Por sua indulgência ao traduzir e porque aceitava literalmente a verdade da situação — afinal, muitas mentes saudáveis haviam sido destruídas por um corpo 196

saudável demais —, ela rompeu o namoro.

Mas também importante era a sua disciplina dietética, que dissolvia os venenos no organismo, gerava um alto nível de energia e proporcionava como bonificação um corpo espetacular. Seus adversários políticos diziam que ela não tinha paladar, mas isso não era verdade. Podia saborear um bom pêssego, uma pêra suculenta, o gosto picante de legumes frescos, e nos dias tenebrosos da alma, a que ninguém conseguia escapar, era capaz também de se deleitar com um pote cheio de biscoitos de chocolate.

Tornara-se adepta da alimentação natural por acaso.

No começo da carreira, como assistente do promotor distrital, processara o autor de um Livro de dietas por alegações fraudulentas e injuriosas. Preparando-se para o julgamento, pesquisara o assunto, lera tudo no campo da nutrição, sob a premissa de que para determinar o falso precisava conhecer o que era verdadeiro. Condenara o autor, obrigara-o a pagar uma vultosa multa, mas sempre achava que tinha uma dívida com o homem.

E mesmo como vice-presidente dos Estados Unidos, Helen Du Pray ainda comia frugalmente, e sempre corria pelo menos oito

quilômetros por dia — dezesseis quilômetros nos fins de semana. Agora, no que podia ser o dia mais importante de sua vida, com a declaração para o impedimento do presidente aguardando sua assinatura, ela decidiu fazer uma corrida para clarear a mente.

Sua guarda do Serviço Secreto tinha de pagar o preço. No começo, o chefe de sua segurança pensara que a corrida matutina não seria problema. Afinal, seus homens eram excelentes espécimes físicos. Mas a Vice-Presidente Du Pray não apenas corria bem cedo, através de bosques onde os guardas não podiam segui-la, mas também sua corrida de dezesseis quilômetros, uma vez por semana, deixava os agentes dispersos muito atrás, incapazes de acompanhar seu ritmo. O chefe se espantava pelo fato de que aquela mulher, casa dos cinquenta anos, fosse capaz de correr tão depressa. E por tanto tempo.

A vice-presidente não queria que sua corrida fosse 197

incomodada; afinal, era uma coisa sagrada em sua vida.

Substituíra a “diversão”, significando que substituíra a satisfação da comida, bebida e sexo, cujo prazer e ternura haviam desaparecido de sua vida quando o marido morrera, seis anos antes.

Ampliara as corridas e pusera de lado todos os pensamentos de um novo casamento; subira demais na escada política para se arriscar à aliança com um homem que poderia ser uma armadilha, com segredos ocultos para arrastá-la ao abismo. As duas filhas e uma vida social ativa eram suficientes, e tinha muitos amigos, homens e mulheres.

Conquistara o apoio dos grupos feministas do país não com as lisonjas políticas vazias habituais, mas com uma inteligência objetiva e uma integridade rigorosa.

Desfechara um ataque implacável contra os antiabortocionistas e crucificara em debates os porcos chauvinistas que sem risco pessoal

tentavam legislar sobre o que as mulheres podiam fazer com seus corpos.

Vencera essa luta e no processo subira ainda mais na escada política.

Pela experiência de toda a sua vida, desdenhava as teorias de que homens e mulheres deviam ser iguais; celebrava suas diferenças. A diferença era valiosa num sentido moral, como uma variação na música é valiosa, como uma variação em deuses é valiosa. Claro que havia uma diferença. Ela aprendera de sua vida política, de seus anos como promotora, que as mulheres eram melhores do que os homens nas coisas mais importantes. E tinha estatísticas para provar. Os homens cometiam muito mais assassinatos, assaltavam mais bancos, eram mais perjuros, traíam mais os amigos e pessoas amadas. Como autoridades públicas, eram mais corruptos, como crentes em Deus eram muito mais cruéis, como amantes eram muito mais egoístas, em todos os campos exerciam o poder de forma mais implacável. Era muito mais provável que os homens destruíssem o mundo com a guerra porque temiam a morte muito mais do que as mulheres. Mas pondo tudo isso de lado, ela nada tinha contra os homens.

198

Naquela quarta-feira, Helen Du Pray começou a correr assim que seu carro com motorista deixou-a à beira de um bosque, numa comunidade suburbana de Washington. Corria do documento fatídico que aguardava em sua mesa. Os agentes do Serviço Secreto espalharam-se um na frente, outro atrás, dois nos flancos, todos pelo menos a vinte passos de distância. Houvera um tempo em que ela se deliciava em obrigá-los a suar para acompanhar seu ritmo. Afinal, estavam todos vestidos por completo, enquanto ela usava apenas um traje de corrida, e eles ainda carregavam armas, munição e equipamentos de comunicação. Os agentes sofreram bastante, até que o chefe de sua segurança, perdendo a paciência,

recrutara campeões de corrida de pequenas universidades, o que arrefecera um pouco o ânimo de Helen Du Pray.

Quanto mais ela subia na escada política, mais cedo se levantava pela manhã para correr. Seu maior prazer era quando uma das filhas corria em sua companhia. O que também proporcionava fotografias sensacionais nos jornais e revistas. Tudo contava.

A Vice-Presidente Helen Dy Pray superara muitos obstáculos para alcançar um cargo tão alto. Obviamente, o primeiro era o fato de ser mulher, e depois, não tão óbvio, o de ser bonita. A beleza muitas vezes despertava hostilidade em ambos os sexos. Superara essa hostilidade com sua inteligência, modéstia e um profundo senso moral. E

também recorrera a uma boa parcela de astúcia. Era um lugar-comum na política americana que o eleitorado preferia homens bonitos a mulheres feias como candidatos aos cargos. Por isso, Helen Du Pray transformara uma beleza sedutora numa beleza austera, ao melhor estilo de Joana d'Arc. Usava os cabelos louro-prateados bem curtos, mantinha o corpo esguio e infantil, camuflava os seios com costumes sob medida. Como ornamentos, usava uma fieira de pérolas e nos dedos apenas uma aliança de ouro. Uma *echarpe*, uma blusa rendada, às vezes luvas eram seus símbolos de feminilidade. Projetava uma imagem de mulher sóbria até que sorria ou ria, quando então sua sexualidade faiscava brilhante como um relâmpago. Era 199

feminina sem ser provocante; era forte sem qualquer insinuação de masculinidade. Em suma, era o modelo ideal para ser a primeira mulher a assumir a presidência dos Estados Unidos. O que devia acontecer se assinasse a declaração em sua mesa.

Agora ela se encontrava no estágio final da corrida, saindo do bosque e entrando numa estrada em que outro carro a esperava. Os agentes do Serviço Secreto se aproximaram, ela entrou no carro e

seguiu para a mansão da vice-presidência. Tomou um banho de chuveiro e vestiu as roupas de “trabalho”, uma saia austera e casaco, e partiu para seu escritório... e para a declaração à espera.

Era estranho, pensou ela. Lutara durante toda a sua vida para escapar à armadilha de uma vida canalizada para um único propósito. Fora uma advogada brilhante enquanto criava duas crianças; empenhara-se numa carreira política, enquanto era feliz e fiel no casamento.

Fora sócia de uma importante firma de advocacia, depois deputada, senadora, ao mesmo tempo em que se mantivera uma mãe devotada. Conduzira sua vida de maneira impecável, só para terminar como outra espécie de dona de casa, a Vice-Presidente dos Estados Unidos.

Como vice-presidente, tinha de arrumar a casa para seu “marido” político, o presidente, e desempenhar tarefas subalternas. Recebia líderes de pequenas nações, integrava comitês imperantes de títulos pomposos, aceitava informações condescendentes, dava conselhos que eram aceitos com cortesia, mas que não mereciam uma consideração respeitosa. Tinha de repetir as opiniões e apoiar as decisões de seu marido político.

Admirava o Presidente Francis Xavier Kennedy e sentia-se grata por tê-la escolhido como companheira de chapa, mas divergia dele em muitas coisas. Às vezes achava graça porque, como uma mulher casada, escapara à armadilha de uma parceria desigual, mas agora, no mais alto cargo político já alcançado por uma americana, as leis políticas tornavam-na subserviente a seu marido político.

Mas hoje ela podia se tornar uma viúva política e sem dúvida não teria do que se queixar do seguro que 200

receberia, a presidência dos Estados Unidos. Afinal, aquele “casamento” se tornara bastante infeliz. Francis Kennedy avançara depressa demais, com uma agressividade exagerada. E Helen Du

Pray começara a fantasiar sua "morte" como muitas esposas infelizes.

Assinando aquela declaração, ela poderia ficar com todos os despojos. Poderia ficar com o lugar de Kennedy.

Para uma mulher inferior, isso seria uma satisfação milagrosa.

Ela sabia que era impossível controlar as atividades do cérebro, por isso não se sentia culpada pelas fantasias; mas poderia se sentir culpada por uma realidade que ajudara a consumir. Quando circularam os rumores de que Kennedy não concorreria a um segundo mandato, ela alertara sua rede política. Kennedy concedera então a sua bênção. Agora, porém, tudo isso mudara.

E precisava pensar com absoluta lucidez. A declaração, a petição, já fora assinada pela maioria do Gabinete, os secretários de estado, defesa, tesouro e outros. Faltava a CIA, aquele miserável e inescrupuloso Tappey. E também Christian Klee, um homem que ela detestava. Mas devia chegar a uma conclusão de acordo com seu julgamento e sua consciência. Devia agir pelo bem público, não por sua ambição pessoal.

Podia assinar, cometer um ato de traição pessoal, e ainda assim manter seu auto-respeito? Mas era irrelevante todo o aspecto pessoal. Considere apenas os fatos.

Como Christian Klee e muitos outros, ela notara a mudança em Kennedy depois da morte da esposa, pouco antes de sua eleição para a presidência. A perda de energia. Helen Du Pray sabia, como todos sabiam, que só se podia fazer a presidência funcionar através de um consenso com o poder legislativo. Era preciso adular e lisonjear, talvez fazer algumas concessões. Era preciso controlar o Gabinete, a assessoria pessoal deveria ser um bando de Átilas e Salomões. Era preciso barganhar, era preciso recompensar e lançar uns poucos raios. De certa forma, era preciso fazer todos dizerem: "Está certo, pelo bem do país e pelo meu próprio bem."

O fato de não fazer essas coisas fora um defeito em Kennedy como Presidente; além disso, ele se encontrava muito à frente de seu tempo. Sua assessoria pessoal deveria saber melhor. Um homem tão inteligente quanto Kennedy deveria saber melhor. E, no entanto, ela sentia nas iniciativas de Kennedy uma espécie de desespero moral, um jogo de tudo-ou-nada do bem contra o mal.

Helen Du Pray acreditava que não estava regredindo para um superado sentimentalismo feminino, que a morte da esposa de Kennedy fora de fato a causa de sua mudança. Mas homens extraordinários como Kennedy desmoronavam apenas por causa de alguma tragédia pessoal? A resposta a isso era sim.

Ela própria nascera para a política, mas sempre achara que Kennedy não tinha o temperamento. Ele era mais um estudioso, um cientista, um professor. Tinha idealismo demais; era, no melhor sentido da palavra, ingênuo. Isto é, era confiante.

O Congresso, as duas casas, desfechara uma guerra brutal contra o executivo, e geralmente ganhava. Pois isso não aconteceria com ela.

Ela pegou a declaração na mesa e analisou-a. O

argumento era de que Francis Xavier Kennedy não era mais capaz de exercer os deveres da presidência, por causa de um colapso mental temporário. Em decorrência do assassinato da filha. O que agora afetava seu julgamento, a tal ponto que sua decisão de destruir a cidade de Dak e a ameaça de destruição de uma nação soberana tornavam-se um ato irracional, desproporcional ao grau de provocação, um precedente perigoso que deveria virar a opinião mundial contra os Estados Unidos.

Mas havia também o argumento de Kennedy, que ele apresentara na reunião com o Gabinete e sua assessoria pessoal. Aquela era uma conspiração internacional, em que o Papa fora assassinado, assim

como a filha do Presidente dos Estados Unidos. Muitos reféns ainda eram mantidos pelos seqüestradores, e a conspiração podia prolongar a situação por semanas ou até meses. É os Estados Unidos teriam de libertar o assassino do Papa. Seria uma tremenda

perda de autoridade para a nação mais poderosa do mundo, líder da democracia e, é claro, do capitalismo democrático.

Sendo assim, quem podia dizer que a reação draconiana proposta pelo presidente não era a resposta correta? Não restava a menor dúvida de que, se Kennedy não estivesse blefando, as medidas dariam certo. O sultão de Sherhaben ficaria de joelhos. Quais eram os verdadeiros valores neste caso?

Item: Kennedy tomara sua decisão sem a discussão apropriada com seu Gabinete, assessoria pessoal e líderes do Congresso. O que era muito grave. Indicava perigo.

Um chefe de quadrilha ordenando uma vendeta.

Sabia que todos ficariam contra ele. Estava convencido de que sua decisão era correta. O tempo era escasso. Aquela era a determinação que Francis Kennedy demonstrara mesmo nos anos antes de se tornar presidente.

Item: Ele agira dentro da competência do poder executivo. Sua decisão era legal. A declaração para impedir o presidente não fora assinada por qualquer membro de sua assessoria pessoal, as pessoas mais ligadas a ele. Portanto, a acusação de desajustamento e instabilidade mental era uma questão de opinião, baseada apenas em sua decisão. Portanto, aquela declaração era uma tentativa ilegal de passar por cima da competência do poder executivo do governo.

O

Congresso discordava da decisão presidencial e por isso tentava revogar essa decisão, afastando o presidente do cargo. Era uma

violação óbvia da Constituição.

Essas eram as questões morais e legais. Agora, ela tinha de decidir o que era melhor para seus próprios interesses. O que nada tinha de absurdo numa política.

Conhecia a mecânica. O Gabinete assinara; portanto, se ela assinasse agora a declaração, iria se tornar Presidente dos Estados Unidos. Depois, Kennedy assinaria a sua própria declaração, e ela voltaria a ser vice-presidente. Em seguida o Congresso se reuniria, numa votação de dois terços aprovaria o impedimento, e ela seria presidente pelo menos por trinta dias, até que 203

passasse a crise.

O fator adicional: Ela seria a primeira mulher a ocupar a presidência dos Estados Unidos, por alguns momentos, no mínimo. Talvez pelo resto do mandato de Kennedy, que terminaria no próximo mês de janeiro. Mas não devia ter ilusões. Nunca conseguiria a indicação para disputar a presidência em um novo mandato.

Alcançaria a presidência pelo que alguns

considerariam como um ato de traição — Por uma mulher. Já era suficiente que a literatura da civilização sempre apresentasse as mulheres como causando a queda de grandes homens, que existisse o mito persistente de que os homens nunca podiam confiar nas mulheres. Ela seria considerada como “infiel”: esse grande pecado das mulheres que os homens nunca perdoavam. E estaria traindo o grande mito nacional dos Kennedys. Seria outra Modred.

E de repente lhe ocorreu. Sorriu ao compreender que não se encontrava numa situação em que perderia de qualquer maneira. Bastava se recusar a assinar a declaração.

O Congresso não desistiria.

Possivelmente agindo de forma ilegal, sem a sua assinatura, o Congresso votaria de qualquer maneira o impedimento de Kennedy, e a Constituição determinava que ela o sucederia na presidência. Mas teria de provar sua "fidelidade"; e se e quando Francis Kennedy retornasse à presidência, depois de trinta dias, ela ainda contaria com o seu apoio. Ainda teria o grupo de Kennedy por trás de sua indicação para disputar a presidência.

Quanto ao Congresso, eles eram seus inimigos, não importava o que fizesse. Então, por que ser a Jezebel política deles? Sua Dalila?

Foi se tornando cada vez mais claro para ela. Se assinasse a declaração, o eleitorado nunca a perdoaria, e os políticos a desprezariam. E depois, quando e se alcançasse a presidência, era bem provável que eles tentassem humilhá-la também. Provavelmente atribuiriam suas deficiências ao fluxo menstrual, pensou ela, a cruel 204

expressão masculina inspiraria caricaturas em todo o país.

Helen Du Pray tomou sua decisão. Não assinaria a declaração. Isso demonstraria que não era uma ambiciosa inescrupulosa, que era leal.

Ela começou a escrever a declaração que entregaria a sua assessoria administrativa para aprontar. Ressaltou que não podia assinar, em sua consciência, um documento que a elevaria a um cargo tão alto. Permaneceria neutra naquela luta. Mas mesmo isso podia ser perigoso. Ela amarrote o papel. Apenas se recusaria a assinar; o Congresso poderia agir por sua própria iniciativa. Ela ligou para o senador Lambertino. Depois, falaria com outros legislador explicando sua posição. Mas nada por escrito.

Dois dias depois de assassinar a efígie em papelão de Kennedy, David Jatney foi expulso da Universidade Brigham Young. Jatney não voltou para casa, para os rigorosos pais mórmons, que possuíam uma rede de lavanderias a seco. Conhecia seu destino ali, já o

sofrera antes. O pai acreditava em começar por baixo, carregando trouxas de roupa suja, calças, vestidos, ternos, que pareciam pesar uma tonelada. Todas aquelas roupas de lã e algodão, impregnadas de suor da carne humana, eram angustiantes ao contato.

E, como muitos jovens, ele não agüentava mais os pais. Eram bons, trabalhadores, pessoas que apreciavam os amigos, adoravam a empresa que haviam construído, desfrutavam a camaradagem da Igreja Mórmon. E eram para o filho as duas pessoas mais chatas do mundo.

E ainda por cima levavam uma vida feliz, o que irritava David. Os pais haviam-no amado quando ele era criança, mas ele se tornara tão difícil ao crescer que agora gracejavam que tinham recebido o bebê errado no hospital.

Tinham filmes de David em cada estágio: o bebê engatinhando pelo chão, o menino dando os primeiros passos pela sala, levado à escola pela primeira vez, a formatura no curso primário, recebendo um prêmio pela composição na escola secundária, pescando com o pai, caçando com o tio.

205

Depois do décimo quinto aniversário, ele não mais permitira que o fotografassem. Sentia-se horrorizado pelas banalidades de sua vida registradas em filme; sentia-se como um inseto programado para levar uma vida numa eternidade de mesmice. Estava determinado a nunca ser como os pais, sem compreender que isso também era outra banalidade.

Fisicamente, ele era o pólo oposto. Enquanto os pais eram louros e altos, corpulentos na meia-idade, David tinha uma pele morena, era magro e rijo. Os pais gracejavam sobre a diferença, mas previam que com a idade ele se tornaria mais parecido com eles, o que o enchia de horror. Aos quinze anos, demonstrava uma frieza em relação aos pais que era impossível ignorar. A afeição dos pais não

diminuíra de jeito nenhum, mas ficaram aliviados quando ele fora para a Brigham Young.

Tornou-se bonito, com cabelos escuros que brilhavam de tão pretos. As feições eram tipicamente americanas: nariz reto, a boca forte, mas não muito generosa, o queixo saliente, mas não de uma forma intimidativa. No começo quando alguém o conhecia há pouco tempo apenas, ele parecia meramente animado. As mãos se agitavam quando falava. Depois, em outras ocasiões, mergulhava numa indolência que até parecia uma crise de mau humor.

Na universidade, sua animação e inteligência tornaram-no atraente para os outros estudantes. Mas era um pouco bizarro demais em suas reações, quase sempre se mostrava condescendente, às vezes brutalmente insultuoso.

A verdade era que David vivia uma agonia de impaciência em ser famoso, ser um herói, fazer o mundo saber que era especial.

Com as mulheres, exibia uma confiança tímida que as conquistava de início. Achavam-no interessante, e por isso ele teve suas pequenas ligações amorosas. Mas nunca duravam. Ele se mostrava arredo, distante; depois das primeiras semanas de vivacidade e bom humor, absorvia-se em si mesmo. Mesmo no sexo parecia desligado, como se não quisesse perder o controle de seu corpo. Sua maior falha na área do amor era o fato de se recusar a idolatrar a 206

amada, mesmo na fase da corte; e quando se esforçava para ficar profundamente apaixonado, tinha a aura de um valete empenhando-se por uma gorjeta generosa.

Sempre se interessara por política e ordem social.

Como a maioria dos jovens, desprezava a autoridade em qualquer forma; o estudo da história revelava-lhe que o curso da humanidade sempre fora o da guerra interminável entre a elite poderosa e as massas impotentes. Desejava a fama para se juntar aos poderosos.

Era natural que fosse escolhido para Caçador-Chefe no jogo de assassinato realizado todos os anos na Brigham Young. E fora seu eficiente planejamento que levava a vitória. Também supervisionara a fabricação da efígie que parecia tanto com Kennedy.

Com os disparos contra a efígie e o banquete da vitória em seguida, David Jatney experimentara uma repulsa por sua vida estudantil. Estava na hora de iniciar uma carreira. Sempre escrevera poesia, mantinha um diário em que achava poderia demonstrar seu espírito e inteligência. Como tinha certeza absoluta de que seria famoso, a manutenção de um diário, com um olho na posteridade, não era necessariamente imodesta. E, assim, ele registrou: "Estou deixando a universidade, já aprendi tudo o que eles podem me ensinar. Amanhã seguirei de carro para a Califórnia, para descobrir se posso me lançar no mundo do cinema."

Ao chegar a Los Angeles, David Jatney não conhecia uma única pessoa. Isso lhe convinha, gostava do sentimento. Sem responsabilidade, podia se concentrar em seus pensamentos, podia decifrar o mundo. Dormiu num pequeno quarto de motel na primeira noite, depois encontrou um apartamento conjugado em Santa Monica que era mais barato do que esperava. Descobriu o apartamento por intermédio de uma mulher matronal, garçonete no café em que comeu seu primeiro desjejum na Califórnia. David comeu frugalmente — um copo de suco de laranja, torrada e café —, e a garçonete notou que ele lia a seção de aluguéis do *Los Angeles Times*. Perguntou-lhe se ele procurava um lugar para morar, e David respondeu 207

que sim. Ela escreveu um telefone num pedaço de papel, informou que era apenas um apartamento conjugado, mas com um aluguel razoável, porque as pessoas em Santa Monica haviam travado uma longa batalha com as grandes empresas imobiliárias e havia um rígido controle das locações. E Santa Monica era um lugar lindo, ficava a poucos minutos da praia de Venice, com seu passeio de madeira e muita diversão.

David a princípio ficou desconfiado. Por que aquela estranha se interessava por seu bem-estar? Parecia maternal, mas também tinha um ar sensual. Claro que era muito velha — devia ter pelo menos quarenta anos. Mas ela não fez menção de acompanhá-lo. E despediu-se jovialmente quando ele foi embora. David aprenderia que as pessoas na Califórnia fazem coisas assim. O sol constante parecia abrandá-las. Deixá-las afáveis. Era isso.

Não custara nada à mulher prestar-lhe um favor.

David viera de Utah no carro que os pais haviam lhe dado quando ingressara na universidade. Era o seu único bem material, além de uma guitarra que outrora tentara aprender a tocar, mas que deixara em Utah. E tinha uma coisa ainda mais importante, uma máquina de escrever portátil, que usava para escrever seu diário, contos e romances. Agora que se encontrava na Califórnia, tentaria o seu primeiro roteiro para o cinema.

Tudo se ajustava com a maior facilidade. Conseguiu o apartamento pequeno, com um chuveiro, mas sem banheira. Parecia uma casa de boneca, com uma cortina de babados na única janela, reproduções de quadros famosos nas paredes. O apartamento ficava numa rua de casas geminadas de dois andares, por trás da Montana Avenue, e ele podia até estacionar o carro na viela. Estava com muita sorte.

Passou os quatorze dias seguintes circulando pela praia e calçadão de Venice, viajando até Malibu para verificar como viviam os ricos e famosos. Encostava-se na cerca de aço que isolava a colônia de Malibu da praia pública e espiava. Havia uma longa fileira de casas de praia, estendendo-se para o norte. Cada uma valia três 208

milhões de dólares ou mais, mas pareciam cabanas comuns. Não custariam mais que vinte mil dólares em Utah. Mas contavam com a areia, o oceano púrpura, o céu brilhante, as montanhas por trás, no outro lado da estrada da Costa do Pacífico. Algum dia ele sentaria na varanda de uma daquelas casas para contemplar o Pacífico.

À noite, em seu apartamento, ele se lançava em longos sonhos do que faria quando fosse rico e famoso.

Permanecia acordado pela madrugada, desenrolando suas fantasias. Foi um período solitário e estranhamente feliz.

Ligou para a família, a fim de fornecer seu novo endereço, e o pai deu-lhe o telefone de um produtor, num estúdio cinematográfico, um amigo de infância, chamado Dean Hocken. David esperou uma semana. Finalmente, ligou e conseguiu falar com a secretária de Hocken. Ela pediu-lhe que esperasse. Voltou à linha momentos depois, comunicou que o Sr. Hocken não estava. David sabia que era mentira, estava sendo descartado, sentiu raiva do pai por ser tão estúpido. Mas deu seu telefone à secretária quando ela pediu. Ainda se encontrava na cama, remoendo, furioso, quando o telefone tocou, uma hora depois. Era a secretária de Dean Hocken. Perguntou-lhe se podia comparecer ao escritório do Sr. Hocken na manhã seguinte, às onze horas. David respondeu que podia, ela informou que deixaria um passe no portão, a fim de que ele pudesse levar o carro para o estacionamento do estúdio.

Ao desligar, David ficou surpreso com a alegria que dominava. Um homem que ele nunca vira antes honrava uma amizade dos tempos de estudante. E depois David sentiu-se envergonhado de sua gratidão degradante. Claro que o homem era importante, seu tempo era valioso... mas onze horas da manhã? Isso significava que ele não seria convidado para almoçar. Seria uma daquelas entrevistas rápidas de cortesia, a fim de que o cara não se sentisse culpado. A fim de que seus parentes em Utah pudessem dizer que o sucesso não lhe subira à cabeça. Uma polidez mesquinha, basicamente sem valor.

Mas o dia seguinte foi diferente do que ele previra. O

escritório de Dean Hocken ficava num prédio baixo e comprido, dentro do estúdio, e era impressionante. Havia uma recepcionista numa sala de espera enorme, as paredes cobertas por cartazes de filmes antigos. Duas salas além continham duas secretárias, depois uma sala maior e mais espetacular. Era mobiliada com sofás e poltronas, havia tapetes no chão; nas paredes estavam pendurados quadros originais, havia um bar com uma geladeira grande. Num canto estava uma escrivaninha com tampo de couro. Na parede, por cima dessa escrivaninha via-se uma imensa fotografia de Dean Hocken, apertando a mão do Presidente Francis Xavier Kennedy. E havia ainda uma mesinha baixa, com revistas e originais encapados. A sala estava vazia. A secretária que o levava até ali informou:

— O Sr. Hocken virá encontrá-lo dentro de dez minutos. Deseja um drinque ou um café?

David foi polido em sua recusa. Percebeu que a jovem secretária lançava-lhe um olhar avaliador, por isso usou sua voz verdadeira, sem enfeites. Sabia que causara uma boa impressão. As mulheres sempre gostavam dele a princípio; só quando passavam a conhecê-lo melhor é que deixavam de gostar, pensou David. Mas talvez isso acontecesse porque não gostava delas quando as conhecia melhor.

Teve de esperar quinze minutos até que Dean Hocken entrou na sala, por uma porta nos fundos, quase invisível. Pela primeira vez em sua vida, David ficou realmente impressionado. Ali estava um homem que parecia de fato bem-sucedido e poderoso; irradiava confiança e cordialidade ao apertar a mão de David.

Dean Hocken era alto e David amaldiçoou ser tão baixo. Hocken tinha mais de um metro e noventa e parecia espantosamente jovem, embora devesse ter a mesma idade do pai de David, 55 anos. Usava roupas informais, mas a camisa branca era mais branca do que qualquer outra que David já vira. O paletó era de alguma espécie de linho e caía com perfeição no corpo. A calça era também de linho, absolutamente branca. O rosto de 210

Hocken parecia não ter qualquer ruga e ser pintado com tinta bronze pelo sol.

Hocken era tão gentil quanto juvenil.

Diplomaticamente, revelou uma saudade das montanhas de Utah, a vida mórmon, o silêncio e a paz da existência rural, as tranquilas cidades, com seus tabernáculos. E

também revelou que fora um pretendente à mão da mãe de David.

— Sua mãe foi minha namorada — disse Dean Hocken. — Seu pai roubou-a de mim. Mas foi melhor assim, aqueles dois se amavam de verdade, fizeram a felicidade um do outro.

E David pensou que era isso mesmo, era a pura verdade, sua mãe e seu pai se amavam de verdade, e com seu perfeito amor haviam-no excluído. Nas longas noites de inverno, procuravam o aconchego no leito conjugal, enquanto ele assistia à TV. Mas isso fora há muito tempo, Ele observava Dean Hocken falar e exibir todo o seu charme, percebeu a idade por trás daquela armadura externa preservada com tanto cuidado, a pele bronzeada por demais esticada para ser natural. O homem não tinha carne por baixo do queixo, nenhum sinal da papada que se pai desenvolvera. E David se perguntou por que o homem tratava-o com tanta gentileza.

— Tive quatro esposas desde que saí de Utah, mas teria sido muito mais feliz com sua mãe — comentou Hocken.

David procurou os sinais usuais de egoísmo, a sugestão de que sua mãe também seria mais feliz se tivesse casado com o vitorioso Dean Hocken. Mas não percebeu nenhuma. O homem ainda era um garoto do interior por baixo do verniz da Califórnia.

David escutou polidamente e riu das piadas. Tratou Dean Hocken de “senhor”, até que o homem lhe pediu, por favor, que o chamasse apenas de “Hock”, quando então passou a não chamá-lo por

qualquer coisa. Hocken falou durante uma hora, depois olhou para o relógio e disse abruptamente:

— Foi bom ver alguém lá da terra, mas acho que não veio aqui para conversar sobre o Utah. O que você quer?

211

— Sou escritor. As coisas de sempre, um romance que joguei fora, alguns roteiros de cinema. Ainda estou aprendendo.

Ele nunca escrevera um romance. Hocken balançou a cabeça em aprovação de sua modéstia.

— Tem de conquistar o seu lugar. Eis o que posso fazer por você neste momento: arrumar-lhe um lugar no departamento de leitura do estúdio. Lê roteiros, escreve um sumário e sua opinião. Apenas meia página para cada roteiro lido. Foi assim que comecei. Conhecerá pessoas e aprenderá o básico. É verdade que ninguém presta muita atenção aos relatórios, mas faça o melhor possível. É

apenas um ponto de partida. Providenciarei tudo e uma de minhas secretárias entrará em contato com você dentro de poucos dias. E muito em breve jantaremos juntos. Dê minhas lembranças à sua mãe e pai.

E depois Hock acompanhou David até a porta. Não iam almoçar, pensou David, e a promessa de um jantar se prolongaria por toda a eternidade. Mas pelo menos ele obteria um emprego, enfiaria um pé na porta, e tudo mudaria quando começasse a escrever seus roteiros.

A recusa da Vice-Presidente Helen Du Pray em assinar a declaração foi um tremendo golpe para o Deputado Jintz e o Senador Lambertino. Só uma mulher poderia ser tão teimosa, tão cega à necessidade política, tão obtusa a ponto de não aproveitar a oportunidade de se tornar Presidente dos Estados Unidos. Mas

teriam de resolver a questão sem ela. Repassaram as opções — era preciso encontrar a solução. Sal Troyca indicara o caminho certo; todas as medidas preliminares deviam ser eliminadas. O

próprio Congresso tinha de se designar como o corpo decisivo desde o início. Mas Lambertino e Jintz ainda tentavam encontrar uma maneira de fazer o Congresso parecer imparcial. E não perceberam que naquele momento Sal Troyca apaixonara-se por Elizabeth Stone.

“Jamais coma uma mulher com mais de trinta anos”, esse sempre fora o lema de Sal Troyca. Mas, pela primeira vez, ele estava pensando que poderia abrir uma 212

exceção para a assessora do Senador Lambertino. Ela era alta e esguia, com olhos cinza enormes e um rosto meigo em repouso. Era obviamente inteligente, mas sabia ficar de boca fechada. O que o deixou apaixonado, porém, foi o que aconteceu quando souberam que a Vice-Presidente Helen Du Pray recusava-se a assinar a declaração: ela ofereceu a Sal um sorriso que o reconhecia como profeta

— só ele propusera a solução correta.

Para Troyca, havia muitos bons motivos para a sua posição. Primeiro, as mulheres realmente não gostavam tanto de foder quanto os homens, corriam mais riscos, sob diferentes aspectos. Antes dos trinta anos, no entanto, tinham mais tesão e menos cérebro. Acima dos trinta anos, seus olhos começavam a se contrair, tornavam-se astutas demais, passavam a pensar que os homens levavam muita vantagem, ficavam com o melhor da natureza e da barganha social. E o homem nunca sabia se estava comendo um bom pedaço de carne ou assinando alguma espécie de nota promissória. Mas Elizabeth Stone parecia recatadamente tesuda, naquele jeito virginal que algumas mulheres exibem e, além disso, tinha mais poder do que ele. Sal não precisava se preocupar com a possibilidade de um

embuste. E não tinha importância que ela beirasse os quarenta anos.

Planejando a estratégia com o Deputado Jintz, o Senador Lambertino notou que Troyca estava interessado em sua assessora. O que não o incomodava. Pessoalmente, Lambertino era um dos homens mais virtuosos do Congresso. Era sexualmente limpo, com uma esposa há trinta anos e quatro filhos crescidos. Também era limpo em termos financeiros, com uma fortuna pessoal. E em termos políticos era tão limpo quanto qualquer político nos Estados Unidos podia ser, mas além disso defendia sinceramente os interesses do povo e do país. Era ambicioso, sem dúvida, mas isso era a própria essência da vida política. A virtude não o tornava indiferente às maquinações do mundo. A recusa da vice-presidente em assinar a declaração espantara o Deputado Jintz, mas o senador não se surpreendia com tanta facilidade. Sempre 213

achara que a vice-presidente era uma mulher esperta.

Lambertino desejava o melhor para ela, especialmente porque acreditava que nenhuma mulher tinha as ligações políticas sólidas ou o apoio financeiro para conquistar a presidência. Ela seria uma adversária bastante vulnerável numa disputa pela indicação partidária.

— Precisamos agir depressa — disse o Senador Lambertino. — O Congresso deve designar algum corpo ou a si mesmo para declarar o presidente incapacitado.

— O que acha de dez senadores e uma comissão de notáveis? — sugeriu Jintz, com um sorriso insinuante.

O Senador Lambertino respondeu com um arroubo de irritação:

— E o que acha de um comitê de cinquenta

deputados dizendo besteiras?

Jintz procurou apaziguá-lo:

— Tenho uma boa surpresa para você, senador.

Acho que posso persuadir alguém da assessoria pessoal a assinar a declaração para o impedimento.

Isso resolvia o problema, pensou Troyca. Mas quem poderia ser? Jamais Klee. Nem Dazzy. Só podia ser Oddblood Gray ou o assessor de segurança nacional, Wix, Não. Wix não, ele pensou, pois Wix estava em Sherhaben.

— Temos um dever muito difícil a cumprir hoje —

disse Lambertino, incisivo. — Um dever histórico. É

melhor começarmos logo.

Troyca ficou surpreso por Lambertino não perguntar o nome do membro da assessoria pessoal do presidente, mas depois compreendeu que o senador não queria saber.

— Tem a minha mão a respeito — declarou Jintz, estendendo-a para o aperto que era famoso como um compromisso inviolável.

Albert Jintz alcançara sua eminência como um grande presidente da Câmara por ser um homem que cumpria a palavra empenhada. Os jornais muitas vezes publicavam matérias a respeito. Um aperto de mão de Jintz era melhor do que qualquer documento legal. Embora parecesse uma caricatura de bancário alcoólatra que dava um desfalque, 214

baixo e gordo, nariz vermelho e a cabeça branca pendendo como uma árvore de Natal sob uma nevasca, era considerado o homem mais honrado do Congresso, em termos políticos. Quando prometia um naco do barril sem fundo do orçamento, nunca deixava de entregá-lo. Quando um colega queria que um projeto fosse

bloqueado, e Jintz tinha com ele uma dívida política, o projeto era bloqueado.

Quando um colega queria que um projeto pessoal fosse aprovado, oferecendo uma compensação, o acordo era fechado. Era verdade que, com frequência, ele vazava assuntos secretos para a imprensa, mas talvez fosse por isso que a imprensa publicava tantos artigos sobre o seu impecável aperto de mão.

E agora, naquela tarde, Jintz tinha de providenciar que a Câmara aprovasse o impedimento do Presidente Kennedy. Houve necessidade de centenas de telefonemas e dezenas de promessas para garantir a maioria de dois terços. Não que o Congresso não estivesse disposto a aprovar o impedimento, mas era preciso um preço. E tudo tinha de ser feito em menos de 24 horas.

Sal Troyca atravessou o conjunto de salas de seu deputado, o cérebro organizando todos os telefonemas que precisava dar, todos os documentos que devia preparar. Sabia que estava envolvido num grande momento da história, e também sabia que sua carreira podia ser destruída se ocorresse algum revés catastrófico.

Sentia-se espantado ao verificar que homens como Jintz e Lambertino, aos quais desprezara, podiam ser tão corajosos a ponto de se postarem na linha de frente da batalha. Era um passo muito perigoso o que eles se propunham dar. Sob uma interpretação duvidosa da Constituição, preparavam-se para converter o Congresso no corpo que poderia decidir o impedimento do Presidente dos Estados Unidos.

Ele passou pela claridade verde espectral de uma dúzia de computadores sendo operados pelo pessoal do gabinete do deputado. Graças a Deus pelos computadores, como será que conseguiam fazer as coisas antes?

Passando por uma operadora de computador, ele tocou em 215

seu ombro, num gesto de camaradagem que não poderia ser considerado como importunação sexual.

— Não marque nenhum compromisso... ficaremos aqui até de manhã.

The New York Times Magazine publicara recentemente uma reportagem sobre os costumes sexuais no Capitólio, onde estavam instalados o Senado, a Câmara e suas assessorias. A reportagem ressaltava que entre os 100 senadores e 435 deputados eleitos, e mais suas enormes assessorias, a população elevava-se a muitos milhares, mais da metade de mulheres.

Sugeria que havia muita atividade sexual entre aqueles cidadãos. Dizia que os assessores, por causa das longas horas e da tensão de trabalhar com prazos políticos fatais, quase não tinham vida social e por isso precisavam procurar um pouco de recreação no emprego. E ressaltava que os gabinetes dos deputados e senadores eram equipados com sofás. A reportagem informava que o governo tinha clínicas e médicos especiais para o tratamento discreto de infecções venéreas. As fichas médicas, como não podia deixar de ser, eram confidenciais, mas o repórter afirmava que dera uma olhada e podia garantir que a porcentagem de infecções era superior à média nacional. Atribuía isso não tanto à promiscuidade, mas sim ao ambiente social incestuoso. O

repórter especulava se toda essa fornicação não afetava a qualidade do trabalho no Capitólio, a que se referia como Viveiro de Coelhoos.

Sal Troyca encarara a reportagem em termos pessoais. Trabalhava em média dezesseis horas por dia, seis dias por semana, mantinha-se à disposição até no domingo. Não tinha direito a uma vida sexual normal, como qualquer outro cidadão? Não dispunha de tempo para ir a festas cortejar mulheres, empenhar-se num relacionamento. Tudo tinha de acontecer ali mesmo, nas incontáveis suítes e corredores, sob a luz esverdeada dos computadores e as

campainhas militares dos telefones. Era preciso se ajustar a uns poucos minutos de gracejos, um sorriso insinuante, a estratégia do trabalho. A porra do 216

repórter comparecia a todas as festas do editor, levava pessoas para longos almoços à vontade com colegas, podia sair com vigaristas sem que uma reportagem de jornal divulgasse os detalhes escusos.

Troyca entrou em sua sala, foi para o banheiro, deixou escapar um suspiro de alívio ao sentar no vaso, com a caneta na mão. Anotou todas as coisas que tinha de fazer. Lavou as mãos, fazendo malabarismos com o bloco e a caneta, que tinha o logotipo do Congresso gravado em dourado. Sentindo-se muito melhor (a tensão de promover o impedimento de um presidente deixara-o com o estômago embrulhado), foi até um carrinho com bebidas no canto, pegou gelo na pequena geladeira, serviu-se de um gim com tônica. Pensou em Elizabeth Stone. Tinha certeza de que não havia nada entre ela e o senador que era seu chefe. E a mulher era esperta, mais esperta do que ele, soubera se manter de boca fechada.

A porta da sala foi aberta e a moça cujo ombro ele afagara antes entrou. Trazia um punhado de impressos de computador e Sal sentou à sua mesa para examinar. Ela ficou parada ao seu lado. Ele podia sentir o calor do corpo da moça, um calor gerado pelas longas horas que ela passara ao computador naquele dia.

Troyca entrevistara-a quando ela se candidatara ao emprego. Ele costumava comentar que se as moças que trabalhavam no escritório mantivessem uma aparência tão boa quanto no dia da primeira entrevista, poderia lançar a todas em *Playboy*. E se continuassem tão recatadas e meigas, casaria com elas. O nome daquela moça era Janet Wyngale, e era mesmo bonita. No primeiro dia em que a vira, uma frase de Dante aflorara à mente de Troyca: "Eis a deusa vai me subjugar." Mas ela fora linda naquele primeiro dia. E nunca mais tornara a ser tão bela. Seus cabelos ainda eram louros, mas não dourados; os olhos ainda tinham um azul espantoso, mas usava

óculos e era um pouco feia sem a maquiagem impecável do primeiro dia. E os lábios também não eram vermelhos como cereja.

O corpo não era tão sensual quanto no primeiro dia, o que era natural, já que trabalhava muito e agora se vestia de 217

uma maneira confortável, a fim de aumentar sua eficiência. Em tudo e por tudo, pensou Troyca, ele tomara uma boa decisão; Janet ainda não era vesga.

Janet Wyngale, um nome espetacular. Ela se inclinava sobre o ombro de Sal, para apontar coisas nas folhas de computador. Ele estava consciente de que a moça mudara a posição dos pés, encontrava-se agora mais ao seu lado do que por trás. Os cabelos louros roçaram em seu rosto, sedosos, macios, recendendo a flores.

— Seu perfume é maravilhoso — murmurou Sal Troyca.

Ele estava quase tremendo quando o calor daquele corpo o envolveu. Janet não se mexeu, não disse nada.

Mas seus cabelos eram como um contador Geiger sobre o rosto dele, captando o desejo que se irradiava do corpo.

Era um desejo cordial, dois companheiros retidos juntos num engarramento. Teriam de repassar as listas de computador durante a noite inteira, atender aos telefonemas, convocar reuniões de emergência. Lutariam lado a lado.

Segurando os impressos de computador com a mão esquerda, Troyca estendeu a mão direita para a parte posterior da coxa de Janet, por baixo da saia. Deixou a mão ali, absolutamente imóvel, deixou-a arder na pele macia, que eletrificava seu saco. Não percebeu que as folhas de computador tinham caído na mesa. Os cabelos recendendo a flores cobriram o rosto de Sal, que virou-se e enfiou a outra mão também por baixo da saia, deslizando-as pela superfície acetinada, sob a calcinha de náilon. Sentiu os pêlos

públicos, a doce e angustiante umidade da carne. Troyca levantou de sua cadeira, teve a impressão de que ficou imóvel em pleno ar, o corpo formando um ninho sobrenatural acolhedor, em que Janet Wyngale se aninhou, com um esvoaçar de asas, sentando em seu colo. Milagrosamente ela se acomodara bem em cima do pau, que misteriosamente emergira, estavam de frente um para o outro, beijando-se; ele se afogava na fragrância de flores, gemendo de paixão, Janet Wyngale repetia sem parar o mesmo murmúrio ardente, até que 218

Troyca entendeu.

— Tranque a porta — sussurrava ela.

Troyca libertou sua mão molhada e acionou o botão eletrônico que os isolava naquele breve e perfeito momento de êxtase. Os dois despencaram para o chão, num mergulho gracioso, as pernas compridas de Janet envolveram-no pelo pescoço, ele podia contemplar aquelas coxas leitosas, alcançaram o orgasmo juntos, Troyca murmurando, extasiado:

— Ah, céus, céus...

E depois, como se fosse um milagre, os dois estavam de pé, as faces coradas, os olhos faiscando de satisfação, renovados, exultantes, preparados para enfrentar as longas e extenuantes horas de trabalho juntos. Galante, Troyca estendeu o gim com tônica, retinindo os cubos de gelo num som alegre. Graciosa e agradecida, ela umedeceu a boca ressequida. Sincero e grato, Troyca murmurou:

— Foi maravilhoso.

Afetuosamente, ela acariciou seu pescoço, beijou-o.

— Foi lindo...

Momentos depois, os dois estavam de volta à mesa, estudando as listas de computador, compenetrados, concentrando-se na linguagem e dados. Janet era uma editora extraordinária. Sal sentiu uma enorme gratidão, e murmurou com uma cortesia genuína:

— Janet, estou louco por você. Assim que terminar esta crise, vamos sair juntos, combinado?

— Hum, hum... — Ela ofereceu-lhe um sorriso afetuoso. Um sorriso cordial. — Adoro trabalhar com você

219

CAPÍTULO

12

A TELEVISÃO NUNCA TIVERA uma semana tão gloriosa.

No domingo, a cena do assassinato do Papa foi repetida dezenas de vezes nas redes, nos canais a cabo, em reportagens especiais. Na terça-feira, o assassinato de Theresa Kennedy foi repetido com uma insistência ainda maior, flutuando interminavelmente pelas ondas aéreas do universo.

O rosto de Yabril, como o de um falcão no deserto, pairando sobre os reféns, entrou em todas as casas dos Estados Unidos. Ele tornou-se o monstro mítico nos jornais da noite, como um pesadelo recorrente para atormentar o sono dos americanos. Mensagens de condolências de milhões de pessoas inundaram a Casa Branca. Em todas as grandes cidades, os cidadãos americanos saíram às ruas com braçadeiras pretas. E

assim, quando as emissoras de televisão chegaram a um clímax com a notícia vazada do ultimato do presidente Francis Kennedy ao sultão de Sherhaben, enormes multidões reuniram-se em todos os Estados Unidos, num incontrolável frenesi de júbilo. Não podia haver a menor dúvida de que apoiavam a decisão do presidente. Os 220

repórteres de TV que entrevistaram cidadãos nas ruas ficaram impressionados com a violência dos comentários.

O clamor geral era “Vamos jogar uma bomba atômica nos filhos da puta”. Finalmente, partiram ordens da direção das redes de TV para suspender a cobertura das manifestações de rua e interromper as entrevistas. As ordens partiram de Lawrence Salentine, que formara um conselho com os outros proprietários de veículos de comunicação.

Na Casa Branca, o Presidente Francis Kennedy não tinha tempo para lamentar a filha. Usava a linha vermelha para falar com outros chefes de estado, assegurando que não haveria conquistas territoriais no Oriente Médio, solicitando cooperação, e asseverando que sua posição era irrevogável: que o Presidente dos Estados Unidos não estava blefando, a cidade de Dak seria destruída, assim como o sultanato de Sherhaben, se o ultimato não fosse obedecido.

Arthur Wix e Bert Audick, em companhia do Embaixador Waleeb, já se encontravam a caminho de Sherhaben, num veloz jato de passageiros, que a indústria aeronáutica ainda não pusera à disposição da aviação civil. Oddblood Gray tentava freneticamente obter o apoio do Congresso ao presidente, mas ao final do dia compreendeu que fracassara. Eugene Dazzy despachava calmamente todos os memorandos dos membros do gabinete e dos comandantes das forças armadas, o *walkman* ajustado nos ouvidos para desencorajar qualquer conversa desnecessária de seus assistentes. Christian Klee aparecia e desaparecia a todo instante, em misteriosas missões.

O Senador Thomas Lambertino e o Deputado Alfred Jintz promoveram constantes reuniões ao longo da quarta-feira, com colegas na Câmara e Senado, empenhados na ação para o impedimento do presidente. O Clube Sócrates lançou mão de todos os seus recursos. Não se podia deixar de admitir que a interpretação da Constituição era um tanto duvidosa, ao se afirmar que o Congresso podia se designar como o corpo decisivo, mas a situação justificava uma ação drástica — afinal, o ultimato de 221

Kennedy a Sherhaben baseava-se obviamente em emoções pessoais, não em razões de estado.

Ao final da quarta-feira, a coalizão estava pronta. As duas casas do Congresso, com dois terços dos votos assegurados, se reuniriam na noite de quinta-feira, poucas horas antes do término do prazo fatal de Kennedy para despir a cidade de Dak.

Lambertino e Jintz mantinham Oddblood Gray plenamente informado, na esperança de que ele pudesse persuadir Francis Kennedy a revogar seu ultimato a Sherhaben. Oddblood Gray comunicou-lhes que o presidente não faria isso. E depois transmitiu as informações a Francis Kennedy, que lhe disse:

— Otto, acho que você, Chris e Dazzy devem jantar comigo esta noite. Por volta das onze horas. E não planeje voltar para casa logo em seguida.

O presidente e seus assessores jantaram na Sala Amarela, que era a predileta de Kennedy, embora acarretasse muito trabalho extra para a cozinha e os garçons. Como sempre, a refeição foi bastante simples para Kennedy, um pequeno bife grelhado, fatias finas de tomate, encerrando com café e uma variedade de tortas de frutas e creme. Christian e os outros tiveram a opção de peixe. Nenhum deles comeu muito.

Kennedy parecia inteiramente à vontade, os outros se mostravam contrafeitos. Todos usavam braçadeiras pretas, assim como Kennedy. Todos na Casa Branca, inclusive os criados, usavam braçadeiras similares, que pareciam arcaicas para Christian. Ele sabia que Eugene Dazzy assinara uma circular com essa determinação.

— Christian — disse Kennedy —, acho que está na hora de partilharmos nosso problema. Mas não pode sair desta sala. Sem memorandos.

— A situação é grave.

Christian relatou o que acontecera, a ameaça de bomba atômica. Informou que os dois jovens, a conselho de seu advogado, recusavam-se a falar. Oddblood Gray disse, incrédulo:

— Há um artefato nuclear plantado na cidade de 222

Nova York? Não posso acreditar. Toda essa merda não pode estar acontecendo ao mesmo tempo.

— Tem certeza de que eles plantaram mesmo um artefato nuclear?
— indagou Dazzy.

— Acho que há uma possibilidade de apenas dez por cento —
respondeu Christian.

Em sua opinião, a possibilidade era superior a noventa por cento, mas não diria isso aos outros.

— O que pretende fazer? — perguntou Dazzy.

— Temos equipes de busca nuclear procurando por toda parte. Mas há o problema de tempo. — Christian virou-se para Kennedy. — Ainda preciso de sua assinatura para acionar a equipe de interrogatório médico no teste de PVT.

Ele explicou o Artigo IX da Lei de Controle de Armas Atômicas.

— Não — respondeu Francis Kennedy.

Todos ficaram atônitos com a recusa do presidente.

— Não podemos correr o risco — insistiu Dazzy. —

Assine a ordem.

Kennedy sorriu e explicou:

— A invasão do cérebro de um indivíduo por autoridades do governo é uma ação perigosa. — Ele fez uma pausa. — Não podemos sacrificar os direitos individuais de um cidadão só por causa de suspeitas.

Ainda mais quando se trata de cidadãos valiosos como esses dois rapazes. Quando tiver mais provas, Chris, torne a me pedir.

Virando-se agora para Oddblood Gray, o presidente determinou:

— Otto, informe Christian e Dazzy sobre a situação no Congresso.

— O plano deles é simples — disse Gray. — Sabem agora que a vice-presidente não assinará a declaração para o impedimento, nos termos da 25ª Emenda. Mas houve assinaturas de uma quantidade suficiente de membros do Gabinete para que eles possam entrar em ação. Vão designar o Congresso como o outro corpo para determinar sua capacidade. O Congresso se reunirá no final da 223

quinta-feira e depois votará o impedimento. Apenas para afastá-lo das negociações pela libertação dos reféns. O

argumento é o de que você se encontra sob enorme tensão por causa da morte de sua filha. Depois que for afastado, o secretário de defesa revogará a ordem para o bombardeio de Dak. Esta contando com Bert Audick para convencer o sultão a libertar os reféns, durante esse período de trinta dias. O sultão, é quase certo, vai concordar.

Kennedy virou-se para Dazzy.

— Quero que emita uma diretiva. Nenhum membro deste governo fará contato com Sherhaben. Fazer isso será considerado traição.

— Com a maioria do Gabinete contra você, não há possibilidade de suas ordens serem cumpridas —

comentou Dazzy, suavemente. — Neste momento, você não tem qualquer poder.

Kennedy virou-se para Christian Klee.

— Chris, eles precisam de uma maioria de dois terços para me afastar do cargo, não é mesmo?

— É, sim — confirmou Christian. — Mas sem a assinatura da vice-presidente, é basicamente ilegal.

Kennedy fitou-o nos olhos.

— Não há qualquer coisa que você possa fazer?

Nesse momento, a mente de Christian Klee deu outro salto. Francis achava que ele podia fazer alguma coisa, mas o que era? Christian disse, especulativo:

— Podemos recorrer ao Supremo Tribunal e alegar que o Congresso está agindo contra a Constituição. A linguagem da 25ª Emenda é vaga. Ou podemos argumentar que o Congresso está agindo de forma contrária ao espírito da emenda, assumindo o papel de parte instigadora, depois que a vice-presidente recusou-se a assinar. Posso entrar em contato com o Supremo, a fim de que eles decidam logo depois da votação do Congresso.

Ele percebeu a expressão de desapontamento nos olhos de Kennedy e vasculhou o cérebro furiosamente.

Alguma coisa lhe escapava.

224

— O Congresso vai atacar sua capacidade mental —

Oddblood Gray, preocupado, — Estão sempre lembrando a semana em que desapareceu. Pouco antes da posse.

— Isso não é da conta de ninguém — declarou Kennedy.

Christian compreendeu que os outros esperavam que ele falasse. Sabiam que ele estivera com o presidente naquela semana misteriosa.

— O que aconteceu naquela semana não vai nos prejudicar — garantiu ele.

Francis Kennedy disse:

— Euge, prepare os documentos para dispensar todo o Gabinete, à exceção de Theodore Tappey. Prepare-os o mais depressa possível e assinarei imediatamente. Mande o secretário de imprensa distribuir as cópias antes da reunião do Congresso.

Eugene Dazzy escreveu algumas anotações, e depois perguntou:

— O que me diz do comandante do estado-maior das forças armadas? Vai dispensá-lo também?

— Não. Basicamente, ele está conosco, os outros decidiram contra a sua vontade. E o Congresso nada conseguiria se não fosse por aqueles miseráveis do Clube Sócrates.

Christian abordou outro assunto:

— Venho supervisionando o interrogatório daqueles dois garotos. Eles optaram por ficar em silêncio. E se o advogado conseguir o que quer, serão libertados sob fiança amanhã.

Dazzy interveio, em tom brusco:

— Há um artigo na Lei de Segurança Atômica que permite que eles continuem detidos. Suspende o direito de *habeas corpus*, as liberdades civis. Deve saber disso, Christian.

— Em primeiro lugar — disse Christian —, de que adianta detê-los se Francis se recusa a assinar a ordem de interrogatório médico? O advogado deles pede a fixação da fiança, e se recusarmos ainda precisamos da assinatura do presidente para suspender o *habeas corpus* neste caso.

Francis, está disposto a assinar uma ordem para a suspensão do *habeas corpus*?

Kennedy sorriu.

— Não. O Congresso usará isso contra mim.

Christian sentia-se confiante agora. Ainda assim, por um momento, foi dominado por uma pequena náusea, a bÍlis subiu à boca. Logo passou, ele entendeu o que Kennedy queria, sabia o que tinha de fazer.

Kennedy tomou um gole do café; haviam terminado a refeição, mas nenhum deles comera mais que uns poucos bocados.

— Vamos discutir a verdadeira crise — disse Kennedy. Ainda serei presidente dentro de 48 horas?

— Revogue a ordem para bombardear Dak, entregue as negociações a uma equipe especial, e nenhuma ação será adotada pelo Congresso — assegurou Oddblood Gray.

— Quem lhe ofereceu esse acordo? — indagou Kennedy.

— O Senador Lambertino e o Deputado Jintz —

informou Otto Gray. — Lambertino é de fato um bom sujeito e Jintz é responsável numa questão política assim.

Eles não nos trairiam.

— Muito bem, essa é outra opção — disse Kennedy.

— Isso e recorrer ao Supremo Tribunal. O que mais?

— Apareça na TV amanhã, antes da reunião do Congresso, e faça um apelo à nação — sugeriu Dazzy. —

O povo ficará do seu lado, o que levará o Congresso a pensar duas vezes.

— Está certo — concordou Kennedy. — Euge, acerte tudo com o pessoal da TV. Quero falar em todas as redes. E só precisamos de quinze minutos.

— Francis, é um passo muito grande o que estamos dando — disse Dazzy. — O presidente e o Congresso numa confrontação direta, e você pedindo às massas para entrarem em ação. As conseqüências podem ser terríveis.

— O tal de Yabril vai nos cozinhar por semanas e fazer com que este país pareça um monte de merda —

disse Gray.

Christian disse:

226

— Há um rumor de que um membro da assessoria pessoal nesta sala ou Arthur Wix vai assinar a declaração para afastar o presidente. Quem quer que seja, deve falar agora.

— Esse rumor é absurdo — declarou Kennedy, impaciente. — Se um de vocês pretendesse fazer isso, teria renunciado antes. Conheço a todos muito bem...

nenhum de vocês me trairia.

Depois do jantar, foram todos da Sala Amarela para o pequeno cinema, no outro lado da Casa Branca.

Kennedy dissera a Dazzy que queria que todos vissem a cena do assassinato de sua filha. No escuro, a voz nervosa de Eugene Dazzy anunciou:

— A cobertura da TV começa agora.

Por alguns segundos, a tela de cinema ficou riscada por linhas pretas, que pareciam se deslocar de cima para baixo.

Depois a tela foi iluminada por cortes brilhantes, as câmeras de TV focalizando o enorme avião, parado no meio das areias do deserto. Em seguida, as câmeras fizeram um *zoom* na figura de Yabril, apresentando Theresa Kennedy na porta. Kennedy observou mais uma vez como a filha sorria e acenava para a câmera. Era um aceno estranho, um aceno de segurança, mas também de submissão. Yabril se encontrava a seu lado, depois ficou um pouco atrás. E em seguida houve o movimento do braço direito, a arma não visível, o estampido do tiro, a espectral névoa rosa se projetando, o corpo de Theresa Kennedy caindo. Kennedy ouviu o gemido da multidão, reconheceu que era de pesar, não de triunfo. O vulto de Yabril tornou a aparecer na porta. Levantou a arma, um tubo de metal preto brilhando. Empunhava-a como um gladiador empunha uma espada, mas não houve aclamações. O filme terminou. Eugene Dazzy editara-o com todo cuidado.

As luzes se acenderam, mas Kennedy permaneceu imóvel. Sentia um enfraquecimento familiar do corpo. Não podia mexer as pernas, nem o tronco. Mas a mente mantinha-se lúcida, não havia choque nem distúrbio em seu 227

cérebro. Não sentia a impotência da vítima da tragédia. Não teria de lutar contra o destino ou Deus. Tinha de lutar apenas contra seus inimigos neste mundo e haveria de vencê-los.

Não permitiria que o homem mortal o derrotasse.

Quando a esposa morrera, não tivera recurso contra a mão de Deus, as falhas da natureza. Curvara todo o seu ser em aceitação. Mas a morte da filha causada pelo homem, engendrada por maldade — *essa* ele podia punir, aplicar uma reparação. Desta vez não curvaria a cabeça. Ai do mundo, ai de seus inimigos, ai dos iníquos deste mundo.

Quando finalmente pôde levantar o corpo da cadeira.

Kennedy sorriu tranqüilizador para os homens ao redor.

Realizara seu propósito. Fizera com que seus amigos mais íntimos e mais poderosos sofressem com ele. Agora não se oporiam tão facilmente às ações que ele deveria executar.

Kennedy se retirou e sua assessoria pessoal continuou sentada, em silêncio. Quase parecia que o ar do poder, queimado pelo mau uso, espalhara um cheiro de enxofre pela sala. O terror que se projetara do deserto de Sherhaben invadira aquela sala, de uma forma ainda mais assustadora.

O que ficou por dizer era o fato de que agora talvez estivessem mais preocupados com Francis Kennedy do que com Yabril. Oddblood Gray acabou rompendo o silêncio:

— Acham que o presidente enlouqueceu um pouco?

Eugene Dazzy balançou a cabeça.

— Não importa. Talvez estejamos todos um pouco enlouquecidos. Mas temos de apoiá-lo agora. Precisamos vencer.

O Dr. Zed Annaccone era um desses homens magros e baixos, mas com um peito enorme. Parecia

extraordinariamente alerta, e o que dava a impressão de arrogância em sua expressão facial era na verdade apenas a confiança de um

homem convencido de que sabia mais sobre as coisas importantes deste mundo do que qualquer outro. O que era verdade.

O Dr. Annaccone era o assessor de ciência médica do Presidente dos Estados Unidos. Era também o diretor do 228

Instituto Nacional de Pesquisa do Cérebro e ainda o chefe de administração da Junta de Assessoria Médica da Comissão de Segurança Atômica. Uma ocasião, num jantar na Casa Branca, Klee ouvira-o dizer que o cérebro era um órgão tão sofisticado que podia produzir quaisquer substâncias químicas de que o corpo precisasse. E Klee pensara: E daí? Lendo o seu pensamento, o Dr.

Annaccone batera de leve em seu ombro e comentara:

— Esse fato é mais importante para a civilização do que qualquer coisa que vocês podem fazer aqui, na Casa Branca. E só precisamos de um bilhão de dólares para provar. E o que o que isso representa, no final das contas?

Um porta-aviões?

E depois ele sorrira para Klee, a fim de mostrar que não tivera a menor intenção de ofendê-lo.

E agora ele sorriu também quando Klee entrou em sua sala.

— Então, até os advogados acabam me procurando

— comentou o Dr. Annaccone. — Sabia que as nossas filosofias são diametralmente opostas?

Klee sabia que o Dr. Annaccone estava prestes a fazer uma piada sobre a advocacia, o que o deixou um pouco irritado. Por que as pessoas sempre faziam comentários irônicos sobre os advogados?

— É verdade — continuou o Dr. Annaccone. — Os advogados sempre procuram obscurecer os fatos, enquanto os cientistas tentam esclarecê-los.

Ele tornou a sorrir.

— Não é o caso agora. — Klee sorriu, para mostrar que também tinha senso de humor. — Estou aqui em busca de informações. Temos uma situação para aquele estudo PET

especial, de acordo com a Lei de Controle de Armas Atômicas.

— Sabe que precisa da assinatura do presidente para isso. Pessoalmente, aplicaria o procedimento em muitas outras situações, mas os libertários civis cairiam de porrada em cima de mim.

— Sei disso. — Klee explicou a situação da bomba atômica e a captura de Gresse e Tibbot, acrescentando: —

229

Ninguém acha que existe uma bomba de fato, mas se houver, o fator tempo é de importância crucial. E o presidente se recusa a assinar a ordem.

— Por quê?

— Por causa do possível dano cerebral que poderia ocorrer durante o procedimento.

Isso pareceu surpreender Annaccone. Ele pensou por um momento, antes de dizer: .

— A possibilidade de dano cerebral significativo é mínima. Talvez dez por cento. O maior perigo é a incidência rara de parada cardíaca, e o efeito colateral ainda mais raro de perda completa e total da memória.

Mas nem mesmo isso deveria dissuadi-lo neste caso.

Enviei estudos a respeito ao presidente. Espero que ele os tenha lido.

— Ele lê tudo — assegurou Christian. — Mas acho que não o fará mudar de idéia.

— É uma pena que não disponhamos de mais tempo.

Estamos concluindo testes que resultarão num detector de mentiras infalível, baseado na medição por computador das mudanças químicas no cérebro. O novo teste é muito parecido com o PET, mas sem os dez por cento de risco de dano. Será absolutamente seguro. Mas não podemos usá-lo agora; haveria muitos elementos de dúvida, até que sejam compilados dados adicionais para satisfazer as exigências legais.

Christian sentiu uma pontada de excitação.

— Um detector de mentiras seguro e infalível, cujas descobertas seriam aceitas no tribunal?

— Não sei sobre a aceitação no tribunal, mas em termos científicos, depois que nossos testes forem meticulosamente analisados e compilados pelos computadores, o novo sistema de detector de mentiras cerebral será tão infalível quanto o DNA e as impressões digitais. Isso é uma coisa. Mas a aceitação legal é outra. Os grupos de liberdades civis vão combatê-lo até a morte. Estão convencidos de que um homem não deve ser usado para testemunhar contra si mesmo. E

como as pessoas no Congresso encarariam a idéia de serem obrigadas a se submeter a um teste assim pelas leis penais?

— Eu não gostaria de me submeter — comentou Klee.

Annaccone soltou uma risada:

— O Congresso assinaria a sua própria sentença de morte política. E, no entanto, onde está a verdadeira lógica? Nossas leis foram feitas para impedir confissões obtidas por meios escusos. Só que isto é ciência. — Ele fez uma pausa. — E o que me diz de líderes empresariais ou mesmo maridos e esposas infiéis?

— Acho um pouco assustador — admitiu Klee.

— E aqueles antigos ditados, como “A verdade o libertará”? Ou “A verdade é a própria essência da vida”.

A luta do homem para descobrir a verdade não é o seu maior ideal?

— O Dr. Annaccone riu. — Depois que nossos testes forem confirmados, aposto que o orçamento do meu instituto será cortado.

— Essa é a minha área de competência.

Providenciamos a lei. Determinamos que o teste só pode ser usado nos casos criminais mais importantes.

Restringimos o uso ao governo. Instituímos um controle rigoroso, como acontece com as substâncias narcóticas e a fabricação de armas. Ou seja se puder comprovar o teste cientificamente, eu posso providenciar a legislação. Mas como funciona?

— O novo PET? É muito simples. Não há nenhuma invasão física. Nada de cirurgião com um bisturi na mão Nada de cicatrizes óbvias. Apenas uma pequena injeção de substâncias químicas no cérebro, através dos vasos sanguíneos. A auto-sabotagem química, com psicofarmacêuticos.

— É como vodu para mim — comentou Christian.

— Você deveria estar na cadeia com aqueles dois físicos.

O Dr. Annaccone riu.

— Não há a menor ligação. Aqueles dois trabalham para explodir o mundo, enquanto eu trabalho para descobrir as verdades interiores... como o homem realmente pensa, o que realmente sente.

Mas até o Dr. Annaccone sabia que um teste de detector de mentiras cerebral acarretava problemas jurídicos.

231

— Esta talvez seja a mais importante descoberta na história médica de nosso tempo — disse ele. — Imagine se pudéssemos ler o próprio cérebro, Todos vocês, advogados, ficariam desempregados.

— Acha possível saber como o cérebro funciona de fato?

O Dr, Annaccone deu de ombros.

— Não. Se o cérebro fosse tão simples assim, seríamos simples demais para esclarecer como funciona. — Ele ofereceu outro sorriso a Christian. — Ardil 22. Nosso cérebro nunca vai alcançar a complexidade do cérebro. Por causa disso, não importa o que aconteça, a humanidade nunca poderá ser mais do que uma forma superior de animal.

Ele parecia exultante por esse fato. Tornou-se absorto por um momento, depois acrescentou:

— Sabe que existe “um fantasma na máquina”, para usar a expressão de Koestler. O homem tem dois cérebros na verdade, o cérebro primitivo e o cérebro civilizado superposto. Nunca notou que há uma certa maldade inexplicável nos seres humanos... uma maldade inútil?

— Procure o presidente para falar sobre o PET —

pediu Christian. — Tente persuadi-lo.

— Está certo. Acho que ele assumiu uma posição muito tímida. O procedimento não vai prejudicar os garotos nem um pouco.

O rumor de que um membro da assessoria pessoal da Casa Branca assinaria a petição para afastar Kennedy da presidência acionara sinais de alarme na cabeça de Christian Klee.

Eugene Dazzy sentava à sua mesa, cercado por três secretárias, tomando anotações para ações que deveriam ser realizadas por seus assistentes. Ele usava o *walkman* nos ouvidos, mas o som estava desligado. E seu rosto geralmente jovial tinha agora uma expressão sombria.

Levantou os olhos para o visitante não convidado e disse:

— Chris, este é o pior momento possível para você bisbilhotar.

232

— Não enche, Eugene. Acho muito estranho que ninguém se mostre curioso em relação ao suposto traidor na assessoria pessoal. Isso significa que todo mundo sabe, menos eu. E sou quem deveria saber.

Dazzy dispensou as secretárias. Ficaram sozinhos na sala. Dazzy sorriu para Christian.

— Nunca me ocorreu que você não sabia. Afinal, vigia tudo, com o FBI e o Serviço Secreto, suas informações furtivas e aparelhos de escuta. E aqueles milhares de agentes que o Congresso nem sabe que mantém na folha de pagamento. Como pode ser tão ignorante?

Christian disse friamente:

— Sei que você anda comendo uma bailarina duas vezes por semana, num daqueles apartamentos que pertencem ao restaurante de Jeralyn.

Dazzy suspirou.

— É justamente isso. O tal lobista que empresta o apartamento veio me procurar. Pediu-me para assinar o documento de remoção do presidente. Não foi grosseiro, não houve ameaças diretas, , mas a implicação era evidente. Assine ou seus pecadilhos serão divulgados pelos jornais e televisão. — Dazzy soltou uma risada. —

Nem pude acreditar. Como eles conseguem ser tão estúpidos?

— E qual foi a sua resposta?

Dazzy sorriu.

— Risquei o nome dele da minha lista de “amigos”.

Proibi seu acesso. E disse-lhe que indicaria seu nome ao meu velho companheiro Christian Klee como uma ameaça à segurança do presidente. E depois contei a Francis. Ele me disse para esquecer o assunto.

— Quem mandou o cara?

— O único que se atreveria a fazer isso é um membro do Clube Sócrates. E só podia ser nosso velho amigo Martin “Em Particular” Mutford.

— Ele é esperto demais para uma tentativa assim.

— Claro que é. Todos são espertos até o dia em que ficam desesperados. Quando a vice-presidente se recusou 233

a assinar o memorando de impedimento, eles ficaram desesperados. Além do mais, nunca se sabe quando alguém vai ceder.

Christian ainda não aceitava a situação.

— Mas eles o conhecem. Sabem que é um camarada duro, por baixo de toda essa aparência débil. Já o vi em ação. Dirigiu uma das maiores companhias dos Estados Unidos, deu um tremendo golpe na IBM há cinco anos.

Como podiam pensar que você cederia?

Dazzy deu de ombros.

— Todo mundo sempre pensa que é mais duro do que os outros. — Ele fez uma pausa. — Até você pensa assim, embora não apregoe. Eu também penso. E o mesmo acontece com Wix e Gray. Francis não pensa desse modo. Não pode. E precisamos tomar cuidado com Francis. Precisamos evitar que ele se torne duro demais.

Christian Klee fez uma visita a Jeralyn Albanese, que possuía o mais famoso restaurante de Washington, D.C.

naturalmente chamado Jera's. Tinha três enormes salões, separados por um suntuoso bar. Os republicanos se concentravam num dos salões, os democratas em outro, os membros do poder executivo e altos funcionários da Casa Branca comiam no terceiro. A única coisa em que todos concordavam era que a comida era magnífica, o serviço, impecável, e a anfitriã, uma das mulheres mais encantadoras do mundo.

Vinte anos antes, Jeralyn, então uma mulher de trinta anos fora contratada por um lobista dos bancos. Ele a apresentara a Martin Mutford, que ainda não ganhara o apelido "Em Particular", mas já se encontrava em ascensão. Martin Mutford ficara encantado com o espírito, ousadia e senso de aventura de Jeralyn. Durante cinco anos mantiveram uma ligação, que não interferira com suas vidas públicas. Jeralyn Albanese prosseguira em sua carreira como lobista, uma carreira muito mais complexa e refinada do que a maioria das

peças pensava, exigindo muita capacidade de pesquisa e gênio administrativo. Por mais estranho que pudesse parecer, um 234

dos seus trunfos mais valiosos era o de ter sido campeã de tênis na universidade.

Como assistente do principal lobista de bancos, ela passava grande parte da semana acumulando dados financeiros para persuadir os peritos nos comitês financeiros do Congresso a aprovarem uma legislação favorável. Era também anfitriã em jantares para deputados e senadores. E se espantava com o tesão daqueles serenos legisladores. Em particular, eram como garimpeiros de ouro desenfreados, bebiam demais, cantavam com o maior entusiasmo, passavam a mão em sua bunda, no velho espírito popular americano. Jeralyn sentia-se espantada e deliciada com a sensualidade daqueles homens. E com a maior naturalidade fora para as Bahamas e Las Vegas com os mais jovens e atraentes congressistas, sempre sob a cobertura de conferências, uma ocasião fora até Londres, para uma convenção de economistas do mundo inteiro. Não para influenciar o voto num projeto, não para prometer uma fraude, mas se o voto num projeto era indefinido, quando uma mulher bonita como Jeralyn Albanese apresentava as volumosas avaliações habituais, escritas por eminentes economistas, havia uma boa possibilidade de se conquistar o voto hesitante. Martin Mutford comentara um dia:

— Em última análise, é muito difícil votar contra um mulher que chupou seu pau na noite anterior.

Mutford é que ensinara Jeralyn a apreciar as melhores coisas da vida. Ele a levava a museus em Nova York; a Hamptons para conhecer os ricos e os artistas, o dinheiro antigo e o dinheiro novo, os jornalistas famosos e os âncoras de TV, os escritores que faziam os romances sérios e os roteiros importantes para os grandes filmes.

Mais um rosto bonito não era grande vantagem ali, mas ser uma boa tenista lhe proporcionava um trunfo.

Mais homens haviam se apaixonado por Jeralyn por causa de sua competência no tênis do que por sua beleza.

E era um esporte que os homens que eram meros oportunistas, como em geral acontecia com os políticos e artistas, adoravam jogar com mulheres bonitas. Em duplas 235

mistas, Jeralyn podia estabelecer um relacionamento esportivo com os parceiros, exibindo suas lindas pernas na luta comum pela vitória.

Mas chegara o momento em que Jeralyn começara a pensar em seu futuro. Aos quarenta anos de idade, não era casada, e os congressistas que teria de persuadir já estavam na casa dos sessenta ou setenta anos, nada tinham de atraentes.

Martin Mutford estava ansioso em promovê-la aos altos círculos financeiros, mas depois do entusiasmo de Washington, a atividade bancária parecia insípida. Os legisladores americanos eram fascinantes em sua hipocrisia afrontosa nos assuntos públicos, em sua encantadora inocência nas relações sexuais. E fora Mutford quem encontrara a solução. Ele também não queria que Jeralyn se perdesse num labirinto de relatórios de computador. Em Washington, o apartamento de Jeralyn, muito bem decorado, era um refúgio para suas pesadas responsabilidades. Mutford sugerira a idéia de que ela podia possuir e dirigir um restaurante, que seria um centro de atividade política.

Os recursos foram fornecidos pelo American Sterling Trustess, um grupo lobista que representava os interesses dos bancos, sob a forma de um empréstimo de cinco milhões de dólares. Jeralyn mandara construir o restaurante de acordo com suas especificações. Seria um clube exclusivo, um segundo lar para os políticos de Washington. Muitos congressistas permaneciam separados de suas famílias durante as sessões do Congresso, e o restaurante Jera's era

um lugar em que podiam passar suas noites solitárias. Além dos três salões e do bar, havia uma sala com TV e uma sala de leitura com exemplares de todas as grandes revistas publicadas nos Estados Unidos e Inglaterra. Havia outra sala para se jogar xadrez, damas ou cartas. Mas a maior atração era a área residencial por cima do restaurante. Tinha três andares, com vinte apartamentos, alugados pelos lobistas, que os emprestavam a congressistas e burocratas importantes, para encontros furtivos. O Jera's era 236

conhecido como a própria alma da discrição nesses assuntos. E as chaves ficavam com Jeralyn.

Espantava Jeralyn que aqueles homens tão

trabalhadores ainda encontrassem tempo para tanta libertinagem. Eram infatigáveis. E eram os mais velhos, com sólidas famílias, alguns com netos, os mais ativos.

Jeralyn adorava ver aqueles mesmos deputados e senadores na TV, austeros e distintos, fazendo sermões sobre a moral, condenando as drogas e a vida desregrada, enfatizando a importância dos valores antigos. Ela nunca achava que eles eram de fato hipócritas. Afinal, os homens que consumiam tanto de suas vidas, tempo e energia pelo país, mereciam uma consideração extra.

Ela não gostava da arrogância, da excessiva presunção dos congressistas mais jovens, mas adorava os velhos, como o senador sisudo e irado que nunca sorria em público, mas se divertia pelo menos duas vezes por semana com jovens "modelos" — e o velho Deputado Jintz, com o corpo que parecia um zepelim cheio de cicatrizes, um rosto tão feio que todo o país acreditava que era honesto. Todos pareciam absolutamente horríveis, ao tirarem as roupas. Mas eles a fascinavam.

Raramente as mulheres no Congresso freqüentavam o restaurante e nunca usavam os apartamentos de cima. O

feminismo ainda não avançara até esse ponto. Para compensar isso, Jeralyn oferecia pequenos almoços no restaurante a algumas de suas amigas nas artes, lindas atrizes, cantoras e bailarinas.

Não era da sua conta se essas mulheres jovens e bonitas faziam amizade com os mais altos servidores do povo dos Estados Unidos. Mas ficara surpresa quando Eugene Dazzy, o enorme e desajeitado chefe da assessoria pessoal do Presidente dos Estados Unidos, iniciara uma ligação com uma jovem e promissora bailarina e providenciara para que Jeralyn lhe entregasse a chave de um dos apartamentos por cima do restaurante. E se sentira ainda mais atônita quando a ligação adquirira a categoria de um "relacionamento". Não que Dazzy tivesse tanto tempo assim à sua disposição — o máximo que ele 237

passava no apartamento eram umas poucas horas depois do almoço. E Jeralyn não tinha ilusões sobre o que poderia conseguir o lobista que pagava o aluguel. As decisões de Dazzy não seriam influenciadas, mas pelo menos, em raras ocasiões, ele aceitaria as ligações do lobista para a Casa Branca; assim, os clientes do lobista ficariam impressionados com o acesso.

Jeralyn transmitia todas as informações a Martin Mutford, quando se encontravam. Era um acordo tácito entre os dois que as informações não seriam usadas por qualquer forma, muito menos como um instrumento de chantagem. Isso poderia ser desastroso e destruir o propósito principal do restaurante, que era o de promover um clima de camaradagem e garantir um ouvido simpático aos lobistas que pagavam a conta. Além do fato de que o restaurante era a principal fonte de subsistência de Jeralyn, e ela não permitiria que fosse exposto a qualquer risco.

Por isso, Jeralyn ficou bastante surpresa quando Christian Klee a procurou, num momento em que o restaurante se encontrava quase vazio, entre o almoço e o jantar. Recebeu-o no escritório. Gostava de Klee, embora ele só comesse no Jera's raramente e nunca tentasse

usar os apartamentos de cima. Mas não teve qualquer sentimento de apreensão; sabia que não havia nada por que ele pudesse censurá-la. Se algum escândalo fermentava, não importava o que os repórteres pudessem procurar, ou o que uma das garotas fosse capaz de dizer, ela estava a salvo.

Ela murmurou algumas palavras de comiseração pelos tempos terríveis que ele devia estar enfrentando, com o assassinato e o seqüestro, mas teve o cuidado de não dar a impressão de que sondava em busca de informações internas. Klee agradeceu, e depois disse:

— Jeralyn, nós nos conhecemos há muito tempo e quero alertá-la, para sua própria proteção. Sei que vai chocá-la o que vou dizer, tanto quanto chocou a mim.

Oh, merda!, pensou Jeralyn. Alguém está criando problemas para mim. Christian Klee continuou:

— Um lobista de interesses financeiros é um grande amigo de Eugene Dazzy e tentou impingir-lhe uma 238

grande merda. Insistiu que Dazzy assinasse um documento que seria bastante prejudicial ao Presidente Kennedy. E advertiu Dazzy de que o uso de um dos seus apartamentos poderia ser tornado público, arruinando sua carreira e casamento. — Klee soltou uma risada. — Quem poderia imaginar que Eugene fosse capaz de algo assim...

Mas, afinal, acho que todos somos humanos.

Jeralyn não se deixava enganar pelo bom humor de Christian. Sabia que tinha de ser muito cuidadosa ou sua própria vida poderia ser arruinada. Klee era o procurador-geral dos Estados Unidos, adquirira a reputação de ser um homem muito perigoso. Podia lhe criar mais problemas do que ela seria capaz de agüentar, mesmo com a ajuda de Martin Mutford.

— Não tive nada a ver com isso. É verdade que entreguei a Dazzy a chave de um dos apartamentos lá em cima, mas isso foi apenas uma cortesia da casa. Não há registros de qualquer tipo. Ninguém pode atribuir qualquer coisa a Dazzy ou a mim.

— Sei disso, Jeralyn. Mas será que não percebe que aquele lobista nunca seria capaz de fazer uma coisa dessas por sua própria iniciativa? Alguém mais alto lhe disse o que devia fazer.

Jeralyn respondeu, apreensiva:

— Juro, Christian, que nunca contei a ninguém.

Jamais submeteria meu restaurante a esse risco. Não sou tão estúpida assim.

— Sei disso — murmurou Christian, tranqüilizador

— Mas você e Martin são bons amigos há muito tempo E

você pode ter contado a ele, apenas como uma fofoca Agora Jeralyn sentia-se profundamente horrorizada Encontrava-se entre dois homens poderosos, prestes a travarem uma batalha. Mais do que qualquer outra coisa no mundo, ela queria sair daquela arena. E também sabia que a pior coisa a fazer agora era mentir.

— Martin nunca tentaria algo tão estúpido, Christian.

Não esse tipo de chantagem idiota.

Ao dizer isso, ela admitia que contara a Martin, mas ao mesmo tempo poderia negar que confessara 239

expressamente.

Christian ainda se mantinha tranqüilizador. Percebia que Jeralyn não adivinhara o verdadeiro motivo de sua visita.

— Eugene Dazzy mandou o lobista à merda. Depois me contou a história, e eu prometi que cuidaria do assunto. Sei que eles não podem denunciar Dazzy. Por um lado, porque eu cairia em cima de você e deste lugar com tanta força que até pensaria ter sido atropelada por um tanque. Seria obrigada a identificar todas as pessoas no Congresso que usaram aqueles apartamentos. Haveria um tremendo escândalo. Seu amigo apenas esperava que Dazzy perdesse a coragem. Mas Eugene previu tudo.

Jeralyn ainda não conseguia acreditar.

— Martin nunca tentaria algo tão perigoso. É um banqueiro.

Ela sorriu para Christian, que suspirou e decidiu que chegara o momento de se mostrar duro.

— Preciso lembrá-la, Jeralyn, de que o velho Martin não é o tipo habitual de banqueiro impassível e conservador?

Ele já teve alguns problemas ao longo de sua vida. E não ganhou seus bilhões por só jogar na certa. Já fez coisas escusas antes. — Christian fez uma pausa. — E agora está se metendo numa coisa muito perigosa para você e para ele.

Jeralyn acenou com a mão, num gesto desdenhoso-

— Você mesmo disse que eu nada tive a ver com o que está acontecendo.

— Tem razão, sei disso. Mas Martin é um homem que tenho de vigiar agora. E quero que você me ajude a vigiá-lo.

Jeralyn reagiu com firmeza:

— De jeito nenhum! Martin sempre me tratou com toda decência. É um amigo de verdade.

— Não quero que você se torne uma espiã. Não quero qualquer informação sobre as transações financeiras ou a vida pessoal de Martin. Só quero que você me avise se souber alguma coisa ou descobrir qualquer iniciativa dele contra o presidente.

— Ora, vá se foder! — exclamou Jeralyn. — E saia 240

logo daqui, pois tenho de preparar as coisas para o jantar!

— Está bem, já vou sair — disse Christian, amavelmente. — Mas não se esqueça de que sou o procurador-geral dos Estados Unidos. Passamos por momentos difíceis e não custa nada me ter como amigo.

Portanto, use o seu julgamento na ocasião oportuna. Se me der um aviso, ninguém jamais saberá. Use o seu bom senso.

Ele se retirou. Realizara o seu propósito. Jeralyn podia falar a Martin sobre o encontro, o que seria ótimo, pois isso tornaria Mutford mais cauteloso. Ou podia não falar nada, e daria a informação quando chegasse o momento. De qualquer forma, ele não podia perder.

O motorista desligou a sirene quando passaram pelo portão da propriedade do Oráculo. Christian viu três limusines estacionadas no caminho circular. E era curioso que os motoristas permanecessem sentados ao volante, em vez de saírem para fumar um cigarro. Ao lado de cada carro havia um homem alto e bem-vestido. Christian reconheceu o que eram no mesmo instante. Seguranças.

Portanto, o Oráculo tinha visitantes importantes. E devia ser por isso que o velho o convocara com tanta urgência.

Christian foi recebido pelo mordomo, que o conduziu à sala de estar, arrumada para uma reunião. O Oráculo se encontrava em sua cadeira de rodas, esperando. Ao redor da mesa sentavam quatro membros do Clube Sócrates.

Christian ficou surpreso ao vê-los. Sua última informação era a de que todos os quatro estavam na Califórnia.

O Oráculo levou sua cadeira de rodas para a cabeceira da mesa e disse:

— Deve me perdoar, Christian, pelo pequeno embuste. Achei que era importante que você se encontrasse com meus amigos neste momento crítico.

Eles estão ansiosos em conversar com você.

Os criados haviam posto café e sanduíches na mesa.

Também foram servidos drinques, os criados chamados por uma campainha sob a mesa acionada pelo Oráculo.

Os quatro membros do Clube Sócrates já estavam 241

bebendo. Martin Mutford acendeu um enorme charuto e afrouxou a gravata, desabotoou o colarinho. Parecia um pouco sombrio, mas Christian sabia que a expressão era uma decorrência da contração dos músculos para ocultar o medo.

— Martin — disse Christian —, Eugene Dazzy me contou que um de seus lobistas lhe deu um mau conselho hoje. Espero que você não tenha nada a ver com isso.

— Dazzy pode separar o joio do trigo — respondeu Mutford. — Se não fosse assim, ele não seria o chefe da assessoria do presidente.

— Claro que pode, Martin. E não precisa de conselhos de minha parte sobre a melhor maneira de sacanear alguém. Mas sempre posso lhe dar uma ajuda.

Christian percebeu que o Oráculo e George Greenwell não sabiam do que ele estava falando. Mas Lawrence Salentine e Louis Inch

exibiram um pequeno sorriso. Inch disse, impaciente:

— Isso não tem importância, não é relevante para nossa reunião aqui esta noite.

— E qual é o propósito? — indagou Christian.

Foi Salentine quem respondeu, a voz suave e tranqüilizadora, de um homem acostumado a manipular confrontações:

— Este é um momento muito difícil. E acho até bastante perigoso. Todas as pessoas responsáveis devem trabalhar junto, em busca de uma solução. Todos os presentes são favoráveis ao afastamento do Presidente Kennedy por trinta dias. O Congresso votará amanhã à noite, em sessão especial. A recusa da Vice-Presidente Du Pray em assinar torna a situação difícil, mas não impossível. Seria muito útil se um membro da assessoria pessoal do presidente assinasse. E é justamente o que estamos lhe pedindo para fazer.

Christian ficou tão atônito que não pôde responder. O

Oráculo interveio:

— Concordo. Será melhor para Kennedy não tratar desta questão específica. Sua atitude hoje foi completamente irracional e deriva de um desejo de 242

vingança. Pode levar a eventos terríveis. Christian, eu lhe suplico que escute estes homens.

— Não há a menor possibilidade! — exclamou Christian, incisivo, dirigindo-se diretamente ao Oráculo.

— Como pode participar disso? Como logo você, entre todas as pessoas, pode se voltar contra mim?

O Oráculo sacudiu a cabeça.

— Não estou contra você.

Salentine acrescentou:

— Ele não pode destruir cinquenta bilhões de dólares só porque sofreu uma tragédia pessoal. Isso não é democracia.

Christian recuperara o controle. E disse, num tom de voz razoável:

— Não é essa a verdade. Francis Kennedy refletiu muito sobre a situação, Não quer que os seqüestradores nos cozinhem por semanas, ganhando tempo em suas redes de TV, Sr. Salentine, enquanto os Estados Unidos são cada vez mais ridicularizados. Não podemos esquecer que eles assassinaram o Papa, mataram a filha do Presidente dos Estados Unidos. Querem negociar com eles agora? Querem libertar o assassino do Papa? E se consideram patriotas? Dizem que se preocupam com este país? Não passam de um bando de hipócritas!

George Greenwell falou pela primeira vez:

— E o que me diz dos outros reféns? Está disposto a sacrificá-los?

E Christian respondeu sem pensar:

— Estou! — Ele fez uma pausa, e depois

acrescentou: — Acho que o plano do presidente é a melhor chance possível de tirá-los de lá com vida.

— Bert Audick está neste momento em Sherhaben como sabe — disse Greenwell. — Ele nos assegurou que pode persuadir os seqüestradores e o sultão a libertarem os reféns restantes.

Christian comentou, desdenhoso:

— Ouvi-o assegurar ao Presidente dos Estados Unidos que nenhum mal aconteceria a Theresa Kennedy.

E agora ela está morta.

243

— Sr. Klee, poderíamos discutir sobre esses problemas menores até o final dos tempos — disse Salentine. — Só que não há tempo. Esperávamos que se juntasse a nós, o que tornaria tudo mais fácil. O que deve ser feito será feito, quer concorde ou não. Isso eu lhe asseguro. Mas por que tornar esta luta divisiva? Por que não servir ao presidente trabalhando conosco?

Christian fitou-o friamente.

— Não me venha com essa merda. E deixe-me dizer uma coisa: sei que vocês têm muita influência neste país, uma influência inconstitucional. Assim que passar esta crise, começarei a investigá-los.

Greenwell deixou escapar um suspiro. A ira violenta e insensata dos jovens era maçante para um homem de sua experiência e idade.

— Sr. Klee, agradecemos por ter vindo — disse ele.

— E espero que não haja qualquer hostilidade pessoal.

Estamos agindo para ajudar nosso país.

— Estão agindo para salvar os cinquenta bilhões de dólares de Audick.

Christian teve um relance de percepção. Aqueles homens, na verdade, não tinham a menor esperança de recrutá-lo. O encontro era apenas uma intimidação. Uma tentativa para que ele permanecesse neutro. E depois ele sentiu o medo deles. Era isso, eles temiam-no. Pois ele tinha o poder e, mais importante, a vontade. E o único que poderia tê-los alertado a seu respeito era o Oráculo.

Todos permaneceram em silêncio, que acabou sendo rompido pelo Oráculo:

— Pode ir agora. Sei que precisa voltar. Ligue-me para contar o que está acontecendo. Mantenha-me informado.

Magoado pela traição do Oráculo, Christian disse:

— Poderia ter me avisado.

O Oráculo sacudiu a cabeça.

— Você não viria. E eu não poderia convencer meus amigos de que você não assinaria. Tinha de lhes dar uma chance de tentar. — Ele fez uma pausa. — Eu o

acompanho até a porta.

O Oráculo rolou sua cadeira para fora da sala.

Christian foi atrás. Antes de se retirar, virou-se para o Clube Sócrates e declarou:

— Senhores, eu lhes suplico, não deixem o Congresso fazer isso.

O tom de voz era tão ameaçador que ninguém falou.

Quando se encontravam a sós, no alto da rampa que levava ao vestíbulo, o Oráculo parou a cadeira de rodas.

Levantou a cabeça, sardenta do escurecimento da pele envelhecida, e disse:

— Você é meu afilhado e meu herdeiro. Nada disso altera minha afeição por você. Mas fique avisado. Amo meu país e considero que seu Francis Kennedy é um grande perigo.

Pela primeira vez, Christian Klee sentiu uma pontada de amargura contra aquele velho que sempre amara.

— Você e seu Clube Sócrates estão pressionando Francis. Vocês é que constituem o perigo.

O Oráculo estudava-o.

— Mas você não parece muito preocupado. Eu lhe suplico, Christian, para não ser precipitado. Não faça algo irremediável. Sei que tem muito poder e, mais importante ainda, muita astúcia. É um homem de talento, sei disso.

Mas não tente se sobrepor à história.

— Não sei do que está falando.

Christian tinha pressa agora. Ainda precisava fazer uma última parada, antes de retornar à Casa Branca. O

Oráculo suspirou.

— Não se esqueça de que você ainda tem minha afeição, independentemente do que possa acontecer. É a única pessoa viva que eu amo. E se estiver ao meu alcance, nunca permitirei que nada de mau lhe aconteça.

Ligue para mim. Mantenha-me informado.

Mesmo em sua raiva, Christian sentiu de novo a antiga afeição pelo Oráculo. Apertou o ombro do velho e disse:

— Ora, é apenas uma divergência política, já as 245

tivemos antes. É não se preocupe... eu ligarei.

O Oráculo lançou-lhe um sorriso malicioso.

— E não se esqueça de minha festa de aniversário.

Quando tudo isso acabar. Se ambos estivermos vivos.

E Christian, espantado, viu lágrimas escorrerem pelas faces murchas. Inclinou-se para beijar aquele rosto ressequido, frio como vidro.

Christian Klee voltava tarde para a Casa Branca. Sua última parada fora para interrogar secretamente Gresse e Tibbot.

Seguiu direto para a sala de Oddblood Gray, mas a secretária informou-o que Gray se encontrava reunido com o Deputado Jintz e o Senador Lambertino. A secretária parecia assustada. Ouvira rumores de que o Congresso tentava afastar o Presidente Kennedy do cargo.

— Ligue para ele — determinou Christian. — Diga-lhe que é urgente, e deixe-me usar sua mesa e telefone.

Enquanto isso, dê um pulo ao banheiro.

Gray atendeu o telefone, pensando que era a secretária, e foi, logo dizendo:

— É melhor que seja importante.

— Otto, sou eu, Chris. Alguns sujeitos do Clube Sócrates acabam de me pedir para assinar o memorando de remoção. Dazzy também foi convidado a assinar, tentaram uma chantagem com ele pelo caso com a bailarina. Sei que Wix se encontra a caminho de Sherhaben, por isso não pode assinar a petição. Você está assinando?

A voz de Oddblood Gray soou muito suave:

— É engraçado... acabo de ser convidado a fazer isso por dois cavalheiros que estão aqui, em minha sala.

Já lhes disse que não assinarei. E garanti que ninguém na assessoria pessoal assinaria. Nem precisei perguntar a *você*.

Havia sarcasmo em sua voz. Christian disse, impaciente:

— Eu sabia que você não assinaria, Otto, mas tinha de perguntar. Lance alguns raios. Diga a esses caras que o 246

procurador-geral vai iniciar uma investigação da ameaça de chantagem contra Dazzy. E também que tenho muitas coisas sobre alguns deputados e senadores que não vão parecer muito agradáveis nos jornais, e pretendo vazá-las tudo. Em particular as ligações financeiras com membros do Clube Sócrates. Este não é um momento para delicadezas.

— Obrigado pelo conselho, companheiro. Mas por que não cuida dos seus problemas e deixa que eu cuide dos meus? E não peça a outros para brandirem sua espada por aí. Faça-o você mesmo.

Sempre houvera um sutil antagonismo entre Oddblood Gray e Christian Klee. Pessoalmente, gostavam um do outro, respeitavam-se. Fisicamente, ambos eram impressionantes. Gray possuía uma grande bravura social, alcançara tudo por sua própria conta. Christian Klee nascera rico, mas se recusara a levar a vida de um rico.

Ambos eram respeitados pelo mundo. Ambos eram devotados a Francis Kennedy. E ambos eram advogados competentes.

E, no entanto, eram cautelosos um com o outro. Gray tinha a mais profunda fé no progresso social através da lei, por isso era tão valioso como o homem de ligação do presidente com o Congresso. E sempre desconfiara da acumulação de poder que Klee conquistara. Era demais que num país como os Estados Unidos qualquer homem devesse ser ao mesmo tempo diretor do FBI, chefe do Serviço Secreto e procurador-geral. Era verdade que Francis Kennedy explicara o motivo para essa concentração de poder — o objetivo

era ajudar a proteger o presidente contra a ameaça de assassinato. Apesar disso, Gray não gostava.

Klee sempre fora um pouco impaciente com a atenção escrupulosa de Gray a cada aspecto legal. Gray podia se dar ao luxo de ser um estadista meticuloso, pois lidava com políticos e problemas políticos. Mas Christian achava que tinha de lidar com o que havia de pior na vida cotidiana. A eleição de Francis Kennedy fizera aflorar todos os vermes da América. Só Klee tinha conhecimento 247

das milhares de ameaças de morte que o presidente já recebera. Só Klee podia destruir os vermes. E nem sempre podia respeitar as sutilezas legais para realizar seu trabalho. Ou pelo menos era o que Klee pensava.

O caso que enfrentavam agora era típico. Klee queria usar a força, Gray, a luva de pelica.

— Está certo — disse Christian. — Farei o que tenho de fazer.

— Ótimo, E podemos ir juntos para falar com o presidente. Ele nos quer na Sala do Gabinete, assim que eu acabar aqui.

Gray fora deliberadamente indiscreto ao falar pelo telefone com Klee. Fitou agora o Deputado Jintz e o Senador Lambertino, ofereceu-lhes um sorriso pesaroso, e disse:

— Lamento que tivessem de escutar isso. Christian não gosta dessa história de impedimento, mas encara como uma coisa pessoal, quando é uma questão do bem-estar do país.

— Fui contra o contato com Klee — comentou o Senador Lambertino. — Mas pensei que teríamos uma chance com você, Otto. Quando o presidente o designou para servir de ligação com o Congresso, achei que era uma temeridade, com todos os nossos colegas sulistas que ainda não superaram plenamente seus preconceitos. Mas devo dizer que você conquistou a todos, durante

os três últimos anos. Se o presidente o escutasse, muitos dos seus programas não teriam sido rejeitados pelo Congresso.

Gray manteve-se impassível.

— Fico contente que tenham vindo me procurar, mas acho que o Congresso está cometendo um grande erro com esse processo de impedimento. A vice-presidente não assinou. É verdade que vocês têm quase todo o Gabinete, mas ninguém da assessoria pessoal. Assim, o Congresso terá de designar a si mesmo como o corpo que aprovará o impedimento. O que é um passo muito grande.

Significará que Congresso pode prevalecer sobre o voto expresso do povo deste país.

Gray levantou-se e começou a andar de um lado para outro da sala. Não costumava fazer isso quando estava 248

negociando, porque conhecia a impressão que causava.

Era impressionante demais, fisicamente, e parecia um gesto ofensivo de dominação. Tinha mais de um metro e noventa de altura, o corpo de um atleta olímpico. As roupas eram impecáveis e tinha um pouco de sotaque britânico. Parecia exatamente com os poderosos executivos apresentados nos comerciais de TV, só que sua pele era cor de café, em vez de branca. Mas desta vez ele queria mesmo usar alguma intimidação.

— Vocês dois são homens que sempre admirei no Congresso — disse ele. — E sempre nos entendemos.

Sabem que aconselhei Kennedy a não insistir em seus programas sociais, até dispor de uma base melhor. Não há maior abertura para a tragédia do que o insensato exercício do poder. É um dos erros mais comuns na política. Mas é exatamente o que o Congresso está fazendo ao tentar afastar o presidente. Se conseguirem, abrirão um precedente muito perigoso em nosso governo, que pode levar a

repercussões fatais quando algum presidente adquirir poder excessivo, no futuro. Ele pode então exigir a castração do Congresso. E o que vocês ganham neste caso é a curto prazo. Evitam a destruição de Dak e o investimento de cinquenta bilhões de dólares de Bert Audick. E o povo deste país os desprezará; nesse ponto, não devem se iludir, pois o povo apóia a ação de Kennedy.

Talvez pelas razões erradas... todos sabemos que o eleitorado é influenciado com muita facilidade por emoções óbvias, emoções que os líderes devem controlar e orientar. Kennedy poderia ordenar neste momento o lançamento de bombas atômicas em Sherhaben, e o povo deste país aprovaria. Uma estupidez, não é mesmo? Mas é assim que as massas sentem. Vocês sabem disso. Portanto, o melhor que o Congresso pode fazer agora é esperar, verificar se as ações de Kennedy trarão os reféns de volta e os seqüestradores para nossas prisões. E todos ficarão felizes. Se o plano fracassar, se os seqüestradores massacrarem os reféns, então vocês poderão afastar o presidente e parecerão heróis.

Gray esforçara-se ao máximo, mas sabia que sua 249

argumentação não tinha a menor possibilidade de prevalecer. Pela longa experiência, aprendera que a partir do momento em que as pessoas desejam fazer alguma coisa, até as mais sábias acabam fazendo. Nenhuma persuasão é capaz de fazê-las mudar de idéia. E o Deputado Jintz não o desapontou:

— Está argumentando contra a vontade do

Congresso, Otto.

O Senador Lambertino acrescentou:

— Luta por uma causa perdida, Otto. Conheço sua lealdade ao presidente. Sei que se tudo corresse bem para o presidente, você seria promovido a membro do Gabinete. E posso lhe assegurar que o Senado aprovaria.

Isso ainda pode acontecer, mas não com Kennedy.

Gray balançou a cabeça em agradecimento.

— Sinto-me grato por isso, senador, mas não posso atender a seu pedido. Acho que o presidente tem todas as justificativas para sua decisão. E estou convencido de que a ação será eficaz. Creio que os reféns serão libertados e os criminosos entregues à nossa guarda.

Jintz disse abruptamente:

— Não é esse o problema. Não podemos permitir que ele destrua a cidade de Dak.

E o Senador Lambertino acrescentou, em tom mais suave:

— Não é apenas pelo dinheiro. Esse ato brutal prejudicaria nossas relações com todos os outros países do mundo. Deve compreender isso, Otto.

— Pois vou lhes dizer uma coisa: a menos que o Congresso cancele a sessão especial de amanhã, a menos que retire o pedido de impedimento, o presidente apelará diretamente ao povo dos Estados Unidos, pela televisão.

Por favor, transmitam isso a seus colegas.

Otto Gray resistiu ao desejo de arrematar “E ao Clube Sócrates”. Eles se despediram com protestos de boa vontade e afeição, os bons modos políticos, antes mesmo do assassinato de Júlio César. Depois, Gray foi pegar Klee para a reunião com o presidente.

Seu discurso final abalara o Deputado Jintz. Jintz 250

acumulara uma riqueza considerável durante os seus muitos anos no Congresso. A mulher era sócia destacada ou acionista em muitas companhias de televisão a cabo em seu estado natal; a firma de

advocacia do filho era uma das maiores do Sul. Ele não tinha preocupações materiais. Mas adorava sua vida como deputado; proporcionava-lhe prazeres que não poderiam ser comprados apenas com dinheiro. O maravilhoso em ser um político bem-sucedido era o fato de que sua velhice podia ser tão feliz quanto a juventude. Mesmo quando se tornava um velho decrépito, o cérebro perdido numa inundação de células senis, todos ainda o respeitavam, escutavam e puxavam seu saco. Tinha-se os comitês e subcomitês do Congresso para participar, podia-se distribuir verbas do orçamento. E ainda se podia ajudar a conduzir o maior país do mundo. Mesmo que seu corpo fosse velho e fraco, jovens viris ainda tremiam na sua presença. Em algum momento, Jintz sabia, seu apetite por comida, bebida e mulheres haveria de se desvanecer, mas se ainda restasse uma única célula viva em seu cérebro poderia desfrutar o poder. E como se pode temer a iminência da morte quando seus semelhantes ainda lhe obedecem?

E por isso Jintz sentia-se preocupado. Seria possível que, por alguma catástrofe, perdesse seu lugar no Congresso? Não havia saída. Sua própria vida dependia do afastamento de Francis Kennedy do cargo. E ele disse ao Senador Lambertino:

— Não podemos permitir que o presidente fale pela televisão amanhã.

251

CAPÍTULO

13

David Jatney passou um mês lendo roteiros de filmes que lhe pareciam totalmente imprestáveis. Escrevia menos de meia página de sumário, depois acrescentava seu parecer, na mesma página. Sua opinião deveria se limitar a umas poucas frases, mas em geral acabava usando o resto do espaço da página. Ao final do mês, o supervisor foi até sua mesa e disse:

— David, não precisamos saber como você é espirituoso. Bastam duas frases de opinião. E não precisa ser tão desdenhoso com essas pessoas. Não estão mijando em sua mesa, apenas tentam escrever filmes.

— Mas são horríveis! — protestou Jatney.

— Claro que são. Acha mesmo que o deixaríamos ler os bons? Temos pessoas mais experientes para isso.

Além do mais, esses roteiros que você chama de horríveis foram encaminhados por um agente. E um agente espera ganhar dinheiro com eles. Portanto, já passaram por um teste rigoroso. Não aceitamos qualquer roteiro por causa de ações judiciais, não somos como os editores de livros. Por isso, não nos importa quão horríveis sejam, temos de ler os roteiros encaminhados 252

por agentes. Se não lermos os roteiros ruins, os agentes não nos mandarão os bons.

— Eu poderia escrever roteiros melhores.

O supervisor riu.

— Todos nós podemos. — Ele fez uma pausa, depois acrescentou: — Quando escrever um roteiro, eu quero lê-lo.

Foi o que David fez, um mês depois. O supervisor leu, em sua sala particular. E foi muito gentil:

— David, não vai funcionar. O que não significa que você não é capaz de escrever. Mas não sabe realmente como os filmes funcionam. É evidente em seus sumários e críticas, mas também aparece no roteiro. Quero que saiba que estou tentando ajudar. Sinceramente. Por isso, a partir da próxima semana, você passará a ler os romances publicados e considerados como possíveis de serem convertidos em filmes.

David agradeceu polidamente, mas sentiu a raiva familiar. Era outra vez a voz do mais velho, supostamente mais sensato, aqueles que tinham o poder.

Poucos dias depois a secretária de Dean Hocken telefonou, indagando se ele estava livre para jantar com o Sr. Hocken naquela noite. Ele ficou tão surpreso que demorou um momento para dizer sim. Ela avisou que o jantar seria no restaurante Michael's, em Santa Monica, às oito horas. Ela começou a explicar como chegar ao restaurante, mas David disse que morava em Santa Monica e conhecia o lugar, o que não era rigorosamente verdadeiro.

Mas já ouvira falar do Michael's. David Jatney lia todos os jornais e revistas, escutava as conversas no escritório. O Michael's era o restaurante preferido pelo pessoal do cinema e música que vivia em Malibu. Depois de desligar, ele perguntou ao supervisor se sabia exatamente onde ficava o Michael's, comentando que jantaria lá naquela noite. Percebeu que o supervisor ficou impressionado. E refletiu que deveria ter esperado para submeter seu roteiro depois do jantar. Seria então lido num contexto diferente.

Naquela noite, ao entrar no restaurante Michael's, 253

David ficou surpreso ao descobrir que só a parte da frente tinha telhado — o resto do restaurante ficava num jardim, embelezado por

flores, com enormes barracas brancas proporcionando uma proteção segura contra a chuva.

Toda área faiscava com luzes. Era um beleza, o ar fragrante de abril, as flores de abril exalando seu perfume, até mesmo uma lua dourada por cima. Que diferença do inverno em Utah! Foi naquele momento que David Jatney decidiu que nunca mais voltaria para casa.

Deu seu nome à recepcionista e ficou surpreso ao ser levado diretamente para uma das mesas no jardim.

Planejara chegar antes de Hocken; conhecia o seu papel e tencionava desempenhá-lo com perfeição. Seria absolutamente respeitoso, esperaria no restaurante pela chegada do velho Hock, reconhecendo o poder dele.

Ainda não entendia Hocken. O homem era genuinamente gentil ou apenas um impostor de Hollywood, sendo condescendente com o filho de uma mulher que outrora o rejeitara e agora, é claro, se arrependia por isso?

Ele avistou Dean Hocken à mesa para a qual era conduzido, em companhia de um homem e uma mulher.

A primeira reação de David foi a de que Hocken deliberadamente marcara para ele uma hora posterior, a fim de não fazê-lo esperar — uma gentileza extraordinária, que quase o levou às lágrimas. Pois além de ser paranóico e atribuir misteriosos motivos malignos ao comportamento dos outros, David também era capaz de atribuir razões incrivelmente benevolentes.

Hocken levantou-se para abraçá-lo cordialmente, depois apresentou-o ao homem e à mulher. David reconheceu o homem no mesmo instante. Era Gibson Grange, um dos atores mais famosos de Hollywood. A mulher era Rosemary Belair, um nome que David ficou surpreso por não reconhecer, já que ela era bastante bonita para ser

estrela de cinema. Tinha cabelos pretos lustrosos, compridos, o rosto perfeito em sua simetria. A maquilagem era profissional, vestia-se com elegância, um vestido longo, com um casaco por cima.

Estavam bebendo vinho, a garrafa dentro de um 254

balde de prata. Hocken serviu um copo para David.

A comida era deliciosa, o ar, fragrante, o jardim, tranqüilo, nenhuma das preocupações do mundo podia entrar ali, pensou David. Os homens e mulheres às mesas ao redor irradiavam confiança; aquelas eram as pessoas que controlavam a vida. Algum dia ele seria assim.

David escutou durante todo o jantar, falando muito pouco. Estudava as pessoas à sua mesa. Dean Hocken, ele concluiu, era legítimo, tão simpático quanto parecia ser. O

que não significava necessariamente que era uma boa pessoa pensou David. Não demorou a perceber que a ocasião podia ser ostensivamente social, mas Rosemary e Hock tentavam persuadir Gibson Grange a fazer um filme com eles.

Parecia que Rosemary Belair era também uma produtora — na verdade, a mulher mais importante nessa função em Hollywood.

David escutava e observava. Não participava da conversa, e quando ficava imóvel seu rosto era tão bonito quanto nas fotografias. As outras pessoas à mesa registravam isso, mas ele não as interessava, o que David não ignorava.

E era o que lhe convinha naquele momento.

Invisível, podia estudar aquele mundo poderoso que esperava conquistar. Hocken promovera aquele jantar para proporcionar à sua amiga Rosemary uma oportunidade de persuadir Gibson Grange a fazer um filme com ela. Mas por quê? Havia uma certa descontração

em Hocken e Rosemary que não poderia existir se eles não tivessem passado por um período sexual. Era a maneira como Hocken acalmava Rosemary quando ela se tornava muito excitada em sua insistência com Gibson Grange. Em determinado momento, ela disse a Gibson:

— É muito mais divertido fazer um filme comigo do que com Hock.

Hocken riu e comentou:

— Nós nos divertimos muito, hem, Gib?

E o ator declarou:

255

— Ora, o relacionamento era todo profissional.

Ele falou isso sem qualquer insinuação de sorriso.

Gibson Grange era um astro “bancável” na indústria cinematográfica. Ou seja, se concordasse em fazer um filme, qualquer estúdio o financiaria imediatamente. Era por isso que Rosemary insistia com tanta ansiedade. E ele também possuía a aparência absolutamente certa. Tinha o velho estilo americano de Gary Cooper, alto e esguio, com um rosto franco; parecia como Lincoln deveria ser se fosse bonito. O sorriso era cordial, escutava atentamente quando os outros falavam. Contou algumas anedotas divertidas a seu próprio respeito, de fato engraçadas. O

que era bastante cativante. Vestia-se num estilo mais despretensioso do que era comum em Hollywood, a calça larga, uma suéter velha, mas obviamente cara, um velho paletó por cima. E, no entanto, atraía a atenção de todos no jardim. Seria porque seu rosto fora visto por milhões de pessoas, mostrado de maneira tão íntima pelas câmeras? Seriam as misteriosas camadas de ozônio, em que seu rosto permanecia para sempre? Seria alguma espécie de

manifestação física, que a ciência ainda não deslindara? O homem era inteligente, David podia percebê-lo. Seus olhos, enquanto escutava Rosemary, eram divertidos, mas não condescendentes; e embora parecesse sempre concordar com o que ela dizia, nunca se comprometia a qualquer coisa. Era o homem que David sonhava se tornar.

Continuaram a conversar, tomando vinho. Hocken pediu sobremesa — maravilhosos doces franceses, David jamais provara algo tão gostoso. Gibson Grange e Rosemary Belair recusaram a tocar em suas sobremesas, ela com um estremeamento de horror, ele com um ligeiro sorriso. Mas era Rosemary quem certamente se deixaria tentar no futuro; Grange estava seguro, pensou David.

Grange nunca mais tocaria numa sobremesa pelo resto de sua vida, mas a queda de Rosemary era inevitável.

Por instância de Hocken, David comeu as outras sobremesas, e depois ainda continuaram sentados, conversando. Hocken pediu outra garrafa de vinho, mas 256

só ele e Rosemary beberam. David logo notou outra tendência oculta na conversa — Rosemary empenhava-se na conquista de Gibson Grange.

Rosemary mal falara com David durante toda a noite, agora ignorava-o de forma tão absoluta que ele foi forçado a conversar com Hocken sobre os velhos tempos em Utah. Mas os dois acabaram tão fascinados pela competição entre Rosemary e Gibson que ficaram em silêncio.

Pois enquanto a noite avançava e mais vinho era servido, Rosemary desfiou todo o jogo de sedução. Era de uma intensidade alarmante, uma demonstração impressionante de pura determinação. Ela apresentou suas virtudes. Primeiro, foram os movimentos do rosto e corpo

— de alguma forma, a frente do vestido se entreabriu, mostrando mais dos seios. Houve os movimentos das pernas, cruzadas e descruzadas, o vestido subindo para oferecer um vislumbre das coxas. As mãos não paravam, tocando no rosto de Gibson quando ela se deixava arrebatada pelo que dizia. Rosemary demonstrou todo o seu espírito, contou anedotas engraçadas, revelou sua sensibilidade. O rosto bonito se animava para exibir cada emoção, sua afeição pelas pessoas com que trabalhava, as preocupações com as pessoas da família imediata, o interesse pelo sucesso dos amigos. Confessou sua profunda afeição por Dean Hocken, como o velho Hock a ajudara na carreira, recompensara-a com conselhos e influência. Neste ponto o velho Hock interrompeu para dizer o quanto ela merecera tal ajuda, por causa de seu trabalho árduo nos filmes e lealdade a ele; e enquanto ele falava isso, Rosemary lançou-lhe um longo olhar de reconhecimento agradecido. Nesse momento, David, completamente encantado, comentou que devia ter sido uma grande experiência para os dois. Mas Rosemary interrompeu-o no meio da frase, ansiosa em recomençar o envolvimento de Gibson.

David sentiu um pequeno choque pela grosseria dela, mas surpreendentemente não houve ressentimento. Ela era bonita demais, empenhava-se a fundo em obter o que

desejava, e o que desejava estava se tornando cada vez mais evidente. Precisava ter Gibson Grange em sua cama naquela noite. E seu desejo tinha a pureza e franqueza de uma criança, o que tornava sua grosseria quase cativante.

Mas o que David mais admirava, acima de tudo, era comportamento de Gibson Grange. O ator mantinha-se alheio ao que estava acontecendo. Notou a grosseria com David e tentou compensá-la, comentando:

— Algum dia você terá a sua chance de falar, David. Era como se pedisse desculpas pelo egocentrismo dos famosos, que não sentem o menor interesse pelos que ainda não conquistaram a fama. Mas

Rosemary interrompeu-o também. E Gibson, polidamente, escutou-a. Mas era mais do que polidez. Era um charme inato, que fazia parte de seu ser. Ele olhava para Rosemary com um genuíno interesse. Seus olhos faiscavam, nunca se desviavam dos olhos de Rosemary. Quando ela o tocava com as mãos, se entreabria num sorriso que indicava uma ternura natural, atenuando o rosto rude para uma máscara afável.

Mas era evidente que ele não reagia da maneira apropriada para Rosemary. Ela malhava em ferro frio.

Bebeu mais vinho e depois jogou seu trunfo final.

Revelou os seus sentimentos mais íntimos.

Falou diretamente a Gibson, ignorando os outros dois homens à mesa. Manobrou o corpo de tal maneira que ficou muito perto de Gibson, isolando-o de David e Hocken.

Ninguém podia duvidar da sinceridade apaixonada em sua voz. Havia até lágrimas em seus olhos. Expunha sua alma a Gibson.

— Quero ser uma pessoa de verdade. Gostaria de renunciar a toda essa merda de faz-de-conta, esse negócio do cinema. Não me satisfaz. Quero sair por aí para tornar o mundo melhor. Como Madre Teresa. Ou Martin Luther King. Não estou fazendo coisa alguma para ajudar o mundo a melhorar. Poderia ser uma médica ou enfermeira, poderia ser uma assistente social. Detesto esta vida, as festas, viver num avião para me encontrar com 258

pessoas importantes. Tomar decisões sobre alguma droga de filme que em nada ajudará a humanidade. Quero fazer algo real.

E ela se inclinou e pegou a mão de Gibson Grange.

Foi maravilhoso para David ver por que Grange se tornara um astro tão poderoso no cinema, por que dominava os filmes em que

aparecia. Pois de alguma forma Gibson Grange pôs sua mão sobre a de Rosemary, de alguma forma afastou sua cadeira, de alguma forma obteve a posição central na cena. Rosemary ainda o fitava com uma expressão apaixonada, esperando sua reação.

Grange sorriu para ela, afetuosamente, depois inclinou a cabeça para baixo e para o lado, fitando David e Hocken, e dizendo com um tom de aprovação:

— Ela é sensacional.

Dean Hocken desatou a rir, David não pôde reprimir um sorriso. Rosemary parecia aturdida, mas logo disse, num tom irônico de censura:

— Gib, você nunca leva nada a sério, a não ser os seus horríveis filmes.

E para demonstrar que não estava ofendida, ela estendeu a mão, que Gibson Grange beijou gentilmente.

David contemplava a todos com admiração. Eram tão sofisticados, tão sutis... Acima de tudo, admirava Gibson Grange. O fato de ele rejeitar uma mulher tão bonita como Rosemary Belair inspirava respeito, era incrível a maneira como conseguira prevalecer sobre ela com tanta facilidade.

David fora ignorado por Rosemary durante toda a noite, mas reconheceu o direito que ela tinha de agir assim. Afinal, ela era a mulher mais poderosa na mais fascinante indústria do país. Tinha acesso a homens muito mais valorosos do que ele. David admitia que ela não se comportara assim por maldade. Apenas considerava-o inexistente.

E todos ficaram espantados ao constatarem que já era quase meia-noite; eram os últimos no restaurante. Hocken levantou-se e Gibson

Grange ajudou Rosemary a vestir o casaco, que ela tirara no meio de seu discurso apaixonado.

259

Quando se levantou, Rosemary estava um pouco trôpega, um pouco embriagada.

— Oh, Deus, não vou poder guiar assim, pois a polícia desta cidade é horrível! — balbuciou ela. — Gib, você quer me levar ao hotel?

Gibson sorriu-lhe.

— Fica em Beverly Hills. Hock e eu vamos para a minha casa em Malibu. David lhe dará uma carona...

certo, David?

— Claro — disse Dean Hocken. — Não se importa, não é mesmo, David?

— De jeito nenhum — respondeu David Jatney.

Mas sua mente girava depressa. O que ia acontecer?

O velho Hock parecia embaraçado. Era evidente que Gibson Grange mentira, não queria levar Rosemary ao hotel para não ter de continuar a se esquivar. E Hock sentia-se contrafeito por ter confirmado a mentira, caso contrário poderia criar hostilidade com um astro, algo que um produtor de cinema evitava a qualquer custo. E depois ele viu Gibson oferecer-lhe um pequeno sorriso, percebeu o que o astro pensava. E era por isso que Gibson Grange era um grande ator. Podia fazer o público ler seus pensamentos, bastava franzir as sobrancelhas, inclinar a cabeça, sorrir. E apenas com aquele olhar, sem maldade, mas com extremo bom humor, ele estava dizendo a David Jatney: "A sacana ignorou-o durante toda a noite, foi grosseira com você, agora eu a deixo lhe devendo um

favor.” David olhou para Hocken e descobriu que ele agora sorria, sem o menor embaraço. Na verdade, parecia até satisfeito, como se também tivesse lido os pensamentos do ator. Rosemary disse abruptamente:

— Podem deixar que eu mesma guio.

Ela não olhou para David ao falar. Hocken disse, suavemente:

— Não posso permitir, Rosemary. É minha

convidada e lhe dei vinho demais. Se não gosta da idéia de David levá-la, então eu a conduzirei até o hotel. E

depois pedirei uma limusine para ir a Malibu.

Era um ato magnífico, pensou David. Pela primeira 260

vez, percebeu um tom de insinceridade na voz de Hocken.

Claro que Rosemary não podia aceitar a oferta de Hocken.

Se aceitasse, seria um tremendo insulto ao jovem amigo de seu mentor. E causaria a maior inconveniência a Hocken e Gibson Grange. E, de qualquer forma, seu principal objetivo ao pedir que Gibson a levasse em casa não seria alcançado. Ela se encontrava numa situação impossível. E foi nesse instante que Gibson desfechou o golpe final:

— Não se preocupe, Hock, irei com você. Tirarei um cochilo no banco de trás, depois lhe farei companhia na viagem até Malibu.

Rosemary ofereceu um sorriso jovial a David e disse:

— Espero que não seja muito incômodo para você.

— Claro que não será — respondeu David.

Hocken deu um tapinha em seu ombro, Gibson Grange ofereceu-lhe um sorriso radiante e uma piscadela.

E o sorriso transmitiu outra mensagem a David. Aqueles dois homens postavam-se ao seu lado como machos. Uma fêmea solitária e poderosa envergonhara um macho e agora eles a puniam. Além disso, ela atacara Gibson com uma insistência exagerada, uma mulher não podia fazer isso com um macho que era mais do que igual em poder.

Haviam acabado de aplicar um golpe magistral no ego de Rosemary, a fim de mantê-la em seu lugar. E tudo fora feito com um maravilhoso bom humor, uma excepcional polidez. E havia ainda outro fator. Aqueles homens lembravam quando eram jovens e impotentes, como acontecia com David agora; convidaram-no a jantar para mostrar que o sucesso não os deixava infiéis com seus companheiros machos, uma prática consagrada pelo tempo, desenvolvida ao longo dos séculos, para prevenir qualquer vingança invejosa. Rosemary não respeitara essa prática, não se lembrara de seu tempo de impotência, e naquela noite eles obrigaram-na a recordar. E, no entanto, David estava do lado de Rosemary; ela era bonita demais para ser magoada.

Foram juntos para o estacionamento. Enquanto os 261

outros dois homens partiam no Porsche de Hocken, David levou Rosemary para seu velho Toyota.

— Oh, merda! — exclamou Rosemary. — Não

posso saltar de um carro assim no Beverly Hills Hotel.

Ela olhou ao redor e acrescentou:

— Agora tenho de descobrir meu carro. Escute, David, você se importa de guiar meu Mercedes? Está em algum lugar por aqui. Depois, mandarei uma limusine do hotel trazê-lo de volta. Assim não

precisarei que alguém venha buscar meu carro pela manhã. Podemos fazer isso?

Ela sorriu ternamente, depois abriu a bolsa, tirou e pôs os óculos. Apontou para um dos poucos carros restantes no estacionamento. Ali está.

David, que avistara o carro assim que entraram no estacionamento, ficou perplexo. Depois compreendeu que ela devia ser míope. Talvez fosse a miopia que a levava a ignorá-lo durante o jantar.

Rosemary entregou-lhe as chaves do Mercedes, ele abriu a porta do lado do passageiro, ajudou-a a embarcar.

Podia sentir o cheiro de vinho e perfume misturados, sentiu que o calor do corpo de Rosemary era como carvão em brasa. Foi para o outro lado do carro, mas antes que pudesse abrir a porta, Rosemary destrancou-a por dentro, empurrando-a para ele. David ficou surpreso por isso, pensava que ela não seria capaz de uma gentileza assim.

Ele levou alguns minutos para perceber como o Mercedes funcionava. Mas adorou a sensação do banco, o cheiro do couro avermelhado... seria um cheiro natural ou Rosemary usava algum perfume especial para couro? E o carro reagia aos comandos de uma maneira sensacional; pela primeira vez, David compreendeu o prazer intenso que algumas pessoas sentiam ao guiar.

O Mercedes parecia deslizar pelas ruas escuras. Ele gostou tanto de guiar que a meia hora até o Beverly Hills Hotel pareceu passar num instante. Durante todo esse tempo, Rosemary não falou uma só palavra. Tirou os óculos, tornou a guardá-los na bolsa, ficou sentada em silêncio. Houve um momento em que ela contemplou seu 262

perfil, como se o avaliasse. E depois ficou olhando fixamente para a frente. David não a fitou uma só vez, também não falou. Desfrutava

o sonho de conduzir uma linda mulher num lindo carro, no coração da cidade mais fascinante do mundo.

Quando parou, diante do toldo na entrada do Beverly Hills Hotel, tirou as chaves da ignição e estendeu-as para Rosemary. Depois saltou, deu a volta para abrir a outra porta. Nesse momento, um dos manobreiros aproximou-se correndo pela rampa com um tapete vermelho.

Rosemary entregou-lhe as chaves do carro, e David compreendeu que deveria tê-las deixado na ignição.

Rosemary começou a subir pela rampa para a entrada do hotel. David compreendeu que ela o esquecera por completo. Era orgulhoso demais para lembrá-la do oferecimento de uma limusine para levá-lo de volta ao estacionamento. Ficou observando-a. Sob o toldo verde, o ar fragrante, as luzes douradas, ela era como uma princesa perdida. E de repente Rosemary parou, virou-se; ele podia contemplar seu rosto,, e parecia tão belo que o coração de David Jatney parou.

Pensou que ela se lembrara de sua presença, que esperava que ele a acompanhasse. Mas ela tornou a se virar e tentou subir os três degraus que a levariam à porta.

Tropeçou nesse instante, a bolsa escapuliu de sua mão, todo o conteúdo espalhou-se pelo chão. A esta altura, David já avançara correndo pelo tapete vermelho, a fim de ajudá-la.

O conteúdo da bolsa parecia interminável — era mágica na medida em que continuava a derramar o que havia dentro. Havia batons, um estojo de maquiagem que se abriu e despejou seus próprios mistérios, uma argola de chaves que partiu e despejou no mínimo vinte chaves pelo tapete. Havia um vidro de aspirinas e frascos com diferentes drogas. E uma enorme escova de cabelos rosa.

Havia também um isqueiro, mas nenhum maço de cigarros, um tubo de Binaca e um pequeno saco plástico, contendo uma calcinha azul e algum artefato de aparência sinistra. Havia inúmeras moedas, algumas notas, um lenço 263

branco de linho sujo. Havia óculos de aros de ouro, típicos de uma solteirona, que não combinavam com o rosto clássico de Rosemary.

Ela olhou para tudo isso com horror, depois desatou em lágrimas. David ajoelhou-se no carpete vermelho e começou a recolher tudo para dentro da bolsa. Rosemary não o ajudou. Um dos empregados saiu do hotel, David mandou que ele segurasse a bolsa aberta, enquanto metia as coisas lá dentro.

Finalmente ele conseguiu recolher tudo, pegou a bolsa agora cheia e entregou-a a Rosemary. Percebeu a humilhação dela e estranhou. Rosemary enxugou as lágrimas e lhe disse:

— Suba até minha suíte para um drinque, enquanto espera a limusine. Não tive nenhuma oportunidade de conversar com você durante toda a noite.

David sorriu, ao lembrar que Gibson Grange comentara que ela era “sensacional”. Mas sentia-se curioso sobre o famoso Beverly Hills Hotel e queria continuar perto de Rosemary.

Achou que as paredes pintadas de verde eram esquisitas para um hotel de alta classe — fazia o ambiente parecer um tanto sombrio. Mas ficou impressionado quando entrou na enorme suíte. A decoração era suntuosa, tinha uma ampla varanda, um bar num canto. Rosemary foi até lá, serviu-se de um drinque, indagou o que ele queria, preparou também. David pedira apenas um *scotch* puro; raramente bebia, mas estava se sentindo um pouco nervoso. Rosemary abriu as portas de vidro corrediças para a varanda e levou-o para fora. Havia uma mesa branca, com tampo de vidro, e quatro cadeiras, também brancas.

— Sente aqui, enquanto vou ao banheiro — disse Rosemary. — E depois poderemos conversar um pouco.

Ela tornou a entrar na suíte. David sentou numa das cadeiras e ficou tomando o *scotch*. Lá embaixo, estavam os jardins internos do hotel. Ele podia ver a piscina e as quadras de tênis, os caminhos que levavam aos bangalôs.

Havia árvores e gramados individuais, a relva mais verde 264

sob o luar, o brilho das paredes pintadas de rosa proporcionava a tudo uma claridade surrealista.

Rosemary voltou em menos de dez minutos. Sentou também, tomou um gole de seu drinque. Usava agora uma calça branca larga e um pulôver branco de casimira.

Levantara as mangas acima dos cotovelos. Sorriu para David, um sorriso deslumbrante. Removera a maquilagem do rosto e ele gostou mais dela assim. Os lábios não eram sensuais agora, os olhos não eram tão imperiosos. Parecia mais jovem e mais vulnerável. A voz, quando falou, parecia mais descontraída, mais suave, menos autoritária.

— Hock me disse que você é roteirista. Tem alguma coisa que gostaria de me mostrar? Pode mandar para meu escritório.

— Não tenho nada no momento.

David retribuiu o sorriso. Nunca se deixaria rejeitar por Rosemary.

— Mas Hock disse que você acabou um roteiro.

Estou sempre à procura de novos escritores. É muito difícil encontrar bons trabalhos.

— Escrevi quatro ou cinco, mas eram tão ruins que rasguei todos.

Permaneceram calados por algum tempo. Era fácil para David ficar em silêncio; sentia-se mais à vontade do que falando. Rosemary acabou indagando:

— Qual é a sua idade?

— Tenho 26 anos — mentiu David.

Rosemary sorriu.

— Oh, Deus, como eu gostaria de ser jovem assim outra vez! Eu tinha dezoito anos quando cheguei aqui.

Queria ser uma atriz, era meio idiota. Conhece esses papéis de uma só fala na TV, a vendedora com quem a heroína compra alguma coisa? Foi só o que consegui. Depois conheci Hock, ele me fez assistente-executiva, ensinou-me tudo o que sei. Ajudou-me a articular meu primeiro filme, ajudou-me durante todos esses anos. Amo Hock, sempre amarei. Mas ele é muito duro, como foi esta noite. Jogou Gibson contra mim. — Rosemary sacudiu a cabeça. —

Sempre desejei ser dura como Hock. E tenho me modelado 265 por ele.

— Acho que ele é um ótimo sujeito.

— Porque ele gosta de você. É verdade, foi o próprio Hock quem me disse. Comentou que você parece muito com sua mãe, age como ela. Disse que você é muito sincero, não é um impostor. — Rosemary fez uma pausa. — Também percebo isso. Não pode imaginar como me senti humilhada quando todas aquelas coisas caíram de minha bolsa. E depois vi você recolhendo tudo, sem olhar para mim. Foi muito gentil.

Ela inclinou-se e beijou-lhe no rosto. David sentiu uma fragrância mais suave exalando de seu corpo agora.

Abruptamente, Rosemary levantou-se e tornou a entrar na suíte; David seguiu-a. Ela fechou e trancou as portas de vidro, depois murmurou:

— Vou chamar a limusine.

Rosemary tirou o fone do gancho. Mas em vez de apertar os botões, ficou olhando para David. Ele manteve-se imóvel, a uma distância suficiente para não se intrometer no espaço dela.

— David, vou lhe pedir uma coisa que pode parecer estranha. Quer passar a noite comigo? Estou angustiada e preciso de companhia, mas quero que prometa que não tentará coisa alguma. Não poderíamos apenas dormir juntos, como amigos?

David sentiu-se aturdido. Nunca sonhara que aquela linda mulher pudesse querer alguém como ele. Ficou deslumbrado com sua sorte. Mas Rosemary logo acrescentou, em tom brusco:

— Falo sério. Quero apenas alguém gentil como você para passar esta noite comigo. Mas tem de prometer que não tentará coisa alguma. Se tentar, ficarei muito zangada.

Era tão desconcertante que David sorriu, como se não compreendesse.

— Ficarei sentado na varanda ou dormirei no sofá aqui na sala.

— Nada disso. Quero alguém que me abrace e durma comigo. Não quero ficar sozinha. Pode me prometer?

David ouviu-se dizer:

266

— Não tenho nada para vestir... na cama.

— Tome um banho de chuveiro e durma nu. Isso não vai me incomodar.

Havia um vestíbulo que levava da sala de estar da suíte para o quarto. Ali ficava a porta de um banheiro extra, e Rosemary mandou que David o usasse para tomar o banho de chuveiro. Não queria que ele usasse o seu banheiro. David tomou o banho, limpou os dentes com sabonete e lenços de papel. Havia um roupão pendurado atrás da porta, com o nome "Beverly Hills Hotel" bordado elegantemente em azul. Ele foi para o quarto, descobriu que Rosemary ainda se encontrava no outro banheiro. Ele ficou parado ali, contrafeito, sem querer ir para a cama, que a criada já arrumara para a noite. Rosemary finalmente saiu do banheiro, usando uma camisola de flanela de corte e estampa tão elegantes que parecia uma boneca numa loja de brinquedos.

— Venha para a cama, David. Precisa de um Valium ou um pílula para dormir?

Ele percebeu que Rosemary já tomara sua pílula. Ela sentou na beira da cama por um instante, depois deitou-se.

David foi se deitar ao seu lado, mas não tirou o roupão.

Rosemary apagou o abajur na mesinha-de-cabeceira, ficaram no escuro.

— Abrace-me, David.

Ficaram abraçados por um longo momento, depois ela afastou para o seu lado da cama e murmurou:

— Tenha bons sonhos.

David ficou estendido de costas, olhando para o teto.

Não se atrevia a tirar o roupão, não queria que ela pensasse que preferia ficar nu em sua cama. Especulou se deveria contar a Hock o que acontecera na próxima vez em que se encontrassem, mas concluiu que viraria piada se os outros soubessem que passara a noite na cama com uma mulher tão bonita sem que nada tivesse ocorrido. E

talvez Hock pensasse que ele mentia. Desejou agora ter tomado a pílula para dormir que Rosemary lhe oferecera.

Ela já estava dormindo, roncando baixo, de forma quase inaudível.

267

David resolveu voltar à sala de estar e saiu da cama.

Rosemary despertou e balbuciou, sonolenta:

— Podia me trazer um copo com água de Evian?

David foi até a sala, serviu dois copos, acrescentou gelo. Esvaziou seu copo, tornou a enchê-lo. E voltou ao quarto. À luz do vestíbulo, avistou Rosemary sentada na cama, os lençóis em torno do corpo. No quarto escuro, ele tocou na parte superior do corpo de Rosemary, quando ela estendeu o braço nu, à procura de sua mão. Compreendeu que Rosemary estava nua. Tornou a deitar, enquanto Rosemary tomava a água, mas deixou o roupão escorregar para o chão.

Ouviu-a pôr o copo na mesinha-de-cabeceira, e nesse instante estendeu a mão, tocou na carne nua de Rosemary.

Deslizou a mão pelas costas macias, as nádegas redondas.

Rosemary virou-se e foi para seus braços, o peito de David comprimiu-se contra os seios nus. Os braços dela envolveram-no, o calor de seus corpos fez com que empurrassem as cobertas com os

pés, enquanto se beijavam. E beijaram-se por um longo tempo, a língua de Rosemary dentro da boca de David. Ele não podia esperar por mais tempo e montou-a. A mão de Rosemary, suave como cetim, permissiva, guiou-o para dentro. Fizeram amor quase em silêncio, como se fossem espionados, até que os corpos se arquearam ao mesmo tempo, a caminho do orgasmo, depois se separaram, deitados de costas. Só depois de um prolongado silêncio é que ela murmurou:

— Trate de dormir agora.

E Rosemary beijou-o gentilmente no lado da boca.

— Quero ver você — disse David.

— Não.

David estendeu a mão e acendeu o abajur. Rosemary fechou os olhos. Ela ainda era bela. Mesmo com o desejo saciado, mesmo despojada de todos os artifícios da beleza, os realces da sedução, os recursos da iluminação especial. Mas era uma beleza diferente.

Ele fizera amor por necessidade animal e

proximidade, uma manifestação física natural de seu corpo. Ela fizera amor por uma necessidade em seu 268

coração, ou necessidade vertiginosa em seu cérebro. E

agora, à claridade da luz única, o corpo nu de Rosemary não era mais espetacular. Os seios eram pequenos, com mamilos mínimos, o corpo menor, as pernas não pareciam tão compridas, os quadris não eram tão largos, as coxas um pouco finas. Ela abriu os olhos, fitou-o nos olhos, e David murmurou:

— Você é muito bonita...

Ele beijou-lhe os seios, enquanto Rosemary estendia o braço e tornava a apagar a luz. Tornaram a fazer amor e dormiram.

Quando David acordou e estendeu a mão, descobriu que ela não estava mais ali. Ele vestiu-se, pôs o relógio no pulso. Eram sete horas da manhã. Encontrou-a na varanda, num macacão vermelho, fazendo com que os cabelos pretos parecessem ainda mais escuros. Havia ali uma mesa de rodinhas, com um bule de café de prata, uma leiteira e diversas travessas de metal com tampas, a fim de manter a comida quente. Rosemary sorriu-lhe e disse:

— Pedi por você. Eu ia mesmo acordá-lo. Preciso fazer minha corrida, antes de começar a trabalhar.

David sentou à mesa e ela serviu-lhe café, destampou uma travessa com ovos, outra com uma salada de frutas.

Rosemary tomou seu suco de laranja, levantou-se e disse:

— Não precisa se apressar. E obrigada por passar a noite comigo.

David queria que ela comesse o desjejum em sua companhia, queria mostrar que realmente gostava dela, falar de sua vida, dizer alguma coisa que a levasse a se interessar por ele. Mas agora Rosemary ajeitava uma faixa branca sobre os cabelos, dava os laços nos sapatos de corrida. Ela se empertigou, enquanto David dizia, sem saber que seu rosto se contraía de emoção:

— Quando tornarei a vê-la?

E no instante mesmo em que falou, ele compreendeu que cometera um erro terrível. Rosemary já se encaminhava para a porta, mas parou.

— Estarei muito ocupada nas próximas semanas.

Preciso ir a Nova York. Ligarei para você quando voltar.

Ela não perguntou o número. E de repente outro pensamento lhe ocorreu. Pegou o telefone e pediu uma limusine para levar David a Santa Monica. Depois, disse a ele: — Vão incluir a despesa na minha conta... precisa de algum dinheiro para dar a gorjeta do motorista?

David fitou-a em silêncio por um longo momento.

Ela pegou a bolsa, abriu-a e indagou:

— De quanto vai precisar para a gorjeta?

David não pôde mais se conter. Não sabia que seu rosto tremia de rancor, um ódio que era assustador. E

falou, insultuoso:

— Você sabe dessas coisas melhor do que eu.

Rosemary fechou a bolsa ruidosamente e deixou a suíte.

David nunca mais teve qualquer contato com ela. Esperou dois meses, até que um dia viu-a sair do gabinete de Hocken, em companhia de Gibson Grange e do próprio Dean. Aguardou perto do carro de Hocken, a fim de que tivessem de cumprimentá-lo, ao passar. Hocken abraçou-o, disse que precisavam se encontrar para jantar um dia desses, perguntou como estava o trabalho. Gibson Grange apertou-lhe a mão, ofereceu um sorriso rápido, mas cordial, o rosto bonito irradiando bom humor. Rosemary fitou-o sem sorrir. O que de fato magoou foi que por um momento David teve a impressão de que ela o esquecera por completo.

270

CAPÍTULO

14

Quinta-Feira

Washington

MATTHEW GLADYCE, o secretário de imprensa do presidente, sabia que nas próximas 24 horas tomaria a decisão mais importante de sua vida profissional. Sua função era controlar as reações dos meios de comunicação aos trágicos e chocantes acontecimentos dos últimos três dias. E devia comunicar ao povo dos Estados Unidos o que o presidente estava fazendo para enfrentar esses eventos, além de justificar todas as ações. Gladyce tinha de ser muito cuidadoso.

Agora, naquela manhã de quinta-feira depois da Páscoa, no meio da crise explosiva, Matthew Gladyce isolou-se de qualquer contato com os jornalistas. Seus assistentes cuidavam das reuniões na sala de imprensa da Casa Branca, mas limitavam-se a distribuir comunicados elaborados com todo cuidado, esquivando-se às perguntas gritadas.

Matthew não atendia aos telefones que tocavam sem 271

parar em sua sala; as secretárias recebiam todas as ligações e repeliam os insistentes repórteres e os poderosos comentaristas de TV tentando cobrar os favores que ele lhes devia. Sua função era resguardar o Presidente dos Estados Unidos.

Matthew Gladyce sabia, por sua longa experiência como jornalista, que não havia ritual mais reverenciado no país do que a tradicional insolência da imprensa e da TV em relação aos membros mais importantes do sistema.

Arrogantes âncoras de televisão gritavam com afáveis membros do Gabinete, eram agressivos até com o presidente, criticavam os candidatos aos cargos mais destacados como implacáveis promotores. Os jornais publicavam matérias injuriosas, em nome da liberdade de imprensa. Houvera um tempo em que ele fora parte de tudo isso, e até admirava. Gostava do ódio inevitável que todas as autoridades públicas sentiam pelos jornalistas.

Mas três anos como secretário de imprensa mudaram sua perspectiva. Como o resto da administração — mais do que isso, como todos os integrantes do governo ao longo da história —, passara a desconfiar e depreciar essa grande instituição da democracia que é a liberdade de imprensa. Como todas as figuras de autoridade, passara a considerá-la como um agressão. Os meios de comunicação eram os criminosos consagrados que roubavam as instituições e os cidadãos de sua boa reputação. Só para vender seus jornais e seus comerciais a trezentos milhões de pessoas.

E hoje ele não cederia um palmo sequer aos desgraçados. Ia fazê-los sofrer.

Ele recordou os quatro últimos dias, todas as perguntas dos repórteres que tivera de escorar. O

presidente esquivara-se a qualquer comunicação direta, Matthew Gladyce tivera de enfrentar tudo sozinho. Na segunda-feira fora: “Por que os seqüestradores não fizeram exigências? O seqüestro da filha do presidente está ligado ao assassinato do Papa?” Essas perguntas acabaram se respondendo por si mesmas, graças a Deus.

Agora não havia a menor dúvida. Os dois fatos estavam 272

ligados. Os seqüestradores haviam apresentado suas exigências.

Gladyce aprontara os comunicados à imprensa sob a supervisão direta do próprio presidente. Os eventos eram um ataque coordenado ao prestígio e à autoridade internacional dos Estados Unidos. Em seguida, o assassinato da filha do presidente e as perguntas idiotas:

— Como o presidente reagiu quando soube do assassinato?

A essa altura, Gladyce perdera o controle e dissera ao âncora:

— Porra, seu puto imbecil, como acha que ele poderia reagir?

E depois outra pergunta idiota:

— Isso traz recordações da ocasião em que os tios do presidente foram assassinados?

Gladyce decidira então que deixaria aqueles encontros com a imprensa aos cuidados de seus assistentes.

Mas agora tinha de assumir o palco. Precisava defender o ultimato do presidente ao sultão de Sherhaben.

Omitiria a ameaça de destruir o sultanato de Sherhaben.

Diria que se os reféns fossem libertados e Yabril preso, a cidade de Dak não seria destruída... de tal modo que lhe proporcionasse uma saída quando Dak fosse destruída. O

mais importante de tudo, porém, era que o Presidente dos Estados Unidos apareceria na televisão naquela tarde para fazer um comunicado à nação.

Gladyce olhou pela janela de sua sala. A Casa Branca se encontrava cercada por caminhões de TV e correspondentes do mundo inteiro. Fodam-se todos, pensou o secretário de imprensa. Só saberiam o que ele quisesse que soubessem.

Quinta-Feira

Sherhaben

Os enviados Dos Estados Unidos chegaram a Sherhaben. O avião pousou numa pista distante daquela em que se encontravam os reféns, dominada por Yabril e ainda cercada pelos soldados de Sherhaben. Por trás dos soldados estavam as hordas de caminhões de TV, jornalistas do mundo inteiro e uma vasta multidão de espectadores, provenientes da cidade de Dak.

O embaixador de Sherhaben, Sharif Waleeb, tomara pílulas para dormir durante a maior parte da viagem. Bert Audick e Arthur Wix haviam conversado, Audick tentando persuadir Wix a modificar as exigências do presidente, a fim de que pudessem obter a libertação dos reféns sem qualquer ação drástica. Ao final, Wix declarara a Audick:

— Não tenho qualquer margem para negociar. As instruções do presidente são rígidas... eles já se divertiram e agora terão de pagar.

— Você é o assessor de segurança nacional... pelo amor de Deus, aconselhe-o a mudar de idéia!

Wix mantivera-se impassível:

— Não há a menor possibilidade. O presidente já tomou sua decisão.

Ao chegarem ao palácio do sultão, Wix e Audick foram escoltados à suíte do soberano por guardas armados. O palácio parecia todo ocupado por formações militares. O Embaixador Waleeb já fora levado à presença do sultão, a quem apresentara os documentos do ultimato.

O sultão não acreditou na ameaça, pensando que qualquer um poderia aterrorizar aquele homenzinho.

— Como Kennedy parecia quando lhe disse isso? —

indagou o sultão. — É um homem que costuma fazer essas ameaças desvairadas só para assustar? Seu governo o apoiaria numa ação assim? Ele estaria apostando toda a sua carreira política nesse único lançamento dos dados.

Não é apenas um recurso de negociação?

274

Waleeb levantou-se da cadeira de brocado dourado.

Subitamente, sua figura pequena, como uma marionete, parecia impressionante. Tinha uma boa voz, registrou o sultão.

— Alteza, Kennedy sabia exatamente qual seria sua reação, palavra por palavra. Vinte e quatro horas depois da destruição de Dak, se todas as suas exigências não forem atendidas, Sherhaben também será destruído. E é por isso que não se pode salvar Dak. É a única maneira pela qual ele pode convencê-lo de que suas intenções são as mais sérias. Ele disse também que Sua Alteza concordaria com as exigências depois da destruição de Dak, mas não antes. Ele manteve-se calmo durante todo o tempo, até sorriu. Não é mais o homem que era. É Azazel.

Mais tarde, os dois enviados do Presidente dos Estados Unidos foram levados a uma agradável sala de recepção, que incluía varandas envidraçadas com ar-condicionado e uma piscina. Foram atendidos por criados em trajes árabes, que serviram comida e refrescos.

Cercado por conselheiros e guardas, o sultão recebeu-os.

O Embaixador Waleeb fez as apresentações. O sultão já conhecia Bert Audick. Haviam mantido vários contatos nas últimas negociações petrolíferas, e Audick fora seu anfitrião nas diversas

ocasiões em que visitara a América, um anfitrião discreto e atencioso. O sultão cumprimentou-o calorosamente,

O segundo homem foi uma surpresa, e por sua mera presença ali o sultão reconheceu o perigo e passou a acreditar na realidade da ameaça de Kennedy. Pois o segundo dos tribunos, como o sultão os considerava, era nada menos que Arthur Wix, o assessor de segurança nacional do presidente, e um judeu ainda por cima. Era por reputação a mais poderosa figura militar dos Estados Unidos e o supremo inimigo dos estados árabes em sua luta contra Israel. O sultão notou que Arthur Wix não estendeu a mão, limitou-se a uma reverência fria.

O próximo pensamento do sultão foi o de que se a ameaça do presidente era real, então por que ele mandaria um dos seus principais assessores para

tamanho perigo? E se ele capturasse aqueles tribunos como reféns, os dois não morreriam em qualquer ataque a Sherhaben? E Bert Audick assumiria o risco de uma possível morte? Pelo que conhecia de Audick, certamente não. Portanto, isso significava que havia margem para negociação, a ameaça de Kennedy não passava de um blefe. Ou então Kennedy era um louco, não se importava com o que pudesse acontecer a seus enviados, cumpriria a ameaça de qualquer maneira. O

sultão correu os olhos pela sala de recepção, que funcionava como uma câmara de audiências. Era muito mais luxuosa do que qualquer coisa na Casa Branca. As paredes eram pintadas a ouro, os tapetes eram os mais caros do mundo, com padrões refinados que nunca poderiam ser reproduzidos, o mármore, o mais puro e mais intrincadamente esculpido. Como tudo aquilo podia ser destruído? E o sultão disse, com uma suave dignidade:

— Meu embaixador transmitiu a mensagem do seu presidente. Acho muito difícil acreditar que o líder do mundo livre ousaria fazer uma

ameaça assim, muito menos executá-la. E me sinto desorientado. Que influência posso ter sobre esse bandido Yabril? Seu presidente é outro Átila o Huno? Imagina que reina sobre a antiga Roma, não na América?

Foi Audick quem falou primeiro:

— Sultão Maurobi, vim até aqui como seu amigo, para ajudá-lo e a seu país. O presidente falava sério quando fez as ameaças. Parece que não têm alternativa, devem mesmo entregar Yabril.

O sultão permaneceu em silêncio por um longo momento, depois virou-se para Arthur Wix e disse, em tom irônico:

— E o que veio fazer aqui? A América pode dispensar um homem importante como você, se eu me recusar a atender às exigências do seu presidente?

— O fato de que poderia nos manter como reféns, se se recusasse a atender as exigências, foi muito discutido.

— Arthur Wix mantinha-se absolutamente impassível.

276

Não deixava transparecer a raiva e o ódio que sentia contra o sultão. — Como chefe de um estado independente, é plenamente justificado em sua ira e na contra-ameaça. Mas esse é o próprio motivo para minha presença aqui. Para assegurar-lhe que as ordens militares necessárias já foram dadas. Como o supremo-comandante das forças militares americanas, o presidente tem esse poder. A cidade de Dak será destruída muito em breve.

Em 24 horas depois, se não atender às exigências, todo o sultanato de Sherhaben também será destruído. Tudo isso deixará de existir...

Wix fez uma pausa, acenando com o braço ao redor da sala, antes de acrescentar:

— ...e o sultão passará a viver da caridade dos países vizinhos. Continuará a ser um sultão, mas um sultão de nada.

O sultão não demonstrou sua raiva. Virou-se para o outro americano e indagou:

— Tem alguma coisa a acrescentar?

Bert Audick respondeu num tom quase insinuante:

— Não resta a menor dúvida de que Kennedy pretende cumprir sua ameaça. Mas há outras pessoas em nosso governo que discordam. Essa ação pode acabar com a presidência dele. — Ele fez um aparte para Wix, quase como se pedisse desculpas: — Acho que temos de abordar essa possibilidade.

Wix fitou-o com uma expressão sombria. Receava isso. Estrategicamente, era sempre possível que Audick tentasse encontrar uma saída. O filho da mãe seria capaz de qualquer coisa para salvar os seus cinquenta bilhões.

Arthur Wix lançou um olhar venenoso para Audick e depois declarou ao sultão:

— Não há margem para qualquer negociação.

Audick lançou um olhar de desafio para Wix e depois voltou a se dirigir ao sultão:

— Acho que é justo, por nosso longo

relacionamento, informar que há uma esperança. E creio que devo dizer isso agora, na presença de meu compatriota, em vez de numa audiência particular, como 277

poderia facilmente fazer. O Congresso dos Estados Unidos está realizando uma sessão especial para aprovar o impedimento do Presidente Kennedy. Se pudermos anunciar que você vai libertar os reféns, garanto que Dak não será destruída.

— E não terei de entregar Yabril? — perguntou o sultão.

— Não, não terá — respondeu Audick. — Mas não deve insistir na libertação do assassino do Papa.

O sultão, apesar de todo o seu controle, não pôde disfarçar completamente o júbilo quando disse:

— Sr. Wix, não acha que é uma solução das mais razoáveis?

— Meu presidente afastado do cargo porque um terrorista assassinou sua filha? E o criminoso ainda fica livre? Não, não é.

— Sempre podemos pegar o homem depois — disse Audick.

Wix lançou-lhe um olhar de tanto desprezo e ódio que Audick compreendeu que aquele homem seria seu inimigo pelo resto da vida.

— Dentro de duas horas todos nos reuniremos com meu amigo Yabril — disse o sultão. — Jantaremos juntos, e chegaremos a um acordo. Eu o persuadirei com palavras doces ou pela força. Mas os reféns serão libertados assim que soubermos que a cidade de Dak está segura.

Senhores, têm a minha palavra, como um muçulmano e como o soberano de Sherhaben.

Logo em seguida, o sultão deu ordens para que seu centro de comunicações o avisasse assim que fosse conhecido o resultado da votação no Congresso dos Estados Unidos. Os enviados americanos

foram escoltados a seus aposentos para tomarem um banho e trocarem de roupa.

O sultão ordenara que Yabril fosse tirado do avião às escondidas e conduzido ao palácio. Yabril ficou esperando na enorme sala de recepção, e notou que estava cheia dos seguranças uniformizados do sultão. Já 278

percebera outros sinais de que o palácio se encontrava em alerta. Yabril sentiu que se encontrava em perigo, mas não havia nada que pudesse fazer.

Quando foi levado à presença do sultão, ficou aliviado ao ser abraçado pelo soberano. Depois, o sultão informou-o rapidamente da reunião com os tribunos americanos.

— Garanti a eles que você libertaria os reféns sem mais negociações — acrescentou o sultão. — E agora temos de aguardar a decisão do Congresso americano.

— Mas isso significa que meu amigo Romeu será abandonado por mim — protestou Yabril. — É um golpe para a minha reputação.

O sultão sorriu.

— Quando o julgarem pelo assassinato do Papa, sua causa terá muito mais publicidade. E o fato de você escapar livre depois desse golpe e do assassinato da filha do Presidente dos Estados Unidos é a glória. Mas foi uma surpresa das mais desagradáveis a que você me fez. Matar uma jovem a sangue-frio. Não me agradou e não foi muito esperto de sua parte.

— Serviu para marcar uma posição. Nunca tive a intenção de permitir que ela saísse viva daquele avião.

— E agora deve estar satisfeito. Para todos os efeitos, conseguiu tirar do cargo o Presidente dos Estados Unidos.

O que está além de seus sonhos mais delirantes.

O sultão deu uma ordem a um de seus assistentes:

— Vá até o aposento do americano, Sr. Audick, e traga-o para cá.

Ao chegar, Bert Audick não estendeu a mão para Yabril, não teve qualquer gesto de cordialidade. Limitou-se a fitá-lo atentamente. Yabril inclinou a cabeça e sorriu.

Conhecia aqueles tipos, os sanguessugas do sangue árabe, que faziam contratos com sultões e reis para enriquecer a América e outros países.

— Sr. Audick — disse o sultão —, explique por favor a meu amigo como o seu Congresso vai afastar o presidente.

Audick relatou todo o processo. Foi convincente.

Yabril acreditou, mas perguntou:

279

— Mas o que acontece se alguma coisa sair errada e não conseguirem a maioria de dois terços?

Audick respondeu com uma expressão sombria:

— Nesse caso, você, eu e o sultão estamos perdidos.

O Presidente Francis Xavier Kennedy verificou os papéis que Matthew Gladyce lhe entregara e depois rubricou-os.

Percebeu a expressão de satisfação no rosto de Gladyce, sabia exatamente o que significava. Que os dois, juntos, estavam enganando o público americano. Em outra ocasião, em outras circunstâncias, ele teria condenado aquela expressão presunçosa, mas Francis Kennedy sabia que aquele era o momento mais

perigoso de sua carreira política e tinha de recorrer a todas as armas disponíveis.

Naquela noite o Congresso tentaria aprovar seu impedimento; usariam a formulação vaga da 25ª Emenda à Constituição nessa tentativa. Talvez ele pudesse vencer a batalha a longo prazo, mas a esta altura já seria tarde demais. Bert Audick teria providenciado a libertação dos reféns, em troca da fuga de Yabril. A morte de sua filha não seria vingada; o assassino do Papa escaparia impune.

Mas Kennedy contava que seu apelo à nação pela TV

promoveria uma onda de telegramas de protesto tão grande que o Congresso hesitaria. Sabia que o povo apoiaria sua ação; estava indignado com o assassinato do Papa e de sua filha. Todos sentiam seu desespero. E

naquele momento ele experimentava uma profunda comunhão com o povo. Os cidadãos americanos eram seus aliados contra o Congresso corrupto, contra os empresários pragmáticos e implacáveis como Bert Audick.

Durante toda a sua vida ele sentira as tragédias dos desafortunados, a massa das pessoas lutando ao longo da vida. No início de sua carreira, jurara que nunca se deixaria corromper por esse amor ao dinheiro que parecia orientar as ações dos homens mais talentosos. Passara a desprezar o poder dos ricos, o dinheiro usado como uma espada. Mas sempre sentira, compreendia agora, que era uma espécie de campeão, que era invulnerável, acima dos sofrimentos de
280

seus semelhantes. Nunca apreendera antes o ódio que as classes desprivilegiadas deviam sentir. Mas percebia-o agora. E nesse instante, os ricos, os poderosos queriam derrubá-lo; precisava vencê-los, para o seu próprio bem.

Mas recusava-se a ser distraído pelo ódio. Sua mente” deveria permanecer lúcida para a crise iminente.

Mesmo que fosse impedido, precisava garantir seu retorno ao poder. E então seus planos seriam ainda mais amplos.

O Congresso e os ricos podiam vencer aquela batalha, mas ele compreendia claramente que deviam perder a guerra. O povo dos Estados Unidos não sofreria a humilhação de bom grado, haveria outra eleição em novembro. Toda aquela crise poderia resultar em seu favor, mesmo que perdesse; a tragédia pessoal seria uma de suas armas. Mas precisava ter cuidado, ocultar seus planos a longo prazo até mesmo de sua assessoria pessoal.

Kennedy sabia que se preparava para o supremo poder. Não havia outro curso, exceto o de submeter-se à derrota e toda a sua angústia, algo a que nunca poderia sobreviver.

Na tarde de quinta-feira, nove horas antes da sessão especial do Congresso que votaria o impedimento do Presidente dos Estados Unidos, Francis Kennedy reuniu-se com seus assessores e com a Vice-Presidente Helen Du Pray.

Era a última reunião de estratégia antes da votação no Congresso, e todos sabiam que o inimigo dispunha dos dois terços necessários. Kennedy percebeu prontamente que o ânimo na sala era de depressão e derrota.

Ofereceu a todos um sorriso animado e abriu a reunião com um agradecimento ao diretor da CIA, Theodore Tappey, por não ter assinado a proposta de impedimento. Depois, virou-se para a Vice-Presidente Du Pray e riu, uma risada genuinamente jovial.

— Helen, eu não gostaria de estar em seu lugar por nada neste mundo. Compreende quantos inimigos fez ao se recusar a assinar o pedido de impedimento? Poderia ser a primeira mulher a se tornar Presidente dos Estados 281

Unidos. O Congresso a odeia porque não pode escapar impune sem a sua assinatura. Os homens a odiarão por ser tão magnânima. As feministas vão considerá-la como uma traidora. Como uma veterana profissional como você pôde se meter em tal situação? Por falar nisso, quero agradecer por sua lealdade.

— Eles estão errados, Senhor Presidente — disse Du Pray. — E mais errados ainda por insistirem. Há possibilidade de alguma negociação com o Congresso?

— Eu não posso negociar. E eles não querem. —

Kennedy virou-se para Dazzy. — Minhas ordens foram cumpridas... a esquadra aeronaval está a caminho de Dak?

— Está, sim, senhor. — Dazzy remexeu-se na cadeira, contrafeito. — Mas os chefes do estado-maior ainda não deram a autorização final. Esperarão até a votação do Congresso esta noite. Se o *impeachment* for aprovado, os aviões voltarão. — Ele fez uma pausa. —

Não estão desobedecendo a ele Seguiram suas ordens.

Apenas querem ter condições de revogar tudo, se perdermos esta noite.

Kennedy virou-se para Du Pray, com uma solene expressão.

— Se for aprovado o impedimento, você será Presidente. Pode ordenar que os chefes do estado-maior prossigam na operação para a destruição da cidade de Dak. Dará essa ordem?

— Não.

Houve um silêncio constrangido e prolongado na sala. Ela manteve o rosto sob controle e, ao falar, dirigiu-se diretamente a Kennedy:

— Tenho demonstrado minha lealdade. Como sua vice-presidente, apoiei a decisão sobre Dak, como era meu dever. Resisti à pressão para assinar os documentos de seu impedimento. Mas se me tornar presidente... e torço com toda a força de meu coração para que isso não aconteça... então terei de seguir minha própria consciência, tomar minha própria decisão.

Kennedy balançou a cabeça. Sorriu para ela, um sorriso tão gentil que a deixou comovida.

282

— Tem toda razão, Helen. Perguntei apenas por informação, não para persuadi-la. — Ele acrescentou para os outros na sala: — Agora, o mais importante é aprontar um roteiro básico para meu discurso na televisão. Eugene, já acertou tudo com as redes? Os noticiários estão informando que falarei esta noite?

Eugene Dazzy comunicou, cauteloso:

— Lawrence Salentine está aqui para lhe falar a respeito. A situação parece um tanto suspeita. Devo mandar chamá-lo? Ele aguarda em minha sala.

— Eles não se atreveriam. Não ousariam me desafiar para uma confrontação às claras. — Kennedy ficou pensativo por um longo momento. — Muito bem, pode chamá-lo.

Enquanto esperavam, eles discutiram a duração do discurso.

— Não mais de meia hora — disse Kennedy. — A esta altura, já terei dito tudo o que quero, realizado o trabalho.

E todos entenderam o que ele queria dizer. Francis Kennedy na televisão podia dominar qualquer audiência.

Era a voz mágica, com a poesia dos grandes poetas irlandeses. Não prejudicava em nada o fato de que seu pensamento, o progresso de sua lógica, era sempre absolutamente claro.

Quando Lawrence Salentine foi introduzido na sala, Kennedy falou-lhe diretamente, sem qualquer cumprimento:

— Espero que não vá me dizer o que estou pensando que vai dizer.

Salentine respondeu friamente:

— Não tenho meio de saber o que está pensando. Fui escolhido pelas outras redes para comunicar nossa decisão de não lhe dar tempo no ar esta noite. Em nossa opinião, fazer isso seria interferir com o processo de impedimento.

Kennedy sorriu.

— Sr. Salentine, o impedimento, mesmo que seja aprovado, será apenas por trinta dias. E o que acontecerá depois?

Não era do estilo de Francis Kennedy ser ameaçador.

283

Ocorreu a Salentine que ele e os outros dirigentes de redes haviam se lançado num jogo muito perigoso. A justificativa legal do governo federal para conceder e revisar canais de TV tornara-se arcaica em termos práticos, mas um presidente determinado podia revigorá-la. Salentine sabia que precisava ter muito cuidado.

— Senhor Presidente, porque achamos que nossa responsabilidade é tão importante que devemos lhe recusar tempo no ar. Está sofrendo um processo de impedimento, para meu grande pesar e lamento de todos os americanos. E

uma grande tragédia, pode estar certo de que conta com a minha simpatia. Mas as redes concordam que deixá-lo falar neste momento não atenderá aos melhores interesses da nação e do processo democrático. — Ele fez uma breve pausa. — Mas depois da votação do Congresso, ganhando ou perdendo, nós lhe daremos o tempo que quiser.

Francis Kennedy riu, furioso, e disse:

— Pode se retirar.

Lawrence Salentine foi acompanhado pela porta fora por um dos agentes do Serviço Secreto. Assim que ele saiu, Kennedy virou-se para os outros.

— Senhores, devem acreditar no que vou lhes dizer.

— O rosto do presidente era sisudo, o azul dos olhos parecia ter passado de uma tonalidade clara para um tom mais forte, quase roxo. — Eles exageraram. Violaram o espírito da Constituição.

Por quilômetros ao redor da Casa Branca, o tráfego se encontrava congestionado, havendo apenas estreitos corredores para a passagem dos veículos oficiais. Câmeras de TV e os caminhões de apoio dominavam toda a área. Os congressistas a caminho do Capitólio eram agarrados sem a menor cerimônia por repórteres de TV e interrogados sobre a sessão especial do Congresso. Ao final, as redes de televisão transmitiram um comunicado oficial, dizendo que o Congresso se reuniria às onze horas da noite para votar uma moção para afastar o Presidente Kennedy do cargo.

Na Casa Branca, Kennedy e seus assessores já haviam feito tudo o que podiam para evitar o ataque. Öddblood 284

Gray telefonara para senadores e deputados. Eugene Dazzy fizera incontáveis ligações para diferentes membros do Clube Sócrates, tentando conquistar o apoio de alguns segmentos das grandes

corporações. Christian Klee enviara pareceres jurídicos aos líderes do Congresso, ressaltando que o impedimento seria ilegal sem a assinatura da vice-presidente.

Pouco antes das onze horas, Kennedy e seus assessores reuniram-se na Sala Amarela para assistir à transmissão pelo telão de TV instalado ali. A sessão especial do Congresso não seria transmitida pelas redes comerciais, mas seria gravada para uso posterior, e um cabo especial mandaria tudo para a Casa Branca.

O Deputado Jintz e o Senador Lambertino haviam feito um bom trabalho. Tudo fora sincronizado com perfeição. Sal Troyca e Elizabeth Stone tinham trabalhado juntos para ajustar os detalhes administrativos. Todos os documentos legais para a transmissão do governo estavam prontos.

Na Sala Amarela, Francis Kennedy e seus assessores acompanhariam tudo pela televisão. O Congresso levaria algum tempo para cumprir todas as formalidades dos discursos e das chamadas, antes da votação. Mas todos já sabiam qual seria o resultado. O Congresso e o Clube Sócrates haviam montado um rolo compressor para a ocasião. Kennedy disse a Oddblood Gray:

— Otto, você fez o melhor que podia.

Nesse momento, um dos funcionários de plantão na Casa Branca entrou na sala e entregou a Dazzy uma folha de memorando. Dazzy olhou para o papel, depois leu-o atentamente. O choque em seu rosto era evidente. Ele entregou o memorando a Kennedy.

Na tela da TV, por uma margem que superava em muito os dois terços necessários, o Congresso acabara de aprovar o impedimento do Presidente Francis Xavier Kennedy.

Sherhaben

ERAM ONZE HORAS DA NOITE, quinta-feira, pelo horário de Washington, mas seis horas da manhã em Sherhaben, quando o sultão convocou a todos para a sala de recepção com varanda, onde teriam um desjejum antes do tempo.

Os americanos — Bert Audick e Arthur Wix — chegaram logo depois. Yabril entrou em companhia do sultão. Havia uma mesa enorme, com incontáveis frutas e bebidas, quentes e geladas.

O Sultão Maurobi exibia um sorriso de satisfação.

Não apresentou Yabril aos americanos, não houve qualquer pretensão de cortesia. O sultão foi logo dizendo:

— Sinto-me feliz em anunciar... mais do que isso, meu coração transborda de alegria... que meu amigo Yabril concordou em libertar seus reféns. Não haverá exigências adicionais de sua parte, e espero que também não haja exigências adicionais de seu país.

Arthur Wix, o rosto coberto de gotas de suor, declarou:

— Não posso negociar ou mudar por qualquer forma as exigências de meu presidente. Deve entregar esse assassino.

O sultão sorriu.

— Ele não é mais seu presidente. O Congresso americano aprovou o *impeachment*. Fui informado de que as ordens para bombardear a cidade de Dak já foram canceladas. Os reféns serão libertados, terá sua vitória. E

não há mais nada que possa pedir.

Yabril sentiu um tremendo fluxo de energia percorrer seu corpo — provocara o *impeachment* do Presidente dos Estados Unidos. Ele fitou Wix nos olhos e deparou com o ódio. Aquele era o homem mais importante no exército mais poderoso do mundo e ele, Yabril, derrotara-o. Por um momento, sua mente fixou-se na imagem dele próprio comprimindo a arma contra os cabelos sedosos de Theresa

286

Kennedy. Lembrou outra vez a sensação de perda, de pesar, quando puxou o gatilho, a pequena pontada de angústia enquanto o corpo da jovem caía pelo ar do deserto. Ele inclinou a cabeça para Wix e os outros homens na sala.

O Sultão Maurobi gesticulou para que os criados oferecessem as travessas com frutas e refrescos para seus hóspedes. Arthur Wix pegou um copo, tomou um gole, baixou-o e indagou:

— Tem certeza de que é absolutamente correta a informação sobre o impedimento do presidente?

— Providenciarei para que fale diretamente com seu gabinete nos Estados Unidos. — O sultão fez uma pausa.

— Mas, primeiro, tenho de cumprir meu dever como anfitrião.

O sultão determinou que fizessem uma última refeição juntos, e insistiu que os acordos finais para a libertação dos reféns fossem decididos enquanto comiam.

Yabril sentou à direita do sultão, Arthur Wix, à esquerda.

Estavam todos acomodados nos divãs ao longo da mesa baixa quando o primeiro-ministro entrou afobado e pediu ao sultão que o acompanhasse à outra sala por um momento. O sultão mostrou-se impaciente, não queria ir, até que o Primeiro-ministro sussurrou alguma coisa em seu ouvido. O sultão franziu as sobrancelhas em surpresa e depois disse a seus convidados:

— Aconteceu algo totalmente imprevisto. Todas as comunicações dos Estados Unidos foram interrompidas, não apenas para o nosso país, mas para o mundo inteiro.

Por favor, continuem a comer, enquanto conferencio com meus ministros.

Depois que o sultão se retirou, os homens à mesa não falaram nada; e só Yabril serviu-se de comida.

Os americanos deixaram a mesa e foram para o terraço. Os criados levaram refrescos gelados para os dois. Yabril continuou a comer. Bert Audick disse a Wix:

— Espero que Kennedy não tenha feito nenhuma besteira. Espero que não tenha tentado se opor à Constituição.

287

— Primeiro a filha, agora ele perde também seu país

— murmurou Wix. — E tudo por causa daquele desgraçado ali, comendo como um mendigo faminto.

— Tudo isso é mesmo terrível.

Audick tornou a entrar na sala e disse a Yabril:

— Espero que tenha um bom lugar para se esconder nos próximos anos, pois haverá muitas pessoas à sua procura.

Yabril riu. Acabou de comer e acendeu um cigarro.

— Claro. Serei um mendigo em Jerusalém.

O Sultão Maurobi voltou nesse momento. Foi seguido por cinquenta homens armados, no mínimo, que se espalharam para dominar toda a sala. Quatro guardas postaram-se atrás de Yabril. Quatro outros

ficaram por trás dos americanos no terraço. Havia surpresa e choque no rosto do sultão. A pele parecia amarelada, os olhos estavam arregalados, as pálpebras davam a impressão de estarem mais pesadas.

— Senhores — disse ele, hesitante —, a informação vai lhes parecer tão incrível quanto é para mim. O

Congresso revogou a aprovação do *impeachment* de Kennedy, e declarou a lei marcial. ..

Ele fez uma pausa, pôs a mão no ombro de Yabril.

— E neste momento os aviões da Sexta Esquadra americana estão destruindo minha cidade de Dak.

Arthur Wix, quase exultante, indagou:

— A cidade de Dak está sendo bombardeada?

— Isso mesmo. Um ato bárbaro, mas convincente.

Todos olharam para Yabril, agora cercado por quatro guardas armados. Yabril comentou, pensativo:

— Finalmente conhecerei a América. Sempre foi meu sonho. — Ele olhou para os americanos, mas falou para o sultão: — Acho que eu seria um grande sucesso na América.

— Sem a menor dúvida — concordou o sultão. —

Parte da exigência é que eu o entregue vivo. Infelizmente, devo dar as ordens necessárias para que não se mate.

— A América é um país civilizado — disse Yabril.

— Serei submetido a um processo legal, que será longo e 288

complicado, pois terei os melhores advogados. Por que eu tentaria me matar? Será uma experiência nova, e quem sabe o que pode acontecer? O mundo sempre muda. A América é civilizada demais para a tortura, e além do mais já sofri a tortura sob os israelenses. Assim, nada me surpreenderá.

Ele sorriu para Wix, que disse suavemente:

— Como você mesmo ressaltou, o mundo muda.

Não teve êxito. Não será um herói.

Yabril riu, na maior satisfação, levantou os braços, num gesto exuberante.

— Eu consegui! — ele quase gritou. — Arranquei seu mundo do eixo. Acha que seu idealismo hipócrita será ouvido depois que os aviões destruíram a cidade de Dak?

Quando o mundo esquecerá meu nome? E acha que sairei de cena agora, quando o melhor ainda está para acontecer?

O sultão bateu palmas e gritou uma ordem para os soldados. Eles seguraram Yabril, puseram algemas em seus pulsos, uma corda no pescoço.

— Devagar, devagar... — murmurou o sultão. Depois que Yabril estava manietado, ele tocou de leve em sua testa e acrescentou: — Desculpe, mas não tenho opção. Tenho petróleo para vender e uma cidade a reconstruir. Mas lhe desejo tudo de bom, velho amigo. Boa sorte na América.

289

Noite de Quinta-Feira

Cidade de Nova York

ENQUANTO O CONGRESSO VOTAVA o impedimento do Presidente Francis Xavier Kennedy, enquanto o mundo aguardava a solução da crise terrorista, havia muitas centenas de milhares de pessoas na cidade de Nova York que não estavam preocupadas com esses problemas.

Tinham suas próprias vidas para cuidar, seus próprios problemas para resolver. Naquela noite amena de primavera, muitos desses milhares convergiram para a área de Times Square, um lugar que fora outrora o coração da maior cidade do mundo. Era ali que desembocava o caminho das ilusões, a Broadway, estendendo-se do Central Park à Times Square.

Aquelas pessoas tinham os interesses mais variados.

Suburbanos de classe média, cheios de tesão, procuravam as livrarias pornográficas para adultos. Cineastas assistiam a quilômetros de filmes com homens e mulheres nus, entregando-se aos atos sexuais mais íntimos com diversos animais. Quadrilhas de adolescentes, com chaves de parafuso no bolso, armas legais, embora letais, circulavam bravamente, como os cavaleiros da antiguidade, empenhados em destruir o dragão da prosperidade, com a animação incontida dos jovens, querendo se divertir um pouco. Cafetões, prostitutas, assaltantes, assassinos, todos começavam a trabalhar depois do anoitecer. Os turistas iam a Times Square, onde Nova York se concentrava na véspera do Ano-Novo, a fim de saudar a alegre chegada de mais um ano. Na maioria dos prédios na área, assim como nas ruas de cortiços que levavam até lá, havia cartazes com um imenso coração vermelho, com a inscrição EU AMO NOVA YORK. Cortesia de Louis Inch.

Naquela quinta-feira, perto de meia-noite, Blade Booker pairava nas proximidades do Times Square Bar and 290

Cinema Club, à procura de um cliente. Booker era um jovem negro notório por sua capacidade como traficante.

Podia arrumar cocaína, heroína, as pílulas mais variadas.

Também podia providenciar uma arma, mas nada muito grande. Pistolas, revólveres, um pequeno 22, mas depois que arrumou uma para si mesmo, não se meteu mais nesse ramo.

Não era cafetão, mas era muito eficiente com as mulheres.

Podia persuadi-las a qualquer coisa, e era um grande ouvinte.

Passara muitas noites a escutar os sonhos de uma ou outra mulher. Até mesmo a vigarista mais miserável, que fazia coisas com os homens que os deixavam sem fôlego, tinha sonhos a contar. Booker escutava, gostava de escutar, sentia-se bem quando as mulheres lhe contavam seus sonhos.

Adorava a conversa mole delas. Ora iam acertar na cabeça no jogo dos números, a carta astrológica indicava que no próximo ano surgiria um homem que as amaria, teriam filhos que cresceriam para se tornarem médicos, advogados, professores universitários, astros da TV; as crianças saberiam cantar, dançar, representar ou fazer comédia tão bem quanto Richard Pryor, talvez até se tornassem outro Eddie Murphy.

Blade Booker esperava que o Swedish Cinema Palace esvaziasse, depois do término de seu filme proibido para menores. Muitos amantes do cinema parariam ali para uma cerveja e um hambúrguer, e na esperança de encontrar alguma mulher. Apareceriam sozinhos, mas podia-se reconhecê-los pela expressão absorta dos olhos, como se ponderassem sobre um problema científico insolúvel. Além disso, a maioria exibia um rosto melancólico. Eram pessoas solitárias.

Havia vigaristas por toda parte, mas Booker tinha a sua postada num canto estratégico. Os homens no bar podiam vê-la a uma

mesinha que sua enorme bolsa vermelha quase cobria por completo. Era uma loura de Duluth, Minnesota, grandalhona, os olhos azuis gelados pela heroína. Booker a salvara de um destino pior do que a morte, ou seja, uma vida numa fazenda, onde o inverno frio congelaria seus peitos, deixando-os duros como pedra. Mas sempre era cuidadoso com ela. A garota tinha uma reputação e tanto, e ele era um dos poucos que trabalhavam 291

com ela.

Seu nome era Kimberly Ansley, e apenas seis anos antes retalhara seu cafetão com um machado, enquanto ele dormia. Cuidado com as mulheres que se chamam Kimberly e Tiffany, Booker sempre dizia. Ela fora presa e processada, julgada e condenada, mas condenada apenas por homicídio culposo, a defesa provando que tinha inúmeras equimoses e “não fora responsável”, por causa do vício em heroína. Fora internada num hospital judiciário, curada, declarada sã e solta nas ruas de Nova York. Fixara residência nos cortiços em torno de Greenwich Village, obtendo um apartamento num dos conjuntos habitacionais construídos pela prefeitura, dos quais até os pobres fugiam.

Blade Booker e Kimberly eram parceiros. Ele era meio cafetão, meio assaltante; e se orgulhava dessa distinção. Kimberly pegava um cineasta no Times Square Bar, levava o freguês para um cortiço perto da Nona Avenida, para atos sexuais rápidos. Depois, Blade saía das sombras e acertava o homem na cabeça com um cassetete pequeno da polícia de Nova York. Rachavam o dinheiro da carteira do homem, mas Blade ficava com os cartões de crédito e as jóias. Não por ganância, mas porque não confiava no julgamento de Kimberly.

O melhor de tudo era o fato de que o homem geralmente era um marido transviado, relutante em comunicar o incidente à polícia e ter de responder a perguntas sobre o que fazia num corredor escuro na Nona Avenida, enquanto a esposa o aguardava em Merrick, Long

Island, ou Trenton, Nova Jersey. Por uma questão de segurança, Blade e Kim evitavam o Times Square Bar por uma semana. E a Nona Avenida. Transferiam-se para a Segunda Avenida. Numa cidade como Nova York, isso era como entrar em outro buraco negro na galáxia. E era por esse motivo que Blade amava Nova York. Ele era invisível, como O Sombra, O Homem de Mil Caras. E era como aqueles insetos e passarinhos que via nos programas dos canais de TV públicos, mudando de cor para sumir na paisagem, os insetos que podiam se enfiar dentro da terra 292

para escapar aos predadores. Em suma, ao contrário da maioria dos cidadãos, Blade Booker sentia-se seguro em Nova York.

Na noite de quinta-feira a colheita estava fraca. Mas Kimberly parecia linda naquela claridade, os cabelos louros brilhando como um halo, os seios esbranquiçados pelo

talco, como luas, projetando-se sem qualquer inibição do decote do vestido verde. Um cavalheiro com um charme jovial e insinuante, apenas com uma leve indicação de lascívia, foi com seu copo até a mesa de Kimberly e indagou polidamente se podia sentar. Blade observou-os, especulando sobre as ironias do mundo. Ali estava aquele homem bem-vestido, sem dúvida algum figurão, talvez um advogado ou professor, quem sabe até um político de segunda categoria, como um vereador de uma cidade pequena, até mesmo um senador estadual, sentado com uma assassina de machado, e como sobremesa receberia uma porrada na cabeça. E só por causa de seu pau. Era esse o problema. Um homem seguindo pela vida apenas com metade do cérebro, por causa do pau. Era mesmo lamentável. Talvez, antes de derrubar o cara, ele o deixasse descarregar o tesão em Kimberly, só depois daria a porrada. Parecia um bom sujeito, estava bancando o cavalheiro, acendendo o cigarro de Kimberly, pedindo um drinque para ela, sem apressá-la, embora estivesse obviamente ansioso em se mandar dali.

Blade terminava seu drinque quando Kim lhe deu o sinal. Viu Kim começar a levantar, mexendo na bolsa vermelha, vasculhando à procura só Deus sabia do quê.

Blade saiu para a rua. Era uma noite clara, no início da primavera, e o cheiro de cachorro-quente, hambúrguer e cebola fritando nas grelhas dos estandes ao ar livre deixou-o com fome, mas podia esperar até que o trabalho estivesse concluído. Ele foi subindo pela Rua 42. Havia ainda multidões, embora já fosse quase meia-noite, os rostos das pessoas eram coloridos pelas incontáveis luzes de néon nos cinemas, cartazes gigantescos e refletores dos hotéis. Blade adorava caminhar da Sétima para a Nona Avenida. Entrou 293

no corredor do cortiço e postou-se no poço da escada.

Poderia avançar quando Kim abraçasse o freguês. Acendeu um cigarro e tirou o cassetete do coldre por baixo do paletó.

Ouviu-os entrar, a porta fechando com um estalido, o barulho da bolsa de Kim. E depois ouviu a voz de Kim dizendo a frase de código:

— É apenas um lance de escada.

Blade esperou dois minutos antes de sair do poço da escada, hesitou ao deparar com uma cena linda. Lá estava Kim, no primeiro degrau, as pernas separadas, as coxas brancas, roliças e adoráveis descobertas, o homem tão bem-vestido com o pau de fora, enfiando nela. Kim pareceu subir pelo ar por um instante, e depois Blade viu horrorizado que ela continuava a subir, os degraus subiam junto, e depois viu o céu claro por cima, como se todo o topo do prédio tivesse sido arrancado. Ele levantou o cassetete para suplicar, orar, dar testemunho, sua vida não podia estar encerrada. Tudo isso aconteceu numa fração de segundo.

Cecil Clarkson e Isabel Domaine haviam saído de um teatro na Broadway depois de assistirem a um musical encantador; seguiam

para a Rua 42 e a Times Square.

Eram negros, como a maioria das pessoas que se encontravam nas ruas por ali, mas não eram de jeito nenhum parecidos com Blade Booker. Cecil Clarkson tinha dezenove anos e fazia um curso de redação na Nova Escola de Pesquisa Social. Isabel tinha dezoito anos e assistia a todas as peças na Broadway e fora da Broadway, porque adorava o teatro e esperava se tornar uma atriz. Estavam apaixonados, como só os adolescentes podem ficar, absolutamente convencidos de que eram as duas únicas pessoas no mundo. E enquanto subiam pela Sétima para a Oitava Avenida, os cartazes de néon ofuscantes banhavam-nos com uma claridade benevolente; a beleza luminosa criava uma magia em torno deles, que os protegia dos mendigos bêbados, viciados em drogas meio enlouquecidos, vigaristas, cafetões e assaltantes em 294

potencial. E Cecil era grande, obviamente forte, dava a impressão de que seria capaz de matar qualquer pessoa que sequer tocasse no corpo de Isabel.

Pararam num enorme estande de salsicha e

hambúrguer, comeram junto do balcão; não se arriscaram a entrar, pois o chão lá dentro estava imundo, com guardanapos e pratos de papel espalhados por toda parte.

Cecil tomou uma cerveja, e Isabel, uma Pepsi, acompanhando os cachorros-quentes e hambúrgueres.

Contemplaram a humanidade fervilhante que lotava as calçadas, mesmo tão tarde da noite. Observaram com absoluta tranquilidade a onda de destroços humanos, a escória da cidade, passando para um lado e outro, nunca lhes ocorreu que havia qualquer perigo. Sentiam compaixão por aquelas pessoas que não tinham a mesma promessa que eles, seu futuro, seu presente, sua felicidade eterna. Quando a onda diminuiu um pouco, voltaram à rua e encaminharam-se da Sétima para a Oitava. Isabel sentia o ar da primavera no rosto e

encostou a cabeça no ombro de Cecil, uma das mãos no peito do namorado, a outra acariciando seu pescoço. Cecil sentiu uma profunda ternura. Ambos eram extremamente felizes, os jovens apaixonados, como bilhões e bilhões de seres humanos antes deles, vivendo um dos poucos momentos perfeitos na vida. E de repente, para espanto de Cecil, todas as vistosas luzes vermelhas e verdes se apagaram, e tudo o que ele podia ver agora era a abóbada do céu, antes que os dois, em absoluta felicidade, se dissolvessem no nada.

Um grupo de oito turistas, visitando a cidade de Nova York no fim de semana da Páscoa, desceu da Catedral de São Patrício, na Quinta Avenida, entrou na Rua 42 e encaminhou-se para a floresta de néon. Ficaram desapontados quando alcançaram a Times Square.

Haviam visto o lugar pela TV, na véspera de Ano Novo, quando centenas de milhares de pessoas reuniam-se ali para aparecer na televisão e saudar a chegada de mais um ano.

Era sujo demais, havia um carpete de lixo cobrindo 295

as ruas. A multidão parecia ameaçadora, bêbada, drogada, ou levada à loucura por se encontrar encerrada entre as torres de aço, através das quais tinha de se deslocar. As mulheres vestiam-se de forma espalhafatosa, como as mulheres paradas nas proximidades dos cinemas pornográficos. Pareciam se mover em diferentes níveis do inferno, o vazio de um céu sem estrelas, os lampiões da rua projetando um esguicho amarelo que parecia pus.

Os turistas, quatro casais, de uma pequena cidade em Ohio, os filhos crescidos, haviam decidido fazer a viagem a Nova York como uma espécie de celebração. Haviam completado um certo estágio em suas vidas, realizado um destino necessário. Haviam casado, criado os filhos, alcançado um sucesso relativo em suas carreiras. Agora haveria um novo começo para eles, o início de uma vida nova. A principal batalha fora vencida.

Os cinemas não os interessavam, pois havia muitos em Ohio. O que os interessava e assustava em Times Square era o fato de ser tão feia, as pessoas que povoavam as ruas parecerem tão malignas. Todos os turistas usavam enormes botões vermelhos de *Eu Amo Nova York*, comprados no primeiro dia. Agora, uma das mulheres tirou seu botão, jogou-o na sarjeta e disse:

— Vamos sair daqui.

O grupo começou a voltar na direção da Sexta Avenida, afastando-se do corredor de néon. Estavam quase virando a esquina quando ouviram uma explosão distante, e depois um sussurro de vento. Logo em seguida, pelas longas avenidas, da Sexta à Nona, veio um tornado, cheio de latas de refrigerantes, latas de lixo e uns poucos carros, que pareciam estar voando. Com um instinto animal, os turistas viraram a esquina da Sexta Avenida, escapando do caminho do vento impetuoso. Mesmo assim, foram derrubados pelo impacto do ar. A distância, ouviram o estrondo de prédios desabando, os gritos de milhares de agonizantes. E ficaram agachados, ao abrigo da esquina, sem saber o que acontecera.

Tinham deixado por pouco o raio da destruição causada pela explosão da bomba nuclear. Eram oito 296

sobreviventes da maior calamidade que se abatera sobre os Estados Unidos em tempo de paz. Um dos homens se levantou e ajudou os outros.

— Que se foda Nova York! — exclamou ele. —

Espero que todos os motoristas de táxi tenham morrido!

O carro da polícia avançava lentamente pelo tráfego, entre a Sétima e a Oitava Avenida, levando dois jovens guardas, um italiano, o outro negro. Não se importavam de ficar engarrafados no tráfego, era o lugar mais seguro no distrito. Sabiam que nas ruas transversais mais escuras poderiam encontrar ladrões arrancando

rádios de carros, cafetões e assaltantes fazendo movimentos ameaçadores para os pacíficos pedestres de Nova York, mas não queriam se envolver com esses crimes. Além do mais, era agora uma política do departamento de polícia de Nova York permitir os crimes menores. Prevalencia na cidade uma espécie de licença para que os desprivilegiados atacassem os cidadãos bem-sucedidos e respeitadores da lei. Afinal, era certo que houvesse homens e mulheres que podiam ter carros de cinqüenta mil dólares, com rádios e sistemas de som que valiam pelo menos mil dólares, enquanto havia milhares de desabrigados que não tinham dinheiro para uma refeição, ou o suficiente para comprar uma seringa esterilizada para um pico? Era certo que aqueles prósperos cidadãos, mentalmente gordos e plácidos, tivessem a ousadia de andar pelas ruas de Nova York sem um revólver, sem levarem ao menos uma chave de fenda letal no bolso, achando que podiam desfrutar as paisagens fabulosas da maior cidade do mundo sem pagarem um certo preço? Afinal, ainda persistia na América uma centelha daquele antigo espírito revolucionário, que não podia resistir a determinadas tentações. E os tribunais, os mais altos escalões da polícia e os editoriais dos jornais mais respeitáveis endossavam dissimuladamente o espírito republicano de roubo, assalto, estupro e até assassinato nas ruas de Nova York. Os pobres da cidade não tinham outro recurso; suas vidas haviam sido estioladas pela miséria, por uma vida familiar 297

embotada, pela própria arquitetura da cidade. Um colunista até alegara que todos esses crimes podiam ser atribuídos a Louis Inch, o magnata imobiliário, que estava reestruturando a cidade com edifícios de um quilômetro de altura, que obstruíam o sol com chapas de aço.

Os dois guardas obervaram Blade Booker deixar o Times Square Bar. Conheciam-no muito bem. Um guarda perguntou ao outro:

— Devemos segui-lo?

— Seria perda de tempo — respondeu o outro. —

Poderíamos pegá-lo em flagrante, mas ele logo seria solto.

Eles viram a loura grande e seu otário saírem também, subirem pela Nona Avenida.

— Pobre coitado — comentou um dos guardas. —

Pensa que vai dar uma trepada, e no final será apenas assaltado.

— Ficaré com um galo na cabeça tão grande quanto seu pau duro.

Os dois riram. O carro ainda avançava devagar, os guardas sempre observando o movimento na rua. Era meia-noite, o turno deles terminaria em breve, não queriam se envolver em qualquer coisa que os mantivesse de serviço por mais tempo. Observaram as inúmeras prostitutas se postarem na frente dos pedestres, os traficantes de tóxicos negros apregoando suas mercadorias com a mesma desfaçatez de um vendedor de TV, assaltantes e punguistas acompanhando vítimas em perspectiva, tentando puxar conversa com turistas.

Sentados na escuridão da radiopatrulha e contemplando as ruas iluminadas pelos cartazes luminosos, viam toda a escória de Nova York resvalando para seus infernos particulares.

Os dois guardas mantinham-se em alerta permanente, com medo de que algum maníaco estendesse um revólver pela janela e começasse a atirar. Avistaram dois traficantes flanquearem um homem bem-vestido, que tentou se afastar apressado, mas foi contido por quatro mãos. O motorista do carro da polícia apertou o acelerador e se aproximou. Os traficantes baixaram as

mãos; o homem bem-vestido sorriu aliviado. Nesse momento os dois lados da rua desabaram, sepultando por completo a Rua 42, da Nona à Sétima Avenida.

Todos os cartazes luminosos da fabulosa Broadway apagaram. A escuridão era iluminada pelo fogo, prédios ardendo, corpos em chamas. Carros incendiados deslocavam-se como tochas pela noite. E havia um intenso clamor de sirenes estridentes, enquanto carros da polícia, ambulâncias e caminhões dos bombeiros avançavam para o coração arrasado da cidade de Nova York.

Dez mil pessoas morreram e outras vinte mil ficaram feridas com a explosão da bomba nuclear colocada por Gresse e Tibbot no prédio da esquina da Oitava Avenida com a Rua 42.

A explosão foi um grande estrondo, seguindo-se um vento uivante e o ranger de cimento e aço desmoronando.

Causou seus danos com uma precisão matemática. A área da Sétima Avenida ao Rio Hudson e da Rua 42 à Rua 45

foi completamente destruída. Fora dessa área, os danos foram relativamente mínimos. Era pela misericórdia e gênio de Gresse e Tibbot que a radiação só fosse letal dentro dessa área.

Por todo o distrito de Manhattan, janelas de vidro foram espatifadas, e os carros nas ruas, esmagados pelos detritos caindo. E uma hora depois da explosão, as pontes de Manhattan estavam atravancadas de veículos fugindo da cidade, a caminho de Nova Jersey e Long Island.

Dos mortos, mais de setenta por cento eram negros ou hispânicos; os outros trinta por cento eram nova-iorquinos brancos e turistas. Na Nona e na Décima Avenida, que se tornaram uma área de acampamento para os desabrigados, assim como no terminal portuário, em que muitos passageiros em trânsito dormiam, os corpos foram carbonizados em pequenos troncos enegrecidos.

15

O CENTRO DE COMUNICAÇÕES da Casa Branca recebeu a notícia da explosão da bomba atômica na cidade de Nova York exatamente seis minutos depois da meia-noite. O

oficial de plantão comunicou no mesmo instante ao presidente. Vinte minutos depois o Presidente Francis Kennedy falava ao Congresso. Estava acompanhado pela Vice-Presidente Du Pray, Oddblood Gray e Christian Klee.

Kennedy assumiu uma atitude solene e grave. No momento mais crucial de sua vida, não havia tempo para qualquer outra coisa que não um diálogo franco.

Oficialmente, não era mais Presidente dos Estados Unidos.

Mas falou como se ainda tivesse a plena autoridade como chefe de estado.

— Vim procurá-los esta noite sem rancor. Esta grande tragédia, este golpe terrível contra a nossa nação, deve nos unir. Vocês devem saber agora que eu adotei o curso certo. Este é o último golpe no plano do terrorista Yabril, o que ele pensa que fará os Estados Unidos da América caírem de joelhos, capitularem às suas exigências. Devemos agora chegar à conclusão de que há 300

uma extensa conspiração contra os Estados Unidos.

Somos compelidos agora a unir nossas forças e agir de comum acordo.

“Por isso, eu lhes peço que revoguem o meu impedimento. Mas quero ser franco: se não o fizerem, ainda assim devo tentar salvar este país. Rejeitarei o ato de impedimento, declararei que é ilegal e

proclamarei a lei marcial para impedir quaisquer atos adicionais de terror. Quero também informá-los de que este Congresso, este corpo glorioso que sempre protegeu a liberdade da América ao longo de sua existência, está sendo agora protegido por seis divisões do Serviço Secreto e um regimento das Forças Especiais do Exército. Este é o maior perigo que o nosso país já enfrentou, não posso permitir que fique sem uma resposta. Quando esta crise terminar, vocês podem votar de novo o meu impedimento, mas não até lá. Eu lhes peço que não deixem o nosso grande país ser dividido por divergências políticas. Não deixem que nosso país descambe para a guerra civil, deliberadamente provocada por nossos inimigos. Vamos nos unir contra eles. Revoguem a votação do impedimento.”

Houve um grande murmúrio no plenário. O

Congresso compreendia que Kennedy lhes dissera não apenas que estavam seguros, mas também que se encontravam à sua mercê.

O Senador Lambertino foi o primeiro a falar depois de Kennedy. Propôs que a votação fosse anulada e que as duas casas do Congresso concedessem um apoio total ao Presidente dos Estados Unidos, Francis Xavier Kennedy.

O Deputado Jintz levantou-se para apoiar a moção.

Declarou que os acontecimentos haviam comprovado que Kennedy estava certo, que fora uma divergência honesta.

Afirmou que o presidente e o Congresso seguiriam em frente unidos, a fim de preservar a América contra seus inimigos. Deu sua palavra quanto a isso.

Houve uma nova votação. A votação anterior para afastar o presidente do cargo foi revogada.

Por unanimidade.

301

Christian não pôde deixar de admirar o brilhante desempenho de Francis Kennedy. Não podia haver dúvidas sobre sua sinceridade. Mas pela primeira vez, em todos aqueles anos, Christian vira Kennedy dizer uma mentira inequívoca e consciente. Declarara ao Congresso dos Estados Unidos que Yabril estava implicado na explosão da bomba atômica. E Christian Klee sabia que não havia nenhuma prova disso. E Kennedy sabia que não era verdade.

Portanto, acertara em cheio, pensou Christian Klee, adivinhara o que Francis queria que ele fizesse.

302

LIVRO

IV

CAPÍTULO

16

O PRESIDENTE FRANCIS KENNEDY, seguro no poder e no cargo, seus inimigos derrotados, contemplava seu destino.

Havia um último passo a dar, uma decisão final a tomar.

Perdera a esposa e a filha, sua vida pessoal não tinha mais qualquer sentido. Só dispunha agora de uma vida entrela-

çada com a do povo dos Estados Unidos. Até que ponto queria se empenhar nesse compromisso?

Ele anunciou que concorreria à reeleição em novembro, organizou sua campanha. Christian Klee recebeu ordens para aplicar uma pressão legal às grandes corporações, em particular as grandes empresas de comunicações, a fim de evitar que interferissem com o processo eleitoral. A Vice-Presidente Helen Du Pray estava mobilizando as mulheres da América. Arthur Wix, que tinha grande influência nos círculos liberais do Leste, e Eugene Dazzy, que era muito prestigiado entre os líderes empresariais esclarecidos do país, mobilizavam o dinheiro.

Mas Francis Kennedy sabia que, em última análise, tudo isso era periférico. Ao final, tudo dependeria dele próprio, do quanto o povo americano estaria disposto a acompanhá-lo pessoalmente.

305

Havia um ponto crucial: desta vez o povo deveria eleger um Congresso que apoiasse integralmente o Presidente dos Estados Unidos. Ele queria um Congresso que fizesse exatamente tudo o que pedisse.

Por isso, Francis Kennedy precisava perceber agora os sentimentos mais profundos da América. Era uma nação em choque.

Por sugestão de Oddblood Gray, eles foram juntos a Nova York. Percorreram a Quinta Avenida, à frente de um desfile memorial, até a enorme cratera deixada pela explosão da bomba atômica. Fizeram isso para mostrar à nação que não havia mais nenhum perigo de radiação, que não havia nenhum perigo de outra bomba escondida.

Kennedy desempenhou seu papel na cerimônia memorial para os mortos e na dedicação da área à construção de um parque, a fim de que todos se lembrassem. Parte do seu discurso foi devotado aos perigos da liberdade irrestrita para o indivíduo, nesta perigosa era tecnocrática. E sua convicção de que a liberdade individual devia ser subordinada ao aprofundamento do contrato social, que o indivíduo devia ceder alguma coisa para melhorar a vida da massa social. Ele disse isso de passagem, mas foi ressaltado pelos meios de comunicação.

Oddblood Gray foi dominado por um senso de ironia repulsiva ao ouvir as aclamações ensurdecadoras da multidão. Um ato de destruição tão terrível podia ser tão afortunado para um homem?

Nas cidades menores e nas áreas rurais, depois que o choque e o horror passaram, houve uma sombria satisfação. Nova York recebera o que merecia. Era uma pena que a bomba não fosse maior e explodisse a cidade inteira, com seus ricos hedonistas, semitas coniventes, negros criminosos. No final das contas, havia um Deus justo no céu. Ele escolhera o lugar certo para aquela terrível punição. Mas por todo o país houve medo também — que o destino de todos, seu próprio mundo e sua posteridade fossem reféns de seres humanos tão aberrantes. Kennedy sentiu tudo isso.

Toda noite de sexta-feira, Francis Kennedy 306

apresentava um relatório ao povo pela TV. Eram na verdade discursos de campanha maldisfarcados, só que agora ele não tinha a

menor dificuldade para conseguir tempo no ar.

Usava certas frases insinuantes e pequenos discursos que penetravam fundo no coração do povo:

— Estamos declarando guerra às tragédias cotidianas da existência humana, não a outras nações.

Repetiu a famosa indagação que fizera em sua primeira campanha:

— Como é possível que depois de cada grande guerra, quando trilhões de dólares foram gastos e desperdiçados para promover a morte, haja prosperidade no mundo? E se esses trilhões fossem investidos para melhorar as condições da humanidade?

Revelou que, pelo custo de um submarino nuclear, o governo podia financiar mil casas para os pobres. Pelo custo de uma esquadra de bombardeiros Stealth, poderia financiar um milhão de casas.

— Basta fingirmos que se perderam em manobras.

Afinal, já aconteceu antes, ainda por cima com a perda de vidas valiosas. Faremos de conta que tornou a acontecer.

E quando os críticos ressaltaram que a defesa dos Estados Unidos seria afetada, Kennedy respondeu que os relatórios estatísticos do Departamento de Defesa eram secretos e que ninguém tomaria conhecimento da redução no orçamento militar.

Anunciou que em seu segundo mandato seria ainda mais rigoroso com o crime. Continuará a lutar para proporcionar a todos os americanos a oportunidade de comprar uma casa nova, dispor de recursos para a assistência médica e providenciar para que pudessem obter uma educação superior. Enfatizou que não se tratava de socialismo. Os custos desses programas seriam pagos pelo expediente simples de tirar um pouco das ricas corporações dos Estados Unidos. Declarou que não defendia o socialismo, queria

apenas proteger o povo americano dos ricos "reais". E disse isso muitas e muitas vezes.

307

Para o Congresso e os membros do Clube Sócrates, o Presidente dos Estados Unidos lhes declarara guerra.

308

O Clube Sócrates resolveu realizar um seminário na Califórnia para discutir como derrotar Kennedy na eleição de novembro. Lawrence Salentine estava muito preocupado. Sabia que o procurador-geral preparava graves indiciamentos em decorrência das ações de Bert Audick e efetuava uma investigação sobre as operações financeiras de Martin Mutford. Greenwell era limpo demais para sofrer ameaças, Salentine não se preocupava com ele. Mas Salentine sabia que seu próprio império de comunicações era bastante vulnerável. Haviam escapado impunes com o crime por tantos anos que acabaram se tornando descuidados. Não haveria problemas com a editora de livros e revistas. Ninguém poderia prejudicar a mídia impressa, pois a proteção constitucional era muito forte. Mas é verdade que um sacana como Klee poderia aumentar as tarifas postais.

Mas Salentine sentia uma preocupação profunda por seu império de TV. Afinal, as ondas aéreas pertenciam ao governo, que distribuía os canais. As emissoras de televisão só operavam por permissão do governo. E

sempre fora uma fonte de espanto para Salentine que o governo permitisse que a iniciativa privada ganhasse tanto dinheiro dessas ondas aéreas sem cobrar as taxas apropriadas. Ele estremecia só de pensar num comissário federal de comunicações forte, sob o comando de Kennedy. Poderia representar o fim das redes comerciais e das companhias de TV a cabo como existiam agora.

Louis Inch, sempre o patriota, acalentava uma admiração um tanto desleal pelo Presidente Kennedy. Ainda aclamado como o homem mais odiado em Nova York, ele se ofereceu para restaurar a área da cidade destruída pela bomba. Os quarteirões arrasados seriam purificados com monumentos em mármore, cercados por bosques. Ele faria isso pelo preço de custo, sem qualquer lucro, concluiria os trabalhos em seis meses. Graças a Deus que a radiação fora mínima.

Todos sabiam que Inch conseguia fazer as coisas muito melhor do que qualquer agência do governo. Claro 309

que ele sabia que ainda ganharia muito dinheiro, através de suas companhias subsidiárias de construção, comissões de planejamento e comitês de consultoria. E a publicidade seria valiosa. . .

Inch era um dos homens mais ricos da América. Seu pai fora o típico senhorio da cidade grande, implacável, deixando de manter o aquecimento nos prédios de apartamentos, reduzindo os serviços ao mínimo, forçando os inquilinos a saírem, a fim de construir apartamentos mais luxuosos. O suborno de fiscais da prefeitura era uma habilidade que Louis Inch aprendera ainda no colo do pai.

Mais tarde, armado com seus cursos universitários, de administração e direito, ele subornara vereadores, altos funcionários públicos, até mesmo prefeitos.

Fora Louis Inch quem lutara contra as leis do controle de locações em Nova York, fora Louis Inch quem promovera as grandes transações imobiliárias para a construção de enormes edifícios ao longo do Central Park.

Agora, o parque tinha um toldo de monstruosos edifícios de aço para abrigar corretores de Wall Street, professores das mais importantes universidades, escritores famosos, artistas chiques, *chefs* dos restaurantes mais caros.

Os ativistas da comunidade acusavam Inch de ser responsável pelos horríveis cortiços no Upper West Side e no Bronx, Harlem e Coney Island, por causa da quantidade de habitações razoáveis que ele destruíra em sua reconstrução de Nova York. Acusavam-no também de obstruir a recuperação do distrito de Times Square, ao mesmo tempo em que comprava secretamente prédios, e até quarteirões inteiros. Inch respondia sempre que aquelas pessoas gostavam de criar caso, eram do tipo que exigiam a metade de um saco de merda.

Outra estratégia de Inch era apoiar as leis municipais que exigiam que os locadores alugassem seus imóveis a qualquer pessoa, independentemente de raça, cor ou credo.

Ele fizera vários discursos em defesa dessas leis, porque ajudavam a afastar o pequeno senhorio do mercado.

Alguém que tivesse apenas o segundo andar e/ou o porão de sua casa para alugar era obrigado a aceitar bêbados, 310

esquizofrênicos, traficantes de tóxicos, estupradores, assaltantes. Esses pequenos senhorios acabavam se sentindo desanimados, vendiam suas casas e mudavam-se para os subúrbios.

Mas Inch se encontrava além de tudo isso agora —

estava subindo de classe. Havia milionários incontáveis no país; Louis Inch fazia parte da centena ou por aí de bilionários da América. Possuía companhias de ônibus, hotéis e até uma empresa aérea. Possuía um dos maiores hotéis-cassinos de Atlantic City e muitos prédios de apartamentos em Santa Monica, na Califórnia. Eram as propriedades em Santa Monica que lhe causavam mais problemas.

Louis Inch ingressara no Clube Sócrates porque acreditava que seus poderosos associados poderiam ajudá-lo a resolver os problemas imobiliários que enfrentava em Santa Monica. O golfe era um

esporte perfeito para tramar conspirações. Havia as piadas, o bom exercício, e os acordos eram fechados. E o que poderia ser mais inocente? Nem mesmo os investigadores mais virulentos dos comitês do Congresso ou os implacáveis juizes da imprensa podiam acusar os golfistas de intenções criminosas.

O Clube Sócrates acabara sendo muito melhor do que Inch esperava. Tornara-se amigo dos cem homens que controlavam o sistema econômico e as engrenagens políticas do país. Foi através do Clube Sócrates que Louis Inch tornou-se um membro da Guilda do Dinheiro, que podia comprar toda a delegação de um estado no Congresso, em uma única operação. Claro que não se podia comprar os representantes do povo de corpo e alma

— não se falava aqui de abstrações, como Deus e o Diabo, o bem e o mal, virtude e pecado. Nada disso.

Falava-se de política, do que era possível. Havia ocasiões em que um congressista tinha de se opor a seus desejos para garantir a reeleição. Era verdade que 98 por cento dos congressistas sempre acabavam sendo reeleitos, mas sempre havia os dois por cento que precisavam dar atenção a seus eleitores.

311

Louis Inch acalentava o sonho impossível. Não, não era o de se tornar Presidente dos Estados Unidos, pois ele sabia que sua mácula como senhorio nunca poderia ser apagada. A mudança que impusera à paisagem de Nova York era um crime arquitetônico. Havia um milhão de moradores de cortiços em Nova York, Chicago e especialmente Santa Monica que saíam às ruas, dispostos a espetarem sua cabeça na ponta de um chuço.

Na verdade, seu sonho era ser o primeiro trilionário no moderno mundo civilizado. Um trilionário plebeu, a fortuna conquistada com as mãos calejadas de um trabalhador.

Inch vivia para o dia em que poderia dizer a Bert Audick: “Tenho mil unidades.” Sempre o irritara o fato de os homens do petróleo do Texas só falarem em unidades —

uma “unidade” no Texas era cem milhões de dólares.

Audick comentara, a respeito da destruição de Dak:

— Oh, Deus, perdi quinhentas unidades!

E Inch jurara que um dia ainda diria a Audick:

“Tenho cerca de mil unidades investidas em propriedades.” Audick assoviaria e diria: “Cem bilhões de dólares!” Ao que Inch explicaria: “Não, um trilhão de dólares. Lá em Nova York uma unidade vale um bilhão de dólares,” O que acabaria de uma vez por todas com a presunção daqueles texanos.

Para converter esse sonho em realidade, Louis Inch capitalizava o conceito de espaço aéreo. Isto é, comprava o espaço aéreo por cima dos prédios existentes nas grandes cidades e construía sobre eles. O espaço aéreo podia ser comprado por uma ninharia; era um conceito novo, como as terras pantanosas quando seu avô as comprara, sabendo que a tecnologia resolveria o problema de drená-las e transformá-las em áreas lucrativas para a construção. O problema era impedir que as pessoas e seus legisladores o detivessem. Isso exigiria tempo e um enorme investimento, mas ele estava convencido de que podia ser feito. É verdade que cidades como Chicago, Nova York, Dálias e Miami seriam gigantescas prisões de aço e concreto, mas as pessoas não precisavam viver lá, a 312

não ser a elite, que adorava os museus, cinemas, teatros, música. E é claro que haveria também pequenos bairros-butiques para os artistas.

E quando Louis Inch conseguisse finalmente realizar o que queria, não haveria mais cortiços na cidade de Nova York. Simplesmente

não haveria mais aluguéis disponíveis para os pequenos criminosos e as classes trabalhadoras.

Todos viriam de comunidades suburbanas, em trens especiais, em ônibus especiais, voltariam ao anoitecer. Os locatários e compradores dos apartamentos da Inch Corporation poderiam ir ao teatro, discotecas e restaurantes de luxo, sem se preocuparem com as ruas escuras lá fora. Poderiam passear pelas avenidas, até mesmo se arriscarem pelas ruas transversais, poderiam andar pelos parques, em relativa segurança. E o que pagariam por esse paraíso? Fortunas.

Convocado à reunião do Clube Sócrates, na Califórnia, Louis Inch iniciou uma excursão através dos Estados Unidos, reunindo-se com os dirigentes das maiores corporações imobiliárias das grandes cidades. Arrancou deles a promessa de contribuições em dinheiro para derrotar Kennedy. Chegando a Los Angeles, poucos dias depois, resolveu fazer uma visita a Santa Monica, antes de começar o seminário.

Santa Monica é uma das mais belas cidades dos Estados Unidos, principalmente porque seus cidadãos resistiram com êxito aos esforços dos interesses imobiliários em construir enormes edifícios, aprovaram leis para manter os aluguéis estáveis e controlar os gabaritos dos prédios. Um bom apartamento na Ocean Avenue, dando para o Pacífico, custa apenas um sexto da renda de um cidadão médio. Era uma situação que levava Inch à loucura há vinte anos.

Inch considerava que Santa Monica era uma afronta, um insulto ao espírito americano da livre iniciativa; aquelas unidades, nas condições atuais, podiam ser alugadas por dez vezes mais. Ele comprara muitos dos prédios de apartamentos. Eram conjuntos encantadores, 313

ao estilo espanhol, um desperdício no aproveitamento de terrenos valiosos, com seus pátios internos e jardins, sua altura escandalosamente baixa de dois andares. E ele não podia, por lei, aumentar os aluguéis naquele paraíso. E o espaço aéreo por cima de Santa Monica valia bilhões, a vista do Oceano Pacífico valia alguns bilhões a mais. Às vezes Inch tinha idéias malucas de construir verticalmente no próprio oceano. E isso o deixava tonto.

Claro que ele não tentou subornar diretamente os três vereadores que convidou para almoçar no Michael's, mas falou de seus planos, mostrou como todos poderiam se tornar multimilionários, se certas leis fossem mudadas.

Ficou consternado quando eles não demonstraram o menor interesse Mas o pior ainda estava para acontecer.

No momento em que Inch entrou em sua limusine, houve uma explosão ensurdecadora. Cacos de vidro voaram por todo o interior, a janela de trás se desintegrou, um buraco enorme surgiu de repente no pára-brisa, com teias de aranha espalhando-se pelo resto do vidro.

Quando a polícia chegou, Inch foi informado de que uma bala de rifle causara os danos. Quando lhe perguntaram se tinha algum inimigo, Louis Inch assegurou com toda sinceridade que não.

O seminário especial do Clube Sócrates sobre

“Demagogia na Democracia” começou no dia seguinte.

Entre os presentes estavam Bert Audick, agora sendo processado pelo governo federal; George Greenwell, que parecia com o trigo antigo armazenado em seus gigantescos silos no Meio-Oeste; Louis Inch, o rosto bonito um tanto pálido por causa de sua quase morte no dia anterior; Martin Mutford, num terno Armam que não podia esconder o fato de que estava engordando; e Lawrence Salentine. Bert Audick foi o primeiro a falar:

— Alguém pode me explicar como é possível que Kennedy não seja um comunista? Kennedy quer socializar a medicina e a construção de casas. Está me processando pelas leis de formação de quadrilha e não sou sequer italiano. — Ninguém riu de sua piada e ele continuou: —

314

Podemos tentar contornar o problema, mas temos de encarar um fato fundamental. Ele é um tremendo perigo para tudo o que nós defendemos. Precisamos adotar uma ação drástica.

George Greenwell interveio, num tom suave:

— Ele pode processá-lo, mas não conseguirá condená-lo... ainda temos o processo devido neste país.

Sei que você está sofrendo uma terrível provocação. Mas se eu ouvir qualquer conversa perigosa nesta sala, vou me retirar imediatamente. Não admitirei nenhuma proposta traiçoeira ou sediciosa.

Audick sentiu-se ofendido e respondeu:

— Amo meu país mais do que qualquer outro nesta sala. E é isso o que me aflige. O indiciamento diz que eu estava agindo de forma traiçoeira. Logo eu! Meus ancestrais já se encontravam neste país quando os sacanas dos Kennedys ainda comiam batatas na Irlanda. Eu já era rico quando eles contrabandeavam bebidas em Boston.

Aqueles mercenários dispararam contra os aviões americanos que sobrevoavam Dak, mas não por ordem minha. É verdade que propus um acordo ao sultão de Sherhaben, mas agi assim no interesse dos Estados Unidos.

Salentine comentou secamente:

— Sabemos que Kennedy é o problema. Estamos aqui para discutir uma solução. O que é nosso direito e nosso dever.

Mutford interveio:

— O que Kennedy está dizendo ao país é mentira.

De onde sairá o capital para financiar todos os seus programas? Ele propõe uma forma modificada de comunismo. Se pudermos repisar isso nos meios de comunicação, o povo vai acabar se afastando dele. Cada homem e mulher neste país acha que um dia se tornará milionário e já se preocupa com os impostos que terá de pagar.

— Então por que todas as pesquisas indicam que Francis Kennedy ganhará em novembro? — indagou Salentine, irritado.

Como em tantas outras ocasiões anteriores, ele 315

sentia-se um pouco espantado com a obtusidade dos poderosos. Pareciam não ter a menor noção do intenso charme pessoal de Kennedy, seu carisma para as massas, só porque eram imunes a esse charme. Houve um silêncio prolongado, que foi rompido por Martin Mutford:

— Dei uma olhada na legislação que está sendo preparada para regulamentar o mercado de ações e os bancos. Se Kennedy for reeleito, os lucros vão diminuir. E

se seus fiscais trabalharem direito, as cadeias ficarão lotadas com os muitos ricos.

— Estarei à espera deles — comentou Audick, sorrindo. Por algum motivo, ele parecia estar de excelente humor, apesar do processo. — E a esta altura já serei um preso de confiança, providenciarei para que todos vocês tenham flores em suas celas.

Inch disse, impaciente:

— Ficaré numa dessas prisões de luxo, brincando com os computadores que controlam seus petroleiros.

Audick jamais gostara de Louis Inch. Não podia gostar de um homem que empilhava seres humanos do fundo da terra às estrelas e cobrava um milhão de dólares por apartamentos que não eram maiores do que escarradeiras.

— Tenho certeza de que minha cela terá mais espaço que um de seus apartamentos de luxo — respondeu Audick. — E depois que eu estiver lá dentro, não tenha tanta certeza se poderá obter o petróleo necessário para aquecer os seus edifícios. E outra coisa: terei mais chance jogando na cadeia do que em seus cassinos em Atlantic City.

Greenwell, como o mais velho e o mais experiente no trato com o governo, sentiu que devia assumir o comando da conversa.

— Acho que devemos, através de nossas companhias e de outros representantes, empenhar muito dinheiro na campanha do adversário de Kennedy. Martin, acho que você deve se oferecer para ser o gerente da campanha.

— Primeiro, vamos decidir sobre de quanto dinheiro estamos falando e como será a contribuição — disse Mar-316

tin Mutford.

— Poderia ser uma soma redonda de quinhentos milhões de dólares — propôs Greenwell.

— Espere um instante! — protestou Audick. —

Acabei de perder cinquenta bilhões e vocês querem que eu contribua com mais uma unidade?

— O que significa uma unidade, Bert? — indagou Inch, malicioso. — A indústria do petróleo vai querer nos sacanear? Os texanos não

podem mais dispensar uns míseros cem milhões?

— O tempo na TV custa muito dinheiro — disse Salentine. — Se pretendemos saturar as transmissões até novembro, serão cinco meses. Vai sair muito caro.

— E sua rede de TV ficará com uma grande parcela

— comentou Inch, agressivo. Ele se orgulhava de sua reputação como um negociador inflexível. — O pessoal da TV tira a sua parte de um bolso, mas num passe de mágica logo aparece no outro bolso. Esse é um fator que deve ser levado em consideração quando discutirmos as contribuições.

— Ora, estamos discutindo ninharias — protestou Mutford, deixando os outros indignados.

Ele era famoso pelo tratamento desdenhoso que dispensava ao dinheiro. Para ele, não passava de um telex transportando alguma espécie de substância espiritual de um corpo etéreo para outro. Não tinha realidade.

Costumava dar a namoradas casuais um Mercedes novinho, uma excentricidade que aprendera com texanos ricos. Se tinha uma amante por um ano, comprava-lhe um prédio de apartamentos, para garanti-la na velhice. Outra amante tinha uma casa em Malibu, outra um castelo na Itália e um apartamento em Roma. Comprava para um filho ilegítimo a sociedade num cassino na Inglaterra.

Nada lhe custava, apenas pedaços de papel assinados. E

sempre tinha um lugar em que ficar, aonde quer que fosse.

A mulher Albanese conseguira seu famoso restaurante e todo o prédio dessa maneira. E havia muitas outras. O

dinheiro nada significava para Mutford.

— Paguei minha parte com Dak — declarou Audick, 317

em tom agressivo.

— Bert, você não está diante de um comitê do Congresso discutindo as cotas de produção de petróleo —

disse Mutford.

— E não tem opção — acrescentou Inch. — Se Kennedy for reeleito e eger o seu Congresso, você irá para a cadeia.

George Greenwell especulava mais uma vez se não deveria se desligar oficialmente daqueles homens. Afinal, estava velho demais para essas aventuras. Seu império de cereais corria menos perigo do que os negócios daqueles outros homens. A indústria petrolífera, de uma forma óbvia demais, chantageara o governo para obter lucros exorbitantes. Sua atividade empresarial era mais discreta; de um modo geral, as pessoas não sabiam que apenas cinco ou seis pessoas possuíam as companhias que controlavam todo o pão do mundo. Greenwell temia que um homem impetuoso e beligerante como Bert Audick pudesse criar problemas graves para todos eles. Mas gostava da vida no Clube Sócrates, os seminários que se prolongavam por uma semana inteira, com as mais interessantes discussões sobre os problemas do mundo, as sessões de gamão, os torneios de bridge. Mas já perdera o desejo intenso de levar a melhor sobre seus semelhantes.

— Ora, Bert, o que é uma mísera unidade para a indústria petrolífera? — disse Inch. — Afinal, vocês vêm sugando o público com seus subsídios pela redução das reservas de petróleo durante os últimos cem anos.

Martin Mutford soltou uma risada.

— Vamos parar com essa merda. O fato é que estamos todos juntos nisso. E todos seremos enforcados juntos, se Kennedy vencer.

Vamos esquecer o dinheiro e tratar dos negócios mais importantes. Precisamos decidir como atacar Kennedy nesta campanha. O que acham de seu fracasso em agir no caso da ameaça de bomba atômica a tempo de evitar a explosão? O que acham de ele nunca mais ter uma mulher em sua vida desde que a esposa morreu? Não estaria comendo secretamente algumas mulheres na Casa Branca, como seu tio Jack 318

fazia? O que acham de um milhão de outras coisas? De sua assessoria pessoal, por exemplo? Temos muito trabalho a fazer.

Isso os distraiu. Audick comentou, pensativo:

— Ele não tem nenhuma mulher. Já confirmei isso.

Talvez seja bicha.

— E daí? — indagou Salentine.

Alguns dos principais astros de sua rede de televisão eram homossexuais, e ele era muito sensível ao assunto.

A linguagem de Audick o ofendia. Mas Louis Inch, inesperadamente, endossou o ponto levantado por Audick, dizendo a Salentine:

— O público não se importa se um dos seus comediantes idiotas for bicha, mas como acha que reagiria se soubesse que o Presidente dos Estados Unidos também é?

— Este dia ainda chegará — murmurou Salentine.

— Não podemos esperar — interveio Mutford. — E, além do mais, o presidente não é bicha. Encontra-se no momento em alguma espécie de hibernação sexual. Creio que a nossa melhor possibilidade é atacá-lo através de sua assessoria pessoal.

Mutford fez uma pausa, pensou por um momento, e depois acrescentou:

— O procurador-geral, Christian Klee... mandei algumas pessoas investigarem-no. Ele é um tanto misterioso para uma personalidade pública. Muito rico, muito mais rico do que as pessoas pensam, de uma olhada extra-oficial em suas contas bancárias. Não gasta muito, não sustenta mulheres, nem é viciado em tóxicos, a um ponto que se torne evidente em suas despesas. Um advogado brilhante que não demonstra muito interesse pelo direito. Sabemos que é devotado a Kennedy. A proteção que montou para o presidente é uma maravilha de eficiência. Mas essa eficiência prejudica a campanha de Kennedy, porque Klee não lhe permite o contato físico.

Em tudo e por tudo, eu me concentraria em Klee.

— Klee foi da CIA, dos altos escalões de operações

— disse Audick. — Ouvi algumas histórias estranhas a 319 seu respeito.

— Talvez essas histórias possam ser nossa munição

— sugeriu Mutford.

— São apenas histórias — comentou Audick. — E

não será possível extrair coisa alguma dos arquivos da CIA, não com o tal de Tappey no comando.

Greenwell disse, em tom de indiferença:

— Por acaso tenho informações de que o chefe da assessoria do presidente, o tal de Dazzy, tem uma vida pessoal bastante complicada. Brigou com a mulher e anda se encontrando com outra.

Mas que merda!, pensou Mutford. Preciso afastá-los desse rumo. Jeralyn Albanese lhe falara sobre a ameaça de Christian Klee.

— Isso é coisa de importância menor — disse ele. —

O que ganharíamos, mesmo que forçássemos Dazzy a cair fora? O público nunca vai se virar contra o presidente porque um dos seus assessores anda trepando com uma garota, a menos que seja estupro ou algo parecido.

— Podemos procurar a garota e lhe dar um milhão de dólares para berrar que houve estupro — sugeriu Audick.

— Ela teria de dizer que houve estupro depois de três anos de cama e de ter todas as suas contas pagas —

objetou Mutford. — Ninguém acreditaria.

Foi George Greenwell quem deu a contribuição mais valiosa:

— Devemos nos concentrar na explosão da bomba atômica em Nova York. Acho que o Deputado Jintz e o Senador Lambertino devem criar comitês de investigações na Câmara e no Senado, e intimar todas as autoridades do governo. Mesmo que não descubram nada de concreto, haverá bastantes coincidências para os meios de comunicação se divertirem. É nesse ponto que você precisará usar toda a sua influência, Larry. Essa é a nossa maior esperança. E agora sugiro que todos nós comecemos a trabalhar. — Uma pausa e ele acrescentou para Mutford:

— Pode instalar seus comitês de campanha. Garanto que receberá meus cem milhões. É um investimento dos mais prudentes.

320

Quando a reunião foi suspensa, era apenas Bert Audick quem cogitava de providências mais radicais.

Logo depois dessa reunião, Lawrence Salentine foi chamado pelo Presidente Francis Kennedy. Quando entrou no Gabinete Oval, Salentine constatou que o Procurador-Geral Christian Klee também se encontrava ali, o que o deixou ainda mais cauteloso. Não houve troca de cortesias; aquele não era mais o Kennedy sempre simpático, mas sim, refletiu Salentine, um homem à procura de vingança. Kennedy foi logo dizendo:

— Sr. Salentine, não quero fazer rodeios. Serei franco e objetivo. Meu procurador-geral, o Sr. Klee, e eu discutimos a possibilidade de processar criminalmente sua rede de televisão e também as outras. Ele me persuadiu que pode ser uma punição rigorosa demais. Em termos específicos, você e os outros gigantes das comunicações participaram de uma conspiração para me afastar da presidência. Apoiaram o Congresso na tentativa de *impeachment*.

— Era nossa função, como uma empresa de comunicações, relatar os acontecimentos políticos — protestou Salentine.

— Pare com essa merda, Lawrence — interveio Klee, friamente. — Vocês se uniram contra nós.

— Mas isso é coisa do passado — declarou

Kennedy. — Vamos continuar. As empresas de comunicações vêm fazendo o que bem querem há anos, há décadas. Não vou mais permitir que umas poucas corporações dominem todos os meios de comunicação neste país. A propriedade das emissoras de TV será limitada à TV. Não poderão mais possuir editoras de livros. Nem revistas. Nem jornais. Nem companhias de TV a cabo. Nem estúdios cinematográficos. É poder demais. Vocês contam com publicidade demais. Tudo isso será limitado. Quero que transmita esse recado a seus amigos. Durante o processo de impedimento, vocês impediram

ilegalmente que o Presidente dos Estados Unidos falasse ao povo pelo televisão. Isso nunca mais 321

tornará a acontecer.

Salentine declarou ao presidente que não acreditava que o Congresso lhe permitisse fazer o que pretendia.

Kennedy sorriu e respondeu:

— Não este Congresso, mas teremos uma eleição em novembro. E estarei concorrendo à reeleição. E farei campanha por pessoas no Congresso que apóiem minhas posições.

Lawrence Salentine procurou os outros proprietários de emissoras de TV e transmitiu-lhes as más notícias, acrescentando:

— Temos dois cursos de ação. Podemos começar a ajudar o presidente, apoiando-o ao noticiarmos suas ações e propostas políticas. Ou podemos permanecer livres e independentes, criticando-o quando julgarmos necessário.

— Ele fez uma pausa. — Este pode ser um momento muito perigoso para nós. Não apenas pela perda de receita, não apenas pelos regulamentos restritivos, mas se Kennedy for longe demais podemos perder até nossas licenças.

O que seria demais. Era inconcebível que as redes pudessem perder suas licenças. Seria a mesma coisa que os colonos nos tempos antigos da fronteira verem suas terras devolvidas ao governo. A concessão de licenças de emissoras de TV, o acesso gratuito às ondas aéreas, sempre pertencera a pessoas como Salentine. Parecia-lhes agora um direito natural. E por isso os proprietários tomaram a decisão de não se submeterem ao Presidente dos Estados Unidos, de permanecerem livres e independentes. E

denunciariam Kennedy como a ameaça ao capitalismo democrático americano que ele de fato era. Salentine comunicaria essa decisão aos membros mais importantes do Clube Sócrates.

Salentine remoeu por dias como poderia desfechar uma campanha contra o presidente por sua rede de TV

sem parecer óbvio demais. Afinal, o público americano acreditava num jogo limpo; ficaria ressentido com uma evidente campanha insidiosa. Os americanos acreditavam no devido processo legal, embora constituíssem a população mais criminosa do mundo.

322

Ele agiu com todo cuidado. O primeiro passo era recrutar Cassandra Chutt, que tinha o noticioso com o maior índice nacional de audiência. Claro que não poderia ser direto demais; as pessoas que se destacavam como âncoras não admitiam a interferência aberta. Mas não haviam alcançado sua eminência sem fazerem concessões à cúpula administrativa. E Cassandra Chutt sabia como agir.

Salentine apoiara sua carreira durante os últimos vinte anos. Conhecera-a quando ela trabalhava nos programas do início da manhã, passando depois para os noticiosos noturnos. Cassandra sempre fora desavergonhada na busca de promoção. Todos sabiam que ela abordara um secretário de estado em lágrimas, lamentando que perderia o emprego se ele não lhe concedesse uma entrevista de dois minutos.

Adulava, lisonjeava e chantageava os famosos a aparecerem em seu programa de entrevistas no horário nobre, depois os fulminava com perguntas pessoais e vulgares. Salentine achava que Cassandra Chutt era a pessoa mais grosseira que já conhecera na televisão.

Convidou-a para jantar em seu apartamento. Gostava da companhia de pessoas grosseiras.

Quando Cassandra chegou, na noite seguinte, Salentine estava editando um vídeo-teipe. Levou-a para sua sala de trabalho, onde havia os mais modernos equipamentos de TV, cada um equipado com seu pequeno computador. Cassandra sentou num banco e disse:

— Mas que merda, Lawrence! Tenho de assistir você editar mais uma vez ... *E o Vento Levou!*

À guisa de resposta, Salentine serviu para ela um drinque, no pequeno bar num canto da sala.

Salentine tinha um *hobby*. Pegava um vídeo-teipe de um filme (possuía uma coleção do que considerava os cem melhores filmes de todos os tempos) e editava-o, para torná-lo ainda melhor. Mesmo em seus filmes prediletos, sempre havia uma cena ou um diálogo que ele julgava desnecessário ou que não fora bem-feito, e tratava de eliminá-lo com seus equipamentos de edição. Agora, na estante de sua sala de estar, havia cem vídeo-teipes dos 323

melhores filmes, um pouco mais curtos, mas perfeitos.

Havia até alguns filmes com os finais insatisfatórios cortados.

Enquanto ele e Cassandra jantaram, servidos por um mordomo, conversaram sobre os futuros programas dela.

O que sempre deixava Cassandra Chutt de bom humor.

Ela revelou a Salentine seus planos de visitar os chefes dos estados árabes e reuni-los no mesmo programa, junto com o presidente de Israel. Depois, um programa com três primeiros-ministros europeus conversando com ela. E ela ainda se mostrou entusiasmada com a idéia de ir ao Japão e entrevistar o imperador. Salentine escutou pacientemente. Cassandra Chutt tinha ilusões de grandeza, mas de vez em quando alcançava um sucesso espetacular. Mas, finalmente, ele interrompeu-a para sugerir, jocosamente:

— Por que não leva o Presidente Kennedy a seu programa?

Cassandra Chutt perdeu o bom humor.

— Ele nunca aceitaria, depois do que fizemos com ele.

— Tem razão, as coisas não saíram tão bem quanto esperávamos. Mas, se não pode ter Kennedy, então por que não procurar o outro lado da cerca? Por que não chamar o Deputado Jintz e o Senador Lambertino para contarem o seu lado da história?

Cassandra Chutt sorriu.

— Ah, seu filho da puta insinuante... Acontece que eles perderam. São os perdedores, e Kennedy vai massacrá-los na próxima eleição. Por que eu deveria convidar perdedores? Quem quer assistir a perdedores pela televisão?

— Jintz me contou que eles têm informações muito importantes sobre a explosão da bomba atômica, que é possível que o governo tenha vacilado. Que não utilizaram da forma devida as equipes de busca nuclear, que poderiam localizar a bomba antes de sua explosão. É dirão isso em seu programa. Você seria manchete no mundo inteiro.

Cassandra Chutt ficou aturdida por um instante, 324

depois desatou a rir.

— Mas é sensacional! E depois do que você falou, pensei em fazer a seguinte pergunta a esses dois perdedores: "Acredita sinceramente que o Presidente dos Estados Unidos é responsável pelas dez mil mortes na explosão da bomba nuclear em Nova York?"

— É uma ótima pergunta — comentou Salentine.

No mês de junho, Bert Audick viajou em seu avião particular para Sherhaben, a fim de discutir com o sultão a reconstrução de Dak. O sultão recebeu-o com toda pompa. Houve dançarinas, a melhor comida e um consórcio internacional de financistas, convocados pelo sultão, todos dispostos a investir seu dinheiro em uma nova Dak. Audick passou uma semana maravilhosa de trabalho árduo, enchendo os bolsos com uma "unidade" de cem milhões de dólares aqui, outra "unidade" ali, mas a maior parte do dinheiro sairia de sua própria empresa petrolífera e do sultão.

Na última noite de sua visita, ele e o sultão encontraram-se a sós no palácio. Ao final da refeição, o sultão mandou que os criados e os guarda-costas deixassem a sala. Depois, sorriu para Audick e disse:

— Acho que devemos tratar agora do negócio que realmente interessa. — Ele fez uma pausa. — Trouxe o que eu pedi?

— Quero que compreenda uma coisa — declarou Bert Audick. — Não estou agindo contra meu país.

Apenas preciso me livrar daquele filho da puta do Kennedy ou acabarei na cadeia. E ele tenciona investigar todos os detalhes de nossas operações durante os últimos dez anos. Portanto, o que estou fazendo é também do seu interesse.

— Claro que compreendo — respondeu o sultão, gentilmente. — E estamos muito distantes dos eventos que ocorrerão. Providenciou para que ninguém possa ligar os documentos a você?

— Claro.

Bert Audick entregou ao sultão a pasta de couro que 325

estava ao seu lado. O sultão tirou uma pasta de arquivo que continha fotografias e plantas. Examinou tudo. As fotografias eram do interior da Casa Branca, as plantas indicavam os postos de controle em diferentes partes do prédio.

— Tudo isso está atualizado? — indagou o sultão.

— Não — respondeu Audick. — Depois que

Kennedy assumiu o cargo, há três anos, Christian Klee, que é o chefe do FBI e do Serviço Secreto, mudou muita coisa. Acrescentou outro andar à Casa Branca, para a residência presidencial. Sei que o quarto andar é como um cofre de aço. Ninguém sabe exatamente como é a planta.

Nada jamais foi publicado a respeito, eles cuidam para que as pessoas ignorem. É tudo segredo, exceto para os assessores e amigos mais íntimos do presidente.

— Isso pode ajudar.

Audick deu de ombros.

— Eu posso ajudar com dinheiro. Precisamos de uma ação rápida, de preferência antes que Kennedy seja reeleito.

— Os Cem sempre podem aproveitar o dinheiro —

comentou o sultão. — Providenciarei para que recebam.

Mas você precisa entender que essas pessoas agem por sua fé sincera. Não são assassinos de aluguel. Por isso, terão de acreditar que o dinheiro é meu, como chefe de um pequeno país oprimido. — Ele sorriu. — Depois da destruição de Dak, creio que Sherhaben se qualifica.

— Essa é outra questão que precisamos discutir. Minha companhia perdeu cinquenta bilhões de dólares com a destruição de Dak. Acho que devemos reformular nosso acordo sobre o seu petróleo. Foi exigente demais na última vez.

O sultão soltou uma risada afável.

— Ora, Sr. Audick, durante mais de cinqüenta anos as companhias petrolíferas americanas e inglesas arrancaram o petróleo das terras árabes. Deram migalhas a xeques nômades ignorantes, enquanto ganhavam bilhões. E agora seus compatriotas ficam indignados quando queremos cobrar o que o petróleo vale. Como se tivéssemos alguma responsabilidade pelo preço de seu 326

equipamento pesado e tecnologia, pelos quais cobram tão caro. Agora é a vez de vocês pagarem direito, é a vez até de serem explorados, se quiserem fazer essa alegação. Por favor, não fique ofendido, mas eu estava até pensando em lhe pedir que melhorasse o nosso acordo.

Eles reconheciam um no outro uma alma afim, que nunca perdia a oportunidade de fazer um bom negócio; e sorriram de maneira afável.

— Acho que o consumidor americano terá de pagar a conta pelo presidente maluco que elegeram — disse Audick. — E detesto fazer isso com eles.

— Mas fará, Sr. Audick. Afinal, é um homem de negócios, não um político.

— A caminho de me tornar um presidiário —

comentou Audick, com uma risada. — A menos que eu tenha sorte e Kennedy desapareça. Não quero que me entenda mal. Eu faria qualquer coisa por meu país, mas não posso permitir que os políticos me intimidem.

O sultão sorriu em concordância.

— Assim como eu não deixaria que meu parlamento o fizesse. — Ele bateu palmas para chamar os criados, e depois acrescentou para Audick: — Creio que chegou o momento de nos divertirmos. Já

chega desse negócio sujo de governo e poder. Vamos aproveitar a vida, enquanto ainda a temos.

Não demorou muito para que lhes fosse servido um requintado jantar. Audick adorava a comida árabe, não era escrupuloso como outros americanos; cabeças e olhos de ovelha eram como o leite materno para ele. Enquanto comiam, Audick disse ao sultão:

— Se precisar de dinheiro para alguma causa digna, posso providenciar sua transferência de uma fonte inidentificável. É muito importante para mim que façamos alguma coisa em relação a Kennedy.

— Compreendo perfeitamente, Sr, Audick. E agora chega de falar de negócios. Tenho um dever a cumprir como seu anfitrião.

Annee, que estivera escondida com sua família na Sicília, 327

ficou surpresa quando foi convocada para uma reunião com companheiros dos Cem.

Encontrou-se com eles em Palermo. Eram dois jovens que ela conhecera quando todos eram estudantes universitários em Roma. Ela sempre gostara muito do mais velho, agora com cerca de trinta anos. Ele era alto, mas encurvado, usava óculos com aros de ouro. Fora um aluno brilhante, destinado a uma carreira eminente como professor de estudos etruscos. Nos relacionamentos pessoais, era gentil e afável. Sua violência política derivava de uma mente que detestava a ilógica cruel de uma sociedade capitalista. Seu nome era Giancarlo.

O outro membro dos Primeiros Cem ela conhecera como o agitador dos partidos de esquerda na universidade.

Falava demais, mas era um orador excepcional, que gostava de incitar as multidões à violência, embora ele próprio fosse essencialmente inepto na ação. Seu caráter mudara depois que fora

preso pela polícia especial antiterrorista e interrogado com o maior rigor. Em outras palavras, pensou Annee, haviam arrancado tudo dele, deixando-o no hospital por um mês. Sallu, era esse o seu nome, passara a falar menos e agir mais. Finalmente fora reconhecido como um dos Cristos da Violência, um dos Primeiros Cem.

Os dois homens, Giancarlo e Sallu, agora viviam na clandestinidade, a fim de se esquivarem à polícia antiterrorista. E haviam promovido aquela reunião com todo cuidado. Annee fora convocada à cidade de Palermo e instruída a vagar de um lado para outro, visitando os pontos de atração turística, até que fizessem contato. No segundo dia ela encontrou-se com uma mulher chamada Livia, numa boutique, e foi levada a um encontro num pequeno restaurante, onde eram as únicas freguesas. O

restaurante em seguida fechara as portas para o público; os donos e o único garçom eram obviamente membros do grupo. Depois, Giancarlo e Sallu vieram da cozinha.

Giancarlo usava o uniforme de cozinheiro e seus olhos faiscavam com um brilho divertido. Tinha nas mãos uma enorme tigela, com espaguete pintado de preto pela tinta de 328

uma lula picada. Sallu, por trás dele, carregava uma cesta de madeira com pão dourado com sementes de gergelim e uma garrafa de vinho.

Os quatro — Annee, Livia, Giancarlo e Sallu —

sentaram para almoçar. Giancarlo serviu porções de espaguete da tigela, e o garçom trouxe salada, um prato com presunto rosado e um queijo granulado preto e branco,

— Só porque estamos lutando por um mundo

melhor, não devemos passar fome — comentou Giancarlo.

Ele estava sorrindo, parecia inteiramente à vontade.

— Nem morrer de sede — acrescentou Sallu, enquanto servia o vinho.

Só que ele estava bastante nervoso.

As mulheres se deixaram servir; como uma questão de protocolo revolucionário, não assumiam o papel feminino estereotipado. Mas divertiam-se com a situação: afinal, estavam ali para receber ordens de homens.

Começaram a comer e Giancarlo abriu a conferência:

— Vocês duas foram muito espertas. Parece que não estão sob qualquer suspeita de participação na operação da Páscoa. Portanto, foi decidido que podemos usá-las em nossa próxima missão. Ambas são extremamente qualificadas. Possuem a experiência, mas também, o que é ainda mais importante, possuem a vontade. Por isso, estão sendo convocadas. Mas devo adverti-las de que esta missão é mais perigosa que a da Páscoa.

— Devemos nos oferecer como voluntárias antes de conhecermos os detalhes? — indagou Livia.

Foi Sallu quem respondeu, de forma brusca:

— Claro.

Annee interveio, impaciente:

— Vocês sempre passam por essa rotina e

perguntam: São voluntárias?” Acham que viemos até aqui para comer este espaguete horrível? Se viemos, foi porque somos voluntárias. Portanto, vamos logo seguir em frente.

Giancarlo acenou com a cabeça; achava-a divertida.

— Está bem, está bem...

329

Ele ficou em silêncio por um longo tempo, comendo, antes de comentar, pensativo:

— O espaguete não é tão ruim assim. — Todos riram, e ao final das risadas Giancarlo acrescentou: — A operação é dirigida contra o Presidente dos Estados Unidos. Ele deve ser liquidado. O Sr. Kennedy está vinculando nossa organização à explosão da bomba atômica em seu país. Seu governo planeja criar equipes especiais de operações para nos caçar, em escala global.

Particpei de uma reunião em que nossos amigos do mundo inteiro decidiram cooperar nesta operação.

— Na América, isso é impossível para nós — disse Livia. — Onde conseguiríamos o dinheiro, as linhas de comunicações, como poderíamos instalar casas seguras e recrutar pessoal? E, acima de tudo, as informações necessárias. Não temos nenhuma base na América.

— Dinheiro não é problema — anunciou Sallu. —

Estamos sendo financiados. O pessoal será infiltrado e só terá um conhecimento limitado.

Giancarlo acrescentou:

— Livia, você irá primeiro. Contamos com um apoio secreto na América. Gente muito poderosa. Eles a ajudarão a instalar casas seguras e estabelecer as linhas de comunicações. Você terá recursos disponíveis em determinados bancos. E você, Annee, irá mais tarde, como chefe de operações. Ficará com a parte mais difícil.

Annee sentiu um frêmito de satisfação. Finalmente assumiria o comando de uma operação. Finalmente seria igual a Romeu e Yabril. A voz de Livia interrompeu seus pensamentos:

— Quais são as nossas possibilidades?

— As suas são muito boas, Livia — respondeu Sallu, tranqüilizador.

— Se nos descobrirem, deixarão que você escape livre, a fim de levantarem toda a operação. E quando Annee entrar em operação, você já terá retornado à Itália.

— É isso mesmo — confirmou Giancarlo. — Annee, o seu risco será o maior.

— Aceito isso — murmurou Annee.

— Eu também aceito — acrescentou Livia. — O que eu 330

queria saber era quais as nossas possibilidades de sucesso.

— Muito poucas — respondeu Giancarlo. — Mas ainda que fracássemos, sairemos ganhando.

Proclamaremos nossa inocência.

Eles passaram o resto da tarde discutindo os planos operacionais, os códigos a serem usados, os planos para o desenvolvimento das redes especiais.

Já era crepúsculo quando terminaram, e Annee formulou então a pergunta que ficara por fazer durante toda a tarde:

— Quer dizer que a pior perspectiva é de que esta seja uma missão suicida?

Sallu baixou a cabeça. Os olhos gentis de Giancarlo fixaram-se nos de Annee e ele balançou a cabeça.

— É possível. Mas essa decisão será sua, não nossa.

Romeu e Yabril ainda estão vivos, e esperamos libertá-los. E prometo a mesma coisa se vocês forem capturadas.

331

CAPÍTULO

17

A DIVISÃO ESPECIAL de Christian Klee no FBI mantinha uma vigilância de computador sobre o Clube Sócrates e membros do Congresso. Klee sempre iniciava a manhã dando uma olhada em seus relatórios. Operava pessoalmente o computador em sua mesa, que continha dossiês pessoais, com seus próprios códigos secretos.

Naquela manhã em particular ele acionou a ficha de David Jatney e Cryder Cole. Klee sentia uma afeição especial por seus pressentimentos, e alguma coisa lhe dizia que Jatney poderia criar problemas. Não precisava mais se preocupar com Cole; o jovem tornara-se um motociclista entusiasmado e arrebentara a cabeça contra um penhasco rochoso, em Provo, Utah. Ele estudou a imagem de vídeo que apareceu em seu monitor, o rosto sensível, os olhos escuros e fundos. Como aquele rosto mudava da beleza em repouso para uma intensidade assustadora, quando ele se tornava emocional! Seriam as emoções tão terríveis ou era apenas a estrutura do rosto? Jatney se encontrava sob vigilância pouco rigorosa, era apenas um palpite. Mas quando leu os relatórios escritos no computador, Klee experimentou um senso de satisfação. O terrível inseto no ovo que era David Jatney começava a romper a casca.

332

David Jatney disparara seu rifle contra Louis Inch por causa de uma moça chamada Irene Fletcher. Irene ficou feliz ao saber que alguém tentara matar Inch, mas nunca soube que fora seu amante o autor do disparo. E isso apesar de lhe suplicar todos os dias que revelasse os seus pensamentos mais íntimos.

Haviam se conhecido na Montana Avenue, onde ela era uma das vendedoras na famosa Fioma Bake Shop, uma padaria em que se vendiam os melhores pães dos Estados Unidos. David sempre ia até

lá para comprar pão e biscoito, conversava com Irene quando ela o servia. Até que um dia ela lhe perguntou:

— Não gostaria de sair comigo esta noite? Podemos rachar a despesa.

David sorriu. Ela não era uma das típicas louras da Califórnia. Tinha um rosto redondo e bonito, com uma expressão determinada, o corpo era um pouco rechonchudo, dava a impressão de que poderia ser velha demais para ele. Devia ter em torno de 25 anos. Mas os olhos cinza possuíam um brilho animado e ela sempre parecia inteligente nas conversas, por isso David aceitou.

E, para dizer a verdade, ele sentia-se um tanto solitário.

Iniciaram um romance superficial e amigável; Irene Fletcher não dispunha de tempo para algo mais sério, nem a propensão. Tinha um filho de cinco anos, morava na casa da mãe. Era muito ativa na política local e se encontrava profundamente envolvida com religiões orientais, o que nada tinha de excepcional entre os jovens no sul da Califórnia. Para Jatney, era uma experiência revigorante. Irene muitas vezes levava o filho pequeno, Campbell, para os encontros, que com freqüência prolongavam-se pela madrugada; quando isso acontecia, ela enrolava o menino com uma manta índia e o punha para dormir no chão, enquanto ressaltava com veemência os méritos de um candidato a um cargo público ou do último vidente que viera do Extremo Oriente. Havia ocasiões em que David também dormia no chão, ao lado do menino.

Para Jatney, era uma combinação perfeita — nada 333

tinham em comum. Ele detestava a religião e desprezava a política. Irene detestava cinema e só se interessava por livros sobre religiões exóticas e estudos sociais de esquerda. Mas faziam companhia um ao outro, cada um preenchia um buraco na existência do outro. Quando faziam sexo, era de uma forma um pouco precipitada, mas amigável invariavelmente. Às vezes Irene sucumbia a uma profunda

ternura durante o ato sexual, que tratava de minimizar no instante seguinte.

Era bastante salutar que Irene adorasse falar e David gostasse de ficar calado. Deitavam na cama e Irene falava por horas a fio, enquanto David se limitava a escutar. Às vezes ela era interessante, em outras, não. Era interessante ouvir as histórias da luta incessante entre os grandes interesses imobiliários e os pequenos proprietários e locatários em Santa Monica. Jatney podia entender a situação. Adorava Santa Monica, adorava a paisagem de casas de dois andares e lojas de um andar, as residências de aparência espanhola, o ambiente geral de serenidade, a total ausência de prédios religiosos assustadores, como os tabernáculos mórmons em seu estado natal de Utah.

Adorava a vasta extensão do Pacífico, cuja vista não era obstruída por enormes edifícios de vidro e pedra. E

considerava Irene uma heroína por lutar para preservar tudo isso contra os ogros da indústria imobiliária.

Ela discorria sobre seus atuais gurus indianos e tocava as gravações de seus sermões. Esses gurus eram muito mais alegres e agradáveis do que os austeros anciãos da Igreja Mórmon que David escutara enquanto crescia, e suas convicções pareciam mais poéticas, os milagres, mais puros, mais espirituais, mais etéreos do que as famosas tábuas de ouro mórmons e o anjo Moroni. Ao final, no entanto, eram igualmente chatos, com sua rejeição dos prazeres do mundo e dos frutos do sucesso, pelos quais David Jatney ansiava.

E Irene nunca parava de falar, alcançava uma espécie de êxtase até quando discorria sobre as coisas mais banais. Ao contrário de Jatney, ela achava a vida, por mais banal que fosse, repleta de sentido.

Às vezes, quando Irene se deixava arrebatada e dissecava suas emoções por uma hora inteira, sem nenhuma interrupção, David sentia que ela era uma estrela no firmamento tornando-se cada vez maior e mais brilhante, enquanto ele despencava por um buraco negro sem fundo que era o universo, caindo e caindo sem que a mulher jamais percebesse.

Ele também apreciava o fato de Irene ser generosa nas coisas materiais, mas parcimoniosa com as emoções pessoais. Ela nunca mergulhava de fato no pesar, jamais caía nessas trevas universais. Sua estrela sempre se expandiria, nunca perderia o brilho. E ele sentia-se grato por ser assim. Não queria a companhia de Irene nas trevas.

Uma noite saíram para um passeio na praia, perto de Malibu. Pareceu estranho a David que houvesse aquele vasto oceano de um lado, depois uma fileira de casas e as montanhas no outro lado. Não era natural que houvesse montanhas quase beirando um oceano. Irene levava mantas, um travesseiro e o filho. Deitaram na areia e o menino, envolto por mantas, logo adormeceu.

Irene e David ficaram sentados numa manta, dominados pela beleza da noite. Naquele breve momento, estiveram apaixonados um pelo outro. Contemplaram o mar, que era azul-preto ao luar, os pequenos pássaros que pulavam à frente das ondas.

— David — disse Irene —, você nunca me contou nada a seu respeito. Quero amar você, mas não me deixa conhecê-lo.

David sentiu-se comovido. Riu, um pouco nervoso, depois disse:

— A primeira coisa que deve saber a meu respeito é que sou um Mórmon de Dez Quilômetros.

— Nem mesmo sabia que era um mórmon.

— Quando se é criado como um mórmon, aprende-se que não se deve beber, fumar ou cometer adultério —

continuou David. — Assim, quando faz qualquer uma dessas coisas, é preciso cuidar para que se esteja a pelo menos dez quilômetros de distância de alguém que o 335

conheça.

E depois ele falou de sua infância. E como odiava a Igreja Mórmon.

— Ensinam que não há problema em mentir se isso ajudar a Igreja — explicou David. — E os sacanas hipócritas ainda falam toda aquela merda sobre o anjo Moroni e uma bíblia de ouro. E usam calças de anjo.

Reconheço que meu pai e minha mãe nunca acreditaram nessas coisas, mas podia-se ver as tais calças penduradas no varal. Não podia haver nada mais ridículo.

— O que é uma calça de anjo?

Irene segurava a mão de David, para encorajá-lo a continuar a falar.

— É uma espécie de túnica que eles usam para não gostar de trepar — explicou David. — E eles são tão ignorantes que não sabem que os católicos no século XVI tinham o mesmo tipo de traje, uma túnica que cobre o corpo inteiro, deixando apenas um buraco para se poder foder, supostamente sem gostar. Quando eu era garoto, podia ver as calças de anjo penduradas nos varais. Uma coisa devo dizer em defesa de meus pais: eles não aceitavam essa merda, mas tinham de mostrar a calça de anjo porque ele era um ancião na igreja. — David soltou uma risada, antes de acrescentar: — Por Deus, que religião!

— É fascinante, mas parece bastante primitiva —

comentou Irene.

David pensou: E o que há de tão civilizado nesses gurus de merda que lhes dizem que as vacas são sagradas, que vocês são reencarnados, que esta vida nada significa, toda essa porra de carma? Irene sentiu que ele ficava tenso, queria que continuasse a falar. Enfiou as mãos por dentro da camisa de David, sentiu que seu coração batia descompassado.

— Você os odeia? — indagou ela.

— Nunca odiei meus pais. Eles sempre foram bons para mim.

— Estava me referindo à Igreja Mórmon.

— Odiei a Igreja desde que posso me lembrar.

336

Odiava quando era garoto. Odiava as caras dos anciãos, odiava a maneira como minha mãe e meu pai os adulavam. Odiava a hipocrisia deles. Se você discordava das determinações da Igreja, eles podiam até mandar matá-lo. É uma religião comercial, eles sempre se mantêm unidos. Foi assim que meu pai enriqueceu. Mas vou lhe contar o que mais me repugnava. Eles têm unções especiais e os anciãos principais são ungidos secretamente, a fim de entrarem no céu antes das outras pessoas. Como alguém furando a fila, enquanto você espera por um táxi ou por uma mesa num restaurante popular.

— A maioria das religiões é assim, exceto as religiões indianas — comentou Irene. — É preciso apenas cuidar de seu carma.

Ela fez uma breve pausa, antes de acrescentar:

— É por isso que tento me manter alheia à ganância por dinheiro, é por isso que não posso brigar com meus semelhantes pelos bens

materiais deste mundo. Tenho de manter meu espírito puro. Temos realizado reuniões especiais, há uma terrível crise em Santa Monica neste momento. Se não nos mantivermos alerta, os especuladores imobiliários vão destruir tudo por que lutamos e esta cidade ficará cheia de enormes edifícios. E aumentarão os aluguéis, você e eu seremos obrigados a deixar nossos apartamentos.

Ela continuou a falar, David escutava com uma sensação de paz. Podia ficar deitado naquela praia para sempre, perdido no tempo, perdido na beleza, perdido na inocência daquela moça, que era tão destemida pelo que poderia lhe acontecer neste mundo. Ela estava lhe falando de um homem chamado Louis Inch, que vinha tentando subornar o conselho municipal, a fim de que mudasse as leis de construção e locação. Ela parecia saber muita coisa a respeito do tal Inch, até pesquisara sua vida. O homem poderia ter sido um ancião da Igreja Mórmon. Ao final, Irene disse:

— Se não fosse tão ruim para meu carma, acho que eu mataria o miserável.

337

David riu.

— Atirei no Presidente dos Estados Unidos uma vez.

E ele contou a história do jogo de assassinato, conhecido como A Caçada, quando fora herói por um dia na Universidade Brigham Young, arrematando:

— E os anciãos mórmons que dirigem a universidade acabaram me expulsando.

Mas Irene se encontrava agora ocupada com o filho, que tivera um pesadelo e despertara gritando. Tratou de aquietá-lo, e depois disse a David:

— O tal de Inch vai jantar amanhã com alguns vereadores. Pretende levá-los ao Michael's e você sabe o que isso significa. Tentará suborná-los. Eu gostaria sinceramente de dar um tiro no desgraçado.

— Não estou preocupado com meu carma e posso dar um tiro nele por você — sugeriu David.

Os dois desataram a rir.

E na noite seguinte David limpou o rifle que trouxera de Utah e disparou o tiro que espatifara o vidro da limusine de Louis Inch. Na verdade, não mirou para acertar em alguém; o tiro até acertou muito mais perto da vítima do que ele tencionava. Estava apenas curioso em descobrir se seria capaz de fazê-lo.

338

CAPÍTULO

18

FOI SAL TROYCA quem decidiu desmascarar Christian Klee. Repassando os depoimentos nos comitês do Congresso que investigavam a explosão da bomba atômica, ele notou que no depoimento de Klee a grande crise internacional do seqüestro tinha precedência. E

havia também algumas contradições; Troyca constatou que havia um lapso de tempo. Christian Klee desaparecera da cena na Casa Branca. Para onde teria ido?

Não descobririam por intermédio de Klee, isso era mais do que certo. Mas a única coisa que podia fazer Klee desaparecer durante aquela crise era algo excepcionalmente importante. E se Klee tivesse ido interrogar Gresse e Tibbot?

Troyca não consultou seu chefe, o Deputado Jintz; em vez disso, ligou para Elizabeth Stone, a assessora administrativa do Senador Lambertino, combinou encontrá-la para jantar num obscuro restaurante. No mês desde a crise da bomba atômica, os dois haviam formado uma espécie de sociedade, tanto na vida pública quanto na particular.

No primeiro encontro, proposto por Troyca, chegaram a um acordo. Elizabeth Stone, sob sua beleza 339

fria e impessoal, tinha um temperamento sexual ardente, mas sua mente era como o aço frio. A primeira coisa que ela dissera fora a seguinte:

— Nossos chefes perderão o emprego em novembro.

Acho que você e eu devemos fazer planos para o nosso futuro.

Sal Troyca ficara espantado. Elizabeth Stone era famosa por ser uma daquelas assessoras que eram o braço direito leal de seus chefes congressistas.

— A luta ainda não acabou — comentara ele.

— Claro que já terminou. Nossos chefes tentaram tirar o presidente do cargo. Agora Kennedy é o maior herói que este país já conheceu, desde Washington. E vai tentar liquidar os dois.

Troyca era instintivamente uma pessoa mais leal a seu chefe. Não por um senso de honra, mas porque era competitivo, não queria pensar em si mesmo como integrante do lado perdedor.

— Claro que devemos continuar — acrescentara Elizabeth Stone. — Não vamos querer dar a impressão de que somos do tipo de pessoas que abandonam o navio afundando. Tiraremos o melhor proveito da situação. Mas posso arrumar para nós dois um emprego melhor.

Ela sorria, maliciosa, e Troyca apaixonara-se por aquele sorriso. Era um sorriso de alegre tentação, um sorriso cheio de astúcia, ao mesmo tempo com uma admissão dessa astúcia, um sorriso que dizia que se ele não ficasse satisfeito com ela, então era um idiota. E Troyca retribuía ao sorriso.

Sal Troyca tinha, até mesmo em sua opinião, uma espécie de charme untuoso, que só funcionava com certas mulheres, o que sempre surpreendia aos outros homens e a ele próprio. Os homens respeitavam Troyca por causa de sua astúcia, seu elevado nível de energia, sua capacidade na execução. Mas o fato de que ele podia atrair as mulheres de maneira tão misteriosa despertava a admiração deles. E

naquele instante ele perguntara a Elizabeth Stone:

— Se nos tornarmos parceiros, isso significa que vou trepar com você?

— Apenas se assumir um compromisso —

340

respondera Elizabeth Stone.

Havia duas palavras que Sal Troyca detestava mais do e quaisquer outras na língua inglesa. Uma era

“compromisso”, e a outra era “relacionamento”.

— Está querendo dizer que devemos ter um

relacionamento autêntico, um compromisso um com o outro, como amor? Como o compromisso que os negros da casa costumavam assumir com seus amos no velho Sul?

Ela suspirara.

— Seu machismo idiota pode virar um problema. —

E, depois, explicara: — Posso fazer um acordo para nós.

Tenho prestado uma grande ajuda na carreira política da vice-presidente. Ela me deve muito. Agora, você tem de aceitar a realidade. Jintz e Lambertino serão massacrados na eleição de novembro. Helen Du Pray está reorganizando sua equipe e serei uma de suas principais assessoras. Tenho um lugar para você como meu assistente.

Sal respondera, sorrindo:

— É um rebaixamento para mim. Mas se você é tão boa na cama quanto penso que é, vou pensar a respeito.

Elizabeth Stone mostrara-se impaciente.

— Não será um rebaixamento, já que você estará desempregado. E quando eu subir, você também subirá.

Acabará com sua própria equipe, como assessor da vice-presidente.

Ela fizera uma pausa.

— A verdade é que sentimos atração um pelo outro no gabinete do senador, talvez não amor, mas com certeza desejo à primeira vista. E soube que você costuma trepar com suas assistentes. Mas compreendo isso. Ambos trabalhamos demais, não temos tempo para uma vida social genuína, ou para uma vida amorosa autêntica. E estou cansada de trepar com caras só porque me sinto solitária uma ou outra vez por mês. Quero um relacionamento de verdade.

— Está avançando depressa demais — comentara Troyca. — Mas se estivesse na assessoria do presidente...

341

Ele dera de ombros e sorrira, para indicar que era brincadeira. Elizabeth Stone tornara a lhe oferecer aquele sorriso. Era de fato o tipo de sorriso insinuante que Troyca achava irresistível.

— Os Kennedys sempre foram infelizes —

continuara ela. — A vice-presidente pode se tornar presidente. Mas, por favor, seja sério. Por que não podemos ter uma parceria, se é assim que você prefere chamar? Nenhum dos dois quer casar. Nenhum dos dois quer filhos. Por que não podemos levar meia vida um com o outro, mantendo nossas respectivas casas, é claro, mas de certa forma vivendo juntos? Podemos ter companhia e sexo, e podemos trabalhar juntos, como uma equipe.

Podemos satisfazer nossas necessidades humanas e operar no mais alto ponto de eficiência. Se der certo, pode se tornar um grande

arranjo. Se não der, podemos simplesmente encerrar a ligação. Temos até novembro para decidir.

Eles foram para a cama naquela noite e Elizabeth Stone fora uma revelação para Troyca. Como muitas pessoas tímidas, reservadas, homem ou mulher, ela era genuinamente ardente e terna na cama. E ajudara que o ato de consumação ocorresse na casa de Elizabeth Stone.

Troyca não sabia que ela era rica. Como uma autêntica aristocrata, pensara Troyca, ela ocultara o fato, enquanto ele o teria alardeado. Troyca percebera imediatamente que a casa seria um lugar perfeito para os dois viverem, muito melhor do que o seu apartamento, apenas adequado. Ali, junto com Elizabeth Stone, ele poderia montar um escritório. A casa contava com três criados, e com isso ele seria poupado de detalhes que preocupavam e consumiam tempo, como mandar roupas para a lavanderia, comprar comida e bebida. E Elizabeth Stone, embora uma ardorosa feminista, desempenhava-se como alguma cortesã lendária na cama. Ora, era apenas na primeira vez que as mulheres agiam assim, pensara Troyca. Como a apresentação na primeira entrevista para um emprego; nunca mais eram tão atraentes. No mês subsequente, porém, Elizabeth demonstrara que ele estava enganado.

342

Desenvolveram um relacionamento quase perfeito.

Era maravilhoso para ambos, depois das longas horas com Jintz e Lambertino, irem para casa, saírem para jantar fora e depois dormirem juntos e fazerem amor. E pela manhã seguiam juntos para o trabalho. Ele pensara em casamento, pela primeira vez na vida. Mas sabia instintivamente que isso era uma coisa que Elizabeth não queria.

Levavam vidas contidas, um casulo de trabalho, companheirismo e amor, pois passaram a se amar. Mas a parte melhor e mais agradável

do tempo em que passavam juntos era o planejamento sobre a maneira de mudar os acontecimentos em seu mundo. Ambos concordavam que Kennedy seria reeleito para a presidência em novembro.

Elizabeth tinha certeza absoluta de que a campanha que estava sendo desfechada contra o presidente pelo Congresso e o Clube Sócrates estava fadada ao fracasso.

Troyca não tinha tanta certeza assim. Ainda havia muitos trunfos para jogar.

Elizabeth odiava Kennedy. Não era um ódio pessoal; era a oposição inflexível de alguém que o considerava um tirano.

— O mais importante é impedir que Kennedy eleja o seu próprio Congresso em novembro — dissera ela. —

Esse deve ser o campo de batalha. É evidente, pelas declarações de Kennedy na campanha, que ele mudará a estrutura da democracia americana. E isso criaria uma situação histórica muito perigosa.

— Se você se opõe a ele agora, como pode aceitar um cargo na equipe da vice-presidente depois da eleição?

— indagara Sal.

— Não fazemos a política — respondera Elizabeth.

— Somos administradores. E podemos trabalhar para qualquer pessoa.

Assim, depois de um mês de intimidade, Elizabeth ficou surpresa quando Sal convidou-a a se encontrarem num restaurante, em vez de irem para o conforto da casa que agora partilhavam. Mas ele insistiu. E no restaurante, 343

enquanto tomavam o primeiro drinque, Elizabeth perguntou:

— Por que não podíamos conversar em casa?

Sal disse, pensativo:

— Venho estudando muitos documentos, alguns bastante antigos. Nosso procurador-geral, Christian Klee, é um homem muito perigoso.

— E daí?

— Ele pode ter instalado microfones em sua casa.

Elizabeth riu.

— Você está sendo paranóico.

— É possível, mas pense em algumas coisinhas.

Christian Klee tinha aqueles dois garotos, Gresse e Tibbot, sob custódia, não os interrogou imediatamente.

Mas houve um lapso de tempo. Os garotos foram aconselhados a ficar de boca fechada, até que suas famílias providenciassem advogados. E o que me diz de Yabril? Klee continua a mantê-lo escondido, ninguém consegue vê-lo ou falar com ele. Klee o cerca de tudo que é jeito, e conta com o apoio de Kennedy. Acho que Klee é capaz de qualquer coisa.

Elizabeth Stone sugeriu, pensativa:

— Você pode convencer Jintz a intimar Klee a comparecer perante um comitê da Câmara. E eu posso pedir ao Senador Lambertino para fazer a mesma coisa.

Podemos desmascarar Klee.

— Kennedy recorrerá ao privilégio do executivo para impedi-lo de depor — disse Sal. — E podemos nos foder com essas intimações.

Elizabeth geralmente achava graça de suas vulgaridades, em particular na cama, mas agora não esboçara sequer um sorriso.

— Ele sairá prejudicado se usar esse recurso. Os jornais e a TV vão crucificá-lo.

— Está bem, podemos fazer isso. Mas que tal se apenas você e eu procurássemos Oddblood Gray e tentássemos persuadi-lo? Não podemos forçá-lo a falar, mas talvez ele revele alguma coisa. No fundo é um idealista, e talvez esteja psicologicamente horrorizado

344

pela maneira como Klee meteu os pés pelas mãos no incidente da bomba atômica. Talvez ele até saiba algo concreto.

Foi lamentável que eles escolhessem Oddblood Gray para interrogar. Gray mostrou-se relutante em recebê-los, mas a amizade de Elizabeth com a Vice-Presidente Helen Du Pray foi o fator decisivo em favor deles. Gray tinha o maior respeito por Du Pray. Sal Troyca iniciou a conversa com uma pergunta:

— Não acha estranho que o procurador-geral, Christian Klee, mantivesse aqueles dois jovens sob custódia antes da explosão, e não conseguisse lhes arrancar nenhuma informação?

— Eles recorreram a seus direitos constitucionais —

respondeu Gray, cauteloso.

Troyca insistiu, secamente:

— Klee tem a reputação de ser um homem um tanto enérgico e engenhoso. Dois garotos como Gresse e Tibbot poderiam resistir a ele?

Gray deu de ombros.

— Nunca se sabe o que pode acontecer com Klee.

Foi Elizabeth Stone quem formulou a pergunta de forma direta:

— Sr. Gray, tem algum conhecimento ou mesmo qualquer motivo para acreditar que o procurador-geral interrogou secretamente aqueles dois rapazes?

Gray sentiu um súbito ímpeto de raiva à pergunta.

Mas espere um pouco, pensou ele, por que deveria proteger Klee? Afinal, a maioria das pessoas mortas em Nova York era negra.

— Isto é confidencial, e negarei sob juramento. Klee conduziu um interrogatório secreto, com todos os aparelhos de escuta desligados. Não há qualquer registro. É possível acreditar no pior. Mas se o fizerem, devem acreditar também que o presidente não teve qualquer participação.

345

CAPÍTULO

19

NAQUELA MANHÃ no início de maio, antes da reunião com o presidente, Helen Du Pray saiu para uma corrida de oito quilômetros, a fim de desanuviar a cabeça. Sabia que não apenas a administração, mas também ela própria, encontravam-se numa encruzilhada perigosa.

Era agradável saber que naquele momento ela era uma heroína para Kennedy e sua assessoria pessoal, porque se recusara a assinar a petição para removê-lo —

embora esse sentimento derivasse de um conceito de honra masculina que ela desprezava.

Havia muitos problemas perigosos. O que Klee realmente fizera? Seria possível que ele pudesse ter evitado a explosão da bomba atômica? E deixara que explodisse porque sabia que isso salvaria o presidente?

Ela podia acreditar que Klee fosse capaz de tal coisa, mas não Francis Kennedy. E não era certo que ele só poderia fazer algo assim com o consentimento de Kennedy?

E, no entanto... Havia agora uma aura de perigo na personalidade de Kennedy. Era evidente que ele tentaria eleger um Congresso subserviente para acatar sua vontade. E o que obrigaria esse Congresso a fazer? Era 346

óbvio que Kennedy pretendia processar todos os membros importantes do Clube Sócrates. O que constituiria um uso do poder extremamente perigoso. Descartaria todos os princípios democráticos e éticos para promover sua visão de uma América melhor? Kennedy estava tentando proteger Klee, e Oddblood Gray rebelava-se contra isso.

Helen Du Pray temia essa discórdia. Uma assessoria presidencial existia para servir ao presidente. A vice-presidente devia apoiar o presidente. Devia. A menos que renunciasse. E isso seria um golpe terrível para Kennedy.

E o fim da carreira política dela. Iria se tornar a suprema traidora. E o pobre Francis... o que ele faria com Yabril?

Pois ela reconhecia que Kennedy podia se tornar tão implacável quanto seus oponentes: o Congresso, o Clube Sócrates, Yabril. Isso mesmo, Francis podia destruir todos eles — as tragédias de sua vida haviam deformado o cérebro de maneira irreversível.

Ela sentia o suor nas costas, os músculos das coxas doíam, sonhou em correr para sempre, nunca mais voltar à Casa Branca.

O Dr. Zed Annaccone temia aquela reunião com o Presidente Kennedy e sua assessoria. Sentia-se um pouco contrafeito em falar de ciência e misturá-la com alvos políticos e sociológicos. Nunca teria aceitado ser o assessor de ciência médica do presidente se não fosse pelo fato de ser a única maneira de garantir o financiamento apropriado para o seu amado Instituto Nacional de Pesquisa do Cérebro.

Não era tão ruim assim quando tratava diretamente com Francis Kennedy. O homem era brilhante; possuía um instinto para a ciência, embora fossem simplesmente absurdas as matérias dos jornais que alegavam que o presidente teria dado um grande cientista. Mas Kennedy compreendia com certeza o sutil valor da pesquisa, e como até mesmo as teorias científicas mais complexas podiam ter resultados quase milagrosos. Kennedy não era o problema. Era a assessoria pessoal e o Congresso, e todos os dragões burocráticos. E mais a CIA e o FBI, que 347

estavam sempre olhando por cima de seu ombro.

Até começar a trabalhar em Washington, o Dr, Annaccone não compreendia de fato o tremendo abismo entre a ciência e a sociedade em geral. Era escandaloso que enquanto o cérebro humano dera um grande salto para a frente nas ciências, a política e a sociologia permanecessem quase estacionárias.

Ele achava incrível que a humanidade ainda travasse guerras, a um custo enorme e sem qualquer proveito. Que homens e mulheres individuais ainda se matassem uns aos outros, quando havia tratamentos que podiam dissipar as tendências assassinas nos seres humanos. Achava desprezível que a ciência da engenharia genética fosse atacada pelos políticos e meios de comunicação, como se a interferência com a biologia representasse a corrupção de algum espírito sagrado. Ainda mais quando era óbvio que a raça humana, com a sua constituição genética atual, estava condenada.

O Dr. Annaccone fora informado sobre o teor da reunião. Ainda havia alguma dúvida se a explosão da bomba atômica fora parte do plano terrorista para desestabilizar a influência da América no mundo — isto é, se havia uma ligação entre os dois jovens professores de física, Gresse e Tibbot, e o líder terrorista Yabril. Iriam lhe perguntar se deveriam usar o exame cerebral PET para interrogar os prisioneiros e determinar a verdade.

O que deixava o Dr. Annaccone na maior irritação. Por que não lhe haviam pedido para efetuar o PET antes da explosão da bomba atômica? Christian Klee alegava que ficara muito absorvido na crise do seqüestro e que a ameaça da bomba não parecera tão séria assim. O raciocínio do idiota típico. E o Presidente Kennedy recusara o pedido de Klee para a realização do teste cerebral PET por razões humanitárias. Era verdade, se os dois jovens fossem inocentes e os danos causados a seus cérebros durante o teste fossem irreversíveis, seria um ato inumano. Mas Annaccone sabia que esta era a atitude de um político para se proteger.

Informara o presidente sobre o teste PET, de forma meticulosa, e Kennedy compreendia que o procedimento era 348

quase que completamente seguro, e obrigaria o alvo a responder com a verdade. Poderiam ter localizado e desarmado a bomba. Haveria tempo suficiente.

Era lamentável, para dizer o mínimo, que tantas pessoas fossem mortas ou feridas. Mas Annaccone não podia deixar de sentir uma admiração furtiva pelos dois jovens cientistas. Gostaria de ter a coragem deles, pois haviam definido uma posição concreta, lunática, era verdade, mas uma posição objetiva. A de que à medida que o homem em geral adquiria mais conhecimento, aumentava a probabilidade de que indivíduos pudessem causar um desastre atômico. Era também verdade que a ganância do empresário individual ou a megalomania de um líder político podiam fazer a mesma coisa. Mas aqueles dois garotos estavam obviamente pensando em controles sociológicos, não científicos. Pensavam em reprimir a ciência, deter sua marcha para a frente. A verdadeira solução, é claro, era mudar a estrutura genética do homem, a fim de que a violência se tornasse um ato impossível. Pôr freios nos genes e no cérebro, assim como se põem freios numa locomotiva. Era simples assim.

Enquanto esperava na Sala do Gabinete da Casa Branca pela chegada do presidente, Annaccone desligou-se do resto das pessoas ali, através da leitura de sua pilha de memorandos e artigos. Sempre sentira uma resistência pessoal à assessoria do presidente. Christian Klee vigiava o Instituto Nacional de Pesquisa do Cérebro e as vezes impunha uma ordem de sigilo às suas pesquisas.

Annaccone não gostava e usava táticas diversionárias sempre que podia. E com freqüência ficava surpreso ao descobrir que Klee podia ser mais esperto do que ele nessas questões. Os outros membros da assessoria, Eugene Dazzy, Oddblood Gray e Arthur Wix, eram

primitivos, sem qualquer compreensão da ciência, concentrando-se nas questões relativamente insignificantes da sociologia e política.

Ele notou que a Vice-Presidente Helen Du Pray estava presente, assim como Theodore Tappey, o diretor da CIA. Sempre se sentia surpreso pelo fato de uma 349

mulher ser vice-presidente dos Estados Unidos. Achava que a ciência se manifestava contra algo assim. Em suas pesquisas do cérebro, sempre pensara que algum dia encontraria uma diferença fundamental entre os cérebros masculino e feminino, divertia-se porque ainda não descobrira. E divertia-se porque haveria uma briga sensacional se constatasse alguma discrepância.

Ele sempre considerara Theodore Tappey como um Neanderthal. Entregar-se àquelas fúteis maquinações para obter um grau mínimo de vantagem nas relações exteriores, contra companheiros da raça humana. Era um esforço inútil, a longo prazo.

O Dr. Annaccone tirou alguns papéis de sua pasta.

Havia um artigo interessante sobre a partícula hipotética chamada taquion. Nenhuma pessoa naquela sala jamais ouvira falar daquela palavra, pensou ele. Embora seu campo de estudos fosse o cérebro, o Dr. Annaccone possuía um vasto conhecimento de todas as ciências.

Por isso, ele absorveu-se agora no ensaio sobre os taquions. Os taquions realmente existiam? Os físicos vinham discutindo a respeito durante os últimos vinte anos. Os taquions, se existiam, destruiriam as teorias de Einstein; os taquions viajariam mais depressa do que a velocidade da luz, o que Einstein dissera ser impossível. É

verdade que havia a alegação de que os taquions já estavam se deslocando mais depressa do que a luz desde o início, mas o que significava isso? Além do mais, a massa de um taquion é um número negativo. O que supostamente era impossível. Mas o impossível na

vida real podia ser possível no mundo fantástico da matemática. E então o que poderia acontecer? Quem sabia? Quem se importava? Certamente ninguém naquela sala, onde se encontravam alguns dos homens mais poderosos do planeta. Uma ironia por si mesma. Os taquions podiam mudar a vida humana mais do que qualquer coisa que aqueles homens fossem capazes de conceber.

O presidente finalmente entrou na sala e todos se levantaram. O Dr. Annaccone guardou seus papéis.

350

Podia apreciar aquela reunião se permanecesse alerta e contasse as piscadelas na sala. As pesquisas indicavam que as piscadelas podiam revelar se uma pessoa estava ou não mentindo. E com certeza haveria muitas piscadelas.

351

Francis Kennedy compareceu à reunião vestido à vontade, com uma calça esporte, uma camisa branca e uma suéter azul de casimira sem mangas, com um bom humor extraordinário num homem assediado por tantas dificuldades. Depois de cumprimentar a todos, ele disse:

— Temos o Dr. Annaccone aqui conosco hoje, a fim de podermos resolver o problema sobre se o terrorista Yabril estava de alguma forma ligado à explosão da bomba atômica. E também para esclarecer as acusações formuladas pelos jornais e televisão de que nós, na administração, poderíamos ter encontrado a bomba antes da explosão.

Helen Du Pray achou que devia fazer a pergunta:

— Senhor Presidente, declarou em seu discurso no Congresso que Yabril era parte da conspiração da bomba atômica. Foi enfático nesse ponto. Essa declaração foi baseada em provas concretas?

Kennedy estava preparado para essa pergunta e respondeu com uma precisão serena:

— Eu acreditava que era verdade na ocasião, acredito que é verdade agora.

— Mas quais eram as provas concretas? — insistiu Oddblood Gray.

Os olhos de Kennedy encontraram-se com os de Klee por um momento, antes de ele virar-se para Annaccone e seu rosto se desmanchar num sorriso amistoso.

— É por isso que estamos aqui. Para descobrir. Dr.

Annaccone, quais são seus pensamentos a respeito?

Talvez possa nos ajudar. E como um favor pessoal, pare de calcular os segredos do universo nesse seu bloco. Já descobriu o suficiente para nos meter nas maiores encrencas.

O Dr. Annaccone estivera escrevendo equações matemáticas no bloco à sua frente. Compreendeu que o comentário era uma censura disfarçada como elogio, e disse:

— Ainda não compreendo por que não assinou a ordem para o exame PET antes da explosão do artefato 352

nuclear. Já tinha os dois jovens sob custódia. E tinha a autoridade para isso, pela Lei de Controle de Armas Atômicas.

Christian apressou-se em interferir:

— Estávamos no meio do que julgávamos ser uma crise muito mais importante, se bem se lembra. Achei que esse assunto poderia esperar por mais um dia. Gresse e Tibbot alegavam que eram inocentes, e já dispúnhamos de provas suficientes para detê-los. Não tínhamos o suficiente para indiciá-los. E depois o pai de Tibbot

entrou em cena, passamos a enfrentar um bando de advogados de luxo nos ameaçando com todos os processos. Por isso, achamos que poderíamos esperar até que a outra crise acabasse, pois talvez então tivéssemos mais algumas provas.

A Vice-Presidente Du Pray indagou:

— Christian, tem alguma idéia de como Tibbot Sênior foi avisado sobre a prisão do filho?

— Estamos verificando todos os registros da companhia telefônica de Boston para descobrir a origem das ligações recebidas por Tibbot Sênior. Até agora, ainda não tivemos sorte.

O diretor da CIA, Theodore Tappey, comentou:

— Com todos os seus equipamentos de alta tecnologia, já deveriam ter descoberto.

— Helen, você os desviou para uma tangente —

interrompeu Kennedy. — Vamos nos ater à questão principal. Dr. Annaccone, deixe-me responder à sua pergunta, Christian está tentando remover um pouco da pressão sobre mim, e é justamente para isso que um presidente tem uma assessoria pessoal. Mas eu tomei a decisão de não autorizar a sondagem cerebral. Segundo os protocolos, há algum perigo de danificar o cérebro e eu não queria correr esse risco. Os dois jovens negaram tudo, e não havia provas de que existia mesmo um bomba, a não ser a carta de advertência. O que temos aqui é um ataque insidioso dos meios de comunicação, com o apoio de alguns membros do Congresso. Quero fazer uma pergunta específica. Poderíamos eliminar a possibilidade

de algum conluio entre Yabril e os Professores Tibbot e Gresse se efetuássemos o teste cerebral PET em todos eles?

Isso resolveria o problema?

O Dr. Annaccone respondeu em tom incisivo:

— Claro. Mas há agora uma circunstância diferente.

Está usando a Lei de Controle de Armas Atômicas para obter provas num processo criminal, não para descobrir o paradeiro de um artefato nuclear. A lei não autoriza o teste PET nessas circunstâncias.

— Além do mais — acrescentou Dazzy —, os

advogados contratados nunca nos deixarão chegar perto daqueles garotos.

O Presidente Kennedy lançou um sorriso frio para Dazzy.

— Doutor, ainda temos Yabril. Quero que Yabril seja submetido a uma sondagem cerebral. A pergunta que será formulada é a seguinte: Havia uma conspiração? E a explosão da bomba atômica era parte de seu plano? Se a resposta for afirmativa, as implicações serão enormes. É

possível que ainda haja uma conspiração em andamento. E

pode envolver muito mais do que a cidade de Nova York.

Outros membros do grupo terrorista Primeiros Cem poderiam plantar outros artefatos nucleares. Compreende agora?

— Senhor Presidente, acha que essa possibilidade realmente existe?

— indagou o Dr, Annaccone.

— Precisamos eliminar qualquer dúvida a respeito

— respondeu Kennedy. — Minha decisão é de que esse interrogatório médico do cérebro está justificado nos termos da Lei de Controle de Armas Atômicas.

— Haverá uma tremenda repercussão — disse Arthur Wix. — Eles vão alegar que estamos efetuando uma lobotomia.

Eugene Dazzy comentou, secamente:

— E não estamos?

O Dr. Annaccone ficou de repente tão irritado quanto alguém podia se mostrar na presença do Presidente dos Estados Unidos.

— Não é uma lobotomia — declarou ele. — É um 354

teste cerebral com interferência química. O paciente continua completamente o mesmo depois que o interrogatório é concluído.

— A menos que ocorra algum pequeno deslize —

insistiu Dazzy.

O secretário de imprensa, Matthew Gladyce, interveio:

— Senhor Presidente, o resultado do teste determinará que tipo de comunicado faremos. Precisamos ter muito cuidado. Se o teste comprovar que houve uma conspiração, ligando Yabril, Gresse e Tibbot, estaremos inocentados. Se o teste comprovar que não houve conluio, terá de apresentar muitas explicações.

— Vamos seguir adiante e tratar de outras coisas —

determinou Kennedy, bruscamente.

Eugene Dazzy leu do memorando à sua frente:

— O Congresso quer levar Christian a um de seus comitês de investigação. O Senador Lambertino e o Deputado Jintz querem interrogá-lo. Estão alegando, e insinuaram isso por todos os meios de comunicação, que o Procurador-Geral Christian Klee é a chave para qualquer coisa estranha que tenha ocorrido.

— Posso invocar o privilégio do executivo — disse Kennedy. — Como presidente, eu lhe ordeno que não compareça a qualquer comitê do Congresso.

O Dr. Annaccone, entediado com as discussões políticas, disse em tom de gracejo:

— Christian, por que não se oferece para fazer o nosso teste PET? Pode determinar sua inocência de maneira inequívoca. E endossar a moralidade do procedimento.

— Doutor — disse Christian —, não estou

interessado em determinar minha inocência, como falou.

A inocência é uma coisa que a ciência nunca será capaz de determinar. E não estou interessado na moralidade de uma sondagem cerebral que determinará a veracidade de outro ser humano. Não estamos aqui discutindo a inocência ou a moral. Discutimos o uso do poder para permitir que a sociedade funcione. Outra área em que sua ciência é inútil. Como me disse muitas vezes, não se meta 355

em algo que não entende. Por isso, vá se foder.

Era raro que naquelas reuniões as emoções se manifestassem de forma tão incontida. Era ainda mais raro que se usasse uma linguagem chula quando a Vice-Presidente Du Pray comparecia às reuniões da assessoria

— não que a vice-presidente fosse uma mulher pudica. As pessoas na Sala do Gabinete ficaram surpresas com a explosão de Christian Klee.

O Dr. Annaccone ficou desconcertado. Apenas dissera uma piadinha. Gostava de Klee, como a maioria das pessoas. O homem era cortês

e civilizado, parecia mais inteligente do que a maioria dos advogados. O Dr.

Annaccone, como um grande cientista, orgulhava-se de compreender praticamente tudo no universo. Agora sofria a lamentável e mesquinha vulnerabilidade humana de ter seus sentimentos magoados. Por isso, sem pensar, ele disse:

— Já trabalhou na CIA, Sr. Klee. E no quartel-general da CIA tem uma placa de mármore que diz:

“Conheça a verdade, e a verdade o libertará.”

Christian recuperara seu bom humor.

— Não escrevi isso. E duvido muito.

O Dr. Annaccone também se recuperara. E começara a analisar. Por que a reação furiosa à sua sugestão jocosa?

O procurador-geral, a mais alta autoridade legal no poder executivo do país, tinha realmente alguma coisa a esconder? Annaccone adoraria ter o homem em seu consultório para o teste PET.

Francis Kennedy observara esse diálogo com uma expressão solene, embora um pouco divertida. E, agora, ele interveio, gentilmente:

— Zed, quando você aperfeiçoar o teste cerebral do detector de mentiras, a tal ponto que poderá ser realizado sem efeitos colaterais, talvez tenhamos de sepultá-los.

Não há um único político neste país que poderia conviver com isso.

O Dr. Annaccone declarou:

— Todas essas questões são irrelevantes. O processo foi descoberto. A ciência iniciou sua exploração do 356

cérebro humano. Nunca se pode deter um processo depois de iniciado. Os luditas provaram isso quando tentaram deter a Revolução Industrial. Não se pôde proibir o uso da pólvora, como os japoneses aprenderam ao banirem as armas de fogo por centenas de anos, para depois serem dominados pelo mundo ocidental. A partir do momento em que o átomo foi descoberto, não se podia mais impedir a bomba. O detector de mentiras cerebral está aqui para ficar, é o que posso assegurar a todos.

— Viola a Constituição — protestou Klee.

O Presidente Kennedy comentou, bruscamente:

— Talvez tenhamos de mudar a Constituição.

Matthew Gladyce interveio, com uma expressão horrorizada:

— Se os repórteres ouvirem esta conversa, talvez acabássemos expulsos da cidade.

— Sua função é comunicar ao público o que falamos numa linguagem apropriada, e no momento oportuno —

comentou Kennedy. — E lembre-se de uma coisa: o povo americano é que vai decidir. Sob a Constituição. E agora vamos seguir adiante. Creio que a solução para todos os nossos problemas é desfechar um contra-ataque.

Christian, acelere o processo contra Bert Audick. Sua companhia será acusada de conspiração criminosa com o sultanato de Sherhaben para fraudar o público americano, através da criação ilegal de uma escassez de petróleo para aumentar os preços. Esse é o primeiro ponto.

O presidente virou-se para Oddblood Gray.

— Esfregue o nariz do Congresso na notícia de que a nova Comissão Federal de Comunicações negará as licenças das emissoras das grandes redes de TV, quando solicitarem a renovação. E que novas leis controlarão as transações de Wall Street e dos grandes bancos. Vamos lhes dar alguma coisa com que se preocuparem, Otto.

Helen Du Pray sabia que tinha todo o direito de discordar nas reuniões privadas, embora fosse compulsório, como vice-presidente, concordar com o presidente publicamente. Apesar disso, ela hesitou, antes de dizer, cautelosa:

357

— Não acha que estaremos fazendo inimigos demais ao mesmo tempo? Não seria melhor esperarmos até sermos eleitos para um segundo mandato? Se de fato conseguirmos um Congresso mais simpático a nossas propostas, por que lutar contra o atual Congresso? Por que atihar desnecessariamente todos os interesses empresariais contra nós, quando ainda não nos encontramos numa posição de força maior?

— Não podemos esperar — disse Kennedy. — Eles vão nos atacar, não importa o que façamos. Continuarão a tentar impedir minha reeleição e meu Congresso, por mais conciliadores que sejamos. Atacando-os, podemos forçá-los a considerar. Não podemos permitir que sigam em frente como se não tivessem a menor preocupação no mundo.

Todos permaneceram em silêncio. Kennedy

levantou-se e acrescentou para seus assessores: __Vocês podem definir os detalhes e preparar os documentos necessários.

Foi nesse momento que Arthur Wix falou sobre a campanha dos meios de comunicação, inspirada pelo Congresso, para atacar o Presidente Kennedy, destacando quantos homens e quanto dinheiro eram usados para proteger o presidente.

— O objetivo da campanha é apresentá-lo como uma espécie de César e o Serviço Secreto como uma espécie de guarda imperial do palácio — disse Wix. — Para o público, dez mil homens e um milhão de dólares para proteger um único homem, mesmo sendo o Presidente dos Estados Unidos, parece excessivo. E representa uma péssima imagem em matéria de relações públicas.

Houve silêncio de novo. A lembrança do assassinato de outros Kennedys tornava aquela questão bastante delicada. Além disso, todos eles, mantendo-se tão próximos do presidente, sabiam que Kennedy sentia alguma espécie de medo físico. Por isso, ficaram surpresos quando Kennedy virou-se para o procurador-geral e declarou:

— Neste caso, acho que os nossos críticos estão 358

certos. Christian, sei que vetei qualquer alteração na proteção, mas o que acha de anunciarmos que a divisão do Serviço Secreto da Casa Branca será reduzida à metade? E o orçamento também será cortado. E eu gostaria que não usasse o seu veto para impedir isso, Christian.

Christian sorriu.

— Talvez eu tenha exagerado um pouco, Senhor Presidente. Não usarei meu veto, que sempre poderia ser anulado pelo seu veto.

Todos riram. Mas Gladyce estava um pouco

preocupado com essa vitória aparentemente fácil.

— Senhor Procurador-Geral, não pode simplesmente dizer que fará isso e depois não fazer. O Congresso vai fiscalizar nosso orçamento e examinar todas as dotações.

— Está certo — disse Christian. — Mais uma coisa: quando preparar seu comunicado à imprensa, não esqueça de enfatizar que protestei

com vigor contra essa medida.

Procure dar a impressão de que o presidente está se curvando à pressão do Congresso.

— Agradeço a todos — disse Kennedy. — A reunião está encerrada.

O diretor do Gabinete Militar da Casa Branca, Coronel Henry Canoo, oficial reformado do exército americano, era o homem mais jovial e descontraído na administração. Era jovial porque tinha o que considerava o melhor emprego no país. Só era responsável diretamente ao Presidente dos Estados Unidos, e controlava os fundos secretos presidenciais creditados ao Pentágono, que não estavam sujeitos a nenhuma fiscalização, a não ser a sua e do presidente. Além disso, ele era rigorosamente um administrador; não decidia as questões de política, nem mesmo precisava oferecer sugestões. Era ele quem providenciava todos os aviões, helicópteros e limusines para o presidente e seus assessores pessoais. Era ele quem liberava os recursos para a construção e manutenção dos prédios usados pela Casa Branca que eram considerados secretos.

Cuidava da administração do “Futebol”, o suboficial que 359

sempre carregava a pasta com os códigos da bomba atômica para o presidente usar. Sempre que o presidente queria fazer alguma coisa que custasse dinheiro, mas não quisesse que o Congresso ou os meios de comunicação soubessem, Henry Canoo desembolsava o dinheiro do fundo secreto e carimbava nas notas a mais alta classificação de segurança.

Assim, naquela tarde no fim de maio, quando o Procurador-Geral Klee entrou em sua sala, Henry Canoo cumprimentou-o calorosamente. Já haviam feito outras operações juntos, e no início de sua administração o presidente dera instruções a Canoo para conceder ao procurador-geral qualquer coisa que ele pedisse do fundo secreto. Nas primeiras vezes, Canoo ainda confirmara com o presidente, mas agora já não fazia mais isso.

— Christian — disse ele, jovialmente —, está procurando por informações ou dinheiro?

— As duas coisas — respondeu Christian. —

Primeiro o dinheiro. Vamos prometer publicamente uma redução em cinqüenta por cento da divisão do Serviço Secreto e um corte substancial no orçamento de segurança. Terei de providenciar isso, mas será apenas uma transferência no papel, nada vai mudar. Só que não quero que o Congresso possa descobrir o esquema financeiro. Por isso, seu gabinete militar terá de tirar o dinheiro do orçamento do Pentágono. E depois deverá aplicar sua classificação de segurança máxima.

— Santo Deus! — exclamou Canoo. — É um bocado de dinheiro. Posso dar um jeito, mas não por muito tempo.

— Só até a eleição de novembro — informou Christian. — Nessa ocasião estaremos fora daqui ou tão fortes que o Congresso não fará a menor diferença. Mas neste momento precisamos dar a impressão de que é tudo correto.

— Está certo.

— Agora, a informação. Algum dos comitês do Congresso esteve farejando por aqui ultimamente?

— Claro, Christian. E mais do que o habitual.

Continuam a tentar descobrir quantos helicópteros estão à disposição do presidente, quantas limusines, quantos 360

aviões, essas merdas. Tentam descobrir o que o poder executivo está fazendo. Se soubessem quantos realmente temos, acho que teriam um ataque.

— Que congressista em particular?

— Jintz. Ele tem um assistente-administrativo, Sal Troyca, que é um filho da puta bastante esperto. Diz que só quer saber quantos helicópteros temos, e eu respondo três. Ele diz que soube que são quinze, e eu insisto: “Mas o que a Casa Branca faria com quinze helicópteros?” Mas o sacana chegou perto, pois temos dezesseis.

Klee ficou surpreso.

— E o que fazemos com dezesseis helicópteros?

— Helicópteros sempre quebram. Se o presidente pede um helicóptero, vou dizer-lhe que não, porque estão todos na oficina? Além do mais, as pessoas na assessoria estão sempre pedindo um helicóptero. Você até que não é dos piores, Christian, mas Tappey da CIA e Wix consomem muito tempo de helicóptero. E Dazzy também, embora eu não tenha a menor idéia de como ele usa.

— E também não quero saber — disse Christian. —

Quero que me informe sobre qualquer bisbilhoteiro do Congresso que tentar descobrir qual a logística de apoio à missão presidencial. Tem uma relação com a segurança.

Ponha-me a par de tudo, com a classificação ultra-secreta.

— Está bem — respondeu Canoo, jovialmente. — E

sempre que precisar de alguma reforma em sua casa particular, podemos recorrer também ao fundo secreto.

— Obrigado, mas tenho meu próprio dinheiro.

Ao final da tarde, nesse mesmo dia, o Presidente Kennedy sentou no Gabinete Oval e fumou seu charuto Havana, bem fino. Revisou os acontecimentos do dia. Tudo transcorrera exatamente como ele planejara. Mostrara a sua mão apenas o suficiente para ganhar o apoio da assessoria pessoal.

Klee reagira como era de se esperar, como se lesse os pensamentos do presidente. Canoo o consultara para confirmar. Annaccone era maleável. Helen Du Pray poderia se tornar um problema se ele não tomasse cuidado, mas precisava de sua inteligência e de sua base
361

política das organizações femininas.

Francis Kennedy ficou surpreso ao constatar como se sentia bem. Não havia mais qualquer depressão, e seu nível de energia era mais alto do que em qualquer outra ocasião desde a morte da esposa. Seria porque finalmente assumira o controle da vasta e complexa engrenagem política dos Estados Unidos?

362

CAPÍTULO

20

O Presidente Kennedy convidou Christian Klee a fazer o desjejum em sua suíte na Casa Branca. Era raro haver reuniões nos aposentos particulares de Kennedy.

Jefferson, o mordomo particular do presidente e agente do Serviço Secreto, serviu o lauto desjejum e depois retirou-se discretamente para a copa; só tornaria a aparecer quando fosse chamado pela campainha. Kennedy comentou, casualmente:

— Sabia que Jefferson foi um estudante excepcional, um grande atleta? Jefferson nunca se submeteu a ninguém. — Ele fez uma pausa. — Como ele se tornou um mordomo, Christian?

Klee sabia que tinha de contar a verdade.

— Ele é também o melhor agente do Serviço Secreto. Recrutei-o pessoalmente para essa função.

— A mesma indagação continua a se aplicar... por que ele aceitaria um emprego no Serviço Secreto? E ainda por cima como mordomo?

— Ele ocupa um posto bastante alto no Serviço Secreto.

— Ainda assim — insistiu Kennedy.

363

— Organizar um procedimento de filtragem dos mais elaborados para essas funções. Jefferson era o melhor de todos, e é na verdade o chefe da equipe na Casa Branca.

— Ainda assim.

— Prometi-lhe que arrumaria, antes de sua saída da Casa Branca, um cargo influente no Departamento de Saúde, Educação e Assistência Social.

— Ah, foi muito esperto... como vai parecer em seu currículo passar de mordomo a um cargo importante?

— Seu currículo dirá que ele era meu assistente executivo — explicou Christian.

Kennedy levantou a caneca de café, a porcelana branca com águias gravadas.

— Não me leve a mal, Christian, mas notei que todos os meus empregados imediatos na Casa Branca são muito eficientes em suas funções. Todos pertencem ao Serviço Secreto? Isso seria incrível.

— Uma escola especial e uma doutrinação especial, apelando para o orgulho profissional de todos — disse Christian. — Não é tão incrível assim.

Kennedy soltou uma risada.

— Até mesmo os cozinheiros?

— Especialmente os cozinheiros — respondeu Christian, sorrindo. — Todos os cozinheiros são malucos.

Como muitos homens, Christian sempre usava uma piada a fim de obter tempo para pensar. Conhecia o método de Kennedy de se preparar para entrar em terreno perigoso, demonstrando bom humor e mais um fragmento de informação que não deveria ter.

Continuaram a comer, Kennedy bancando o que chamava de “mãe”, passando os pratos e servindo. A porcelana, à exceção da caneca especial de café de Kennedy, era uma beleza, com o símbolo

presidencial azul, tão frágil quanto uma casca de ovo. Ao final, Kennedy anunciou, em tom quase de indiferença:

— Eu gostaria de passar uma hora com Yabril.

Espero que você cuide disso pessoalmente. — Ele percebeu a expressão de ansiedade no rosto de Christian e acrescentou: — Apenas por uma hora e só uma vez.

364

— O que pode ganhar com isso, Francis? E pode ser angustiante demais para você. Talvez não conseguisse suportar.

Havia sulcos no rosto de Kennedy que Christian nunca notara antes.

— Claro que posso suportar.

— Se o encontro vazar, haverá muitas indagações — insistiu Christian.

— Pois então cuide para que não vaze. Não haverá registros escritos do encontro, não constará da pauta da Casa Branca. Quando poderá ser?

— Precisarei de alguns dias para tomar as providências necessárias. E Jefferson terá de saber.

— Mais alguém deve saber?

— Talvez seis outros homens da minha divisão especial — informou Christian. — Terão de saber que Yabril se encontra na Casa Branca, mas não necessariamente para se encontrar com você. Vão adivinhar, mas não saberão com certeza.

— Se for necessário — sugeriu Kennedy —, posso ir até o lugar em que você o mantém.

— De jeito nenhum. A Casa Branca é o melhor lugar. E deve ser depois de meia-noite. Sugiro uma hora da madrugada.

— Está certo. Depois de amanhã.

— Combinado, Francis. Você terá de assinar alguns papéis, que serão vagos, mas me protegerão se alguma coisa sair errada.

Kennedy suspirou, como se estivesse aliviado, depois ressaltou, em tom firme:

— Ele não é um super-homem. Não se preocupe.

Quero conversar com ele livremente, quero que ele responda de forma lúcida e por sua livre e espontânea vontade. Não o quero drogado nem coagido por qualquer meio. Quero entender como sua mente funciona e talvez assim deixe de odiá-lo tanto. Quero descobrir como as pessoas iguais a ele realmente sentem.

— Devo estar fisicamente presente nessa reunião —

avisou Christian, constrangido. — Sou o responsável.

365

— Não pode esperar do lado de fora da porta, junto com Jefferson?

— indagou Kennedy.

Christian, em pânico pelas implicações desse pedido, bateu com a frágil xícara de café e disse, angustiado:

— Por favor, Francis, não posso fazer isso. É

verdade que ele estará contido, fisicamente impotente, mas ainda assim devo servir como intermediário entre os dois. Esta é uma ocasião em que tenho de usar o poder de veto que me concedeu.

Ele tentou esconder seu medo pelo que Kennedy poderia fazer. Ambos sorriram. Fora parte do acordo, quando Christian garantira a segurança do presidente.

Como chefe do Serviço Secreto, Christian poderia vetar qualquer exposição presidencial ao público.

— Nunca abusei desse poder — acrescentou Christian.

Kennedy fez uma careta.

— Mas o tem exercido com bastante vigor. Muito bem, você pode ficar na sala, mas tente desaparecer na decoração colonial. E Jefferson fica no outro lado da porta.

— Providenciarei tudo. Mas devo lhe dizer, Francis, que isso não poderá ajudá-lo.

Christian Klee preparou Yabril para o encontro com o Presidente Kennedy. Já houvera, é claro, muitos interrogatórios, mas Yabril, sorridente, recusara-se a responder a qualquer pergunta. Mostrara-se muito frio, muito confiante, disposto a conversar em termos gerais —

discutir política, teoria marxista, o problema palestino, que ele chamava de problema israelense —, mas recusava-se a falar sobre seus antecedentes ou suas operações terroristas. Recusava-se a falar sobre Romeu, seu parceiro, ou sobre Theresa Kennedy e seu assassinato, ou sobre o seu relacionamento com o sultão de Sherhaben.

A prisão de Yabril era um pequeno hospital de dez leitos, construído pelo FBI para manter os prisioneiros perigosos e os informantes valiosos. Aquele hospital era guarnecido por pessoal médico do Serviço Secreto e guardado pela divisão especial de agentes sob o comando 366

direto de Klee. Havia cinco desses hospitais de detenção nos Estados Unidos: um na área de Washington, D.C., outro em Chicago, um em Los Angeles, um em Nevada, e outro em Long Island.

Esses hospitais eram usados às vezes para experiências médicas secretas com prisioneiros voluntários. Mas Klee esvaziara o hospital em Washington para manter Yabril no isolamento. Também esvaziara o hospital em Long Island para colocar ali os dois jovens cientistas que haviam planejado a bomba atômica.

No hospital em Washington, Yabril vivia numa suíte médica completamente equipada para abortar qualquer tentativa de suicídio pela violência ou jejum. Havia restrições físicas e equipamentos para alimentação intravenosa.

Cada centímetro do corpo de Yabril, inclusive os dentes, havia sido radiografado, e ele era sempre contido por um casaco frouxo de fabricação especial, que lhe permitia um uso apenas parcial dos braços e pernas. Ele podia ler e escrever, andar em passos miúdos, mas não podia fazer movimentos mais violentos. Era também mantido sob vigilância 24 horas por dia, através de um espelho de face dupla, por equipes de agentes do Serviço Secreto, da divisão especial de Klee.

Depois da conversa com o Presidente Kennedy, Christian foi visitar Yabril, sabendo que tinha um problema. Entrou na suíte de Yabril em companhia de dois agentes do Serviço Secreto. Sentou num dos sofás confortáveis e ordenou que Yabril fosse trazido do quarto.

Empurrou Yabril para uma das poltronas, gentilmente, e depois ordenou que os agentes verificassem as correias que o restringiam. Yabril comentou, em tom desdenhoso:

— É um homem muito cuidadoso, com todo o seu poder.

— Acredito em ser cuidadoso — respondeu

Christian, muito solene. — Sou como aqueles engenheiros que constroem pontes e prédios para resistirem a uma pressão cem vezes maior do que é 367

possível. É assim que cuido do meu trabalho.

— Não é a mesma coisa — contestou Yabril. — Não se pode prever a pressão do Destino.

— Sei disso, mas alivia minhas ansiedades e é sempre útil. Agora, o motivo para a minha visita: vim lhe pedir um favor.

Ao ouvir isso, Yabril desatou a rir, uma risada estridente e escarninha, mas de genuíno divertimento.

Christian sorriu, fitando-o fixamente.

— Não, falo sério. Trata-se de um favor que está ao seu alcance conceder ou recusar. E peço que escute com toda atenção. Tem sido bem tratado... é uma decisão minha e também as leis deste país. Sei que é inútil fazer ameaças. Sei que você tem seu orgulho, mas é uma coisa pequena o que vou lhe pedir, algo que não vai comprometê-lo por qualquer forma. E, em troca, prometo fazer tudo o que estiver ao meu alcance para que nada de lamentável aconteça. Sei que você ainda tem esperança.

Pensa que seus camaradas dos famosos Primeiros Cem encontrarão alguma manobra hábil para nos obrigar a libertá-lo.

O rosto fino e moreno de Yabril perdeu o humor sombrio, e ele comentou:

— Já tentamos várias vezes efetuar uma ação contra o seu Presidente Kennedy, operações bastante complexas e hábeis. Todas foram desmanteladas neste país. Conduzi pessoalmente uma investigação sobre esses fracassos e a destruição de nosso pessoal. E a trilha sempre levava a você.

Por isso, sei que temos a mesma linha de trabalho. Sei que você não é um desses políticos cautelosos. Portanto, basta me dizer qual é a cortesia que deseja. Presuma que tenho inteligência suficiente para considerá-la com todo cuidado.

Christian recostou-se no sofá. Parte de seu cérebro registrou que Yabril, por ter descoberto a sua trilha, era perigoso demais para ser libertado, sob quaisquer circunstâncias. Yabril fora tolo ao deixar escapar essa informação. Um momento depois, porém, Christian voltou a se concentrar no problema que o levava até ali.

— O Presidente Kennedy é um homem bastante 368

complexo, sempre tenta compreender os acontecimentos e as pessoas. E por isso quer se encontrar com você, pessoalmente, interrogá-lo, conversar. Quer entender o que o levou a matar sua filha; talvez queira se absolver de seus próprios sentimentos de culpa. Agora, tudo o que lhe peço é que converse com ele, responda a suas perguntas.

Peço que não o rejeite totalmente. Acha que pode fazer isso?

Yabril, trancafiado em seu casaco folgado, tentou levantar os braços num gesto de rejeição. Carecia absolutamente de medo físico; e, no entanto, a perspectiva de encontrar com o pai da moça que assassinara em Sherhaben despertava-lhe uma agitação que o surpreendia. Afinal, fora um ato político, e um presidente dos Estados Unidos deveria compreender isso melhor do que ninguém. Ainda assim, seria interessante fitar nos olhos o homem mais poderoso do mundo e dizer: "Matei sua filha. Eu o feri de forma mais terrível do que jamais conseguirá me ferir, com seus milhares de navios de guerra, suas dezenas de milhares de aviões de combate."

— Está certo, eu lhe prestarei esse pequeno favor —

disse Yabril. — Mas, ao final, é possível que não me agradeça.

Klee levantou-se e pôs a mão de leve no ombro de Yabril, mas o terrorista desvencilhou-se com desdém.

— Não tem importância — murmurou Klee. — E eu ficarei agradecido.

Dois dias mais tarde, uma hora depois de meia-noite, o Presidente Kennedy entrou na Sala Oval Amarela da Casa Branca para encontrar Yabril já sentado numa cadeira ao lado da lareira. Christian Klee estava de pé ao seu lado.

Numa mesinha oval, incrustada com um escudo da bandeira americana, havia uma travessa de prata com pequenos sanduíches, um bule de prata com café, xícaras e pires com frisos dourados. Jefferson serviu café nas três xícaras, depois retirou-se para o outro lado da sala, encostou os ombros largos na porta. Kennedy percebeu que Yabril, que inclinou a cabeça à sua chegada, estava imobilizado na 369

cadeira.

— Você não o drogou, não é mesmo? — perguntou ele, bruscamente.

— Claro que não, Senhor Presidente — respondeu Christian. — Ele está com correias nos braços e pernas.

— Não pode deixá-lo mais à vontade?

— Não, senhor.

Kennedy dirigiu-se diretamente a Yabril:

— Lamento muito, mas não tenho a última palavra nessas questões. Não vou mantê-lo aqui por muito tempo.

Gostaria apenas de lhe fazer algumas perguntas.

Yabril acenou com a cabeça. Por causa das correias, foi com alguma dificuldade que se serviu de um dos sanduíches, que estava delicioso. E ajudou seu orgulho, de certa forma, que o inimigo pudesse constatar que ele não se encontrava completamente desamparado. Estudou o rosto de Kennedy, e ficou aturdido ao concluir que ali estava um homem que, em outras circunstâncias, teria instintivamente respeitado e confiado, até certo ponto. O

rosto revelava sofrimento, mas também um tremendo controle desse sofrimento. Também demonstrava uma preocupação genuína por seu desconforto; não havia condescendência ou falsa compaixão. Apesar de tudo isso, porém, havia ali uma solene força.

Yabril disse baixinho, de forma mais polida e talvez mais humilde do que tencionara:

— Sr. Kennedy, antes de começarmos, deve me responder a uma pergunta. Acredita sinceramente que sou o responsável pela explosão da bomba atômica em seu país?

— Não — respondeu Kennedy.

E Christian ficou aliviado porque o presidente não deu qualquer informação adicional.

— Obrigado. Como poderia alguém pensar que sou tão estúpido assim? E eu ficaria ressentido se tentasse usar essa acusação como uma arma. Pode me perguntar qualquer coisa que quiser.

Kennedy gesticulou para que Jefferson deixasse a sala e observou-o sair. E depois falou baixinho para 370

Yabril. Christian baixou a cabeça, como se não quisesse ouvir. E, na verdade, não queria mesmo ouvir. Kennedy disse:

— Sabemos que organizou toda a série de

acontecimentos. O assassinato do Papa, a farsa de permitir que seu cúmplice fosse capturado, a fim de poder exigir sua libertação. O seqüestro do avião. E a morte de minha filha, que foi planejada desde o início. Sabemos de tudo isso com certeza, mas gostaria que me confirmasse se é mesmo verdade. Por falar nisso, posso perceber a lógica de seu plano.

Yabril fitou Kennedy nos olhos.

— É tudo verdade. Mas estou espantado que tenha percebido tudo tão depressa. Eu pensava que o plano era muito esperto.

— Infelizmente, não é uma coisa de que eu possa me orgulhar. Significa que, basicamente, tenho o mesmo tipo de mente que você. Ou que não há muita diferença na mente humana quando se trata de insídia.

— Ainda assim, talvez o plano tenha sido astuto demais. O senhor violou as regras do jogo. Mas é claro que não era xadrez, as regras não eram tão rigorosas. O

senhor deveria ser um peão, dispondo apenas dos movimentos de um peão.

Kennedy sentou e tomou um gole de café, um gesto de polidez social. Christian podia perceber que ele estava muito tenso; para Yabril, é claro, a aparente descontração do presidente era transparente. Yabril especulou quais seriam as verdadeiras intenções do homem. Era óbvio que não eram maldosas; não havia qualquer intenção de usar o poder para assustá-lo ou feri-lo.

— Eu sabia desde o início — continuou Kennedy. —

Com o seqüestro do avião, compreendi que mataria minha filha. Quando seu cúmplice foi capturado, compreendi que era parte do plano. Nada me surpreendeu. Meus assessores só concordaram mais tarde sobre o seu plano.

Portanto, o que me preocupa é que minha mente deve ser parecida com a sua. E, no entanto, a conclusão é a seguinte: não posso me imaginar a realizar uma operação 371

dessas. Quero evitar dar esse próximo passo, e foi por isso que pedi para conversar com você. Para aprender e prever, para me precaver contra mim mesmo.

Yabril estava impressionado com a atitude cortês de Kennedy, a tranqüilidade de seu discurso, o desejo aparente de encontrar uma verdade. O presidente continuou.

— O que você ganhou com tudo isso? O Papa será substituído; a morte de minha filha não alterará a estrutura internacional do poder. Qual o seu proveito?

Yabril pensou: A velha questão do capitalismo, tudo se reduz a isso. Ele sentiu as mãos de Christian pousarem de leve em seus ombros, por um momento. Hesitou um pouco, antes de responder:

— A América é o colosso a que o estado israelense deve sua existência. E este é essencialmente o que oprime meu povo. Seu sistema capitalista oprime os pobres do mundo, até mesmo em seu país. É necessário acabar com o medo de sua força. O Papa é parte dessa autoridade, a Igreja Católica aterrorizou os pobres do mundo por incontáveis séculos, com o inferno e até mesmo o paraíso, uma atitude vergonhosa. E isso vem se prolongando há dois mil anos. Promover a morte do Papa foi mais do que uma satisfação política.

Christian afastara-se da cadeira de Yabril, mas ainda se mantinha alerta, pronto para interferir. Abriu a porta da Sala Oval Amarela e sussurrou alguma coisa para Jefferson por um instante. Yabril observou tudo isso em silêncio, depois continuou:

— Mas todas as minhas ações contra o senhor fracassaram. Organizei duas operações bastante meticulosas para assassiná-lo, e ambas fracassaram. Podia um dia perguntar os detalhes ao Sr. Klee.

Talvez o deixem espantado. O procurador-geral, um título inócuo... e devo confessar que no início me enganou. Ele destruiu minhas operações de uma forma tão implacável que não pude deixar de admirá-lo. Mas também ele dispunha de muitos homens, de toda a tecnologia possível. Fiquei impotente.

Mas sua própria invulnerabilidade acarretou a morte de 372

sua filha. Sei como isso deve perturbá-lo, mas tenho de falar com franqueza, pois foi esse o seu desejo.

Christian voltou a se postar atrás da cadeira e tentou evitar o olhar de Kennedy. Yabril experimentou uma estranha pontada de medo, mas seguiu em frente:

— Pense um pouco. — Ele ergueu os braços pela metade, na tentativa de fazer um gesto enfático. — Se eu seqüestro um avião, sou um monstro. Se os israelenses bombardeiam uma pequena cidade árabe indefesa e matam centenas de pessoas, estão defendendo a liberdade; mais do isso, estão vingando o famoso holocausto, pelo qual os árabes não tiveram a menor responsabilidade. Mas quais são as nossas opções? Não temos o poder militar, não temos a tecnologia. Quem é o mais heróico? Em ambos os casos, os inocentes morrem. E onde está a justiça? O estado de Israel foi criado por potências estrangeiras, meu povo expulso para o deserto. Somos os novos expatriados, os novos judeus, uma tremenda ironia. O mundo espera que não lutemos? O que podemos usar, exceto o terror? O que os judeus usaram quando lutavam contra os britânicos pela criação de seu estado? Aprendemos tudo sobre o terror com os judeus daquele tempo. E aqueles terroristas são agora heróis, aqueles assassinos de inocentes. Um deles até se tornou primeiro-ministro de Israel e foi aceito pelos chefes de estado como se nunca tivessem sentido o cheiro de sangue em suas mãos. Por acaso sou mais terrível?

Yabril fez uma pausa, tentou levantar, mas Christian tornou a empurrá-lo para a cadeira. Kennedy fez um gesto para que ele continuasse a falar, e Yabril disse:

— Pergunta o que eu realizei. Num certo sentido, fracasei, e a prova disso é que estou aqui como prisioneiro. Mas desfechei um tremendo golpe contra a autoridade americana no mundo. A América não é tão grande assim, no final das contas. Poderia ter acabado melhor para mim, mas ainda assim não é uma perda total.

Denunciei ao mundo como é brutal a sua democracia supostamente humana. Destruíram uma grande cidade, subjugaram implacavelmente uma nação estrangeira.

Obriguei-o a lançar seus raios para assustar o mundo 373

inteiro, e com isso alienou uma parte do mundo. A sua América já não é mais tão amada. E em seu próprio país conseguiu polarizar as facções políticas. Sua imagem pessoal mudou e converteu-se no terrível Mr. Hyde, em vez do santo Dr. Jekyll.

Yabril fez uma pausa para controlar a violenta energia das emoções que passavam por seu rosto. Tornou-se mais respeitoso, mais sombrio.

— Chego agora ao que deseja ouvir e o que é angustiante para mim relatar. A morte de sua filha era necessária. Ela era um símbolo da América, por ser a filha do homem mais poderoso do mundo. Sabe o que isso proporciona às pessoas que temem a autoridade? Dá-lhes esperança, não importa que algumas até amem a América, que algumas possam considerá-la com benfeitora ou amiga. A longo prazo, as pessoas odeiam seus benfeitores. As pessoas percebem que vocês não são mais poderosos do que elas, não precisam temê-los. É claro que seria mais eficaz se eu escapasse livre. Como acha que seria? O Papa morto, sua filha assassinada, e depois você obrigado a me libertar! A América e seu presidente pareceriam completamente impotentes aos olhos do mundo.

Yabril recostou-se na cadeira para atenuar a pressão das correias e sorriu para Kennedy.

— Só cometi um erro. Julguei-o de uma maneira totalmente equivocada. Não havia nada em sua história que prenunciasse as ações que efetuou. Era o grande liberal, o homem ético moderno. Pensei que libertaria meu amigo. Pensei que não seria capaz de perceber todo o plano tão depressa, nunca sonhei que poderia cometer um crime tão grande.

— Houve bem poucas baixas quando a cidade de Dak foi bombardeada... lançamos avisos de aviões horas antes — disse Kennedy.

— Compreendo isso. Foi uma resposta terrorista perfeita. Eu teria feito a mesma coisa. Mas nunca seria capaz de fazer o que você fez para se salvar, explodir uma bomba atômica em uma de suas próprias cidades.

374

— Está enganado — disse Kennedy.

E Christian ficou outra vez aliviado por ele não oferecer mais informações. E também se sentiu aliviado ao constatar que Kennedy não levava a sério a acusação.

Ao contrário, Kennedy passou no mesmo instante a outro assunto, perguntando a Yabril:

— Como pode justificar em seu coração todas as coisas que fez, as traições da confiança humana? Li seu dossiê. Como pode qualquer ser humano dizer a si mesmo que vai melhorar o mundo matando homens, mulheres e crianças inocentes, que vai tirar a humanidade do desespero pela traição de seu melhor amigo... e tudo isso sem qualquer autoridade concedida por Deus ou por seus semelhantes. Pondo de lado a compaixão, como sequer ousa assumir esse poder?

Yabril esperou cortesmente, como se aguardasse outra pergunta, antes de dizer:

— Os atos que eu cometi não são tão monstruosos quanto a imprensa e os moralistas alegam. O que me diz de seus pilotos de bombardeiros, que despejam a destruição como se as pessoas lá embaixo fossem meras formigas? Esses rapazes de bom coração, com todas as virtudes viris. Mas eles foram ensinados a cumprir seu dever. Acho que eu não sou diferente. Só não conto com os recursos para lançar a morte do ar, de milhares de metros de altura. Ou os canhões navais que arrasam tudo a trinta quilômetros de distância. Devo sujar as mãos com sangue. Devo ter a força moral, a pureza mental para derramar sangue diretamente, pela causa em que acredito.

Tudo isso é óbvio demais, uma discussão antiga, parece covardia até travá-la. Mas quer saber como tenho a coragem de assumir essa autoridade sem contar com a aprovação de uma fonte superior? Isso é mais complicado. Deixe-me acreditar que o sofrimento que testemunhei em meu mundo me concedeu essa autoridade. Deixe-me dizer que os livros que li, a música que ouvi, o exemplo de homens muito maiores do que eu, tudo isso me proporcionou a força para agir de acordo com os meus princípios. É mais difícil para mim do que 375

para você mobilizar o apoio de centenas de milhões de pessoas, e assim cometer seu terror como um dever para com essas pessoas, como seu instrumento.

Neste ponto Yabril fez outra pausa, tomou um gole de café. E depois continuou, com uma serena dignidade:

— Devotei minha vida à revolução contra a ordem estabelecida, contra a autoridade que desprezo. E morrerei acreditando que é certo tudo o que fiz. E, como sabe muito bem, não há lei moral que exista para sempre.

Ao final, Yabril estava exausto, estendeu-se na cadeira, os braços dando a impressão de que se achavam quebrados, por causa das correias. Kennedy escutara tudo sem qualquer sinal de desaprovação. E não apresentou nenhum contra-argumento. Houve um silêncio prolongado, que o presidente finalmente rompeu:

— Não posso argumentar em termos de moral...

basicamente, fiz a mesma coisa que você. E, como disse, é mais fácil fazer quando não se fica com as mãos diretamente ensangüentadas. Mas, outra vez como você disse, agi com base numa autoridade social, não movido pela hostilidade pessoal.

Yabril interrompeu-o:

— Isso não é correto. O Congresso não aprovou suas ações; nem os membros de seu Gabinete. Essencialmente, agiu como eu, por sua autoridade pessoal. É meu companheiro no terrorismo.

— Mas o povo do meu país, o eleitorado, aprova o que eu fiz — insistiu Kennedy.

— A turba — murmurou Yabril. — Eles sempre aprovam. Recusam-se a prever os perigos de tais ações. O

que você fez foi errado, em termos políticos e morais.

Agiu por um desejo de vingança pessoal. — Yabril sorriu.

— E sempre pensei que estaria acima de tal ação. Não se pode contar com a moral.

Kennedy ficou em silêncio por um momento, como se avaliasse sua resposta com todo cuidado,

— Espero que você esteja enganado, mas só o tempo dirá. Quero agradecer por me falar com tanta franqueza, ainda mais porque sei

que se recusou a cooperar em 376

interrogatórios anteriores. Já deve saber, é claro, que a melhor firma de advocacia dos Estados Unidos foi contratada pelo sultão de Sherhaben para defendê-la. Muito em breve eles terão permissão para encontrá-lo e começar a preparar sua defesa.

Kennedy sorriu e levantou-se para sair da sala. Já estava quase alcançando a porta quando esta foi aberta.

Um instante depois, quando já ia passar pela porta, ouviu a voz de Yabril. O terrorista fizera um tremendo esforço para se levantar, apesar das correias que o restringiam, tinha a maior dificuldade para manter o equilíbrio. Mas estava empertigado quando disse:

— Senhor Presidente...

Kennedy virou-se para fitá-lo. Yabril levantou os braços devagar e acrescentou:

— Senhor Presidente, quero que saiba que não me engana. Sei que nunca verei nem falarei com meus advogados.

Christian postara-se entre os dois homens e Jefferson se encontrava ao lado de Kennedy. O presidente ofereceu um sorriso frio a Yabril e declarou:

— Tem a minha garantia pessoal de que verá e falará com seus advogados.

Kennedy saiu da sala. Nesse momento, Christian Klee sentiu uma angústia próxima da náusea. Sempre acreditara que conhecia Francis Kennedy, mas agora descobria que isso não era verdade. Por um instante nítido, avistara uma expressão de puro ódio no rosto de Kennedy, algo estranho a tudo em seu caráter.

LIVRO

V

CAPÍTULO

21

QUANDO FRANCO SEBBEDICCIO era um menino na Sicília, escolhera o lado da lei e da ordem, não apenas porque parecia o mais forte, mas também porque adorava o doce conforto de viver sob as regras rigorosas da autoridade. A Máfia era assustadora demais, o mundo do comércio, muito perigoso, e por isso ele se tornara um policial. Trinta anos depois, era o chefe da divisão antiterrorista de toda a Itália.

Agora tinha sob prisão o assassino do Papa, um jovem italiano de boa família, chamado Armando Gangi, codinome Romeu. O codinome provocava a mais profunda irritação em Sebbediccio. Ele encarcerara Romeu nas celas mais profundas de sua prisão romana.

Sob vigilância estava Rita Fallicia, cujo codinome era Annee. Fora fácil descobri-la, porque ela era uma perturbadora da ordem desde a adolescência, uma agitadora na universidade, uma líder belicosa em manifestações, além de estar ligada ao seqüestro de um eminente banqueiro em Milão.

As provas haviam surgido em quantidade. Os terroristas tinham abandonado as casas seguras, mas os 381

pobres coitados não tinham como saber dos recursos científicos de uma organização policial nacional. Havia uma toalha com vestígios de sêmen, o suficiente para identificar Romeu. Um dos homens capturados fornecera informações, sob um severo interrogatório. Mas Sebbediccio não prendera Annee. Ela deveria permanecer em liberdade.

Franco Sebbediccio preocupava-se com a

possibilidade de o julgamento dos culpados servir para glorificar o assassinato do Papa e eles se tornarem heróis, passarem suas

sentenças de prisão sem muito desconforto.

A Itália não tinha pena de morte, por isso eles seriam condenados no máximo à prisão perpétua, o que era uma piada. Com toda a redução da pena por bom comportamento, e as diferentes condições para anistias, seriam libertados ainda relativamente jovens.

Seria diferente se Sebediccio pudesse ter conduzido o interrogatório de Romeu de uma maneira mais séria.

Mas porque o desgraçado matara um Papa, seus direitos haviam se tornado uma causa no mundo ocidental. Havia manifestantes e grupos que defendiam os direitos humanos da Escandinávia e Inglaterra, até mesmo cartas dos Estados Unidos. Todos proclamavam que os dois assassinos deviam ser cuidados de uma maneira humana, sem serem submetidos a tortura, nem maltratados por qualquer meio. E as ordens haviam partido de cima: Não desgrace a justiça italiana com qualquer coisa que possa ofender os partidos de esquerda na Itália. Luvas de pelica.

Mas ele, Franco Sebediccio, ignoraria todos esses absurdos e mandaria um recado para os terroristas. Franco Sebediccio estava determinado a fazer com que Romeu, o tal de Armando Giangi, cometesse suicídio.

Romeu passara seus meses na prisão acalentando um sonho romântico. Sozinho em sua cela, resolvera se apaixonar pela moça americana, Dorothea. Lembrava-se de Dorothea a esperá-lo no aeroporto, a suave cicatriz em seu queixo.

Em seus devaneios, ela parecia muito bela, extremamente gentil. Tentava recordar toda a conversa na última noite 382

que passara com ela, em Hamptons. Agora, em sua memória, parecia-lhe que Dorothea o amara. Que cada gesto seu o desafiava a declarar seu desejo, a fim de que ela pudesse demonstrar seu amor. Romeu lembrava como ela sentava, tão graciosa, tão

sedutora. Como os olhos de Dorothea o fitavam, poços profundos e escuros de azul, a nele branca se colorindo no rubor. E agora ele se censurava por sua timidez. Jamais tocara naquela pele. Lembrava as pernas compridas e esguias, colocava-as em torno de seu pescoço. Imaginava os beijos que daria nos cabelos de Dorothea, nos olhos, em toda a extensão de seu corpo esbelto.

E depois Romeu sonhava com Dorothea ao sol, envolta por correntes, olhando para ele em censura e desespero. Acalentava fantasias sobre o futuro. Ela cumpriria apenas uma curta sentença de prisão. Ficaria à sua espera. E ele seria libertado. Por uma anistia ou por uma troca de reféns, talvez por pura misericórdia cristã. E, quando isso acontecesse, haveria de encontrá-la.

Havia noites em que Romeu se desesperava e pensava na traição de Yabril. O assassinato de Theresa Kennedy nunca fora aventado no planejamento, e Romeu estava convencido, no fundo de seu coração, que jamais teria consentido em tal ato. Sentia uma profunda repulsa por Yabril, por suas próprias convicções, por sua própria vida. Às vezes chorava em silêncio, no escuro. E depois tratava de se consolar, perdia-se nas fantasias de Dorothea. Era falso, ele sabia. Era uma fraqueza, ele sabia, mas não podia se conter.

Romeu, em sua cela vazia, recebeu Franco Sebediccio com um sorriso sardônico. Podia perceber o ódio nos olhos de camponês do velho, podia sentir sua perplexidade pelo fato de uma pessoa de boa família, que levava uma vida agradável, luxuosa, pudesse se tornar um revolucionário.

Também estava consciente de que Sebediccio sentia-se frustrado porque a vigilância do público internacional impedia-o de tratar o prisioneiro com a brutalidade que gostaria.

Sebediccio trancara-se com o prisioneiro, os dois a 383

sós na cela, com dois guardas e um observador do gabinete do diretor observando do lado de fora da porta, mas incapazes de ouvirem qualquer coisa que se dissesse. Era quase como se o corpulento homem mais velho estivesse convidando a algum ataque. Mas Romeu sabia que era outra coisa, que o homem mais velho simplesmente tinha confiança na autoridade de sua posição. Romeu sentia o maior desprezo por esse tipo de homem, enraizado na lei e na ordem, algemado por suas convicções e pelos padrões morais burgueses. Por tudo isso, ficou extremamente surpreso quando Sebediccio lhe disse, de forma casual, mas em voz muito baixa:

— Giangi, você vai tornar a vida mais fácil para todo mundo. Vai cometer suicídio.

Romeu riu.

— Não vou, não. E sairei da cadeia antes que você morra de pressão alta e úlcera. Estarei andando pelas ruas de Roma quando você for levado para o cemitério. E irei cantar para os anjos em seu túmulo. E assoviarei ao me afastar.

Sebediccio disse, paciente:

— Eu queria apenas avisá-lo que você e seus companheiros vão cometer suicídio. Dois de meus homens foram mortos por seus amigos para intimidar a mim e a meus colegas. O suicídio de vocês será a minha resposta.

— Não posso atendê-lo — declarou Romeu. —

Gosto demais da vida. E com o mundo inteiro observando, você não se atreverá nem mesmo a me dar um bom chute no rabo.

Sebediccio ofereceu-lhe um sorriso benevolente.

Tinha um trunfo na manga.

O pai de Romeu, que durante toda a sua vida nada fizera pela humanidade, acabara fazendo alguma coisa pelo filho. Matara-se com um tiro. Um Cavaleiro de Malta, pai do assassino do Papa, um homem que sempre vivera apenas por seu prazer egoísta, decidira inexplicavelmente assumir o manto da culpa.

Quando a mãe de Romeu, uma viúva recente, pediu 384

para visitar o filho em sua cela na prisão e foi recusada, os jornais resolveram endossar sua causa. O golpe decisivo foi desfechado pelo advogado de Romeu, ao ser entrevistado na televisão:

— Pelo amor de Deus, ele quer apenas ver a mãe!

O que provocou reações favoráveis não apenas na Itália, mas em todo o mundo ocidental. Muitos jornais reproduziram a frase, literalmente, em manchetes na primeira página: “Pelo amor de Deus, ele quer apenas ver a mãe!”

O que não era a verdade rigorosa: a mãe de Romeu queria vê-lo, mas ele não queria vê-la.

Com uma pressão tão intensa, o governo fora obrigado a permitir que Mamãe Gangi visitasse o filho. O

que irritara Franco Sebediccio, que se opunha a essa visita; ele queria manter Romeu em isolamento, impedir qualquer contato com o mundo exterior. Que tipo de mundo era aquele que se atrevia a dispensar tanta gentileza ao assassino de um Papa? Mas o diretor da prisão passara por cima dele.

O diretor tinha um escritório suntuoso e convocou Sebediccio para uma reunião. Foi logo dizendo:

— Meu caro senhor, tenho minhas instruções, a visita será permitida. E não na cela, onde a conversa poderia ser gravada, mas aqui mesmo, nesta sala. Sem ninguém para ouvir, mas gravada por

câmeras nos últimos cinco minutos... afinal, os meios de comunicação precisam obter seus lucros.

— E qual é a razão para a permissão? — perguntou Sebediccio.

O diretor ofereceu-lhe o sorriso que em geral reservava aos presos ou a seus subordinados que haviam se tornado quase como os próprios presos.

— Um filho ver sua mãe viúva. O que pode haver de mais sagrado?

— Um homem que assassina o Papa? — disse

Sebediccio, em tom ríspido. — Ele tem de ver sua mãe?

O diretor deu de ombros.

— Os que estão por cima de nós assim decidiram.

385

Trate de aceitar. Além disso, o advogado de defesa insiste em que esta sala seja vasculhada à procura de microfones.

Por isso, não pense em esconder aqui qualquer equipamento eletrônico.

— E como o advogado vai efetuar essa verificação?

— Ele trará seus próprios técnicos em eletrônica —

explicou o diretor. — Farão o trabalho na presença do advogado, imediatamente antes da reunião.

— É essencial, é vital que escutemos a conversa entre os dois.

— Não diga bobagem — protestou o diretor. — A mãe dele é a típica matrona romana rica. Não sabe de nada e ele nunca lhe confiaria

nada de importante. Isso é apenas mais um episódio insensato no drama ridículo de nossos tempos. Não o leve a sério.

Mas Sebbediccio levou muito a sério. Considerou que era outro escárnio da justiça, outro exemplo do desprezo pela autoridade. E torceu para que Romeu deixasse escapar alguma coisa durante a conversa com a mãe.

Como chefe da divisão antiterrorista para toda a Itália, Sebbediccio tinha muito poder. O advogado de Romeu já constava da lista secreta de radicais de esquerda que eram submetidos a vigilância. Seu telefone estava grampeado, sua correspondência era interceptada e lida antes de ser entregue. E por isso foi fácil descobrir a companhia eletrônica que o advogado planejava usar para a verificação no gabinete do diretor. Sebbediccio recorreu a um amigo para promover um encontro "casual" num restaurante com o proprietário da companhia eletrônica.

Mesmo sem a ajuda da força, Franco Sebbediccio podia ser bastante persuasivo. Era uma companhia eletrônica pequena, ganhando algum dinheiro, mas sem alcançar, por quaisquer padrões, um sucesso espetacular.

Sebbediccio ressaltou que a divisão antiterrorista tinha grande necessidade de equipamento e pessoal de varredura eletrônica, que podia aplicar vetos de segurança às companhias selecionadas. Em suma, ele, Sebbediccio, podia enriquecer a companhia.

386

Mas devia haver confiança e proveito para as duas partes. Naquele caso em particular, por que a companhia eletrônica deveria se importar com os assassinos do Papa, por que deveria arriscar sua prosperidade futura por causa de uma questão tão irrelevante quanto a gravação de um encontro entre mãe e filho? Por que a companhia eletrônica não podia instalar um microfone, enquanto estivesse supostamente removendo todos os microfones no gabinete

do diretor? E quem poderia saber? O próprio Sebbediccio providenciaria que o referido microfone fosse removido logo em seguida.

Toda a conversa transcorreu em termos cordiais, mas em determinado momento do jantar Sebbediccio deu a entender que se o seu pedido fosse recusado, a companhia eletrônica encontraria muitas dificuldades nos próximos anos. Embora ele próprio não sentisse qualquer hostilidade pessoal, como o seu governo poderia confiar em pessoas que protegem o assassino do Papa?

Ficou tudo combinado e Sebbediccio deixou que o outro homem pagasse a conta. Não pagaria de jeito nenhum de seus recursos pessoais, e ser reembolsado pela verba de despesas poderia deixar uma pista de papel que talvez fosse descoberta anos depois. Além do mais, ele ia enriquecer o homem.

O encontro entre Armando "Romeu" Gangi e sua mãe, portanto, foi todo gravado e ouvido apenas por Sebbediccio, que ficou na maior satisfação. Ele demorou a remover o microfone, apenas por uma questão de curiosidade, querendo saber como era de fato o desprezível diretor da prisão, mas nesse ponto não descobriu coisa alguma.

Sebbediccio tomou a precaução de só tocar a fita em sua casa, enquanto a esposa dormia. Nenhum de seus colegas devia saber a respeito. Ele não era um homem ruim e quase chorou quando Mamãe Gangi soluçou em presença do filho, implorou que lhe contasse a verdade, que ele realmente não matara o Papa, que estava apenas querendo proteger um mau companheiro. Sebbediccio pôde ouvir os beijos que a mulher despejou sobre o rosto 387

do filho assassino. E depois que os beijos e as lamúrias cessaram, a conversa tornou-se muito interessante para Sebbediccio. Ele ouviu a voz de Romeu, tentando acalmar a mãe.

— Não compreendo por que seu marido se matou —

disse Romeu — Ele sentia tanto desprezo pelo homem que não podia reconhecê-lo como seu pai. — Ele não se importava com seu país ou com o mundo, e, perdoe-me por falar isso, nem mesmo amava sua família. Levava uma vida absolutamente egoísta e egocêntrica. Por que achou que era necessário se matar com um tiro?

A voz da mãe saiu sibilante da gravação:

— Por uma questão de vaidade. Durante toda a vida, seu pai foi um homem vaidoso. Todos os dias para seu barbeiro, uma vez por semana para o alfaiate. Aos quarenta anos de idade, resolveu tomar aulas de canto.

Para cantar onde? E gastou uma fortuna para se tornar Cavaleiro de Malta, e nunca houve um homem tão desprovido do Espírito Santo. Tinha um terno branco para a Páscoa, com a cruz entrelaçada especialmente no tecido.

E que grande figura na sociedade romana! As festas, os bailes, sua designação para comitês culturais, a cujas reuniões jamais comparecia. E o pai de um filho formado na universidade, ele sentia muito orgulho de sua inteligência. E como se pavoneava pelas ruas de Roma!

Nunca vi um homem tão feliz e tão vazio.

Houve uma pausa na gravação, depois da qual Mamãe Gangi acrescentou:

— Depois do que você fez, seu pai nunca mais poderia tornar a aparecer na sociedade romana. Aquela vida vazia estava acabada, e por essa perda ele se matou.

Mas pode descansar em paz. Parecia muito bonito no caixão, com seu novo terno da Páscoa.

A voz de Romeu saiu em seguida da gravação, dizendo uma coisa que proporcionou alegria a Sebbediccio:

— Meu pai nunca me deu qualquer coisa na vida, e com seu suicídio roubou minha opção. E a morte era a minha única escapatória.

388

Sebbediccio escutou o resto da gravação, em que Romeu deixava a mãe persuadi-lo a receber um padre.

Quando as câmeras de TV e os repórteres tiveram permissão para entrar na sala, Sebbediccio desligou a gravação. Já assistira ao resto pela TV. Mas tinha o que queria.

Em sua próxima visita a Romeu, Sebbediccio sentia-se tão satisfeito que, depois que o carcereiro destrancou a porta, entrou na cela com um pequeno passo de dança e cumprimentou o terrorista com a maior jovialidade.

— Gangi — disse ele —, você está se tornando cada vez mais famoso. Corre o rumor de que quando tivermos um novo Papa, ele pode pedir misericórdia a você.

Demonstre sua gratidão, dê-me algumas das informações de que preciso.

— Como você é idiota! — disse Romeu.

Sebbediccio fez-lhe uma mesura.

— Quer dizer que essa é sua última palavra?

Era perfeito. Ele tinha uma gravação em que Romeu insinuava que estava pensando em se matar.

Uma semana depois a notícia foi divulgada para o mundo: o assassino do Papa, Armando "Romeu" Giangi, cometera suicídio, enforcando-se em sua cela.

Em Nova York, Annee organizara a missão. Estava bastante consciente de que era a primeira mulher a chefiar uma manobra operacional dos Primeiros Cem. E estava determinada a não fracassar.

As duas casas seguras, apartamentos no East Side de Nova York, estavam abastecidas com comida, armas e outros materiais necessários. As equipes de assalto chegariam uma semana antes da data marcada para o ataque, e ela ordenaria que permanecessem nos apartamentos, até o dia final. As rotas de fuga para quaisquer sobreviventes haviam sido determinadas, através do México e Canadá. Ela planejava permanecer na América por alguns meses, em outra casa segura.

Apesar de seus deveres, Annee tinha muito tempo de folga e aproveitava-o para vagar pela cidade. Ficou 389

consternada com os cortiços, em particular o Harlem; pensou que nunca vira uma cidade tão suja, tão malcuidada, com distritos inteiros dando a impressão de que haviam sido atingidos por fogo de artilharia. Sentiu repulsa pela massa de desabrigados, a grosseria agressiva das pessoas que serviam, a fria hostilidade dos funcionários públicos. Nunca estivera num lugar tão mesquinho.

O perigo sempre presente era outro problema. A cidade era uma zona de guerra, mais perigosa do que a Sicília, pois na Sicília a violência tinha leis rigorosas do interesse pessoal, concebidas de uma forma lógica, enquanto em Nova York a violência derivava da doença fétida de algum rebanho animal.

E houve um dia particularmente agitado que levou Annee a tomar a decisão de permanecer em seu apartamento o máximo possível. Ela foi assistir a um filme americano no final da tarde, um filme que a

irritou, com seu machismo idiota. Adoraria encontrar o musculoso herói, só para lhe mostrar como seria fácil arrancar seus colhões com um tiro.

Saindo do cinema, ela foi andando pela Lexington Avenue, a fim de fazer algumas ligações, necessárias para a missão, de cabines telefônicas públicas. Entrou num restaurante famoso para se presentear com uma pequena iguaria, foi afrontada pela grosseria dos empregados, ficou enfurecida pela pálida imitação da cozinha romana que lhe ofereceram. Como ousavam? Na França, o proprietário do restaurante seria linchado. Na Itália, a Máfia incendiaria o restaurante, como um serviço público.

Por tudo isso, na verdade, foi como um tônico quando a cidade de Nova York tentou obrigá-la a se submeter às indignidades supremas que impunha a seus milhares de habitantes e visitantes.

Durante o seu passeio, ao final da tarde, o exercício necessário que lhe permitia dormir, ela sofreu dois atentados separados para estuprá-la ou roubá-la.

O primeiro ataque, ao começo do crepúsculo, deixou-a profundamente espantada. Aconteceu em plena 390

Quinta Avenida, enquanto ela olhava a vitrine da Tiffany's. Um homem e uma mulher, muito jovens, não mais do que vinte anos, comprimiram-na pelos lados. O

rapaz tinha o rosto de lince do viciado em drogas irrecuperável. Era extremamente feio, e Annee, que admirava a beleza física, detestou-o no mesmo instante. A moça era bonita, mas tinha a petulância da adolescente americana mimada que Annee já observara nas ruas.

Vestia-se na moda de prostituta que as estrelas do cinema haviam tornado elegante. Os dois eram brancos.

O rapaz comprimiu-se contra ela com toda força, e Annee sentiu o metal duro através do casaco fino que usava. Não ficou alarmada.

— Tenho um revólver — sussurrou o rapaz. —

Entregue sua bolsa à garota. Devagar, sem confusão. Não resista e não sairá machucada.

— Você vota? — perguntou Annee.

O rapaz ficou surpreso e balbuciou:

— Como?

Sua namorada estendeu a mão para pegar a bolsa.

Annee segurou a mão da moça, virou-a como um escudo, ao mesmo tempo em que usava a outra mão, com um anel, para golpeá-la em cheio no rosto. Uma quantidade incrível de sangue espirrou na elegante vitrine da Tiffany's, fazendo com que os transeuntes parassem, espantados. E Annee disse ao rapaz, friamente:

— Você tem um revólver, pode atirar.

A esta altura, ele já virara o corpo, passando para o outro lado o bolso em que tinha a arma. O idiota vira esse movimento em filmes de gangster. Não sabia que era uma postura completamente inútil, a menos que a vítima se mantivesse imóvel. Mas, como medida de segurança, Annee agarrou o outro braço do homem e arrancou-o do encaixe. Enquanto o rapaz berrava em agonia, sua mão saiu do bolso e uma chave de fenda caiu ruidosamente na calçada. É isso aí, pensou Annee, uma estúpida astúcia adolescente. E ela tratou de se afastar.

A esta altura, seria mais prudente voltar a seu apartamento, mas por uma questão de imperativo 391

territorial Annee resolveu continuar o passeio. Mas pouco depois, no Central Park South, margeado pelos hotéis de luxo, guardados por porteiros uniformizados, as limusines estacionadas ao longo do meio-fio, com seus corpulentos motoristas, ela foi cercada por quatro jovens negros.

Eram jovens bonitos e decididos, ela apreciou-os à primeira vista. Eram bem parecidos com os jovens patifes de Roma, que se achavam na obrigação de abordar as mulheres nas ruas. Um dos rapazes lhe disse, jovialmente:

— Ei, boneca, não quer dar um passeio no parque com a gente? Garanto que vai se divertir.

Eles barravam sua passagem, Annee não podia seguir em frente. Estava achando graça da situação, não tinha a menor dúvida de que iria se divertir. Não eram os jovens que a irritavam, mas sim os porteiros e motoristas, que ignoravam deliberadamente o seu apuro.

— Vão embora ou gritarei e aqueles porteiros chamarão a polícia — disse ela.

Annee sabia, no entanto, que não podia gritar, não podia recorrer a isso, por causa de sua missão. Um dos rapazes sorriu e disse:

— Está bem, dona, pode gritar.

Mas Annee percebeu que eles se erguiam na ponta dos pés, prontos para a fuga. Como ela não gritasse de imediato, outro rapaz compreendeu que não o faria nunca e anunciou:

— Ei, ela não vai mesmo gritar! E estão percebendo seu sotaque? Aposto que ela tem drogas na bolsa. Ei, dona, dê um pouquinho para a gente!

Todos riram, na maior alegria. Um deles acrescentou:

— Ou então chamaremos a polícia.

E riram de novo.

Antes de deixar a Itália, Annee fora instruída sobre os perigos de Nova York. Mas era uma agente operacional muito bem-treinada, e tinha uma confiança absoluta nesse treinamento. Por isso, recusara-se a carregar um revólver, temendo que isso pudesse comprometer sua missão. Mas usava um anel de zirconita especialmente desenhado que podia causar grandes danos. E tinha na bolsa uma tesoura 392

mais letal do que uma adaga veneziana. Por isso, não se sentia em perigo. Apenas se preocupava com a possibilidade de envolvimento da polícia, de os guardas interrogarem-na.

Mas tinha certeza de que poderia escapar sem maiores confusões.

Só que não levava em consideração seu nervosismo e agressividade natural. Um dos rapazes estendeu a mão para tocar em seus cabelos, e Annee murmurou, em tom sibilante:

— Saia da minha frente, seu filho da puta negro, ou vou matá-lo.

Todos os quatro ficaram quietos, o bom humor desaparecendo. Ela percebeu a expressão de mágoa aflorando em seus olhos, e sentiu uma pontada de culpa.

Compreendeu que cometera um erro. Não os chamara de filhos da puta negros por preconceito racial. Era simplesmente uma forma de insulto siciliana; lá, quando se discutia com um corcunda, ele era chamado de filho da puta corcunda, quando se discutia com um aleijado, dizia-se filho da puta aleijado. Mas como aqueles rapazes podiam saber disso? Ela quase pediu desculpas. Mas já era tarde demais.

— Vou encher de porrada a cara dessa puta branca

— disse um dos rapazes.

E nesse instante Annee perdeu o controle por completo. Acertou a mão com o anel no rosto do rapaz.

Apareceu um corte terrível, que dava a impressão de desligar a pálpebra do rosto. Os outros rapazes ficaram olhando, horrorizados, enquanto Annee calmamente virava a esquina e depois desatava a correr.

Isso era demais até para Annee. De volta ao apartamento, ela sentiu o maior remorso por ter sido tão brutal, por arriscar a missão com sua teimosia. A verdade é que procurara a encrenca para aliviar seu próprio ataque nervoso.

Não devia correr mais riscos, não devia deixar o apartamento, a não ser para os deveres necessários na 393

realização da missão. Devia parar de invocar as recordações de Romeu, controlar sua raiva pelo assassinato dele. E o mais importante de tudo, precisava tomar uma decisão final. Se tudo o mais fracassasse, deveria converter aquela operação numa missão suicida?

Christian Klee voou para Roma, a fim de jantar com Sebbediccio. Notou que Sebbediccio estava acompanhado por quase vinte seguranças, o que não parecia afetar seu apetite. O italiano exibia a maior animação, e disse a Klee:

— Não foi uma sorte que o nosso assassino do Papa tenha resolvido acabar com a própria vida? O julgamento seria um tremendo circo, com todos os nossos esquerdistas desfilando em apoio a ele. É uma pena que o tal Yabril não faça o mesmo favor a vocês.

Klee não pôde deixar de rir.

— Sistemas de governo diferentes. Vejo que você está bem protegido.

Sebbediccio deu de ombros.

— Acho que eles estão atrás de caça maior. Tenho algumas informações para você. Aquela mulher, Annee, a que resolvemos deixar em liberdade. De alguma forma, perdemos a sua pista. Mas desconfiamos que ela foi para a América.

Klee sentiu um frêmito de excitação.

— Sabe qual foi o ponto de embarque? E que nome ela está usando?

— Não, não sabemos — respondeu Sebbediccio. —

Mas achamos que ela está agora operacional.

— Por que não a prenderam?

— Temos grandes esperanças para ela — explicou Sebbediccio. — É uma jovem muito determinada e irá longe no movimento terrorista. Quero usar uma rede grande quando a pegarmos. Mas você tem um problema, meu amigo. Ouvimos rumores de que há uma operação em andamento nos Estados Unidos. Só pode ser contra Kennedy. Annee, por mais decidida que seja, não pode 394

realizá-la sozinha. Portanto, deve haver outras pessoas envolvidas. Conhecendo a segurança com que cerca seu presidente, eles terão de montar uma operação que exigirá muitas pessoas, com todos os materiais necessários e casas seguras. Sobre isso, não tenho informações. Acho melhor você começar a trabalhar no caso.

Klee não precisava perguntar por que o chefe da segurança italiana não enviara aquela informação para Washington através dos canais competentes. Sabia que Sebbediccio não queria que sua vigilância

sobre Annee constasse de algum registro nos Estados Unidos; ele não confiava na Lei da Liberdade de Informações que prevalecia no outro país. Além disso, queria que Christian Klee ficasse lhe devendo um favor pessoal.

Em Sherhaben, o Sultão Maurobi recebeu Christian Klee com a maior cordialidade, como se jamais tivesse ocorrido a crise entre os dois países, poucos meses antes. O

sultão mostrou-se afável, mas parecia cauteloso, um pouco perplexo.

— Espero que me traga boas notícias — disse ele a Klee. — Depois de todos aqueles incidentes desagradáveis e lamentáveis, estou ansioso em restabelecer as melhores relações com os Estados Unidos... e com o seu Presidente Kennedy é claro. Para ser franco, espero que sua visita tenha esse objetivo.

Klee sorriu.

— Vim até aqui justamente com esse propósito.

Creio que você se encontra numa posição de nos prestar um serviço que pode curar todas as divergências.

— Fico feliz em saber disso — declarou o sultão. —

Já sabe, é claro, que eu não estava a par das intenções de Yabril. Não tive conhecimento prévio do que Yabril faria com a filha do presidente. Já manifestei isso oficialmente, mas gostaria que dissesse ao presidente, pessoalmente, que tenho lamentado muito o que aconteceu durante os últimos meses. Fui impotente para evitar a tragédia.

Klee acreditava nele, acreditava que o assassinato não constava dos planos originais. E pensou como homens todo-395

poderosos, como o Sultão Maurobi e Francis Kennedy, tornavam-se impotentes diante de acontecimentos incontroláveis, da vontade de outros homens. Mas agora ele disse ao sultão:

— O fato de entregar Yabril tranqüilizou o presidente sob esse aspecto.

Ambos sabiam que isso não passava de mera polidez.

Klee ficou em silêncio por um momento, depois continuou:

— Mas estou aqui para lhe pedir que me preste um serviço pessoal. Sabe que sou o responsável pela segurança do meu presidente. Tenho informações de que há uma conspiração para assassiná-lo. Que terroristas já se infiltraram nos Estados Unidos. Mas seria muito útil se eu pudesse obter informações sobre seus planos, identidades e localizações. Pensei que, com seus contatos, poderia ter sabido de alguma coisa, através de suas agências de informações. Que poderia me contar alguma coisa a respeito. E quero ressaltar que tudo ficará apenas entre nós dois. Você e eu. Não haverá conexão oficial.

O sultão parecia atônito. O rosto inteligente contraiu-se numa expressão de divertida incredulidade.

— Como pode pensar tal coisa? — indagou ele. —

Depois de toda a sua destruição, depois de todas as nossas tragédias, acha que eu ainda me envolveria em atividades tão perigosas? Sou o soberano de um país pequeno e rico, que é impotente para permanecer independente sem a amizade das grandes potências. Não posso fazer nada por vocês ou contra vocês.

Klee balançou a cabeça em concordância.

— Claro que isso é verdade. Mas Bert Audick veio visitá-lo e sei que a conversa estava relacionada com a indústria do petróleo. Gostaria que soubesse que o Sr.

Audick enfrenta problemas muito sérios nos Estados Unidos. Ele seria um péssimo aliado para se ter nos próximos anos.

— E você seria um ótimo aliado? — perguntou o sultão, sorrindo.

— Exatamente. Sou o aliado que pode salvá-lo. Se cooperar comigo agora.

396

— Explique.

Era evidente que o sultão estava irritado com a ameaça implícita. Klee falou com todo cuidado:

— Bert Audick está sendo processado por

conspiração contra o governo dos Estados Unidos, porque seus mercenários ou de sua companhia depararam contra os nossos aviões que bombardeavam a sua cidade de Dak.

E há também outras acusações. Seu império petrolífero pode ser destruído, nos termos de algumas de nossas leis.

Ele não é um aliado forte neste momento.

O sultão comentou, insinuante:

— Ser processado não é ser condenado. Pelo que sei, isso será mais difícil.

— Tem razão. Mas dentro de poucos meses Francis Kennedy será reeleito. Sua popularidade elegerá também um Congresso que ratificará seus programas. Ele será o mais poderoso presidente da história dos Estados Unidos.

E então, posso lhe garantir, Bert Audick estará liquidado.

A estrutura de poder de que ele é parte será destruída.

— Ainda não percebi como eu poderia ajudá-lo. —

Uma pausa e o sultão acrescentou, em tom mais incisivo:

— Ou como você poderia me ajudar. Sei que se encontra pessoalmente numa situação bastante delicada em seu país.

— Isso pode ou não ser verdade — respondeu Klee.

— Quanto à minha posição, que é delicada, como você diz, o problema será resolvido quando Kennedy for reeleito.

Sou seu maior amigo e assessor mais íntimo, e Kennedy é famoso por sua lealdade. Quanto à maneira pela qual poderia poderíamos ajudar um ao outro, gostaria de ser franco, sem qualquer intenção de desrespeito. Permite-me?

O sultão parecia impressionado e até divertido por aquela demonstração de cortesia.

— Claro que sim.

— Em primeiro lugar, e o mais importante, aqui está como posso ajudá-lo. Posso me tornar seu aliado. Tenho à minha disposição o ouvido do Presidente dos Estados Unidos, conto com a sua confiança. Vivemos em tempos difíceis.

O sultão interrompeu-o, sorridente:

397

— Eu sempre vivi em tempos difíceis.

— E por isso mesmo pode avaliar o que estou dizendo melhor do que a maioria.

— E o que acontece se Kennedy não atingir seus objetivos? Acidentes acontecem, os céus nem sempre são generosos.

Christian Klee mantinha agora uma frieza absoluta, ao responder:

— O que está querendo dizer é que a conspiração para matar Kennedy pode ser bem-sucedida, não é mesmo?

Estou aqui para lhe assegurar que isso não ocorrerá. Não importa quão espertos e ousados os assassinos possam ser.

E se tentarem e fracassarem, e se houver qualquer pista que leve a você, então será destruído. Mas não precisamos chegar a esse ponto. Sou um homem razoável, compreendo a sua posição. Minha proposta é uma troca de informações entre você e eu, numa base pessoal. Não sei o que Audick lhe propôs, mas tenho certeza de que sou uma aposta melhor. Se Audick e sua turma vencerem, você ainda sai ganhando. Ele nada sabe a nosso respeito. Se Kennedy vencer, você me tem como o seu aliado. Sou o seu seguro.

O sultão acenou com a cabeça, e depois levou-o para um suntuoso banquete. Enquanto comiam, o sultão fez inúmeras perguntas a Klee sobre Kennedy. Ao final, quase hesitante, ele indagou por Yabril. Klee fitou-o nos olhos.

— Não há a menor possibilidade de Yabril escapar a seu destino. Se seus companheiros de terrorismo pensam que podem conseguir sua libertação pela captura até dos reféns mais importantes, diga-lhes que esqueçam.

Kennedy nunca o soltará.

O sultão suspirou.

— Seu Kennedy mudou. Parece agora com um homem que enlouqueceu. — Klee não respondeu e o sultão acrescentou, falando

bem devagar: — Acho que você me convenceu. Acho que você e eu devemos nos tornar aliados.

Voltando aos Estados Unidos, a primeira pessoa que Christian Klee procurou foi o Oráculo. O velho recebeu-o em sua suíte na mansão, sentado na cadeira de rodas 398

motorizada, um serviço de chá inglês na mesa à sua frente, uma poltrona confortável à espera de Christian no outro lado.

O Oráculo saudou-o com um pequeno aceno da mão, indicando que ele devia sentar. Christian serviu-lhe o chá, um pedaço de bolo e um sanduíche pequeno, depois serviu a si mesmo. O Oráculo tomou um gole do chá, pôs na boca uma parte do bolo. Ficaram sentados em silêncio por um longo momento.

Depois, o Oráculo tentou sorrir, uma ligeira contração dos lábios, a pele tão morta que mal se mexia.

— Você se meteu numa tremenda enrascada por causa da porra do seu amigo Kennedy — disse ele.

A palavra chula, falada como se saísse da boca de uma criança inocente, fez Christian sorrir. Mais uma vez ele especulou se não seria um sinal de senilidade, de deterioração do cérebro, o fato de que o Oráculo, que nunca dizia palavrões, passasse a pronunciá-los agora tão profusamente. Ele esperou até acabar de comer um dos sanduíches, tomou um gole de chá, e só depois respondeu:

— Que enrascada? Estou metido em uma porção.

— Estou falando sobre aquela história da bomba atômica — respondeu o Oráculo. — O resto da merda não tem menor importância. Mas estão acusando-o de ser o responsável pelo assassinato de milhares de cidadãos deste país. Eles têm provas contra você, ao que parece, mas eu me recuso a acreditar que

pudesse ser tão estúpido. Inumano, sim... afinal, está metido na política.

Você é realmente responsável?

O velho não perguntava para passar um julgamento, apenas por curiosidade. E quem mais havia no mundo para contar? Quem mais no mundo poderia compreender?

— O que me espanta nessa história é a rapidez com que chegaram a mim — comentou Klee.

— A mente humana *salta* para uma compreensão do mal — explicou o Oráculo. — Sente-se surpreso porque há uma certa inocência no autor de um malfeito. Ele pensa que o feito é tão terrível que se torna inconcebível para outro ser humano. Mas essa é a primeira coisa para a 399

qual todos saltam. O mal não é absolutamente um mistério, o amor é que é um mistério.

Ele fez uma pausa, recomeçou a falar, depois relaxou na cadeira, os olhos meio fechados, cochilando.

— Deve compreender que deixar uma coisa

acontecer é muito mais fácil do que fazer algo concreto —

comentou Christian. — Havia a crise, Francis Kennedy seria afastado do cargo pelo Congresso. E eu pensei, apenas por um segundo, que se ao menos a bomba atômica explodisse, a situação seria invertida. Foi nesse instante que eu disse a Peter Clout para não interrogar Gresse e Tibbot. Eu tinha tempo para cuidar disso. Toda a coisa aflorou num relance naquele único segundo e logo desapareceu.

— Sirva-me de mais chá quente e outro pedaço de bolo. — o Oráculo pôs o bolo na boca, migalhas espalharam-se pelos lábios

que pareciam cicatrizes. —

Sim ou não: Você interrogou Gresse e Tibbot antes de a bomba explodir? Arrancou a informação deles e depois não agiu com base no que lhe disseram?

Christian suspirou.

— Eles não passavam de garotos. Arranquei-lhes tudo em apenas cinco minutos. Por isso é que eu não podia permitir que Clout testemunhasse o interrogatório.

Mas não queria que a bomba explodisse. Só que tudo aconteceu muito depressa.

O Oráculo começou a rir. Era uma risada curiosa, mesmo num homem tão idoso, uma sucessão de grunhidos, ri, ri, ri.

— Você está se cagando todo. Já tomara a decisão de deixar a bomba explodir. Antes mesmo de dizer a Clout para não interrogá-los. Não surgiu num relance, você planejou tudo com o maior cuidado.

Christian Klee ficou um pouco surpreso. Era verdade o que o Oráculo dizia.

— E tudo isso para salvar seu herói, Francis Kennedy — continuou o Oráculo. — O homem que não pode fazer nada errado, a não ser quando atea fogo ao mundo.

400

O Oráculo pusera uma caixa de charutos havana finos na mesa; Christian pegou um e acendeu-o.

— Você teve sorte — acrescentou o Oráculo. —

Aquelas pessoas que morreram eram em sua maioria completamente imprestáveis. Os bêbados, os desabrigados, os criminosos. E não é um crime tão grande assim. Não na história de nossa raça humana.

— Para dizer a verdade, Francis me deu autorização

— disse Klee.

E isso fez com que o Oráculo apertasse um botão em sua cadeira, a fim de que o encosto levantasse, para tornar seu corpo ereto e alerta.

— Seu santo presidente? — murmurou o Oráculo. —

Ele é por demais uma vítima de sua própria hipocrisia, como aconteceu com todos os Kennedys. Nunca poderia ser um cúmplice de tal ato.

— Talvez eu esteja apenas tentando inventar desculpas — admitiu Christian. — Não foi nada explícito.

Mas conheço Francis intimamente, somos quase como irmãos. Pedi-lhe que assinasse a ordem para que a equipe de interrogatório médico pudesse efetuar uma sondagem cerebral. Isso resolveria imediatamente o problema da bomba atômica. Mas Francis recusou-se a assinar a autorização. É verdade que ele fez suas alegações, motivos humanitários, os direitos civis. O que era típico de Francis. Mas isso era típico antes da morte da filha.

Não era mais parte de seu caráter depois. E o incidente ocorreu depois. Não se esqueça de que, àquela altura, ele já ordenara a destruição de Dak. E fez a ameaça de destruir todo o sultanato de Sherhaben se os reféns não fossem libertados. Portanto, seu caráter mudara. Esse novo caráter teria assinado a ordem de interrogatório médico. E quando ele se recusou a assinar, lançou-me um olhar

diferente, não dá para descrevê-lo, mas era quase como se me dissesse para deixar acontecer.

O Oráculo estava plenamente alerta agora. Quando falou, a voz saiu incisiva:

— Tudo isso não tem a menor importância. A única coisa que importa agora é salvar sua pele. Se Kennedy não

for reeleito, você pode passar anos na cadeia. E mesmo que Kennedy seja reeleito, ainda pode haver algum perigo.

— Kennedy vencerá a eleição. E, depois disso, estarei seguro. — Christian fez uma pausa. — Eu o conheço bem.

— Conhece o velho Kennedy. — Depois, como se perdesse o interesse, o Oráculo acrescentou: — E o que me diz de minha festa de aniversário? Tenho cem anos, mas todo mundo caga e anda.

Christian soltou uma risada.

— Eu não. Mas não se preocupe. Depois da eleição, você terá uma festa de aniversário no Jardim das Rosas da Casa Branca. Uma festa de aniversário para um rei.

O Oráculo sorriu de satisfação, e depois comentou, insidioso:

— E seu Francis Kennedy será o rei. Sabe, não é mesmo, que se ele for reeleito e levar junto os seus candidatos ao Congresso, vai se tornar, na prática, um ditador?

— Isso é altamente improvável — declarou Christian Klee. — Nunca houve um ditador neste país. Temos salvaguardas — salvaguardas até demais, eu penso às vezes.

— Acontece que este país ainda é jovem. Temos tempo. E o Diabo assume muitas formas sedutoras.

Eles ficaram em silêncio por um longo momento, e depois Christian levantou para se despedir. Sempre se tocavam as mãos quando se separavam; o Oráculo era frágil demais para um genuíno aperto de mão.

— Tome cuidado — disse o Oráculo. — Quando um homem ascende ao poder absoluto, ele geralmente se livra daqueles que lhe são mais chegados, aqueles que conhecem seus segredos.

402

CAPÍTULO

22

UM JUIZ FEDERAL LIBERTOU Henry Tibbot e Adam Gresse.

O governo não contestou que a prisão fora ilegal. O

governo não contestou que não houvesse mandatos de prisão. Os advogados de Gresse e Tibbot exploraram todas as escapatórias legais.

O povo dos Estados Unidos ficou furioso. Atribuiu toda a culpa à administração Kennedy, criticou o sistema judiciário. Turbas se reuniram nas ruas das grandes cidades, clamando pela morte de Gresse e Tibbot.

Formaram-se grupos de vigilantes por toda parte para executar a justiça do povo.

Gresse e Tibbot fugiram para um esconderijo na América do Sul, desapareceram por completo num santuário financiado por seus pais ricos.

Dois meses antes da eleição presidencial, as pesquisas indicavam que a margem de vitória de Francis Kennedy não seria suficiente para eleger também seus candidatos ao Congresso. Havia mais problemas: um escândalo envolvendo a amante de Eugene Dazzy; as acusações persistentes de que o Procurador-Geral 403

Christian Klee deliberadamente permitira a explosão da bomba atômica; o escândalo de Canoo e Klee utilizarem os recursos do gabinete militar da presidência para engordar o Serviço Secreto.

E talvez o próprio Francis Kennedy estivesse indo longe demais. Os Estados Unidos ainda não se encontravam preparados para o seu tipo de socialismo.

Não estavam prontos para rejeitar a estrutura empresarial que prevalecia no país. Os americanos não queriam ser iguais, queriam ser ricos. Quase todos os estados possuíam a sua própria loteria, com prêmios que se elevavam a milhões. Mais pessoas compravam bilhetes de loteria do que votavam nas eleições nacionais.

O poder dos deputados e senadores já cumprindo seus mandatos também era tremendo. Tinham suas assessorias pagas pelo governo. Dispunham de vastas quantias de dinheiro, contribuições da estrutura empresarial, que usavam para dominar a TV, com comerciais executados de forma brilhante. Ocupando seus cargos, podiam aparecer em programas políticos especiais na TV e em entrevistas nos jornais, aumentando seu fator de reconhecimento do nome.

Com a precisão meticulosa de um envenenador da Renascença, Lawrence Salentine organizara a campanha global contra Kennedy de forma tão extraordinária que era agora o líder do Clube Sócrates.

O Presidente Kennedy estudou o relatório de sua assessoria, que previa que seus candidatos ao Congresso, escolhidos com o maior cuidado, provavelmente não seriam eleitos. O pensamento de que poderia se tornar outra vez um líder impotente teve um efeito físico sobre Kennedy. Sentiu-se doente. E, além disso, sentiu uma estranha raiva, em que predominava uma maldade repulsiva. Envergonhou-se por essa emoção, e concentrou-se nos planos operacionais secretos, preparados por Christian Klee.

Ele notou que Christian remetera o relatório diretamente ao presidente. E era melhor assim. As 404

informações eram terríveis, mas ainda mais extraordinário era o plano de Klee para superar o problema.

Haveria um sacrifício de princípio moral envolvido, pensou Kennedy, e depois, conhecendo conscientemente o custo, escreveu seu consentimento nos memorandos.

No terceiro dia de setembro, Christian Klee foi ao gabinete da vice-presidente sem se anunciar. Como uma precaução extra deu instruções especiais ao chefe da equipe do Serviço Secreto que protegia Helen Du Pray, depois apresentou-se à secretária e comunicou que seu assunto era urgente.

A vice-presidente ficou atônita ao vê-lo; era contra todos os protocolos que ele a visitasse sem aviso prévio ou mesmo sem permissão. Por um momento, Christian receou que ela pudesse se sentir ofendida, mas Du Pray era inteligente demais para isso. Compreendeu no mesmo instante que Christian Klee só quebraria o protocolo se o problema fosse muito grave. Na verdade, o que ela sentiu foi apreensão. Que nova coisa terrível poderia ter acontecido agora, depois de todos aqueles meses? Klee percebeu sua apreensão e foi logo dizendo:

— Não há nada com que se preocupar. Apenas temos um problema de segurança envolvendo o presidente. Como parte de nossa cobertura, estamos acrescentando uma proteção extra ao seu gabinete. Será melhor se não atender o telefone e tratar apenas com sua assessoria imediata. E

permanecerei com você durante o dia inteiro, pessoalmente.

Du Pray compreendeu imediatamente que,

independentemente do que acontecesse, ela não deveria assumir o comando do país; era por isso que Klee estava ali.

— Se o presidente tem um problema de segurança, por que vai ficar comigo? — Sem esperar que Klee respondesse, ela acrescentou: — Terei de confirmar isso com o presidente, pessoalmente.

— Ele está participando de um almoço político em Nova York — informou Klee.

— Sei disso.

Klee olhou para o relógio.

— O presidente telefonará para você dentro de meia hora, mais ou menos.

Quando a ligação foi feita, Klee observou o rosto de Helen Du Pray. Ela não deixou transparecer qualquer espanto; e só fez perguntas em duas ocasiões. Ótimo, pensou Klee, ela não vai criar problemas, não preciso me preocupar com esse lado. E depois ela fez uma coisa que despertou a admiração de Klee; não pensava que ela seria capaz — afinal, vice-presidentes são notórios por sua timidez. Du Pray perguntou a Kennedy se podia falar com Eugene Dazzy, o chefe da assessoria presidencial.

Quando Dazzy atendeu, ela fez uma pergunta simples sobre a agenda de trabalho para a semana seguinte.

Desligou em seguida. Conferira se a pessoa ao telefone fora mesmo Kennedy, apesar de ter reconhecido sua voz.

E fizera perguntas que só Dazzy poderia responder.

Estava se certificando de que não havia qualquer imitação de voz.

Depois, ela se dirigiu a Klee em voz gelada; sabia que havia algo suspeito, pensou Klee.

— O presidente informou-me que você usará meu gabinete como um posto de comando, que ficarei sob suas ordens. Acho isso extraordinário. Talvez queira me dar uma explicação.

— Peço desculpas por todo esse incômodo — disse Klee. — Se puder me pedir um café, eu lhe darei todas as informações. Saberá tanto quanto o presidente sobre o problema.

O que era verdade, mas um pouco forçado. Ela não saberia tanto quanto Klee.

Helen Du Pray estudava-o atentamente. Não confiava nele, Klee sabia. Mas as mulheres não compreendiam o poder, não compreendiam a eficiência absoluta da violência. Christian recorreu a toda a sua energia para convencê-la de sua sinceridade. Quando ele acabou, quase uma hora depois, Helen Du Pray parecia conquistada. Era uma mulher muito bonita e inteligente, pensou Christian. Era uma pena que jamais fosse se tornar

Presidente dos Estados Unidos.

Naquele glorioso dia de verão, o Presidente Francis Kennedy deveria falar num banquete político no centro de convenções do Sheraton Hotel, na cidade de Nova York, que seria seguido por uma monumental passeata de carros pela Quinta Avenida. Depois, ele faria um discurso nas proximidades da área destruída pela bomba atômica. O

evento fora programado três meses antes e amplamente divulgado. Era o tipo de situação que Christian Klee detestava, o presidente ficava exposto demais. Havia pessoas perturbadas e até a polícia era um perigo, na opinião de Klee, porque os homens estavam armados, e também porque se achavam completamente

desmoralizados pelo crime incontrolável na cidade.

Klee tomou as precauções mais elaboradas. Só a sua assessoria operacional no Serviço Secreto tinha conhecimento da impressionante quantidade de homens que era usada para proteger o presidente em seus raros aparecimentos públicos.

Equipes da vanguarda especiais foram despachadas para Nova York. Patrulhariam e revistariam a área de visita 24 horas por dia. Dois dias antes da visita, mais mil homens seriam enviados, a fim de se misturarem com as multidões que saudariam o presidente. Esses

homens formariam uma linha nos lados e na frente do cortejo de carros, agiriam como se fossem parte da multidão, mas na verdade constituiriam uma espécie de linha Maginot.

Mais quinhentos homens guarneceriam os telhados, esquadrinhando constantemente as janelas que davam para o cortejo de carros. Esses homens estariam fortemente armados. Além disso, havia ainda o próprio grupo especial e pessoal de proteção ao presidente, contando com cem homens. E ainda havia, é claro, os homens do Serviço Secreto sob cobertura profunda, trabalhando para jornais e emissoras de TV, carregando máquinas fotográficas e operando as unidades móveis de televisão.

E Christian Klee tinha outros trunfos na manga. Nos 407

quase quatro anos da administração Kennedy, houvera cinco tentativas de assassinato. Nenhuma delas sequer chegara perto. Os assassinos em potencial eram todos loucos, agora se encontravam por trás das grades, nas mais rigorosas penitenciárias federais. E Klee cuidava de encontrar um motivo para prendê-los de novo, se por acaso conseguissem sair. Era impossível encarcerar todos os lunáticos dos Estados Unidos que faziam ameaças ao presidente — por carta, pelo telefone, por alguma conspiração, aos gritos nas ruas —, mas Christian Klee tornava a vida difícil para eles, a tal ponto que passavam a se preocupar tanto em preservar a própria segurança que não tinham mais tempo para acalentarem idéias grandiosas. Ele submetia essas pessoas a uma vigilância total, da correspondência, telefone, pessoal, uma vigilância por computador. Se cuspissem na calçada, estariam se metendo num encrenca.

Todas essas precauções, todas essas providências estavam em vigor naquele terceiro dia de setembro, quando o Presidente Francis Xavier Kennedy fez seu discurso no banquete político do centro de convenções do Sheraton, em Nova York. Centenas de agentes do Serviço Secreto espalhavam-se pela audiência e o prédio se encontrava absolutamente seguro, a partir da entrada.

Nesse mesmo dia 3 de setembro, Annee foi fazer compras na Quinta Avenida. Em suas três semanas nos Estados Unidos, ela ajudara a encaixar tudo nos lugares apropriados. Dera seus telefonemas, realizara uma reunião com as duas equipes designadas para o assassinato, que haviam chegado a Nova York como tripulantes de um dos petroleiros de Bert Audick. Eles foram para dois apartamentos preparados com antecedência para abrigá-los. Esses apartamentos já se achavam abastecidos com armas, obtidas por uma equipe clandestina especial de logística, que não tinha qualquer participação no plano central.

Annee não podia saber que o FBI de Christian Klee estava captando todas as suas ligações em pleno ar, que 408

cada movimento seu era vigiado. E que os telefonemas para ela das equipes, de cabines públicas, haviam sido interceptados e transmitidos a Christian Klee.

O que ela não confessara a ninguém fora a sua decisão de transformar aquela operação numa missão suicida.

Annee refletiu que era muito estranho que saísse para fazer compras apenas quatro horas antes do momento que seria o fim de sua vida.

409

Sal Troyca e Elizabeth Stone trabalhavam com afinco no escritório, recolhendo informações que poderiam provar que Christian Klee teria sido capaz de evitar a explosão da bomba atômica.

A casa de Elizabeth Stone ficava a apenas dez minutos de carro do escritório. Por isso, eles aproveitaram a hora do almoço para passar umas duas horas na cama.

E assim que deitaram, esqueceram todo o estresse do dia. Depois de uma hora, Elizabeth foi ao banheiro para tomar um banho de

chuveiro, enquanto Sal encaminhava-se para a sala de estar, ainda nu, a fim de ligar a TV. E

ficou imóvel, espantado pelo que estava assistindo.

Observou por mais alguns momentos, depois correu para o banheiro, tirou Elizabeth do chuveiro. Ela ficou um pouco assustada pela rudeza com que ele a arrastou, nua e pingando, até a sala de estar.

Ali, olhando para a tela da TV, ela começou a chorar.

Sal abraçou-a e murmurou:

— Pense da seguinte maneira: nossos problemas terminaram.

O discurso em Nova York, no dia 3 de setembro, deveria ser um dos mais importantes da campanha do Presidente Francis Kennedy pela reeleição. E fora planejado para causar um tremendo impacto psicológico na nação.

Primeiro, haveria um banquete no centro de convenções do Sheraton, na Rua 58. Ali, o presidentealaria aos homens mais importantes e influentes da cidade. O banquete levantaria recursos adicionais para a reconstrução da área de Nova York que fora arrasada pela explosão da bomba atômica. Um arquiteto, sem cobrar honorários, projetara um grande memorial para a área devastada, e o resto do terreno seria ocupado por um pequeno parque, com um laguinho. A cidade iria comprar e doar os terrenos.

Depois do banquete, a comitiva de Kennedy lideraria um cortejo de carros, que começaria na Rua 125 e desceria pela Sétima e Quinta Avenida, a fim de colocar a primeira coroa de mármore simbólica sobre a pilha de 410

escombros que permanecia em Times Square.

Como um dos patrocinadores do banquete, Louis Inch estava sentado no palanque, junto com o Presidente Kennedy, e esperava acompanhá-lo até o carro à espera, obtendo assim uma boa cobertura dos jornais e emissoras de televisão. Para sua surpresa, no entanto, ele foi obstruído por agentes do Serviço Secreto, que isolaram Kennedy no meio de uma rede humana. E o presidente foi escoltado por uma porta por trás do palanque.

Lá fora, nas ruas, havia uma enorme multidão. O

Serviço Secreto limpou a área, a fim de que houvesse um espaço de pelo menos trinta metros em torno da limusine presidencial. Havia ali agentes do Serviço Secreto em quantidade suficiente para proteger esse perímetro de trinta metros como uma falange sólida. Além disso, a multidão era controlada pela polícia. À beira do perímetro, havia fotógrafos e cinegrafistas de TV, que avançaram no instante mesmo em que os primeiros homens do Serviço Secreto saíram do hotel. E depois, inexplicavelmente, houve uma espera de quinze minutos.

O presidente finalmente deixou o hotel, resguardado das câmeras de TV, enquanto seguia apressado para o carro à espera. E nesse exato momento a avenida explodiu, num bale sangrento com uma coreografia espetacular.

Seis homens romperam o cordão de isolamento da polícia, derrubando parte do destacamento policial, correram para a limusine blindada do presidente. Um segundo depois, outro grupo de seis homens irrompeu pelo lado oposto do perímetro, metralhando os cinquenta agentes do Serviço Secreto em torno da limusine blindada com suas armas automáticas.

No instante seguinte, oito carros entraram na área aberta, desembarcando agentes do Serviço Secreto, com equipamento de combate e coletes à prova de balas que os faziam parecer enormes balões. Empunhando espingardas e pistolas-metralhadoras,

investiram contra os atacantes pela retaguarda. Atiraram com precisão, em rajadas curtas. Em menos de trinta segundos, todos os doze 411

atacantes estavam caídos na avenida, mortos. A limusine presidencial afastou-se ruidosamente do meio-fio, acompanhada por outros carros do Serviço Secreto.

Nesse momento, Annee, com um supremo esforço de vontade, foi se postar no caminho da limusine presidencial, levando nas mãos duas bolsas de compras da Bloomingdale's. As bolsas estavam cheias de gelatina explosiva, duas potentes bombas que ela detonou, no instante em que o carro, tarde demais, tentou se desviar para não atropelá-la. A limusine presidencial voou pelo ar, subindo pelo menos três metros, antes de cair como uma massa em chamas. O impacto da explosão arrebentou em fragmentos todos os que se encontravam em seu interior. E não restou absolutamente nada de Annee, exceto pedacinhos de papel, em cores alegres, das bolsas de compras.

Um cinegrafista de TV teve a presença de espírito de virar sua câmera para uma panorâmica de tudo o que era visível. Milhares de pessoas haviam se jogado no chão quando o tiroteio começara, e ainda se encontravam assim, como se suplicassem por misericórdia a algum Deus implacável. Daquela massa estendida no chão corriam rios de sangue, das pessoas atingidas pelo fogo cerrado das equipes de assassinato ou mortas pela explosão das duas potentes bombas. Muitos na multidão sofreram concussões e, quando o terror cessou, levantaram-se e saíram cambaleando, na mais total confusão. A câmera registrou tudo isso, a televisão exibindo ao vivo para horrorizar a nação.

No gabinete da Vice-Presidente Du Pray, Christian Klee levantou-se de um pulo e gritou:

— Mas que merda está acontecendo?

Helen Du Pray olhava fixamente para a tela da TV, e perguntou abruptamente a Klee:

— Quem era o pobre coitado que tomou o lugar do Presidente?

— Um dos meus homens do Serviço Secreto —

respondeu Christian Klee. — Eles não deveriam chegar 412

tão perto.

Du Pray olhava friamente para Klee. E de repente tornou-se mais furiosa do que ele jamais a vira.

— Por que você não cancelou toda a coisa? — gritou ela. — Por que não evitou essa tragédia? Há cidadãos mortos ali, pessoas comuns que saíram à rua para ver seu presidente. E você ainda por cima desperdiçou as vidas de seus próprios homens. Uma coisa eu lhe prometo: suas ações serão questionadas por mim junto ao presidente e aos comitês apropriados do Congresso.

— Você não sabe do que está falando — protestou Klee. — Tem idéia de quantas ameaças são feitas contra o presidente todos os dias? Se déssemos atenção a todas elas, o presidente seria um prisioneiro na Casa Branca.

Helen Du Pray estudava o rosto de Klee, enquanto ele falava.

— Por que você usou um duble desta vez? —

perguntou ela. — É uma medida extrema. E se a ameaça era tão séria assim, por que não impediu que o presidente fosse até lá?

— Quando você for presidente, poderá me fazer essas perguntas — respondeu Klee, bruscamente.

— Onde Francis está agora?

Klee fitou-a em silêncio por um momento, como se não pretendesse responder.

— A caminho de Washington. Não sabemos até onde vai a conspiração, e por isso o queremos aqui. Ele está absolutamente seguro.

Du Pray disse, em tom sardônico:

— Muito bem, agora eu sei que ele está seguro.

Presumo que informou aos outros membros da assessoria, eles sabem que o presidente está são e salvo. Mas o que me diz do povo americano? Quando eles saberão que nada aconteceu com o presidente?

— Dazzy já providenciou tudo — disse Klee. — O

presidente vai aparecer na televisão e falará à nação assim que chegar à Casa Branca.

— É uma demora um tanto longa — disse a vice-presidente. — Por que não pode avisar aos meios de 413

comunicação e tranquilizar o povo imediatamente?

— Porque não sabemos o que está acontecendo lá fora — explicou Klee, suavemente. — E talvez não seja tão ruim assim se o povo americano se preocupar um pouco.

Nesse instante, Helen Du Pray teve a impressão de que compreendia tudo. Concluiu que Klee poderia ter interrompido o atentado antes de chegar ao ponto culminante. E sentiu um desprezo profundo por aquele homem; e depois, lembrando as acusações de que ele poderia ter evitado a explosão da bomba atômica, mas não o fizera, ficou convencida de que isso também era verdade.

Mas, acima de tudo, Helen Du Pray sentiu desespero: compreendeu que Klee nunca poderia ter feito aquilo sem o consentimento do Presidente Francis Kennedy.

414

CAPÍTULO

23

O ATENTADO FEZ COM QUE Kennedy disparasse nas pesquisas. Em novembro, Francis Xavier Kennedy foi reeleito para a presidência dos Estados Unidos. Foi uma vitória tão esmagadora que ele conseguiu eleger também quase todos os seus candidatos à Câmara e Senado.

Finalmente, o presidente controlava as duas casas do Congresso.

No período anterior à posse, de novembro a janeiro, Francis Kennedy pôs sua administração para trabalhar na elaboração de novos projetos, que seriam encaminhados ao novo e cooperativo Congresso. Reforçando o apoio a suas propostas, ele contou com a ajuda dos jornais e emissoras de televisão, que teceram fantasias sobre a ligação de Gresse e Tibbot com Yabril e o atentado contra o presidente, numa gigantesca conspiração. As revistas noticiosas semanais deram uma cobertura de primeira página ao assunto.

Quando o Presidente Kennedy submeteu à sua assessoria os planos revolucionários para transformar o governo dos Estados Unidos, todos ficaram secretamente horrorizados. Os grandes negócios seriam mutilados por 415

agências reguladoras rigorosas. As corporações se tornariam sujeitas a penalidades criminais, não mais à intervenção das leis civis. Era evidente que o resultado final seria o de processos criminais por conspiração. E

Kennedy até anotara os nomes de Inch, Salentine, Audick e Greenwell para serem processados.

Kennedy ressaltou que o meio mais seguro de se conquistar o apoio público para suas propostas era erradicar o crime na sociedade americana. Para isso, propunha emendas à Constituição que imporiam penalidades draconianas aos criminosos. Não apenas as

regras das provas seriam mudadas, mas também o teste de sondagem cerebral para se determinar a verdade se tornaria compulsório em casos criminais.

O mais surpreendente de tudo, porém, era a proposta de criação de colônias penais nas regiões desertas do Alasca, para os criminosos que reincidissem pela terceira vez. Para todos os efeitos, equivalia à prisão perpétua.

Francis Kennedy disse a seus assessores:

— Quero que estudem estas propostas. Se não forem capazes de concordar, estou pronto para aceitar o pedido de demissão de cada um, mesmo que isso me cause o maior sofrimento. Espero suas respostas em três dias.

Foi durante esses três dias que Oddblood Gray solicitou uma reunião particular com o presidente.

Reuniram-se no almoço, na Sala Oval Amarela.

Gray mostrou-se bastante formal, esquecendo deliberadamente o seu relacionamento com Kennedy no passado.

— Senhor Presidente, devo declarar que me oponho a seu programa para controlar o crime neste país.

Kennedy disse, solene:

— Esses programas são necessários. E finalmente temos um Congresso que aprovará as leis indispensáveis.

— Não posso aceitar os campos de trabalhos forçados no Alasca — insistiu Gray.

—Por que não? Só os criminosos contumazes irão para lá. Há algumas centenas de anos a Inglaterra resolveu o mesmo problema

enviando seus criminosos para a 416

Austrália. E foi bastante proveitoso para os dois lados.

Kennedy falara em tom incisivo, mas Oddblood Gray não se deixou intimidar. E comentou, amargurado:

— Sabe muito bem que a maioria desses criminosos será de negros.

— Pois então que eles parem de cometer atos criminosos. Que se juntem ao processo político.

Gray retrucou:

— Pois então que as suas grandes corporações parem de usar os negros como trabalho escravo...

— Pare com isso, Otto. Não se trata de uma questão racial. Trabalhamos juntos durante todos esses anos.

Provei-lhe que não sou racista, muitas vezes. Agora, você pode confiar em mim ou confiar no Clube Sócrates.

— Neste caso, não confiamos em ninguém.

— Pois eu lhe direi qual é a realidade! — exclamou Kennedy, quase irritado. — Os criminosos negros serão removidos da população negra. O que há de errado com isso? Os próprios negros são as maiores vítimas. Por que as vítimas deveriam proteger seus predadores? Tenho de ser franco, Otto. Os brancos neste país, certo ou errado, sentem um medo mortal da classe criminosa negra. O que há de errado em integrar a maioria da população negra na classe média?

— O que está propondo é o extermínio de uma grande parcela da geração jovem de negros. Esse é o resultado final. E eu digo não. — Gray fez uma pausa, depois acrescentou: — Digamos que eu confie

em você, Francis. Mas como será com o próximo presidente? Ele pode usar os campos para aprisionar revolucionários políticos.

— Essa não é a minha intenção. — Kennedy sorriu.

— E posso continuar aqui por muito mais tempo do que você imagina.

Essa declaração deixou Gray apavorado. Kennedy estaria pensando em emendar a Constituição para poder concorrer a um terceiro mandato? Sirenes de alarme explodiram no cérebro de Gray.

417

— Não é tão simples assim. — Ele hesitou, mas acabou dizendo, ousado: — E você pode mudar.

E nesse momento ele pôde *sentir* a mudança de Kennedy. Subitamente, tornaram-se inimigos.

— Ou você está comigo ou não está — disse Kennedy. Acusa-me de exterminar toda uma geração de negros. Isso não é verdade. Eles irão para um campo de trabalho, onde serão educados e disciplinados para apoiar o contrato social. Serei muito mais drástico com o Clube Sócrates. Eles não querem essa opção. Eu vou destruí-los.

Gray percebeu que Kennedy não tinha dúvidas.

Nunca vira o presidente tão resoluto e tão frio. Sentiu que ele próprio começava a enfraquecer. Kennedy pôs a mão em seu ombro neste momento e acrescentou:

— Não me abandone agora, Otto. Construiremos uma grande América.

— Eu lhe darei minha resposta depois da posse —

respondeu Gray. — Mas isto é uma agonia para mim, Francis, não me traia. Se minha gente for congelar o rabo no Alasca, quero ver muito branco congelando em sua companhia.

O Presidente Kennedy reuniu-se com sua assessoria na Sala do Gabinete. Também estavam presentes, a convite especial, a Vice-Presidente Du Pray e o Dr. Annaccone.

Kennedy sabia que precisava ser muito cuidadoso —

aquelas eram as pessoas que o conheciam melhor, não devia deixá-las adivinhar sua verdadeira agenda. Ele anunciou para todos:

— O Dr. Annaccone tem uma coisa a dizer que pode surpreender a todos.

Kennedy escutou distraído, enquanto Annaccone explicava que o teste PET fora aperfeiçoado de tal forma que o risco de dez por cento de parada cardíaca e completa perda de memória fora reduzido a um décimo de um por cento. Ele sorriu quando Helen Du Pray manifestou sua indignação pela possibilidade de qualquer cidadão livre ser obrigado por lei a efetuar o teste.

Esperava isso de Helen. Sorriu também quando o Dr.

418

Annaccone deixou transparecer seus sentimentos melindrados — Zed era instruído demais para ser tão sensível.

Escutou menos divertido quando Gray, Wix e Dazzy concordaram com a vice-presidente. Previra corretamente que Christian Klee não se manifestaria.

Todos observavam Kennedy agora, esperando que ele falasse, tentando descobrir que rumo seguiria. Teria de convencê-los que estava certo. E começou falando devagar:

— Sei de todas as dificuldades, mas estou determinado a fazer com que este teste se torne parte de nosso sistema legal. Não totalmente... ainda resta algum grau de perigo, por menor que seja. Mas o Dr. Annaccone garantiu-me que pesquisas adicionais reduzirão até esse risco mínimo a zero. Mas é um teste científico que revolucionará nossa sociedade. Não importam as dificuldades, haveremos de superá-las.

Annaccone comentou:

— O Congresso jamais aprovará uma lei assim.

— Nós faremos com que aprove — declarou

Kennedy, sombrio. — Outros países usarão o teste.

Outras agências de informações o usarão. Nós temos de usá-lo.

Ele fez uma pausa, riu, e depois acrescentou para Annaccone:

— Terei de cortar seu orçamento. Suas descobertas causam muitos problemas, e agora deixarão todos os advogados desempregados. Mas com este teste nenhum homem inocente jamais será considerado culpado.

Determinado, ele se levantou e foi até as portas de vidro que davam para o Jardim das Rosas.

— Mostrarei o quanto acredito no teste. Nossos inimigos não param de me acusar de ser o responsável pela explosão da bomba atômica. Dizem que eu poderia tê-la evitado. Euge, quero que ajude o Dr. Annaccone a aprontar tudo para mim. Quero ser o primeiro a me submeter ao teste PET. Imediatamente. Providencie as testemunhas, todas as formalidades legais.

Kennedy sorriu para Klee.

419

— Vão me fazer uma pergunta: “É responsável de alguma forma pela explosão da bomba atômica?” E eu responderei. — Ele fez uma pausa, e depois acrescentou: —

Farei o teste, e meu procurador-geral também. Certo, Chris?

— Certo — respondeu Klee, apreensivo. — Mas você primeiro.

420

No Walter Reed Hospital, a suíte reservada para o Presidente Kennedy tinha uma sala de reunião especial.

Ali estavam o presidente e sua assessoria pessoal, Wix, Gray, Dazzy e Du Pray, o Deputado Jintz e o Senador Lambertino, além de uma comissão de três médicos eminentes, que fiscalizariam e confirmariam os resultados do teste cerebral PET. Agora, todos escutavam o Dr.

Annaccone explicar o procedimento.

O Dr. Annaccone arrumou seus *slides* e ligou o projetor. Depois, iniciou sua preleção:

— Este teste, como alguns de vocês já sabem, funciona como um detector de mentiras infalível, a verdade avaliada pela medição do nível de atividade de determinadas substâncias químicas no cérebro. Isso tornou-se possível pelo refinamento da tomografia de emissão de pósitron, conhecido como PET. O

procedimento foi efetuado pela primeira vez, em escala limitada, na Faculdade de Medicina da Universidade de Washington, em St. Louis. E foram feitos *slides* de cérebros humanos em ação.

Um *slide* grande apareceu na enorme tela branca.

Depois outro, e mais outro. Cores brilhantes surgiram, iluminando as diferentes partes do cérebro, enquanto os pacientes liam, escutavam ou falavam. Ou simplesmente pensavam sobre o significado de uma palavra.

— Em suma, sob o teste PET — explicou o Dr. Annaccone —, o cérebro fala em cores vivas. Um ponto na parte posterior do cérebro fica iluminado durante a leitura.

No meio do cérebro, contra esse fundo azul-escuro, podem ver uma mancha branca aparecer, meio irregular, com um ponto rosa e um vazamento de azul. Isso aparece durante a fala. Na frente do cérebro, uma mancha similar se ilumina durante o processo de pensamento. Sobre essas imagens, pusemos uma imagem de ressonância magnética da anatomia do cérebro. O cérebro inteiro é agora uma lanterna mágica.

O Dr. Annaccone correu os olhos pela sala, a fim de verificar se todos o estavam acompanhando.

— Estão vendo esta mancha no meio do cérebro 421

mudando? Quando um paciente mente, há um aumento na quantidade de sangue fluindo pelo cérebro, que então projeta outra imagem.

Surpreendentemente, no meio da mancha branca havia agora um círculo vermelho, dentro de um campo amarelo irregular maior.

— O paciente está mentindo — declarou o Dr.

Annaccone. — Quando testarmos o presidente, o que devemos procurar é essa mancha vermelha dentro do amarelo.

Ele acenou com a cabeça para Kennedy e acrescentou:

— Vamos passar agora para a sala de exame.

Na outra sala, com as paredes revestidas de chumbo, Francis Xavier Kennedy deitou na mesa fria. Havia por trás dele um grosso e comprido cilindro de metal.

Enquanto o Dr. Annaccone ajustava a máscara de plástico sobre sua testa e queixo, Kennedy sentiu um momentâneo calafrio de medo. Detestava qualquer coisa sobre seu rosto. Os braços foram amarrados nos lados do corpo. E

depois ele sentiu o Dr. Annaccone deslizar a mesa para junto do cilindro. O interior do cilindro era mais estreito do que ele imaginara. Mais escuro. Silencioso. E agora estava cercado por uma rede de cristais radiativos de detecção.

Kennedy ouviu o eco da voz do Dr. Annaccone, instruindo-o a olhar para a cruz branca, na frente de seus olhos.

— Deve manter os olhos na cruz — repetiu Annaccone.

Numa sala cinco andares abaixo, no porão do hospital, um tubo pneumático continha uma seringa com oxigênio radiativo, um ciclotron de água pesada.

Quando veio a ordem da sala de exames lá em cima, esse tubo foi acionado, um foguete de chumbo percorrendo túneis ocultos por trás das paredes do hospital, até alcançar seu objetivo.

O Dr. Annaccone abriu o tubo pneumático e pegou a seringa. Foi até o pé da mesa e chamou Kennedy, que ouviu a voz oca, um eco:

— A injeção.

422

O presidente sentiu o médico estender a mão pelo escuro e espetar a agulha em seu braço.

Do outro lado da parede de vidro, na extremidade da sala, as pessoas podiam avistar apenas os pés de Kennedy.

O Dr. Annaccone foi se juntar a eles e ligou o computador no alto da parede, a fim de que todos pudessem observar as reações do cérebro de Kennedy. Observaram o rastreador circular pelo sangue de Kennedy, emitindo pósitrons, partículas de antimatéria que colidiam com elétrons e produziam explosões de energia de raios gama.

Observaram quando o sangue radiativo alcançou o córtex visual de Kennedy, criando fluxos de raios gama, imediatamente captados pelo círculo de detectores radiativos. Durante todo o tempo, Kennedy mantinha os olhos fixados na cruz branca, de acordo com a instrução.

Depois, através do microfone ligado diretamente ao aparelho, Kennedy ouviu as perguntas do Dr. Annaccone.

— Qual é o seu nome completo?

— Francis Xavier Kennedy.

— Qual é a sua ocupação?

— Presidente dos Estados Unidos.

— Conspirou de alguma forma para a explosão da bomba atômica em Nova York?

— Não.

— Tinha algum conhecimento que poderia ter evitado a explosão?

— Não, não tinha.

Dentro do cilindro preto, as palavras pareciam se lançar como o vento contra seu rosto.

O Dr. Annaccone observava a tela do computador por cima de sua cabeça.

O computador mostrou os padrões se formando na massa azul do cérebro, delineado com a maior elegância no crânio curvo de Kennedy.

Os assessores também observavam, apreensivos.

Mas não apareceu nenhum ponto amarelo

denunciador, nenhum círculo vermelho.

— O presidente está dizendo a verdade — anunciou o Dr. Annaccone.

423

Christian Klee sentiu seus joelhos vergarem. Sabia que não poderia passar por aquele teste.

424

CAPÍTULO

24

— NÃO POSSO ENTENDER COMO ele conseguiu passar —

comentou Christian Klee.

O Oráculo disse, com um desdém que mal conseguia aparecer, por causa da fragilidade de sua idade:

— Com que então nossa civilização possui agora um teste infalível, um teste científico, ressalte-se, para determinar se um homem está dizendo a verdade. E a primeira pessoa que se submete a esse teste mente e escapa impune. “Podemos agora resolver os mais tenebrosos enigmas de inocência e culpa!” Dá vontade de rir. Os homens e mulheres vivem enganando a si próprios.

Tenho cem anos de idade e ainda não sei se minha vida foi uma verdade ou uma mentira. Sinceramente não sei.

Christian pegara um charuto do Oráculo e agora o acendeu; o pequeno círculo de fogo fez com que o rosto do Oráculo parecesse uma máscara num museu.

— Deixei que a bomba atômica explodisse — disse Christian. — Sou responsável por isso. E quando fizer o teste PET, saberei a verdade e o aparelho também. Mas pensei que compreendia Kennedy melhor do que qualquer outra pessoa. Sempre pude ler seus pensamentos. E ele 425

não queria que eu interrogasse Gresse e Tibbot. Ele *queria* que a explosão ocorresse. Então como é possível que ele tenha passado no teste?

— Se o cérebro fosse tão simples, nós seríamos simples demais para compreendê-lo — disse o Oráculo.

— Este é um dito do Dr. Annaccone e eu sugiro que aí está sua resposta. O cérebro de Kennedy recusou-se a reconhecer sua culpa. Portanto, o computador no aparelho diz que ele é inocente. Você e eu sabemos que não é bem assim, pois acredito no que me disse. Mas ele será para sempre um homem inocente, mesmo no fundo de seu coração.

— Ao contrário de Kennedy, sou eternamente culpado.

— Anime-se, meu caro. Você só matou dez mil... ou foram vinte mil pessoas? Sua única esperança é se recusar a fazer o teste.

— Prometi a Francis. E os meios de comunicação vão me crucificar se recusar.

— Então por que concordou em fazer?

— Pensei que Francis estivesse blefando — explicou Christian. — Achei que ele não tinha condições de fazer o teste e recuaria. Foi por isso que insisti que ele fizesse o teste primeiro.

O Oráculo demonstrou sua impaciência ao ligar o motor da cadeira de rodas.

— Suba na Estátua da Liberdade — disse ele. —

Alegue seus direitos civis e sua dignidade humana. E

conseguirá escapar. Ninguém quer que essa ciência infernal se transforme num instrumento legal.

— Tem razão, é isso o que devo fazer. Mas Francis saberá que sou culpado.

— Se esse teste perguntasse se você era um vilão, Christian, o que responderia, com toda sinceridade?

Christian riu, riu de verdade.

— Responderia que não, que não sou um vilão. E

passaria no teste. O que é muito engraçado. —

Agradecido, ele apertou o ombro do Oráculo. — Não esquecerei sua festa de aniversário.

426

Foi a Vice-Presidente Du Pray quem reagiu mais depressa e com maior irritação à decisão de Klee.

— Compreende que se recusar deve pedir demissão e que sua posição causará grandes prejuízos à presidência?

— Não é absolutamente assim que eu penso —

respondeu Klee. — Tenho de concordar que homens como Annaccone vasculhem meu cérebro só para manter o emprego? Ou acha que sou realmente culpado?

Ele podia ver a resposta nos olhos da vice-presidente e pensou que jamais conhecera uma juíza implacável tão bonita. Defensivo, Klee acrescentou:

— Há a Constituição dos Estados Unidos. Tenho a liberdade individual de me recusar a fazer esse teste.

Otto Gray interveio, em tom ríspido:

— Mas não se lembra da Constituição quando se trata de criminosos. Está ansioso em despachá-los para o Alasca.

— Ora, Otto, você não acredita nisso, não é mesmo?

Klee ficou aliviado quando Otto respondeu:

— Claro que não acredito, mas você deve fazer o teste. — Uma pausa e ele arrematou: — Ou pedir demissão.

Klee virou-se para Wix e Dazzy e perguntou-lhes, sorrindo:

— O que vocês acham?

Foi Wix quem respondeu primeiro:

— Não tenho a menor dúvida de que você é inocente, as acusações que lhe fazem não passam de besteira. Mas se se recusar a fazer o teste cerebral, passará a ser culpado aos olhos do público. E terá que se retirar desta administração.

Klee virou-se para Dazzy.

— E você, Eugene?

Dazzy não quis olhar para ele e Dazzy lhe devia um favor, pensou Klee. Só depois de algum tempo é que Dazzy disse, com uma expressão ponderada:

— Você tem de fazer o teste, Christian. Nem mesmo a sua saída da administração poderia nos ajudar. Já anunciamos que se submeteria ao teste, como concordou que faria. Por que essa mudança de idéia? Não está com 427

medo, não é mesmo?

— Prometi demonstrar minha lealdade a Francis Kennedy. Mas agora pensei melhor e concluí que o risco é grande demais.

Dazzy suspirou.

— Eu gostaria que você tivesse pensado nisso mais cedo. Quanto à sua renúncia, acho que depende do presidente.

Todos olharam para Francis Kennedy. Seu rosto estava muito branco, os olhos, geralmente tão claros, pareciam ter assumido um azul mais escuro e mais profundo. Mas sua voz soou surpreendentemente gentil quando disse a Klee:

— Christian, posso persuadi-lo com base na nossa longa e profunda amizade? Fiz o teste, assumi o risco, porque achei que era importante para o país e a presidência. E porque eu era inocente. Nunca me faltou, Christian. Conto com você.

Por um momento, Klee sentiu ódio de Francis Kennedy. Como aquele homem era capaz de esconder sua culpa até de si mesmo? E por que aquele seu melhor amigo tinha de pô-lo na cruz da verdade? Mas ele disse com uma calma absoluta:

— Não posso fazer isso, Francis.

Kennedy declarou, muito solene:

— Então está resolvido. Não quero que você renuncie, não permitirei que sofra essa indignidade. E, agora, vamos continuar.

— Vamos fazer um comunicado à imprensa? —

indagou Dazzy.

— Não — respondeu Kennedy, — Se perguntarem, digam que o procurador-geral está gripado e fará o teste assim que se recuperar. Isso nos dará um mês.

— E daqui a um mês? — insistiu Dazzy.

— Tornaremos a pensar na situação — disse Kennedy.

O Presidente Kennedy convocou Theodore Tappey, o diretor da CIA, para uma reunião particular na Sala Oval Amarela. Mais ninguém foi chamado, ele não queria testemunhas, não queria gravações.

Kennedy não perdeu tempo em cortesias. Não houve 428

a amenidade de um chá demorado. Ele falou bruscamente a Tappey:

— Theo, temos um grande problema que só você e eu compreendemos. E só você e eu podemos resolver.

— Farei o melhor que puder, Senhor Presidente.

Kennedy percebeu a expressão implacável nos olhos de Tappey. Ele farejava sangue.

— Tudo o que dissermos aqui tem a mais alta classificação de segurança, fica protegido pelo privilégio do executivo — declarou o presidente. — Você não deve repetir para ninguém, nem mesmo para os membros de minha assessoria pessoal.

Foi nesse momento que Tappey compreendeu que o problema era da maior gravidade, porque Kennedy sempre incluía sua assessoria em tudo.

— O problema é Yabril. Tenho certeza... — Kennedy sorriu. — ...tenho certeza absoluta de que você já pensou em tudo isso. Yabril será levado a julgamento. Isso vai atizar todos os ressentimentos contra os Estados Unidos.

Ele será condenado à prisão perpétua. Mas em algum lugar, no futuro, haverá uma ação terrorista que vai capturar reféns importantes. Uma das exigências será a libertação de Yabril. A esta altura, eu não serei mais o presidente e, assim, Yabril escapará livre. É ainda um homem perigoso.

Kennedy já vira a expressão de ceticismo em Tappey. O sinal era a ausência de sinal, pois Tappey era muito experiente na simulação. O rosto simplesmente perdia toda e qualquer expressão, desaparecia qualquer animação nos olhos, no contorno dos lábios. Ele se tornava vazio, para não ser interpretado. Agora, porém, Tappey sorriu.

— Deve ter lido os memorandos internos que meu chefe de contra-espionagem tem me enviado. É

exatamente o que ele diz.

— E o que podemos fazer para impedir tudo isso? —

indagou Kennedy,

Era uma pergunta retórica e Tappey não respondeu.

Kennedy decidiu que chegara o momento.

429

— Eu lhe asseguro que posso persuadir Yabril a fazer o teste cerebral. Cuidarei dele. O público precisa saber que os resultados do teste ligarão a bomba atômica a Yabril, provando de uma vez por todas que houve uma conspiração global. Podemos inocentar Christian e partir no encalço daqueles garotos... organizar uma caçada humana e levá-los a julgamento, no mínimo.

Pela primeira vez no relacionamento entre os dois, Kennedy viu Tappey fitando-o com a expressão avaliadora astuta de um companheiro de conspiração.

Sabia que Tappey percebia as coisas muito à frente,

— Não precisamos realmente das respostas de Yabril, não é mesmo?

— Não, não precisamos — confirmou Kennedy.

— Christian está a par?

Era uma pergunta difícil para Kennedy. E ainda não era a parte mais difícil.

— Esqueça Christian.

Tappey acenou com a cabeça. Tappey estava com ele. Tappey compreendia. E Tappey agora fitava Kennedy como um servo poderia olhar seu amo que estava prestes a lhe pedir um serviço que os uniria para sempre.

— Acho que não vou receber nenhuma instrução por escrito — comentou Tappey.

— Não, não vai. E lhe darei agora, oralmente, as instruções específicas.

— Seja bastante específico, se assim desejar, Senhor Presidente.

Kennedy sorriu à frieza da resposta.

— O Dr. Annaccone nunca faria isso. Há um ano, eu próprio nunca sonharia em fazê-lo.

— Eu compreendo, Senhor Presidente.

Kennedy sabia que não podia mais haver hesitação.

— Depois que Yabril concordar em se submeter ao teste, eu o transferirei para a seção médica da CIA. Sua equipe médica aplica o teste. Cuida de tudo.

O presidente notou a expressão de Tappey, a hesitação da dúvida, não por indignação moral, mas a dúvida da viabilidade.

430

— Não estamos falando de assassinato neste caso —

declarou Kennedy, impaciente. — Não sou tão estúpido ou imoral. E se eu quisesse isso, estaria falando com Christian.

Tappey ficou esperando. Kennedy sabia que precisava dizer agora as palavras fatais.

— Juro que lhe peço isso para a proteção de nosso país. Quer continue na prisão ou seja libertado, Yabril não deve mais ser um perigo. Quero que sua equipe médica leve o teste a seu limite extremo. Segundo o Dr.

Annaccone, foi nessas condições que surgiram os efeitos colaterais. E houve um apagamento total da memória. Um homem sem memória, sem crenças e convicções, é inofensivo. Levará uma vida pacífica.

Kennedy reconheceu a expressão nos olhos de Tappey — era a expressão de um predador que descobrira outra espécie estranha que o igualava em ferocidade.

— Pode providenciar uma equipe médica que cuide disso? — perguntou Kennedy.

— Não haverá problemas, quando eu lhes explicar a situação — garantiu Tappey. — Nunca teriam sido recrutados se não fossem devotados a seu país.

Na calada daquela noite, Theodore Tappey escoltou Yabril aos aposentos de Kennedy. Outra vez a reunião foi breve e Kennedy manteve-se objetivo. Não houve chá, não houve cortesia. Kennedy começou imediatamente, apresentou sua proposta a Yabril:

— É muito importante para os Estados Unidos saber se você participou da conspiração da bomba atômica. Para extinguir seus medos. E importante para você que seu nome seja inocentado nesta questão em particular. É

verdade que ainda será levado a julgamento por outros crimes, e será condenado à prisão perpétua. Mas eu lhe prometo que permitirei que se comunique com seus amigos no mundo exterior. Vamos presumir que eles sejam bastante leais para criar um situação de reféns e exigir sua libertação. Eu estaria propenso a

concordar com essa exigência. Mas só poderia fazer isso se você estivesse eximido de qualquer culpa na explosão da 431

bomba atômica... Percebo que tem algumas dúvidas.

Yabril deu de ombros.

— Acho que sua oferta é muito generosa.

Kennedy recorreu a toda a sua força para fazer o que era preciso. Lembrou Yabril fazendo charme com sua filha Theresa, antes de encostar um revólver em sua nuca.

O mesmo charme não funcionaria com Yabril. Só conseguiria persuadir aquele homem se o convencesse de sua absoluta moralidade.

— Estou fazendo isso para acabar com o medo na mente do meu país — declarou Kennedy. — Esta é a minha maior preocupação. Meu prazer seria a sua permanência na prisão para sempre. Portanto, eu lhe faço a proposta por um senso de dever.

— Então por que está se esforçando tanto para me convencer? — perguntou Yabril.

— Não é da minha natureza cumprir o meu dever como uma questão meramente formal.

Kennedy pôde perceber que Yabril também começava a acreditar nisso, acreditar que ele era um homem de moral, em quem se podia confiar, dentro dessa moral. Outra vez ele invocou a imagem de Theresa e a convicção da filha na bondade de Yabril. E depois ele acrescentou para Yabril:

— Você ficou indignado com a sugestão de que sua gente planejou a explosão de uma bomba atômica. Pois aqui está uma oportunidade

de limpar o seu nome e os nomes de seus camaradas. Por que não aproveitá-la?

Receia que não passará no teste? Isso é sempre uma possibilidade... ocorre-me agora, embora eu não acredite realmente.

Yabril fitou Kennedy nos olhos.

— Não acredito que nenhum homem possa perdoar o que eu lhe fiz.

Ele ficou em silêncio. Parecia cansado. Mas não se deixara enganar. Era a própria essência da corrupção americana fazer uma proposta assim, a fim de alcançar um objetivo político imoral.

Ele não tinha a menor idéia de tudo o que acontecera nos últimos seis meses. Permanecera isolado, submetido a 432

constantes interrogatórios. Kennedy pressionou mais um pouco:

— Fazer esse teste é a sua única esperança de liberdade. Desde que passe, é claro.

Kennedy suspirou, antes de acrescentar:

— Não o perdôo, mas compreendo suas ações.

Compreendo que sente que fez o que fez para ajudar nosso mundo. Como eu faço o que faço agora. E está dentro da minha competência. Somos diferentes, eu não posso fazer o que você faz, e você, não vai desrespeito nisso, não pode fazer o que estou fazendo agora... deixá-lo sair livre.

Quase com pesar, Kennedy constatou que persuadira Yabril. E prosseguiu na persuasão, usando todo o seu espírito, todo o seu charme, toda a sua aparência de integridade. Projetou todas as imagens do que fora outrora, antes de renunciar a todo o seu eu, a fim de convencer Yabril. E compreendeu que finalmente tivera êxito

quando viu que o sorriso de Yabril era de compaixão e desprezo. Teve certeza nesse momento de que conquistara a confiança de Yabril.

Quatro dias mais tarde, depois de Yabril ser submetido ao interrogatório médico, com o teste PET, depois que o terrorista fora devolvido à custódia do FBI, ele recebeu dois visitantes. Eram Francis Kennedy e Theodore Tappey.

Yabril se achava completamente solto, sem algemas.

Os três homens passaram uma hora tranqüila, tomando chá e comendo pequenos sanduíches. Kennedy estudou Yabril. O rosto do homem parecia ter mudado.

Era um rosto sensível, os olhos com um pouco de melancolia, mas joviais. Ele falou pouco, mas observou Kennedy e Tappey como se tentasse esclarecer algum mistério.

Parecia contente. Parecia saber quem era. E parecia irradiar tanta pureza de alma que Kennedy não foi capaz de suportar fitá-lo por muito tempo e foi embora.

433

A decisão sobre Christian Klee foi ainda mais dolorosa para Francis Kennedy. E uma surpresa inesperada para Christian. Kennedy chamou-o à Sala Amarela para uma reunião particular; e iniciou a conversa dizendo calmamente:

— Christian, tenho sido mais ligado a você do que a qualquer outra pessoa, fora da minha família. Creio que conhecemos um ao outro melhor do que qualquer outra pessoa nos conhece. Por isso, estou certo de que você vai compreender que preciso pedir sua renúncia, a entrar em vigor depois da posse, no momento em que eu decidir aceitá-la.

Klee contemplou aquele rosto bonito, com o sorriso gentil. Não podia acreditar que Kennedy o estivesse dispensando sem qualquer explicação.

— Sei que fiz algumas coisas escusas aqui e ali, mas meu objetivo supremo sempre foi o de resguardá-lo.

— Você deixou que aquele artefato nuclear explodisse. Poderia ter evitado.

Christian Klee analisou friamente a situação com que se deparava. Nunca mais tornaria a sentir sua antiga afeição por Kennedy. Nunca mais acreditaria em sua própria humanidade, na justiça do que fizera. E, subitamente, ele compreendeu que nunca poderia suportar aquele fardo. Que Francis Kennedy deveria partilhar a responsabilidade pelo que ele fizera. Mesmo em particular.

Klee fitou os olhos azuis-claros do presidente, que tão bem conhecia, procurou alguma misericórdia ali.

— Francis, você queria que eu fizesse o que fiz.

Ambos sabíamos que era a única coisa que podia salvá-lo... e eu sabia que você não poderia tomar essa decisão.

Haveria de destruí-lo, Francis, não me julgue. Eles o afastariam do poder e você nunca poderia suportá-lo.

Estava à beira do desespero, e eu era o único que podia percebê-lo. Eles deixariam sua filha sem vingança.

Permitiriam que Yabril escapasse impune, desgraçariam a América.

Klee fez uma pausa, surpreso ao descobrir que 434

Francis Kennedy o fitava com absoluta impassibilidade.

— Portanto, você pensa que eu queria vingança —

comentou Kennedy.

— Não contra Yabril. Talvez contra o Destino.

— Pode permanecer no cargo até a posse — repetiu Kennedy. — Merece isso. Mas é um ponto de perigo, um alvo. E preciso fazê-lo desaparecer, a fim de poder varrer toda a sujeira.

O presidente fez uma pausa.

— Está equivocado ao pensar que eu queria que fizesse o que fez, Chris. E estava enganado ao pensar que eu agia por um desejo de vingança.

Christian Klee sentiu uma vaga dissociação de seu mundo, uma angústia que não podia sequer definir.

— Francis, eu o conheço, eu o compreendo. Sempre fomos como irmãos. Sempre senti isso, que éramos de fato irmãos. E salvei-o como um irmão deveria fazer.

Tomei a decisão, assumi a culpa. Posso deixar o mundo me condenar, mas não você.

Ele hesitou por um momento.

— Precisa de mim, Francis. Ainda mais agora, no curso de ação em que está se lançando. Deixe-me ficar.

Francis Kennedy suspirou.

— Não questiono sua lealdade, Christian. Mas depois da posse, você terá de se afastar. E nunca mais tornaremos a discutir esse assunto.

— Fiz tudo para salvá-lo — insistiu Christian.

— E me salvou.

Christian pensou naquele dia, quatro anos antes, no início de dezembro, em que Francis Kennedy, o presidente eleito dos Estados Unidos, aguardava-o diante do mosteiro, em Vermont. Kennedy desaparecera por uma semana. Os jornais e seus adversários políticos especularam que ele se encontrava sob cuidados psiquiátricos, que sofrera um colapso, tinha um romance secreto. Mas só duas pessoas

— o superior do mosteiro e Christian Klee — conheciam a verdade: que Francis Kennedy resolvera fazer um retiro para lamentar de forma profunda e completa a morte da

esposa.

Fora uma semana depois da eleição que Christian levara Kennedy de carro ao mosteiro católico, nos arredores de White River Junction, em Vermont. Foram recebidos pelo abade, que era o único que conhecia a identidade de Kennedy.

Os monges residentes viviam apartados do mundo, isolados de todos os meios de comunicação, até mesmo da própria cidade. Aqueles monges comunicavam-se apenas com Deus e a terra da qual tiravam a sua subsistência. Todos haviam feito um voto de silêncio e não falavam, exceto em orações ou gritos de dor, quando ficavam doentes ou se feriam em algum acidente doméstico.

Só a abade tinha um aparelho de televisão e acesso a jornais. Os programas noticiosos da TV eram uma constante fonte de diversão para ele. Apreciava em particular o conceito do âncora nos noticiários noturnos, e muitas vezes pensava em si mesmo, ironicamente, como um dos âncoras de Deus. Usava essa idéia para lembrar a si mesmo da necessidade de humildade.

Quando o carro parara, o abade os esperava no portão do mosteiro, flanqueado por dois monges, em hábitos marrons esfarrapados, os pés metidos em sandálias.

Christian tirara a bagagem de Kennedy da mala do carro e observara o abade apertar a mão do presidente eleito. O

abade mais parecia um estalajadeiro do que um santo homem. Exibia um sorriso jovial ao lhes dar as boas-vindas. E dissera alegremente, quando fora apresentado a Christian:

— Por que não fica também? Uma semana de

silêncio não lhe faria mal algum. Já o vi na televisão e você deve estar cansado de tanto falar.

Christian sorrira em agradecimento, mas não dissera nada. Observara Francis Kennedy ao trocarem um aperto de mão. O rosto bonito estava absolutamente controlado, o aperto de mão não era emocionado — Kennedy não era um homem expansivo. Não parecia estar lamentando a morte da esposa. Tinha mais a expressão preocupada de 436

um homem obrigado a se internar num hospital para uma pequena intervenção cirúrgica.

— Vamos torcer para que consigamos manter isto em segredo — comentara Christian. — As pessoas não gostam desses retiros religiosos. Podem pensar que você ficou maluco.

O rosto de Kennedy contraíra-se num pequeno sorriso. Uma cortesia controlada, mas natural.

— Não vão descobrir, Christian. E sei que você me dará toda cobertura. Venha me buscar dentro de uma semana. Deve ser tempo suficiente.

Christian se perguntara o que aconteceria a Francis durante aqueles dias. E sentira-se à beira das lágrimas.

Pusera as mãos nos ombros de Francis Kennedy e dissera:

— Quer que eu fique com você?

Kennedy sacudira a cabeça e se afastara pelo portão do mosteiro. Naquele dia Christian pensara que ele parecia bem.

O dia seguinte ao Natal fora claro e brilhante, tão purificado pelo frio que até parecia que o mundo inteiro se encontrava encerrado em vidro, o céu era um espelho, a terra, de aço marrom. E quando Christian parara diante do portão do mosteiro, Francis Kennedy se encontrava sozinho, esperando-o sem qualquer bagagem, as mãos estendidas por cima da cabeça, o corpo retesado, esticando-se para o alto. Parecia exultante com sua liberdade.

Quando Christian saltara do carro para cumprimentá-lo, Kennedy lhe dera um rápido abraço, gritara uma alegre recepção. Dava a impressão de estar rejuvenescido por sua permanência no mosteiro. Sorrira para Christian, um dos seus sorrisos excepcionalmente exuberantes, que encantavam as multidões. O sorriso que assegurara ao mundo que a felicidade podia ser conquistada, que o mundo seguiria sempre em frente para coisas cada vez melhores. Era um sorriso que levava as pessoas a amarem-no, por causa da satisfação que se experimentava ao vê-lo. Christian experimentara o maior alívio ao contemplar aquele sorriso. Francis estaria bem. Seria
tão 437

forte quanto sempre fora. Seria a esperança do mundo, o vigoroso guardião de seu país e de seus semelhantes.

Agora, passariam a fazer grandes coisas juntos.

E depois, com aquele mesmo sorriso brilhante, Kennedy pegara Christian pelo braço, fitara-o nos olhos e dissera, com toda simplicidade, mas também divertido, como se realmente não falasse a sério, como se estivesse apenas transmitindo alguma informação sem maior importância:

— Deus não ajudou.

E no mundo frio de uma manhã de inverno, Christian compreendera que finalmente alguma coisa se rompera dentro de Kennedy. Que ele nunca mais voltaria a ser o mesmo homem. Que parte de sua mente fora decepada.

Ele seria quase o mesmo, mas agora havia um núcleo mínimo de falsidade, que nunca existira antes. Ele compreendera que o próprio Kennedy não sabia disso, e que ninguém mais saberia. E que ele, Christian, só sabia porque era a pessoa que se encontrava ali, naquele exato momento, para ver o sorriso exuberante e ouvir as palavras jocosas, "Deus não ajudou".

— Também era muito difícil, pois você só lhe deu sete dias — comentara Christian.

Kennedy rira.

— E ele é um homem ocupado.

Os dois entraram no carro. E tiveram um dia maravilhoso. Kennedy nunca se mostrara mais espirituoso, nunca se mostrara tão animado. Transbordava com planos, estava ansioso em organizar sua administração e fazer coisas maravilhosas acontecerem nos quatro anos seguintes. Parecia um homem que se reconciliara com seu infortúnio, renovara suas energias. E isso quase convencera Christian...

Christian Klee começou a tomar as providências para se retirar da administração. Uma das coisas mais importantes era apagar todos os vestígios da maneira como se esquivara à lei na proteção ao presidente. Precisava também suspender todas as vigilâncias ilegais de 438

computador dos membros do Clube Sócrates, Sentado à sua enorme escrivaninha, no gabinete do procurador-geral, Klee usou o seu computador pessoal para apagar os arquivos incriminadores. Finalmente, pôs na tela o arquivo sobre David Jatney. Acertara em

cheio sobre o rapaz, pensou Christian, ele era mesmo o curinga no baralho. Aquele rosto moreno e bonito tinha a expressão insólita de uma mente desequilibrada. Os olhos de Jatney brilhavam com a eletricidade dispersa de um sistema neural em guerra consigo mesmo. E a última informação indicava que ele estava a caminho de Washington.

Aquele sujeito poderia criar problemas. E foi nesse instante que Christian Klee lembrou-se da predição do Oráculo. Quando um homem conquista o poder absoluto, geralmente se livra daqueles que lhe estão mais próximos, aqueles que conhecem os seus segredos. Ele amara Francis por suas virtudes. Muito antes dos segredos terríveis. Pensou a respeito durante muito tempo. E depois chegou a uma conclusão: deixaria o destino decidir. E o que quer que acontecesse, ele, Christian Klee, não poderia ser culpado.

Christian apertou a tecla de apagar no computador, e David Jatney desapareceu por completo de todos os arquivos do governo, sem deixar o menor vestígio.

439

CAPÍTULO

25

APENAS DUAS SEMANAS antes da posse em um novo mandato do Presidente Francis Kennedy, David Jatney tornara-se irrequieto. Queria escapar ao sol eterno da Califórnia, às vozes exuberantes e alegres por toda parte, ao luar, às praias deslumbrantes. Sentia que se afogava na calda doce daquela sociedade, mas não queria voltar para casa, em Utah, e se tornar a testemunha cotidiana da felicidade de seu pai e mãe.

Irene fora morar com ele. Ela queria poupar o dinheiro do aluguel, a fim de realizar uma viagem à Índia e estudar com um guru que existia ali. Um grupo de amigos seus estava reunindo seus recursos para fretar um avião, e Irene queria acompanhá-los, levando seu filho pequeno, Campbell.

David ficou aturdido quando ela lhe contou seus planos. Irene não lhe perguntou se podia ir morar com ele, simplesmente se mudou, proclamando o seu direito de fazê-lo. Esse direito baseava-se no fato de que agora se encontravam três vezes por semana, para ir ao cinema e fazer sexo. Ela anunciara a decisão como se fosse uma ação entre amigos, como se David fosse um de seus 440

amigos da Califórnia, que rotineiramente iam morar uns com os outros, por períodos de uma semana ou mais. Não foi feito como uma preliminar astuciosa para o casamento, mas sim como um ato espontâneo de camaradagem. Ela não tinha o menor senso de invasão, de imposição, não imaginava que a vida de David seria afetada por uma mulher e uma criança fazendo parte de sua existência cotidiana.

O que mais horrorizava David, acima de todo o resto, era o fato de que Irene planejava levar o filho pequeno para a Índia. Irene era uma mulher que sentia uma confiança absoluta em sua capacidade de abrir caminho em qualquer mundo; ela tinha certeza de que o

destino lhe seria favorável. David tinha visões do garotinho dormindo nas ruas de Calcutá, com os milhares de pobres doentes daquela cidade. Num momento de raiva, dissera outrora a Irene que não podia entender que alguém acreditasse numa religião que produzia as centenas de milhões de pessoas que eram as mais desesperadamente pobres do mundo. Ela respondera que não tinha a menor importância o que acontecia neste mundo, já que o que aconteceria na próxima vida seria muito mais compensador.

Jatney sentia-se fascinado por Irene, pela maneira como ela tratava o filho. Muitas vezes ela levava o pequeno Campbell a suas reuniões políticas, porque nem sempre conseguia persuadir a mãe a tomar conta dele e era orgulhosa demais para pedir com frequência. Havia ocasiões em que o levava até para o trabalho, quando o jardim-de-infância em que o menino ficava era fechado por algum motivo.

Não podia haver a menor dúvida de que ela era uma mãe devotada. Para David, no entanto, sua atitude em relação à maternidade era desconcertante. Ela não demonstrava a preocupação usual em proteger o menino, nem se importava com as influências psicológicas que poderiam prejudicá-lo. Tratava-o como alguém trataria um bicho de estimação amado, um cachorro ou um gato.

Estava determinada a não permitir que o fato de ser mãe de 441

uma criança pequena limitasse sua vida por qualquer forma, em não deixar que a maternidade se convertesse em escravidão, em manter a sua liberdade. David achava que ela era um pouco maluca.

Mas Irene era uma mulher bonita, e podia ser ardente quando se concentrava no sexo. David apreciava a sua companhia. Ela era competente nos detalhes da vida cotidiana e não criava maiores problemas. E, por isso, deixou que Irene fosse viver com ele.

Houve duas conseqüências completamente

imprevisíveis para David. Primeiro, ele se tornou impotente. E, depois, tornou-se afeiçoado a Campbell.

Preparou-se para a mudança dos dois pela aquisição de um enorme baú para guardar suas armas, os materiais de limpeza e a munição. Não queria que um garoto de cinco anos pusesse as mãos acidentalmente nas armas. E, àquela altura, de algum modo, David Jatney já acumulara armas suficientes para equipar um super-herói bandido: dois rifles, uma pistola-metralhadora e uma grande coleção de pequenas armas. Uma delas era uma pistola muito pequena, de calibre 22, que ele carregava no bolso do paletó, dentro de um pequeno invólucro de couro, que mais parecia uma luva. À noite, em geral, guardava essa arma debaixo de sua cama. Quando Irene e Campbell foram morar com ele, David passou a guardar a 22 no baú, junto com as outras armas. E pôs um cadeado no baú. Mesmo que o garotinho encontrasse o baú aberto, não havia a menor possibilidade de saber como carregar uma das armas. Já Irene era outra história. Não que não confiasse nela, mas Irene era um pouco esquisita, meio excêntrica, o que não combinava com armas de fogo.

No dia em que eles se mudaram, Jatney comprou alguns brinquedos para Campbell, a fim de que o garoto não ficasse desorientado demais. Na primeira noite, quando Irene estava pronta para deitar, arrumou travesseiros e uma manta no sofá para o filho, despiu-o no banheiro, pôs um pijama. Jatney percebeu que o garoto o observava. Havia naquele olhar uma cautela antiga, uma insinuação de medo, e o que parecia ser, muito fraco, uma perplexidade habitual. Num relance, 442

Jatney transferiu aquele olhar para si mesmo. Quando pequeno, sabia que o pai e a mãe o abandonariam para fazerem amor no quarto conjugal. E foi nesse instante que ele disse a Irene:

— É melhor eu dormir no sofá. O garoto pode dormir na cama com você.

— Não precisa — protestou Irene. — Ele não se importa... não é mesmo, Campbell?

O garoto sacudiu a cabeça. Raramente falava. Irene acrescentou, orgulhosa:

— Ele é um menino muito corajoso... não é mesmo, Campbell?

David Jatney experimentou então um momento de ódio profundo a Irene. Tratou de reprimi-lo e disse:

— Preciso escrever uma coisa e ficarei acordado até tarde. Acho que ele deve dormir com você nas primeiras noites.

— Se você precisa trabalhar, está bem — concordou Irene, jovialmente.

Ela estendeu a mão para Campbell, que saltou do sofá e correu para seus braços. O menino comprimiu a cabeça contra os seios da mãe, que lhe disse:

— Não vai dizer boa noite para seu tio Jat?

E ela sorriu para David, um sorriso exuberante, que a tornava bonita. E ele compreendeu que era a piadinha particular de Irene, uma piada honesta, uma maneira de lhe explicar que esse era o seu modo de tratamento e apresentação para o filho quando vivera com outros amantes, momentos delicados e assustadores em sua vida, e que ela sentia-se grata agora por sua consideração, que sua fé no universo era confirmada. O garoto manteve a cabeça comprimida contra os seios da mãe. David afagou-o gentilmente e disse:

— Boa noite, Campbell.

O garoto virou o rosto e fitou Jatney nos olhos. Era a expressão inquisitiva peculiar das crianças pequenas, a contemplação de um objeto que é absolutamente desconhecido para seu universo,

David ficou abalado com esse olhar. Como se 443

pudesse se constituir uma fonte de perigo. Percebeu que o garoto possuía um rosto excepcionalmente refinado para alguém tão pequeno. Uma testa larga, olhos cinza luminosos, uma boca firme, quase dura.

Campbell sorriu para Jatney e o efeito foi milagroso.

Todo o seu rosto parecia radiante com confiança.

Estendeu a mão e tocou no rosto de David. E, depois, Irene levou-o para o quarto. Poucos minutos depois ela tornou a sair e deu um beijo em David.

— Obrigada por ser tão atencioso. E podemos dar uma trepada rápida, antes de eu voltar ao quarto.

Irene não fez qualquer movimento sedutor enquanto falava. Era apenas uma oferta amigável. David pensou no garoto por trás da porta do quarto, esperando a mãe.

— Não.

— Está bem — disse Irene, sempre jovial, e voltou no mesmo instante ao quarto.

Durante as semanas subseqüentes, Irene esteve intensamente ocupada. Aceitara um emprego adicional por um salário bem pequeno e longas horas à noite, a fim de ajudar na campanha da reeleição — ela era uma fervorosa partidária de Francis Kennedy. Falava sempre sobre os programas sociais que ele propunha, sua luta contra os ricos dos Estados Unidos, seu empenho para reformar todo o sistema legal americano. David pensava que ela estava apaixonada pela aparência física de Kennedy, a magia de sua voz. Estava convencido de que Irene trabalhava no quartel-general da

campanha por causa de sua paixão, não por alguma convicção política.

Três dias depois de ir morar com David, ela se encontrava no quartel-general da campanha em Santa Monica, trabalhando num computador, com o pequeno Campbell a seus pés, quando ele apareceu para visitá-la.

O menino estava metido num saco de dormir, mas acordado. David viu seus olhos abertos.

— Vou levá-lo para casa e pô-lo na cama — sugeriu David.

— Ele está bem — respondeu Irene. — E não quero me aproveitar de você.

444

David tirou o pequeno Campbell do saco de dormir; o menino estava inteiramente vestido, apenas sem os sapatos. Ele pegou o menino pela mão, sentiu a pele quente, macia, foi um momento de felicidade.

— Vou levá-lo antes para comer uma pizza e tomar um sorvete, está certo? — disse David a Irene.

Ela estava absorvida no computador.

— Não o mime demais. Depois que você for embora ele pode pegar um iogurte natural na geladeira.

Irene fez uma pausa no trabalho, sorriu para David deu um beijo em Campbell.

— Devo esperar por você? — perguntou David.

— Para quê? — indagou ela prontamente,

apressando-se em acrescentar: — Chegarei tarde.

David saiu, levando o menino pela mão. Entrou no carro e seguiu para a Montana Avenue, parou num pequeno restaurante italiano que vendia pizzas no lado.

Observou Campbell comer. Uma fatia e ele sujou as roupas mais do que comeu. Mas mostrou-se interessado em comer, o que deixou David feliz.

Chegando ao apartamento, ele pôs Campbell na cama, deixou-o se lavar e vestir o pijama sozinho.

Arrumou sua cama no sofá, ligou a TV bem baixo, ficou assistindo.

Havia muita conversa política no ar, entrevistas nos programas noticiosos. Francis Kennedy parecia se projetar de todas as galáxias de cabos. E David não podia deixar de reconhecer que o homem era irresistível na TV. Ele sonhou em ser um herói vitorioso como Kennedy. Podia-se ver os agentes do Serviço Secreto, com suas caras impassíveis, pairando ao fundo. Como ele estava seguro, como era rico, como era amado! David sonhara muitas vezes em ser Francis Kennedy. Rosemary ficaria então apaixonada por ele. E David pensou em Hock e Gibson Grange. E todos estariam comendo na Casa Branca, todos falariam com ele, Rosemary falaria à sua maneira excitada, pondo a mão em seu joelho, revelando-lhe os seus sentimentos mais íntimos.

Ele pensou em Irene e no que sentia por ela. E

compreendeu que se sentia mais perplexo do que 445

fascinado. Parecia-lhe que Irene, apesar de toda a sua franqueza, era na verdade uma pessoa completamente fechada para ele. Nunca poderia amá-la de fato. Pensou em Campbell, que recebera esse nome em homenagem ao escritor Joseph Campbell, famoso por seus

livros sobre mitos, o garoto tão aberto e inocente, com um semblante tão ingênuo.

Campbell agora o chamava de tio Jat e sempre segurava na sua mão. David aceitava. Adorava os contatos inocentes de afeição que o garoto lhe dispensava, o que nunca acontecia com Irene. E durante aquelas duas semanas foi essa projeção de sentimento por outro ser humano que o sustentou.

Quando perdeu o emprego no estúdio, ficaria numa situação crítica se não fosse por Hock, seu "tio" Hock. Ao ser despedido, recebeu um recado para ir ao gabinete de Hock. Achou que Campbell gostaria de conhecer um estúdio de cinema e resolveu levá-lo.

Quando Hock o cumprimentou, David Jatney sentiu um amor profundo pelo homem, ele era afetuoso demais.

Hock mandou imediatamente uma de suas secretárias buscar sorvete para Campbell, mostrou ao menino alguns dos adereços em sua mesa que seriam usados no filme que estava produzindo no momento.

Campbell ficou encantado com tudo aquilo e Jatney sentiu uma pontada de ciúme. Mas depois compreendeu que era a maneira de Hock para remover um obstáculo no encontro dos dois. Com Campbell ocupado, brincando com os adereços, Hock apertou a mão de Jatney e disse:

— Lamento que tenha sido despedido. Eles estão reduzindo o departamento de leitura de originais e os outros tinham mais tempo de casa. Mas fique em contato, acabarei arrumando alguma coisa para você.

— Não precisa se preocupar — respondeu David Jatney.

Hock estudava-o atentamente.

— Está magro demais, David. Talvez seja melhor voltar para casa, passar algum tempo lá. O revigorante ar de Utah, a relaxante vida mórmon... E o filho de sua namorada?

446

— É, sim. Ela não chega a ser exatamente minha namorada, é mais minha amiga. Vivemos juntos, porque ela está tentando economizar o dinheiro do aluguel para fazer uma viagem à Índia.

Hock franziu o rosto por um momento.

— Se você financiar cada garota da Califórnia que quer ir à Índia, vai ficar completamente quebrado. E

parece que todas elas têm filhos.

Ele sentou à sua mesa, pegou um enorme talão de cheques na gaveta, preencheu um cheque. Tirou-o do talão e estendeu para Jatney.

— Isto é para todos os presentes de aniversário e presentes de formatura que nunca tive tempo para lhe mandar.

Ele sorriu para Jatney, que deu uma olhada no cheque. Ele ficou atônito ao descobrir que era de cinco mil dólares.

— Ora, Hock, não posso aceitar...

David sentiu lágrimas aflorando a seus olhos, lágrimas de gratidão, humilhação e ódio.

— Claro que pode — disse Hock. — Quero que você descanse um pouco, divirta-se. Talvez até queira pagar a passagem de avião para a Índia da tal garota, a fim de que ela possa conseguir o que quer, deixando-o livre para fazer o que quiser.

Ele sorriu e depois acrescentou, enfático:

— O problema em ser amigo de uma garota é que você tem todas as dificuldades de um amante e nenhuma das vantagens de um amigo. Mas o filho dela é muito simpático.

Talvez eu tenha alguma coisa para ele um dia desses, se tiver coragem suficiente para produzir um filme com crianças.

Jatney embolsou o cheque. Compreendia tudo o que Hock lhe dissera.

— Tem razão, ele é um garoto bonito.

— É mais do que isso — assegurou Hock. — Repare no seu rosto refinado, próprio para a tragédia. Basta olhar para ele e a gente sente vontade de chorar.

E Jatney pensou que seu amigo Hock era mesmo muito esperto. “Refinado” era a palavra certa para

descrever o rosto de Campbell, embora soasse tão estranha. Irene era uma força primitiva — como Deus, ela construíra uma futura tragédia. Hock abraçou-o agora e disse:

— Mantenha-se em contato, David. Falo sério. E não perca o controle, pois as coisas sempre melhoram quando se é jovem.

Ele deu a Campbell um dos objetos, um lindo avião futurista em miniatura. O menino comprimiu o avião contra o peito e perguntou:

— Tio Jat, posso ficar?

E Jatney percebeu um sorriso no rosto de Hock.

— Mande minhas lembranças para Rosemary —

pediu David Jatney, que vinha tentando dizer isso desde o início da reunião.

Hock lançou-lhe um olhar surpreso.

— Está bem. Fomos convidados para a posse de Kennedy, em janeiro, eu, Gibson e Rosemary. Direi a ela nessa ocasião.

E subitamente David Jatney sentiu que fora expelido de um mundo a girar.

Agora, deitado no sofá, esperando Irene chegar em casa, o amanhecer projetando sua claridade difusa pela janela da sala, Jatney pensou em Rosemary Belair. Como ela se virara para ele na cama e perdera-se em seu corpo.

Lembrou do cheiro do perfume, a estranha corpulência, talvez causada pelas pílulas para dormir, traumatizando os músculos de sua carne. Pensou em Rosemary pela manhã, no macacão de corrida, sua segurança e presunção do poder, como ela o descartara. Reviveu o momento em que ela oferecera dinheiro para dar a gorjeta ao motorista da limusine, como ele se recusara a aceitar o dinheiro. Mas por que a insultara, por que dissera que ela deveria saber melhor o quanto era necessário, insinuando que ela também já fora despachada daquela maneira, nas mesmas circunstâncias? David descobriu-se a cochilar, em pequenos intervalos, prestando atenção a Campbell, prestando atenção a Irene. Pensou em seus pais em Utah; 448

sabia que eles o haviam esquecido, seguros em sua própria felicidade, a calça de anjo hipócrita tremulando lá, enquanto fornicavam nus, na maior alegria, incessantemente. Se os chamasse, eles teriam de se separar.

David Jatney preocupava-se com a maneira com que se encontraria com Rosemary Belair. Como lhe diria que a amava. Escute, diria ele, imagine que você estivesse com câncer. Eu transferiria o câncer para meu próprio corpo. Escute, diria ele, se alguma estrela imensa caísse do céu, eu cobriria seu corpo. Escute, diria ele, se alguém tentasse matá-la, eu deteria a lâmina com meu coração, a bala com meu

corpo. Escute, diria ele, se eu tivesse uma única gota da fonte da juventude que me manteria jovem para sempre, enquanto você envelhecia, eu lhe daria essa gota, para que nunca envelhecesse.

E talvez ele compreendesse que sua recordação de Rosemary Belair tinha a aura do poder que ela possuía. Que ele estava orando a um deus para que o convertesse em algo mais do que um pedaço comum do barro. Que suplicava por poder, riquezas ilimitadas, por beleza, por qualquer uma e todas as conquistas, a fim de que seus semelhantes notassem sua presença neste mundo, a fim de não se afogar silenciosamente no vasto oceano da humanidade.

Quando mostrou o cheque de Hock a Irene, foi para impressioná-la, provar que alguém se importava o suficiente com ele para lhe dar tanto dinheiro como um presente casual. Ela não ficou impressionada; em sua experiência, era comum os amigos partilharem o que tinham, e até comentou que um homem com a fortuna de Hock poderia facilmente ter dado uma quantia muito maior. Quando David propôs lhe dar a metade do valor do cheque para que pudesse viajar à Índia imediatamente, ela recusou, dizendo:

— Sempre uso meu próprio dinheiro, trabalho para viver. Se eu aceitasse seu dinheiro, você pensaria que tinha direitos sobre mim. Além do mais, no fundo você quer fazer isso por Campbell, não por mim.

David ficou aturdido com a recusa de Irene, por ela

enunciar o seu interesse por Campbell. Ele queria apenas livrar-se dos dois. Queria voltar a morar sozinho, com seus sonhos do futuro.

Depois, Irene perguntou o que ele faria se ela aceitasse a metade do dinheiro e fosse para a Índia, o que ele faria com a sua metade. David notou que ela não sugeriu que ele viajasse para a Índia, em sua companhia, E foi nesse instante que ele cometeu o erro de dizer a ela o que faria com seus dois mil e quinhentos dólares.

— Quero conhecer o país e quero assistir à posse de Kennedy — declarou ele. — Pensei que pode ser divertido, algo diferente. Sabe como é, pegar meu carro e guiar por todo o país. Conhecer os Estados Unidos. Quero ver neve e gelo, sentir um frio de verdade.

Irene pareceu ficar imersa em seus pensamentos por um momento. E depois ela percorreu determinada o apartamento, como se efetuasse um levantamento dos bens que tinha ali.

— É uma grande idéia — ela anunciou ao final. —

Também quero ver Kennedy. Quero vê-lo pessoalmente, ou nunca poderei conhecer o seu carma. Pedirei minhas férias, eles me devem toneladas de dias. E será bom para Campbell conhecer o país, todos os diferentes estados.

Viajaremos no meu furgão e assim pouparemos as contas de motel.

Irene possuía um pequeno furgão, no qual instalara prateleiras para seus livros e uma pequena cama para Campbell. O furgão era muito valioso para ela, pois sempre lhe permitira, mesmo quando Campbell era bebê, realizar viagens de um lado para outro do estado da Califórnia, a fim de comparecer a reuniões e seminários sobre religiões orientais.

David sentia-se acuado ao iniciarem a viagem. Irene estava guiando — ela gostava de guiar. Campbell sentava entre os dois, uma das mãozinhas na mão de David. Ele depositara metade do cheque na conta bancária de Irene, para sua viagem à Índia, e agora seus dois mil e quinhentos dólares teriam de ser usados para os três, em vez de apenas uma 450

pessoa. A única coisa que o confortava era a pequena pistola 22, aninhada em sua luva de couro, no bolso de seu casaco. O leste dos Estados Unidos tinha muitos bandidos, muitos assaltantes, ele precisava proteger Irene e Campbell.

Para surpresa de Jatney, eles se divertiram muito nos primeiros quatro dias da viagem sem pressa. Campbell e Irene dormiam no furgão, ele dormia lá fora, a céu aberto, até que alcançaram o tempo frio em Arkansas; e resolveram desviar para o sul, a fim de evitarem o frio pelo máximo de tempo possível. Depois, por duas noites consecutivas, eles dormiram num quarto de motel, qualquer motel no caminho servia. Foi em Kentucky que tiveram problemas pela primeira vez.

O tempo esfriara bastante e resolveram ir logo para um motel, onde passariam a noite. Na manhã seguinte entraram na cidadezinha, a fim de comerem o desjejum num café que também vendia jornais.

O homem do balcão tinha mais ou menos a idade de Jatney e era muito alerta. À sua maneira igualitária da Califórnia, Irene puxou conversa com ele. Fez isso porque ficara impressionada com a rapidez e eficiência do homem. Comentava com freqüência que era um prazer observar pessoas que eram de fato competentes no que faziam, por mais subalterno que fosse o trabalho. Dizia que isso era um sinal de bom carma. Jatney jamais entendera muito bem a palavra "carma".

Mas o homem no café entendia. Também era um seguidor das religiões orientais, e ele e Irene se lançaram numa longa e apaixonada discussão a respeito. Campbell se tornou irrequieto, por isso Jatney pagou a conta e levou-o para esperar lá fora. Passaram-se pelo menos quinze minutos antes que Irene saísse.

— Ele é realmente um cara sensacional — comentou ela. — Seu nome é Christopher, mas assumiu o nome de Krish.

Jatney estava irritado com a espera, mas não disse nada. Na volta para o motel, Irene sugeriu:

— Acho que deveríamos passar um dia aqui.

Campbell precisa descansar.

Eles passaram o resto da manhã e a tarde fazendo compras, embora Irene quase nada comprasse. Jantaram cedo, num restaurante chinês. O plano era deitarem cedo, a fim de partirem o mais cedo possível na manhã seguinte.

Pouco depois de chegarem ao quarto do motel, no entanto, Irene disse subitamente que ia dar uma volta pela cidade, talvez comprar alguma coisa para comerem mais tarde. Ela saiu, deixando David a jogar damas com o menino, que o vencia em todas as partidas. O menino era um jogador de damas excepcional. Irene lhe ensinara o jogo quando ele tinha dois anos apenas. Em determinado momento, Campbell levantou o rosto com a testa larga e perguntou:

— Tio Jat, não gosta de jogar damas?

Já era quase meia-noite quando Irene voltou. O motel ficava numa elevação, e Jatney e Campbell olhavam pela janela no momento em que o furgão familiar entrou no estacionamento, seguido por outro carro.

Jatney ficou surpreso ao ver Irene desembarcar pelo lado do passageiro, já que ela sempre insistia em guiar. Do lado do motorista saltou o jovem que se chamava Krish, e entregou as chaves do carro a Irene. Ela deu-lhe um beijo fraternal em retribuição. Dois rapazes saltaram do outro carro, e ela também deu-lhes beijos fraternais. Irene começou a se encaminhar para a entrada do motel, os três rapazes se abraçaram e começaram a fazer uma serenata para ela, entoando:

— Boa noite, Irene... Boa noite, Irene...

Ao entrar no quarto do motel, ainda os ouvindo a cantar, Irene ofereceu um sorriso exuberante a David.

— A conversa deles era tão interessante que acabei esquecendo a hora — disse ela, indo até a janela, a fim de acenar para os rapazes.

— Acho que terei de ir até lá para obrigá-los a parar de cantar — murmurou David.

Por sua mente, passaram imagens da pistola saindo de seu bolso, disparando contra os rapazes. Podia até ver as balas voando pela noite, penetrando nos cérebros.

— Aqueles caras não são tão interessantes assim 452 quando cantam — acrescentou ele.

— Ora, você não seria capaz de detê-los — disse Irene.

Ela pegou Campbell no colo, levou-o até a janela.

Inclinou a cabeça para agradecer à homenagem, depois apontou para o filho. A cantoria cessou no mesmo instante. E um momento depois David pôde ouvir o carro deixando o estacionamento.

Irene nunca bebia. Mas às vezes tomava drogas. Jatney sempre percebia quando. Ela exibia um sorriso exuberante e adorável sob o efeito das drogas. Sorrira assim uma noite, quando ele ficara à sua áspera em Santa Monica. E naquele dia, ao amanhecer, ele a acusara de ter passado pela cama de outro homem. Ao que ela respondera calmamente:

— Alguém tem de me foder, já que você não o faz.

Na véspera do Natal eles ainda estavam viajando e dormiram em outro motel. Fazia bastante frio agora. Não celebrariam o Natal; Irene dizia que o Natal era falso para o verdadeiro espírito da religião. David não queria ressuscitar as lembranças de uma vida anterior, mais inocente. Mas comprou para Campbell uma bola de cristal com flocos de neve dentro, apesar dos protestos de Irene.

No início da manhã de Natal ele se levantou e ficou observando os dois dormirem. Sempre mantinha a pistola no bolso do casaco agora, e tateou o couro macio da luva.

Como seria fácil matar os dois!, pensou ele.

Três dias depois chegaram à capital da nação.

Dispunham de bastante tempo até o dia da posse. David elaborou o itinerário de todos os lugares que conheceriam.

E depois fez um mapa do percurso do cortejo da posse.

Todos iriam assistir a Francis Kennedy prestar juramento como Presidente dos Estados Unidos.

453

LIVRO

I

O DIA DA POSSE

CAPÍTULO

26

NO DIA DA POSSE, o Presidente dos Estados Unidos, Francis Xavier Kennedy, foi acordado ao amanhecer por Jefferson, a fim de ser arrumado e vestido. A claridade cinzenta da aurora parecia na verdade animadora, porque uma nevasca começara a cair. Enormes flocos brancos cobriam a cidade de Washington, e entre as janelas escuras, à prova de balas, de seu quarto de vestir, Francis Kennedy sentiu-se como um prisioneiro naqueles flocos de neve, como se estivesse encarcerado numa bola de cristal. Ele perguntou a Jefferson:

— Você estará presente nas cerimônias?

— Não, Senhor Presidente. Preciso guardar o forte aqui, na Casa Branca. — Jefferson tornou a ajeitar a gravata de Kennedy. — Todos estão à sua espera lá embaixo, na Sala Vermelha.

Quando ficou pronto, Kennedy apertou a mão de Jefferson e murmurou:

— Deseje-me sorte.

Jefferson acompanhou-o até o elevador. Dois agentes do Serviço Secreto desceram juntos com o presidente, até o térreo.

456

Todos o aguardavam na Sala Vermelha. A vice-presidente, Helen Du Pray, estava deslumbrante num vestido branco de cetim. Os assessores presidenciais eram reflexos de Kennedy, todos em trajes formais. Arthur Wix, Oddblood Gray, Eugene Dazzy e Christian Klee formavam o círculo interno, solene e tenso com a importância do dia. Francis Kennedy sorriu para eles. A vice-presidente e aqueles quatro homens eram sua família.

Ao sair da Casa Branca, o Presidente Francis Xavier Kennedy ficou atônito ao deparar com um vasto mar de humanidade, ocupando cada rua, dando a impressão de que cobria todos os prédios imponentes, submergindo os caminhões de TV e os jornalistas, por trás de cordas de isolamento, nos espaços reservados. Ele nunca vira nada parecido e gritou para Eugene Dazzy:

— Quantas pessoas há aqui?

— Muito mais do que prevíamos — respondeu Dazzy. — Talvez precisemos de um batalhão de fuzileiros da base naval para nos ajudar a controlar o tráfego.

— Nada disso — declarou o presidente.

Ele sentia-se surpreso com a reação de Dazzy à sua pergunta, como se a multidão constituísse um perigo.

Considerava-a um triunfo, uma justificativa de tudo o que fizera desde as tragédias do último Domingo de Páscoa.

Francis Kennedy nunca se sentira tão seguro de si.

Previra tudo o que aconteceria, as tragédias e os triunfos.

Tomara as decisões certas e conquistara sua vitória.

Derrotara seus inimigos. Contemplou a imensa multidão e sentiu um amor profundo pelo povo dos Estados Unidos.

Iria livrá-lo de seus sofrimentos, purificaria a própria Terra.

Nunca Francis Xavier Kennedy sentira sua mente tão lúcida, seus instintos tão genuínos. Dominara seu sofrimento pela morte da esposa, o assassinato da filha. A bruma de pesar que dominara seu cérebro já se dissipara.

Era quase feliz agora.

Parecia-lhe que prevalecera sobre o destino, e por sua perseverança e julgamento tornara possível aquele 457

presente e o futuro glorioso. Ele avançou pelo ar impregnado de neve, a fim de prestar juramento e depois liderar o cortejo de posse pela Pennsylvania Avenue, iniciando sua caminhada para a glória.

David Jatney registrara-se, junto com Irene e o pequeno Campbell, num motel a pouco mais de trinta quilômetros de Washington, D.C., porque não restava mais nenhum lugar vago na capital. No dia anterior à posse, eles foram até a capital para ver os monumentos, a Casa Branca, o Memorial Lincoln e todos os outros pontos de atração da capital. David também fez um reconhecimento do itinerário do cortejo da posse, a fim de descobrir o melhor lugar para ficarem.

No grande dia, eles se levantaram ao amanhecer, comeram o desjejum numa lanchonete à beira da estrada.

Depois, voltaram ao motel, a fim de vestirem suas melhores roupas. Irene teve um cuidado inesperado ao se arrumar, passou muito tempo escovando os cabelos.

Vestiu a sua melhor *jeans* desbotada, uma camisa vermelha e uma suéter verde pendente, que David nunca vira antes. Ela a mantivera escondida ou a comprara em Washington?, especulou ele. Irene ausentara-se por algumas horas sozinha, deixando Campbell com ele.

Nevara durante a noite inteira e tudo estava coberto de branco. Enormes flocos flutuavam indolentes pelo ar.

Na Califórnia, não havia necessidade de roupas de inverno, mas naquela viagem ao leste eles haviam trazido blusões, um vermelho brilhante para Campbell, porque ela dizia que assim poderia encontrá-lo com maior facilidade se o menino se perdesse, o de Jatney azul e o de Irene branco, fazendo-a parecer muito bonita. Ela comprara ainda um gorro de tricô de lã branca e um quepe

vermelho com uma borla para Campbell. Jatney preferia ficar com a cabeça descoberta — detestava qualquer tipo de cobertura.

Naquela manhã da posse, eles tinham tempo de sobra, Por isso foram até o campo por trás do motel, a fim de construir um boneco de neve para Campbell. Irene teve um acesso de felicidade inebriante e jogou bolas de neve 458

em Campbell e Jatney.

Os dois receberam seus mísseis com a maior seriedade, mas não lhe atiraram nenhum em resposta.

Jatney estranhou aquela felicidade de Irene. Poderia ter sido causada pela perspectiva de ver Kennedy no cortejo?

Ou seria por causa da neve, tão estranha e mágica para os seus sentidos da Califórnia?

Campbell estava fascinado pela neve. Deixava-a escorrer entre os dedos, observando-a desaparecer, derreter ao sol. Depois, cautelosamente, ele começou a destruir o boneco de neve com os punhos, abrindo pequenos buracos, derrubando a cabeça. Jatney e Irene mantiveram-se a alguma distância, observando-o. Irene pegou a mão de Jatney entre as suas, um ato excepcional de intimidade física de sua parte.

— Tenho de lhe dizer uma coisa — anunciou ela. —

Visitei algumas pessoas aqui em Washington... meus amigos na Califórnia me recomendaram que as procurasse.

E essas pessoas vão para a Índia, e vou junto, eu e Campbell. Já acertei a venda do furgão, mas lhe darei uma parte do dinheiro, a fim de que você possa voar de volta à Califórnia.

David retirou sua mão, meteu as duas nos bolsos do blusão. A mão direita encostou na luva de couro que continha a pistola 22, e por um momento ele pôde ver Irene caída no chão, seu sangue espalhando-se pela neve.

Depois que a raiva passou, ele ficou perplexo por tê-la sentido. Afinal, resolvera vir a Washington na deplorável esperança de se encontrar com Rosemary, com Hock e com Gibson Grange. Sonhara naqueles últimos dias que poderia até ser convidado a jantar com eles. Que sua vida poderia mudar, que enfiaria um pé na porta que se abria para o poder e a glória. Portanto, não era natural que Irene desejasse ir à Índia, a fim de abrir a porta para um mundo pelo qual ansiava, a fim de se tornar algo mais do que uma mulher comum, com um filho pequeno, trabalhando em empregos que nunca poderiam levá-la a parte alguma? Pois que ela vá, pensou David Jatney.

— Não fique zangado — acrescentou Irene. — Você 459

nem mesmo gosta mais de mim. Já teria se livrado de mim, se não fosse por Campbell.

Ela sorria, um pouco zombeteira, mas com uma insinuação de tristeza.

— Tem razão — confirmou Jatney. — Mas acho que você não deveria levar o menino para qualquer lugar que vá, qualquer lugar que lhe dê na veneta. Mal consegue cuidar dele aqui.

Irene ficou irritada.

— Campbell é meu filho, eu o levarei para onde quiser. Até para o Pólo Norte, se assim desejar.

Ela fez uma pausa, e depois disse:

— Você não sabe de nada sobre essas coisas. E acho que está começando a ficar um pouco esquisito em relação a Campbell.

Ele tornou a ver a neve manchada com o sangue de Irene, pequenos regatos faiscantes, uma porção de pontos vermelhos. Mas mantinha um controle absoluto ao dizer:

— O que exatamente significa isso?

— Você anda um pouco estranho... Foi o que me agradou em você no começo. Mas não sei exatamente como você é esquisito. Às vezes me preocupo em deixar Campbell com você.

— Pensava desse modo, mas mesmo assim o deixava comigo? — indagou Jatney.

— Eu tinha certeza de que você não lhe faria nenhum mal. Mas acabei chegando à conclusão que Campbell e eu devemos nos separar de você de e viajar para a Índia.

— Tudo bem.

Eles deixaram Campbell acabar de destruir o boneco de neve, depois embarcaram no furgão e iniciaram a viagem de trinta quilômetros até Washington. Quando alcançaram a rodovia interestadual, ficaram surpresos ao descobrir que estava repleta de ônibus e carros, até onde a vista podia alcançar. Foram avançando lentamente pelo tráfego, mas levaram quatro horas até que a interminável e monstruosa lagarta de aço os lançou na capital.

O cortejo de posse desfilava pelas largas avenidas de 460

Washington, liderado pelas limusines presidenciais.

Progredia devagar, a enorme multidão transbordando às vezes pelas barricadas de polícia e interrompendo o avanço. O paredão de

guardas uniformizados começou a ruir, sob a pressão de milhões de pessoas se comprimindo.

Três carros com agentes do Serviço Secreto precediam a limusine de Kennedy, com sua bolha de vidro à prova de balas. Kennedy estava de pé dentro dessa bolha de vidro, a fim de poder agradecer às aclamações da multidão, enquanto percorria Washington. Pequenas ondas de pessoas arremetiam até a própria limusine, depois eram obrigadas a recuar pelo círculo interior de agentes do Serviço Secreto, no lado de fora do carro. Mas cada nova onda de fiéis frenéticos parecia chegar mais e mais perto. O círculo interior de guardas estava sendo comprimido contra a limusine presidencial.

O carro diretamente atrás de Kennedy continha mais agentes do Serviço Secreto, com armas automáticas de grosso calibre, enquanto outros homens do Serviço Secreto seguiam a pé pelos lados. A limusine seguinte transportava Christian Klee, Oddblood Gray, Arthur Wix e Eugene Dazzy. As limusines mal se moviam, a Pennsylvania Avenue era inundada pela multidão, detendo o avanço do cortejo. Enormes flocos de neve caíam, formando um manto branco e imponente sobre a multidão.

A limusine levando a assessoria presidencial parou por completo, e Oddblood Gray olhou pela janela.

— Mas que merda! — exclamou ele. — O presidente está saltando e seguindo a pé!

— Se ele está andando, devemos andar também —

disse Eugene Dazzy.

Gray olhou para Christian Klee e acrescentou:

— Helen está saltando também de seu carro. Isso é perigoso. Chris, você tem de impedi-lo. Use aquele seu veto.

— Não o tenho mais — informou Klee.

Arthur Wix sugeriu:

— Acho melhor você chamar mais homens do

461

Serviço Secreto para cá.

Todos saltaram do carro e formaram uma parede para marchar por trás de seu presidente.

Os enormes flocos de neve ainda turbilhonavam no ar, mas não pareciam mais substanciais sobre o corpo de Francis Kennedy do que a hóstia da comunhão que ele sentia na boca quando era menino. Pela primeira vez, ele queria ter um contato físico com as pessoas que o amavam. Foi andando pela avenida, apertando as mãos dessas pessoas, que conseguiram se infiltrar pelas barricadas da polícia e depois pelo círculo de agentes do Serviço Secreto ao seu redor. De vez em quando uma pequena onda de espectadores conseguia alcançá-lo, pressionada pela massa de um milhão de pessoas por trás.

E passava pelos homens do Serviço Secreto, que tentavam formar um círculo mais amplo em torno do presidente.

Francis Kennedy apertava as mãos de homens e mulheres, e seguia em frente. Podia sentir que seus cabelos se tornavam tímidos da neve, mas o ar frio deixava-o exultante, assim como a adulação da multidão. Não estava consciente de qualquer cansaço ou desconforto, embora houvesse uma alarmante dormência no braço direito, com a mão inchada de ser apertada com tanta frequência e com tanta força; os agentes do Serviço Secreto estavam literalmente afastando à força os devotados partidários de seu presidente. Uma linda moça, num blusão branco, tentara manter sua mão, e ele teve de puxá-la bruscamente, de volta à segurança.

David Jatney abriu um espaço na multidão para abrigar a ele e a Irene, que segurava Campbell no colo, caso contrário ele seria pisoteado — pois a multidão não parava de se agitar em ondas, como um mar.

Não estavam a mais de quatrocentos metros dos palanques quando a limusine presidencial surgiu em seu campo de visão. Era acompanhada por carros oficiais, transportando outras autoridades. Mais atrás vinha o cortejo interminável, que passaria pela frente dos palanques, no desfile da posse. David calculou que a 462

limusine presidencial se encontrava à distância de um campo de futebol americano, talvez um pouco mais, do lugar em que ele observava. E depois notou que partes da multidão nos lados da avenida haviam rompido as barreiras policiais, obrigando o cortejo a parar. Irene gritou:

— Ele está saltando! Está andando! Oh, Deus, tenho de tocar nele!

Ela largou Campbell nos braços de Jatney e tentou passar por baixo do cordão de isolamento, mas um dos guardas a impediu. Ela correu pelo meio-fio e mais adiante conseguiu passar pelo piquete inicial de guardas uniformizados, apenas para ser detida pela barreira interna de agentes do Serviço Secreto. Jatney observava-a, pensando: Se Irene fosse um pouco mais esperta, teria ficado com Campbell no colo. Os homens do Serviço Secreto reconheceriam assim que ela não constituía uma ameaça, e Irene seria capaz de passar, enquanto eles empurravam os outros. Pôde vê-la ser empurrada de volta ao meio-fio, até que outra onda arrastou-a para a frente.

Irene foi uma das poucas pessoas que conseguiram passar pelo círculo interno e apertar a mão do presidente, depois beijá-lo no rosto, antes de ser rudemente empurrada.

David compreendeu que Irene nunca conseguiria retornar ao lugar em que ele esperava, com Campbell. Ela era apenas um ponto mínimo na massa de pessoas que ameaçavam agora engolfar toda a

larga extensão da avenida. Mais e mais pessoas se comprimiam contra o perímetro externo de segurança de guardas uniformizados; mais e mais pessoas arremetiam contra o perímetro interno de agentes do Serviço Secreto. Os dois perímetros começavam a se romper. Campbell desatou a chorar, por isso Jatney enfiou a mão no bolso do blusão para pegar uma das barras de chocolate que costumava levar para o menino.

E nesse instante David Jatney sentiu um calor espalhar-se por seu corpo. Pensou nos últimos dias em Washington, na visão dos muitos prédios construídos para estabelecer a autoridade do estado: as colunas de mármore 463

do Supremo Tribunal e os memoriais, o esplendor imponente das fachadas — indestrutíveis, irremovíveis.

Pensou no escritório de Hock em seu esplendor, guardado pelas secretárias, pensou na Igreja Mórmon em Utah, com seus templos abençoados por anjos especiais e particularmente descobertos. Todas essas coisas para designar certos homens como superiores a seus semelhantes. Para manter os homens comuns, como ele, em seu lugar. E para orientar todo o amor para si mesmos.

Presidentes, gurus, anciãos mórmons, todos construíam seus edifícios intimidativos para se isolarem do resto da humanidade, e conhecendo bem a inveja do mundo, protegiam-se contra o ódio. Jatney recordou sua vitória gloriosa nas “caçadas” da universidade; fora um herói naquele tempo, a única ocasião em sua vida. Agora ele afagou Campbell suavemente, a fim de fazê-lo parar de chorar. Em seu bolso, por baixo do aço frio da 22, encontrou uma barra de chocolate e deu-a a Campbell.

Depois, ainda com o menino no colo, deixou o meio-fio e passou por baixo das barreiras.

David Jatney foi dominado pelo espanto e depois por uma intensa exultação. Seria fácil. Mais da multidão transbordava pelo perímetro

extenso da polícia uniformizada; mais dessas pessoas se infiltravam pelo perímetro interno dos agentes do Serviço Secreto e conseguiam apertar a mão do presidente. Aquelas duas barreiras estavam desmoronando, os invasores marchavam ao lado do presidente e sacudiam os braços levantados para demonstrar sua devoção. Jatney correu para o presidente que se aproximava, uma onda de espectadores passando pelos cavaletes de madeira e levando-o de roldão. Agora ele se encontrava na beira do círculo de homens do Serviço Secreto que tentavam manter a todos longe do presidente. Mas não havia mais agentes em quantidade suficiente. E com um sentimento de júbilo, David Jatney compreendeu que os agentes o descartavam. Ajeitando Campbell no braço esquerdo, ele enfiou a mão direita no bolso do blusão, tateou a luva de 464

couro; o dedo procurou o gatilho. Nesse momento a barreira de agentes foi rompida por completo, e ele estava dentro do círculo mágico. Avistou Francis Kennedy, a apenas três metros de distância, apertando a mão de uma extasiada adolescente, com um olhar desvairado.

Kennedy parecia muito magro, muito alto, e mais velho do que parecia na televisão. Ainda com Campbell no colo, Jatney deu um passo na direção de Kennedy.

Foi nesse instante que um negro muito bonito bloqueou sua passagem. Com a mão estendida. Por um momento frenético, Jatney pensou que ele vira a arma em seu bolso e estava pedindo-a. Depois percebeu que o homem parecia familiar e que apenas oferecia um aperto de mão. Fitaram-se por um longo momento; Jatney olhou para a mão preta estendida, o rosto preto sorrindo por cima. E

depois viu que os olhos do homem brilhavam em desconfiança, a mão era subitamente retirada. Jatney, com um movimento convulsivo de todos os músculos do corpo, jogou Campbell para o negro e tirou a arma do bolso do blusão.

Oddblood Gray compreendeu, no instante em que Jatney fitou-o no rosto, fixamente, que algo terrível estava para acontecer. Deixou o menino cair no chão, e depois, com um movimento rápido dos pés, deslocou seu corpo para a frente de Francis Kennedy, que avançava lentamente. E avistou a arma.

Christian Klee, andando à direita e um pouco atrás de Francis Kennedy, estava usando o telefone celular para chamar mais agentes do Serviço Secreto, a fim de ajudarem a abrir um caminho na multidão para a passagem do presidente. Viu o homem com a criança no colo aproximar-se da falange que guardava Kennedy. E de repente, por apenas um segundo, divisou claramente o rosto do homem.

Era algum pesadelo vago que adquiria realidade. O

rosto que ele invocara em sua tela de computador durante os últimos nove meses, a vida que ele controlara através do computador e equipes de vigilância, subitamente saltava da mitologia obscura para o mundo real.

465

Via o rosto agora não no repouso das fotografias da vigilância, mas na angústia das emoções exaltadas. E

ficou aturdido ao constatar como o rosto bonito se tornara feio, como se visto através de algum vidro distorcido.

Klee já estava avançando depressa na direção de Jatney, ainda não acreditando na imagem, tentando confirmar seu pesadelo, quando viu Gray estender a mão.

E Christian experimentou um profundo sentimento de alívio. O homem não podia ser Jatney, era apenas um garoto qualquer, segurando o filho no colo e tentando tocar numa parte da história.

Mas depois ele viu o menino de blusão vermelho e gorro de lã ser arremessado pelo ar. E viu a arma na mão de Jatney. E viu Oddblood Gray cair.

Subitamente, Christian Klee, no terror total de seu crime, correu para cima de Jatney e recebeu a segunda bala no rosto. A bala passou pelo céu da boca, deixando-o engasgado com o próprio sangue, e depois ele sentiu uma dor terrível no olho esquerdo. Ainda se achava consciente quando caiu. Tentou gritar, mas tinha a boca cheia de dentes fragmentados e carne dilacerada. E experimentou um senso intenso de perda e desamparo. Em seu cérebro destroçado, os últimos neurônios faiscaram com pensamentos de Francis Kennedy, ele quis adverti-lo para a morte, pedir seu perdão. O cérebro de Christian apagou-se em seguida, a cabeça com a cavidade ocular vazia foi repousar no travesseiro de neve.

Nesse mesmo momento, Francis Kennedy virou-se plenamente na direção de David Jatney. Viu Oddblood cair. E depois Christian. E nesse instante, todos os seus pesadelos, todas as suas lembranças de outras mortes, todos os seus terrores de um destino maligno cristalizaram-se num espanto e resignação paralisada. E

foi então que sentiu uma tremenda vibração no mundo, sentiu por uma fração de segundo apenas a explosão de aço em seu cérebro. E caiu. David Jatney não podia acreditar em tudo que acontecera. O negro continuava estendido no lugar em que caíra. O branco ao seu lado. O

Presidente dos Estados Unidos desabava diante de seus 466

olhos, as pernas entortadas para fora, os braços voando para cima, quando os joelhos finalmente bateram no chão.

David Jatney continuou a atirar. Mãos agarraram a arma, agarraram seu corpo. Ele tentou correr, mas quando se virou para fugir viu a multidão se erguer e avançar em sua direção como uma enorme onda, incontáveis mãos se estendendo para agarrá-lo. O rosto

coberto de sangue, ele sentiu a orelha ser arrancada do lado da cabeça, viu-a em uma das mãos. E de repente aconteceu alguma coisa com seus olhos, não podia mais ver. O corpo foi sacudido pela dor apenas por um instante, e depois ele não sentiu mais nada.

O cinegrafista de TV, com seu olho que tudo via no ombro, registrara tudo para os espectadores do mundo.

Quando a pistola surgiu, ele recuara apenas os passos suficientes para que todos pudessem ser incluídos na cena. Pegou David Jatney levantando a arma, pegou Oddblood Gray dando o seu pulo espantoso para a frente do presidente e depois caindo, pegou Klee sendo atingido por uma bala no rosto e caindo. Pegou Francis Kennedy se virando para fitar o assassino e o assassino disparando, a bala torcendo a cabeça do presidente, como se fosse uma chave de braço. Pegou a expressão de absoluta determinação de Jatney, enquanto Francis Kennedy caía, os agentes do Serviço Secreto paralisados naquele terrível momento, todo o seu treinamento para uma reação imediata suspenso pelo choque. E depois ele viu Jatney tentando fugir, sendo alcançado pela multidão. Mas o cinegrafista não registrou a cena final, o que o faria se lamentar pelo resto da vida. A multidão dilacerando David Jatney em pedaços.

Por toda a cidade, envolvendo os prédios de mármore e os monumentos do poder, elevou-se o lamento imenso de milhões de fiéis que haviam perdido seus sonhos.

467

CAPÍTULO

27

A PRESIDENTE HELEN DU PRAY ofereceu uma festa de aniversário pelos cem anos do Oráculo, na Casa Branca, no Domingo de Ramos, três meses depois da morte de Francis Kennedy.

Vestida para atenuar sua beleza, ela postava-se no Jardim das Rosas, contemplando os convidados. Entre eles estavam os antigos membros da assessoria de Francis Kennedy. Eugene Dazzy conversava com Elizabeth Stone e Sal Troyca.

Eugene Dazzy já fora informado que sua dispensa entraria em vigor no próximo mês. Helen Du Pray jamais gostara dele. E a decisão nada tinha a ver com o fato de Dazzy ter jovens amantes, e até já se mostrar extremamente charmoso com Elizabeth Stone.

A Presidente Du Pray designara Elizabeth Stone para sua assessoria; Sal Troyca entrara como contrapeso. Mas Elizabeth era exatamente o que ela precisava. Uma mulher com uma energia extraordinária, uma administradora brilhante, e uma feminista que compreendia as realidades políticas. E Sal Troyca não era tão ruim assim; na verdade, ele era um elemento

revigorante, com seu conhecimento dos labirintos do Congresso e sua astúcia de baixa classe, que às vezes podia ser muito valiosa para inteligências mais sofisticadas, como a de Elizabeth Stone ou a sua, pensou Du Pray.

Depois de assumir a presidência, Du Pray recebera as informações da assessoria pessoal de Kennedy e de outros dirigentes da administração. Estudara toda a legislação proposta que o novo Congresso deveria discutir. Ordenara que todos os memorandos secretos lhe fossem encaminhados, todos os planos detalhados, inclusive dos novos e infames campos de trabalhos forçados no Alasca.

Depois de um mês de estudos, ficara horrivelmente claro para ela que Francis Kennedy, com o mais puro dos motivos, o de melhorar o destino do povo dos Estados Unidos, teria se tornado o primeiro ditador da história americana.

Do lugar em que estava no Jardim das Rosas, as árvores ainda não cobertas completamente pelas folhas, a Presidente Du Pray podia avistar o distante Memorial Lincoln e o branco em arcada do Monumento a Washington, os nobres símbolos da cidade que era a capital dos Estados Unidos. Ali, no jardim, encontravam-se todos os representantes da América, a seu convite especial. Ela fizera as pazes com os inimigos da administração Kennedy.

Lá estavam Louis Inch, um homem a quem ela desprezava, mas de cuja ajuda precisaria. E George Grenwell, Martin Mutford, Bert Audick e Lawrence Salentine. O infame Clube Sócrates. Teria de chegar a um acordo com todos eles, e fora por isso que os convidara à Casa Branca, para a festa de aniversário do Oráculo. Pelo menos ela lhes daria a opção de ajudarem a construir uma nova América, o que Kennedy não fizera.

Mas Helen Du Pray sabia que a América não poderia ser reconstruída sem concessões de todos os lados. E

sabia também que, dentro de poucos anos, um Congresso mais conservador seria eleito. Ela não podia acalentar a esperança de persuadir a nação, como Kennedy fizera, 469

com seu carisma e sua romântica história pessoal.

Ela avistou o Dr. Zed Annaccone sentado ao lado da cadeira de rodas do Oráculo. O doutor provavelmente estava tentando convencer o velho a doar seu cérebro à ciência. E o Dr. Annaccone era outro problema. Seu teste cerebral PET já estava sendo discutido em vários estudos científicos. Du Pray sempre percebera suas virtudes e perigos. Achava que era um problema que deveria ser analisado com o maior cuidado, ao longo de um período considerável. Um governo

com a capacidade de descobrir a verdade infalível podia ser extremamente perigoso. Não se podia deixar de reconhecer que um teste assim acabaria com o crime e a corrupção política; poderia reformar toda a estrutura jurídica da sociedade. Mas havia verdades complexas, havia verdades apenas atuais, e também não era certo que em determinados momentos da história a verdade podia acarretar uma paralisação em determinadas mudanças evolucionárias? E o que dizer da psique de um povo que soubesse que as várias verdades a seu respeito poderiam ser desmascaradas?

Ela olhou para o canto do Jardim das Rosas em que Oddblood Gray e Arthur Wix sentavam em cadeiras de vime, conversando na maior animação. Gray estava agora consultando um psiquiatra todos os dias, para tratar de sua depressão. O psiquiatra dissera a Gray que era perfeitamente normal, depois dos acontecimentos do ano anterior, que ele sofresse de depressão. Então por que consultar um psiquiatra?

O Oráculo era agora o centro de atração no Jardim das Rosas. O bolo de aniversário estava lhe sendo apresentado, um bolo enorme, cobrindo toda a mesa no jardim. Por cima, destacava-se a bandeira americana, em açúcar, vermelha, azul e branca. As câmeras de TV se adiantaram; mostraram para a nação o Oráculo se inclinando para soprar as cem velas. E soprando junto com ele estavam a Presidente Du Pray, Oddblood Gray, Eugene Dazzy, Arthur Wix e os membros do Clube Sócrates.

O Oráculo aceitou uma fatia do bolo e depois 470

permitiu ser entrevistado por Cassandra Chutt, que conseguira a façanha com a ajuda de Lawrence Salentine.

Cassandra Chutt já fizera seus comentários de introdução, enquanto as velas eram sopradas. Agora, ela perguntou:

— Qual é a sensação de fazer cem anos?

O Oráculo lançou-lhe um olhar furioso, e naquele momento parecia tão maligno que Cassandra Chutt sentiu-se feliz em pensar que a entrevista não era ao vivo, estava sendo gravada para o jornal daquela noite. Por Deus, como o homem era feio, a cabeça uma massa de manchas de fígado, a pele escamosa tão lustrosa quanto tecido cicatrizado, a boca quase inexistente. Por um momento, Cassandra receou que ele fosse surdo, por isso repetiu a pergunta.

— Qual é a sensação de ter um século?

O Oráculo sorriu, a pele do rosto rachando-se em rugas incontáveis.

— Você é uma sacana idiota? — disse ele.

O Oráculo avistou seu rosto em um dos monitores de TV e sentiu um aperto no coração. Subitamente, passou a odiar sua festa de aniversário. Olhou direto para a câmera e perguntou:

— Onde está Christian?

A Presidente Helen Du Pray sentou ao lado da cadeira de rodas do Oráculo e pegou sua mão. O Oráculo estava dormindo, o sono muito leve dos velhos esperando pela morte. A festa no Jardim das Rosas continuava, sem a sua participação.

Helen recordou o tempo em que era jovem, uma das protegidas do Oráculo. Admirava-o muito. Ele possuía uma graça intelectual, um espírito atilado, uma vivacidade natural e uma alegria pela vida, tudo o que ela queria ter.

Tinha alguma importância que ele sempre tentasse obter uma ligação sexual? Ela recordou os anos anteriores e como ficara magoada quando a amizade dele se convertera em devassidão. Ela passou os dedos sobre a pele escamada daquela mão murcha. Seguirá o destino do 471

poder, enquanto a maioria das mulheres seguia o destino do amor. As vitórias do amor seriam mais doces?

Helen Du Pray pensou em seu próprio destino, no destino dos Estados Unidos. Ela ainda se espantava ao constatar que o país, mesmo depois de todos os terríveis acontecimentos do ano passado, tivesse assentado de maneira tão pacífica. Era verdade que ela fora em parte responsável por isso; sua habilidade e inteligência haviam apagado o incêndio no país. Mas ainda assim...

Ela chorara pela morte de Kennedy; de certa forma, amara-o também. Amara a tragédia estampada nos ossos de seu rosto de contornos tão bonitos. Amara seu idealismo, sua visão do que a América poderia se tornar.

Amara a sua integridade pessoal, sua pureza e altruísmo, sua falta de interesse pelas coisas materiais. E, no entanto, apesar de tudo isso, ela acabara compreendendo que ele era um homem perigoso.

Helen Du Pray sabia que agora precisava se precaver contra a crença em sua própria infalibilidade. Estava convencida de que, num mundo de tantos perigos, a humanidade não poderia resolver seus problemas pela luta, mas apenas através de uma paciência interminável.

Faria o melhor que pudesse, e no fundo de seu coração tentaria não sentir ódio pelos inimigos.

Nesse momento o Oráculo abriu os olhos e sorriu.

Apertou a mão de Du Pray e começou a falar. A voz soava muito baixa e ela inclinou a cabeça para perto da boca murcha.

— Não se preocupe — disse o Oráculo. — Você será uma grande presidente.

Por um breve instante, Helen Du Pray sentiu vontade de chorar, como uma criança fazia ao ser elogiada, por medo do fracasso. Correu os olhos pelo Jardim das Rosas, ocupado pelos homens e mulheres mais poderosos da América. Teria a ajuda deles, da maioria; e teria de se precaver contra alguns. Mas, acima de tudo, teria de se precaver contra si mesma.

Pensou outra vez em Francis Kennedy. Ele estava sepultado agora com os dois tios famosos, tão amado 472

quanto eles. E com sua filha. Muito bem, pensou Helen Du Pray, serei o melhor do que Francis foi, farei o melhor do que ele esperava realizar. E depois, segurando com firmeza a mão do Oráculo, ela ponderou sobre as simplicidades do mal e os tortuosos e perigosos caminhos do bem.